

José Miguel Braga

**ENTRE
O MEDO
E A LUZ
2020
UM DIÁRIO**



UMinho Editora

Está frio nos corredores, mas batem à porta e eu não sei quem é nem sei se devo preocupar-me. Quem pode chegar assim de noite, com este frio? Começo a recear, tenho quase medo, uma coisa antiga, anterior aos meus avós. Será um peregrino, alguém que anda perdido? Será uma mensagem do fim do mundo ou apenas alguém que bate à porta porque sim, porque tem frio.

Penso na peste, visto-me de medo e vou abrir. Antes disso, pergunto quem é e segue-se um grande silêncio. Depois oiço uns passos que me parecem pequeninos e percebo que a porta da rua se fecha delicadamente. Corro à janela da cozinha. O vento soprava de oeste, mas vinha atormentado pela passagem nas esquinas e por isso uivava e não vejo mais nada. Abro finalmente a porta, agora já não há perigo. No chão, posto com muito cuidado sobre o tapete, um raminho de flores do campo.

In *Diário de 2020*
Março dia 30

À memória do Professor José de Azevedo Ferreira



UMinho Editora

AUTOR

José Miguel Braga

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Manuela Martins

CAPA

Tiago Rodrigues

PAGINAÇÃO

Carlos Sousa | Bookpaper

IMPRESSÃO e ACABAMENTOS Europress - Indústria Gráfica

EDIÇÃO UMinho Editora

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2023

DEPÓSITO LEGAL N.º 518791/23

ISBN digital 978-989-8974-97-6

ISBN impresso 978-989-8974-98-3

DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.55>

Não foi imposta a utilização do novo acordo ortográfico aos autores. Os conteúdos apresentados (textos e imagens) são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores. © Autores / Universidade do Minho – Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

JOSÉ MIGUEL BRAGA

Entre o Medo e a Luz
2020: um Diário

SUMÁRIO

Breve Nota Introdutória	9
Porta Aberta.....	11
Janeiro	13
Fevereiro	55
Março	79
Abril.....	121
Maió	181
Junho.....	233
Julho.....	277
Agosto	307
Setembro	343
Outubro	385
Novembro	423
Dezembro.....	473

BREVE NOTA INTRODUTÓRIA

O volume *Entre o Medo e a Luz*, da autoria de José Miguel Braga, misto de crónicas e diarística lê-se, não de um fôlego, que as suas quatrocentas e setenta páginas não o permitiriam, mas com um prazer a cada nova página renovado. A argúcia da observação do quotidiano que é feita, o humor que o percorre de princípio a fim, a emoção profunda e a afectividade, por vezes nostálgica, que entretece cada novo capítulo, cada narrativa, cada episódio, mantêm o leitor preso à página, como que participando do reconto que lhe é dado ver/ler. Se por um lado poderemos dizer que se trata de um livro de memórias pessoais, autobiográficas, é também, e sobretudo, um recordar das ‘estórias’ que fazem uma cidade, ter crescido nela em tempos, não tão remotos assim, das cinzas do Estado Novo, a pobreza e o espectro da guerra colonial ainda assombrando as vidas. O autor imprime em cada nova página um olhar atento e cúmplice sobre cada personagem da cidade, dando-nos a ver e a saborear com vagar e deleite o retrato vívido dos seus poetas de rua, dos seus loucos (quicá menos loucos do que muitos supostos assisados), dos seus ‘vadios de estimação’. Mas *Entre o Medo e a Luz* é também uma viagem íntima e emocionada ao Liceu Sá de Miranda (que fora em tempos idos o velho ‘liceu masculino’...), transformado numa escola de pleno direito, um espaço de vida singular e cúmplice, onde se formaram as sólidas amizades que haviam de permanecer, os companheiros e os professores que ajudaram na construção daquele que é agora o autor deste livro. Uma palavra é devida sobre a linguagem de que o texto é feito – linguagem simples, directa, prosa escorreita, quase sempre irónica, com um gosto confesso pelo bizarro e pelo burlesco, pela mão de alguém que domina e ama, sem falsas mestrias, a língua, a literatura e a cultura portuguesas.

O ano de 2020 está impresso no título deste texto. Afigura-se-me que não poderia ser de outro modo. 2020 foi o ano que marcou uma ruptura e uma cicatriz funda na vida de todos, em Portugal, no mundo. Obrigou-nos a parar, a olhar para dentro, a agradecer a luz e o sol de cada dia, cada amigo que fizemos ao longo da vida, cada alegria que sentimos, cada sorriso que recebemos e o abraço que demos em troca.

Nem tudo foi mau no mais duro ano pandémico...! Algo aprendemos, no mais fundo de cada um de nós. Dizê-lo, partilhá-lo, foi também uma dura aprendizagem.

Este volume testemunha-o.

Ana Gabriela Macedo
Braga, 30 de Novembro de 2021

PORTA ABERTA

Lembro-me das palavras da minha mãe, “Dizem que vem aí um mal que nos vai pôr em perigo a todos”. E o mal veio. Todos lhe conhecemos o nome e muitos, a instalação do vírus no corpo. Daí nasceu um fenómeno terrivelmente expansivo. Da comunicação à reflexão universitária, à literatura, e às outras artes. Vieram também os altos desígnios dos descendentes de Esculápio e vieram as empresas para fabricar as vacinas. Os governos decretaram uma espécie de ordem do silêncio e do afastamento. Grandes estradas desertas, cidades vazias e houve algumas noites em Braga em que o nevoeiro desceu e se espalhou. Vinha desviado do Cávado e animado pelo Zéfiro, que trazia a sonoridade de um mar cavo e era só o nevoeiro. Vieram inúmeras doenças e as consequências observáveis. Naquela altura apanhei o vírus e acho que voltei a apanhá-lo mais uma ou duas vezes. Comecei a entender, ao fim de algum tempo, que teria de encontrar uma maneira de resistir. Em 2008 tinha escrito um primeiro “Diário”, antes de dar início aos trabalhos de doutoramento no Departamento de Ciências da Comunicação do ICS em Teoria da Cultura. “Aqui é o Mundo” é o título. Correu bem, e “passada esta tão próspera vitória” voltei a escrever um Diário em 2015. A partir de 2017 continuei até hoje. Este Diário de 2020 não é portanto coisa única, investigação urgente, encomenda, aproveitamento de situação histórica excepcional. Era apenas o Diário que continuava e por acaso veio a pandemia. Evitei ao longo do texto referir explicitamente a história privada do sofrimento e qualquer tentativa de sedução melodramática ou de âmbito voyeur, entre o kitsch e o pornográfico. O mal anda por ali, de página em página, às vezes é ele que fala, mas o que sobrevivem e realmente se torna corpo-escrito são as coisas do dia a dia, na qual se incluem as meditações. A vida que pode ouvir-se nas gavetas a abrir, nos pequenos animais que sempre andam em visita, nos cheiros da cozinha, o olhar

pela janela, a visão dos pássaros, a fala com o meu vizinho, algumas dores, o trabalho impressionante de todos os médicos e enfermeiros e família e amigos que tentavam socorrer os doentes. Outra vez o mundo, com os seus desastres, a ressonância no habitáculo dos medos ancestrais das profecias milenaristas, as projecções do fim do mundo.

Foi passando este ano de 2020 e um dia em conversa com a professora Manuela Martins, responsável da UMinho Editora, apareceu levemente a ideia de publicação do meu Diário de 2020. Essa leveza trouxe-me o encantamento da ideia e a proposta era sorridente, trazida por bons ventos e coração gracioso. Devo à professora Manuela Martins a calma, a temperança, a tolerância, a boa vontade e a amizade. Foi difícil todo o processo de organização do texto e de revisão, foi difícil viver, até poder chegar a uma versão com legitimidade gramatical e literária. Obrigado por esta oportunidade, que me encanta como um poema andaluz. À professora Ana Gabriela Macedo devo o seu sorriso sempre inteligente, as boas palavras que me dirigiu e a paciência para ler um texto razoavelmente extenso. À Universidade do Minho devo muito. Enquanto aluno, colaborador e depois professor, somam-se trinta anos. Fui sempre livre. Deixaram-me fazer o que queria e como sabia, fui livre e isso não tem preço. Poder publicar este Diário de 2020 na editora da Universidade do Minho dá-me uma alegria que me põe a ir ao terraço a ver se aparece algum pássaro.

Senti vontade de dedicar este diário do ano de 2020 à memória do professor José de Azevedo Ferreira. Foi meu professor e com ele colaborei intensamente no intercâmbio entre alunos e professores da UMinho e da Universidade Blaise Pascal, de Clermont-Ferrand, onde fui Leitor de Português. Era um homem que exprimia uma bondade extraordinária. Foi exemplar na ponte que sempre construiu com os alunos, sobretudo nos anos difíceis e perturbados que se seguiram à revolução. O professor Azevedo Ferreira era incansável, a tudo acorria e ainda tinha tempo para estudar. Inspirado pela bonomia quando falava aos alunos, mostrava um ar preocupado, muito serenamente tratando dos assuntos e subitamente nervoso ou ansioso. Foi uma das boas pessoas que conheci e por isso a memória nos veio trazer a presença deste homem bom, um pioneiro da Universidade do Minho e, de certa maneira, um daqueles homens que estará sempre associado à criação da universidade.

José Miguel Braga
13 de Maio de 2023

JANEIRO

1

Fui dar a minha voltinha depois da meia-noite, a ver os ambientes. A cidade cheia, das Enguardas à Avenida. Reparei nos carrinhos de bebé e deixei-me levar pela rua, cheio de emoção e contentamento. Notava-se que os casais cuidavam as crianças e tinham ar bem disposto e agasalhado.

Foi instalada uma grande tenda na Avenida, parece o *Petit Palais*. É claro que nós, humanos, somos constituídos por comparações e logo me pus a lembrar como eram as coisas, quando eu tinha a idade daqueles rapazes que vejo pendurados nas árvores.

Era um tempo de gatos pingados e de voltas dos tristes. Quase não se viam mulheres nas ruas, depois que o sol se punha. Era também um tempo de grande enfado e de muita zombaria dos senhores do partido único. A cidade vivia no postigo, mas às vezes tomava as suas liberdades, mais ou menos enquadradas pelo folclore da pátria.

Enquanto passava a romaria e eu ruminava estes pensamentos, reparei que no céu se reuniam e amanhavam névoas e frios que se preparavam para descer. Depois, não sei por que artes, pus-me a lembrar a broa que comi ao jantar. Era boa. Era mesmo broua. Eu sei que se escreve broa, mas também me parece que uma boa parte dos apreciadores se refere à maravilha carregando o ditongo. Infelizmente não reconheço a etimologia da palavra, mas o que se ouve por aqui e porventura além pátria leva-nos a pensar que a broua deveria ser admitida no dicionário.

A primeira boa acção do novo ano, socialmente útil, digamos assim, é ir buscar um garrafãozinho à garagem. Se fosse só isso! Tenho que o escolher, o garrafão, aquele, o especial, o que nos vai saber bem. Olha os pistolões ali deitadinhos, sossegados, a remoer perto do saco de batatas. Pego neste e trago-o para cima sem o agitar muito. Ainda deve estar a dormir. Os vinhos deitam-se sempre tarde. Há que limpar o vasilhame, abri-lo e prová-lo. Os copos estão na máquina, mas não faz mal, vou mesmo beber-te em copo de gin. É daquele róseo, fininho e respigadeiro. Parece estremunhado, azedo no seu acordar, mas logo se vê que não é nada disso. São manhas, aparências para enganar o bebedor inexperiente.

Começo a prová-lo. Primeira reacção, não está estragado. Será bom? Isso é outro problema. Bota mais um bocadinho. Olha, está bem bom, já começo a pensar no assadinho. Sei lá há quanto tempo esperavas por este momento, meu tão querido vinhinho mirandês! Ainda bem que te trouxe a passear. Da próxima, quando for a Sendim, já sei. Vou procurar-te. É bem possível que estejas sentado à soleira da porta, meu amigo e também acredito que me vais convidar para entrar um bocadinho. Se calhar, vou comer uma daquelas maçãzinhas pequenas, das que cheiram a bocadinhos do paraíso e depois levo-te garrações vazios e trago-os cheiinhos desta maravilha tão fresca, tão jovem, tão sábia das pedras e inclemências.

Vinhos que andam no voo das aves e que observam aquelas fragas penduradas no abismo. À tua saúde, à nossa também, bebo pois um segundo copinho para ter a certeza que nos vais fazer boa companhia ao almoço.

2

Aqui, na minha rua, a manhã do dia 1 de Janeiro deve ser uma das mais silenciosas do mundo. Posso admitir que talvez seja um bocadinho assim em muitos lados onde haja paz. Na verdade, este pequeno canto de Lamações está cheio de vida. Não tenho que me queixar. Num certo sentido, poderia pôr-me a compor um trecho musical com os sons que apareciam dos quatro pontos cardeais. Já foi de manhã, já passou muito tempo, mas consigo lembrar-me de um foguete mais ou menos manso para os lados de Gualtar e oiço tossir talvez num quarto ou quinto andar e o bulício preguiçoso do pouco trânsito que regressava das festas. Ah, sim, o som de uma janela e dois jovens que chegam de trotineta, com ar de campeões a acelerar nas curvas e a fazer peões. Estava-me a esquecer dos sinos, os sinos. Isto já deve dar para ficar entretido da alma durante duas horinhas. É, faz bem a gente lembrar-se de estar vivo. *Carpe diem*, claro.

Ando a pé a meio da tarde, já o sol inclina, mas ainda se vê um pouco a brilhar nos vidros das casas. Vou a meio da rua Dom Pedro V. Gosto de passar aqui. Sinto-me acompanhado, há um pouco de coração da cidade, sempre me pareceu uma rua. As casas, gente, lojas, pequenos grupos à porta

do café, pessoas antigas abrindo portas de outro tempo e um certo caos nas fachadas e nas obras. Vou descendo em direcção à rua Beato Miguel de Carvalho. Junto à escola primária, abrigado num pequeno cedro, um gatinho preto encotinhado, muito silencioso, como se não houvesse trânsito.

O frio desceu e entranhou as cores e as paredes, mas o ar limpo e uma certa humidade ajudam-nos a respirar. Vai mudar o tempo, mas isto era ontem e hoje o céu está realmente escuro e penumbroso. Há muitos pássaros nas moitas e nos jardins. Pardais, melros e uma lavandisca solitária. Andam à minhoca. Eu passo devagar, com o saquinho das compras. O melro e a lavandisca não me ligam nenhuma, mas os pardais esvoaçam em bando, assustadiços e depois voltam ao presigo, como é natural.

Fico um pouco perturbado, quando me pedem esmola. Às vezes dou, outras não; certos dias hesito e noutros ignoro, passo adiante, embora muitas vezes com problemas de consciência. Sei lá se é necessidade, se é para droga, devo pensar eu e muitos pensam assim. Hoje dei esmola e falei um pouco com o jovem. Isto não é vida, amigo, você é jovem, eu falei há pouco com um senhor que vai ver se me arranja alguma coisa, diz-me ele.

Acontece-me às vezes visitar o centro da cidade e então sinto-me a pagar portagem. Vem um e outro, alguns são rapazes do meu tempo e pedem esmola e eu lá vou dando, quando os conheço e outras vezes respiro de alívio, quando não dão por mim. Lembro-me que o meu pai dava de lanchar a um rapazinho pobre no Café Avenida. Dinheiro não te dou, mas se quiseres comer, pede e o rapazinho tomava uma meia de leite e uma torrada e eu lembro-me de o ver muito satisfeito ao lado do meu pai na mesa de café e o meu pai sorria de o ver comer.

Tenho dificuldade em fazer julgamentos morais. Que sei eu dos pobres que andam a pedir? Não sei se são pobres a sério, se fingem, se são loucos, se não sabem fazer de outro modo, se escolheram a rua, que sei eu? Habituei-me nos anos noventa a passear junto às pontes do Sena em Paris e a passar ao lado dos *clochards*. Muitos não tinham casa, não tinham nada e outros não queriam ou não sabiam mudar o mundo, mudar a sorte, pensar num lar sem frio e sem estrelas. Muitos eram assim, alguns quase suaves como canções no realejo, outros agressivos, com ar de animal acochado ou de urso

pardo envelhecido e doente. Não sei o que hei-de pensar, mas hoje dei uma esmola e depois fiquei a lembrar-me da "Lenda do Santo Bebedor", de Joseph Roth. Como é possível fazer da pobreza e do desapego um delírio tão belo?

3

Saio da escola com a penumbra. Está aquele ar londrino de que falou Cesário Verde. Depois da chuva, este "céu baixo e de neblina" e isso pode querer dizer que amanhã vai estar um dia de sol. Despeço-me da empregada que me deseja bom fim de semana com um grande sorriso. Acho que ela tem um ar triste, como se alguma coisa muito funda se escrevesse no seu modo recatado e condoído e a fizesse, no entanto, olhar para as coisas com bondade, como se estivesse a derramar ternura e entendimento.

Ontem tive que passar na FNAC. É um sítio onde não vou frequentemente, mas também não é o inferno e em caso de necessidade, ponho-me a atravessar o Braga Parque e lá vou procurar o que pretendo. Ia em busca de uma agenda de 2020, objecto bonito, aliás, mas agradava-me sobretudo saber que ao comprar estava a ajudar o IPO. Enquanto esperava na fila a minha vez para pagar, fui reparando na funcionária ao serviço no balcão. Era muito afável e zelosa, mas parecia-me triste e sobretudo magra e cansada. Há dias assim. O mundo pesa e nós temos que o carregar. Não será bem o castigo de Sísifo, será antes uma injustiça, casos ou acaso, mas era um cansaço que doía e que me tocava profundamente.

4

Tenho um pequeno relógio de cuco. Gosto de o ouvir cantar. A hora parece suave e não conta, mas canta.

Para a Adélia Campos

Este belo queijo da Serra a escorrer da fotografia

O queijo da Serra é tão bom, é tão bom e tão bonito, fica bem na fotografia, à mesa, no pão. É tão bom, um pouco mais cremoso ou pastoso, endurecido ou amanteigado. O queijo da serra a chocalhar as tetas bordaleiras, a nascer das ervas e águas e climas. O queijo da serra não é acre nem é doce, é suave e rigoroso, profundo, volátil e sedoso e depois encanta ou inebria e desarma e a gente voa com os pés na terra, os pés na serra.

Nasci numa espécie de cidadela cercada por cafés. É natural que na tenra idade um tal ambiente me tornasse dependente da caféina, mas também dos aromas que rescendiam dos estabelecimentos e também dos suaves e inocentes fumos do tabaco que se misturavam aos sabores fumegantes do café de saco que entretinha os dias do Nosso Café e das Brasileiras. Gosto muito de café. Bebi litros, hectolitros desse milagre, dessa escuridão que me fazia abrir os olhos e cantar de noite, louvar as manhãs e viver o nervo da tarde, com as suas inclemências e cansaços, o estertor ao fim do dia, o declínio que se punha a pé com mais um café.

Tenho uma bela herança e no meu corpo há-de haver memórias e marcadores, registros, imagens, um mundo de referências que me faz sonhar e lembrar o Brasil e os seus cafezinhos à porta das lojas, das casas, das agências, nas ruas, bares e esquinas e também aquele pinguinho de café a rasar a chávena que eu bebi em Itália, talvez em Florença e nunca mais esqueci. Tão pouco, tão curto e tão intenso e saboroso, suficiente e profundo, muito esperto e desperto, preparando a visita à *Galeria dos Ofícios*. Depois havia as lojas e as discussões de especialistas, os que preferiam o café de São Tomé e os clientes da Casa Negrita e os cartuchinhos que a gente ia buscar à Brasileira Velha. Hoje tomo menos. É como se tivesse chovido café a vida inteira e agora o meu corpo está cheio, abro as comportas, cheiro a café.

Hoje de manhã, depois de ouvir o relógio de cuco cantar as dez, tomei o primeiro. Temos uma máquina nova e o elixir é bem melhor, aliás. A outra, coitada, já andava muito empenada e remendada, mas esta não. É jovem, vermelha, viçosa e tem um design feliz, moderno, quase extraterrestre. Sai

por ela um café intenso, cremoso, que me abala ou estremece ou acorda, não sei. Agora bebo menos café, é certo. Dantes até tomava café para adormecer.

5

Está frio lá fora e eu acordo da noite bem dormida. O pão torrado acrescenta um pouco de história à boa disposição e agora é a hora de ficar por aqui a engonhar, a remoer. Vais aqui, vais ali, andas um pouco, sentas-te, levantas-te, podes até pensar que é uma hora boa para ler um pouco ou para ficares parado à espera da levíssima digestão. Experimenta ficar sentado. Não, não liguês a televisão, estragas tudo. Podias ficar a ouvir música ou então experimenta olhar num ponto fixo, como se perdesse a narrativa que pode começar a desenhar-se. É isso. Estou quase a adormecer outra vez e as breves acções acalmam, adormecem, ressonam levezinho e o andamento da história é coisa de passarinhos.

Adormeço então quando tudo começa a acordar. Devo ter trabalhado muito durante a noite e por isso se levanta este quebranto ao nascer do dia. Levanta-te, meu filho, diz a consciência. Vais tomar um banhinho, vestir o fato treino e subir ao Bom Jesus. Não, não, o Bom Jesus a esta hora está muito sossegado, a descansar as capelas e o cálice, o arvoredo encolhido, as fontes a fazer de tempo ou de esquecimento. Está a preparar-se uma bela manhã fria e azul, o sol vai aquecer um pouco e as roscas cozem, o povo começa a pensar nos assados, alguns afundam as tristezas, porque é Domingo e não parece haver milagre.

Nesta altura começo realmente a acordar. Abrem-se os olhos a sério, como se nascesse também a História, os sentidos, os perigos, as notícias que vão aumentar de intensidade. Lá para o meio-dia já não vai parecer Domingo.

Pelo meio-dia vou em demanda da rosca domingueira. O céu está tão azul, deve ser o anil a consagrar a quietude e as viagens humanas, mas lá no alto parece mais pálido e eu imagino que hão-de ser as geadas da noite a levantar. Desta vez, aconselhado pela Olga Miranda, vou experimentar a rosca da Primorosa, na Rua do Raio.

Já provei, com um bocadinho de queijo da Serra e um copinho de Fernão Pires. Bela casta! Um pouco seco, tenho essa impressão, o que quer dizer que o vinho rescende ao descer, escapa-se da boca e aparece muito apaladado por alturas do esófago. A manhã está calma, há carros no passeio por causa da rosca, dou duas voltas ao quarteirão para estacionar um pouco mais longe, perto do Liceu D. Maria. Ando a pé devagarinho, com a calma e o silêncio dos poucos passantes e fico suspenso ao passar nos Órfãos. É um breve jardim, com ar esquecido em frente aos arcos coloniais e ao amarelo pálido da casa antiga, quase decadente e submerso, caem as camélias.

Penso em "Casa na Duna", de Carlos de Oliveira, o tempo a perder-se, as coisas que foram e oiço um passarinho, minimal e repetitivo, será um tentilhão, não sei e sigo caminho. A rosca é boa, Olga, experimentei o queijo e depois a marmelada, gostei do trato e também da menina que me embrulhou os pãezinhos de leite para eu levar à minha mãe, que está junto ao fogão a preparar com paciência os rojões. Fervem no azeitinho, pouco água, muito carinho.

Na poesia de Vitorino Nemésio, os pecados da carne são coisas tão espirituosas! São danças, cantares, a "Festa Redonda", ah, a Baía de Angra, a Praia da Vitória, o café dos amigos, a mula brava do meu amigo e a Biblioteca onde me deixam andar sozinho, a conversa em Lisboa, em frente à Gulbenkian, com David Mourão-Ferreira. Era um homem tão doce e ocupado, atento e sentimental, boa viagem, diz-me ele, leve o meu abraço aos Açores e eu vou com esse abraço e uma carta para a directora da Biblioteca. Deixem entrar o meu amigo que vai à procura dos livros e do seu arquipélago de sombras.

Viajo de barco desde a ilha Terceira, procuro o "Mau Tempo no Canal", encontro silêncios e deserto, a paz do tempo, as aragens do Atlântico e não seerei o mesmo. Não trago muitos apontamentos, esqueço-me das investigações, mas lembro-me do cozido nas águas quentes, muito cuidado e embrulhado num pano branco, a ilha do Pico olha-me como um sortilégio e eu hei-de adormecer na viagem de barco, chegar outra vez à Terceira perdido da academia e dos títulos.

A ficção está em vias de renovar-se. Chegarão romances e novelas com os maus de novo e os vilões, os ricos e poderosos reunindo exércitos em volta dos

seus casulos, procurando ilhas perdidas e continentes incólumes para fugir à peste, para escapar das massas em fúria e dos salteadores de bancos, aeroportos, palácios e bunkers. Ouviremos contar histórias verdadeiras e adaptações, muito se dirá sobre as cores e os cheiros do fim do mundo e haverá títulos famosos e obras encriptadas e outras esgotadas na fonte, principalmente uma que se há-de chamar "Enxofre". Tudo isto é verdade ou será verdade, mas há quem pense que o "Armagedon" poderá salvar os ricos. Assim seria, se eles não tivessem inventado a globalização.

É verdade que os pobres e deserdados são os que mais sofrem quando os rios saem das margens e os mares invadem as cidades; são eles que mais sofrem, quando a terra treme e os incêndios devoram as florestas e as bibliotecas; são os mais pobres e deserdados quem melhor conhece a fome e as doenças, quem sabe de cor a geografia do mal e os caminhos da peste. São eles quem ouve chegar as bombas e conhece o seu poder destrutivo pelo modo como elas se fazem ouvir a cair, a cair e a avalanche de romances e novelas que vai chegar não poderá salvar aqueles que se julgam invencíveis.

Desta vez a política suja, agressiva e criminosa viu-se respondida por um coro estupefacto e por inúmeros solistas que vieram denunciar o opróbrio. A bomba fez da vítima o herói. É impossível governar um povo que não pode obedecer.

6

Estava a ficar nervoso e isso faz-me sede. Bebo mais um golinho. Como ia dizendo, estava a ficar nervoso e agora começo a ficar calmo, aqui sentado, na minha mesa, os meus pés conhecem bem o engajo, começam a aquecer, já estão habituados. Belo dia, sim senhor. Não pude ver como aquecia o sol nem o que andavam a fazer os melros, mas tive a oportunidade de ver as jovens actrizes a ensaiar "A Casa de Bernarda Alba".

As mãos foram gelando durante a manhã, esbranquiçando nas falangetas e os pés nem sinto. Nem sinto nem quero saber, estão para aqui, metidos nas botas, meio congelados e eu também estou para aqui, numa desolação infinita, destinado a passageiro do frio, sem apelo nem agravo. Agora ando

a pé, tenho apetite, como uma banana, o potássio tira a fome e uma fatia de queijo, um golinho do tal e toca a sair. Há que andar, morcão. Mexe-te! E lá vou eu a ver onde posso estacionar.

Visito o Dona Maria. Duas jovens funcionárias entregam-me um cartão de visita para entrar. Ficam todas contentes com a prenda e eu também. Trato do que tenho a tratar, ui, que reboliço anda aqui, telefonemas, e-mails, compromissos e eu que só queria ter os pés quentes e as mãos mediterrânicas. Penso mil vezes em abrigar-me no café, pedir um prego, beber cerveja, mas penso no vinho que tenho lá em casa e é como se me apetecesse continuar a navegar, chegar à Índia, navegar ainda mais. Fico a pensar em picantes, sede, calor, suar a noite toda e confundir os meus lençóis com o plano de um rio e aprender a nadar, aqui já vou no segundo copito, já passei a Índia, devo estar a atravessar e estratosfera. Não, estou apenas sentado, divinamente sentado, quase a tirar as botas, a ponta do nariz vai começar a aquecer, um peso nos olhos, coisa leve de folha a descair outoniça e levantada.

Sofri tanto neste dia! Sempre a pensar... Quando é que me posso sentar? Sempre a imaginar... O que é que eu vou dizer? Que paz se está a sentir agora, que sossego.

Três copinhos primeiro e depois a sopa. Antes da sopa, molhas a boca. Para acamar. E depois, verás, como tudo se apraz. Os legumes, as vitaminas, os minerais, a acidez, ficam para ali entretidos e deixam-nos em paz.

Eu adoro a comédia e não sei o que é. Parece-me coisa séria, a mim, que não me considero nenhum pândego. A comédia comove-me. Somos tão pequenos, tão queridos, tão chãos, tão "bichos da terra" e os encantos deste mundo são tantos. O povo põe-se a ver a representação. Nós, actores, também estamos a ver. Fazemos de conta, mas estamos a ver o que estamos a fazer e há um momento na respiração colectiva em que pode acontecer uma suspensão, uma respiração e aí pode nascer o riso, a gargalhada, a maravilha do nosso ser errante.

Para a Milai Vaz de Carvalho e para a Alice Barbosa Mateiro Santos

Estou mesmo a ficar velhote, lembro-me tantas vezes do Liceu. Dos colegas e dos funcionários, claro, mas agora queria falar dos professores, dos que me salvaram a vida. Guardei pelo menos uma lembrança para cada um dos meus amores. De alguns, não me lembrarei de nada. Logo ao começar o 1º ano, o doutor Barros de Aguiar à procura do selvagem que tinha desatado a miar quando ele estava de costas. O gato, faça o favor de sair e o doutor Ilídio Moreira, mais tarde, que pedia que acendêssemos a luz da sala profereindo com solenidade "ó Tone, dá aí à luz uma robusta criança". Não poderei falar de todos os meus professores, foram muitos e a maioria muito bons. Ó, doutora Maria Antónia Barbosa do meu coração!

Há pouco, estava a lembrar-me do doutor Américo Barbosa, que me ensinou a escrever. Foi o seu modo de entrar na sala, devagar, olhando sobre o bigode e chegando devagar à secretária. Ficava ali, olhava e fazia um cigarro, que partia em dois. Acendia metade e guardava a outra na orelha. Folheava a caderneta e depois chamava um de nós e aquilo não era nada, era só para nós sabermos como é. Depois ele falava dos textos e dos escritores, falou-nos de António José Saraiva e lia e deixava ver na sua inteira figura o amor ou o prazer por aquelas maravilhas da literatura. No princípio e no fim do Liceu pude ter aulas também com o doutor Vaz de Carvalho. Era diferente, era o método, a revisão da matéria dada e a correcção dos exercícios, "repetitio est mater studiorum". Quase a acabar o Liceu, o doutor Vaz de Carvalho entrava na nossa aula e dizia, "Bom dia, meus meninos, vamo-nos sentar, meus filhos" e nós respondíamos em coro, de pé, às vezes batendo com o tampo da secretária, "Bom dia, Senhor Doutor".

7

Continuo a lembrar-me do Liceu Sá de Miranda

Quem entra no Liceu, sente-se perdido ou achado numa espécie de encruzilhada ou lugar de vários caminhos. Sobre o lado direito, a mais famosa das portas abria para a sala dos professores, com o seu ar de sala do Capítulo,

onde se penduravam as memórias do Colégio do Espírito Santo. Mesmo em frente, do lado esquerdo, portanto, a porta da secretaria, o mais kafkiano dos lugares, com os seus labirintos de tempo e de papel. Dois passos adiante estávamos no centro do mundo e dali partia o grande corredor do rés-do-chão em direcção à cantina e aos subterrâneos e a escadaria em meio caracol que nos havia de levar ao gabinete do reitor e aos silêncios das aulas que se prolongavam pelo casarão acima. Ao fundo, como se estivesse iluminada por um clarão do meio-dia, a porta que nos levava à cerca, sob os auspícios da grande sineta do Senhor Abreu.

Na parede que abrigava a vetusta sala dos professores, ergue-se desde há uns anos uma inscrição que evoca o doutor Loureiro Amorim e "a leveza da autoridade". Foi o nosso reitor e sempre o achámos um homem bom. Nós, jovens do revirvalho, éramos muito sensíveis à política e lutávamos como podíamos para derrubar a ditadura e sobretudo para acabar com a guerra que nos ameaçava. Constou-nos, um dia, que o nosso reitor impediu a Pide de entrar no Liceu. Vinham provavelmente para levar alguns de nós ou para saber mais coisas, mas o reitor impôs-se e não deixou. Para os nossos jovens corações nasceu então o herói ou a sua lenda. Ainda hoje o lembro, sereno e atento, sério nas demandas, mas também afável e tolerante. Se bem me lembro, o 25 de Abril, que não iria demorar, fez-lhe justiça e lembrou-o como um homem bom.

Um dia já não nos lembramos de mais nada. É natural. Fomos desta para melhor e nesse esquecimento deve haver nenúfares e flores de lótus e um barquinho vai passando, como se andasse entre linhas, com os seus "alegres remadores". Ao fundo, ainda se vêem algumas nuvens. São as memórias a chover lá atrás e talvez algum grão a nascer e os frutos um pouco mais gordos e aliviados.

Chegou um poeta ao Liceu

Naquela altura andávamos muito ocupados com os preparativos da revolução e mal imaginávamos que ela já não ia demorar. Sempre que podíamos, enchíamos os mictórios de panfletos e os intervalos de conspirações. Se bem me lembro, corria o ano de 1973, quando chegou um colega novo

ao sétimo ano. Vinha de longe, talvez de Viana e parecia muito sóbrio e um pouco tímido, embora sorrisse com abundância e se mostrasse muito afável. Logo ouvimos dizer que escrevia poemas e era verdade. Já não me lembro dos pormenores e das peripécias, mas chegou-nos à mão um belo poema sobre Amílcar Cabral e decidimos "publicá-lo". Arranjámos uma folha de cartolina e um de nós, talvez o Pedro Coelho que escrevia com uma letra bonita, inscreveu o textinho lindo e pusemo-lo numa parede, junto à cantina. Não sei quanto tempo lá esteve, mas a poesia "andava na rua", naqueles tempos. O jovem poeta chamava-se Jorge Sousa Braga.

Aos vinte anos, tu queres é ir, mas aos trinta, só te apetece voltar. Foi mais ou menos o que me aconteceu. Aos vinte lá fui eu passar um mesito em França, com uma bolsa da universidade. Fui parar a La Rochelle, cidadela fortificada, cheia de lembranças na aragem e nas paredes. Ao largo, as ilhas de Ré, Aix e Oléron e as lembranças do cativo de Napoleão. Aquilo parecia um filme de gente bonita, cantina farta, cerveja fresca e alguns professores militantes, um deles, sobretudo, apaixonado pelo enigmático Mitterrand. Que ricas férias e que bela viagem de comboio, cheio de gente, malas, cestas, chouriços, couves e presunto. Ó, menino, coma daqui, temos frango assado e eu comia, claro e depois parávamos em Irun por causa da bitola, entrava a guarda, com aquele ar suspeito das aventesmas do franquismo. Castela demorava a passar, era um plano infinito, com luzinhas frias ao fundo e o comboio não chegava. Fui e vim, cheio de lembranças e de apetites, com alguns amores nascidos do convívio, aquilo era já a Europa e eu, que mal acabava de sair dos livros de francês, era lá capaz de imaginar. Mas aos trinta...

Aos trinta fui parar a Clermont-Ferrand, com contrato de quatro anos. Nessa altura, fui atacado pelas saudades e pela "psicanálise mítica do destino português". Tinha saudades de tudo, da namorada, dos pais, da cidade, dos cheiros. Sonhava com cozidos à portuguesa e o fim da tarde trazia-me cordas de guitarra que se afundavam no pôr do sol e na quietude do Puy de Dôme. Tinha muitas saudades, mas às vezes vingava-me. Chegava a sexta-feira e dava-me um repente. Uma vez fui atacado valentemente e, se bem me lembro, só tive tempo de ir a casa preparar a termos de café e que mais? Uma pastinha de chocolate que tinha para lá, uma garrafinha de água e está a andar. Alto lá! Falta a arma secreta, claro. Meto a escova

de dentes no bolso interior do casaco e amanhã de manhã já estou a entrar nas Enguardas, lá para as onze, no café do costume. No regresso levava o carro cheio de medicamentos... Garrafões de vinho, carnes salgadas, bacalhau, eu sei lá.

8

Que lindo, que bom, que tudo! Não me dói nada, levanto-me como um passarinho e quase chego a voar à cozinha. Um cafezinho, pois claro, pãozinho, que cheirinho, mas ali naquele saquinho, douradinhas e cheirosas, olham para mim, quase desmaio, um rico par de madalenas. Como meia, como uma e fico a cantar dos paladares, é como se engolisse uma farinha abençoada, ovos que chegam a cantar do outro mundo e depois aquela finura, aquela textura, aquele cheirinho a romance preguiçoso.

Não, nem pensar. Passar a tarde a ver televisão, de canal em canal, sempre a aparecer aquele cara de pão recesso que nos trata dos negócios estrangeiros, mais o das melenas lacadas e espetadas, é que nem pensar. Estão mortinhos que haja guerra, que é para terem que falar, mas também não querem guerra a mais, só daquela ao longe, a que mata os outros, a muitas milhas do Terreiro do Paço. Por amor de Deus! Não, vou ficar sossegadinho a ver passagens, árias e coros da "Traviata", no filminho de Zeffirelli. Ainda tenho esperança de passar uma bela tarde pacífica e interessante.

Para a Lídia Braga

Cheguei várias vezes a Paris. Corria o ano de 1987 e eu desembarcava no comboio de Austerlitz. Tanta gente, lembranças da história, sim, a famosa batalha, algures na Morávia, e eu cheio de malas e sacos, a olhar em volta. Cheguei, pois muito bem e agora, onde vou ficar?

Liguei à minha amiga Lídia. Que sorte! Posso ficar uns dias em tua casa?, que sorte, centro de Paris, ruas a sério, cheias de gente e de lojas e lá vou a

passar, a Lídia mostra-me a cidade, olha a torre Eiffel e eu olhava, tão grande, tão alta, só a conhecia de vista a legendar os livros de francês. Pois, se não fosse a Lídia, eu tinha ido parar debaixo da ponte, coberto com jornais e bibóbelho.

Enquanto esperava por resolver a minha situação logística, a Lídia tomava conta de mim, recém-chegado da aldeia, meio perdido na civilização. Depois o director da escola, onde quase me enterravam, arranjou-me uma *chambre de bonne* para os lados dos Invalides, que tristeza, quase sem abrigo, até que fui parar à Casa de Portugal. Aí era uma festa, na cantina aprendi a gostar de Couscous, um bífido grelhado, às vezes, custava 10 francos e depois era o metro e o RER, até chegar a Les Ulis, um sítio perdido na Seine et Marne, gandulagem a sério, eu a fazer de assistente, a minha chefe falava português mais ou menos, enfim.

Da segunda vez, corria o ano de 1992 e eu chegava a Paris com a minha senhora, saído do periférico, com o carro cheio até ao telhado, havia emigrantes que passavam e apitavam e então entrámos pela porta de Stalingrad e fomos descendo até à Praça do Colonel Fabien. Olha o edifício do Niemeyer e ali a rua de Belleville, com os seus mercados de rua, o Marché Secrétan do outro lado e por ali descia até à Praça da República, do outro lado o canal Saint Martin e a nossa rua tem um carrossel, aqui chamam-lhe manège, "oui ma vie c'est un manège/ toutes choses passent, vont". São mais quatro anos de trabalho e andanças e depois nascia a filha, na mui leal e invicta cidade do Porto e a minha vida haveria de mudar.

A nossa rua chama-se Albert Camus, é uma honra, e no alto prédio recebe-nos a Dona Teresa Ambrósio. Eu trabalhava em Nanterre, no Centro Cultural da Gulbenkian na Avenue D'Iéna e na Sorbonne, a renda era cara, tínhamos que comer. Ó, douce France, foi tão bom, quantas viagens e trabalhos e conversas e andanças e jantares e amigos, visitas a museus, a palácios e tudo quanto era lugar consagrado, mas fica-me o vazio, talvez a mágoa de nunca ter subido à Torre Eiffel. Esqueci-me, foi o que foi. Paciência, fica para a próxima.

9

Nevoeiro cerrado de Braga à Póvoa. Há variações do cinzento, chove um pouco mais depois do Monte da Franqueira. As nuvens chegam, esbarram,

sobem aquelas ladeiras e enquanto tremem lá no alto, chovem e aliviam. De vez em quando uma boa aberta. Olha ali o casario na colina, as névoas dispersam, aparece o presépio. Nos dias mais altos, de céu azul e ventos corridos, a memória segue a dispersão, como um destino. Chamamos ar do tempo aos ventos breves e à ocupação dos deuses. Hoje, no entanto, a memória parece suspensa ou pelo menos agasalhada. A "natureza é um templo", meu querido Baudelaire e um cofre também, um espaço secreto e nevoento, tecido de coisas invisíveis.

Nestes dias de luz baixa e algo soturna, podem desenhar-se na imaginação ou na vontade alguns prelúdios místicos. Quando não se vê bem, é preciso acreditar e as crenças soltam-se da infância e da tradição, agitam os livros e os salões antigos das bibliotecas. Hoje, não se via bem e eu senti-me regressado às fontes. Os misticismos emagrecem, gastam muito água e por isso prefiro regressar à memória e logo nasce um ribeiro ou reparo, pelo menos, que há um pouco de água na origem.

Já sou professor há tantos anos! Vou fazer quarenta e dois, não tarda muito e é natural que ao longo deste tempo tenha feito muitos ou alguns amigos. Vivo cercado de alunos e de ex-alunos, há colegas por todo o lado, mas continuo a ter uma grande ternura pelos funcionários. É claro que há de tudo, é a vida e eu não distingo ou amo as pessoas pelo seu estatuto social e profissional ou por questões ideológicas, de raça ou de religião. Gosta-se das pessoas simplesmente, soltam-se os afectos e a razão às vezes traduz e a gramática ordena o discurso e a apologia. Esta minha vocação talvez se explique pelo facto de a minha mãe ter sido funcionária administrativa e o meu pai caixeiro-viajante, mas também é verdade que me habituei a grandes conversas e aprendizagens com gente sem títulos, o jardineiro da Graça ou o velho pescador da Póvoa. Nunca pensei que podia ganhar alguma coisa com isso ou talvez e apenas um bom sorriso e um bom dia sonoro e optimista.

No início da carreira fui parar ao Conservatório. Era um edifício novo, obra de arquitecto, coisa nunca vista. Uma ou duas vezes por semana dava-me jeito ir à cantina e invariavelmente saía-me a sorte grande, porque num daqueles dias tínhamos estufado. Eu sentia logo o cheiro, ainda no corredor. Adorava e adoro estufados. Entrava na cantina, novito, provavelmente com

aquele ar esfomeado de quem ainda bota corpo e a cozinheira Carolina dava sinal. Olha o filho da Dona Angelina, devia ela querer dizer naquele sorriso de colher na mão. As empregadas enchiam-me bem o prato e eu comia, claro, porque naquela altura o meu estômago era uma trituradora e depois rapava tudo muito bem e passava o pãozinho no restolho, mas a Carolina vinha-me buscar o prato e voltava a enchê-lo, coma menino e que lhe saiba bem. Ai, não, que não sabia!

A Alhambra é o mais alto jardim que eu conheço. Lá de cima só se vê o céu. Eu sei que é uma banalidade afirmar que respiro melhor, se oiço música, mas é o que me apetece dizer e talvez nisso possa haver, realmente, uma respiração, um pouco mais do que o eco ou um andamento. Fico a "perder países" e sobretudo certezas e os sons são levados e trazidos como em histórias impossíveis, lugares onde tudo se mistura e se pode correr livremente.

10

Sempre gostei de pastas e sacos, recipientes, enfim, que me pudessem acompanhar nas minhas andanças e onde eu pudesse, de algum modo, transportar a minha vida ou pelo menos a minha casa. As pastas são grandes e profundas, alegorias dos túneis de Alice e do País das Maravilhas ou do enorme saco do professor de física que tanto impressionou o jovem Jarry. A minha vida também tem sido isso, um passo ou algumas voltas de pasta em pasta ou de saco em saco, embora eu nunca tenha descurado as malas. Tinha uma lá em casa, de couro bem tratado pelos anos, com ar de ter sido mala de porão e de ter conhecido mares e países longínquos. Resolvi levá-la à Casa Cavalinho, onde ficou uns tempos internada. Veio de lá quase nova, sorrindo da sua antiguidade e prometendo-me a eternidade. Foi lá que guardei os meus papéis mais antigos, coisas do Liceu, quando eu me punha a tomar notas e a escrever louvores às circunstâncias em papelinhos desgarrados e cadernos mais ou menos esconsos.

Este ano, pelo Natal, tive um saco novo, coisa pequena, para trazer alçado ao ombro, mas profundo. Anda sempre comigo, pois é lá dentro que pode caber, digamos assim, uma espécie de segunda vida feita de lenços de papel, uma caneta, o bloquinho para as notas, as chaves de casa e essa arma secreta

que deve acompanhar para todo o lado o homem prevenido. O corta-unhas, claro e um livro, tinha que haver um livro. Levo comigo um pequeno volume, com água na capa e uma envoltória suficientemente marítima, "Teoria da Viagem", de Michel Onfray.

Nestes tempos de cóleras imprevisíveis e de apocalipses iminentes, temos que estar preparados. A salvação é uma espécie de obra em trânsito e por isso eu acordei esta manhã algo inquieto e ao mesmo tempo esperançoso ou mesmo sorridente e bem disposto. Fiquei a lembrar-me dos "Shandys" e das grandes invenções de Paul Morand com o seu "escritório móvel" e Marcel Duchamp a navegar na sua "boîte-en-valise". Hoje acordei assim, disposto a lembrar-me e a louvar os inventores da literatura portátil e esse belo livrinho de Enrique Vila-Matas intitulado "História Abreviada da Literatura Portátil".

11

Aqui ao lado, mais lá ao fundo, depois daqueles montes, fica a Espanha. É um país com couve galega, caramelos e a gasolina barata. Falam um nadinha mais depressa e também é verdade que cheira um bocado a fritos naqueles ares, mas eu gosto das rias que entram pela terra dentro, cheias de mexilhão e alvarinhos ao sol. A Galiza tem inhos e canções dolentes, tem gente como nós vestida de preto nas aldeias sossegadas, onde se dorme ainda o tempo das embarcações. A Galiza é uma terra aqui ao lado, nem se dá por ela, tem nortadas abrigadas e ermidinhas que parecem casas escorregadas do céu, penduradas em sítios altos e consagrados ou então sozinhos à espera das águas. Quando vou à Galiza, oiço os versos do Meendinho e não penso em pátrias, mas em versos ou fico a ouvir a música da viagem e a pensar em Rosalia, "Toda a terra é d'os homes".

Há textos difíceis de escrever, trazem percalços, subidas íngremes, curvas perigosas e precipícios. Aquela serra parece tão perto e depois as cores mudam e as formas surpreendem. Nunca mais chegamos a Granada. A Serra Morena, a Serra da Gata, as cores desconhecidas e a serra Nevada, parece o Atlas olhado por nós, mas o viajante é feito de tempo e de esperança, fecha

às vezes os olhos e põe-se a sonhar. O viajante sabe, mas pensa que ainda não chegou a Granada e por isso não viu nada. Não sei o que me espera, diz ele e por isso ouve música, "Recuerdos de La Alhambra", de Francisco Tárrega. Vou ficar aqui, nas águas e nas cores, viver destes silêncios altos, esperando versos, coisas pequenas que adormecem nas horas e sonham as flores ao vento, as neves do alto e os cavaleiros, as cítaras suspensas na aragem morna.

Estreou ontem, no Théâtre de La Colline, em Paris, o espectáculo "Una Costilla sobre la Mesa: Padre", com encenação de Angélica Liddell. Foi um êxito, diz-nos o Camilo, muita gente, fortes aplausos, "bravos". Parabéns a todos, parabéns, Camilo. Donde se prova que os "santos da terra" fazem milagres aqui e ali, "sous le ciel de Paris".

Bebo poucas vezes cerveja, mas se apanho uma cervejinha belga, chamo-lhe um figo. Deve ser o ar das abadias ou as águas santas, é com certeza culpa da receita, mas caem-me bem, frescas e ternurentas, aquecem-me o paladar e eu vou sorvendo golinhos, como se trincasse bifes abençoados. A variedade é muita e há algumas bastante delicadas, que exigem preparação e que nos obrigam a ficar pasmados com as cores ruborescentes nos copos elegantes. Algumas ardem um pouco, com ar deliquescente, como se passassem um bocadinho nas brasas. De um modo geral, a cerveja belga é um pouco mais alcoólica, mas a gente perdoa-lhe.

12

Tudo começa no momento em que abro a garrafinha "Marqués de Toro". Tínhamos acabado de chegar e é natural que a parte líquida da metonímia se sentisse desconsolada da viagem, com as suas curvas, guinadas e mudanças de luz e temperatura. Estava tão sossegada na prateleira do supermercado e eu mal lhe dei tempo para se adaptar, acalmar os líquidos e os santos aromas e minerais. Ontem à noite, o vinho parecia-me indisposto, mal humorado, quase azedo e insosso. Hoje outro galo cantou e o quase divino marquês parecia outro, mais fresco, solto, aromático, fazendo jus da tradição, alçando a memória das vinhas e os tesouros da colheita.

Ontem foi dia de ir a Tui. Dantes íamos pelas "Pedras Finas" e a estrada nunca mais acabava, passávamos curvas e tormentos, ladeiras íngremes e montes escalavrados e lá chegávamos à fronteira e à pequena ponte de ferro bordada entre margens distantes e milhos próximos, couves irmãs, bês e vês à solta, falares mansinhos e histórias da guarda e dos saltos, de águas vigiadas e vozes longínquas nas névoas do campo. Ontem seguimos pela autoestrada e víamos passar os montes de Anais e depois o Lima, mais aberto e azul, pontuado por vales e aldeias e frios a descer dos céus e a planar sobre as terras baixas.

Tui é uma canção de pedra, um grande silêncio ao fim da manhã, o frio a respirar das pedras, muito concentrado e as pequenas ruas meio escondidas, algumas a espreitar o rio Minho e as muralhas de Valença. Sentemo-nos um pouco no *Jaqueyvi*. Croquetas caseras, tortilla, pulpo a Gallega, calamares fritos e um copito de Rioja. Belo vinho, sabe a madeira, madeira boa, melhor do que as uvas, queria outro, por favor. Os fritos ficam a remoer nas paredes do estômago, parece que vou ficar enjoado, mas eles evaporam, misturam-se na friagem e eu sigo bem disposto, a Deus graças. Infelizmente Toro fica muito longe. Levo duas garrafinhas, uma já bebi e a outra, se tudo correr bem, há-de encantar esta noite que não vai tardar a chegar.

13

As palavras na poesia podem ser sagradas e as verdades também e é por isso que "Abril é o mais terrível dos meses". São palavras de T. S. Eliot e são nossas também. No entanto, para o pobre viajante que se vê obrigado a passar horas seguidas num espaço congelado, Janeiro será ainda mais terrível. Não são as coisas estremunhadas que despertam, nem as terríveis cozeduras do húmus que se alevanta com os espíritos aquecidos e as fragrâncias a entorpecer o sentido. Em Janeiro, deflagram com estupor as boas razões. Será apenas frio, gelo, os músculos tensos, o sangue retraído, os pés pecos? A razão fica tolhida e alguns sentimentos também, coitados, em fuga para o Egipto ou para ambiente mais clemente.

Na morte de Nuno Rebocho

Estava com o Nuno Rebocho na manhã dos atentados do 11 de Setembro. Almoçávamos na tasquinha de São Vicente e de repente começaram a desfiar as notícias. O Nuno parou de comer e começou a ficar muito agitado. Pensava na rádio e nos seus camaradas. Vamos embora, Nuno, eu levo-te já ao Porto e depois é mais fácil para apanhares o comboio. Tenho que ir ajudar, tenho que ir, repetia o Nuno. E assim foi. Corremos para o Porto a grande velocidade e o Nuno seguiu para a rádio, porque havia muito a fazer e os amigos precisavam dele. Descansa em paz, meu caro. Os amigos partem e trazem as lembranças com o seu imenso coração. As guitarras tocam a água e são o fogo e por isso as pedras podem chorar e até os poetas místicos cantam noites ao luar.

Gosto muito de ópera, da sua teatralidade excessiva ou do seu artifício. A ópera como um absoluto da representação, a iminência da festa, a evocação graciosa da arte e das artes.

Vivi nove anos em França, o que, como é natural, me foi permitindo comer umas coisinhas boas. Trouxe algumas comigo. Queijinhos, é claro, o meu querido Saint Néctaire e às vezes um Cantal mais envelhecido e robusto. Lembro um belo passeio pelos montes de Ambert e um saborosíssimo pato com laranja e uns mexilhões extraordinários que pude experimentar na Escola de Hotelaria de Chamalières e que me fizeram pensar em iguarias possíveis ou impossíveis num opíparo banquete do *Satyricon*, de Petrónio. E a "Potée Auvergnate", claro e o extraordinário "Boeuf Bourignon", com as cebolinhas pequenas e os pedacinhos de bacon a fazer de padres nossos e ainda aquele molho gordo que lhe emprestava a colherinha de farinha. A gente punha-lhe conhaque do Norte, o nosso flamboyant bagacinho e aquilo ardia e entranhava-se nas carnes com a mansidão dos Puys d'Auvergne, pacíficos vulcões que agora derramavam água de Vichy. No entanto, sempre que regressava a França levava, à cautela, umas postinhas de bacalhau e um bom bocado de toucinho e costela salgados à nossa moda.

14

O dia está cinzento, mas amornou um bocadinho. A natureza parece triste e a cidade um tanto obscura, em tom de fuligem, mas eu estive ainda há pouco a ouvir Schubert e fiquei muito bem disposto.

Na Peixaria

Que belo lombo de congro! Estufadinho é um regalo. Estou a ver que hoje não há pescada. Há, há, ainda não tive foi tempo de as pôr cá fora. Temos grandes, pequenas, quero aquela, não é muito grande, mas parece que fala. Esta é do pincho, águas da Galiza, foi apanhada com anzol. As outras são de rede. Quero essa, a galega. O rabo e a cabeça para cozer e mais uma postinha para cozer também. Então é melhor da gola, para cozer é melhor e o resto para fritar. Pronto, eu só vou despi-la e já a vamos partir.

15

Estou a gostar muito de ensaiar a nova peça do PIF'H chamada "Piratas de Bacalhau". Na Taberna do Galeão bebemos rum e comemos lombo à perna de Pau, tomates cheios à zarolho, almôndegas de vidro e balas de canhão com chantilly. Não percam. Piratas como estes já não há ou não os deve haver por estas ribeiras e praias da região.

O sudoeste soprou toda a noite. Ouviam-se na tormenta os barcos altos e as águas que se encontravam, com a sua incontável energia, frios descendo aos cardumes e bafaragens revoltas que se juntavam a meio do oceano. Hoje as areias estão lisas como os campos de inverno e vê-se a luz dos beijinhos e algum resto de amaruda, pedaços da mezena e do mastaréu.

Eu ainda dormia, quando tocou a campainha. Só pode ser o carteiro, mas a campainha calou-se. Levantei-me a voar até à janela da cozinha. Desculpe, estava a dormir e cheirou-me a livros. O carteiro foi simpático e trouxe-me a

prendinha à porta e eu então acordei e arranjei-me, muito contente, talvez gaiteiro. Viva o belo dia depois da tempestade. Bom dia, bom dia, ó, que alegria!

A viagem vai ser longa e a páginas tantas vamos ter que escolher o caminho. Ora bem, ou seguimos pela margem direita do Douro, agora há uma boa estrada, daquelas modernas e lisas, a cortar curvas e dificuldades ou então continuamos mais a Norte, atravessando a Terra Fria. Prefiro ir por aí, passo ao lado das encostas da Serra da Nogueira, muito verde de castanheiros e carvalhos e depois viramos para Izeda e seguimos por entre os lameiros de Vimioso e os vales mediterrânicos do Sabor, com as suas oliveiras eazinheiras alcandoradas na encosta. Vamo-nos aproximando da terra de Miranda. Chegámos à pensão Vista Bela. Ora viva, caríssimo amigo, cá estamos, amanhã, sim, tomamos o pequeno-almoço, pãozinho com azeite, pode ser, o fígado até vai resfolegar, mas é bom para a viagem. Seguimos para o outro lado, por Torregamones ou por Fermoselhe, mais a Sul. Prefiro Fermoselhe, gosto da velha Praça e dos bares, visito as caves escondidas na terra, era no tempo das invasões, o povo escondia os vinhos, ainda bem, se não fosse assim, andávamos a beber água.

Ó, Espanha, planuras negras de zimbros e lameiros, Zamora é só a memória do Tratado, mas depois chegámos a Tordesilhas e a Ribera del Duero passa lá em baixo cheia de vinhos e de promessas. Entre uma coisa e outra despontam as vinhas de Toro. Chegámos ao alto e a cidadela é um encanto de povo saído à rua, a encher as tabernas, os balcões, bebo um copo, bebo dois, a ti te saúdo, ó grande vinho de Toro, ó inferno de terra e pedras de calores insuspeitos e frios profundos. Já cá cantas, Mirandum, Mirandum, Mirandela, pão com azeite, pois claro, o fígado fica um bocadinho arrepanhado, mas isso cura-se com mel, com enchidos, alheiras e bulho. Adoro as cascas, adoro ouvir falar mirandês e sendinês e por agora estou salvo. Bendita esta terra, estas fontes, estes ares.

Ele há coisas! Não é que hoje passei um rôr de horas sentado ao computador a escrever e senti a cervical inteiriça, segura, indómita, sem ressentimentos, em modo articulado e andante e no outro dia bastou-me meia horinha a rever burocracias e fiquei quase entrevado, com dores atrozes e suspeito até que se preparava para esvoaçar em direcção ao sistema nervoso central um bando de grasnantes e ameaçadores bicos de papagaio. Enfim, é o que é e os ossos do ofício ficam muito desgastados, quando se vêem obrigados a fazer de escriturários.

16

Sonhei toda a noite, como se fosse vento e agora a tempestade amainou. Por isso me levanto, enquanto a cidade parece o tempo adormecido. Julgo ouvir sons ao longe, deve ser no alto ou apenas o ouvido interno. Se eu me pusesse a trabalhar a esta hora, iria com certeza descobrir coisas muito interessantes, mas ao mesmo tempo sentir-me-ia só e isso é triste. Esquecia de dizer que continuo a ouvir música. São acordes e harpejos, escalas e variações de uma guitarra portuguesa. Às vezes sinto-me erguido com a respiração, entro a tempo no ataque e a música levanta-se ainda mais, como se navegasse, as palavras ficam lavadas em água.

Vou estando por aqui, publico o que me apetece e já pouco me chateiam. Às vezes, lá aparece uma meia provocação, um ou outro dislate, mas posso bem com isso. Se vejo vantagens? Não me interrogo muito. Sinto-me livre e só escrevo o que quero, mas tenho aprendido e leio coisas boas, oiço música. Há que aproveitar, pois um dia isto vai mudar. No caso do FB, o feitiço virou-se contra o feiticeiro e as piores presunções da sociologia quase se enganam, quando auguram horrores de manipulação e delírios pós-modernos. É, vamos andando e vendo.

Hoje falhou a luz de manhã, no preciso momento em que o champô se entranhava nos meus invernosos cabelos. Felizmente ocorreu-me que a água está habituada à escuridão e deixei-me estar. Pior foi quando o esquentador começou a desistir e eu a sentir memórias das nossas inquietas e frias águas atlânticas. Sobrevivi, claro, e até me fez bem a experiência. O frio obriga a reagir e saí do banho em instâncias de calorífero. Lembrei-me então de outros tempos, quando andávamos de candeia e havia castiçais em estado de alerta. A luz faltava muitas vezes, por causa das avarias e das trovoadas, mas é bem pior, quando não há luz durante os bombardeamentos ou porque os geradores só abastecem a casa dos governantes e dos donos do mundo.

Gosto muito de falar com a minha mãe. Ela conta-me histórias e sabe que eu gosto de a ouvir falar daqueles tempos. É muito rigorosa na notação

de ambientes e nas observações de carácter e motivações. Ela fala e eu vejo a cidade como era, sinto-me navegado num tempo perdido e ao mesmo tempo achado. A minha mãe é uma narradora exímia e como já cá anda há muito tempo, felizmente, as histórias continuam e eu aprendo muito com ela.

A chamada "música popular brasileira" é um tesouro que eu trago muito guardado, mas que gosto de levar a passear e de ver soltar-se nos ares, agitando as folhas e as nuvens, cantando na alma da floresta e das águas escondidas. Um toque, um canto respirado, um olhar mais solto e isso tem corpo e é ritmo, coisa navegante, que grita e se espraia e canta, chorinho da minha alma, meu samba vagabundo, minha estrada de sonho. Quando oiço música, eu também sou um bocadinho brasileiro, serei o morro a acordar, coisa de barcos e sonhos, agitação das palmeiras e das ruas, leves areias da praia sob o manto de Iemanjá.

Num tempo tão arredado da crítica e de um certo jornalismo cultural, leio "até me doerem os olhos" os artigos de Teresa Carvalho e Joana Emídio Marques. Maravilhas para o entendimento e para a História. O recente breve ensaio de Joana Emídio Marques sobre os "Loucos anos 20" é muito bom.

17

Hoje há moletinhos de São Vicente e talvez haja também rebuçados dos Arcos. Eu gostava muito do embrulho, com os papelinhos às cores. A rua cheia de gente, passantes, curiosos, estudantes, devotos e as mulheres, algumas muito grandes, com as suas mantas e aventais. Era aquele bocadinho, uma passagem, o adro da igreja é uma festa para lembrar o martírio. Não me lembro do licor, mas bem precisava o santo homem de adoçar as agruras do sofrimento.

Vai ser muito giro, quando se erguer nas traseiras da Fábrica Confiança a nova residência universitária, com os seus Ferraris e Maseratis estacionados no parque e os choféres de plantão bafejando os pára-brisas nos intervalos da bisca lambida.

E eu que cheguei a pensar que o meu guarda-chuva era eterno ou ia, pelo menos, passar comigo este inverno. O meu guarda-chuva espanhol! Estou desolado. Sei lá onde o pousei ou que aguaceiro o levou.

Sobreviver à hora de ponta em Braga é obra. Donde vem este carro, como é que ele me aparece aqui vindo dali e outro de lado, aquele por cima, este por baixo? Avante São Vítor, o povo é sereno e desta escapei.

O mais belo texto sobre o Coreto de Braga foi escrito por Isabel Cristina Mateus. Essa tão bela evocação, escrita há uns meses atrás, teria sido suficiente para alertar os "olhos surdos" e os "ouvidos endurecidos", mas "outros valores se alevantam" e de nada servem as memórias e os alertas. Bem podem os cidadãos pôr alma e coração no olhar e na lembrança, bem podem os escritores cantar as maravilhas da cidade, que aqui manda o esquecimento, a fealdade e a desconsideração. Apesar dos avisos, lá está embrulhada a petróleo a casinha de planta circular, inspirada nos círculos do céu e nos largos e pátios por onde passam a romaria e os músicos da banda. O coreto com o seu telhado suspenso, como renda ou filigrana e a Tuna do Zé Jacinto a desafiar a malta. Naquele tempo dormiam no Coreto os sós, ouvia-se a Banda de Cabreiros e a Banda da Trofa e a minha gente acordava de manhãzinha para animar o São João ou dormia sob o telhado de estrelas, talvez cantando e a Deus louvando. Hoje o Coreto apareceu vestido de luto ou escondido por causa do futebol, parece que tem vergonha e nós passamos ao lado, de cara à banda, com ar incrédulo e sonâmbulo, como se a pequena construção se perdesse da mão e se escondesse numa espécie de azia ou de amargura espetada no coração.

18

Anteontem comemorei 42 anos de carreira. Por acaso, esqueci-me, mas estive a dar aulas de tarde e posso dizer, portanto, que comemorei condignamente o aniversário. Foi no dia 16 de Janeiro de 1978. Foi-me atribuído um horário completo no Sá de Miranda. Estou a lembrar-me perfeitamente.

Fui recebido no antigo gabinete do reitor pelo doutor Agostinho Domingues e pela doutora Luísa Caeiro. Lembro-me dos sorrisos, da conversa amena e do ar bem disposto e ternurento com que me olhavam. Calhou-me um horário à noite e isso talvez tenha sido um sinal ou uma bondade dos deuses. Dava aulas numa salinha do corredor onde pontificava a sala de professores, virada ao recreio ou entre o recreio e a quinta. Os meus alunos eram, na sua maioria, mais velhos do que eu. Havia jovens casais, mães de filhos, operários e um ou outro jovem trabalhador. Lembro-me também que as aulas eram muito divertidas, principalmente as sessões de leitura e as brincadeiras que fazíamos com Gil Vicente e o maravilhoso "Auto da Barca do Inferno". Deve ter nascido então a minha vocação ou terá sido um gosto misturado com a arte de viver. Como eu gostava de falar e de me rir e como eles me tratavam bem! Lá no fundo, como se houvesse um pouco das fontes e da memória naquele canto novo, eu renascia, tornava-me homenzinho aos vinte anos, muito apaixonado pelas palavras e pelos encontros. Naquele ano encantado, devo ter-me sentido reinventado. A minha timidez levantava um pouco a cabeça e sentia-me vingar os anos cinzentos das ameaças do Ultramar e das perseguições do defunto regime.

A vocação nasceu da acção e eu julgo ter compreendido que a aula tinha que ser um espaço vivo, um lugar de resistência. Tocam fundo os avisos do "Húmus", de Raul Brandão. "Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte! ", mas nós cantávamos e ríamos muito e escrevíamos os pequenos textos, como se andássemos de barco por entre as linhas do caderno. Tive muito sorte e sinto-me muito agradecido. 42 anos depois já serei um pouco "burro velho", mas ainda sonho ou ainda acredito que a aula é ou pode ser um acontecimento, um lugar inventado, coisa com alma e coração levantado.

Na loja de informática, parece-me que estou a ouvir uma espécie de inglês disfarçado em fórmulas linguísticas. Depois começa a chover e vejo negrejar do outro lado da estrada um renque de eucaliptos e convenço-me que aqui também é a pátria.

Bebo uma tacinha à tua saúde, Camilo.

Às vezes, sabe-me bem um bocadinho de espumante, bruto, de preferência. É claro que não tenho acesso aos bárbaros sabores da "Viúva Cliquot" e por isso contento-me com a marca branca do Pingo Doce. É bem bom, aliás e fresquinho bebe-se muito bem. Um golinho para mim e outro para o lombinho do cachaço que o recebe de costelas abertas. Tantas bolinhas! Que rico.

Guardo os meus livros da faculdade num velho armário que trouxe de França e passo todos os dias por eles. Às vezes espreito para me lembrar ou por necessidade. Os livros de linguística, o Chomski, a teoria da literatura de Aguiar e Silva, os clássicos de Hernâni Cidade e Rodrigues Lapa, a História da Literatura de Óscar Lopes e António José Saraiva, a História da Língua de Serafim da Silva Neto e ainda uma gramática histórica e outros tesouros que esperam, talvez, novas visitas. Acontece que por estes dias me pus a ler um belo livro, que bem podia ter nascido mais cedo, na altura em que eu era estudante. "Assim nasceu uma Língua", assina Fernando Venâncio o encanto. Leio com prazer e aprendo, quase me divirto ou pelo menos ando contente de página em página, por via da "Portuguesa língua" e das histórias da história, dos casos e acasos. Um livro a ler e a não perder.

Hoje reli algumas páginas de Raul Brandão, provavelmente leio sempre as mesmas e não acabo, porque é "sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste". E tudo se vai diluindo, encarquilhando e sumindo e entretanto nas passagens acontece a língua e a notação da vila, suspensão do efémero, o delírio dos textos eufóricos.

19

Há que tempos não via um livrinho de José Rodrigues Miguéis. E Carlos de Oliveira? Hoje vou procurar o Carlos de Oliveira e o Nuno Bragança. Ontem à noite, quando arrumava um livrinho na estante, fiquei

triste. Levemente triste e sem sentimento de culpa. É bem possível que não nos voltemos a ver, pensei, é bem possível.

Manhã serena e a pastelaria cheia. Passa a missa na televisão e os casais passeiam, como se andassem "levantados do chão". Olha, aquela menina leva o seu Rottweiler pela mão, parece um cãozinho de água a farejar a vanguarda do exército. Tanta gente de bicicleta, cantando loas, atravessando com cuidado as passadeiras. Hoje é o dia dos assados, vivam as pingadeiras e o arroz no forno, com rodelas de linguiça e paio, se houver. Quem me dera agora uma sopinha de nabos, botava-lhe uma pinguinha de azeite e esfarelava a broa, mexia... Olha o sol do meio-dia, a massa cozida, o arroz frio, meto o pãozinho no forno, que regalo, com manteiga. O jardim continua a passar à minha frente, o jardim e algum vento, a loja das flores está fechada ao Domingo, mas o povo passeia tão bem disposto e silencioso, não se ouve o trânsito nem os nervos, parece não haver pressa, as janelas rescendem, voam os assados, como se levassem tordos ou perdizes, receitas à caçador, o vinho e o molho no vagar das estevas.

Lá vamos nós ressonar a tardinha. Enquanto me entretenho nos braços de Morfeu, o sol declina, nasce a friagem, ó, os pés frios, a manta nos joelhos, um filme de piratas, o monstro marinho gosta das águas frias. Atenção ao leme! Os naufrágios são melhores de manhãzinha, sopra o sudoeste, os filmes aquecem. É tão bom sonhar os piratas do capitão Johnson! A baleia branca está pronta, nasce no fundo do mar, vem ela e a lula gigante, a Costa da Morte é um aviso e no *Capitán* jogamos às cartas. Agora sou eu! Perco a miragem, o olho de vidro não me deixa ver e a garrafa de rum esvazia, estou perdido. Se não fossem as cartas, os mapas, eu continuava perdido e o vento traz os mexilhões, peixe fresco e quase azul, mensagens do outro lado. Que diz a garrafa? Não diz nada. Há uma ilha perdida, há sempre uma ilha perdida e por isso navegamos. Hei, hai, hou, with a bottle of rum!

20

Que belo silêncio
se põe de madrugada
E não é por nada.
Que alegre vem o dia
Ao cabo dessa estrada.
Ando assim.

O sorriso dos ladrões é duplo. Riem porque sim, riem da carteira cheia e riem de estar a ser vistos para que a fotografia observe o fingimento.

Estou gelado, mas já estou habituado. Veio aquele azul translúcido e cru por trás do Sameiro.

Está mesmo bom para ir à praia apanhar búzios e conchinhas e espreitar atrás da duna. Olha, o vento parou, pôs-se quente a calmaria e lá ao fundo no paredão saltam as ondas aos salpicos. Vou apanhar a maré, os barcos, as redes, talvez um ritmo de barco ao fim do mundo. Sigo até haver horizonte e depois é perto, sempre em frente.

Gosto tanto de ir à aldeia, aqueles campos ali abaixo, onde há os muros das quintas e conversas ao fim da tarde. Normalmente trocamos repetidos e vimos de lá muito felizes, como se andássemos a inventar a eternidade.

Megan e Harry a seguir ao intervalo. Sempre estão a vender pizzas?

21

Imagina que estás de férias e que não tens nada que fazer ou imagina antes que o destino não te entregou a sorte da pequena viagem de todos os dias. Não terás nada para ver ou de que falar. Por estranho que pareça, a realidade em movimento parece suspensa ou interdita, como se houvesse um muro e o sol ou a aragem suave e luminosa fossem uma coisa do outro

mundo. Deixa-te ficar quietinho, quase parado, até que as coisas tomem o seu curso normal e os dias alegres e auspiciosos regressem com os sentidos bem dispostos e os silêncios a que te acostumaste. Hoje não dá para ir a lado nenhum e por isso ficas quieto, olhas sem ideias, mas também sem cansaço. Não fiques a pensar em coisas tristes. É só mais um dia e hoje está um pouco mais quente. Não digas mais nada.

Custa um bocadinho a aceitar, mas é assim. Uma parte dos cidadãos passa com escândalo mais ou menos contido na Avenida, observa os plásticos e sente o desaforo, mas a maioria do povo passeia embasbacada, com ar de balão festivo, afagando as tendas e revendo-se no mau gosto.

22

Flipou quer dizer que estacou ou atascou. Ficou ali a zonzar e a tresvariar. Foi o que aconteceu ao Crespos. Flipou com a revolução e nos anos que seguiram ao 25 de Abril o Crespos subia a Avenida, desde as Casas da Caixa ao Nosso Café juntando cada vez mais povo. As vozes gritavam "Crespos ao poder!" e então o Crespos conduzia as massas até ao Coreto, onde discursava sobre as duas intentonas que então se preparavam. A "intentona de Vila Verde" e "a intentona da Faculdade de Filosofia".

Está muito bom para ficar com o nariz atrás da porta. O meu nariz tem alguma semelhança com uma tenda de campismo e eu receio que ele possa levantar voo.

Hoje é dia de livraria e que vou eu encontrar numa bela edição da Antígona? Dois opúsculos de Robert Louis Stevenson dedicados ao ócio. Como pôde este homem escrever textos tão descansados, à sombra das suas "viagens em flor"? Percorreu a Auvergne a pé, andou possivelmente em trânsito no oriente do oriente e conheceu o mar das ilhas Órcades, onde vicejam castelos encantados. Fico por aqui algum tempo, abrigado nestas páginas, a ouvir histórias, como se estivesse à espera do dia seguinte.

Uma bela história traz sempre o seu depois, ali à frente, quando te sentares. Fico a vê-lo passar. Anda rápido o viajante, com as suas pernas magras, brincando com pedrinhas na estrada e assobiando virado para sul ou para norte, depende. Agora segue para Norte e pára um pouco mais à frente. É possível que tome algumas notas e que, mais logo, fique parado e silencioso, à escuta atrás da porta, atrás do vento.

Um belo dia acordas e comesas a andar às voltas. Hoje não tens nada para dizer, meu caro, portanto, ficas caladinho e preparas-te para começar tudo outra vez. Olhas para o lado, ouves rádio e vês televisão, mas não sai nada. Podes falar do tempo, do vírus chinês, do campeonato europeu de andebol. Não falta de que falar, mas chegou o tempo da exaustão e não há nada a fazer. Podes ler, estar mais atento ao que os outros dizem e depois continuas, vais ver. Não te faltarão ideias e ritmos, histórias que tomam forma e muitas coisas que não te tinham ocorrido.

Deixa-te andar, fechas os olhos e quando acordares já muito tempo passou e que belo dia se pôs. De resto, meu caro, está sempre a acontecer alguma coisa e também é verdade que o mais importante não é isso. A literatura precisa de esquecimento. As coisas adormecem, renovam, ganham outras formas e acordam quando for a hora. A novidade não é muito importante. Estamos sempre a repetir a mesma história, a mesma réplica e o mesmo arazoado. Agora, cala-te. Já chega. Estás a perder muito tempo. Enquanto te entretinhas com a ausência, chegaram as primeiras notícias.

23

Comecemos na escuridão. É talvez o lugar mais seguro, pois não sabes o que pode acontecer. A falta de luz traz as coisas mais à beira, algo mais cerquinho, suficientemente disposto na geometria possível ou no lugar destinado à iluminação. Lá fora está a obscuridade, o céu baixo, o tempo que faz, algum frio também. Podes escolher o fogo, preparas o lume, coisa pequena como um círculo de esperança, um desenho no céu, o grito que se prepara para naufragar. A obscuridade traz alguns maus pensamentos. Não sabemos o tempo que faz, não prevemos a mudança da hora, o lugar em que

tudo pode regressar ao caminho traçado, a via segura do mapa ou da estrada. Começa por seguir essa estrada e então poderás encontrar a luz suficiente, o desenho necessário. Só precisamos de luz, quando não vemos, só precisamos de música para animar o silêncio.

Olha! Prepara-se o nevoeiro, para lá ficam as terras escondidas e depois as terras encantadas. Não te esqueças da obscuridade, foi por isso que deste início ao movimento e foi por isso também que a manhã abriu um pouco mais tarde e então surgiu a claridade, tu não querias acreditar, mas a claridade nasceu por encanto. Foi sorte, embora acreditasses. Agora podes ir um pouco mais longe, imagina as paisagens que puderes e depois andarás perdido e cantas, mais perto, mesmo à beirinha, na geometria possível ou no lugar destinado à iluminação.

É preciso ter cuidado, vê lá, é perigoso ter opinião, podem prejudicar-te, depois queres fazer alguma coisa e não te deixam, fecham-te a porta. É assim por todo o lado. Os grandes é que mandam e as fronteiras do império são largas, os exércitos cegos, as polícias olham com mil braços, são hidras de lama, cheiram o sangue, como se fizessem análises de ADN. Se estiveres caladinho, talvez escapes, talvez te deixem em paz ou se esqueçam de ti. Tens grandes vantagens, verás que tens muitas vantagens, andarás sossegado, embora possas ser atropelado, ias demasiado calado.

Houve realmente um desaguisado lá na escola, hoje de manhã, que provocou um ferido ligeiro. A CMTV conseguiu chegar antes da agressão.

Cai um pouco de sol no meu terraço. Já o tinha visto há pouco a espreitar da Penha. Se houver teias de aranha junto ao alecrim, hão-de ter gotinhas penduradas e com este sol, o meu pequeno bosque vai começar a dar florinhas.

Oiço Schubert a morrer d'amores ou estarei a comer uma madalena, só não estarei com a rainha de Inglaterra. Questão de gosto numa tarde ao sol posto. A rima deplorável parece intragável.

Andava um jovem muito eufórico a cirandar na bomba de gasolina. Deambulava por entre os depósitos e pedia alguma coisinha. Se quiseres uma garrafinha de água, eu dou-te, diz a cliente. Pode ser com gás?

Venho a fugir do frio. Sei lá o que há debaixo daquele chão? Talvez um rio. Desconfio. Se não é rio, são águas paradas. Mantas, cobertores, aquecedores, tudo isso não vale nada.

24

Este calorzinho é bom para pousar a cabeça e alguns cansaços. Aos poucos adormeço e o ar quente eleva-se, fica a pairar mais alto, da altura dos sossegos. Desenho então um sorriso largo de nuvem em dissipação e talvez possa chover uma água esparsa, algumas pingas, como as deusas da ginástica.

Com a venda do património, vão-se os anéis, mas também se vão os dedos.

25

Chegar ao Porto e perder-me. Aqui é a Foz de Raul Brandão e amanhã talvez possa assistir ao pôr do sol, o mar de mil cores e as ruas que vão caindo sobre a Ribeira.

Gosto de ouvir a cidade a acordar. Primeiro os autocarros, depois as pedras e os bêbados.

Acordo a debicar algumas penas entre o céu e a terra. De onde vem o horror ao património, vem nascido o amor às aparências.

Ergue-se a Torre dos Clérigos num lugar chamado in illo tempore "Adro dos Enforcados".

Na Sé do Porto, a Senhora do Ó tem o nome de Nossa Senhora da Expectação.

Consegui chegar vivo ao Miradouro da Vitória. Estou indeciso entre ir de Pégaso ou chamar um Uber.

Chegámos ao botellón das Virtudes.

26

Sob um velho carvalho, junto ao Hospital de Santo António, ergue-se a figura em bronze de Júlio Dinis. Julgo vê-lo ou revê-lo com ar pastoral e aquele aspecto indefeso de quem andou a sonhar as receitas das Frigideiras e os ímpetos da "Morgadinha dos Canaviais". Um pouco mais à frente, o grande Camilo afaga a sua pena, apesar da estátua e das injustiças e apesar também do prato do dia no "Rei dos Galos de Amarante". Hoje hei-de subir a Torre dos Clérigos e observar as obras de restauro e aquela imagem sobre os telhados e as clarabóias. O mundo suspenso, o movimento das gaivotas, como no filme de Hitchcock e depois os azulejos da Sé, os tricórnios inventados entre festões e lazer, o passeio dos nobres, os retábulos da Sé e a ladainha dos pobres. Hoje a fome chega de Sevilha e por isso a esmola está um pouco mais cara e na Ribeira suplica-se pela ementa e apesar disso a chanfana de javali está muito apurada, é comida dos pobres, animal velho, que já não pode trabalhar.

Ninguém passa indiferente junto à estátua da "Ramalhal Figura". Altivo e inchado, com aquele seu ar de pistoleiro das "Farpas" pendurado no monóculo.

O "Café Piolho" muito cheio de conversas e uma grande agitação até à porta. Desfile de personagens e histórias na parede. Que bem se está, e no meio das conversas a agitação da História, a noite perdida.

Obra-prima da talha barroca na Igreja de São Francisco. O excesso aproxima o desenho da fealdade. O barroco de Braga, à beira disto, parece coisa leve de passarinhos.

Cozido à Portuguesa na "Casa Manuel Alves", na Fernão Magalhães. Boa comida, sem dúvida, mas a festa é o desfile de personagens, o falar à Porto e o rodopio dos empregados enlouquecidos pelo serviço. Uma história por cliente, um gracejo, uma rima, uma dose para três. Atenção! Há tripas à quinta e ao fim de semana.

Para quem gostar de natas, a "Manteigaria", na Rua dos Clérigos.

A miséria, a fome e a doença, a falta de água, a falta de tudo, o horror na vida das crianças e os negócios bem explicados em inglês por quem pode e manda na Baía de Luanda. Infelizmente é verdade ou tudo indica que é. São demasiadas as evidências e os testemunhos.

Miguel Torga tinha alguma razão, quando falava de Braga e "dos seus pobres monumentos". Uma certa mania das grandezas acabará por cegar a razão e turvar o olhar. Podíamos ter aprendido a elevar a nossa pequenez à sua verdadeira dimensão e talvez fôssemos grandes por sermos da altura do que vemos.

O livro como lugar de meditação. "Uma semana nos rios Concord e Merrimack", com Henry David Thoreau. Observo as margens e as correntes, subo até à origem ou até à fonte, procurando compreender os lugares onde nasceram as cidades. Os rios têm vida própria, trazem lembranças e projecções e um tempo de escuta que se vai desdobrando com a mudança de vegetação e o modo como inclinamos o olhar e nos pomos a observar os movimentos.

27

Depois de ter visitado Auschwitz e Birkenau, fiquei algumas horas sem falar. As palavras tinham desaparecido e ficavam os corvos, os que pairavam em

Birkenau e os que poisavam no chorão, à entrada do Campo de Auschwitz. A nossa guia tinha um olhar muito fundo e experimentado na história dos avós, uma água que lhe trazia a voz embargada. Senti-me um pouco melhor, quando me sentei na Igreja de São Francisco, em Cracóvia. Não era a "Pavana para uma Infanta Defunta", mas eram anjos a cantar e silêncios que se perdiam no alto.

Continua em construção o Mosteiro Trapista de Palaçoulo. Espero que as santas águas e os abençoados cereais dêem à luz aquelas maravilhosas cervejas de que se fala.

28

Eu já sabia, pois alguém me tinha avisado. Em Auschwitz não há pássaros. Passei uma parte do percurso a olhar para o céu. Os choupos oscilavam junto às casernas. Vi uma borboleta à saída e um pequeno pardal a passar a frase "Arbeit macht frei". Não vi mais nada. O céu de Auschwitz era um lugar abandonado.

Leio a expressão "orgulho rústico", a propósito da poesia de Yeats. As únicas pedras com alma que reconheço sobrevivem na poesia de Pascoaes.

Enfim, cada um pensa o que pode ou sente o que tem, mas as primeiras impressões de leitura dos "Cadernos de Bernfried Järvi", de Rui Manuel Amaral, levam-me ao "coro" do "Húmus", de Raul Brandão. Que disparete, pões-te agora a desenterrar influências, como se andasses a falar com os mortos! Não, não é nada disso. Estou a gostar muito da leitura. Até agora, um espanto.

Em língua de marinheiros, ir para o caralho significa ir passar uns tempos ao cesto da gávea, no alto da vela, digamos.

29

No tempo em que eu fazia experiências meteorológicas, o coradouro do terceiro andar parecia o estendal da seca do bacalhau. Lembrei-me disso, porque era muito fresquinho e engraçado ver as roupas de manhã retesadas ou mesmo tesas. Depois da geada vinha o sol e a roupa ficava a corar. Entre uma coisa e outra pegava-se aquele cheirinho a rosas do outro mundo.

Ao fim de semana é diferente, mas à semana gosto de escrever os dias com um tracinho ao meio. Prefiro as palavras ligadas, com aquela espécie de aproximação que lhes dá o hífen. É assim a vida. Porquê? Não posso? Era o que mais faltava.

Na bomba de gasolina

Acabo de comprar uma garrafa de gás, caríssima, por sinal. Em Espanha o gás é muito mais barato, mas o nosso deve ser especial, provavelmente uma Reserva do Varosa ou, no mínimo, um elixir da Raposeira. Segue-se que a menina da caixa olhou para mim como se estivesse a ver um tipo da idade do Camões ou mesmo do Gil Vicente. Precisa de ajuda? Não, não, menina, obrigado. Para já ainda posso. É bom sinal, é bom sinal. Lá isso é. Vamos teimando, não é verdade? Só me faltou acrescentar que era um dia de cada vez...

Há muitas maneiras de passar o tempo, umas mais húmidas do que outras. É o caso dos observadores das obras. Hoje só de galochas. A aragem desfaz-se em água e não há palmo, tufo ou bueiro que escapem. Passemos então a tarde no meio do impermeável a ver as obras, as máquinas a rugir, a estrugir, o alcatrão a ferver, olha que buracão, já viste o catrapilas, a confusão, vai sair daqui uma estrada, uma ponte, uma grande construção e depois da obra, chegando a tardinha, come-se uma sopinha, chinelos ao dedo, novela a preceito e amanhã há mais.

Não tenho a matéria em cima da mesa nem em lado nenhum. Anda por aí à solta. Às vezes fica um verso, desprende-se ou cai simplesmente. Posso olhá-la como um borrão, um traço fundo de coisa ferida, imagino que é um

grito e caio ou levanto-me. Demoro algum tempo no registo ou na observação. Posso talvez espantar-me com a incisão do traço e pergunto que é isto ou por isto, mas a linha continua indecisa, devo esperar mais um pouco. Olho com má vontade o sentido disto. Que me importa? Se devo continuar? Sei lá, se devo continuar. Tenho poucas palavras para tomar conta das impressões e sei bem que dentro de pouco tempo vou parar.

Não foi nada, seria talvez um sinal, coisa próxima que vinha cheirar um argumento, procurar-me como se eu fosse um silêncio. Ah, se eu fosse um silêncio e pudesse dizer um pouco mais ou um pouco melhor o que me intriga. Chego ao fim da linha e ao fim da página, chego ao fim do dia e a mesa está vazia, uma leve impressão no ar, sinal do dia, uma água fria e o ritmo desespera.

A morte é um pássaro
um ramo verde
qualquer coisa
que anoitece e se distende.
Vês as folhas do freixo?
São as primeiras a aparecer.

30

É difícil escapar ao "Programa da Cristina". Ela está em todo o lado e às vezes no meio de nós. Felizmente venho sentar-me ao balcão do Café Penalty. A dona coxeia com ar de Senhora do Tempo, a locutora guincha gargalhadas histriónicas e eu sinto-me meio encantado na manhã de neveiro.

O ovinho estrelado esparramou-se todo. Que fazer? Ora! Estrelas outro e desta vez ele há-de levantar a crista, marelinho como um sino e depois aquela franjinha branca entre carnuda e estaladiça a esbordar pela frigideira. Que rico! Com um bocadinho de arroz aquecido é um regalo.

A imaginação é descontínua. Sinto-a no vão de escada e outras vezes alçada. Entretanto chove e tudo se mistura. Ocorrem imagens e viagens, coisas que eu li em outro lugar e sinto-me a escorregar, chamando por ela, como se já não me pudesse salvar. Agora poisa perto de mim, na calçada, uma pomba. Deve ser estúpida, como a outra, mas que hei-de fazer?

Bom dia, Chefê. Trago-lhe os papéis da reforma. É verdade. Dói-me as costas e a voz já não me sai como dantes. São muitos papéis, uma chusma, uma resma deles, paletes, enfim. Tanto papel e eu cheio de sede. Sim, os papéis da reforma não pesam nada. Faço aviões e eles voam e caem ao chão. É como eu. Adoro papel, não há dúvida. É tão leve, tão suspenso o papel, leva a nossa vida nas asas e nós voamos, como se fôssemos esse sonho de papel e não pensamos que podemos cair.

O teatro põe-me muito bem disposto, mas as máscaras incomodam. Umas riem a fingir tristezas e outras choram de suas certezas. Seja como for, não há maior susto no mundo do que um mascarado a sair de surpresa no caminho. Que é isto que não se vê? Diabo ou sortilégio, sorte ou prognóstico?

31

Fim de semana em residência artística. Ensaios, refeições, um breve passeio nos jardins e "A Casa de Bernarda Alba" acende as luzes. É noite, será sempre noite e a tarântula sobe pelas paredes. As garras de Bernarda tudo alcançam e os seus olhos porosos estalam com os indícios e os vícios, vêem o que não vêem. Pobres raparigas condenadas a oito anos de luto na desolação da planície, o silêncio que arde, o poder envenenado das terras sem água, poços a ferver dos céus inclementes, a guerra surda dos sonhos, os pobres quartos despídos de intimidade, exangues, os sonhos escoiceados, o cavalo louco. A rapaziada diverte-se no olival, os ganhões cantam e embebedam-se, a tirania é cega, cheira a podre. Dona Bernarda Alba aproxima-se do crime, cheira a morte e La Poncia tudo sabe ou imagina. Ó, Adela, minha pequena e pobre Adelita! Que será feito dos teus vinte anos? Porque choras tão só? Como cheira bem a madressilva!

Sobre uma fotografia de Luis Carvalho

Acabo de ver muito solto, quase lânguido, um arrozinho de feijão vermelho com grelos a fugir pelo prato fora. Acompanha-o um elegante filete de bacalhau. Que trabalho para o comensal! Não fujas, não fujas, anda cá que és meu. Viva Portugal.

Não tive muito tempo para assistir à festa do Brexit, mas pareceu-me sensaborona e meio pálida, entre esgares e dentes amarelos.

FEVEREIRO

1

Hoje a Inglaterra acorda com os seus navios a demandar as terras novas e as águas do Império roendo a Cornualha. A rainha recupera a juventude e o príncipe há-de, com sorte, educar os pares e a ínclita geração. Hoje a Inglaterra vai comer bifés autóctones e limitar a passagem das nuvens ou expor a literatura ao smog da manhã. Hoje a Inglaterra não saberá muito bem o seu nome, mas talvez se atreva a subir as colinas e montanhas da Escócia, em busca de uma aventura, de um vento ou de uma vitória das Terras Baixas. Hoje a Inglaterra dedicará a manhã a limpar as ruas de bandeiras e desperdícios e haverá cerveja barata e fish and chips distribuídos às massas à entrada das pontes no Tamisa e em todos os rios que possam ainda navegar o "coração das trevas".

Janeiro quente
 e pássaros ao alto.
 Há um ar de eternidade
 no céu cinzento e dolente.
 Há pouco ouvíamos cantar as nove
 era o vento e era a noite
 iam desejos pelas árvores despidas
 e na meditação da manhã
 alguns conselhos clássicos.
 Um dia e depois outro dia.
 Hoje foi assim.

Às vezes entretenho-me com palavras que já não ouvia há muito. Pode acontecer que elas apareçam por força de um desígnio, num acaso da observação. Há pouco reparava numa madeixa de cabelo separando-se do tufo, com ar de corropio e apateceu-me chamar-lhe um carrapicho, embora me tenha ocorrido também corropicho e carrapito.

Escrever é pensar, mas é um pensamento inscrito no corpo, coisa que se imagina e se respira no lugar da existência. Os conjuntivos levam-nos além da dor, pouco depois do canto nascido, espécie de bruma na terra das coisas.

2

São melros de Janeiro, cantadores e bailadeiros. Eles sentem um calorzinho durante a noite e põem-se a cantar. Às vezes, o melro do perto responde a um que está mais longe. Este último confirma, como se fosse o fim de um eco. Depois, oiço frases ao perto que desconhecia. Os melros parecem corvos felizes.

Está um calor levezinho, parecem gotas de sol que vêm molhadas da névoa e dos vapores.

Não se esgota esta água que me chega aos olhos. Vem da memória e das fontes, mas é uma dádiva dos actores, do seu corpo pensativo mudado em rumor, "rumor branco" e limpo, que não pára de correr.

3

Estamos aqui sentados e bem pode ser a meio da noite, num dia qualquer. Falamos dos rumores da terra, porque a esta hora ouve-se este silêncio. Uma porta a abrir e a música de Bach. Parece suave viver assim o momento, parece que o instante se levanta por uma razão de harmonia. Nós somos o coro e acabamos de acordar neste espaço vazio. No entanto, dizemos que aqui é o mundo, junto aos bichos da terra e às coisas desfeitas e carcomidas, o pó que nos vem salvar. Espalham-se gritos nessa poeira, a pequena luz dos pirilampos, a alegre reunião dos elementos, o que há-de ser fruto e alimento para as nossas almas. Tudo parece triste e depois mudam as cores e nasce o movimento, renasce o destino com o seu grito inicial.

Antes de mais uma longa fila. Há que esperar. É claro que nestes preparos a gente vai ficando mais susceptível, um pouco nervosa ou até ansiosa. Havia duas meninas atrás do balcão, com aquele jovem ar de iniciadas, que acompanha muito bem a lentidão dos gestos e das operações. Eis senão quando irrompe a patroa. É uma mulher forte, maciça e atarracada, de voz bem colocada e olhar habituado a entender comportamentos e expectativas. A sua

voz de trovão ecoa pelo salão e corredores, as meias de leite até fazem pião. Preparo-me para o pior. A chefe farroncava, fazia inchar as carótidas e alçar os gorgomilos. As pobres estagiárias tremelicavam mal sustendo as chávenas e os bolos de arroz. A páginas tantas oiço em tom de brado... Quem quer tomar só café?! Eu, eu, respondo logo. Chegue-se aqui, meu amor, vá, tome o cafezinho que se não fica frio, mas não fuja, olhe que a máquina apita. Paga depois, vá, agora tome o cafezinho enquanto está quente. Fiquei espantado e desarmado com a revelação. Que lindo! O café até me soube melhor. Parecia mel, almíscar, amêndoas voadoras, sei lá.

4

Às vezes dou por mim a reler o texto conhecido, aquele que vem lembrar uma paisagem sentimental, um excerto apenas, como se fosse um pedaço de caminho, a pedra onde gosto de me sentar para olhar a mesma paisagem de sempre. Releio hoje de manhã as primeiras linhas de "A Queda da Casa de Usher", de Edgar Allan Poe. A notação das ruínas, a impressão da decadência e uma espécie de dor que me olha vinda do declínio ou da morte, que ainda se encontra de pé, como um bafo ou um sopro de tempo.

Fui buscar "A Cripta dos Capuchinhos", de Joseph Roth. É mais um texto encantado pela arte de contar. Regressamos a esse mundo a perder-se, o velho Império Austro-Húngaro ainda sonhado e bebido nas noites de fumo e boémia e depois o monstro nascido nos horrores da guerra e do descalabro político.

Sinto os meus olhos cheios de sumo, rubicundos e alaranjados só de olhá-las. O que fazem laranjas! São nove as laranjeiras perfiladas frente ao vetusto Convento do Pópulo. Gomes da Costa, o Marechal, desce do cavalo, inça o peito e põe-se a olhar para os lados de Amares, sonhando sumos e refrescos no intervalo das trincheiras.

Às vezes, sinto a cidade pesada e barulhenta, como se estivesse inchada de azáfama. Hoje os gases andam baixos e o calor incomoda as roupas de

inverno. Estão a acabar os terrenos de Lamações. Há mais uma grua, mais um prédio para erguer, mais trânsito, mais barulho. Não vai há muito, havia um pequeno tanque junto à variante. Eu passava perto do muro, nos meus passeios da noite e punha-me a escutar as rãs. Nascia desse momento uma concentração no pequeno espaço, os círculos da água, o céu alto e sossegado, as gentes que passeiam sem barulho. Não sei o que é feito do pequeno tanque, estará talvez escondido além do arame farpado.

5

Cheirar o ar condicionado, entrar no gabinete e ficar a olhar pela janela... O campo verde, limoeiros, florinhas tenras a despontar, uma quase écloga a saudar o meio-dia.

Diz a minha mãe, vou pôr este casaquinho, é muito bonito, fica-me muito bem. Precisava de pôr uma coisinha no pescoço. Já sei. Um lencinho. Este não, este também não, olha este, mãe, é tão bonito. Não, não, é muito barulhento. Gostei da expressão. Como é que um lenço pode ser barulhento? Mirei-o bem. Era realmente muito barulhento no desenho, nas cores, quase fauvista. Tens razão, minha mãe.

6

Durante todos estes meses de trabalho a tentar habitar "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca, senti um grande amor pelo drama, a construção das emoções como arquitectura e um levantar-me respeitosa-mente perante a dor humana.

Tenho um caso com o arroz de polvo. A história começa por uma espécie de desamor. Naquela altura, era eu um juvenzinho, só de ouvir a palavra ficava agoniado. Imagine-se então o que poderia eu sentir quando confrontado com a fumegante travessa daquele arroz cor de rubi pejado de ameaçadores tentáculos do cefalópode. O pior, no entanto, era o cheiro. Aquilo pareciam

eflúvios nascidos de alguma gruta marinha habitada por monstros pestilentos e alimárias, produtores de uma espécie de bilis nascida nas negras fontes do Hades. O que é certo é que eu ficava em estado pior que cataléptico, amarelo e assustado e quase implorando que me dessem por sufrágio um ovo estrelado.

Felizmente, vivia rodeado de uma amorosa família, que perante os terríveis assomos de visícula e fígadeira me fazia aparecer à parte um santo bife acompanhado por arroz branco. Vivi nestes preparos durante alguns anos, de certo modo confiante num futuro sem polvo, mas também sem lulas e todo esse tipo de bicheza nauseabunda do reino de Neptuno. Um dia pregaram-me uma partida e foi então que dei a volta à vida.

Cheguei à hora do almoço à casa paterna, cheio de apetite, como era costume. Reparei que pais, irmãos e até a empregada me olhavam com um misto de bonomia e compreensão. Chegaram as travessas cheias de panados e eu alambuzei-me, lambi as beiças, imagino, repeti, pois claro e devo ter exclamado. "Que bons panados, tão tenrinhos". De repente, nascida não sei donde, soltou-se da mesa a gargalhada geral. É claro que eu, habituado como estava à análise de texto, logo percebi que tinha acabado de comer filetes de polvo. Apesar do que aconteceu, ainda me mantive enjoado mais algum tempo, até que um dia, já ia alta a noite, a Leonor chegou da cozinha com uma luminosa travessinha de arroz do dito. Comi e que bem me soube, mas também fiquei curado do enjoo para todo o sempre e hoje, quando o senhor dos tentáculos me aparece pela frente, chamo-lhe um figo.

Ninguém melhor do que Shakespeare, o divino perscrutador da alma humana, o indagador das noites do mundo e dos corações, ninguém melhor do que ele nos mostrou que "as aparências iludem" e que "quem vê caras não vê corações". Num certo sentido, a lição de Shakespeare ensina-nos alguma prudência nos modos e nos ímpetos e, sobretudo, alguns cuidados nas conclusões a tirar dos sinuosos sentidos da expressão e das suas variações, às vezes límpidos como as águas de Hipocrene e outras turvos e sibilinos como um ninho de bruxas.

Há pouco esperava a minha vez na caixa multibanco e havia uma senhora de meia idade a tratar das suas contas. Não demorou muito, aliás, mas reparei que vinha de mãos vazias e o olhar quase triste ou desalentado. Se

calhar, não lhe depositaram o dinheirinho prometido, se calhar. Que sei eu? Senti-me um bocadinho triste, mas não sei se foi só da imaginação.

Se eu soubesse onde fica o eixo da terra, encostava a cabeça lá no alto e ficava a andar às voltas, com aquela velocidade estonteante, de mãos dadas com a gravidade e a olhar em sossego o infinito.

Para os meus amigos Alberto Jorge Silva, Luis Carvalho e Rui Mangas

Hoje à noite comi "Bacalhau à Braga", no Alecrim. O restaurante fica no Areal de Cima, em frente à esquina do quartel, a olhar à esquerda o carreiro que segue para o Convento de Montariol. Ó, meu querido Frei Augusto, tu é que sabias! Um dia, algum tempo depois da morte do meu pai, fui ter contigo. Pegaste-me na mão e massajaste os cotos, as costas, os carpos e olhaste para o meu sangue. Estavas a ver como era a minha vida e lembro bem as tuas palavras, tu trabalhas muito, meu filho, e deste-me um frasquinho de aloés e acho que me diseste para ter juízo. No Alecrim, o bacalhau chegou com um brilhozinho de fritura refastelada e na travessa um pouco de molho, entre a cebola estaladiça e fragmentos de pimento. As batatas vinham fritas às rodelas, muito frescas, com ar de brincos de Viana, sequinhas, pele curtida pela fritura. Muito bom, não me enjoou, não me pôs a cheirar a fritos.

7

A vidinha lá vai andando, mais ou menos nos carris, às vezes pela "direita estrada" e outras vezes nem por isso. Eu confesso que tenho algumas saudades dos velhos "tempos da Geringonça". Isto está a ficar uma pastelice. Agradecia aos meus amigos de direita que não me viessem azucrinar a cabeça com provocações de meia tijela e malcriadices. De resto, venham as críticas, as notações e as sugestões, as belas coisas que podemos dizer e também o humor, ó, sim, o humor.

A Câmara Municipal de Braga pretende concretizar a venda da "Confiança" no dia 14 de Fevereiro. Quando? No dia de São Valentim? Enquanto se encantam os namorados? Abrenúncio! Que triste ideia. Parece quase uma ofensa ao calendário.

8

Hoje, dia 8 de Fevereiro, o público e os amigos reúnem-se em volta de Manuel Resende. Bem hajam o poeta e os leitores, bem haja o Rui Manuel Amaral que ajudou a trazer até nós a "Poesia Reunida" e "Uma pequenina luz bruxuleante/ não na distância brilhando no extremo da estrada/ aqui no meio de nós e a multidão em volta/ une toute petite lumière/ just a little light/ una piccola... em todas as línguas do mundo" (Jorge de Sena).

Que podemos nós fazer para que o espectáculo nos corra bem? Temos tudo prontinho, ensaiámos como deve ser. E agora? Diz-me a experiência que, em dia de estreia ou de espectáculo, os actores devem juntar-se, algumas horas antes da função, de preferência. A respiração comum, as peripécias engraçadas que sempre acontecem, os chamados nervos a começar a roer entre o estômago e o coração, a partilha da angústia, um leve abandono e talvez o grande Dioniso descendo com a sua noite encantada nos venha abraçar e desejar muita merda.

Fico um pouco triste, quase condoído, quando olho para aquele restinho que ficou na garrafa. Deve estar bom, bem respirado e vai-me saber tão bem, mas é pouquinho. Nestes restos maravilhosos, neste fim de garrafa, poderei beber, talvez, uma lição para a vida. Por pouco que seja, não abandones esse bocadinho no fundo da vida, bebe-o até ao fim. *Carpe diem and night.*

9

Que silêncio! Agora os amigos já vão dormindo e outros saindo. Há pouco via passar os morceguinhos do jardim. Por aqui há uma certa paz.

Estou a chegar da estreia. Correu tudo muito bem, tenho sorte. Trabalhar com um grupo de jovens atrizes assim é realmente uma sorte. Coisa rara, portanto. O meu trabalho é deixar fazer essa "liberdade livre". Quanto ao rigor técnico, à seriedade, concentração e ao exercício da memória focada nos pormenores, maravilha! Por isso vou dormir encantado, embora pudesse perfeitamente andar a passear nas montanhas do Irão ou a estudar princípios elementares de pirataria. Boa noite a todos, com céu parcialmente nublado, mas com boas abertas espectaculares.

Portugal também é um país de folhados, de bons, saborosos, variados e engraçados folhados. Hoje reparei nas pastéis de Chaves do Albano. Hummhh, têm bom aspecto! É certo que quem vê as estrias do folhado por fora, não consegue aperceber-se do estado geral da coisa lá dentro, principalmente do picado. Bom, já que estou em maré de folhados, é bom lembrar os pastéis de carne da Lusitana. Pergunto à minha mãe e ela vem lembrar-me também o Luxa, no Campo da Vinha. Ai, é uma boa pastelaria. Lá é tudo bom. Quanto às "Frigideiras do Cantinho", essas já são famosas desde os "Serões da Província" do senhor Júlio Dinis.

Como se não bastassem as emoções que tenho vivido nas leituras, ensaios e agora nos espectáculos d' "A Casa de Bernarda Alba", de Lorca, dou por mim hoje à tarde a rever na RTP2 o maravilhoso "Cinema Paraíso", de Giuseppe Tornatore. Uma das mais belas evocações do cinema, a visitação de um mundo em esquecimento. Alfredo, Totó, os meus heróis, como se não houvesse partida para lugar nenhum, apenas um filme e a casa, este pequeno paraíso tão belo e humano, tão comovente.

10

As línguas renovam-se, reinventam-se por todo o lado. Às vezes num ímpeto que atravessa fronteiras, outras vezes quedando-se na terrinha ou mesmo só no café. Estou convencido que há algumas expressões e modos de dizer que são mais ou menos daqui ou quase só se ouvem por cá. Normalmente são acontecimentos da língua mais falados do que escritos. Adiante... Continuo a

lembrar-me, desde ontem, de uma frase que o meu pai repetia quando queria regozijar-se com alguma coisa ou referir um objecto que sobressaía pela sua qualidade e pelo prazer que proporcionava. Se uma comida era muito boa, "estava de estalo", como aquele champagne "que era de estalo". Era só isso, mas também fiquei a pensar que daí para cá as coisas evoluíram muito e que há belas expressões, que bem podem ser à moda de Braga, que só poderiam ter sido inventadas por ocasião da explosão tecnológica nas comunicações. Imagine-se, pois, o cidadão já em estado alquebrado, sujeito àquela fase de pesadume que sobrevém às lutas refeições. De repente, um vórtice, a seta do tempo a bater nos intestinos e então o cidadão levanta-se e, com autorização do fígado, dispõe-se a desafogar o bolo alimentar. Exclama o brácaro, "vou ali mandar um fax e já venho".

Sala cheia hoje de manhã. Éramos à volta de 200 no Auditório Sebastião Alba para assistir a mais um espectáculo, com as jovens actrizes do Grupo "8 e 80", que levam à cena "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca. Fiquei apreensivo, pois me lembro muito bem de tempos em que era preciso mandar calar os engraçadinhos e arruaceiros ou interromper o espectáculo e convidar os insurrectos para saírem da sala. Entretanto continuaram os espectáculos, muitos espectáculos, alguma formação, salas bem compostas e o público da escola tem vindo a tornar-se exemplar. Hoje senti-me orgulhoso. Houve silêncio, concentração, respeito e consideração pelo trabalho das jovens actrizes durante uma hora e cinquenta, sem interrupção. Ninguém saiu quando tocou para o intervalo e o espectáculo foi até ao fim, até às palmas, como devia ser. Sinto-me muito feliz.

11

Estamos a fazer pequenos trabalhos de adaptação. Escolher uma narrativa, de preferência um conto, e adaptá-lo ao espaço físico de um palco. Perguntam-me alguns alunos hoje de manhã, mal acabo de entrar na UM, podemos fazer uma adaptação de um conto de Manuel da Fonseca? Por momentos fecho os olhos e viajo. Sorrio também. Manuel da Fonseca? Claro que sim. É um grande contador de histórias.

Há muitos anos, quando vivíamos na Casa da Avenida, os amigos caçadores ofereciam-nos muitos tordos. Às vezes já vinham depenados, o que era uma espécie de sorte quase milagreira. Não sou especialista, sei apenas que é uma ave migradora, que se desloca de Este para Oeste. Vêm em bando como os estorninhos, embora esta maravilha alada goste de poisar nas oliveiras para debicar as azeitonas. Sempre me intrigou a expressão "caem como tordos" e julgo perceber que a sua origem tem a ver com o facto de eles se juntarem em grande número nas ramagens. Ora, dada a situação, um tiro de cartucho é bem capaz de atingir uma grande multidão. Hoje comi arroz de tordos feito pela minha mãe. Que bem me soube! Não é só aquela carinha escura, saborosa e compacta, é também o arroz. Que mistério é este dos tordos que transforma o arroz carolino num remédio para o apetite, com aquele brilho, aquela gordura, aquele cheirinho que andou voando desde as estepes?

12

Um destes dias pensei na bela árvore que o Padre António Vieira nos apresenta no seu maravilhoso *Sermão da Sexagésima*. É claro que a árvore de Vieira continua viçosa, elevando o seu corpo nos ares e espalhando as sombras. A árvore, com o seu sistema de raízes ancoradas na terra, o tronco qual pilastra ou sólida coluna grega, os braços com suas extensões e a graça das folhas e frutos, essa árvore também nos é apresentada como alegoria do belo texto e da rigorosa orquestração de gramática, retórica e estilo. O texto-árvore! Enquanto assim cogitava, apareceu-me no pensamento uma outra realidade, aparentemente mais complexa. Agora já não eram as apumadas e fasciculadas raízes, mas antes o complexo e eléctrico rizoma, reino de ligações, de sistema integrado ou de estranhas realidades paralelas em conexão ou em aparente estado terminal em vias de renascimento.

Tais pensamentos trouxeram-me o nome de Gilles Deleuze, o filósofo e pensador francês, que nos deixou em 1995. "O século será deleuziano" dirá Michel Foucault, também ele filósofo e, na minha opinião, um grande escritor. É bem possível que Foucault tenha tido razão. Deleuze interpretou as navegações ou as novas navegações deste tempo e viajou no seu rizoma delirante, como um disco voador ou um sinal que desaparece e se mostra

alterado, às vezes transparente outras vezes inóspito, num lugar diferente do espaço-tempo. Navegamos entre rizomas, desconcertos e movimentações, entre a oculta e frágil iluminação. Os textos-árvore, com as suas raízes bem fundadas na terra das tradições, com a sua hierarquia louvando os céus, continuarão viçosos pelos tempos fora. Os textos rizomáticos, no entanto, levantam a obscuridade, viajam na imensidão dos seus delírios provisórios, pulsam como um coração extenso, uma alma insondável, mas também rígorosa, febril e imprevista.

13

Gosto muito da chamada comida de tacho e também acho que há certos cozinhados que devem ser postos na mesa dentro do tacho. É uma forma de manter os vapores e os eflúvios concentrados até ao fim, até àquele momento tão especial em que a tampa se levanta e os aromas nos inebriam dilatando narinas, pele, poros e até alguns sonhos ou projecções. Gosto dos estufados dentro do tacho, das feijoadas e de algumas massas de acompanhamento robusto. Até gosto de ver o tacho do arroz na mesa. É claro que não tenho nada contra as travessas.

Há tantas maneiras de esbofetear alguém! Ele é o estalo, a galheta, a muito francesa taponna, a bofetada, claro, a chapada, o bufardo, eu sei lá.

14

Ontem à tarde o espectáculo prometia ser difícil. Tínhamos estado em cena na noite anterior e quando assim é o cansaço e o desgaste acumulam-se e a energia parece que está a entrar na reserva. No entanto, será justamente essa reserva que nos vai salvar. É como se descêssemos ao fundo de nós em busca de águas subterrâneas e respirássemos esse rio profundo e desconhecido. Fazer das tripas coração, meus amigos! Por isso correu bem o espectáculo e resistimos àquele princípio de tarde quente e nervoso, concentrado nas alturas do sol. Foi bom o espectáculo. Teve

ânimo, garra e acerto. Os deuses devem ter ficado contentes e por isso a energia aparecia de uma fonte sagrada e invisível, embora nos doessem um pouco os músculos e as articulações.

O tempo tem andado tépido ou quase morno e hoje reparei que havia uma espécie de sossego e de agitação ao mesmo tempo, coisa levantando-se das árvores, prometendo folhagem e cânticos novos. Era um outro encanto entre os encantos da terra e do céu. Por momentos fico a pensar na Primavera. O freixo já despontou há muito tempo.

Escrevíamos ontem sobre o mui diverso reino do esbofeteação e logo os amigos vieram lembrar os modos da bofetada, mas também recuperar estalancos quase perdidos na memória do léxico e acrescentar outros, eventualmente desconhecidos da academia. Começamos por lembrar estalos, galhetas, taponas, bofetadas, chapadas e bofardos. Depois vieram as maviosas bolachas e bolachadas, a seca lapada, o rigoroso bilhete, as exemplares lamparinas e uma sagrada hóstia. Veio ainda no seu modo malcriado uma puta e logo uma lostra seguida de uma lambada, uma solha, um tapa-olhos, um tabefe e um chapadão. De repente, nascido nos bons intentos da música veio um fá sostenido, um surdo sopapo, dois pares de estalos e ainda os famosos calduços, mais próximos do cachaço, o rigoroso chapo, uma vigorosa costaneira seguida de um banana, um tento, uma laustíbia, um crenque e um croque e ficamos por aqui, porque a estalada começa a virar soco e a generalizar-se a porrada e os caldinhos de polícia.

15

Às actrizes:

Bom dia, meninas. Desejo-vos um bom descansinho no fim de semana e que as horas sorriam e a alegria venha dar sentido às pequenas e às grandes coisas. Foi assim que começámos, lembram-se? A princípio, escolhemos pequenos textos, excertos, passagens de Juan Mayorga, Harold Pinter, William Shakespeare e fizemos também a primeira versão da pecinha "Sala de Entrada e outras Saídas". Depois a pecinha cresceu, o espaço ficava cada vez mais

pequeno, abafava-se e nós tínhamos que fugir dali. Divertimo-nos muito ao longo destes três anos e trabalhámos imenso.

Um dia lemos o "UBU", de Alfred Jarry. Foi a descoberta e o encantamento. Como vamos nós, oito jovens actrizes, fazer este textão com mais de trinta personagens, além do "exército polaco todo"? Grande experiência entre a comédia, a farsa, o burlesco e a reinvenção do "Macbeth", de Shakespeare, no seu modo delirante de desenho animado.

Chegámos, enfim, ao último ano e lemos "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca e o coração logo disse que sim. Desta vez teríamos que enfrentar outro tom, outros modos e andamentos, outro silêncio. Tem sido intensa a viagem, tem sido um mar de descobertas, uma longa e profunda viagem interior também. Tanto trabalho, tantas canseiras, mas muita vontade e união e isso tem aberto as portas de que precisamos para sair da amargura, da cabotinice e do desalento e isso tem aberto as portas desse reino encantado do teatro. Desejo-vos um muito bom descansinho e um cantinho guardado, um pensamento, um sonho esclarecido para os três espectáculos que faremos na próxima semana.

16

Vou olhando quase todos os dias para as mesmas coisas e às vezes esqueço-me disso, do cansaço que seria normal acompanhar o gesto e a atitude que se repetem. Ontem à noite, quando ia chegando a casa, olhei para o pequeno anfiteatro que protege a cidade a nascente. A Senhora do Sameiro está com a touca, pensei, e logo o rifão desatou a correr pela frase incompleta, "vem aí chuva e não é pouca".

Estava-se bem na velha cidade entre muralhas invisíveis, a Rua de São João muito espanhola, a transbordar de copos e de conversas, a Senhora do Leite sossegada, na pequena sombra quase esconsa.

Assisto ao concerto dos "Budda Power Blues" e fico cheio de sede e de alegria. Braga é uma cidade de músicos, de grandes músicos, desde o Centro Académico que é assim, desde o Liceu, por todo o lado, em caves e garagens, nas ruas e esquinas, nos bares. A música resiste e a cidade eleva-se, esquece os desmandos do centralismo, os preceitos da hierarquia, as severidades do bom Deus.

Quisemos fazer oito espectáculos para podermos também perceber na pele como é exigente e surpreendente o teatro. Estamos no reino do directo, o actor no espaço físico, com o seu corpo expressivo, criador e pensativo. Fizemos até agora cinco espectáculos e faremos os três últimos esta semana. O mesmo espectáculo sempre diferente, porque mudam o dia e a disposição, a temperatura e a energia, o número de pessoas na sala, a concentração, a hora do dia, as palmas. O actor alimenta-se da vida, do que está a acontecer e, neste caso, tem uma história para contar. "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca é um texto maravilhoso. Que bom foi ler e reler e decorar.

17

Decorar é saber do coração e quando decoramos coisas belas essa beleza que se desprende e respira acrescenta-se ao mundo e vem habitar-nos. Seremos talvez melhores ou mais preparados para resistir à usura do tempo, ao desgaste dos inevitáveis dramas que nos ameaçam e aos avisos da tragédia que podemos compreender na palavra sábia dos textos antigos. São tão modernos os clássicos, tão antigos e tão vivos.

Interessa-me muito pouco o futebol, sobretudo o espectáculo em volta do jogo, essa propaganda nefasta que invade tudo com as televisões e os opinadores, quais filósofos da bola, inventores de dramas e de casos rocambolescos. Que tédio! Às vezes, lembro-me de uma imagem que trago desde a infância e fico triste. Um homem já idoso, um senhor muito antigo, pobremente vestido, sozinho num banco da Avenida, segurando o transistor junto ao ouvido, escutando o relato. Sempre me senti só, quando penso nesta imagem. Só e triste ou tristemente só. Quanto aos comportamentos do público, aos fenómenos racistas, ao vírus fascista que às vezes põe em delírio as massas no estádio, temos falado.

Tivemos este fim de semana um exemplo suficientemente esclarecedor. Lamento que durante o jogo Guimarães-Porto, por altura dos insultos racistas a Marega, os jogadores de ambas as equipas, mais os treinadores e dirigentes, não se tenham insurgido. Deviam ter interrompido a partida e exigido às

autoridades o isolamento dos desordeiros fascistóides. Eram quinhentos, eram mil? Isso que importa? Deviam ter sido todos postos na linha e, no mínimo, expulsos do estádio. Segundo me dizem, o senhor André Ventura também foi muito tolerante com os arruaceiros, compreensivo com o discurso racista. Devia ser chamado à justiça também. Neste caso, não se trata de direito à opinião. Trata-se de ofensa aos direitos humanos.

18

És um chato, passas a vida a falar das mesmas coisas. Teatro, viagens à volta do teu quarto e das mesmas ruas de sempre, algumas Praças e terras próximas. És um chato, quando falas de política, como ontem. Foi, foi, puseste-te a mandar vir por causa do que fizeram ao Marega e depois, quando não tens mais nada para dizer, falas de comida e às vezes de livros e outras vezes deliras e pareces um fantasma ou, pelo menos, coisa espantadiça, levantada a meio de uma noite desconhecida para o comum dos humanos, que ou bebe copos ou ressona.

Gosto muito de ir à Biblioteca Lúcio Craveiro. Normalmente sigo devagarinho pela Rua Dom Afonso Henriques e há quase sempre uma marezinha que vem subida pela colina da Cividade ou tresmalhada aos encontrões pelas esquinas e ruelas da Sé. No Largo de Santiago mora o sossego da fachada jesuítica da igreja de São Paulo. Olho aquela parede quase lisa, com o seu ar pardo e exigente e já vou sentindo o ar do tempo que sempre vai soprando pela Rua de Santo António das Travessas. Na Biblioteca sinto-me bem. Falo um pouco com os funcionários, oiço os silêncios da leitura e gosto da delicadeza e do bom trato, mas também me comove a multidão de livros e de sonhos, a invenção do dia e da alegria.

19

Hoje a praxe saltitava pela ervagem em modo campestre. As ovelhinhas ruminavam e urravam aos céus e à terra, muito unidas, com modos de falange espartana. Coitado do lobo mau.

20

É dia, há luz, mas brilha o lado obscuro da Lua. Um pouco de noite faz bem ao teatro e hoje entramos em cena às dez da manhã. Oiço o concerto dos Pink Floyd, no estádio de Wembley, em 1974. Agora que estou mais surdo, oiço melhor o "Dark side of the moon".

Não sei que impressões tenho e também não sei o que penso. É uma multidão de coisas. Oiço ainda as obras no primeiro andar, os trabalhos na rua e lá atrás, no pátio, a janela meio fechada, a luz do sol parece verão, o calor é um sonho, o mar vai alto e avança sobre as terras, dizem os especialistas e eu acabo de almoçar, bebo ainda um golinho para espezitar a digestão, tenho o espectáculo da manhã no pensamento e nos ossos, comovo-me um pouco e também leio um poema muito belo de Yannis Ritsos traduzido por Amadeu Baptista e sempre que pude ouvi música durante a manhã, música espanhola, sim e brasileira e agora vou ter que sair, tratar da vida e dos seus assuntos, pequenas andanças no Centro de Saúde, talvez no supermercadinho do bairro e outras coisas que vão acontecer até chegar o fim da tarde, quando a luz declina e a calma se levanta e então talvez possa começar a descansar durante o jantar, enquanto vou falando com os meus amores.

Passo junto ao rio Este em Santa Tecla. Oiço a água e fixo algumas imagens. Agora são as águas do Moldava, na música de Smetana. Imagino outra vez a ponte Carlos e a cidade de Praga regressa com os seus fantasmas, silenciosos como folhas.

21

Imagino uma coisa boa, daquelas que agradam e lembro-me de uma expressão antiga, que se usava muito... "Pelo-me por isso".

Dormi como um justo, toda a santa noite. Eu e o peixe assado. Devemos ter tido sonhos atlânticos, frescos e salgados, algues por entre as altas ondulações bacalhoeiras. Não há dúvida. Dormir muito também cansa. É como a pesca e depois os sonhos enganam. Andam à tona, parecem azuis e cheios de horizonte e calma, mas depois mergulham até aos ermos e abismos de águas desconhecidas.

Às vezes, sentimo-nos eufóricos ou deliciosamente inspirados e pômo-nos a escrever e a tecer loas aos deuses e encómios ao talento. Enquanto escrevemos, julgamos ouvir a plenitude do canto lírico e embora sós, embora sujeitos a um vulgaríssimo ataque de vaidade e presunção, cremos na redenção e acreditamos ter aportado ao reino das obras-primas e das páginas inesquecíveis. Triste sorte! Outras vezes, quase arrastando os sentidos, de alma em desalinho e espírito perturbado, parecemos escrever coisas sem interesse e magoa-nos o desalinho da gramática e uma dor desconhecida. Acontece que, nessa hora difícil, durante essa dor sem nome, talvez tenha nascido algum verso interessante ou apenas e só um começo.

22

Começo o dia lendo um pequeno artigo dedicado a Stefan Zweig e um outro sobre o amor e a "cidade líquida", inspirado nos trabalhos de Bauman. Vou pensando também no espectáculo de logo à noite. Será o último com a extraordinária peça de Lorca. As coisas têm corrido muito bem e eu não posso estar triste. Uns dias depois, quando a memória se sentir embalada na suave melodia das coisas que foram, outros trabalhos começarão a tomar forma e a esperança de novo e agora a Primavera, silêncio e música, os ares eléctricos e o sangue, uma certa loucura próxima da criação.

Sinto-me estranhamente nervoso e absorvido numa espécie de contenção que se prepara para explodir, talvez num tempo incerto ou num lugar inventado. Isto deve ser obra do teatro ou prolegómenos do último espectáculo. Logo se verá. Seja como for, sempre associei a criação teatral ao desejo de uma vida intensa, aquela que nos devolve a alegria ao cabo dos trabalhos e a razão sensível, o coração do corpo pensativo.

23

GRUPO 8 e 80
"A Casa de Bernarda Alba"
Às actrizes

Curiosamente estou sem palavras, embora não me sinta embasbacado. Foi hoje o último espectáculo. As oito actrizes são minhas alunas do Curso de Teatro e eu tenho que dizer que aprendi muito com elas. Aprendi que é possível viver a construção da obra teatral empenhando uma boa parte da nossa vida e querendo fazer dessa parte uma coisa maior, a humílima consideração pela própria vida e pela respiração comum. O teatro é uma acção amorosa, que prefere o entendimento, a paz, a alegria também. A coisa a fazer é difícil e de solução complexa. O teatro nasce da arte do actor e do seu corpo pensativo e inventa o público, aquele que vê. O que está do outro lado tem que parecer coisa viva para acordar o espectador do mormaço ou da intemperança. Precisamos de inventar uma casa e de habitá-la durante um certo tempo. Os gregos fizeram das suas casas, bosques, fontes e rios um lugar habitado pelos deuses. Por isso chamavam os ventos e as fontes pelo seu nome, como se fossem coisas vivas e acordassem histórias encantadas. A construção do espectáculo sobre o texto maravilhoso de Federico García Lorca foi "o supremo encanto".

Vamos ao rio de Prado! E lá fomos. Descemos pelas Parretas. A propósito de Parretas, parece que a origem está em porretas, um nome comum que refere o talo verde de alhos e cebolas. Imagine-se então que estamos a

atravessar aqueles antigos campos, agora edificados. Depressa chegamos a Frossos, no coração de um reino chamado "abaixo de Braga". Para Oeste ficam os campos de Panoias, antigo território do Couto de Tibães. Olha! Já estamos a passar a capelinha de São Brás. Aqui é Merelim, há São Pedro e há São Paio e vamos descendo para a ponte de Prado. Está na mesma, está linda. Fica tão bem no rio.

Nós, dantes, quando éramos catraios, atirávamo-nos da ponte. Havia uns fundos e a gente caía de pé. Olha, ali havia umas pedras e as mulheres lavavam lá a roupa, era o "Penadouro". Daquele lado dava para mergulhar, era o "Poço Pinheiro", era assim que dizíamos e o outro era o "Poço de Ferro". Fiquei a olhar para o Cávado e para aquelas palavras do meu sogro.

No regresso, ainda passámos na muito donairoza Quinta dos Ingleses e já perto do campo de aviação, num lugar um tanto ermo, entre restos de milho cortado, choupos e carvalhos, oiço de novo o Senhor Mesquita, sabes como se chamava este lugar? "Chapuços", era assim que se chamava. Chapuços. Não sei se me apetece escrever antes com x. Xapuços. É, fica diferente. Gosto mais.

24

Sebastião Alba, "Querido Poeta"

No dia 21 de Março, nós, PIF'H, a convite do Município de Braga, estaremos em cena no Auditório Sebastião Alba, pelo fim da tarde. Vamos evocar o poeta, o "Querido Poeta", de seu nome Dinis Albano Carneiro Gonçalves. Sebastião Alba foi o maior poeta nascido em Braga, uma voz incontornável na poesia portuguesa da segunda metade do século XX. Senhor de uma oficina rigorosa, intérprete de uma disciplina e de um labor exímios nesta arte do "canto lírico", Sebastião Alba deixou-nos uma "pequena grande obra", onde podemos ouvir cantar a vida e os seus amores, a memória da grande literatura, a evocação da música, mas também o cuidar das pequenas coisas. O canto do melro, as estrelas da noite e o lento sussurrar da manhã que acorda e da vida que se levanta.

Sebastião Alba foi poeta, mas também filósofo para quem teve a sorte de lhe ouvir a palavra sábia, o enternecido olhar dirigido aos jovens, o conselho

ético aos artistas envaidecidos pela presunção e pela petulância, o grito de alerta aos cuidadores da fama e da mediocridade.

Querido poeta, vamos tentar estar à tua altura. Tu és o nome que encanta o lugar mágico onde trabalhamos e a memória dos poemas que dizias olhos nos olhos, os conselhos, o teu coração derramado na vida e nos comovidos "passos em volta".

25

Vou-me lembrando de algumas aparições no Carnaval. Em tempos recuados, era eu pequeno, um desfile de mascarados em bicicleta, atravessando a Avenida em frente à minha casa. Eram os estudantes do Liceu passeando a irreverência e inquietando um pouco os conformados burguesas da vetusta cidade. Depois cresci e fiz-me à estrada e a outros carnavais. Eram os bailes nos Arcos e no Lindozo e as aparições de mascarados na Várzea, na serra do Soajo. Ainda hoje lembro o medo e o estupor perante a aparição, como se uma força poderosa e desconhecida paralisasse a conformidade das relações com o espaço-tempo. A máscara aparecida a meio do caminho trazia provavelmente um cheiro a enxofre e um medo a coisa maldita, estranhamente poderosa, que parecia dissolver em poucos instantes todo o regime de certezas e segurança que fomos construindo. Conheci mais tarde, bem por dentro, o Carnaval de Cabanas de Viriato. Eram dias de festa e convívio com o diabo à solta e os vinhos do Dão a espirrar entre pratos de enguias e a azáfama festiva na "Dança dos Cus".

Um belo dia, saímos de Braga vestidos a preceito. Íamos certamente encantar as amigas no baile dos Arcos. Levávamos o Mini e a 4L e lá fomos descendo até ao rio e atravessando Vila Verde. Aí chegados, o Mini parou muito avariado, sem hipótese de circulação. Ó inclemência! Pior não podia ter acontecido. Que fazer?! Só de pensar nas amigas à nossa espera no Salão! Já não me lembro bem, mas íamos mascarados a preceito. Lá encontrámos um cafezinho vazio, de ar ressecado e foi aí que passámos a noite, entre ditos e anedotas repetidas, bebericando uns copitos de Ponte da Barca, olhando as tristes figuras no tédio do café e carpindo a desolação. Mas que estávamos muito bem vestidos, ai isso estávamos.

26

Quarta-Feira de Cinzas, mas ontem era Terça-Feira Gorda e eu vi aparecer à hora do jantar um belo cozido à portuguesa. Será um dos príncipes da gastronomia portuguesa, muito possivelmente inventado a Norte. É curioso! Muitos povos europeus têm o seu cozido. Vamos descobri-lo na Galiza, em França na potée auvergnate, nas terras fronteiriças da Alemanha com a avinagrada choucroute e suponho que também na Polónia e naquele extraordinário restaurante de Praga, onde me deliciava com o pernil. Feito o balanço, nenhum dos cozidos pode comparar-se ou ombrear com o nosso, embora por cá ele também conheça modos e variações de se apresentar perante os nossos apetites. Onde comi eu o melhor cozido da minha vida? Eu digo. Foi perto de Montalegre, num lugar chamado Lama da Missa, do outro lado da barragem dos Pisões. Atravessa-se o pontão e é logo ali, sobre a direita. Era tudo tão bom! As carnes de porco caseiro, a carne de vaca a resfolegar delícias dos prados, as maravilhosas batatas e cenouras, nabo, se bem me lembro, e a penca muito tenra e sedosa, bem curtida pela geada. Havia ainda um restolhinho de feijão moleiro nos baixos da travessa.

"Comédia Muda" é um maravilhoso espectáculo da Malad'arte. Um dos melhores a que pude assistir nos últimos tempos. Sem uma palavra, mas com muito teatro. A história... Havia um cavalheiro, senhor de sua casa e do seu nariz e um jovem cá fora, passando frio e fome e depois aparece um polícia. O andamento é agitado e as peripécias sucedem-se, às vezes de forma hilariante e outras vezes muito ternas e comoventes. Fala-se da vida, das relações humanas, do poder e dos sentimentos. É um espectáculo amoroso, levado à cena com a disciplina e a euforia da grande arte do teatro físico e da inspiração na nobre figura do palhaço. Sei que a nova versão que vai ser posta em cena conta com outros actores e a expectativa aumenta, também por isso.

27

Por favor, dêem-me mil e um trabalhos e ocupações, desassosseguem a minha vida com pedidos de colaboração, chamem-me para ajudar, para fazer,

para pensar e para discutir, mas afastem de mim os burocratas e os ardilosos, salvem-me dos despeitados e invejosos. Abrenúncio!

28

A beleza é coisa viva, andante, respira como luz e volume, transpira na cor e move-se na extensão do olhar e nos caminhos do observador. A beleza grita, como o louco de Munch ou as órbitas revoltas de Van Gogh, à porta das revistas da moda e dos anúncios de automóveis suspensos em quedas de água.

Antes da estreia, respira-se e por momentos sentimos que o papel se apaga e o corpo do actor entra em modo de tensão, o olhar fixo e profundo atravessa a geometria do palco, o lugar que se prepara, a esperança latente e depois um salto. O corpo projecta-se e a vida é um desenho, uma aventura, coisa a fazer-se.

29

Andei a pé durante a noite. Sentia-se o frio a pairar, misturado em vento e chuva. Parecia uma coisa viva, agarrada às janelas, misturada numa espécie de terror insone, talvez nascida de antiquíssimas "noites do mundo". Lembrei-me, enquanto passeava protegido da desolação, dessa noite terrível de gritos e facas que assombrou as terras da Escócia nos desmandos e crimes de Macbeth, lembrei-me dos clarões e uivos, dos medos e cansaços que vieram pintar de negro o coração do bom rei Lear e, ao cabo destes delírios, quase a acabar a minha breve insónia, também me fui lembrando das coisas boas, da minha casa protegida e quente, do sono justo e aconchegado dos meus, das alegrias que tenho conhecido. Lá fora, nos lugares mais ermos e escurecidos, a chuva atiza o fogo venenoso das "furnas de lacraus" e os palácios de enxofre vigiam as almas incautas e os passos inocentes dos que vão cantando pela noite. Depois adormeci e hoje acordo muito bem disposto.

MARÇO

1

A primeira impressão ao respirar o ar de Luanda foi o cheiro a terra. Depois apercebi-me da humidade, mas era uma água que vinha acrescentar-se a outras águas. Senti, por último, o calor leve e quase transparente.

2

Quando penso nos nossos aeroportos imensos, higienizados, automáticos, tristes, intensamente tristes e depois venho sentar-me nesta sala de espera do aeroporto de Luanda... Uma coisa de cada vez, calma, as gentes conhecem-se. Cá fora, em volta da pista, é possível ver algumas ervas e caminhos e árvores. Sinto-me noutro tempo ou noutro mundo.

3

Sigo a estrada do Cuanza, em direcção à foz. Os imbondeiros dominam a paisagem, sob o céu coado e uma impressão de azul que parece irradiar do calor. A picada vai atravessando a terra aos solavancos, passa um rebanho de cabras e vacas, por vezes aparecem crianças em grupos, há muitas crianças em Angola. Paramos agora num barracão da madeira. Lá atrás uma cozinha muito sóbria. Não há energia, mas temos corvina, muito fresca, sabe a mar, o vento ajuda o calor, levanta a conversa, os lodos do rio flutuam na maré. Põe-se um grande silêncio nas conversas, palavras e música, África é um coração de terra.

4

O mundo provoca e muda respirações em linguagem, uma pequena oscilação, a iminência da descontinuidade abre uma fenda e precipita a razão, a reunião de razões e fundamento para nos salvarem do medo. As nossas palavras atravessam paredes e os discursos são entidades sísmicas. Enquanto vou

descendo, sinto a paz das imagens, a Baía de Luanda e a ilha, a multidão das casas pobres dos musseques e depois, já em terra, uma grande paz, quando olho ao balcão um bolinho de arroz. Só isso, um bolo de arroz que não me faz perguntas, um doce, como se a memória viajasse comigo e se sentasse ao balcão do aeroporto e eu muito sereno, lembrando doces e coisas boas e muito suavemente sentado neste novo mundo tão belo e tão quente.

Lemos e se gostamos muito, voltamos a ler. É provável, também, que voltemos às mesmas páginas uns tempos mais tarde. Terá sido um acaso ou apenas sede e a aparição da fonte no caminho. No teatro, lemos e releemos e voltamos a ler e os dias passam e o mesmo texto vai parecendo jovem e leve e respira connosco e cheira como se fosse um espírito saboroso e dormimos juntos e isso talvez seja amor.

5

Passo os olhos pelas capas dos jornais, mas é fastio o que sinto. Uma espécie de letra amargurada e decrépita a embrulhar sabujice e corrupção e uma grande, imensa vontade de reunir corações em favor do escândalo, como se isso fosse renovar a espécie ou, talvez, exterminá-la.

Trazem-me a edição do Público. Foi difícil. O jornal é de borla, tive que andar pelos arredores. Vou vasculhar um bocadinho. Uiihhh, tanto texto! Vamos ter um rico "Decameronzinho" para a semana toda.

Que bem me soube há pouco a Madalena sem literatura. Fresca, doce e muito fofa, com uma tacinha de Vila Real Branco, daquele que escorrega à vista com o seu marelinho de folha outoniça.

6

Fica para sempre a imagem da chegada a Luanda. Olha! E eu olhei, meio estremunhado. Era a Baía de Luanda, a ilha, como uma corda ou um abraço e depois os altos edifícios, logo a seguir a imensidão dos bairros, com

as suas casinhas pobres, um imenso tapete castanho sobre as inclinações do terreno. A imagem trazia-me as conversas dos amigos que tinham desembarcado em tempos de guerra. Todos me falam de Angola com paixão. A guerra foi terrível, mas a paixão, aquela terra, os espaços sem fim, a impressão de tempo, de luz e lentidão, o calor, as pequenas coisas que envolvem o corpo com essa alma suspensa do céu e do calor, a terra misteriosa, os cânticos, a grande amizade que vive junto ao perigo.

Sabe, meu amigo, a guerra civil também foi terrível. Ainda hoje chegam famílias a Luanda. Todos os dias. Vêm do interior e logo constroem a sua barraca. Entretanto vou atravessando a cidade. Percorro a Baixa, a marginal, a ilha de Luanda, chego junto ao Porto, atravesso depois a Avenida de Portugal. Olho os grandes silêncios altos das construções modernas, o centro político com o seu ar de fantasia dourada e depois vamos subindo até ao outro mundo. Ando pelas ruas esburacadas, sinto a multidão, em cada canto uma surpresa e um pequeno mundo, muitas crianças e jovens, pessoas idosas em conversa, o reino do improvisado entre bares, oficinas, lojas de tudo no meio de nada, Maianga, Kilamba, Samba. Ando à procura de nomes, gostava de me sentar num banquinho junto à estrada ouvindo uma história ou cantando um pouco a beber cerveja. Agora o trânsito aumenta. Milhares de carros e pessoas na picada urbana. Carrinhas Hiace listadas a branco e azul bebé. Há quem lhes chame táxis, levam cobrador e tudo, são centenas, vão cheios de gente, fardos, cestas e lá no céu a primeira imagem, o tempo de chegar a um mundo desconhecido, o momento em que se fazem coisa viva as histórias que eu ouvira aos meus amigos.

Gosto muito de peixe. Quando era pequenito, ia com a minha mãe ao mercado e habituei-me a observar a luz no olho e o vermelho atrás das guelras. Naquele corredor esbranquiçado, de bancas muito lavadas a água corrente, corriam as friagens e aragens desencontradas e a voz poderosa daquelas mulheres enormes que marralhavam e gritavam e tiravam escamas como se zurzisses tapetes. Havia muito peixe. Sardinha, carapau, linguado, pescada, faneca, congro, goraz, lulas, polvo e isso ficou-me e ainda o cheiro, o alarido, aquele modo altaneiro de falar, em jeito de maré viva.

Entretanto, fui perdendo alguns peixes pelo caminho e ao chegar a Luanda, vejo-me sentado na ilha, com uma bela garoupa à minha frente.

Era muito fresca e saborosa, mas a carne era densa, forte, magmática, pouco dada a medidas e a fedorentices. Comi, claro, que boa estava e talvez me tenha lembrado dos tempos em que comia Farinha de Pau para consolidar a existência e ajudar o destino a botar corpo.

A Pianista

Que foi? Um sopro, talvez, a estranheza de uma aparição ou coisa fulgurante e sem origem definida. O caso repetiu-se e eu a mesma impressão. Devo ter ficado cego, por momentos, talvez tenha desaparecido por um canal desconhecido e depois "Eu vi a luz..." O seu rosto levemente inclinado, a madeixa caindo em desalinho na minha direcção, uns olhos verdes como só havia na Renascença, a paz do desenho, as cores quentes da camisa. Chama-se Hélène Grimaud e o que eu vi aparecer foi música apenas, como um vento sagrado que se levantasse da imagem.

7

Apetece-me escrever. Gosto de ver aparecer as palavras e o modo como isso faz parte da respiração. Esqueço-me de continuar a entristecer e acredito em coisas impossíveis, como ouvir melhor, ter sede e ao mesmo tempo ser um pequeno peso do mundo e isso não ter importância nenhuma. Não teria dito nada disto, se não me pusesse aqui, dobrado sobre o ecrã, sem poder aperceber-me de algum fim à vista. Apercebo-me, no entanto, da estrada, como se fossem dedos o caminho e recebo algum olhar furtivo de animal escondido e vejo afastarem-se os textos e as considerações.

Tudo o que escrevi ao longo destes anos repousa nos cadernos, uma ou outra memória levanta-se por vezes, como se fosse coisa natural haver um pouco de assombro para fazer oscilar as leis do repouso. Não tenho nada de especial para dizer, mas também me parece que essa hipótese releva de um logro. As coisas importantes, o que serão as coisas importantes? Hoje de manhã olhei suavemente os arbustos junto ao ribeiro. Tentei não pensar muito nem sequer achar que pudesse haver junto daquele tão jovem e tenro leito uma promessa lírica ou um alimento para as próximas horas.

8

Pudesse eu dizer algumas boas palavras, daquelas que não louvam, mas também não insultam. Palavras quase imperceptíveis, serenas e roliças como um fruto seco ou talvez um pouco mais aéreas, brancas e leves, como as que sopram à janela ou lembram nuvens e a crista das ondas. Se houvesse as palavras necessárias, se elas fossem necessárias e mil e um desejos pudessem atravessar o horizonte... Oiço música e coisas brancas que andam espalhando sentidos e neste pequeno esquecimento sinto a terra, com o seu pulsar materno e abrem-se espaços por um sítio indescoberto e as jovens mulheres levam a água ao destino, até se fazer um pouco mais tarde na história do mundo. Era uma vez...

9

Releio atentamente textos de Sebastião Alba. Releio e medito, ouvindo cada andamento, como se parasse em alguma beira do caminho, olhando a vida intensa das pequenas coisas e o grande sofrimento do mundo. Alba é sobretudo um poeta, um grande poeta sem condescendências, uma alma-livro, onde respira a humanidade. Oiço-o ainda assobiar os primeiros acordes da 3ª sinfonia de Brahms, sinto elevarem-se as línguas de fogo nas *Zigeunerweisen* de Sarasate, o entendimento dos pássaros, o pequeno melro das manhãs e esse fogo que parece nascido entre as árvores e as estrelas nos acordes de Paganini.

10

Ando a mergulhar na infância, subo ao meu quartinho do terceiro andar e a alguns esconderijos. Descubro alguns livrinhos do Tio Patinhas, para começar. Reconheço, agora que já sou mais do que marmanjão, uma grande simpatia pelo Mickey e pela Minnie, mas também gostava do Pateta e do Zé Carioca. Mais tarde vieram "Os Cinco" e aquelas aventuras tão seguras, sempre acompanhadas por scones e empadões. A consciência da guerra e da

política trouxe-me os "Esteiros" e os "filhos dos homens que nunca foram meninos" e eu também nunca mais fui o mesmo.

Fecho os olhos e é como se acendesse a luz do corredor. Não saio de onde estou, é apenas uma breve passagem de sonho ou espírito, um concerto de passos silenciosos em direcção a uma ideia quase a pousar-se na página de um livro.

11

Continuo a subir ao canto dos segredos no meu quartinho do terceiro andar. A paisagem que me rodeava era quase rudimentar. O recorte cinzento e geométrico das traseiras dos prédios, alguns vácuos onde pareciam descer espaços vazios de pátios interiores, fossas e varandins. Lá ao fundo o arvoredo enegrecido do Sameiro e quando era altura um recorte de Lua que passava sobre os telhados e os coradouros. Ouvia-se rádio, principalmente quando vinha a Noeminha costurar e eu deliciava-me a ouvir os *Parodiantes de Lisboa*, em especial as aventuras dos indómitos Patilhas e Ventoinha.

A Literatura pousava nos livros de escola entre textos pios do Padre Moreira das Neves que eu relia com o coração nas mãos, algumas bondades de Maria Amália Vaz de Carvalho e as ondulações líricas, um pouco mais arrojadas graças ao parnasiano Gonçalves Crespo e às barbas taciturnas de Guerra Junqueiro, que punha em verso a leveza daquela bengalinha que calcorreava a estrada apoiando a moleirinha "toc, toc, toc". Eram tempos de míngua e de tristeza escavada nos ossos como arranhões de tuberculose e eu sentia uma grande necessidade de sol. Fui descobri-lo nos romances de Júlio Dinis. Afinal havia um bocadinho de paraíso nas águas da Regeneração, o comboio apitava entre as várzeas a cantoria do progresso e da paz social. Júlio Dinis era o Norte que me fazia suspirar as pequenas viagens na camioneta da carreira libertando-me das ruas esconsas da velha Braga para escrever um pouco de sol na imaginação. Com *as Pupilas*, *a Morgadinha* e *os Fidalgos da Casa Mourisca* fui engendrando um pequeno mundo de amores idílicos que me salvavam da humidade e do caruncho e me punham a sonhar aleluias e a imaginar noivas floridas ao cabo de velhas estradas e falanstérios longínquos.

12

As selvas não são todas iguais. Continuo lá no alto, no tugúrio do terceiro andar, mas a tenra idade repousa agora na antiga gaveta das meias e eu vejo-me a espigar e a levar as mãos à testa, alteando os cabelos e com eles algumas reflexões. Era uma época difícil para a idade e para o país. Digamos que duas crises se avolumavam sem se conhecerem bem. Entretanto a selva continuava. Eu imaginava um pouco dos seus mistérios e negridões ao avistar os densos arvoredos da Falperra e do Sameiro, mas ia recebendo notícias de outros lugares, onde esses mistérios se avolumavam de modo desconforme.

Lá em casa falava-se muito do Brasil, porque também éramos família de emigrantes. Os meus tios tinham partido muito jovens e eu tentava imaginar como eram as coisas por lá, que cor tinha a terra, que árvores havia. Na Biblioteca do meu pai havia vários livros de Ferreira de Castro, mas um em especial tocava-me o coração. Estava em muito mau estado, a capa meio desfeita, a lombada destruída e chamava-se "A Selva". Fui lendo e relendo e tentando penetrar aquele novo mundo, origem de mitos e sezões e apercebia-me das andanças dos seringadores e da muita fome e miséria que a boca do monstro tinha para oferecer. Aquela era também uma "floresta de enganos" e de dores, um lugar de morte e exploração e o nome de Ferreira de Castro aparecia-me como um dos primeiros que me sensibilizava para a dor humana e para a urgência da política. Um dia levei a edição da Livraria Guimarães, que datava de 1930, ao velho encadernador da Rua de São Domingos. Veio de lá um livro novo, de capa castanha e letras douradas. Tenho-o agora comigo, ao colo, guardando essa memória do Génesis, como imaginou Euclides da Cunha.

Estas viagens ao sótão podem ser longas e às vezes perigosas. Pode acontecer que a aparência exígua de espaço se alargue de repente e que o viajante se deixe deslumbrar caminhando incauto nos braços do Éden, admirando folhas gigantescas por onde escorregam águas, répteis e insectos em perfeita harmonia. Nessa viagem idílica, o viajante pensa ter chegado a uma antiga selva dos livros aos quadrinhos para onde será lançado no tempo certo uma espécie de Menino Jesus amigo dos animais, especialista em lianas e capaz de atravessar a multidão obscura das ramagens saltando precipícios e quedas de água, perscrutando túneis e arribas e multiplicando os milagres da linguagem

que fazem reunir tribos e animais a uma só voz, num ímpeto heróico e indestrutível, que faz soar as trombetas e reunir as multidões em favor da salvação.

Naquele meu quartinho do terceiro andar havia, como é natural, um lugar reservado para o Tarzan e com ele a selva era um lugar quase beato, um filme, apenas, a margem onde a Arca de Noé acabaria por desembarcar a criação e salvar a vida na terra.

Um dia poderei regressar a esse tempo. Lembro-me de quase tudo, mas também sei que as palavras necessárias vivem longe, ocultas numa zona de difícil acesso. É verdade que comecei a dedicar-me ao teatro por volta dos 20 anos, talvez um pouco antes. É impossível distinguir a minha aprendizagem da amizade e das aventuras que foi possível inventar. Dávamos grandes passeios e tínhamos conversas sem medida. Descíamos a rua dos Chãos depois de saciar o apetite no Mini Sport, com o coelho à caçador ou o combinado regado a molho de francesinha. Discutíamos este mundo e o outro e eu via passar as horas que fugiam desalmadamente em direcção ao 1º toque e não havia de faltar muito lá estava eu a dar aulas. Era raro faltar e aos ensaios nem pensar. Trabalhávamos muito e também por isso dedicávamos uma boa parte do tempo livre aos grandes e pequenos passeios. Andar à boleia, atravessar rios, subir os montes, passar tardes na praia e falar desalmadamente sobre este mundo e o outro.

13

"A Selva", de Ferreira de Castro, abria para um espaço que me era ainda desconhecido. Aos poucos fui entrando, como se também eu me tornasse um explorador dos velhos tempos, abrindo caminho naquele mundo encharcado de mistério e de doença, mas também de assaltos imprevisíveis de seringueiros, madeireiros e garimpeiros, de répteis venenosos e felinos sagrados que perscrutavam dos altos arvoredos os incautos passantes.

Por essa altura, os meus treze ou catorze anos deliravam com as aventuras, mas também entristeciam com as histórias que se contavam acerca da escravatura, das injustiças e da sobreexploração do trabalho. A militância na Juventude Escolar Católica abria-me os olhos e o coração e o mundo saía

de casa para atravessar mais paragens e lugares, para ouvir vozes e testemunhos, para me aperceber, enfim, das guerras ao pé da porta e um pouco mais longe, no fim do mundo. Por essa altura comecei a ler Jorge Amado, "Mar Morto", "Capitães da Areia", "Jubiabá" e assim ficava horas inteiras, roubando sonhos à noite, entre o manto diáfano de Iemenjá e as brincadeiras ruidosas dos meninos pobres que inventavam o mundo entre as calçadas nuas e as areias ardentes. Aparecia depois John Steinbeck com "As Vinhas da Ira", "Os Naufragos do Autocarro" e o quase etéreo "A um Deus desconhecido". Devo ter sonhado algumas lágrimas amargas nos tempos gelados da "Mãe", de Gorki, às vezes aquecido pelo Samovar que trazia um pouco de calor e esperança àquelas paisagens de gelo e fome. Apareciam então os livros de Soeiro Pereira Gomes e depois Alves Redol, aparecia o grande Manuel da Fonseca e eu apercebia-me que um grande número de escritores, quase todos, tinham sido tocados pela dor dos tempos, pela memória das greves e revoluções e compreendia que os "dez dias" tinham realmente abalado o mundo.

Li com paixão os poetas do Novo Cancioneiro e talvez tenha eleito no meu coração a obra de Carlos de Oliveira. Falava-se de Neo-realismo, distinguiam-se os puros e duros, teorizava-se o movimento e a crise que o haveria de espartilhar, mas foi uma memória, uma longa, terna e profunda memória que muito me ensinou. Aquela mão tão suave da "Morgadinha", os idílios já desenhados no "Pároco de Aldeia" estremeciam com o fragor da História e com os canhões que haveriam de estraçalhar a geografia europeia.

Agradecimento

Eu já tinha tido oportunidade de o dizer num breve comentário a um post seu, mas entendo ser de elementar justiça repeti-lo de forma mais abrangente. A página de Eduardo Pitta tem sido o lugar onde encontro todos os dias a melhor, mais objectiva e mais serena informação sobre este horror que vem pairando sobre o mundo com o nome de COVID-19. Eis um verdadeiro exemplo de serviço público. Bem haja! Obrigado.

14

Acordo pelas cinco da manhã. Que pode um pobre cidadão que julga estar acordado pôr-se a magicar ou a fazer a uma hora destas? Levanto-me, pois claro. Passeio um pouco no corredor e chego à janela da cozinha. Noite cerrada, as máquinas das obras com o seu ar amarelado de brinquedos e um pardal, bem gordinho, por sinal, a debicar alguma migalha por entre o restolho de areia e alcatrão. Que fazer? A esta hora a única coisa que me fará regressar aos braços de Morfeu é um bom café, digo eu. Dito e feito e ponho-me a adormecer.

Nas antecâmaras do sono, naquela fase ainda de devaneio e ascensão, aparecia-me repetidamente uma história. Tudo começou ontem à noite, quando uma publicação de António Cruz Mendes chamava a atenção para um conto de Edgar Allan Poe intitulado "A Máscara da Morte Escarlate" ou da "Morte Vermelha" na tradução que tenho em casa. É claro que a lembrança do conto de Poe não é inocente e só pode ter a ver com estes tempos de horror e ameaça em que todos vivemos.

Naquele tempo, o reino do Príncipe Próspero vivia sob a ameaça de uma terrível peste a que chamavam "Morte Vermelha". Um dia o Príncipe decide reunir mil dos seus cortesãos "e com eles se retirou para o profundo refúgio de uma das suas abadias fortificadas". Cá fora rondava o horror e a morte e o sinistro mal ia despovoando o reino, matando os infelizes em meia hora, no meio de terríveis sofrimentos e exalações de sangue e carne putrefacta. Lá dentro era a festa, a música nos ares e nos corpos, aquela espécie de eternidade que parece bafejar sorte, amores e aventura. A alegria e a felicidade eram assim uma espécie de vício à porta fechada, mas o prazer e o poder, aliados à sorte, pediam mais e um dia o Príncipe resolve organizar ao longo dos sete salões do seu casulo dourado um grande baile de máscaras.

Ao longo da geometria descontínua dos espaços, alternavam as cores e o fogo iluminava máscaras e tapeçarias e os convivas dançavam os movimentos, enquanto a morte lá fora dizimava o pobre reino. Naquele ambiente de delírio e decadência, naquele roçar de sensualidades da pele e dos tecidos, ouviam-se no Salão Negro as badaladas rituais do grande Relógio de Ébano. Haveria de chegar a meia-noite e chegou; nessa altura atravessava os

corredores um mascarado diferente, parecia vestido da morte, afrontando a paz dos convivas e o arbítrio do Príncipe. O punhal que Próspero ergueu procurando ferir a negra figura de nada lhe valeu, pois logo lhe caiu aos pés desfeito em pestilência. Alguns convivas mais corajosos reuniram-se para atacar o intruso, mas apenas encontraram o horror do vácuo e nenhuma substância sobre que pudessem vingar-se e em meia hora, como acontecia lá fora, a morte ditou a sua lei.

O povo veio à janela. Grande salva de palmas no meu bairro. Viva o SNS!

15

Dormir, dormir, dormir até não ter mais que fazer e rever alguns sonhos antigos, daqueles que começam a desenhar-se antes do sono, lá onde nos levam os barcos, ao largo das ilhas e de montanhas sagradas e num instante descer à terra, sentir cada passo no corredor, arrumar um livro e lembrar um postal antigo que estava escondido no caderno. Viagem sem fim! Agora olho a lagartixa debruçada no estrado carcomido, penso na matéria das folhas que foram passar o inverno à escuridão, os objectos nas estantes, com o seu ar intocado e triste e os passos levam-me a outras paragens, a cidade passa em silêncio em lugares quase longínquos que desconheço, os amigos telefonam e eu leio notícias terríveis num conto de Poe e depois vou descansar perto de Santarém, como se estivessem de novo caídas as ruínas da casa onde passei tardes admiráveis com os versos de Caeiro e as bolachinhas caseiras.

Quando me levantar, vou ouvir de novo os meus passos, os grandes silêncios que há-de haver lá ao fundo ao passar junto ao louceiro, o céu que regressa do Oeste, com outras águas, um pouco de vento e frio. A luz começa a mudar e agora temos que preparar a tarde, fazer desse tempo inóspito uma aventura, um lugar sentado no lago vendo passar os nenúfares e os tira-olhos quase estridentes, com o seu ar de aviões pré-históricos.

Chavela

De onde vem esta voz? De que fundo oceano por achar, de que fábulas e ressonâncias de espíritos que se levantam ao longo das tardes, à hora da sesta e das guitarras, durante as noites dos bares e dos caminhos, ao longo das paisagens heróicas dos nossos maiores? De onde vem esta voz grave e suave, respirada numa espécie de eternidade, alimentada pela alma dorida e por alados sentimentos, esta voz que parece adormecer num carinho a tocar-nos a face, como um milagre, e levantar-nos da modorra com um desalinho perfeito e um desenho de linhas em fuga que se projectam na emoção das distâncias e nas mãos cruzadas como xailes mexicanos?

Ouvi cantar Chavela nos anos 90. Foi num fim de tarde chuvoso de outono, em Paris. Eu tinha apanhado uma preciosa boleia do Eduardo Prado Coelho, que conduzia como ninguém, deixando que o carro fosse atravessando o trânsito e conversando sobre as muitas coisas que então se passavam no nosso mundo.

Aquela voz começava a cantar e tudo parecia ficar suspenso. Eu sentia-me quase pequeno e indefeso, viajando numa cidade irreal, sem peso e sem história, com uma emoção que ainda hoje lembro e oiço, como um acorde ou talvez uma breve história da música que me trazia a América do Sul e a Andaluzia e uma guitarra portuguesa cheia de vozes e sal, viagens e cabarets e um abraço muito afectuoso, um calor que me devolvia o encanto de estar vivo e de atravessar assim a cidade em chuva, em direcção a um caminho sem nome. Era um caminho de muitas águas, uma alegria que só a noite pode inventar.

16

Vejo as notícias de manhã cedo. As cidades quase vazias e aqueles que passam para trabalhar. Um jovem jornalista desloca-se no túnel que dá acesso aos barcos no Terreiro do Paço. Observo-o muito sério e concentrado, procurando conversar delicadamente com os poucos passantes. Percebe-se que há vento e correntes de ar desencontradas que penetram o túnel e incomodam. O jovem parece bem agasalhado, mas nota-se que tem frio, não dando, no

entanto, parte de fraco. E eu aqui, sentado com algum conforto, sinto-me condoído, quase triste.

Para a Isabel Cristina Mateus

Não conheço aquela estrada, não posso imaginar o que me espera ao desfazer a próxima curva. É provável que me veja surpreendido por um vale extenso sobre a minha direita ou um enorme morro de onde escorre por entre limos e musgos uma água fresca. É provável que nesse pequeno além a aragem mude e o céu pareça obscuro, ao fundo, sobre a linha dos montes. Ainda vou a caminho e penso no ocre e no anil. De algum modo, sinto aquilo a que se chama paz interior, a qual se pode manifestar por uma espécie de acordo íntimo, orgânico, um tempo sem sobressaltos, mas prenhe de surpresas e de aves que se aproximam para anunciar boas novas, areias luminosas, uma fonte que do alto vem caindo sobre a praia, mesmo ao lado de um antigo barco naufragado. Não sei o que é. Quando me ponho a meditar, quando o papel liso e o lápis se encontram, eu apercebo aquela curva, esse lugar desconhecido feito de tudo e de nada, de ouro e pobreza, de paz e aventura e penso que não vale a pena mudar a sorte. Assim seja.

Deve haver um banquinho de pedra secreto na sombra do olmeiro, onde se sentou o Dom Quixote um pouco antes ou para sempre na sua viagem eterna entre os mitos e as fogueiras, naquele tempo em que cavalgou livremente gritando os seus amores e esquecendo talvez um pouco a literatura e as leis que governam reinos, ilhas e palácios. Um passo adiante, o tempo apenas de esticar as pernas cansadas e de pensar a armadura e hão-de ter passado os "Vagabundos ao Serviço de Espanha" e lentamente a carroça que levava os actores e o seu teatro, as peças de Lorca sempre vivas nas suas "Bodas de Sangue" e música, sons altíssimos que chegavam aos altos de Granada e aos jardins de Alhambra. Aí havia outras árvores e flores jovens, a geometria das rendas em pedra e a música dos zíngaros, o resguardo dos pássaros de fogo, a eternidade dos corvos despindo as suas máscaras. Ouvia-se a morte a rir no infinito, mas havia as águas quentes e os sais e de nova a paz.

Com a calma, Adelita vem sentar-se no pequeno banco sob o olmeiro e falamos suavemente sobre as revoluções e as histórias que podem ouvir-se

nas fogueiras da noite e a certa altura pode começar o dia. A Estrela d'Alba anuncia a hora dos pastores e descem visões do céu e a luz que passa sem se ver será um coração adiado ou apenas uma lembrança, será um desejo de sombra que há-de vir encantar a tarde, junto da velha Espanha, no seu coração de lenho e fantasia.

17

As últimas décadas foram pródigas e deram-nos boa e má literatura. Seria fastidioso lembrar e catalogar a imensidão bibliográfica que se dispôs a reflectir sobre um mundo em mudança constante ou em aparente mudança, sobre uma realidade muito complexa, às vezes ilegível e outras vezes quase inocente nas suas evidências. Foram muitos os filósofos, poetas, romancistas e sociólogos, foram muitos os teóricos da cultura que empreenderam, em boa hora, vasta e laboriosa obra, procurando reflectir sobre a economia, as relações interpessoais, a arte e a comunicação e tudo o mais que se podia dizer sobre minudências e particularismos, invenções de modos e de falas, que pareciam incendiar no imaginário paradigmas voadores e uma espécie de sintagmática eléctrica, disposta a comportar-se nos limites da bitola ou a levantar voo sabe-se lá para onde.

São muito os autores e são muitas as valiosas contribuições que andaram sondando os vários corações que do homem à terra e ao espaço sideral vão pulsando e explodindo esta alegria existente, que às vezes parece esquecer-se de existir. Ontem à noite ocorria-me fixamente um nome. Não posso nomear todos os escritores, todos os mestres, todos os génios, mas não queria esquecer Michel Foucault, um iminente sociólogo, um importantíssimo filósofo e um grande escritor.

18

Parabéns, minha filha!

Foi num dia 18 de Março, há 26 anos. O tempo andava como agora, a fingir de quente, meio enfarruscado e soltando-se em névoas pequenas perto

do mar. Eu passava aqueles dias entre Paris e o Porto, trazia o coração nas mãos e o coração crescia a cada passo e envolvia-me de mistério e alegria, de palavras altas da cor do céu e de uma água que eu desconhecia, uma corrente de música e cânticos, que me trazia a história da humanidade e o seu futuro, versos que me caíam das mãos e dos olhos. Nessa manhã de 18 de Março, sentava-me como de costume num banquinho de pedra da Maternidade Júlio Dinis. Ao lado as janelas abertas do Conservatório e um piano tocava, depois um violino e ainda as "arcadas do violoncelo". Fui chamado de urgência para ir ver a Alexandra. Ela estava muito em sossego, com um sorriso quase misterioso, deitada na cama, como num quadro de Ticiano. Estava tão bonita! Voltei ao meu banquinho de pedra. E o dia correu, com as horas a passar e as voltas no breve jardim. Pelas nove da noite chamaram-me e eu logo compreendi a notícia. Subi as escadas como se voasse à frente do tempo e pude então ver a minha filha que acabara de nascer. A Ana Luísa esperneava, muita viva e pequenina e pude pegar nela e ela cabia na minha mão e eu fiquei a olhar, como se aquilo fosse a eternidade.

Pergunto-me se sou contra a declaração do "Estado de Emergência" e começo a pensar que já temos emergência que chegue e que os portugueses têm dado provas de saberem tomar conta de si e de saberem ser solidários e respeitosos dos direitos de todos. Tenho muito receio, algum atavismo quase arqueológico, do que possa vir de desmando, de abuso, de oportunismo com essa porta aberta à lei do gatilho, das barragens e do ferrolho. Enfim, que sei eu? Desejo que o Senhor Presidente se acalme, que os senhores Conselheiros se mantenham em casa e que deixem o Serviço Nacional de Saúde fazer o seu trabalho. Era bom também que eliminássemos sem dó nem piedade as mensagens, correntes e coisas suspeitosas que nos chegam pela Net. Prá retrete!

19

Os vírus sofrem de uma certa espiritualidade, um reverso de nós. Num certo sentido são sinais voadores, uma invasão gigantesca de uma espécie diferente da dos gafanhotos. Em geral, os vírus atacam para eliminar do corpo a

absorção da vida. É aí que podemos lutar, "todos feitos d'hum coração", como disse Fernão Lopes, naquele dia em que o Mestre de Avis chegou à Invicta.

Ontem à noite, li "O Teatro e a Peste", de Artaud. Preciso de voltar a ler e voltar a ler até o decorar. Só então poderei perceber o sentido do texto. É um tratado de guerra, que também mostra o teatro nesse conflito imundo, com todo o seu aparato e estilo, com sua pompa e seu guarda-roupa, mas também com a insídia e o veneno. Depois esse mundo subterrâneo das Euménides passa e começa uma espécie de maravilha, talvez a ilha perdida, "nem tanto era preciso", como dizia o Sebastião Alba.

Obrigado, pai, pela pachorra que tiveste, quando eu andava na fase dos porquês. Durou-me até tarde e eu não parava de fazer perguntas e fazia dez vezes a mesma. Lembras-te, quando fomos a Esposende, naquela noite? Era tarde, estavas cansado e tinhas que trabalhar. A mãe, sempre muito atenta e sagaz, disse que era melhor eu ir contigo. É que não me calei para lá nem para cá! Era uma noite de breu e eu queria saber se havia lobos naqueles negrimes dos pinheirais e tu respondias-me sempre, docemente e nenhum de nós adormeceu.

As árvores existem, antes de mais e depois existem as árvores que se tornaram urbanas e se adaptam às nossas ruas, às vezes sujeitas às coças e podas assassinas, aguentando estoicamente as mijadelas dos mamíferos. Há umas árvores pequeninas e cascalhudas, com ar florido e resistente, como aquela feira que desce a Rua de Santa Margarida. São tão bonitas, asseadas, amigas da vista e dos pássaros. Chamam-se Hibiscos. Quem mos dera na minha rua! Aqui, infelizmente, temos aloendros. O Bairro está em obras, junto à Makro tudo está a ficar mais bonito e asseado, mas os aloendros, Senhor, a dividir as duas faixas de rodagem da Rua Artur Bivar!

Conheci os aloendros há muitos anos, num verso de Eugénio de Andrade e eles oscilavam, com as suas variações de branco e pérolas e os tons de rosa junto ao escarlata. Vejo os aloendros na autoestrada, cumprindo a nobre missão de absorver o chumbo dos automóveis, vi-os à solta nas encostas e valados de Marrocos, mas aqui, na minha rua?! O aloendro é um loureiro, muito venenoso, por sinal e na época da flor esparrama-se todo em perigosas

e pegajosas exalações. Por favor, senhor vereador! Traga-nos hibiscos para a nossa rua ou tílias, mas é perigoso manter os aloendros. É muito venenoso e há muita gente a passar e crianças que gostam de brincar.

Voltamos aos tempos do sabão rosa. Lava bem, desinfecta e não deixa ficar aquelas réplicas de perfume a fingir. Fica só o perfume interior.

Resolvi reler "A Peste", de Albert Camus. Em boa verdade, não sei se alguma vez li o romance, embora uma velha edição em francês me dê a entender, pela aragem, que já por lá andei *in illo tempore*. Desta vez é diferente, mas não saberei muito bem o que vai acontecer. Nós precisamos do livro, mas temos que o merecer. É como estar em casa e gostar dos seus cantos, das pequenas voltas e mudanças de lugar. Desta vez cheguei a Orão, uma pequena cidade argelina, ao tempo da França colonial. A Pátria viverá ainda algumas alegrias da sua falsa glória e dores profundas e amargas nascidas das muitas traições e alianças com o inimigo. Estamos em 1947. O primeiro sinal da tragédia que se prepara tem a forma de um rato morto. Aos poucos a pacatez da pequena cidade vai sendo abalada pelo número cada vez maior de roedores que se espalham pelas ruas, se amontoam em caixotes, que invadem os corredores. Não demorará muito a primeira morte e o início organizado das preocupações. Vai ser preciso fechar a cidade. Há cada vez mais casos, só falta assumir a palavra. "Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio". Vou continuar a ler.

20

O meu pátio acorda molhado, com alguns suaves sobressaltos. Os morangos a despertar, a florinha branca do cebolinho bravo, a segurelha muito rija e viçosa e o marmeleiro em flor. O ano passado consegui salvar oito belos marmelos muito perfumados. Fiz três malguinhas de marmelada com eles, coisa divina, um luxo só para dias especiais.

Demorei à volta de duas horas a percorrer cem metros nos arruamentos cá de casa. É bem verdade! Devagar se vai ao longe.

Com o fim da tarde, vou à minha aulinha de Latim. Procuo a página de Frederico Lourenço. Cá está a terceira lição. Hoje tive a felicidade de poder ler e compreender breves passagens do "Cântico dos Cânticos" em Latim e a aula terminou em beleza com o primeiro verso da Eneida, de Virgílio. Soube-me tão bem! Bem haja, Frederico Lourenço.

21

Ah, as viagens que pude fazer! Lembro alguns dos lugares mais belos. Em Itália, a cidade de Florença, em Marrocos, as montanhas do Atlas e o oásis de Marraquexe e em Angola, junto à Foz do Cuanza, no meio dos imbondeiros, aquele coberto de madeira.

Eu fui muito influenciado pelos primeiros poemas. Na escola primária, ouvia aqueles versos melódiosos feitos de ninhos e passarinhos e por vezes a quilha da embarcação cortando a água e a minha aflição. Deus não andava por longe, com os suaves milagres da natureza a emergir da escuridão, como as rosas fora da estação. Quando cheguei ao Liceu, fui encantado por um Cantar de Amigo. A poesia era acompanhada de lápis na mão, na ondulação dos encavalgamentos e no desenho anafórico. Foi a minha primeira casa, o Cantar de Amigo. Havia água muito fresca, a dança sob as avelaneiras floridas e a ermíndinha só, onde se perdia o meu amor no mar maior. Comecei a acordar cedo nessa altura, para ouvir passar os rebanhos e os pastores e deixava-me ficar pela tarde, esperando o regresso das aves e uma palavra quase escondida entre duas pedras e uma estrela.

Há uma certa violência, coisa muscular, estertor, chamamento, forças obscuras do tempo dos carvões, esforço orgânico, ligações tensas entre músculo e aura, reunião dos abismos, crepitação, para que aconteça depois uma doçura, alguns versos de Camões, rimas que vivem além da espuma e da bruma, coisas do outro mundo, verdades que só um deus desconhecido reconhece, como se brincasse ou desenhasse na eternidade, sorrindo com pensamentos elevados e recolhendo no seu alforge papelinhos dourados e secretos.

Os deuses parecem distraídos, porque andam muito ocupados. A história é uma espécie de teatro que acontece nos arredores da imensidão que se estende para lá do Olimpo. Para se manterem actuais, continuam a tecer e a engendrar a máquina complexa das suas histórias e casos. Nos seus altos desígnios, os deuses não dormem ou fingem apenas descansar, porque a agitação é um remédio e um meio de prosseguir os conflitos. Os deuses alimentam-se de conflito e repouso e também de água e frutos, vinho e sementes. Os deuses cuidam os humanos, essa multidão que passa nos caminhos e povoa os vales e se reúne nas grandes cidades. Cuidam e divertem-se com eles. Chegam a pensar que é mais verdadeira a história das desgraças, as viagens e regressos, as guerras que se repetem e os comportamentos que já foram escritos em mundos ainda mais antigos. De um modo geral, os deuses têm um modo de vida que se deixa pressentir, que aflora nas águas do oceano e despeja alguma luz trazida dos astros ou do Hades. Os deuses não confiam nos humanos, mas deixam-nos fazer o que eles querem. Tomai este pedaço de terra e governai-vos, mas não podeis abrir as portas de ouro ou espreitar além da montanha sagrada e das muralhas da névoa. Os deuses agora andam cansados, porque não conseguem dormir e houve fenómenos misteriosos de águas envenenadas nos seus palácios e as aves sagradas queixam-se com os seus cantos desolados. Sente-se um grande abandono que vem subindo as altas torres como um fumo venenoso. Só os deuses, no entanto, dominam a velocidade e só eles fendem, rompem e contornam os espaços. Levantam cidades destruídas, erguem a casa dos poetas sagrados, renovam os templos profanados e preparam-se para resistir à invasão. A *hybris* não tem perdão e, como sempre, os humanos vão pagar caro as ofensas.

O sol começa junto à grande janela da biblioteca e eu venho sentar-me um pouco cá fora. À minha frente, pousados no chão, estão os vasos de sardinheiras muito verdes e viçosas, com o ar tenro e lavado da chuva que caiu durante a noite. Olho também algumas gotas de água que ficam a secar ao sol. Reparo ainda que as sardinheiras se dão bem com os morangos. Cada um no seu lugar, prometendo flor e frutos vermelhos.

Para João Galamba de Almeida que nesta ensolarada manhã de Domingo nos deu a ler o princípio de "Vale Abraão", de Agustina Bessa-Luís

Em jeito de intróito, lembro palavras de Fialho de Almeida:

"Esta hostilidade sagaz, enluvada e fina, que se chama aí a confraternização literária, e sob cuja égide se dão jantares no Gibraltar, elogios nas gazetas, e impagáveis desandas em conclaves recônditos, não passa dum voltarete elegante ganho pelos que sabem rir, e sempre pago pelos que esverdeiam de cóleras refreadas" (*A Cidade do Vício*).

Nunca me agradou muito a ideia de ter uma vida literária. Alguns casos e observações tornaram-me desconfiado, mas também é verdade que o assunto é complexo e merece ser tratado com lisura e propriedade. Há de tudo neste mundo, é bem verdade e às vezes acontecem belos encontros improváveis, pequenos acontecimentos que ficam a cantar na memória. Serão esses, talvez, que em noites profundas e descansadas nos acordam "a sorrir para os sonhos". No tempo em que fui leitor em Paris, tive a oportunidade de ver e ouvir alguns dos nossos grandes escritores. Por vezes, a sorte era pródiga e podia muito bem acontecer que os esforçados e esfomeados leitores se viessem sentar a um restaurante do Marais, a convite do Eduardo Prado Coelho, sempre muito afável nestes convívios, mas também compreensivo e sensível às nossas necessidades e apetites. Nessa noite jantámos com Agustina Bessa-Luís e com o seu marido. Ficámos todos suspensos da sua figura de senhora do tempo, muito bem arranjada e bem disposta, animando a conversa, dirigindo a cada um uma palavra afável. Comia com prazer e falava de literatura com aquela espécie de candura que uma jovem traz à janela quando vem regar as sardinheiras. Tenho escrito muito, Eduardo, tenho escrito muito. Aquele era, sem dúvida, "o supremo encanto da merenda". A grande Agustina falando amorosamente da escrita, sorrindo para cada um de nós e tocando-nos o coração. Eu tinha acabado de ser pai e ela perguntava-me pela minha filha e o seu marido sorria quando ela falava e dizia-me aquelas boas palavras que um jovem pai gosta de ouvir.

Há palavras que infundem respeito e outras que metem medo. Serão várias as causas que resolvem verter nas palavras as suspeitosas referências.

Não poderá haver unanimidade nestas modulações da percepção, porquanto todos somos diferentes e as palavras, essas, vivem cheias de histórias e renovam-se pelo modo como são lidas, comparadas e por vezes reinventadas.

Os leitores fazem as suas sentenças, conforme pensam ou sentem, conforme podem, também. Para mim, a palavra *ermo* sempre teve o condão de me incomodar. *Ermo*, *ermado*, *ermal*... Ao tempo do Liceu, quando estudávamos a reconquista, falávamos dessas terras *ermadas* pelo ferro e pelo fogo dos cavaleiros que pelejavam contra o "torpe ismaelita cavaleiro". Na altura eu imaginava a imensidão de campo raso, aquelas lonjuras despojadas de centeio, as oliveiras incendiadas, os animais esquartejados, as cabeças das vítimas ornando os paus afiados e o grande silêncio dos que sofriam escondidos, a terra suja dos crimes. A verdade é que a palavra se manteve viva, usada na fala, incólume e orgulhosa para esgrimir um topónimo.

Às vezes, quando percorro a cidade, reconheço alguns desses lugares. Pretendo apenas lembrar a maldição, o sítio onde a vida não pode medrar e por isso, nesses becos e passagens, as casas entram em ruína, os negócios declinam e depois, como é normal nestes casos, contam-se histórias. Há um mal que pegou naquela rua, naqueles lados, naquelas casas, naqueles lodos. São lugares abandonados, onde parece eternizar-se um frio desavindo e um calor húmido e sarcástico que se apraz a embalar as febres. Normalmente passo ao largo. Reconheço alguns desses lugares pelo cheiro e pelos modos da luz, como se tivessem uma espécie de catadura enferma, um ninho de ácidos corrosivos subindo os caleiros, instalando-se nos telhados e nos caixilhos das janelas.

23

Hoje de Manhã

Tive uma noite agitada, noite muito noite, mas acordo sereno. Chega-me a notícia de um belo dia de Primavera. Sinto-a leve, com o seu calor ainda alto, descendo agora um pouco, até à hora da sesta, com aqueles sossegos da folhagem e as brincadeiras entre as nuvens da tarde e os jogos de sombra. Sinto uma energia tensa e múltipla, ando um pouco deste lado e logo me

aparecem coisas para fazer mais ao fundo, nascem pensamentos, como se fossem respirações e oiço os passos, um andamento.

Apetece-me fazer imensas coisas, coisas pequenas, afinal, como abrir a janela, saudar o sol ou procurar o telemóvel. Tenho realmente muito que fazer. Um livro para ler e uma longa e misteriosa promessa de histórias, caminhos, delírios, ritmos que parecem muito apegados ao corpo, um levantamento termodinâmico, desejos e descontinuidades e fico sem saber por onde ir ou se devo começar em algum lugar diferente deste, como se houvesse um outro corpo que me pudesse inventar.

Sonho com as altas montanhas e depois apetece-me descer, uma águia perscrutando a estepe, não me atrevo a pensar no mundo antigo, a agitação dos portos, as grandes reuniões urbanas, as portas dos hotéis abrindo para o som baixo da orquestra de jazz e a grande noite, essa, sim, a grande noite dos concertos, a beleza dos corpos e da aventura plástica e ao mesmo tempo começo a andar ao longe por histórias sem importância, o meu pequeno povo, os meus amores, que saudades tenho dos ensaios, a descoberta como um concerto, essas reuniões que fazem sonhar histórias impossíveis, as únicas, afinal, que desenham a existência ao lado dos deuses.

Continuo a pensar que tenho imensa coisa para fazer e aos poucos isso acalma-me, porque isso são pensamentos, o modo como venho sentar-me no escritório, o livro que estava a ler. Onde está esse livro que me abre os olhos e me faz viajar outra vez? Agora tenho as mãos abertas, os olhos semicerrados, apetece-me água, descer outra vez junto de um pequeno rio de montanha. Observo-o da ponte, o lago, a queda de água, sinto-a nos músculos até desaparecer, é provável que a esta hora me prepare para embarcar, perco a noção das horas, a sequência é também uma perdição e lá no alto o cesto da gávea para ver ao longe, enquanto espero as notícias, enquanto descasco uma maçã.

É bom colher maçãs no abismo, sem saber como se alteiam estas árvores totalmente aéreas e salgadas. Preciso de beber um pouco de água, a Primavera é exigente e antes de me retirar espreito os cactos aéreos e a arruda que recupera de uma longa maleita de inverno. Ontem havia tempestades para sudeste, mas felizmente a flor do marmeleiro ficou em sossego. Ponho-me a pensar nos símbolos, essa névoa que cobre as ruas da minha infância e de novo o calor, vou acalmando, fico parado, agora a viagem já pode terminar, como se fosse a hora do almoço, como se não fosse nada.

A tarde emborralhou. Vieram cúmulos cinzentos, daqueles bem-postos, com golas esbranquiçadas. Há uma fuligem eléctrica a esconder o azul. Devem ser da família dos que se juntaram ontem à noite em Guimarães e esgranizaram ruas, telhados e jardins.

Para a Malad'arte

Sonhar esta noite daqui a cem anos

Ó, avô e o que é que havia antes? Foi sempre assim? Olha, havia prédios, muitos prédios, ruas, rodovias. Ali em cima, estás a ver, perto do monte, às vezes até havia corridas. Também havia um ribeirinho, mas de vez em quando ficava muito sujo e os peixes morriam. E porque é que os peixes morriam? As águas às vezes vinham muito sujas. Cheirava mal, avô? Muito mal, mesmo, nem imaginas. Sabes como é que nós dizíamos? Fedor. Era um fedor que não se parava. Mas agora está tudo diferente, não está, avô? Aconteceu alguma coisa, avô, não foi? Se aconteceu... Tu nem vais acreditar, mas um dia os prédios começaram a afundar e apareciam águas muito escuras, que nem se sabia de onde vinham e uns ratos pretos, muito grandes, como não se via há muito e depois apareciam passarinhos mortos junto às árvores, caídos na estrada, à porta das casas. No verão foi quando as coisas pioraram. Vieram incêndios terríveis, que entraram na cidade. Escapou aquela capelinha lá em cima, estás a ver, porque tinha muitos carvalhos e sobreiros à volta. As árvores é que a salvaram. Eu gosto muito de andar aqui a passear, avô. Vamos até ao lago? Ó, avô, vamos?! Vamos, mas tu tens que ajudar. Eu já sou muito velho para remar sozinho. Ó, avô, porque é que este lago tem tanta água? A água vem do ribeiro, mas também desce dos montes. Olha as árvores! São carvalhos, bétulas, faias, sobreiros. A terra recuperou do carvão e voltou a ser boa para as árvores e as águas juntam-se em pequenos leitos e bacias e descem e depois não foi muito difícil juntá-las neste lago. Que bonito, avô! E podemos passear lá em cima nos montes? Claro que podemos. Há caminhos muito bonitos no meio dos bosques e casinhas de madeira para tomar chá e café. E também casinhas para quem gosta dos pássaros e dos animais, avô? E há lobos, avô? Lobos não há. Eles não gostam de andar muito perto das pessoas, mas há coelhos e lebres, esquilos e ouriços-cacheiros, às

vezes aparecem raposas, são tão lindas com aquele rabo grande a espanejar. Ouve-se música, avô... Tens razão. Deixaram fazer uma escolinha de música mais lá adiante, a seguir ao lago. Tem lá uma pequena orquestra e eles vêm ensaiar muitas vezes. Os pássaros gostam de música e as plantas também. E aquilo, o que é? São pequenas hortas que algumas pessoas vêm cultivar. Começaram a pôr vinha também e algum milho e centeio. Podemos ir ver, avô? Primeiro vamos remar um bocadinho e depois vamos passear pelos campos. Há muitos sítios bonitos para veres e lugares para a gente se sentar. Tu podes correr à vontade, a relva é macia. Eu sento-me a ver. Gosto muito de ficar a ver e a ouvir. Quando venho aqui, durmo sempre muito bem toda a santa noite. É como eu, avô, não é?

24

Para Nuno Dempster

Ontem a minha mãe, quase a medo, contava-me o princípio de uma história. Eu só tinha ido lá fora ao quintal por causa das roupas que estavam ao sol. Deixei a porta da cozinha um bocadinho aberta e pareceu-me ver qualquer coisa a entrar. Sabes o que era? Um melro, grande, muito escurinho, de bico amarelo. Vi-o um bocadinho assustado, à volta das paredes e era tão lindo. Que lindo! Eu não sou supersticiosa, mas fiquei a pensar se aquela aparição queria dizer alguma coisa. A minha filha foi logo investigar. Os melros não trazem nenhum azar com eles e cantam tão bem. O azar deles são mesmo os gatos. Fiquei a pensar no que a minha mãe me contava e nos melros que cantam na minha vida. Às vezes, oiço-os despedirem-se quando já vem poisando a noitinha. Um último voo, rápido, como se fosse vento e depois o silêncio. Costumam acordar cedo e cantam nos altos plátanos do meu jardim preferido, parece que falam ao longe e que outros respondem. Durante o dia vão mudando a cantoria e chegam-se muito à terra. São comilões e brincalhões. No terraço, temos um ninho muito bem escondido na escuridão do loureiro. Apercebo-me das viagens e de quando partem assustados. Depois regressam, com os bichinhos que apanham no jardim. São uns minhoqueiros estes melros e eu fico a pensar em pequenos ecos do paraíso, ressonâncias,

coisas da imaginação a bem dizer, embora me pareça que a imaginação tem muito a ver com os melros.

Herberto Helder surpreendeu a linguagem e devolveu música e sintaxe a muitos dos nossos delírios.

25

Acordar, tomar café, abrir a janela. Olha! Está azul. Agora vou andar um bocadinho na Lua com a minha cabeça de vento. Deixo ficar a cabeça de alho chocho para meio da tarde, àquela hora um pouco nervosa, má para os calos. Estás de mau humor, meu caro! Não é nada. Está-me a chorar a vista e eu não sei de onde vem esta água.

Venho sentar-me à sombra da groselheira. Anda uma abelhinha a cirandar a alfazema. Nesse cantinho há o grande silêncio da abelha, de haste em haste, com aquele vagar de bichinho lírico e depois vejo-a desaparecer. Nesse preciso instante chega o melro, com cantoria mandona, leva encomendas ao ninho. Oiço outros pássaros nas gaiolas espalhadas pelo prédio. Parecem-me cansados no trinar um pouco enrouquecido do painço. Depois ponho-me a pensar que tive muita sorte. Se eu tivesse tomado banho, se tivesse banhado os cabelos naqueles cheirosíssimos champôs provençais, o bichinho dos poléns viria rondar os meus eflúvios e quando menos pensasse havia de escarafunchar-me o couro cabeludo, inebriado naquele perfume bárbaro e eloquente com que se fazia o mel antigamente.

Tenho estado a trabalhar bastante, mesmo quando ocupado com o tédio, com a sonolência ou com o mau humor. Quem esteve preso numa cela de prisão ou numa cama de hospital, sabe isso muito bem.

26

Estava a contar com um pouco mais de sol. De momento, ainda está uma aragem fria e as nuvens muito vivas nas humidades e movimentos. O sol

chegará mais tarde e nessa altura vou um bocadinho até ao terraço. Gosto de me aproximar do grande vaso castanho, onde cresce, mesmo no centro da esplanada, a nossa oliveira. É ela de certa maneira o meu centro do mundo e eu ando à volta a ver como crescem as pequenas azeitonas e reparo que ela é também o meu eixo da terra e por isso faço parte dos movimentos, ando à volta da terra e andamos à volta do sol.

É daqui, por entre vidros e muros, nesta esplanada que me cabe em sorte, que eu vejo ou imagino o universo. Fico então a pensar nos deuses e sorrio quando me lembro dos seus poderes e prodígios. Por ordem de Zeus seria possível afastar um bocadinho aqueles dois prédios e ficava o caminho aberto até à Invicta. Depois viro-me para Nordeste, empurro um bocadinho o edifício de nove andares e já vejo lá no alto, sempre muito perto do céu, as montanhas do Gerês. Do lado inverso também seria necessário abalar a construção e logo se abria "em sons e cores" todo esse extraordinário litoral de Esposende, a entrada da barra e aquelas águas que não páram, águas vivas como um corpo de mulher.

Do lado do escritório é mais fácil ter acesso às paisagens a Norte. Vejo o anfiteatro das montanhas e o Lima muito azul e bucólico, abrigado pela serra d'Arga. No escritório, os livros estão sempre em delírio e eu vou agora sentar-me um bocadinho. Continua a viagem em Orão, nas praias da Argélia, ao tempo da peste, no romance de Camus. Vou entrando lentamente, cada dia, naquele pequeno mundo que se tornou familiar. Assisto às conversas, oiço os medos e chegam notícias da morte.

Sento-me ao princípio da tarde, está um pouco de calor a preparar a sesta e uma brisa muito aconchegada, daquelas que recolhem leves pensamentos. Oiço algum barulho do trânsito e das obras no bairro e o tinir dos talheres entre vozes de crianças que começam a ter sono. Agora o vento começa a mudar. Vento de areias nas praias do Norte, águas arrepiadas.

Lembrei-me muitas vezes, nos últimos dias, de "Menina e Moça", de Bernardim Ribeiro. Sempre me impressionou a história tristemente incompleta, a menina partindo para "longes terras", mas o que me doía na alma era aquela avezinha, um rouxinol, se bem me lembro, que caía morta nas águas do rio, águas que passavam.

Já é um pouco tarde e já se comemora a esta hora o Dia Mundial do Teatro. A celebração começou no ano de 1961, no calor das Nações Unidas e em 1962 ouviu-se a primeira Mensagem do Dia Mundial do Teatro pela pena e pela voz de Jean Cocteau. Bem gostava de o ler mais logo, mas ainda não encontrei o texto.

27 de Março **Dia Mundial do Teatro**

O teatro foi sempre a esperança, a força também, a vida intensa e o prazer das coisas belas e inúteis, um livro de ouro, uma breve estrada por onde é possível caminhar nas nuvens e mudar o mundo por um sonho, por quase nada. Sim, o teatro ensinou-me tudo. A olhar e a ouvir, a escrever e a falar.

O teatro nasceu do corpo e do silêncio, nasceu da guerra e das grandes vitórias sobre a opressão, porque ao meu lado estavam a mão e a lança, as portas da cidade, a que abre e aquela que fecha sobre os desmandos da tirania. O teatro é uma espécie de prova da existência do homem, da sua grandeza e perdição, da sua cobardia e mesquinhez. O teatro criou a máquina delirante e a casa inteligente, os corpos velozes de textos voadores e máscaras irredutíveis.

O teatro fez-me acreditar no silêncio e na amizade, no mundo que se inventa por quase nada. De resto, nunca saberei porque gosto tanto de teatro. Faz-me bem, faz-me além de mim, faz-me acreditar por quase nada e depois, quando já não importa muito pensar, o teatro é o próprio pensamento, a revelação ou apenas a coisa que parece, a coisa que se inventa e que se esquece, a alegria que segue connosco e respira. Viva o teatro!

Hoje não posso falar muito, embora tivesse gostado de voltar a ler "O Teatro e a Peste", de Artaud. Quedei-me em breves passagens, pensando na violência da peste e na esperança que anima o teatro. Como uma vacina, afinal. Aconteceram tantas coisas e fiquei feliz, quando percebi que o nosso primeiro-ministro se indignou sem meias palavras com aquele chorrilho de indecências do racista holandês. Depois ouvi um pouco o Papa sozinho

na imensa Praça de São Pedro lendo uma passagem do Evangelho de São Marcos, uma das mais belas.

Chovia em Roma e caía um pouco de neve em Madrid. Antigos alunos pedem-me opiniões e testemunhos, porque hoje é o Dia Mundial do Teatro e eu vou lendo a espaços a mensagem que nos chega do Paquistão. Felizmente, de manhã, quando me sentava no terraço, depois do café, veio poisar um passarinho à minha beira. Era um verdilhão e eu fiquei tocado pela cor e depois ele voou, mas não fiquei só. Ficou o verde também e um desejo, quase sincero, de ver aparecer ali um limoeiro e um pequeno tanque com água de mina. Uma água nascida obscura e transparente.

28

Todtnauberg

Acordo com a imagem da Praça de São Pedro vazia e molhada. Ficam-me as palavras em Latim atravessando a imensidão, fica-me a extraordinária imagem de Francisco sozinho e a narrativa de São Marcos, a alegoria da tempestade que tudo parece ameaçar. Devo ter dormido naquela solidão e em muitas outras solidões e gritos obscuros que quase ninguém ouve... para lá das fronteiras, nos Campos, onde vivem homens humanos, "demasiado humanos", suspensos da prisão, entre o cinismo de Erdogan e a fraqueza dos Gregos decadentes.

Acordo a pensar na vileza dos dirigentes, dos merceeiros da riqueza nacional, dos possíveis herdeiros do Rei Leopoldo, o que colecionava cabeças de pretos e destinos. Assisto entretanto ao documentário sobre Paul Celan. Deixo-me levar pelo francês, porque é importante esquecer a pátria, quando falamos e oiço Celan dizer poesia em Alemão.

Procuro o poema "Fuga da Morte", na tradução de Ivette Centeno e João Barrento. Doem-me os versos, o "leite negro da madrugada" e sinto-me perdido, como se tudo à minha volta fosse a pedra fria da desolação, o destino irreconhecível de um céu ermado, onde se instala como um plasma a notícia das mortes.

Celan, também ele, "quis perdoar a Heidegger" e foi visitá-lo no seu chalet, em Todtnauberg, na Floresta Negra. Devem ter falado de Hölderlin e Heidegger continuava a ser, durante o passeio sob as árvores frondosas, o grande pensador e filósofo, o mestre e senhor da ontologia, o poder imenso da exposição, a retórica levada aos cumes da inteligência.

Celan veio-se embora e é possível que Heidegger tenha ficado ainda mais só ou tenha sonhado alguma lágrima e talvez tenha pensado na traição a Husserl e no enigmático apoio ao nazismo. Celan, no entanto, era poeta e por isso se foi embora com "o leite negro da madrugada".

Heidegger por lá ficou a escrever, talvez, a obra de um novíssimo Aristóteles, nunca soubemos muito bem. Não se lhe conhecem lágrimas amargas, não consta que em algum momento tenha ousado deixar este mundo antes de tempo ou apesar dele. Continuo a ouvir silêncio e invoco o seu nome, Celan, naquele subterrâneo em Paris, ouvido na voz de Bruno Ganz e Ana Schygulla.

TUDO VOA GENTE

2º round

Abertura em forma de tartine
Para o PIF'H

CORO

Tari-baribari bari baribari-baribu

Tari-baribari bari baribari-baripum

Tari-baribari bari baribari-baritum

.....

Tum tum tum... pum pum pum... tum pum tum

Doménico Jerome Clark

Aqui quem manda sou eu. Tudo calado, tudo prá cama, tudo à varanda, ordem geral para estarem quietinhos, comerem tudo, se faz favor e respeitinho, muito respeitinho. Faço aqui uma pirueta, um remoinho, um estardalhaço daqueles que vai tudo para o galheiro e já nem sei quem vai ser o primeiro.

Génia Impélica Clark

Ó papá, eu gostava tanto de ser loira e agora que hei-de fazer? O meu cabelo entardece e ai, que estou a ficar com caracóis, parecem caroços de milho, ai, se chove, ai, se chove mais nesta Primavera esburacada, tão mal educada. Desgraçada!

Brólica Hildevana Clark

Vê lá se te calas, sua loira desmiolada. Cala-te que eu preciso de ouvir. Ao mínimo sinal, ao menino deslize, ele vem por aí, sobe as escadas, não toca à porta, aparece invisível e vai logo direito à gelatina.

Zabias Truk

Sou eu, sou. Estou a chegar. O que eu já andei nesta manhã sem trânsito. O que vale é que os polícias me conhecem. Bom dia, Senhor Zabias! Mais uma voltinha, não é verdade?! Faça o favor. Tenha cuidado a atravessar, é mais por causa dos trompeteiros e dos besouros. É impossível mandá-los parar. Estou a chegar, estou a chegar!

Floc Dálio

Ó Brólica, ó cólica, ó magnólica, estrombólica, sei lá, eu perco-me, esqueço tudo, já não sei onde fica a saída, estou sempre a ouvir os teus passos, gosto tanto de te ouvir fungar e agora nada, que dor, meu amor!

Smartys Cool

Meu pai, queridos irmãos do contexto, humanidade em geral, como sabem eu tenho o segredo, guardei-o muito bem, só que agora não sei onde o pus. Se calhar, foi Zabias, esse mandante, esse tratante! Deixa estar que vais comer. Mais tarde ou mais cedo vais comer e vais malhar.

Frank

Eu sou o único que não existe. Ando tão depressa, que é difícil apanhar-me. Venho dali e já estou acolá. Sou um salto quântico mais-que-perfeito e ao mesmo tempo sou tão sensível, passo a vida a desligar as luzes que ficam acesas, dou-vos de beber em tempos de sede, mas agora ando muito ocupado. Viajo, viajo muito e não desapareço quando apareço, o que quer dizer que existo como se não existisse. Felizmente tenho esta família maravilhosa que me conhece muito bem.

Trilinho Gonk

Mentira! Mentira! Eu malho, eu malho e ides levar com a burra, quatro coices e um saco de pedras. Agora vou ali àquela vinha, enquanto não crescem as uvas. É que depois não se vê nada e já sei como é. A conversa do costume. A culpa foi do Gonk! Não senhor! Gonk está para durar, ando assim meio aos solavancos, mas é das preocupações. Gosto daquela menina Ventília. Areja-me, dá-me brisas por dá cá aquela palha e eu guardo-as no meu saco e assim as pedras aos poucos vão ficando voadoras. Sou tão feliz!

Ventília Passos

Ai, Gonk, sempre é melhor que voes tu. Tenho tanto medo do que anda pelos ares. Só é pena, só é pena seres tão desafinado, um tanto manco, nariz achatado. Gosto das tuas orelhas. Fazem-me brisas delicadas quando abanam e os teus olhos tão vermelhinhos e azulados. Eu sei que o vermelho são versos que me escreves e que o azul é um bocadinho da alma com que devias ter nascido. Gosto muito de ti, Gonk. Quando estás calado, é um silêncio...

Francisco Buscálio

Vai Buscálio, ó tiram'a sopa! Bagueiros, seus bagueiros! Tenho tanto que fazer. Sou o único que vai às compras, passo a vida a tomar notas, tenho que estar sempre a lembrar as coisas que se esquecem, a minha vida

é um inferno, pior do que chuva. O que vale é que eu sou rápido. Senhor Doménico! Francisco Buscálio está e estará às suas ordens. Fornow e forever. Não, não é preciso factura. Eu vou com todo o gosto. Vai Buscálio!...

Bento Spil

Ai, a desolação destes mistérios que ninguém conhece. Ai, que dor me dá nos interstícios da santidade, ai, como eu sofro nesta cadeira voadora. Ai, como eu queria ficar quietinho, sentadinho, a comer a minha açordinha. Ai, que sede de infinito, que sede de púrpura, que dor me atinge vinda dos lugares da ausência. Agora que vinha rezar os meus dias, louvar as résteas de esperança, tenho que ficar aqui, com a caçadeira apontada à janela. Ai, Zábias, seu diabo. Aí vem ele a trote. Prepara-te que vais apanhar com o zagalote.

Mac Lux

Luz, luzinhas, luzeiros, velas, velinhas, fogueirinhas, electrões. Ó, Senhor das turbinas, ó átomos incendiados, ó electricidades do mundo, focos, projectores, desenhos de luz. Enquanto eu aqui estiver, a cena há-de estar iluminada. Não se pode perder nada, não se pode perder nada.

Soni Efième

Vou fazer aqui uma barulheira tamanha, tamanhinha, baixinha, só para assustar os subterrâneos. De resto, música de baile para as meninas, rock satânico para espaventar as almas, vulcões a rosnar quando eu quiser. Bom ambiente, bom ambiente. O povo merece. Se alguém quiser, posso mandar chover violinos, esvoaçar pianos e um dia hão-de nascer flautas no quintal. Flautas e couves galegas, tudo muito bem abalançado entre silvos e trinados. Eu sou o futuro, não há dúvida.

Para Fernando Lapa

É verdade que estudei francês, mas também é verdade que estudei um bocadinho de piano. Coração parece que tinha, agora dedos! Faltava-me,

sobretudo, paciência e disciplina, claro. Não sei se alguma vez sonhei em ser pianista, arrebatado plateias e desse modo "chegar ao céu voando". Acho que sonhei ser muita coisa e, entretanto, ia sendo o que podia. Professor de francês, actor amador, explicador de andar pelas casas de malinha a receber sete e quinhentos à hora, enfim. Uma coisa é certa. A música contribuiu para a minha salvação, digamos assim.

Naquele tempo, ia muitas vezes para o Conservatório com o Alberto Peixoto. Ele, sim, um pianista a sério, em determinada fase da vida. Eu trau-teava umas coisicas, mas ouvia, ouvia e a Maria José Brandão teve muito mérito naquela altura e a professora Maria Teresa Xavier também. De repente, Braga era uma cidade com música e o Conservatório, uma espécie de pátria musical, o que quer dizer que não era pátria, era o mundo.

Durante muito tempo havia concertos várias vezes por semana. Todos os solistas que vinham ao Porto passavam por Braga e eu ouvia, ouvia música e ouvia também histórias. Quando vinha a Maria João Pires havia "festa na aldeia". Como é que ela está? Agora parece mais calma, pusemos-lhe um aquecedor na sala e depois ela tocava como uma princesa e tocava e soltavam-se as brisas encantadas que vinham da nossa Grécia antiga, tocava e os nossos corações ficavam ali nas cadeiras, esgotados nas suas jovens emoções, sonhadores como nunca, inventores da noite que depois continuava pelas ruas de Braga, talvez com uma sandezinha de carne assada no Dominó, se houvesse tempo.

A música ficou-me, levou-me consigo até ao silêncio e às grandes vagas da orquestração, a música era a minha pequena matemática sentimental e o meu jovem coração romântico vibrava com a robustez apaixonada de Beethoven e com os andamentos sublimes de Schubert. Por tudo isso me habituei a ouvir o vento e o som que oscila na folhagem, oiço ainda a azáfama coral das nossas ruas, as vozes do ruído, os silêncios que se levantam e a grande alegria das manhãs, as aves do céu, como se houvesse no seu canto a primitiva luz do mundo.

28

Ó, pá, percebes pouco da poda, é assim que se diz quando a gente mete o nariz onde não é chamado para fazer de conta que percebe. A gente lá vai sabendo umas coisitas. Disseram-me outro dia, mas eu já tinha lido antes, que o vírus era uma coisa morta, que se metia no corpo, ficava por ali acampada a preparar as tropas e partia à conquista dos pulmões e era um ver se te avias. Pois a morte é isso mesmo. Criamos tantas figuras, imagens, alegorias, histórias, lendas, figurinos, máscara, esculturas na pedra, bestas e agora criamos esta, só que esta soltou-se das paredes do imaginário.

Adormeci quando me pus a ouvir o grande silêncio na manhã de Domingo. Não ouvia vizinhos nas canalizações, não ouvia estalar os móveis, não ouvia nada e isso deu-me sono, trouxe-o descendo sobre os cobertores, aconchegado e mudo. Acordo há pouco sem saber de que terra sou, mas com um forte instinto de realidade. Deve ser isso que me quer levantar. Daqui a pouco já estarei a tomar café e depois sento-me um pouco ao sol. Pode ser que se oiçam os sinos ou a brincadeira das crianças lá para o quarto andar. Tenho esperança de conseguir levantar-me e de me pôr bem disposto.

Olha! Não ouvi sinos, mas acabei de ouvir o cuco na cozinha. Está na hora. Daqui a um bocadinho já venho fazer uma sestina. Sinto o molengão a dizer que não, eu fico, eu desisto, eu durmo, como se as almas ressonassem todas no fim do mundo. Está bem. Dorme mais um bocadinho. Eu vou ali e já venho e depois, quando voltar, seremos um só outra vez.

Vou dar uma voltinha. Está decidido. Frank deve estar a chegar. Banhinho, banhinho e lá vou eu. A água corre, desliza o sabão azul, ponho um pouco de champô, hoje sempre é Domingo e deixo correr mais água e mais e depois parou o chuveiro. Olha as pingas a escorrer, a toalha levemente sobre a pele, os perfumes e águas de colónia a olhar para mim. E agora roupinha lavada, tem que ser. Num tão belo dia de Primavera, cheio de pólens e de brisas, há que pôr calcinha branca e camisa azul bebé. Mais um jeito no cabelo, uma malhinha para as alturas, um cachecol para os ventos, Frank deve estar a chegar, chegou e lá vou eu.

Ó, meu amigo, ainda bem que vieste. Tenho andado pelo outro mundo, muito ocupado, muito ocupado, diz ele. Nesta altura já Frank levanta voo sobre as ruas desertas e eu que não via os telhados há tanto tempo e as tílias da Avenida, olha que frescas e as pombas, coitadas, com aquele ar abandonado, entre mancas e evangélicas, olha ali os lóvãos e depois os carvalhos e bétulas e aquelas pequeninas, são hibiscos, as que dão florzinhas durante a rua de Santa Margarida. Leva-me à Sé, Frank. Tenho tantas saudades de ver o tempo antigo e depois aquela mistura de castelo, templo e palácio sempre me intrigou.

Ó, que belo romance se podia escrever. Pousavas-me na Rua Dom Diogo de Sousa e eu fugia por uma sombra e logo aparecia mudado em página de livro, a vasculhar sentenças e acontecimentos, coisas de outro tempo que agora nos levam a São Frutuoso. Estão verdes os campos de São Martinho, não vás tão depressa, Frank, olha este azul tão calmo, quase pousado, olha ali em baixo os córregos, as veredas, os muros e os portões, as rolas sempre na mama, com ar de galinhas elegantes. Que bela viagem, Frank!

Lembras-te, há pouco, quando eu te disse que me apetecia cair, deixar-me cair nos ares, como se houvesse um berço, umas palhinhas onde eu me pudesse deitar? Era a casa onde nasci. Tenho saudades, Frank, mas agora preciso de descansar. As viagens duram sempre a eternidade. Foi muito bom, muito bom. Adorei o passeio. Tenho lágrimas nos olhos, é verdade, sabes como é, lá nos altos a aragem é mais fria, constipa e eu sou muito sensível às alturas. Obrigado, Frank, obrigado. Aparece, quando quiseres. Gostava tanto de ir ao Gerês e depois também podíamos dar um saltinho a Esposende. Tenho um fraquinho por esses sítios. Não são histórias, não, são palavras que eu guardo e que já se habituaram a existir para lá da memória. Adeus, Frank. Adeus! Cá estou. Que bela foi a viagem! Fez-me muito bem, estou outro.

Que bem me soube este copinho de vinho tinto! É porque o mereceste, meu caro. O vinho é uma justiça. Obrigado, obrigado. É verdade que me esforcei por passar bem a manhã e espalhar à minha volta alfazema e madressilva. Malandro! Pensas que eu não te conheço?! Está bem, está bem, vai lá beber outro copito, mas não abuses.

30

Numa certa fase da minha vida ficava muito ansioso, quando me punha a ler poesia com a sensação de não perceber nada do que estava a ouvir. Onde irá parar este desconcerto, que será feito das imagens, para onde me leva este andamento? Não entendo os versos, persegue-me a estranheza, suspeito das construções, afligem-me as passagens obscuras. Salto sobre os hiatos, como se fossem pontes, mas nesse passo sou obrigado a voltar atrás. Não se atravessam pontes dessa maneira! É perigoso. É preciso parar. Limpar bem os pés, tentar perceber o que aconteceu antes. Repara! Durante a travessia estarás sujeito a todos os imponderáveis. A ponte oscila, nascem ventos desconhecidos, línguas estranhas, segues preocupado e a água passa, com o seu marulhar de afogados.

Normalmente é isso que eu faço. Tenho pressa em chegar ao outro lado e deixo ficar para trás o que desconheço, essa estranheza das construções, as noites que se acumulam, as coisas rítmicas que sugerem pedaços, é tudo muito estranho. Depois acalmo. Já vou um pouco mais longe, afasto-me da zona de perigo, agora oiço coisas parecidas com outras coisas, frases simples que se ligam a outras frases e nessa passagem a realidade torna-se conforme, parece que regresso aos primeiros textos, no tempo em que a flor rimava com amor e o céu tinha um véu e a mente andava contente. Fui acumulando esses versos perdidos, todo esse mundo de coisas ditas que eu não podia compreender.

Nada se perde, meu caro. Convivo com a herança, deixo-me andar e um dia... Ah, eu nunca tinha visto esta luz! E tu, bichinho, que fazes tão lento a andar pelo caminho? As leituras espalham-se como bocadinhos de pão que ficam da refeição e eu atiro as migalhas ao ar. Chegam as aves e os insectos, está a puxar a chuva, a aragem parece tomar conta das ruas, tem dedos, o ar húmido anda às voltas, acredito que as coisas olham, fecho a janela e ponho-me a pensar em todos esses versos difíceis, quase impossíveis.

Continuo a ler e agora reparo que nem todos os poemas se levantam da mesma maneira. Leio versos que começam a descer, parece que vão morrer, desligam-se, misturam-se e desaparecem. Sinto-me obrigado a ir atrás deles. Os versos andam muito depressa. Por vezes, é possível encontrar passagens em circunstâncias diferentes. Ali são palavras vestidas ao contrário ou mudaram

de roupa, talvez. Mais à frente, aparecem frases umas em cima das outras e soltam-se sinais e depois tudo desaparece.

Para Oeste vai o declínio, palavras mais sombrias e para Norte corre a água fria. Um dia convenço-me que os versos que eu não podia compreender eram apenas modos de ler, misturados com modos de dizer. Passado muito tempo habituei-me e comecei a achar normal aquele incêndio cinzento, com ar de alcatrão amolecido que vem subindo a rua, como se fosse uma pequena maré de crustáceos metafísicos e uma perna de caranguejo esvoaçava e os javalis vinham espreitar à janela com as suas canas de pesca.

A minha rua é desconcertante. Vê-se cada coisa! Provavelmente o mundo é mesmo assim, uma longa sequência de construções na areia, coisas da água e do vento, a noite caída como chumbo, um frio nascido do outro mundo e às vezes um milagre. Chamo-lhe rosa do deserto e fico em paz. Agora, sim, compreendi e já posso sair daqui.

Lembro-me de muita coisa ao mesmo tempo. Há pouco chovia em Paris ou nevava e nós corríamos a visitar a cidade e regressávamos quanto antes para comer uma massinha com feijão vermelho. Andámos pelo Père Lachaise com a neve até aos joelhos e as pontes do Sena, temos que lá chegar. Eu gosto do Pont Neuf, sinto-me antigo e agora descanso um pouco no Musée d'Orsay. Andei a ver os impressionistas, mas quando chego aos quadros de Van Gogh tenho que me sentar. É difícil sobreviver aos girassóis. Felizmente existe Saint-Germain-des-Prés, espreito "Les Deux Magots", Duras vive logo ali naquela ruinha a descer e muito perto há um restaurante do tempo da grande guerra e da pneumónica.

Já a tarde cai, move-se o tempo entre as duas guerras e por isso viajo até Lyon. Sou assaltado a meio do caminho, em Lyon havia mortos, o "vieux Lyon" não se deixava ficar, a resistência acordava cedo e media-lhes os passos. Ó, como era bom atravessar o *Maciço Central*, caminhar nos montes com Stevenson, ouvir aquelas aldeias isoladas, um sino, um copo de vinho, s'il vous plaît, agora, sim, *Les Gorges du Tarn*, paisagem a sério, medos inscritos no infortúnio, pedras altas e ainda há pouco a cidadela de Thiers parecia um comboio parado no dorso de um dinossauro, cidade-espinha, cutelarias famosas, ruas frias, não sei onde pára a minha viagem, mas agora lembro-me.

Devo descer até Marselha. Espero ansiosamente a chegada da noite. Dançar um pouco num bar manhoso, abençoado pela Máfia e depois seguir caminho, comer uma pizza em Arles, a suspensão na ponte de Avignon, mais longe o vento Suão perto dos Alpes, vem aquecer a soleira dos montes e no dia seguinte começa a nevar. Costuma ser assim. No regresso, a leitura, a peste grassava em Marselha no ano de 1720. Ia sendo apanhado, a sorte é este tempo que passa e corre e não volta.

Batem à porta. Quem pode ser a esta hora, quem bate a esta porta em tempos de peste? A noite está escura, vejo mal os meus pensamentos, o espírito obscuro destes dias paira como uma infecção. Batem outra vez, levezinho, pelo menos parece ser gente bem educada ou então pode ser do frio. É melhor ir ver. Levanto-me da cama, levanto-me do sono, mas demoro um pouco a vestir o casaquinho azul e depois o meu robe castanho comprido.

Está frio nos corredores, mas batem à porta e eu não sei quem é nem sei se devo preocupar-me. Quem pode chegar assim de noite, com este frio? Começo a recear, tenho quase medo, uma coisa antiga, anterior aos meus avós. Será um peregrino, alguém que anda perdido? Será uma mensagem do fim do mundo ou apenas alguém que bate à porta porque sim, porque tem frio.

Penso na peste, visto-me de medo e vou abrir. Antes disso, pergunto quem é e segue-se um grande silêncio. Depois oiço uns passos que me parecem pequeninos e percebo que a porta da rua se fecha delicadamente. Corro à janela da cozinha. O vento soprava de oeste, mas vinha atormentado pela passagem nas esquinas e por isso uivava e não vejo mais nada. Abro finalmente a porta, agora já não há perigo. No chão, posto com muito cuidado sobre o tapete, um raminho de flores do campo.

31

Esta noite ouvia-se muito barulho para os lados do Ateneu. À volta não se via nada. Minto. Havia duas janelas acesas no Hotel Hespagnol, é o que dizem. Eu se tivesse pernas tinha lá ido. Conheço aquilo tão bem e depois é quentinho. Eu não faço mal a ninguém. Tomo conta. Normalmente fico sempre aqui, por trás desta coluna. Dantes havia mais cães a passear de noite.

Agora vejo ratos ali atrás. No Ateneu joga-se às cartas e eu gosto de ficar por ali a perder. Perco tudo, moedas, papéis, ideias e até vontade. As madeiras são muito sensíveis às jogadas e os cristais também. Se eu conseguisse sair daqui, era só subir a Rua dos Chãos. Gosto daquela gente. Ninguém se põe a cheirar. Bebem, bebem muito e apalpam-se. Até aquela que tem ar de costela mendinha e a amiga, um assombro. Essa é a única que tem cheiro, vem a correr à janela e eu subo, como se ela fosse um bocadinho inclinado da Ursa Menor.

Da última vez que passei lá a noite desapareci entre ela, no meio dela, a tomar banho naqueles folhos. Está mesmo frio, hoje. Nada! Está tudo no Ateneu, o resto não sei. Se calhar, já não sou eu, vou a meio caminho. Está mesmo frio. A história é uma coisa fria, gelada e depois aquece, mas é preciso sorte, é preciso ter pernas. Se me levanto, fico para aqui especado, com ar de cabide e os cãezinhos da noite passam e vêm todos mijar-me na perna. Sinto-me muito infeliz.

No Ateneu é diferente. Eu só de olhar aquelas luzes, a cristaleira, os licores e os xaropes. É o único sítio onde tenho calor. Parece que estou na praia. A esta hora estão todos a perguntar por mim. O Edmundo não vem? Estou coxo, é o que é. Vou ficar aqui a tomar conta, mas só com os olhos. Viro-me para aquele lado e as coisas que passem, se quiserem.

Contaram-me uma vez, mas não sei quem foi, juro que não sei, que o poeta Camilo Pessanha tinha estado em Braga. Não se sabe muito bem onde, talvez na zona de Gualtar, talvez em Montariol ou na Quinta da Armada. Viram-no com aquele fato branco das fotografias, com seu ar fulgente e recatado, ansioso por voltar ao Oriente.

Aqui é muito frio, o ópio fica húmido e deslaçado, perco-me nos granitos e depois sinto-me cair em lugares obscuros, perco versos quando me ponho a escorregar pelos penedos, esqueço-me das imagens, é como se elas ficassem embrulhadas ou então muito lisas, como cartas e eu sinto-as levadas por uma aragem malsã, olhos enrugados no postigo e depois os sinos levam-me os pensamentos.

No mesmo dia, pela tardinha, Camilo Pessanha partiu. Disse que não podia escrever. Preciso de me deitar, preciso das minhas sombras e aqui a vida é muito estridente. Eu sou apenas a distância da minha pequena solidão. O calor traz-me a indolência e depois no Oriente chegam as coisas que

eu amo e eu vejo a dor humana, o meu deserto. Vejo com a luz do mundo, a indolência das cobras, os desenhos que vão fazendo as areias. Guardo as cores, fico a olhar o que acontece, como se estivesse a trincar palavras. Então as paisagens começam. Chegam as caravanas, passeio no jardim, desço ao fundo do mar e não digo nada a ninguém.

Não posso falar de todas as "lindezas" que tenho visto aparecer aqui. São muitas, felizmente e diferentes nos modos e nos propósitos ou atendendo à circunstância. Uma coisa é certa. Os filminhos do Aurelino Costa a contar histórias para crianças são um encanto. Maravilha! Que alegria. Obrigado, Aurelino.

ABRIL

1

Dormi bem, muito bem, como um odre. Sinto-me fresco por dentro e por fora. Nada de televisão, nada disso, meu lindo. Há que abrir as janelas, lavar as mãozinhas como manda a lei, tomar o pequeno-almoço e depois inventar qualquer coisinha para fazer. Ponho-me a escrever. Infelizmente os sonhos da noite andam muito preguiçosos, embalam ainda os acontecimentos mais importantes e, como é normal, só posso esperar banalidades. Lá para o meio-dia é que começa o filme. Então, sim, vou andar pela casa como um cuco ou como um sino, logo verei e, nessa altura, talvez me atreva a sair. Eu sei bem que tenho que ficar em casa, mas nada me impede de viajar em outros mundos ou por outros modos.

Hoje gostava de ir ao café Bristol. Frank deve chegar por essa hora, foi o que ele me disse. Apetece-me tanto um bolo de arroz. Frank adora tremoços. Come tremoços no céu e na terra e guarda as cascas no saco que ele costuma trazer a fingir de Pai Natal. Sabes, meu caro, quando passo naquelas altitudes descomunais, aproveito para arrumar as cascas no vácuo. O que eu sei é que elas desaparecem. Sabias que há muitos meteoritos que se acrescentam de cascas de tremoços? Em geral esses são inofensivos. Ah, é verdade, e bem me parecia que tinha novidades para contar. Sabes qual é o meu projecto? Diz, lá, Frank. Os teus projectos são acontecimentos. Fazer meteoritos de cerveja. Cerveja e tremoços. Vinha um deles por aí abaixo e quando se encontrasse perto das nossas órbitas, desfazia-se num estrondo amarelado, muito suave, muito pilsner, e chovia sem se poder ver. É o meu antídoto contra as chuvas ácidas. Seria uma chuva invisível, uma cerveja que passava incólume, com a sua gravata muito branca, parecia algodão voador e nesses instantes nascia um arco-íris amarelo rubi acastanhado e as casquinhas dos tremoços deslizavam como adubos, com o interior da casca a massajar os húmus. Enfim! Projectos, meu caro. Sabes o que me preocupa? Diz lá, Frank, gosto tanto de te ouvir. Eu devia ter sido mestre cervejeiro, mas a vida fez-me andarilho. Sou uma espécie da taxista da eternidade. Tenho tanto que fazer!

Estava à espera de livrinho desde ontem ou anteontem. É claro que não desejo mal ao carteiro, também ele tem os seus ritmos e todos os direitos para se proteger do mal. Por volta das onze, lá vou eu. Levo um pouco

de papel para rodar a maçaneta da porta do prédio. Que emoção! Sinto a aragem. Mistura-se nos ares alguma neve derretida e já estou a abrir a caixa do correio. Ó, maravilha! Lá está o embrulho, lá se guarda o meu tesouro e lá vou eu de papelinho a fechar a caixa, a empurrar a porta, a chegar a casa. Abro o pacote com todo o cuidado e nasce a obra, parece pousada na escuridão, embalada nas viagens e agora renascida do porão. Que bom! É um livrinho de Artaud. Eu estava com receio, confesso, mas ele portou-se bem. Ador-meceu e agora acordou.

Café Bristol

Para Adolfo Cesário

Estava à tua espera, Frank. Desculpa lá, mas nem imaginas o trânsito que eu apanhei lá nessas alturas por onde me movo. Hoje havia de tudo, até almas penadas. É curioso. Elas costumam andar baixinho, a carpir endoenças nas zonas baixas, mas hoje andavam histéricas em lugares inconcebíveis. Enfim, deixa lá isso, nem é bom falar. Estou habituado a tudo, mas as almas penadas dão-me azar.

Como é? Estás prontinho? Vou só pôr as asas e já nos pomos a andar. Deixa ficar as asas quietinhas. Podes vir a precisar.

Agarras-te bem, a viagem é curta e daqui a um bocadinho já nos vamos sentar.

Andas tão depressa, Frank! Nem sei onde estou.

Surpresa, meu caro, surpresa.

Alto e pára o baile. Aterragem doce, ninguém vê nada, respira-se fundo e já cá estamos. Está tudo em obras, estás a ver?! O Banco do Minho já era, a cadeia foi derrubada até aos esgotos, a Rua da Água vai secando e as pobres irmãs do Convento dos Remédios andam num ver se te avias a fazer arrumações e a recolher as receitas. São umas doceiras, pronto! Deixemos as obras. Mais ali à frente já se faz o Theatro, está quase pronto, plim, se quiseres podemos ir ouvir o Rubinstein, tenho bilhetes para todos os tempos.

O que eu queria mesmo, Frank, era sentar-me um bocadinho no Bristol, e então ele deixa-me sozinho no Café. Tenho que ir ao Hotel Hespagnol. Vamos ter uma bela noite no Ateneu, diz ele.

É engraçado. Sempre achei que o Frank era um bocadinho Espanhol. Eu acho que ele me ensinou a ser vagabundo das mesetas, a ficar horas e horas debaixo de um ulmeiro, a ouvir a água da fonte e depois lá ia ele a voar, armado de uma guitarra andaluza, cheio de "som e fúria", trazendo belas moças a cantar em volta de nuvens que lhe saíam do bolsos e depois, como era costume, aquilo já era outra coisa e ele passava na Torre de Montaigne e levava-me ao castelo de Duíno e depois, como se ainda não tivesse entrado no Bristol, Frank apresenta-me aos pais de Camilo Pessanha, na Quinta da Armada. Muito prazer em conhecê-los, façam o favor de entrar, o nosso poeta está quase a acordar. Tu cansas-me, Frank. Eu não sou como tu, não posso andar tão depressa. Deixa-me ficar aqui sossegadinho no Café.

Que silêncio! À minha volta vejo uma instalação de cavalheiros mais ou menos solitária, embora divergindo na colocação na mesa e no modo como se relacionavam com o espaço. Encantou-me logo aquele aspecto dourado, embora não fosse dourado, mas antes redondo, aquele olhar em semicírculo o que ia passando na Rua. Olho muito lá fora as senhoras, têm coisas para ver, os homens são mais secos, mais estilo peça única. Como aqui. Os cavalheiros ocupam a espaços as mesas, vestem fato escuro medianamente cingido, chapéu como se vê nas fotografias, fato coçado das costas da cadeira e dos passeios à volta dos climas. Bigode pequeno, sorrindo um pouco as abas do nariz, óculos, se os houver realmente, hão-de ser disfarçados de cor da areia com sol, olhos desviados para o fundo, um fundo qualquer.

Estou em Braga, bem sei e nada do que se segue pode por isso ser verdade, mas o que eu queria dizer é que foi neste dia que Frank me apresentou a Fernando Pessoa. Eu fiquei muito ansioso, pensei num verso que soubesse de cor, numa coisa que eu dissesse e que ele pudesse gostar, bastando-lhe apenas sorrir ou levantar um pouco a cabeça. Podíamos convidá-lo a passar a noite no "Hotel Hespanhol", mas ele são tantos. Vieram todos e alguns nem sequer são conhecidos. Que banalidade! Vê-se bem que andaste na Universidade, diz-me Frank. Deixa lá isso. Frank é isto mesmo. Se eu precisar, ele aparece, mete-se na conversa e desaparece.

Agora estou outra vez sozinho, eu e aqueles senhores todos de igual, gémeos da diferença. Não tive coragem de pedir o bolo de arroz. Olhe, queria só um café e um bagacinho, um dedalinho daquele do costume. Bebo de um trago o calinhos, o café já tinha tomado, levanto-me, meus senhores!, e saio

por um corredor de versos desabridos, depois sinto-me pousar num lugar suave da Ática e fico à beira de uma janela a ver passar as coisas, as cores e os montes, canções... Não, as canções, agora, não. Logo à noite, no "Hotel Hesperhol" a gente fala.

2

Acordo com olhos de fechadura, sinto-me antipático por dentro, como se tivesse um ferrolho no diafragma. Ando entre o quarto e a cozinha, tomo café para voltar a adormecer. Já percebi que as obras no bairro estão a acabar e ontem deitaram árvores abaixo. Fico então a pensar no chilrear que se levantava ao fim da tarde, em volta dos ciprestes. Para onde haviam de ir os pardais? Nos próximos dias vai começar a haver silêncio. O pessoal vai-se embora para outras obras e o bairro vai fechar. Fica a mercearia, com as suas filas silenciosas e alguma conversa estridente a cortar o ângulo das ruas. Daqui a um bocadinho vou abrir a fechadura e talvez me disponha a pôr os pés ao sol. Não, isto não é má disposição. Calhou-me esta passagem do andamento, sofrer um pouco com as notícias.

Dia Internacional do Livro Infantil

Bom dia, meninos e meninas, bom dia aos grandes que sabem ser pequeninos. Vamos ler histórias, vamos, são pão para a boca, água fresca e depois é como se andássemos mais levantados. Olha aquela nuvem no céu! Já vai passando, já vem a outra e ambas vão mudando e para ti é um barco de algodão e tu que achas? Sim, bem pode ser uma bola de sabão e ladra o cão do vizinho. Coitado, estava preso lá dentro e agora veio a correr, é só uma maneira de falar. Os animais falam, pois claro. Piam baixinho os que ficam na gaiola, ladram mais baixo os que vivem na casota e lá no alto, estás a ver os grandes bandos a passar, parecem navios no alto mar. Ó, avô, é verdade, é mesmo assim? Era uma vez...

Fomos tão longe, andamos tão depressa, fomos ao fundo da terra, subimos aos altos ares, comemos cadáveres vestidos de esperança, deixamos

as crianças dentro das imagens da televisão e muitos quiseram bebericar champagnes com os ditadores, muitos quiseram calar-se com a invasão dos ratos, a latrina palavrosa dos Bolsonaros deste mundo, muitos se amarguraram com o cerco da atmosfera, a raridade do ar, a pobre terra desolada das crianças à fome, muitos se persignaram perante o desperdício e quase todos se esqueceram das histórias, das grandes lições que nos chegaram dos textos sagrados, da tragédia, das canções que atravessam os tempos, dos lugares que ficaram lembrados e agora, tão fortes e ricos, tão sábios e poderosos, agora ficamos suspensos no fim do mundo e a multidão dos pobres vem pedir contas. A custo, caindo da fome e da doença, vem pedir contas à civilização.

Penso na metafísica, antes de tomar uma decisão. Penso naquele poema que todos conhecem e como um chocalinho. Como dois, afinal.

Entre Outubro e Março, já entrava o ano de 1900, Camilo Pessanha viveu em Braga, na Quinta da Armada. Escreveu então o poema "Violoncelo" e aquele outro, tão belo, descendo "em folhedos tenros a colina". Esse lugar existe nos nossos dias e eu passo por lá muitas vezes. É provável que em próximas passagens eu olhe à minha volta de uma outra maneira. Entre um tempo e outro... "pontes aladas do pesadelo".

3

Vamos lá! Um dedo de cada vez e daqui a pouco até levantas voo. Sabe tão bem esta espécie de sesta do pequeno-almoço! Indolência com sabor a café. Tem qualquer coisa de oriental ficar assim meio a sonhar vagares marítimos.

Frank saiu muito cedo. Ainda teve tempo de me dizer, meio em segredo, que ia preparar o regresso. E lá foi ele naquele estilo vou ali e já venho. É a vida, sabes como é. Ando sempre muito ocupado, mas tu vais ver, meu caro, quando eu vier, vai ser uma festa.

Não faço a mínima ideia. O quê? Que estás para aí a dizer? Não sei onde pus o meu diploma da Licenciatura. Estava tão enroladinho no canudinho

preto debruado a letras douradas. Em alto relevo, ainda por cima. Vou começar já a procurar. Não vou nada, estava a brincar. Era o que mais me faltava. Perder diplomas é uma espécie de vocação. Deixá-lo estar no seu canto perdido. Daqui a uns anos vai ser muito valioso, assim enroladinho no canudo preto, com letras douradas.

Oiço uma guitarra eléctrica que toca furiosamente algures num sexto ou sétimo andar. A espaços apercebo-me de um sintetizador. A bateria calou-se, por enquanto. Daqui a pouco vai irromper pelo terraço ao lado do cão do vizinho. Desliza com as quatro patas, até bater com o focinho no muro, caga-se um bocadinho, dá uma mijinha rápida, uiva então como um oboé, espreguiça-se, coça-se quase até às orelhas e prepara-se para entrar em casa, com o focinho levantado e as quatro patas muito síncronas, em jeito de canídeo aburguesado. Que sorte não ser galgo, há-de rosnar o cãozinho. E lá foi ele todo inteiro, feliz da vida por não andar às ordens de um cavaleiro.

Gostava muito de me pôr a escrever uma historinha. Havia um rapazito e um pássaro. Era verde e amarela e azul a avezinha e o rapazito talvez se chamasse Pedro, mas lá no fundo era eu que tinha crescido e que agora me punha a escrever. Mal acabava de comer, o Pedrito ia junto da mesa no terraço e deixava espalhadas as migalhas de pão que tinham ficado do jantar. Às vezes esquecia-se de ir ver e quando se lembrava já as migalhas tinham voado. Ao longo dos dias, como é natural, o passarinho vinha comer à mesa e o Pedrito ia-se aproximando, muito espantado e contente de o ver comer. Um dia, o pássaro falou e nesse momento a história acabou.

4

É verdade que há menos gente na rua, mas também há gente na rua. Tem que ser assim. Faz-se o que se pode. Se não houvesse gente na rua, nós não podíamos ficar em casa.

O último comprovativo que eu tenho de que a poesia existe, data de há poucos minutos, aquando da leitura de um poema de Lope de Veja que o senhor Dom Luís Carvalho me deu a ler.

"Acreditei que era uma aventura e na realidade era a vida" (Joseph Conrad).

Encontro estas palavras numa página de Corto Maltés. Isto no fundo já me acontece há muito, tenho-me vindo a preparar. Subir o rio Congo num frágil lenho não é fácil. Apeteceu-me realmente ler "O Coração das Trevas". Por várias vezes tentei largar a Foz do Tamisa, mas normalmente ficava-me por ali e por algumas espreitadelas a outras partes da viagem. Tenho-me a haver também com as traduções. Pelos vistos não é fácil. Eu penso que devemos ter em Português quatro ou cinco. Com qual delas me vou fazer ao largo? Imagino os trabalhos. É preciso preparar o barco, e nós, pobres leitores, marinheiros da doca seca... Sim, senhor. Acabas de ler "A Peste" e agora vais ler "O Coração das Trevas". É o que me apetece neste momento. Se não leio agora, quando é que vou ter tempo? Estou curioso, é o que é. É como se esses livros me chegassem pela mão do "Anjo da História".

Hoje levanto-me cedo, deixo-me de coisas. Ainda estou a sentir o pão torrado e o sabor a café que tenho na boca pede-me um cigarro. Abri a janela e vi a chuva a chegar numas nuvens escuras e um bocadinho eléctricas. Quase a descer os olhos na janela passa um melro. Vais com pressa, maganão! Folheio o telemóvel e venho sentar-me com um belo artigo de Teresa Carvalho sobre Mécia de Sena. Comecei bem o dia.

Fecha os olhos e diz-me o que vês. Vejo as árvores que oscilam e a chuva que vai chegar e também o grande silêncio do bairro ao sábado à tarde. E que mais vejo? Um cavalo ainda pequeno que corre e atravessa a estepe e eu corro também. A tribo está reunida e as conversas são graves. Os anciãos falam do tempo e estendem pedaços de terra sobre o grande tapete. O falcão tem os olhos vendados e depois dizem-me para sair. Aproveito para ver a noite que vai caindo e fico sozinho. É isto que eu vejo e agora fico sem saber se posso continuar ou se devo sair daqui. Deve ser longe o mar, não sei bem onde fica a cidade e eu sozinho, com as mãos sobre os joelhos, dou um pouco de atenção a tudo.

Oiço o cavalo correr durante a noite e assim me apercebo como há coisas que são longe e daí a pouco terei que adormecer. Juro que não vou chorar. Posso brincar um bocadinho com os meus sonhos e a esta hora já devo estar a sonhar. Levo o meu cavalo e alguma água, um pouco de pão e sigo através do silêncio. O mundo é tão grande e daqui a pouco oiço vozes

e sei que vai começar um tempo de aventuras. Alguém fala e as multidões passam e entram nas casas e templos, vê-se ainda o fumo nos telhados e a música que vem do fundo, um lugar que não conheço. E agora o que vês? Agora não sei bem. Vejo letras e linhas, talvez um mapa e deve ser por isso que subitamente me ponho a navegar. Aquele vento de há pouco continua a soprar, mas aqui as estrelas olham por nós e eu tenho algum receio da espuma branca das ondas que afundam o mar e levantam este pobre navio. Continua, continua, não abras os olhos. Que vês tu? Vejo a minha mãe à janela a acenar, contente por um instante, como se fosse a eternidade aquele olhar. E agora que faço?

Não faças mais nada. Vives tão perto, andas por tão longe, deves estar muito cansado. Abre os olhos agora e diz-me o que vês. O tabuleiro e a chávena de café, alguns livros à espera e uma grande vontade de me levantar. Se o cavalinho me aparecesse, se fosse verdade, eu ia ver a minha mãe e depois talvez ficasse a dormir num canto obscuro da cidade, apesar do frio, apesar da chuva. Ali ao fundo há uma fogueira, mais longe regressam as canções, são vozes lentas, dolentes e eu fico a ver. É tão bom abrir os olhos e ficar assim, quase parado, a cismar, vendo as coisas mudar, as letras e os desenhos a crescer. A minha mãe deve estar a descansar no grande silêncio da casa, as ruas sem ninguém, uma estranha aparência de sonhos e desejos. As coisas vão melhorar, meu filho. Sim, mãe, talvez amanhã, talvez.

Leio rapidamente um pequeno texto de Artaud. Não percebo, mas pressinto, não estabeleço ligações, mas vejo uma espécie de magma fundir-se na ordem aérea dos pensamentos e no fundo caos do corpo que se renova. Leio Artaud e saio para a selva. Levo os olhos e os ouvidos do felino, as garras e o abraço do urso, o voo letal do falcão. Leio Artaud à beira do sofrimento ou pelo menos do esforço, como se houvesse anjos negros arranhando as cordas do violoncelo. Oiço e vou perdendo palavras e gritando até ao princípio das águas, corpo e silêncio.

5

É a chuva pelos olhos dentro. Chuva e silêncio, um pouco de nevoeiro, quando começa a viagem. Os montes com ar esfarrapado e os bancos de nuvens deslizando estranhas figuras. Algum fumo levanta-se dos telhados, uma ou outra silhueta na estrada ou nos campos, não se vê bem. Para a tarde, o tempo vai melhorar, mas eu preciso de sair agora na manhã fria.

A viagem pode começar no Porto, junto ao Molhe e olho para os lados de Matosinhos e atravesso Leça da Palmeira, pensando um pouco em dias felizes, a varanda lá no alto sobre a grande Avenida. Sento-me nos lugares onde se ouve António Nobre. Memórias de pedra, ali um banquinho, mais perto do mar há versos que precisam de naufragar. Passo as praias do desembarque e fico muito calado no Mindelo. Só olho a praia, guardo o lugar tão belo, preciso deste desenho, parece perfeito o modo das águas, a geometria enlaçada da areia e das ondas, a penedia, uma espécie de atracção. Depois gosto de passear junto ao porto, em Vila do Conde. Ao olhar a caravela, o mar levantado, estão ainda longe as ilhas atlânticas, os Museus guardam o movimento das aves e as coisas mais profundas, os medos e alguns livros antigos, papéis que se perderam. Passo na Póvoa com o coração, lembro-me de tudo o que aprendi com os nevoeiros, a maré alta, a praia de areia grossa e as tempestades saltando o paredão.

Levo daqui os meus amores, as viagens na camioneta, as férias, a mala vermelha com ar de cachecol inglês, as conversas com o meu tio, na cozinha da Praça do Almada tomo café, canta a Teresa Tarouca e já ando às voltas com o meu primo, amores da praia, com o seu ar de búzios, o mar ao longe, a tal ilha encantada no lugar invisível. A-Ver-O-Mar, os sargaços, os moinhos, viver nesta praia por um livro e seguir sempre, a tarde cai, o nevoeiro pode ser denso no mês de Abril.

Lembras-te daquela casa em frente ao mar, com ar de mansão arruinada, lugar de fantasmas? Apúlia, o areal muito liso, uma espécie de névoa a sobrevoar baixinho o quebra-mar. Fico-me no palácio arruinado, como se fosse a hora do chá, as histórias de Stevenson e um pouco de receio, uma tremura, a janela que se abre, será talvez o corvo de Poe e então um vento mais fino vem devagar, vem de longe e são passos. Haverá talvez um naufrágio depois do grande farol. O vento vem descendo a Costa da Morte, vem

sempre descido, parece uma canção, ouve-se ainda o farol e longe, muito longe, a luz de Finisterra.

Tenho pensado um pouco em questões de teoria literária, enquanto acompanho Marlow na subida do Rio Congo. A palavra "trevas" vai-se repetindo desde a Foz do Tamisa. De momento, ainda vamos a meio da viagem. Assisto à instalação dos oficientes e comerciantes que habitam as colónias quase lacustres, suspensas da selva que não se pode conhecer. Leio sem estado d'alma, a minha alma são as palavras escritas e depois há essa outra parte da alma que não sei, porque pertence ao reino da fábula. Seja como for, vejo os crimes. À parte isso, apetecia-me também dizer que "tenho em mim todas as coisas do mundo".

Há pouco, pelo fim da manhã, cheguei-me à janela da salinha. Fiquei a ver aquilo e aquilo era a janela embaciada e os pingos da chuva suspensos do vidro, como balas. A poucos metros consegui aperceber o loureiro, o marmeleiro e a groselheira. Em volta das árvores foram crescendo aloés e como devem estar molhados agora! A imagem do vidro, no entanto, é um corpo estranho e apetece-me ficar um pouco à janela. Ponho aquela passagem da "Paixão segundo São Mateus", de Bach, que se ouve em "Nostalghia", de Tarkowski.

6

Faz-me muita falta não poder visitar as livrarias. Habituei-me desde pequeno. Havia aquele momento de silêncio e observação, uma espécie de conversa a sós com as estantes e os expositores e depois as boas palavras com o livreiro, os visitantes que passam silenciosos e sorridentes com a magia debaixo do braço e o cheiro a livros, a multidão de cores e de formas, a percepção do labirinto bem disposto e surpreendente. Lembro-me muitas vezes da 100ª Página, o café tão bom, a tarte de lima, o jardim quase suspenso e o afecto dos que trabalham e passam ou aparecem com o seu passo leve de *Gymnopédies*. Na livraria há sempre um livro que me interessa, muitos

livros que parecem abrir-se delicadamente e nós deixamos cair os olhos e as mãos suavemente.

Acabo de reler, talvez de ler, "O Coração das Trevas", de Joseph Conrad. Há alguns anos, não lembro bem as circunstâncias, Agustina Bessa-Luís dizia, em jeito de conselho, leiam Joseph Conrad, é um grande escritor. Tinha toda a razão, embora seja sempre muito difícil dizer o que é um grande escritor. Mais do que um problema da academia ou um problema de legitimidade literária, só o leitor reconhece, um certo leitor, em determinado passo, estar perante esse "grande escritor". Fechei há pouco o livro, como se dobrasse a esquina do escritório e à minha frente vejo um longo caminho de águas espessas, ao lado as estantes respiram como a folhagem e por vezes um baque surdo de um objecto caído ou de um coração magoado.

Ficam-me palavras e uma certa passagem durante a viagem ao longo das margens do Congo. Um medo como nunca tive, mais do que assombração e horror, um medo primitivo que assolava a floresta como um manto e fazia das minhas projecções um retalho, um caderno que cai nas águas ou um corpo inglório. Enfim, já passou. Não tarda muito vou arrumar o livro na estante e não sei porquê, embora já ande com o fito nisso há alguns dias, vou ler "Finisterra", de Carlos de Oliveira. Apetece-me viajar perto do fim do mundo.

A nossa vida também se alimenta de coisas maneirinhas e caseiras. Cuidar delas, dar atenção a uma espécie de ressonância que se levanta da iminência de coisas vitais e pode perfeitamente ter sido numa circunstância dessas que eu encontrei o Senhor George Orwell a apanhar batatas no quintal, ajudado pela irmã. Hoje, quando andava a vasculhar no armário-onde-cabeduto dei por mim a apalpar uma garrafa de "La Casera", daquelas espanholas, lembram-se?, bom vidro, rolha virulenta disposta a calefetar a metonímia, dei por mim, dizia, a palpar e depois a olhar o que dentro da garrafa se mostrava. Vi logo que era vinho branco. Tinha ar de senhor do tempo, com aquele amarelo ao mesmo tempo senhorial, esclarecido e um pouco escurecido nas penumbras do armário. Pu-lo um bocadinho no fresco e bebi. Parecia um geysir ou pelo menos um vaporzinho das furnas da Terceira. O gás desaparecia rapidamente, como um sortilégio oriental e depois o vinho embrulhava-se como naqueles remoinhos do *Maelstrom* ou dos monstros no Estreito de Messina. Provei. Que rico! Era de desconfiar, mas que estava bom, estava. Bebi-o todo e não tive azias. Levado pela embalagem, fui à garagem buscar

um certo garrafãozinho de vinho tinto que trouxera das terras de Miranda, da casa do meu amigo de Sendim. Normalmente vou às alheiras primeiro e depois vou visitá-lo. Estou mortinho por ir aí. Já estou a juntar garrações. Tenho praí seis!

7

Ele há dias, é bem verdade, e quando num desses dias a caixa de correio electrónico me aparece atulhada de mensagens, pode acontecer que este cidadão se prepare para uma terrível reacção apoplética. Leio os que tenho que ler, deito fora os desnecessários até chegar aos arredores da tendinite. O pior é quando tenho que responder. Não me refiro aos amistosos nem aos amorosos. Toda a gente sabe a que me refiro. Então, começo a pensar nisso e sobrem um cansaço, uma espécie de peso do mundo. Tenho que me preparar, respiro fundo, faço yoga, oiço ópera, revejo passagens do "Spartacus" e começo a responder, como se carregasse às costas um saco de batatas, subindo de bicicleta a encosta do Bom Jesus.

Para a Ana Valle e as boas notícias, com admiração e os bons desejos

Soube da notícia de manhã. Que bom que é uma criança que nasce. Imagino-me daqui a uns anos, se a providência fizer esse favor ao meu breve devaneio. Sento-me então com o meu neto, ainda pequeno. Estou a ler "Finisterra", de Carlos de Oliveira. Aqui há uns anos li "Casa na Duna" e logo senti, mal começava o romance, que as coisas que então se viam não podiam durar sempre. A Duna move-se, move-a o vento, os olhares das gentes, os casais do vento norte, os destroços que nos chegam do mar. As casas, naturalmente, afundam, são engolidas por essas dunas da fábula. Deixemo-nos de histórias, estou sozinho. A minha filha trabalha no seu canto a escrever projectos.

Hoje vi duas lagartixas no terraço, pequenitas, já devem ser filhotes do casal. Dois rebentos de sardinha cresceram e deram flor violeta, cinco chagas sobre o branco pérola. As lagartixas não me incomodam nada. Andam por ali, gostam de se acoitar nas madeiras, em volta dos vasos e lá se entretêm.

Além disso, o nosso bairro tem um pouco mais de vida animal. Cortaram os liquidambares à entrada e agora os pardais vão mandar vir para a instalação de altos cedros que envolve a pequena central da EDP. Cantam ao fim da tarde e de manhã. É natural. É como eu, também me ponho a cantar quando acabo de trabalhar e o mesmo faço na altura de acordar. É uma vontade de fazer parte do dia. Entretanto o meu neto acha um bocado estranho que eu lhe leia passagens de "Finisterra", de Carlos de Oliveira. Nesta altura já a casa se encontra envolta pela Duna e o jardim abandonado, o desenho que se desprende na calíça e o mar, é sempre o mar, vai trazendo os bichinhos da areia. Os sargaços e os remédios caem como vapores e ainda os brometos e agora já podemos começar o desenho e ao mesmo tempo estudamos Ciências Naturais.

8

Leio sem preocupações e as palavras vão correndo. Em certos sítios paro um pouco, as ressonâncias obrigam-me a olhar à volta e trazem-me coisas, talvez lembranças. Não sei em que planos me movo. Um pouco de vento é necessário, arrasta objectos no chão e traz-me passagens e trabalhos. No terraço as mesmas brincadeiras dos pássaros, ao fundo um sujeito a atirar o fumo do cigarro e no meu desassossego procuro viajar um pouco. Gostava de ir a Trieste. Haverá um lugar, talvez ali, naquele paredão, para olhar o Adriático.

Não pares, agora. Fala das tuas mãos frias, de uma indisposição que vem crescendo das imagens. Fecho um pouco os olhos, a manhã está fria e a luz coada, leio muitas coisas que me fazem mal, coisas boas, delírios e assombros ou pérolas que fulgem como venenos. A música leva-me sempre mais alto, como se andasse ao colo, adormecendo na poeira suspensa, tocando levemente os minerais e então vou descendo. Há sempre um pequeno barco que me espera. Navego um pouco, mas depois prefiro ficar ao longe. Junto à costa as correntes são difíceis, vê-se o fundo mar no fim da terra, é um lugar inglório e por isso é melhor ficar aqui.

A má disposição passa. Estou rodeado de livros, não sei o que aconteceu durante a noite. A biblioteca parece estar em sossego, mas eu sinto alguma perturbação. Páginas, números, desenhos, viveram uma grande agitação. Eu dormia e de vez em quando lembrava-me. Sentava-me um pouco, mas só

ouvia coisas por dentro e doía o que passava no mundo. Deve ser essa a dor que tenho nos meus braços. Que trago eu ao colo? Das minhas pequenas coisas mais ou menos inventadas não tenho notícia e penso um pouco na existência. Leio e escrevo, mas hoje sinto-me inconjuncto, aparecem coisas deslaçadas, objectos voadores que desaceleram, rodam um pouco em volta e depois ficam. Reparo melhor e desaparecem. Daqui a pouco nada disto é verdade. Foi o que saiu e eu tenho muita pena de ter perdido o ímpeto da retórica, uma espécie de corrente que treme e assola, perturba e depois muda. Respiro fundo e penso que tudo isto já passou.

Ouvem-se suaves os discursos e a esperança e eu estou aqui sentado muito longe da guerra e dos crimes. Nunca nos poderemos salvar, se não formos ao outro lado do mar. Arrancar as grades e os muros, trazer as crianças com fome e os doentes para os nossos hospitais e então, sim, podemos falar dos nossos problemas. É bem verdade! Os Bárbaros voltarão e saberemos então como foram vãos os discursos e o restauro das colunas, os museus brilhantes e o cadeiral suspenso em nuvens milagrosas de aparições e endoenças, por mentiras e cobardia, do lado de cá da janela, com as máscaras da protecção civil e o coração à prova de bala. Sinto-me assim a dizer coisas despegadas, faltam-me as leis que podem unir sentimento e respiração, ossos, músculo, enfim.

Agora já não são horas de tomar café. Olha, tenho ali meia bananinha, um bocadinho de queijo e um copinho de vinho. É daquele tinto de Sendim! Nota-se que a uva foi apanhada madura e doce. Começo a acordar um pouco mais solto ou adormeço mais longe, já em viagem. Gostava tanto de estar em Toro, encostado ao balcão, numa daquelas tasquinhas. Talvez comesse um pouco de empanada ou de tortilha e saía para a rua a deixar escoar a vozearia. Oscilo um pouco na Praça, alta é a torre, a sede faz-me mais sede, gosto que a bebedeira se levante mais um bocadinho e depois vou fazer a sesta às caves de Feroselhe. Gosto daquele povo que guardou os seus vinhos à beira da escuridão. Se alguma vez tiver que ir passar uns tempos ao inferno, é em Feroselhe que eu gostaria de ficar. Depois podem-me vir buscar. Vou gostar muito de regressar à pátria, de comer pão-de-ló e molhar os pés na Apúlia. Ao fim do dia regresso ao inferno. Hoje vou provar uma colheita rara. Não, não posso dizer, mas também não é segredo. O problema é que estes infernos são demasiado humanos, mas também muito sensíveis. São

difíceis de encontrar. Tive sorte. A mim calhou-me este. Tinto, excelente para viajar nas sombras.

São muitas e variadas as penas do inferno. Às vezes é preciso ler o romance todo para tentar perceber o prefácio.

Acabo de ler "Finisterra", de Carlos de Oliveira. As minhas impressões de leitura não são, por ora, comunicáveis, nem isso interessa. Se é um texto fundamental para a literatura portuguesa? Tenho a certeza que é. Entretanto andei indeciso. Pensei em ler "A Noite e o Riso", de Nuno Bragança. É um grande livro, mas não estou preparado, por enquanto. Aconteceu depois ouvir uma canção de Milly, que evoca Cesare Pavese. Encontro uma bela edição da Arcádia, com capa de Victor Palla, do romance "A Lua e as Fogueiras". Já comecei. "Existe uma razão por que voltei a estes sítios..."

9

Abro a janela para o país da chuva. Está um tempo galego, tempo de sombras e de alguns fantasmas. Oiço-a nos canteiros, vejo-a juntar-se na rua, descendo lixo e folhas. Lembro-me de chuvas antigas, na altura em que tinha olhos espantados. As goteiras eram uma espécie de instrumento, chapas, vidro, restolho, o bueiro com as sonoridades graves das águas que vão abaixo de Braga. Lá fora, os automóveis passam as poças e os lençóis. Percussão e sonoridade metálica, os salpicos como colcheias, leques e o pára-brisas, um metrónomo.

Hoje, o Senhor Kant prepara-se para dar a volta de gabardina, à hora marcada, sorri ao seu acompanhante com aquele ar auspicioso de parágrafo da "razão prática". Penso nos pequenos barcos da minha infância e recolho-me um pouco. A chuva não é triste, não tem pensamentos, dissolve um pouco mais a luz, vive com o seu próprio silêncio. Habituei-me a viver perto do mar. Da minha casa à praia é uma avenida de Los Angeles. Temos sorte, temos montes, várzeas e a grande calma dos nevoeiros que chegam e persistem.

No país da chuva, deito-me um pouco com algumas páginas de Raul Brandão e fico também a chover. Às vezes chove nas nossas histórias, mas podemos abrigar-nos, como se a história fosse um breve naufrágio e neste

passo vou confortável no pequeno assento do Nautilus. A esta hora navegamos sob a *Costa da Morte*, espreito nos meus pensamentos o pequeno *Cemitério dos Ingleses*. Olho um pouco para o lado. A tijoleira recebe uma espécie de luz suja, o trânsito esparso, a chuva parou.

Oiço agora uma porta, o batente do armário, a minha desolação, mas a boca sabe-me a geleia. Soube-me bem o pequeno-almoço. Não devo falar agora das misérias do mundo, mas é verdade que tenho tido sorte na vida.

10

Acordo com a cabeça embrulhada. Será um ovo de Páscoa, tamanho peru. É uma bela sensação! Debruço-me à janela a chocalhar licor e chocolate e cai uma chuva fininha, com alguns pássaros a começar. São fios de ovos, nuvens de algodão e eu como pão com manteiga, fica o sabor a café.

Penso regressar a Itália com "A Lua e as Fogueiras". Leio o romance de Cesare Pavese devagar. De certa maneira, voltei ao tempo das histórias, o coração bate levemente em cada passo, testemunhos, as coisas como eram, os meus heróis caminharam toda a noite, caminham sob o luar e adormecem um pouco de manhã, na hora dos pássaros. Agora começam os sinos e a luz parece um disfarce para os que abrem as portas. Apesar do silêncio, ouve-se a Europa. Evito as terras alagadas, os grandes plainos encharcados de cadáveres e máscaras de gás.

Os dois amigos vão dormir um pouco. De momento, os exércitos não podem sair. Fico sozinho, o romance descansa os primeiros capítulos. A emoção precisa de sonhos, as pobres aldeias nos seus caminhos de pedra irregular, uma porta velha e os gonzos como trombetas. Repara! Lá ao fundo, depois da névoa, são os deuses e os pastores. Está na hora. Tenho que ir falar à minha amada. Não convém perder-me no romance. Ela aparece com um pouco de sol, a chuva ficou quieta nos lameiros, desce em pequenas levadas o pequeno romance e assim não me posso perder.

Naquela altura, trabalhava como Leitor, na universidade Blaise Pascal, de Clermont-Ferrand. Dava aulas, claro, mas a minha missão tinha algo de mais elevado. Competia-me, a mim também, continuar a dar mundos ao

mundo. A missão era espinhosa, claro está, tão longe de mim andavam os ímpetos do Senhor Bartolomeu Dias e o cheiro a canela que não me fazia sonhar nenhum Vasco da Gama. Faltavam-me, por fim, os canhões do Vice-Rei Afonso de Albuquerque. Que tinha eu, afinal, de líquido e cantante, que pudesse espantar os francos e honrar a minha pequena pátria de Viriatos, Silvas e trolhas? Tinha o meu Fiesta vermelho, um telefone no Departamento e recentemente um Fax. Além disso, muitas saudades, muitas e trazia bacalhau da pátria e carnes salgadas para fazer cozidos à portuguesa.

Por vezes chegavam a estas terras desoladas da Auvergne os nossos embaixadores. Escritores, músicos, especialistas e quando assim era eu passava horas ao telefone com Lisboa a tratar das viagens e dos apoios. Calhava-me amiúde ficar em conversa com senhoras e meninas dos ministérios. Eram conversas longas, quentes, quase doces e um dia aconteceu que uma delas se apercebeu que eu era de Braga. Senti a suspensão, uma espécie de avaria nos postes telefónicos da Serra do Barroso e depois uma conversa mais lenta, entre suada e fiada. Falámos dos negócios e depois, cautelosamente, fomos introduzindo a geografia. Compreendi nos silêncios retóricos, mas também no fervor da curiosidade turística e zoológica que a Senhora do Ministério imaginava Braga como uma espécie de terreno perdido na selva dos Zulus. Quando eu lhe disse que tinha Fax em Braga, senti-a oscilar. De certa maneira, caiu-lhe o Império Romano do centralismo e da sobrançeria. Compreendi, então, o quanto havia naquela voz rouca de cigarros e manias, o quanto havia, meu Deus, de ignorância centralista. Tive pena dela. Há tantos séculos metida em Lisboa! Convidei-a a ir a Braga, um dia. Desligou-me o telefone, já eram horas e eu fiquei naquele velho terceiro andar da universidade a traduzir os seus medos. Braga?! Que aventura! Atravessar aquelas terras selvagens, cheias de ursos nas veredas e crocodilos nos charcos? Braga?! Que horror, aquelas hordas ululantes de Zés dos Telhados a descer as Falperras! E os prédios? Há prédios em Braga para eu me esconder, para eu telefonar?

Não quero falar muito agora. Tenho o romance à minha espera e estou bastante emocionado. Felizmente não sou crítico nem estou à espera de ser lido amanhã na coluna do jornal. O romance de que falo é famoso no seu tempo, mas agora é famoso no meu colo. Gosto de acompanhar as andanças e os movimentos, de assistir às conversas. Até agora ainda não me perdi nem

tive que me sentir muito inteligente. Sento-me e as coisas passam e de certa maneira aquelas colinas são minhas e as vinhas, o vinho gordo e denso, o cão-zito manco às voltas na cancela, a rapariguinha magra e dolente. Gostava de saber tocar viola. Dizia-lhe alguns versos e ela ficava mais bonita, a cara muito lavada da fonte e os cabelos lisos. Depois vem o fim da tarde e começamos a recolher. Houve combates do outro lado entre os fascistas e os partisans. E vai voltar a haver, meu caro! O fascismo é um vírus, transmite-se entre os humanos, vive à flor da pele e acontece.

Às vezes tiro vários livros do lugar e ponho-os na secretária. Um porque quero começar a ler, outro porque queria ler depois ou gostava da capa. Normalmente vou ver quem é o editor e o tradutor, se for caso disso... Álvaro Ribeiro, sim, senhor, sabe muito e o título é uma palavra tão luminosa nestes tempos de treva. "Lucinda", de Schlegel. Li um pouco o prefácio e parei quando o filósofo vem lembrar o "Decameron", de Boccaccio. Sim, senhor! Três jovens amigos e sete jovens e gaiteiras raparigas! Se sobrar um bocadinho de tempo para escrever, isso só pode dar belos romances. Naquela altura havia peste em Veneza. Segundo Artaud, o mal dizimou tudo por onde passava, tendo poupado alguns vagabundos da estrada e os guardas que defendiam o castelo no exterior, sujeitos ao tempo e à vigília. Eram de certo modo soldados gregos antigos e a peste poupou-os.

11

Senti há uns dias que algo tinha mudado ou ia mudar na minha vida. Sempre me habituei a ser professor em movimento, digamos assim, ou a "viver o momento". A aula é um acontecimento, um encontro, coisa viva, fonte de improviso e emoção. Durante a "carreira" nunca tive necessidade de preparar aulas, porque a minha vida e o meu trabalho funcionavam como um harmónio. Sempre preparei aulas em andamento, lendo, respirando, pensando nos jovens com que me ia encontrar, entrando na sala com uma ideia, ainda que não fosse a melhor, coisa para começar, espécie de ventania. A aula tem que acontecer e, num certo sentido, deve ser um lugar feliz. E depois veio isto, esta assombração e isto não dá para mim. Aulas à distância? Fazer teatro invisível?

Enfim, há que terminar o ano da melhor maneira e esperar que tudo isto passe. Depois não sabemos. Vamos ser quase todos mais pobres e eu também. Tudo farei para ir até ao fim, mas esta vida não é para mim. Já lá vão mais de 42 anos e, de certa maneira, talvez possa ir terminando a minha carreira sem glória, sozinho, quase calado, à espera.

Um dia destes, quando puder voltar a sair de casa, passo na Arcada, duas de conversa, levo a caneta e o caderno, talvez um livrinho, nessa altura ainda haverá uma ou outra livraria e nem tudo se fará à distância. Espero bem que a sede continue e que seja ainda possível fazer aquela coisa e "essa coisa é que é linda!"

Que vais fazer hoje à tarde? Olha, vou até ao terraço, só que em vez de ficar virado para o lado direito, viro-me para o lado esquerdo.

Para Amadeu Baptista

Entro no escritório. É um lugar sombrio e por isso acendo a luz. Sento-me no cadeirão vermelho, com a manta da serra no colo. Não se pode dizer que esteja frio, mas os assuntos são graves e eu não posso arriscar. Devo andar por lugares húmidos e nocturnos e é melhor proteger-me. Gostava de falar um pouco da maldição. Isso ocorreu-me enquanto almoçava com a minha filha. Do lugar sagrado à maldição são apenas alguns passos. Não espero nada de bom da literatura. A pedagogia é assunto frívolo, os grandes espasmos do estilo depois de digeridos fazem parte das águas residuais. De momento, os livros estão calmos, não há vestígio de ratos e os miasmas andam às voltas com as coisas do mal, instalam-se nos arredores, no que não foi dito e depois virão, sem aviso prévio, visitar a quietude.

Tenho andado atento ao que pode aparecer das canalizações e das terras encharcadas pelos últimos chuveiros. Não tenho visto ratos e os morcegos do bairro não aparecem à hora do costume. Tudo se faz de uma aparência sóbria, ao longe explode o Krakatoa e por aqui oscila a minha vida. Gosto de estudar, é verdade, mas isso só acontece depois de longos períodos de preguiça e dispersão. Um dia tive uma doença que me abriu a porta e me pôs a ler durante dois anos. Na altura, escrevi a tese dedicada ao teatro. Não sei porque o fiz, mas toda a gente compreendeu e deixaram-me andar. Não podia

fazer mais nada. Era uma voragem, aflição de livros e leituras, curiosidade insana, chegar ao fim e assim foi.

Desde então, comecei a escrever todos os dias, como se fosse uma doença, coisa que não me larga o corpo, mas também não me atormenta. Um dia destes, quando a peste passar, terei de fazer uma visita a um certo lugar. O meu propósito é compreender a maldição, histórias que me chegaram aos ouvidos e que eu pude reconhecer através de testemunhos, visões, filtros, desgraça. Sinto uma espécie de dever moral, como se quisesse apenas entregar o meu corpo por uma causa que vale a pena. Eu bem sei que tenho que me preparar e não é certo que possa fazer todas as viagens necessárias. Teria que visitar os cartórios, uma ou outra biblioteca, teria que me sentar em algumas pedras ainda existentes no descabro urbano, lugares perigosos, geografias envenenadas.

Acredito que a minha vida mudou com a leitura de alguns poemas, mas não tenho ainda certezas ou todas as certezas. Leio todos os dias textos extraordinários e tento compreender aqueles a quem chamam clássicos e que puderam pensar princípios e normas ou apenas embalar ritmos de uma vida feliz ou amarguras oscilantes, degredos, casos de morte e aflições. Viajo desde a Grécia, desde os extraordinários acontecimentos de Salamina, desde o assassinato de Cícero e a morte de Virgílio, viajo ainda desde as canções e as danças que havia antes da Peste Negra e tive a sorte, mais tarde, de assistir às últimas representações no Globe. Quiseram-me levar depois para o teatro francês e ainda pude adormecer com os pés estendidos julgando imaginar alguma coisa interessante nas pobres declamações. Um dia perdi-me nos arredores, sob uma lua pálida, promessas de crimes e o fumo dos charcos, os miasmas sombrios da doença.

Eu via a beleza sentado numa dessas pedras de caminho, talvez a mesma que deva procurar um dia mais tarde, antes de acabar. Era a beleza e a dor, o corpo aproximando-se da terra encharcada, uma certa doença e depois as rosas e depois as flores, depois o mal. É bem verdade! Eu talvez tenha sobrevivido por causa de alguns poemas de Baudelaire e fico agradecido por isso.

Para Miguel Serras Pereira

Lembro-me que escrevia poemas
não importa saber o que diziam
às vezes fingia que estava à espera
e já nasciam luzes ao longe
era tempo de cerveja e cigarros
e de folhas escritas e riscadas
por vezes o desafogo ficava reduzido a quase nada
e chamava eu a isso
uma espécie de oficina
mas os poemas
não podem ser podados
fora da estação
precisam de ramos e folhas
e eu gosto de apanhar ameixas
as amarelas são doces vermelha a tentação.
A esta hora
devia ler as Cartas a um jovem poeta
mas antes vivera num quartinho
donde se via subir o quarto crescente
e a selva escura do monte Sameiro.
Hoje vou ler A Divina Comédia
levo no pensamento as margens do Zaire
o conto de Poe no deserto da Líbia.
Houve noites difíceis
outras eram insónia
material em bruto para trabalhar.
Estás a ver a forja?
Depois fui descobrir uma viagem
havia a estrada e o lugar onde parava.
Tive dificuldade em lidar com os nomes
andava a fazer de nuvem
um tipo com ar distraído e sensível.
Acho que consegui arrumar

algumas passagens
mais ou menos a meio desta vida.
Sou ignorante da coisa retórica
da prosódia e dos labirintos da versificação
mas tenho a Poética de Poe
e dedico-me a falar do dia a dia
coisas do corpo coisas que passam.
Tenho tido uma vida boa
engordei bastante no aspecto
durmo respeitosamente
tento perceber o que posso fazer
para ajudar os meus alunos do teatro
sem palco sem público sem nada
talvez para gáudio de alguns teóricos.
Neste passo oiço versos
talvez Whitman se estiver à mão
dêem-me um pouco da Eneida
pode ser em Latim
e a minha aula de teatro à distância
não me posso esquecer.
Entrem entrem, façam o favor de entrar.

12

A minha cabeça
é um búzio
sinto ao acordar
o mar ao fundo
e fico a olhar
a marulhar.
A esta hora
não há pensamentos
abro apenas as janelas
a grande calma do jardim

alguns objectos escolhidos
tempo de leitura.
Eneias chega às portas de Cartago
começo a descer ao Inferno
a onça espreita sobre a pedra
e isto aconteceu realmente
a meio do tempo em nossa vida.
Deixo-me andar nos campos de Itália
fui viajante andei a correr mundo
e sempre quis regressar
à sombra do velho olmeiro
a mesma conversa de sempre.
Sim Noto ficamos tu e eu
durante a paisagem
vamos correr o dia
o sol aquece um pouco
ao princípio da tarde
haverá nuvens brancas
e aquela passagem de Tristão e Isolda
depois comemos frango assado
temos as notícias
e tempo para falar
a meio da tarde
quando se arrumam as loiças.
Nessa altura fecho os olhos
vejo as toalhas brancas
as páginas caem no século
olham o tempo os objectos
tenho um elmo e uma espada
alguns bonecos pintados
que me acompanham.
Hamlet entre as ameias e o desejo
a Companhia vai chegar
e os adereços necessários
os acontecimentos

sobem agora as escadas
o coro invisível das paredes
ouve-se por todo o Castelo.
A minha cabeça é um búzio
e este pequeno mar vai acordar
depois fica tudo normal
aconteceu este momento
pequenas lembranças
sento-me de manhã
os sonhos agitam a visão
pedem-me um pouco de água
talvez a coisa mais simples
um pouco de água
como se pudesse esquecer
o mar ao fundo
e o búzio adormece.

Gosto de escrever teatro à noite
quando nasce a hora dos fantasmas
oiço as vozes entre as mãos e a escrita
mas as figuras que me aparecem são os meus amigos
ficamos ali a falar
eles entram e saem
andam à vontade aceleram perdem-se
e eu fico para trás como se fosse o moço de recados
felizmente escrevo para os meus amigos
e eles dizem coisas para eu compreender mais tarde
não te preocupes
nós sabemos muito bem o que queremos dizer
aliás as palavras são coisas que nos caem dos bolsos
eu fico a ver e as horas passam
desconheço o que acontece antes das frases
às vezes não dizem nada
ficam sozinhas ouvem música
atravessam a escuridão como almas brancas

contam histórias até me doerem os dedos
depois começa a ser tarde
a noite não dura sempre
e eu gosto de os ver sair
como fantasmas bem dispostos.

13

Aparecem no ecrã algumas novidades
levam cartazes levam a cruz
e depois o milagre da música
oiço Grassman no Canto V do Inferno
apetece-me gritar vivas ao teatro
enquanto a orquestra viaja
sobre os ares dourados
os legatos reúnem vírus e sentimentos
levam o coração ao desespero
muito longe destas páginas
numa extensa avenida de São Paulo
manifestantes amarelos
inventam uma língua para matar mais pobres
aqui está o ar cinzento da reclusão
esperamos ordens e alguns desmandos
a noite foi longa oiço pássaros molhados
o tempo é uma crónica estilhaçada
há mais silêncios no mundo
a arrumação das festas e dos sinos
os doces à espera
o que sobra dos assados
a noite foi longa
e depois a música subiu
os sinos de Manuel Bandeira
e uma ária de Bach
saltam-me da insónia ou da história

são tristes casos da natura
e as águas recuam
virá um anjo de fogo
a pedra sobre a praia e as palmeiras.

De momento não sei escrever
e este mal poderá durar alguns dias
procuro não saber
ou evito preocupar-me
devem chegar notícias com as novas regras
e eu prefiro estar preparado
achei muito estranho este silêncio da manhã
ou era desolação e eu não sabia
as frases do costume não chegavam a cair
perdi-me um pouco
e por isso levo alguns textos para longe
apercebi-me enquanto me acordavam
mas não sei o que era
talvez viagens que não se fizeram.
Entretanto guardo algumas palavras
e levo-as por lugares desconhecidos
nas suas tocas esperam em paz e guardam as histórias
ah, quando começarem as obras
agora espalhem-se digo
escondam-se nos livros
não abram a porta
de momento temos água suficiente
os livros sentem-se bem.
Há notícias das fogueiras
ainda não tiveram coragem
mas segundo consta
contrataram o barbeiro do Quixote e outros pirómanos
mas eu não sei escrever
é uma doença autoimune
e fico a dormir nas estantes

ninguém ouve as páginas
e o seu pequeno vento
a dança dos números e dos capítulos
ando a fazer de livro de areia
e por isso tenho este ar de capa lisa
quando isto passar
começo a juntar as letras outra vez
e a ver os desenhos.

Bebo dois copos e é isto. Encontro Frank a caminho. Onde vais? Frank nada me diz. Não há propriamente para onde ir e ele também não é uma excepção. É um modo de dizer. Já longe, quase a perder de vista, oiço: Deixa-te estar. Sabes bem que o meu destino é este. Quando menos pensares, verás que foste tu quem ia a andar e eu estava por aí, a tomar conta da realidade. Sempre gostei de ser porteiro. Atendo a todos. Animais feridos, morcegos, corujas, foragidos. Vivemos em tempos de trevas, meu amigo, e eu ando por ilhas ventosas, planícies varridas por ventos que sopram baixo, terrenos, os que fazem levantar pequenos veios e charcos. Mais logo, ao sol pôr, vou descansar um pouco. Se ouvires um som contínuo, alterado às vezes, meio desafinado, devo ser eu. Este meu destino viajero traz-me grandes responsabilidades. Nunca abandonei as cabras e os lameiros, visito as feiticeiras nas suas conchas, revelam amores do tempo em que eram moças e eu bebo mais um copo, só para ver aquela dos cabelos longos, morena, quase grega, canta suavemente e eu com mais um copo adormeço este veneno.

A água canta
o vinho nem se fala
e a cerveja Senhor
bendito quem a inventou
o whisky que me sabe tão bem
dai-me vodka e eu bebo a aula à distância.
Nos tempos que correm
leio Walter Scott
guardo as flechas de Ivanhoë
mas prefiro atravessar a floresta apanhando folhas

falando no correr do vento
e canto a arte do chá.
Lá no alto
quando chegar o tempo
começam as lições de tiro ao arco.

Fazer um Diário é uma boa maneira de descansar, mas tudo tem o seu tempo. Com este será o sexto, mas devo conseguir chegar ao dia 31 de Dezembro. Até lá quero fazer os "Piratas de Bacalhau", com o PIF'H. Depois não sei. De qualquer maneira, encontram-me na "Taberna do Galeão". Se for preciso alguma coisa, já sabem. Um pirata, quando lhe cheira a porrada, não abandona o barco.

14

Olha uma mosca! É grande, gorda, faz um zum zum afinado e tenro. Entrou, deu duas ou três voltas e foi moscardar mais lá para dentro. Deve fazer parte da guarda-avançada. Oiço-a agora a mandar vir para os lados da secção de História. Não me parece que tenha escolhido um bom campo de batalha. As moscas, normalmente, são as primeiras a cair. No tempo da minha avó, éramos pagos a tostão por cada besta abatida. Prefiro, no entanto, que as coisas se resolvam pacificamente.

Olha a pobre mosquinha
Que se pôs no meu caminho
Sai já da minha casinha
Senão parto-te o focinho.

Desce uma cortina
atrás da minha alma
é mais fácil haver uma cortina
é como se não houvesse paisagem
ou a alma sequer existisse.

Quando regressava de um livro
era tão bom descer os valados
olhar as colinas e as encostas floridas
amanhã haverá outras cores
passam a voar de noite
andam a espreitar os ares
poisam nos minérios e na terra húmida
a cortina é pesada e suspensa no fundo
não existe espaço além
um pequeno mar desconhecido
um nevoeiro ou um medo.
Vai demorar tempo a sair daqui
e hoje o dia está bonito
ainda bem que posso escrever
que podia eu fazer
ir à janela com o olhar cego
sorrir como um realejo
ou então ficar na paragem do autocarro
esperando o lugar vazio
a dar voltas à cidade.
Passo a mão na testa
há pensamentos que fazem suar
a cortina fechada
densa e imóvel como um cadáver
o autocarro deixa-me ficar
ainda bem que tenho tempo
não há ninguém à volta
talvez possa abrir a cortina
depois o caminho é bom de fazer
já estou a chegar e já me vou sentar.
Continuemos as nossas leituras
onde é que nós íamos?

A lagartixa aparece
por trás do vaso ao sol

fico a ver em silêncio
penso em São Francisco
distraio-me um pouco
a sonhar noutro milagre
as lagartas invadem o mundo
é um tempo de terror
as portas fechadas
os postigos luminosos
olhos de todas as cores
perscrutam a escuridão
no dia seguinte
nascem as borboletas
os crentes ouvem a passagem
e os poetas meditam sobre a morte
lembro-me de estudar literatura
a beleza nasce desconforme
a borboleta voando levemente
colorindo as voltas
lembrando as flores
pousam leves e fechadas
como se escondessem amores
ó estas paisagens pequenas
passando sem vento e sem nada
as gárgulas espreitam
os sinos da noite fecham as portas
a lagartixa esconde as nuvens
a borboleta no jardim.

Téspis

Lembrei-me do nome do grande actor grego ao tempo da tragédia para vir aqui trazer em breves palavras a condição do actor em tempos de peste. Subsídios, apoios, planos, projectos? Salvar-se-ão os do costume e são poucos. Entretanto o país viu aumentados os índices de performatividade teatral. Uma nova retórica gestual e expressiva varre o país, as ruas, bares e esplanadas,

as aulas, as festas, os convívios, os discursos, as reuniões. Por todo o lado se erguem salas e salões em ruínas, aqui e ali e fazem-se teatros de raiz, abrem cursos de formação de actor e muitos jovens acreditaram e entregaram-se à arte. Arte de representar e arte de sobreviver, arte de representar sem saberes se vais comer. Tenho acompanhado e observado dezenas ou centenas de jovens actores. Aconteceu-me ver maravilhas, mas sempre as sombras a acompanhar a festa e a esperança. Segurança, salário, saúde, direitos? Onde estão?

15

Oiço a floresta
 vou subindo ao alto
 como certos animais
 as cabras
 e algumas aves
 águias falcões
 moro outra vez numa casa
 perto do lago
o caminho estreito é suficiente
 a água voltou a nascer
 sabemos onde aparecem os frutos
 durante o dia quase não há palavras
 a meditação é um estado dos sentidos
 fomos perdendo palavras e frases
 já não eram necessárias
 demorou algum tempo
 mas agora podemos falar
 de forma rudimentar
 coisas que se dizem com os olhos
 e quando abres a porta
 para o grande silêncio
 e fazes desenhos na terra húmida
 o círculo um triângulo
 as linhas cruzam-se

uma fogueira
há fumo e também os cânticos
e enquanto vais descendo
as palavras caem
sementes
chegas leve a casa
viam-se do alto as sombras
na planície é tempo de romance
aqui ouve-se passar o vento
e a memória da música.
A extensão do meu corpo
é o silêncio
linhas e desenhos
coisas sentimentais da convulsão.

Eu gosto muito do sul
quando chego a Lisboa
e olho o Tejo
a outro margem
as cores o azul no ar
lembro as navegações
as terras baixas
planícies e sobreiros
azinheiras cobrindo os animais
e depois o ar da serra
a subir o Algarve
as terras desenhadas
a branco
o azul da manhã
as cores mais quentes
aves nos beirais
à tardinha o vento da planície
passo entre ribeiras a barrancos
estamos perto da costa
as aventuras em Odeceixe

vejo as ruínas da casa
 os murinhos da horta
 o velho casal
 a terra seca no verão
 a esteva ao fim da tarde
 os tomilhos
 as açordas e migas
 poejos
 sopas de tomate
 e também oiço as histórias
 os "Levantados do Chão"
 os sonhos reunidos
 a grande fome dos campos
 os grandes senhores nos seus cavalos
 as loiças raras as colecções
 cheguei tarde ao sul
 já era um jovem adulto
 vinha descido pela praia
 dormia na areia
 e conhecia bem o vento norte.

Vivi alguns momentos de terror, enquanto subia o rio Congo na companhia de Marlow. Subi as margens do romance de Conrad e oiço o "horror". Oiço-o agora nas impressões da leitura, coisa que ameaça na curva do rio, nos estranhos lugares da atmosfera, premonição, reunião de venenos, avisos sonoros, desassossego orgânico ou puro abandono do espírito santo. A pomba branca sai ferida de morte, a floresta cospe venenos e cobras, saltam das profundezas do Congo diabos de escamas. Páro aqui, nesta curva do rio, no lugar onde sinto pulsar o "coração das trevas". Não será necessário sair destas margens, pintar a atmosfera de outras cores para desembarcar. Vejo as cidades e os seus faraós acossados pela peste, vejo a grande procissão da fome e da doença e vejo também a revolta dos escravos, a insolência pendurada numa estaca solitária.

O coração varia e avaria e as mãos deixam-se levar por modos e ímpetos que não estavam previstos. Aparecem-me coisas à janela e outras no vão de escada, há passagens que esvoaçam e se perdem ou podem ser salvas por uma bondade da memória. Por vezes sento-me num banco da Avenida, olhando passagens e pombas, com ar de cronista e outras perco-me das imagens e não reconheço a caligrafia. Às vezes junto as palavras, como se estivesse a amanhar um primitivo compêndio de gramática e outras vezes soltam-se linhas e desenhos e corro pelas ruas a apanhar fragmentos. Quando acabo a composição, não reconheço o que era. Além disso, também aparece a tendinite a assombrar passagens, embora eu evite os excessos do biografismo.

Não acredito que a actual crise resulte num deslçar paulatino do capitalismo, como se da caixa-forte do Tio Patinhas esvoaçasse a pomba branca da redenção. Acredito, no entanto, que os EUA se tornarão de forma cada vez mais visível um país atulhado de pistoleiros e que, se assim continuarem, irão inevitavelmente empobrecer e acordar cada dia mais ridículos aos olhos do mundo. Pode ser também que os milhões de pobres, os sem abrigo, os que trazem na memória a escravatura e o genocídio, os que foram destinados aos lugares infectos, os que poderão ser fuzilados e electrocutados nos muros da vergonha, pode ser que todos esses se levantem. Pode ser que o Titanic se afunde duas vezes.

A esta hora já devo estar a dormir. Lembro-me de ter encostado a mão à parede, primeiro a mão e depois o ombro levemente. Pensei nessa altura num lugar para dormir e fui andando. Devo ter chegado a algum lado pois que aqui estou. Sei que é noite e oiço um leve restolhar. Lá ao fundo são luzes, penso eu e aqui não há ninguém. De manhã, quando acordar, já será tarde para saber. É assim a noite, às vezes tão erma e só, sem notícias dessa luz.

16

Abro a janela da cozinha... Uiihhh! Está mau. Tempo de trevas. O céu esquelido, uma aragem geladiça, uma impressão de coisa trunpunária. Um bocadinho de Sheltox, puf, puf, assim está melhor. Fecho parte da janela, deixo-a de calças curtas, não gosto que me vejam a comer o meu pãozinho torrado. Deito manteiga em abundância, um bocadinho de pasto dos Açores para olear as canalizações. Depois vem o café, coisa santa e lá vou eu trabalhar à distância.

Trabalhar à distância cansa-me imenso. É muito longe e tenho que passar a vida a ir e a vir. Mal acabo uma viagem, logo me lembro do que me esqueci e lá vou eu outra vez. Ainda por cima hoje, neste dia plúmbeo e perigoso para calos e reumatismos. Triste sina! Agora que estou quase a ficar velhote é que me põem a praticar esta nova espécie de atletismo.

Acabo de fazer o cigarrinho que costuma acompanhar-me depois do almoço. Vou ali fora um bocadinho. Prometo que "de quanto vir e ouvir se há-de fazer crónica", mas não haja muita esperança. Vou fumar o cigarrinho e já não é mau. Já agora levo também um cheirinho para pôr na chávena do café. São os meus sinais de fumo pequeninos. Faço círculos de fumo e depois tento atravessá-los com o bafo perfumado da *brebaxe*. Ah, ainda não vai ser desta. Falta-me o café. Mais vale fazer tudo de uma vez. Cafezinho, cigarrinho, cheirinho e se calhar um soninho. Olha eu a ver as nuvens a mudar, descem calmamente ao meu terraço, parecem colchões e eu a ressonar em si bemol, acho engraçado, é talvez diferente ressonar em si bemol. Toda a gente ressona em dó maior ou fá sustenido. Eu gosto do si bemol, está quase a ir, parece um pisquinho, uma gota na asa e ele voa.

Sentado no terraço com a chávena, o café, o cheirinho e caiu um trovão. Esqueci-me da crónica, mas ficaram a oscilar as rosinhas de Santa Teresinha, no alto da ramagem.

Sim, temos que aceitar a frieza dos números, temos que acreditar na fiabilidade dos cálculos, temos que elogiar os esforços da ciência, temos que honrar os valentes que se batem todos os dias contra a peste, mas também

temos que meditar sobre a dimensão das nossas responsabilidades. Sempre houve doenças, epidemias e algumas pandemias. Nós não seremos só "um ser para a morte", somos também uma espécie suicidária e pode acontecer que o feitiço se vire contra o feiticeiro. O que está a acontecer não será a vingança dos elementos ou mais um castigo de Deus. É de certeza o resultado das nossas acções criminosas e imprudentes. No meio disto tudo, a assombrar ainda mais a grande perturbação, movem-se nos paços dourados os assassinos, os que enviam as tropas para operações perigosas donde dificilmente regressarão com vida. Se há considerações éticas e morais a fazer? Eu digo que há e acrescento: de momento é o que é, mas no futuro, se não mudarmos de atitude, será bem pior.

Demitido no Brasil o Ministro da Saúde, é bem provável que o presidente venha a nomear um tenente de artilharia.

Acabo de ouvir uma parte de um discurso do novo ministro da saúde do Brasil. Apetecia-me insultá-lo com todas as letras, mas vou apenas dizer que me parece alguém que se faz passar por um tipo delicado, mais um daqueles que acha que se deve deixar morrer os velhinhos para salvar os jovens. Um nojo! E esse facínora vestido de anjo da objectividade será provavelmente mais um dos convivas da "banalidade do mal". Além disso, falta saber o que se está a passar realmente, mas nós vamos saber, tudo se irá saber e não vai faltar muito.

17

Hoje não gostei de ouvir o presidente da república. Posso estar enganado, mas senti isso nas entrelinhas. Nos silêncios que sobrevoam a coesão e a coerência, senti algo de tortuoso.

Depois de sair do palácio, quando me pus a passear o discurso, pareceu-me ver a sair de uma tapeçaria, sob os auspícios das loiças e faianças e do

precioso mobiliário, pareceu-me ver aparecer um cavaleiro do Apocalipse mudado em Milagre das Rosas.

Ontem o trabalho à distância levou-me a noite mais longe. Acordei agitado, a lembrar-me das "Contrariedades" de Cesário, só não "fumei três maços de cigarros consecutivamente", porque não posso. Sei que abri as janelas com menos leveza e de certeza pouca doçura. Lembro-me da ventania desencontrada nos arruamentos, deve ser o Sudoeste.

Há dias assim, diz-me um pequeno deus do lar, que costuma acompanhar-me no pequeno-almoço. Ele é engraçado e às vezes faz-me rir. Acordaste de cu para o ar, meu macaco?! Estou triste e ao mesmo tempo desligado, como se esse mal se entranhasse e aqueles ventos de há pouco me incomodassem por dentro. Oiço um pouco a "Dança Macabra", de Saint-Saëns, folheio um livro de Rubem Fonseca, tomo outro café e canso-me em pouco tempo.

Fico a pensar, não sei porquê, na vida dos homens sábios. Imagino sempre um caminho na montanha, lugares silenciosos onde recolher plantas e pequenos frutos, talvez uma cabana mais em cima e um grande esquecimento, subindo mais um pouco, quase ouvindo a nascente. Imagino a sabedoria e a inocência, a sua leveza de sorriso prolongado, distraído e de certo modo confortado. Deixas ficar a vozearia, os salões, a competição dos cínicos e a desfaçatez dos assassinos que cortam a unha fetiche do dedo mindinho e se encostam às paredes, roçando as nádegas e esperando ordens.

Entretanto o homem sábio calou-se. Diz ele que os discursos são coisas viradas para as circunstâncias e que a verdade é um encontro no mundo, um acaso, coisa que se faz rara nas passagens e que não vale a pena perder tempo com quem não pode ouvir e muito menos compreender. Entretanto sento-me, como se fosse possível pôr os pés na terra e acreditar ainda que o chão é sagrado e que algumas palavras agradam às flores e fazem pousar as avezinhas.

Continuo agitado, ó meu querido Cesário, agitado e "cruel, frenético, exigente". Oiço cânticos de morte, que parecem vir de antigamente, mas agora se reúnem à nossa frente, cânticos de morte e projectos para eliminar os mais sábios, aqueles que olham para a vida com bonomia, mesmo quando cospem no lenço encardido e se esquecem da civilidade pós-moderna. Ainda a noite continuava e eu não podia dormir, pois fiquei a pensar no tempo que nos

espera. Não sei quantos serão os assassinos e onde se preparam e treinam os esquadrões da morte.

Fico a pensar no meu pequeno país ou apenas na cidade onde vivo. Um pouco mais longe, além daqueles montes fica a Europa e eu temo por tudo aquilo que construímos, pelos canais de Veneza, pelas maravilhas de Florença, pela heróica Espanha das terras bravas, pela literatura francesa; temo os futuros incêndios dos teatros, os venenos que virão aliciar os ratos e salvá-los da inacção, "não me temo de Castela" nem da ridícula Lisboa e da sua cagança política e literária, não me temo dos seus bairros que parecem eternos e dos poetas que navegam o Tejo.

Que tens? Que queres tu dizer? Temo pela música, receio com uma dor de fim do mundo pelas obras de arte, pela música que inventámos ainda antes de Bach, temo que se perca o teatro e a solene lição de Ésquilo. Não precisamos de mudar a vida, a vida é o que é. Precisamos da memória, precisamos das obras dos filósofos e pensadores, precisamos da lentidão e das histórias que os nossos pais e avós nos contam ou contaram. O que eu senti ontem foi uma orquestração mais ou menos officiosa contra a liberdade e a vida. Ouvi contas de merceeiro tentando explicar a nulidade performativa dos velhos e a necessidade de os deixar morrer. Não sei, não, mas é provável que tenhamos que enfrentar outra vez a besta, mas não sei onde serão as batalhas, em que campos ou canais, em que esquina traiçoeira, em que sistema de leis e decisões.

Para Victor Oliveira Mateus

A escrita é um modo de respirar, uma ontologia de impressões e traz-nos por vezes a passagem por lugares que gostamos de visitar. Leio e sinto-me bem, apegado àquele correr de palavras. Às vezes, esses amigos invisíveis escrevem textos que tocam e que por isso me tornam de algum modo diferente. Há dias em que precisamos de dizer adeus, de ficar suspensos no "Quadrado Negro" e é provável que no outro dia possamos chegar à janela e louvar o dia, ouvir-se na lojinha perto o som de um pequeno rádio. Há vezes do outro lado. O que escrevemos é gramática e nela vivem, como na casa paterna, muitos outros saberes e disciplinas.

"O latinzinho...". Ele bem sabia o bom Abade Custódio, o que custava rezar missa e subir aquela ladeira para descer ao convívio, para se consolar. Sim, o Latim é a mais bela língua. Depois do que se passou em Cartago, só poderíamos ser herdeiros dessa música e desse fogo. O lamento de Dido é uma tristeza que só pode ser dita com a ânima e a energia dos trágicos. Essa gramática de que falávamos é um "animal vivo", como diria Aristóteles. Às vezes uma passagem, um lugar de ventos ou a calma dos caminhos. Estamos sempre a viajar para Pasárgada ou em direcção a Comala, no romance de Juan Rulfo: "o caminho subia e descia: 'sobe ou desce consoante se vai ou se vem. Para quem vai, sobe; para quem vem, desce'".

18

Estranha manhã de sonho e sinais. Os presságios andam lá fora, sentam-se nas pedras, se houver um tronco queimado e uma pequena luz de janela na escuridão da encosta. Os sinais são mais pequenos, passam por baixo da porta, acomodam-se na almofada, misturam-se como pequenas estrelas que se divertem na aventura da extinção. Tenho sono e tenho sonhos e ambos se misturam.

Durante a composição oscilo entre o torpor e a febre. De manhã vivi cercado numa reunião de sonhos. Não tive medo, não me assombraram paisagens góticas ou contornos difusos de seres extravagantes. Apercebo-me, no entanto, que houve más notícias. Os discursos mudaram lá fora, os ministros devem ter recebido informações, houve ameaças, o mal irá talvez concentrar-se em África, talvez passe ao lado para nossa segurança, etc, etc.

Tenho saudades de ti, Adelita. Desde o meu primeiro romance, desde aquela conversa sob o ulmeiro, fugíamos por terras de Espanha e ninguém sabia de nós. No México tinhas um cavalo branco e eu não sei por onde me perdia. Imaginava as histórias, ficava suspenso nas águas paradas de um pequeno porto e depois corria ao teu encontro, perdia a noção do céu e da terra e falávamos na revolução. Aprendi a dedilhar alguns acordes junto às fogueiras, mas eu olhava para ti e a música continuava sozinha e já corríamos

a galope pela noite. Tinhas fugido de casa e eu era apenas um pobre actor à procura da personagem. Espera por mim, Adelita! Já vou a correr, vou talvez a cantar... E de repente desceram do céu nas nuvens e vieram as tropas e eu queria levar o teu cavalo branco. Ficou acesa a fogueira, o violão vai conosco e o teu vestido branco, o cinto apertado, as munições, eu guardo a tua voz no meu desejo. Olha a planície, o longo e árduo deserto, a volta ao mundo ao longe, onde se desenha a névoa e o lilás. És tão bonita, Adelita. É tão bom viver contigo no inferno. De manhã vamos à fonte e depois bebemos aqueles vinhos raros, como se nos vingássemos da história.

19

Má Onda

Acordo e sinto-me distraído. É um grande sossego à superfície. Por dentro não sei bem o que se passa, talvez a desordem que ainda não se manifesta. Os animais ouvem melhor do que nós. Os cães no fundo dos quintais levantam os pelos e as orelhas às grandes oscilações de minério e águas profundas e por isso ladram ao céu, como se quisessem avisar as estrelas.

Na rua há sossego. Alguns vizinhos juntam-se para fazer mudanças, eles têm fé, mas eu esqueci-me dos pássaros, devo estar cansado das observações. Se agora descesse um pouco aqueles caminhos até sentir a escuridão... Reconheço alguns cheiros, um pássaro desconhecido sobre o monte de estrume, ratos do campo e talvez um vulto, duas crianças fingem brincar, lembram o frio, virá um pouco de nevoeiro.

Lá em cima, na estrada, fico a ver, bom dia, respondo no mesmo tom, sei perfeitamente que o homem vai desaparecer no vale, as crianças e as bruxas dizem que é um lugar estranho e profundo. São muitos séculos de aguardente e côdeas e a Lua aparece pouco, as plantas não puxam, aqui fica tudo amarelo e depois os cães uivam. Vejo mil olhos atirados ao vale. Aquele é o caminho dos assassinos, do outro lado sobem à ermida os que juram salvar-se.

De repente, tudo parece mudar. Bastou um pouco de sol a resvalar nos pinheiros e acácias, costuma vir também o vento, a vinha parece bonita, mantêm-se no campo algumas rendas e os verdes saltam aos olhos, cegam ou

enganam, caiu aquele telhado, os velhos demoram a subir a encosta, abrem-se portões para as voltas de Domingo, soltam-se os cavalos. Isto são tudo impressões e como não posso falar, fico a ouvir as ruínas e as coisas que oscilam.

Vou andar assim, com os olhos semicerrados, vê-se melhor. Vivo numa terra feliz, com flores, recantos mais ou menos modulados pela experiência da observação, fantasmas a postos, ao dispor do viajante. Contam-se histórias. Às vezes vivo numa terra maldita. Escrevo algumas linhas contra a tradição, apenas um esboço. Há um grande poder nesta espécie de insanidade larvar e bem composta, mas frágil como estaleiros. É o que é. As paisagens são muito sensíveis. Se acordo bem disposto, vejo os campos, os muros, as encostas e canto a geometria da perfeição. A humidade levanta-se em círculos azulados, misturam-se os sons do trabalho e os gritos. Aqui as doenças são loucura, o diabo à solta. De vez em quando temos um dia de paz. Reconheço que há pouco, quando me debrucei à janela, era agradável ouvir os carregadores levantando os caixotes, pareciam caixões, arrumando a carrinha e falando de coisas banais. Pareciam felizes com a viagem.

Sobre serpentes e outros humanos

Uiuhhh, pobres serpentes! Haveriam de ser estranguladas, queimadas e depois abriam-se destilarias e laboratórios destinados a recolher os venenos, expunham-se exemplares raros em toda a extensão dos escaparates e as fábulas esmoreciam, levantavam-se estranhos incêndios nas moitas, um líquido espesso e acizentado viria escorrer de lugares ao sol e ficavam alguns silvos a pairar e os caçadores furtivos, o rastejar cuidadoso dos animais perseguidos.

20

Optimismo

Não conheço bem este vento. Anda lá por cima, mas vejo que escorrega e oscila. A luz um pouco nervosa parece-me virada para cima. De momento, escondo as palavras. Teria uma bela história para contar. Aconteceu há muitos anos numa Praça cheia de gente, mas se começo a contar, as palavras vão

desaparecer. Não conheço bem este vento. De vez em quando temos que ficar assim, parados e mudos, sentindo as mãos inúteis. Salva-nos a inquietação. Deve ser o vento a mudar. O melhor é esperar um bocadinho e deixar passar esta coisa desconhecida e invisível. Fecho a janela, fico-me com o barulho das obras, a cidade agitada, a meditação das estátuas num templo vazio. Aquele vento que eu não conheço é terra, água, lama, bichos e coisas desarrumadas. Entretanto chega um pouco de sol...

Aguardamos ordens, meu capitão!
Correcto e afirmativo.
Às suas ordens, meu capitão!
Quais ordens, qual caralh...
Tudo para o túnel, óculos de sol
botas cardadas, chapéu de coco
luvas de pelica, seus medricas.
Companhia!
Fala baixo.
O inimigo é muito sensível.
Duplica, triplica, implica.

Eu só não engordo por causa dos nervos. Vou à janela, olho os céus e digo que nervos! Perco logo 100gr dos meus fiambres.

Acabo de ter uma aula destas modernas, com os meninos em imagens do outro lado e eu por cá, tudo bem, muito obrigado. Adorei, são uns amores, mas eu estive quase para tomar um calmante. Tenho a cabeça em água, h2o purinho e deve ser por isso que tenho esta impressão, será coisa do coração ou então um secão e bem lá no fundo uma desolação. Isto não é para mim. Já sou muito antigo. Como dizia o outro, só tenho um adjetivo, "gostei".

Para me vingar de algumas das anódinas e insossas horas que venho navegando, vou ler desalmadamente poesia erótica de Bocage, daquela mesmo puxada, da proibida no antigo regime e mesmo agora não sei se é muito permitida. Mais logo vou publicar um desses poemazinhos a ver o que diz o regime.

Poesias Eróticas Burlescas e Satyricas de Bocage

Há livros a que queremos muito e este chegou-me às mãos há muitos anos. Não sei dizer ao certo em que ano foi, mas não será difícil de imaginar. Lembro-me que na altura era proibido pela Censura em Portugal, e para mim, rapaz novo, era uma honra e um orgulho ter este livro. É uma edição singela, datada de 1964, com origem na cidade de Londres. Sabe-se também que os 1000 exemplares impressos se destinam ao Brasil.

Discutíamos a liberdade, havia uma pulsão como nas lições do professor António Damásio. A muito bela poesia erótica, que de longe ela vem, desde a sombra dos oásis! O erotismo é um estado da arte e o que eu leio nestes poemas é um assomo da língua, um assombro do ritmo e um milagroso enlace entre a prosódia e o texto. A poesia erótica, burlesca e satyrica é também um canto à liberdade.

Hoje aconteceu muita coisa. Ainda agora ouvi a porta bater lá fora. Há pouco veio o senhor do correio, os trabalhos no andar de cima acalmaram. Li alguns versos de Píndaro, mas quando cheguei à janela, passava mesmo em frente um homem meão, de catadura indisposta, quase andrajoso. Reparei que olhava na minha direcção e eu senti os medos da época, as coisas que se dizem e perguntei-me, quase a disfarçar, se teria fome e depois já só o via de costas, a caminhar desengonçado, com passo de meio crime. Fecho a janela e isso deve ser o medo e logo depois vou abrir.

Tudo passa e agora parece que vou andar a cavalo, mas aquele pequeno pacote de lenços já está ali meio colado à rampa da garagem há vários dias e no canteiro um caixote de papelão. Não tenho visto o pequeno gato preto à janela. Parece um daqueles bonequinhos de barro da feira, mas não é. Vou até lá dentro. Estava a ficar triste.

Leio repetidamente que a múmia não vai estar presente nas comemorações e isso "dá-me um abalo ao píforo!..."

Tenho tanto que fazer, mas quase todas as tarefas me obrigam a cavalgar plataformas e eu fico com um enorme cansaço antecipado, uma tristeza de cão.

Depois de algumas peripécias, acabei por ficar na Casa de Portugal. A Cidade Universitária era um lugar bonito, uma espécie de Europa de pequenos vagabundos com casinhas em tamanho natural. Eu, que tinha pernoitado durante uns meses perto do céu, numa *chambre de bonne* quase encostada às estrelas ou àqueles céus nevoentos de Paris, passava agora os dias a trabalhar e a estudar. À noite a cantina da Cité dava-nos à escolha o bife, o couscous e talvez o boeuf bourguignon e umas garrafinhas malandras de vinho mais ou menos, mas isso era suficiente para encantar os primeiros passos da noite que prosseguia no RER e no Metro e que desembocava normalmente no Quartier Latin. Às vezes havia manifestações e nós lá íamos.

Numa dessas noites fui parar à Place de La République. Havia um mar de gente, grupos em estado de alerta, música a espaços e aquele rumor das conversas que vão subindo nas Praças e se recolhem nas copas do arvoredo e nas janelas às vezes desconfiadas dos apartamentos burgueses. Eu andava por ali entre amigos nervosos, que ora traziam novidades ora desapareciam e em dado passo do serão o Zé Manel apareceu com alguém que me quis apresentar. Fiquei a perceber pelas palavras do meu amigo que tinha à minha frente um grande poeta francês. Decorei o nome e guardei-o durante alguns anos, confirmei os livros em algumas leituras esforçadas, mas o que me tocava era aquele ar meio assombrado e distraído. Era um homem tímido, vestia um casaco pingão que lhe descia pelas pernas e falava suavemente. Perguntou-me o meu nome e eu, um bocadinho envergonhado... Que bonito, disse ele, quando ouviu a palavra Braga e soletrou o meu nome. Depois continuou a distrair-se, notei-o ausente a olhar em volta e a fixar algum ponto luminoso naquele horizonte de manifestantes. Eu segui o seu olhar durante algum tempo, na esperança de ver chegar versos à terra e depois nunca mais o vi, mas fui perguntando por ele e quase todos os entendidos lhe conheciam o nome, o título de um livro ou uma nota biográfica. Sentia-me muito orgulhoso por ter conhecido um grande poeta assim tão silencioso, vestido com roupas largas, quase tímido e suspenso, parecido com toda a gente, naquela imensidão de vozes e movimentos.

Eu não desejo mal a ninguém e a verdade é que nós, portugueses, gemendo e regando o "jardim à beira-mar plantado", lá nos vamos arranjando. Se por acaso se realizar o sonho de Saramago e tivermos de navegar o Atlântico na "Jangada de Pedra", também não me parece que venhamos a ter problemas por aí além. Estamos tão habituados a navegações, a ventos e marés. Agora aquele ministro holandês mais aquele outro que mandou vir contra os gabirús do sul no ano passado, esses não me parece que tenham grandes hipóteses, quando o Mar do Norte se levantar e lhes alagar os cueiros. É claro que poderão alcandorar-se nas formosas velas de seus moinhos, de tulipa na lapela, mas a bazófia, essa, vai-se por água abaixo.

Para os Fidalgos Isabel e António

Às vezes sinto-me comovido em volta e logo a seguir também, para onde olham os meus olhos ou um pouco além. Deve ser isso o futuro.

22

Ora muito bem. Cá estamos nós para mais um dia de luta. Vejamos, céu geralmente muito nublado. Nesse caso, cafezinho e, ó surpresa!, que faz ali tão bem posta e sedutora no parapeito da janela a caixa das bolachas?! Fui ver. Não são bolachas, não, são madalenas. Tão pequeninas, fofas e amarelas. Como uma, como duas, os açúcares já começam a sulfatar a alma e uma força inaudita, uma vontade de andar de balão, um arrepio muscular, os rins muito bem dispostos. Não! Outra madalena, não. Ficas aí quietinho, caladinho, podes cantar, podes ougar, podes fazer o que quiseres, madalenas, não! Juizinho.

Lembro-me do 25 de Abril como se estivesse a nascer. O sino do Liceu a badalar. Tão defunto que ele andava desde o 28 de Maio! Olha os bufos a disfarçar, os fascistas a correr pelas escadas e a malta a gritar. De então para cá a minha vida é um 25 de Abril. Quero eu dizer, é uma coisa normal, sem aquele cheiro a rato morto, aquela assombração de delatores e ditadores.

Não gosto de falar do vírus. Que sei eu? Impressiona-me no entanto saber que aquilo não é bem uma coisa viva. Pois não, é uma coisa morta ou que não é bem morta, como a morte. Preocupa-me, isso sim, a vida. Que havemos de fazer? Ainda há pouco estava eu a arrumar a cozinha e convém que se diga que o ambiente era o mais adequado. A máquina de lavar ronronava, a cozinha brilhava e havia cá fora, na rua, uma calmaria de alexandrinhos sentados, a ver pela pose da vizinha do terceiro andar, muito sossegada no seu fato de treino cinzento. Entretanto, nos alvares da cozinha, talvez inebriado pelo cheirinho a detergente com aloés, lembrei-me de uma coisa que poderia ser útil nos primeiros passos do desconfinamento que se aproxima. Bailinhos de vassoura. Não pode ser bem como antigamente, quando a vassoura era apenas provisória, alguns minutos de solidão antes de a passar a outro para lhe agarrar o par. Proponho baile de vassoura puro e duro. Cada um com a sua e no fim, quando chegar a hora, "quem roçou, roçou, quem não roçou que tivesse roçado", como se dizia *in illo tempore*.

Acredito que haja neste mundo alguns beberrões, que ao cabo de insanas lides por adegas e tabernas vejam a sua alma mudar-se em tenro e curtido toucinho. Não, não estou a pensar na minha, que ainda imagino quase alva e alada, embora reconheça que ela goste de poisar, como os pombinhos, a debicar algum golinho perdido nos becos ou, quiçá, um pouco daquele resumir tão olfatoso que sua meio disfarçado no mosto, por entre os interstícios de antigas pipas. No entanto, há pouco, ao aproximar-me do terraço veio ter comigo, como transportado por um Zéfiro suave, um cheirinho a Alvarinho. Foi tudo muito rápido, um fulgor, um jacto de coisa inebriada. À cautela, fui espreitar a alma, mas ela estava quieta, com ar de fim de tarde, talvez um pouco triste por andar há tanto tempo sem ver o mar.

23

Hoje acordei muito cedo e depois adormeci e acordei um pouco tarde e depois fiquei meio zonzo com este sol sem persianas e então pus-me a tremeluzir as pestanas e andei à procura de livros e de textos e eram as páginas que me encontravam e então nessa altura parti um cacareco e já era fantasma,

não sei se vá comer uma banana ou uma côdea de broa. Mau! Isto assim não pode ser. Agora vais-te sentar e comer e beber e se te acontecer adormecer, paciência. Mais logo tens tempo. Há-de vir a tarde calma, o regresso dos melros, a luz mais baixa e aqueles súbitos humores de verso heróico, alegrias por nada ou por alguém. Que bem!

Apetecia-me muito ter um amor platónico, que num certo momento do dia descesse por uma nuvem ou um canal e viesse pousar-se ao meu lado, neste barco que segue para Siracusa. E agora meu amor, já Platão regressou aos céus e nós vamos desembarcar de ilha em ilha, comendo uvas doces colhido de galo e penicando frutos secos nas casas brancas sobre o areal. Ainda bem que fugimos do céu.

Olha a Europa a aspirar o tapete, a botar-lhe cheirinho e a varrer as côdeas para o Mediterrâneo.

Sente-se aquele stress pré-traumático. Apetecia brincar com algumas palavras, batrâquico, tauromáquico e podia depois aparecer o Senhor Anfilóquio Bermudes, o dono disto tudo. Vamos lá ver quem manda aqui! Ah?! Tudo pra casa. Tudo prá rua. Uns de cada vez. Ó inclemência, ó desventura dos nossos promontórios, "ó caso grave da natura". Isto na pior das hipóteses, porque o normal será o que vão dizendo as autoridades democráticas. O que acontece é que nestes entretantos apareceu uma coisa nova na terra, que se tornou bastante mais respirável em muitas cidades e lugares. Agora vamos voltar ao que era? Duvido que isso seja possível. Isso já foi. O vírus está aí e não vai embora de qualquer maneira. Essa morte que não é bem morta, essa lapa.

24

Agora sou um viajante ao pé da porta. Às vezes, tenho sorte. Sou eu que vou abrir ao carteiro ou recolher o saco das compras. Em geral, está bom tempo, não me posso queixar. Chuva, vento, frio, sol nos prédios em frente, os pardais nos altos cedros da central da EDP, tudo isso me parece fresco e bom ou quase longe e regresso a casa com aquele ar de quem se sente abençoado pela voltinha na tarde de Sábado.

Estou a pensar fugir de casa. De momento, o tempo não está propício, os céus andam muito claros e os ventos não estão de feição. Devo esperar pelas trovoadas de Maio. Haverá um dia, há sempre um dia e nessa noite, quando raios e coriscos cobrem a terra de treva e avisos luminosos, quando o grande estertor dos impactos faz abalar os veios e romper as fontes caladas, a essa hora da madrugada levanto-me pé ante pé. Devo chegar à Biblioteca e chego. O caminho foi difícil no corredor silencioso, mas agora estou em casa, quero dizer, estou quase no barco, no foguetão, no incógnito canal, não sei bem. De repente, o resto de uma onda quase me atira contra a estante da geografia. É Gordon Pym de Nantucket! Adeus, adeus, boa viagem até às "ilhas encantadas". Eu sigo para Norte. Estou à espera de algumas páginas levantadas, ondas crespas, maré alta, mas já vejo luz... Abrem-se as páginas do "Ulisses" e eu sem hesitar mergulho. Alta torre, ruas baixas, noite longa, bares abertos e finalmente sento-me em Dublin. Ó, como eu sonhava estar aqui a beber cerveja antes de chegar ao inferno. Dispensar bem o inferno, aliás. Posso perfeitamente ficar no purgatório, neste bar tão quente de madeiras e conversas. Oíço música, danço e depois não sei onde fui parar. Estive na ópera, andei pelas ilhas gregas, sempre muito divertido, a noite lenta a descalçar-me os sapatos. Não venhas, luz do dia, ainda é noite, mas veio a luz do dia e agora não saberei muito bem como hei-de regressar.

Ainda não haverá razões de sobejo para mandar esses dois artolas das Américas dar banho ao cão, com passagem obrigatória por um campo de urtigas e emborcando, já agora, um shotezinho de Sonasol?

25

Para Filipe Guerra

Leio o 25 de Abril como se estivesse a nascer.

Hoje é o dia e eu lembro-me do que aconteceu naquela manhã no Liceu. Depois o tempo passou e tudo aquilo que já sabemos. Hoje é dia de canções e de cerimónias, é dia de lembrar os cartazes e algumas histórias.

O mundo vai mudando, mudando sempre e nós dentro desse movimento, mudamos outras coisas dessa grande mudança. Extirpamos o velho regime do chamado Estado Novo e começamos a fazer coisas novas. Temos um país muito mais livre e também mais justo, mas a vida continua e há medos, sombras e ameaça. Nós temos o 25 de Abril e essa palavra evoca esperança e projecto. Nós temos o 25 de Abril e a palavra é uma frase contínua e uma memória, um querer bem.

Não me sai da cabeça a figura do "avô cavernoso". "Lanço-te uma pulha", diria o Parvo de mestre Gil e é o que eu acabo de fazer. Lá se foi a figura decrepita aos rebolões, lá se foi o ditador de lábios finos, a alma rural da casinha portuguesa, o paladino dos pardais e dos ninhos e de bovinos e caprinos que vinham abraçar as madrugadas campestres e sofredoras. O nacionalismo romântico do regime! O homem voltando da lide, a mulher esperando num braçado, alçando a vista e alcançando as crianças brincando na cozinha. Entretanto havia Peniche e o Tarrafal, havia os bufos e a propaganda colonial e esses, valha a verdade, nunca deixaram de ser bufos, só que andam disfarçados. E havia a fome, a ordem de imigração.

Deve ter havido na história pátria outras figuras maléficas, mas Salazar foi uma dos piores, porque se disfarçou de pobre e honesto, porque se representou amargo e sibilino por mor das dores do povo, como se fizesse parte. Além disso, foi um cínico e pérfido aliado do projecto criminoso que tentou dominar a Europa. Fez par com o burguês e o cardeal. Não tenho admiração por Salazar nem por Marcelo Caetano e tenho pena que nos tenham feito tanto mal, durante tantos anos. Ainda hoje continuam a fazer mal.

26

"I prefer not to"

Passeava um pouco no terraço, ontem à noite, e aconteceu-me rever a história singela e algo sinistra de Bartleby. Prefiro não discutir agora o sentimento ou fazer considerações sobre a denegação, a constante e serena quietude

perante a ordem, a ocasião ou a necessidade. Bartleby não pode fazer mais nada, vive suspenso por uma linha, que lhe permite ser exemplar e ocupar o seu lugar provisório no deve e haver. Bartleby deverá abandonar este mundo em poucas páginas, deixando a herança do rigor profissional e afrontando a ordem no caos das necessidades. Releio o texto de Melville e depois disto pouco terá acontecido na minha vida. Alguma atenção ao trabalho académico, lavar cuidadosamente os óculos e espreitar a rua, onde passa uma mulher de preto fumando em direcção ao trânsito. Pôs-se uma tarde sorumbática, de luz baça e nuvens paradas. Sei bem o que nos espera nos próximos dias e em outros tempos e lugares. Vamos ter que sair, alguns cantarão alto a noite e a cerveja, espreitando a polícia e outros virão com suas máscaras e óculos têxteis. O estado de excepção como normalidade, a máscara das expectativas, um grande silêncio nas páginas mais negras da literatura, o pão da estranheza.

Os grandes livros têm esse poder de sondar o espaço da fábula e das construções e depois recolhem a eternidade e inventam a noite.

27

Os meus sensores, ligados como andam à memória e às intrigantes deduções da experiência, dizem-me que deve estar a nevar nos Carris, no alto do Gerês. Está bom para a leitura e neste caso, para levar a cabo uma pequena empresa de copista. Tenho comigo a "Poética", de Aristóteles e vou propor aos meus alunos de Dramaturgia algumas passagens. Hoje vamos ficar com o problema da "imitação" ou da "mimese", se preferirmos. A arte imita a natureza? É claro que me ponho a pensar no famoso diálogo de Oscar Wilde, onde os dois intervenientes, Cyril e Vivien, curiosamente os nomes dos dois filhos do autor, discutem também em sentido contrário. "A natureza imita a arte?"

A minha mãe faz hoje 88 anos. Fui vê-la à janela. Apareceu bem disposta e jovial e além disso muito arranjada. Faz parte da sua cultura de resistência. Andar todos os dias, nem que seja "autour de la chambre", arranjar-se, receber a vida como um dom e um direito e viver a hora. Deixei-lhe duas garrafinhas

de rosé, do Douro. Deve ser bom. Logo à noite já me dizes se te soube bem. Um dia feliz, minha mãe. Muitos parabéns e que seja por muitos. Fazes muita falta neste nosso pequeno mundo.

28

Está frio e eu preciso de ficar imóvel. Os objectos parecem um pouco mais longe e a parede cobre-se de sono. Tento esquecer o frio, talvez um sonho pudesse trazer sol ou água quente.

Estou a ficar agitado. Mudança de tempo junto às órbitas, discurso abafado, uma lentidão exasperante, abro a janela e vejo um pássaro verde e ele voa, vai e volta, como se tivesse perdido alguma coisa. Reparo que fica mais sossegado à medida que me afasto. Fecho a janela e entro no subterrâneo. As recordações não me deixam fazer a digestão. Respiro fundo e vejo uma saída pelo outro lado. Encosto-me à espera. Não sei quanto tempo vou ficar. Não espero nada, mas também não vejo coisas do mundo e por isso não faço esforço para sair daqui. Há pouco, quando fui ao terraço, levantou-se um vento frio e seco. Parece um ar escondido, chega primeiro à terra e depois levanta as coisas, como se as quisesse levar. Nesse movimento fico a olhar as nuvens corridas, com aquele aspecto de terem chovido noutros sítios. Agora começo a ficar menos estremunhado.

De momento, ainda não falo, sinto a figura, gesto cerrado, pele tensa, movimentos medidos sem vontade. Tenho que fazer de conta. Verás que isto passa. Invento uma voz para me convencer. De momento, não podes sair para lado nenhum. Entretanto lembro-me de um livro. Gostei daquela praia, onde passeava o Senhor Palomar, com aquele seu teatro solitário e quase reflexivo. Pode ser que haja um hotelzinho ao fim da praia. É longe ainda e quando chegar perto vou sentir-me cansado e isso traz sempre alguma felicidade. Ficaria a noite toda parado num ponto luminoso, naquela ilha, depois do hotel e havia de lá chegar. Depois talvez não haja mais paisagem. Só um mar de sargaços, grosso, com alguns remoinhos previsíveis. Que disparate! É o que dá acordar de repente, sem preparação. Quando estou assim, a agitação da vigília põe-me em estado cataléptico.

Ah, estou quase a chegar ao hotel. Sente-se alguma agitação nas cores, ruído de portas, talvez me possa sentar com vista para o areal. Se me sento agora, nunca mais me levanto. O melhor é tomar um banho. Saio da água fresco e energético e tenho quase a certeza que nada disto se passou.

Há imagens que começam a respirar e a ganhar forma, como se fossem centros de baixas pressões. Há pouco olhava o famoso quadro de Friedrich, que representa um homem de costas, em cima dum penedo suspenso no abismo. É uma paisagem medonha, que não deixa espreitar o fundo, envolta em nuvens que parecem segurar as alturas. Ocorre-me pensar no sublime e naquilo que o distingue das categorias estéticas. Há algo de elevado e surpreendente, mas há também lugar para o inóspito e para o inefável. O sublime não é o belo e não será o horrível, mas pode sê-los em parte sendo também outra coisa. O lugar da inquietação e também do medo, uma força obscura que actua sobre a nossa capacidade expansiva.

A figura desenhada por Friedrich evoca um cavalheiro, provavelmente um homem abastado, apoiando a sorte numa bengalinha quase a resvalar para o abismo. Resolvi lembrar este quadro tão belo para me desculpar ou para me penitenciar, porque ao invés, tenho observado outras paisagens, essas sim, assustadoras. Não precisarei de me afastar muito de casa para ir dar a um desses lugares. Falaremos melhor um dia destes. Agora a noite desce como um sossego d'alma, um doce quebranto.

29

"Uvas de Abril encham o barril". Oxalá os pequenos frutos tenham nascido com abundância e se preparem para engordar e para crescer com a luz da água e o sol que vem logo aquecer-lhes o pé. Lá em baixo é uma festa. Andam o minério e o terrunho a preparar argamassas criativas e a soprar nos caules o futuro sabor das cítaras e o delírio dos ditirambos.

Não me ocorre escrever um romance erótico, mas fico a pensar num certo modo de fazer erótico na construção de um romance. O desvelar, uma tensão que se aproxima da focagem, o pormenor e a metonímia, o súbito

desaparecimento do expoente, a memória que se encantou da sedução e agora divaga por ventos, marés, uma porta que se abre, um súbito olhar o céu. Páginas que resvalam como tecidos, coisas do oriente, perfumes, chás, pedras luminosas. O erótico irmão da beleza, como a fuga e algum desespero de mãos vazias e pensamento esperançoso, coisa que passa a dobrar a esquina e não se sabe em que capítulo regressa, em que parágrafo vem assombrar o desejo.

Os velhotes

Gosto de pessoas. Gosto de passar por elas e de olhá-las, gosto da fala, ainda que seja de circunstância, gosto dos rituais afectuosos, gosto da paciência que vai tecendo alguns encontros silenciosos, gosto de falar com as pessoas idosas, sempre gostei, ou de as acompanhar um pouco, atravessando a rua e dando-lhes o braço. Gosto de as ouvir contar histórias e de alguns esquecimentos quase bem dispostos.

Pode ter acontecido que, num desses encontros, eu tenha pensado que um dia seria como elas. Andaria devagar na rua, procurava as chaves com cuidado, tacteava um pouco a fechadura e despedia-me da rua antes de entrar na penumbra. Quando era novito, conversava sempre um pouco com a minha avó e com as tias mais idosas. Não me lembro de que falávamos, mas sei que nos ríamos e sei que as pessoas idosas riem da maneira mais bela, devem ser ensaios de cânticos a experimentar no paraíso.

Provavelmente fui influenciado pela minha mãe. Sempre a vi lidar e conversar e acompanhar com grande carinho as pessoas idosas. Não era pena, era uma coisa amorosa, o que eu sinto ainda agora. As pessoas idosas, os velhos, as velhas, os velhotes. Há de tudo, claro, também há-de haver velhos coléricos e fascistas, tipos maus, putativos assassinos. Mas eu conheci e conheço velhotes tão bonitos! Aprendi na altura própria que um dia também seria assim, andando devagar na rua, olhando com cautela a estrada, mas também as notícias e os sinais do céu e da terra.

Não imagino o mundo sem eles e dói-me um certo tipo de discurso, o arrebanhar dos idosos como gado, o desdém com que se analisa o seu índice de performatividade, as contas que se fazem à segurança social. Sem os nossos idosos seremos uma sociedade cada vez mais desmemoriada, cada dia mais

desprotegida, sem bom senso, sem conselho, sem prudência, abandonada aos ditames das urgências económicas e das falácias financeiras.

Gostava de escrever um "texto maldito", como fez o Luiz Pacheco. Talvez não seja altura. Tenho boa idade para isso, mas falta-me a coragem. Ainda me despedem! Um texto terno e bondoso, no entanto, onde o submundo desta angústia cidade pudesse vir à luz do dia e dedicar-se ao "coelho" na Páscoa e descer a Avenida no São João roçando o mito e a excitação. Como eu gostava de ressuscitar os defuntos magalas e o esqueleto das sopeiras e acompanhar perseguições eróticas e quase poéticas de indivíduos solitários e esfrangalhados pelo tesão da bunda bamboleando e as frescas rosas atraindo adolescentes, como se fossem plantas carnívoras, ventosas com água de rosas e perdão ao Domingo.

Ó, como eu amo esta pequena corrupção de imaginários, este tesão das ruas, esta frustração acastelada entre a energia irresistível e os deveres. Qualquer dia, quando for mais velhote, vou tentar uma aventura dessas. Um texto maldito e amoroso, uma sintaxe suspensa da castidade, sem pecado, como um direito a ser livre.

Não sei se é verdade, se é mentira, mas segundo as notícias um fotógrafo bracarense apanhou uma lontra a banhar-se no rio Este. Foi hoje ou ontem. No mínimo devia haver um comunicado municipal, a instituição de um feriado local ou então e apenas isso uma vigilância radical aos arredores do rio, com o Regimento de Cavalaria pronto a avançar ao mínimo sinal de porcaria.

Estou encafuado há quase dois meses, mas acho que ainda vou ficar mais um bocadinho. Depois vai ser lindo. Olha aquele a disfarçar, olha este a mudar de passeio, olha eu não sei quê. Ali, ali, são mosquitos, são vírus gigantes, vêm aí os dinossauros! Depois há-de vir a vacina, se calhar nessa altura já vou estar reformado e se puder, vou logo ao Gerês respirar aqueles ares e falar com as borboletas. Antes disso hei-de ir ver o mar, apanhar salpicos e brometos. Entretanto tenho que aprender a andar de máscara. Vai ser bonito passear na Avenida a brincar aos polícias e ladrões.

30

Passei uma boa parte da noite junto do mar. Não senti frio. Ouvia-se o mar cavo ou as ondas côncavas, não sei bem e um estrondo um pouco surdo, quase abafado. Acordo numa espécie de doce e vaga inconsciência e ainda oiço o mar. Depois vou à cozinha, abro a janela, vejo um dia normal depois das oito, os vizinhos vão dando sinais e parece que nada aconteceu. O mar ficou lá para dentro, mas eu sinto-me de algum modo navegado, embora meio zozzo a fazer as primeiras tarefas do dia. Imagino que foi um bom sinal. Se sonhas com o mar, põe-te a cantar.

Bem, cantar é difícil, mas ver o Banderas a dançar tango com aquela formosa senhora de vestido vermelho, faz-me entrar num bar. Bom dia, bom dia, ainda é um pouco cedo, mas eu queria um gin. Sim, sim, gelo e água tônica, uma rodelinha de limão também, sempre parece uma bóia e o mar está tão alto e pode pôr algumas bagas de zimbros, gosto da árvore e das serras. Navego em alto mar, subo aos altos montes, mas bem sei que tudo isto só dura um copo de gin. Bem servidinho, se faz favor. Quando isto acabar, tenho que ir trabalhar.

Para Alexandre Andrade

Parece que estou a ser atacado por sítios, ventos, janelas, casas, encontros, cheiros, andanças, não, mosquitos, não, mas tudo isso felizmente vai dar à praia. Tiro os sapatos. A noite andou brava e a areia está cheia de conchas e lâminas de mexilhão. Há pocinhas e junto aos penedos a água aquece um pouco. Sinto-me mais pequeno e o mar alto, a espuma das ondas e aquele som que se repete e descansa. Ponho-me a ouvir o mar e parece que estou a nascer. Passo uma ou duas horas neste balancear, de cá para lá. Com o andar das horas, começa a nortada. Um pouco mais longe parece uma esplanada. Não é bem verdade, o sítio foi abandonado no princípio do inverno, mas sabe bem ficar encostado nas ruínas, olhando até que o olhar se esqueça.

Podia começar aqui uma aventura, quero dizer, uma história. Apercebo-me de um vulto ao longe. De momento, não distingo bem, mas logo percebo que é mulher. Seria muito estranho que ele não se aproximasse da construção

abandonada. Assim fez. Cumprimentou-me com um sorriso e sentou-se sem palavras. É óptimo começar uma história sem palavras.

Gosto de ficar sentado à mesa depois do almoço. É um tempo pequeno, quase íntimo. Fico sozinho com a toalha e as migalhas e um pouco de vinho no copo. Há nisto um grande silêncio, como as tardes no campo, os passos antigos no soalho, os móveis com olhar familiar, a penumbra das portadas e depois da sesta, no calor ainda alto, as vozes que se confundem no campo. Bebo o meu golinho no fim do copo, parece que me estou a despedir e recolho a toalha. Às vezes fico a olhar um pedaço de pão mais inteiro e deixo-o no terraço, em bocadinhos, para os pássaros.

Para o Afonso Fonseca

Há uns anos, passei algum tempo no Hospital. Ainda era o velho São Marcos. Fui muito bem tratado e a todos agradecia como podia o bem que me faziam. O meu companheiro de quarto era um homem muito divertido. Ficámos amigos naqueles dias, mas ele era bastante mais velho e o mal havia de chegar, quase de repente, sem aviso e sem perdão. Levaram o meu amigo. Eu estava meio sentado na cama, olhando-o cheio de lágrimas, quando ele passou à minha frente. Vi-o levantar a cabeça e sorrir. Porte-se bem! Um dia destes venho cá vê-lo. Foram as últimas palavras que lhe ouvi. Passados uns dias tive alta e passei na igreja de São Vicente para lhe deixar uma florzinha. Nunca mais o esqueci. A alegria, aquele cantar sobre a morte ou apesar disso.

Percebi que naqueles dias ou nesse ano uma porta se abriu e uma coisa nova, quase indelével, tocou-me a pele e o coração. De certa maneira, foi a escrita ou pelo menos um começar de novo, como se nada soubesse do mundo e quisesse começar a aprender. Foi nessa altura que comecei a escrever. Era uma água que não parava de correr e que trazia os livros do meu pai e o seu coração de poeta, era um desejo e ao mesmo tempo era todo aquele tempo da casa grande junto às tílias, os fins de tarde, a cidade que eu guardo amorosamente nos meus cafés de sempre, eram os amigos e as pequenas viagens ao Porto e a Guimarães. Como num milagre, regressavam os amores da infância, as travessuras, o cheiro, mas também a maldade e a peste daquele tempo difícil que nos ameaçava com a guerra.

Às vezes fico a olhar não sei para onde, serão lugares perdidos, coisas do meu corpo que não me pertencem completamente e que eu julgo ter visto nas estrelas à noite, quando dormi na praia ou lavei a cara nos pequenos ribeiros dos nossos vales quase secretos. Ainda oiço, oiço sempre levemente os versos que aprendi em menino e é com um amor infinito que oiço cantar Camões, mas também algumas suavidades de poetas a que chamam menores, mas que me trouxeram cheiros e cores, sentimentos também e sobretudo os lugares e as gentes que me fizeram assim e me deram a mão e me disseram que gostavam de mim. A literatura era afinal aquele sorriso do meu amigo que partia ou a eternidade daquela visitaçãõ que ele me prometia. Espero e escrevo e ele virá, com aquele vagar que se presente nos passos de um verso ou de uma história.

MAIO

1

Os encontros do *Centre Culturel Calouste Gulbenkian*, na Avenue d'Hiéna, em Paris, eram quase sempre um grande acontecimento. Havia-os de dois géneros. Os secos e os molhados. Os primeiros resumiam-se a conferências, sempre ou quase sempre protagonizadas por ilustres convidados vindos da pátria ou residentes em França, mas os segundos, além da excelência cultural, prosseguiam abrilhantados por requintado beberete.

Nos anos noventa aquela casa era um lugar de estudo, de formação, de debate e de convívio em volta das artes e das coisas da cultura. Em certas ocasiões, ou porque o convidado era pessoa subidamente ilustre ou porque a professora Maria de Lourdes Belchior assim entendia, sucedia à conferência, na salinha oval, uma longa, agradável e requintada exposição de iguarias que animava conversas e encontros. Os salgados e doces espalhavam-se abundantemente nas mesas, enquanto os empregados de farda branca muito vincada serviam copiosamente as desejadas garrafas de *Veuve Cliquot*.

Nós, de certa maneira, éramos da casa, porque dávamos aulas de Português e ficávamos a festejar até tarde, a tempo, no entanto, de apanhar o último metro. Uma das visitas regulares do Centro era Manoel de Oliveira. Era o homem mais afável e simpático deste mundo. Numa dessas noites veio sentar-se ao meu lado e iniciou uma grande conversa, como se nada fosse, pelo prazer de conversar e eu olhava aquele homem famoso e ficava comovido e também tocado pelo modo desprezioso de se relacionar com os outros. Falava e sorria, contava pequenas histórias, cumprimentava a todos e depois saía suavemente com a esposa.

Um dia o Centro conseguiu trazer a Paris Vergílio Ferreira. Ouvi-o com toda a atenção, embora se percebesse que ele gostava mais de escrever do que de falar. Manteve-se muito tempo de pé, durante a conferência, sempre sério, com ar de quem vivia preocupado com a doença ou com os perigos da idade. No fim da palestra levei-lhe a medo um exemplar da "Aparição". Ele assinou o meu livro, com uma letra aguda e profunda de inscrição votiva ou tumular. Diziam-me na sala que ele tinha muito medo da doença e provavelmente da morte, mas eu olhava-o como aquele grande senhor que tinha escrito romances fundamentais "Para sempre". Não quero deixar de o recordar, porque a "Aparição" ajudou-me a ser, fez-me crescer e sonhar. Ainda

hoje revejo o drama do professor Alberto, que chegava ao Liceu de Évora para começar a aventura mais extraordinária da sua vida. Entre o ar sisudo, cavo, quase de estátua, naqueles cabelos levemente desalinados, nas mãos trementes, no olhar que parecia abraçar um longa preocupação em volta do mundo, eu via um dos meus heróis e levava o meu livro querido com aquele nome desenhado, como um fogo sagrado nas tabuinhas. Depois a festa continuava por outros modos. Falava-se de Lisboa, aqui e ali ouviam-se trinados da "Lusa Atenas", chegavam mais salgadinhos, sucediam os pequenos doces, a viúva Cliquot era uma torneira que não parava de encher as taças e com o fim da noite ouviam-se os casos engraçados dos nossos maiores... Sophia que perdia as malas no aeroporto, as vaidades de Lobo Antunes e os puxões de orelha muito carinhosos de Agustina, o Lobo Antunes está melhor, está melhor e os caderninhos de Cardoso Pires, que anotava tudo o que via escrito, como se a grande literatura se escrevesse também nos pequenos improvisos de paredes caiadas e muros arruinados.

Um dia veio também Lobo Antunes. Achei-o, na altura, um homem empenhado na construção da sua obra e de uma afabilidade quase desarmante. Naquela sessão memorável, Lobo Antunes respirava ternura e a sua voz profunda e doce lembrava canções num lugar misterioso.

Enquanto vivemos em Paris, foi muita a agitação e eram muitas as visitas. Um dia telefonou-me o José Manuel Esteves, o meu coordenador. Hoje à tarde vai cá estar o Luís Miguel Nava. Vem cheio de pressa, é só mesmo um cafezinho. Tem que estar em Bruxelas ainda hoje. Encontrámo-nos num cafezinho do Marais. Havia nervos e excitação durante a conversa. Senti-o agitado, falando alto e um pouco ausente também. Lembro-me da mochila, papéis, livros, projectos para conversas futuras, uma ou outra derivação pelas coisas portuguesas. Naquela altura, o Luís Miguel Nava era uma promessa, além de ter livros publicados e de ser bastante querido dos leitores de poesia. Éramos da mesma idade, de 57, o Zé Manel também, mas o Luís Miguel tinha uma energia especial, coisa expansiva, que ia além do seu volume de gente. Falava bastante, de forma rápida e incisiva, mas parecia ocupado, longe, meio em viagem. Depressa acabou o serão. O Luís Miguel tinha que apanhar o comboio na Gare du Nord, se bem me lembro. Passados uns dias chegou a horrível notícia do crime que o vitimou. Era um

pequeno príncipe, um poeta interessante. Guardo os livros com carinho e às vezes visito-o.

Muitos dos meus amigos já compreenderam que eu me venho entre-tendo a escrever uma espécie de diário. Para falar a verdade, o primeiro data de 2008, mas depois fui obrigado a interromper a sequência em virtude de densos e intensos trabalhos universitários que me vi na obrigação de fazer. Retomei em 2015 e de 2017 até hoje. É cedo para fazer o balanço. Falta acabar este diário de 2020 e o dia 31 de Dezembro ainda vem distante.

Apesar do trabalho, a escrita diária tem sido o meu descanso. Vou fazendo observações, anotações, registo lembranças, procuro sonhos e assim espero continuar. Tenho aprendido muito. Aprendo fazendo e com aquilo que os leitores e os amigos me dizem ou sugerem. Até agora tem sido uma experiência feliz. Como em tudo na vida, há dias difíceis. O trabalho como professor ocupa-me muito, mas é sobretudo o ruído que anda à volta, a papelada, as plataformas, essas coisas, mais a incompreensão de uma parte deste mundo que olha para nós com mentalidade de escravo. Pena agora tu, que nós já penámos muito!

Apetecia-me dizer querido diário e ver uma página abrir-se sozinha sobre um jardim. Ao fundo haveria uma pequena cancela por onde eu podia fugir um bocadinho. Quando chegar a hora de dormir, eu volto, fica sossegado. Vou só ali e já venho.

Para a Gracinda Castanheira

Onde íamos então? Já me estou a lembrar... A jovem vinha de Norte, via-se perfeitamente o vestido cheio de vento e tinha uma blusa larga com um ar rosa cansado. Só mais perto é que reparo no lenço que lhe cai da cabeça aos ombros, quase a envolver os braços. Chega devagar e senta-se com um sorriso no bar em ruínas. Eu sorria por dentro e por fora e faço-me descair do estrado para meter os pés na areia e começar a apanhar conchinhas. Ela já tinha ido para a beira dos penedos e chamava por mim. Não era nada, era só para eu estar ali. Realmente era muito bom ter os pés na água. Mostrei-lhe um pouco mais longe no nosso mar o grande penedo que nós chamamos o

Fundão e nessa altura pus-me a dançar e a esbracejar e ela percebeu logo, ainda não sei em que língua. Como te chamas? Se calhar, és uma sereia?

2

Senti que a sereia ia começar a cantar, mas ela olhou-me fixamente e eu fiquei cego. Foi a minha sorte. Passo um pouco de água na cara, recupero a visão e tudo o que já sabia.

Agora não havia gaivotas e as areias estavam secas e lisas. O vento parou, apetecia-me gritar, mas era grande o silêncio. Tenho medo. O canto pode enganar-me, mas o silêncio dói e o meu corpo é pequeno. A sereia deve ter ido brincar. Fico a pensar no modo como ela me olhou. Felizmente o lenço caiu-lhe um pouco mais sobre os ombros. Longos cabelos castanhos, o sorriso todo metido nos olhos, pareceu-me ver as ondas de há pouco, os passos na areia, as pocinhas de água, as conchas desfeitas e depois ela desapareceu.

Regressei ao meu estrado e depois tentei entrar no bar. A porta desconjuntada caiu com estrondo. Voaram pássaros e poeira, começou a abrir-se o telhado, por momentos pensei que estava numa gruta ou mesmo no fundo do mar. A minha sereia não me pode abandonar assim. Ouve-se já o farol, o nevoeiro costuma chegar um pouco mais alto do que este. Vem sobre as águas, silêncio, não devo mexer-me, enquanto passa o encanto.

Está muito barulho no bairro, na circular, no mundo, se calhar. Deve ser o povo a desconfinar. Passam nuvens baixas, a terra aqueceu, as humidades andam leves, tenho dificuldade em ver os pequenos silêncios do costume. Entretanto a manhã passa e eu acordei à beira-mar, mas não pude ficar muito tempo. Pensei que a história podia continuar, mas as coisas estão sempre a mudar e eu sem saber, a cabeça aturdida, a hora do almoço a chegar, a tarde que nem sempre passa devagar. Amanhã vai estar calor. É bom sorrir quando está calor, a humidade a subir, pequenos desenhos brancos como folhas, o fumo dos grelhados.

Agora estou muito só na mesa de trabalho. Às vezes mudo de posição e a vida parece que vai mudar. Deste lado há mais uma frase. Era verdade, mais uma frase. Resolvo levantar-me um pouco. Dou a minha volta, embora um pouco indeciso. Já sei de cor o caminho, conheço os móveis e as loiças, ontem

andei a ver os livros, talvez pudesse tomar um café ou pensar num aperitivo, coisa que me levasse daqui, uma bebida a vapor, velas ao alto, mas depois não vou a lado nenhum e fico dentro de mim, só o sono me pode salvar. À cautela vou espreitar ao outro lado. Dito e feito. Comi três mirtilos e fiquei em silêncio. Se calhar, o mundo mudou.

A vaidade, o orgulho, o complexo de tiranias do eu, vivem à flor da pele, multiplicam-se na ostentação, vigiam-nos e gostam de se mostrar, de intervir como pavões da sorte, donos da obra, idolatrias sonsas. A sua especialidade é o latão, os dourados ocos, a filigrana kitsch.

O poeta é um ouvido absoluto e por isso uma palavra a mais, uma frase insolente, um descaso, um pequeno eflúvio que seja de forriqueira verbal são dores e males do seu corpo. Os textos nascem ou vão nascendo e às vezes repousam como letra morta no papel adormecido. Depois é preciso voltar, acordar as palavras, esperar e reconhecer a dor, cuidar a asa ferida.

Às vezes, retiro uma palavra e o poema nasce. Que fonte pura, que água boa!

É importante chegar ao deserto, porque depois não há mais nada ou só as cobras, os ventos na areia que fazem a rosa do deserto, a água que passa ali ao fundo num abismo depois do calor. É preciso chegar a Tombuktu.

3

Mãe de mim, mãe do tempo suspenso e repousado. Louvamos a criação e os seus lugares, a tua protecção pequena e interior, a luz que cresce no mundo. A minha mãe aparece à janela, com ar de menina, vigia em silêncio os cuidados. As mães são a água, as mãos que trabalham com o seu gesto e nasce o desenho, a cal, pequenos pássaros e abelhas que trazem notícias e recados ao coração.

Eu sempre quis ver a minha mãe assim, olhando cá para fora, como se fosse donzela e as ruas um cinema a desprender-se com histórias leves à hora do chá, as mãos experientes de todas as estações, olhando os modos do mar

e das tempestades, guardando as compotas, gastando a vista nos pequenos trabalhos amorosos.

Só as mães vêem os pobres que passam e lembram os tempos difíceis que ameaçam, as mães que vigiam a guerra, que trazem o futuro nos objectos guardados, nas memórias da anunciação, do recato, do coração experimentado. As mães que se levantam com o dia e inventam as casas e guardam as lágrimas para que não falte a água, para que não falte a luz que nasce e passa e acolhe as viagens a tempo de haver silêncio na terra e as mãos que embalam a noite e dormem a bondade dos sonhos, as mães que são as crianças em paz.

Hoje veio este sol, este breve calor de Maio, caindo sossegado até à noitinha e as mães ouvem os cânticos, abrem as janelas e olham as roupas ao sol com as mãos brancas e o olhar claro. As mães sonham e depois ficam sentadas à espera, com a sua infinita paciência e resistem e vivem a dor como um drama que passa e muda. As mães nestes dias que passam e se renovam, neste espanto de haver existência e palavras.

Ah, sim, as mães que ainda esperam recolher os corpos nas praças e lugares da tragédia, as mães que morrem da fome das crianças, as mães junto aos muros erguidos, as mães nos campos fechados, nos barcos em perigo.

Bom dia, minha mãe. Sai, sai um pouco ao pé da porta, as árvores estão altas e protegem e eu sei que o mundo é a tua casa. Mãe do mundo, de tudo e um bocadinho de mim.

Às vezes, antes de começar a fazer relatórios fico possuído por um enorme cansaço, uma atrapalhão, uma coisa horrível e depois sento-me para começar, já com a cabeça em água. Ainda se fora águas das pedras para me aliviar a azia.

4

Nos últimos tempos tem-me aparecido a figura de um homem com alguma idade, bastante alto e magro, vestido com um fato escuro, largo e coçado, daqueles que já não se usam. Vejo-o sempre sentado numa pedra, oscilando a cabeça pendente para um lado e para o outro, ora fazendo chocalhar o que

parecem ser correntes e moedas que tem no bolso, ora consultando as horas e passando a palma da mão sob as narinas para recolher o pingo.

Nessa imagem, não há hora do dia nem tempo. Vê-se um contínuo de cascalho e algumas árvores ardidas. Pelo cheiro, adivinha-se um charco ou um ribeiro que avança muito lento com os desperdícios e uma massa compacta de esgotos em estado puro. Isto já dura há alguns dias. Tenho algum receio de me aproximar, porque se o fizer vou ficar a ver melhor a figura e talvez tenha pena. Imagino-o com uns olhos muito grandes, bastante desdentado e com ossos salientes nos braços e pernas muito compridos.

Sei mais ou menos onde fica a cena ou terá lugar a aparição, mas infelizmente o espaço não está aberto ao público. Está em construção, digamos assim. Tenho bastante pena do pobre homem e talvez por isso não me atreva a dar-lhe um nome. Será, no futuro, uma espécie de "artista da fome", como no conto de Kafka, mas na presente situação não vai ser preciso ter uma jaula. A notícia já se espalhou e brevemente haverá muito gente a visitá-lo. Dir-se-á que o sujeito amalucou, era o dono do castelo, todas aquelas quintas eram dele, tinha orgulho na sua coleção de chaves, as únicas que abriam as portas, cofres e subterrâneos. O que é certo é que o sujeito continua no mesmo sítio.

Ainda hoje o vi, ou melhor, acordei e ele estava lá, sentado naquela pedra, ainda por dizer ou por escrever. Deve ser um pobre desgraçado vindo do outro século, de tempos difíceis. Deve ter uma boa memória, se tiver memória. Às vezes penso que ele vai desaparecer como as ruínas em volta. Ando desconfiado, a pensar que aquela coisa não é humana ou então será, não sei, um sinal ou pior do que isso uma mensagem do outro mundo.

De momento, a zona está desabitada e não me parece que alguém venha construir um lar naquela espécie de charneca. Há sítios malditos e há vítimas, há histórias que é preciso desenterrar e talvez haja documentos. No entanto, ainda é cedo. Vou esperar mais um pouco. Pode ser que os calores comecem a chegar e a nuvem se evapore.

Vão-me aparecendo imagens mais ou menos difusas, arremedos ou coisas esparsas, estranhezas que devem morar numa espécie de limbo. Coisa antiga, suspeito. Às vezes sinto essas aproximações como pequenos estereótipos, um silvo ou uma teimosia. As que mais resistem vêm quase sempre ensombradas, trazem acontecimentos pouco edificantes e eu pergunto-me

se em outro tempo de que me lembro mal, elas teriam realmente acontecido. Vivo assim numa espécie de processo arqueológico. Apercebo-me do lugar, delimito a zona e depois vou escavando, com todo o cuidado. Não acredito em mortos-vivos e até pode acontecer que venha a descobrir um caso alegre de gente despreocupada.

O mundo dos narradores é complexo e às vezes insondável. Há uns dias atrás andei de amores com uma sereia. Foi um caso breve, assunto de praia, mas eu sei que ela nunca poderá desaparecer completamente. Faz parte da minha história e por isso não me preocupo muito com ela. Há pouco mais de duas horas levantou-se uma grande ventania e é claro que fiquei a pensar nos seus longos cabelos, no nosso bar em ruínas, no penedo Fundão e na pequena colecção de conchas raras que só nós conhecemos.

Entretanto apareceu este cavalheiro abandonado num penedo, chego a pensar que é apenas um morto, coisa de outro tempo que ficou por resolver. Os fantasmas são assim. Só desaparecem depois de conhecida a história. Para já vou deixá-lo em paz, com a sua figura de vítima de Satanás, acorrentado a um penedo pelo peso de chaves, moedas e talvez acções terríveis, que agora lhe escapam dos olhos e dos ouvidos e se dissimulam no nevoeiro. Vou deixá-lo em paz durante algum tempo.

As dificuldades actuais não me permitem sair de casa e eu precisava de fazer algumas investigações. T'arrenego burro velho, corrente postiça, dente podre! Prefiro a sereia. Ela apenas canta e já me prometeu que um dia destes me vai ensinar a nadar. Gostava de a conhecer melhor e com sorte talvez pudéssemos arranjar o nosso bar em ruínas. Fazemos de conta que estamos no fundo do mar e ninguém se atreve a entrar.

Deixei de gostar de ver programas de política e de ouvir debates. Às vezes, um cheirinho, passo de raspão. Prefiro ler os textos do Luís Cunha no Facebook e de outros amigos sagazes e divertidos. Não nos vale de nada derramar infortúnios mais ou menos ensaiados pelas televisões. Há que ser forte e lúcido. Nada mudará com a contemporização, aquele espírito vienense do autocomprazimento da burguesia, de que falava Karl Kraus.

De vez em quando tenho comido madalenas e leio romances. E leio tudo, da primeira à última página. Às vezes leio de lápis e outras estou mortinho

por chegar ao fim, para saber como vai acabar. Agora estou a ler o encantador Joseph Roth e "A cripta dos Capuchinhos". Vai começar uma grande perturbação no Império Austro-Húngaro.

5

Eu tenho ainda uma casa que já não existe, uma casa de vento, digamos. Durante a infância e a adolescência foi um lugar mágico, um fio de histórias e passagens. A construção data provavelmente do fim do século XIX. Os bisavós maternos ergueram a obra e ela durou até eu e os meus irmãos sermos mais ou menos crescidos. Do lado da avó materna, a família tinha origem na Laje, uma pequena freguesia rural de Vila verde; do lado do avô materno, em Braga, mais ou menos disseminada pelo centro aburguesado e tradicionalista.

Tenho boas memórias da Laje, as viagens na camioneta da carreira, a amizade e o carinho das minhas primas, o campo que eu adorava, andar entretido entre plantas, devaneios e animais. Da família de Braga lembro com muito carinho a tia Margarida que viveu mais de cem anos e que era uma boa pessoa. Quando a minha mãe esteve muito doente, ela levava-lhe o almoço e fazia-o com vontade e com o coração nos olhos e nas mãos. Pouco mais posso dizer ou pouca coisa interessante haverá que valha a pena referir. Uma ou outra simpatia, umas formalidades de beija-mão e histórias de arrear.

Ouvi, desde pequeno, histórias terríveis e muito pouco edificantes para gente de tradição católica. Inveja, maldade, desonestidades, frieza, falsidade, tudo misturado com uma forte dose de estupidez e de cupidez também. A minha mãe e os meus tios ficaram órfãos. A minha mãe teria cinco anos quando o avô morreu e dezassete à morte da avó. Ficaram os seis filhos sozinhos na casa da Avenida, embora a tia mais velha se tenha "pisgado" rapidamente com um indivíduo de má memória que, entretanto, volteava como um vampiro em volta da pobre família. Não havia meios, dinheiro pouco, mas havia a minha mãe e a sua coragem para ser dona de casa com aquela idade e tomar conta dos irmãos. Havia a minha mãe e os bons amigos que tinha e que continua a ter.

Um dia se saberá os males que foram feitos àquelas crianças, um dia se poderá tentar compreender o incompreensível abandono a que foram sujeitos na condição de órfãos. Foi neste contexto de luto e de mímica, que os três irmãos da minha mãe se viram obrigados a emigrar para o Brasil. Cheios de energia e humor, deixando ficar quase tudo em Braga, sonhos, amigos, amores, partiram sozinhos e por lá ficaram. Durante muitos anos pairou em nossa casa essa sombra, um não-dito, coisa de maldades, que casava muito bem com o poderoso e bacoco meio político e social, feito de aparências e meios crimes, mais ou menos selados ou caucionados pelas autoridades.

Durante alguns anos, viveu connosco na Avenida a Tia Luísa, a mais nova. Foi uma luz na minha vida. De resto, uma boa parte da parentela é bem capaz de estar a arder no inferno. No da minha memória está de certeza. Um dia gostava de falar destas coisas um pouco mais a sério. A partida dos meus tios e o seu sofrimento, o comportamento vergonhoso de uma parte da cidade feita de negócios, traições, roubos e cumplicidades várias com a opressão sistémica que então se vivia.

Aos vinte anos, fui visitar os meus três tios ao Brasil. A alegria e a amizade com que me receberam, a emoção e o orgulho que sentiam em ter um sobrinho que vinha talvez suavizar as saudades durante alguns dias é coisa que eu nunca poderei esquecer.

Manhã intensa e quando fui almoçar tinha a sensação de ter trabalhado bastante. Ora bem! Se assim é, devo almoçar a preceito e terminar com um pouco de romeu e julieta. Agora, em vez do queijo batata temos um queijo galego, chamado *Tetilla*. Tem realmente a forma de uma teta e é meio cremoso, bom para a marmelada. Posto isto, há que fazer uma boa sesta. Caminha feita, dá vontade de pousar.

Livrinhos com fatura, embora não me apeteça afastar do romance de Joseph Roth. Foi uma simpatia quase imediata e que continua. O primeiro livro, creio que foi a "Lenda do Santo Bebedor", as fotografias, o conhecimento de uma vida de foragido, de habitante de pequeno hotel, de sem abrigo, mas sempre escrevendo coisas interessantes. "Na cripta dos Capuchinhos" cheguei a senti-lo cansado, mas depois, vindo do nada, como um vento do deserto, um assomo de escrita, um grito sobre o abismo, palavras inteiras e ao mesmo

tempo penso naquele homem magro e franzino, no seu coração de escritor e de herói pobre e apaixonado, morrendo talvez nesse enorme cansaço.

Deve ser também por isso que eu sinto ou prefiro sentir-me cansado. Um estado vindo de nada, uma espécie de atmosfera, como se a humidade que ontem se levantou com os calores tenha vindo baixar aos jardins e aos campos. Esta noite deve haver muitos bichinhos com asas a voejar junto do Parque infantil. Ah, deve ser por isso que os morcegos regressaram.

6

Capitão Vodka Para o Tiago Fernandes

Eu tinha uma t-shirt às riscas vermelhas e um dia um velho amigo chamou-me pirata e eu, como sou muito influenciável, fiquei a pensar seriamente nisso. Depois devo ter lido "A Ilha do Tesouro", mas foi principalmente com as "viagens de Gordon Pym de Nantucket" que a minha vida se fez àquelas mares profundos e indomáveis. Um dia naufraguei. É natural. Pirata que se preze tem que cair à água, andar perdido e depois, claro, salvar-se. Pirata salvo é tiro no alvo. Salvei-me por causa de uma garrafa. A tempestade fora daquelas enormes, medonhas e barulhentas. Trazia ventos descontraídos e eu andava feito artista a saltitar no cordame e malhei nas águas geladas daquele mar sem fim e um dia apareci assim. Trazia a t-shirt às riscas vermelhas e acho que não trazia mais nada. Minto! Tinha comigo, muito agarradinha entre os braços e o pescoço, aquela enorme garrafa de estranha bebida encontrada no fim do mundo da água fria. Rum não era, que esse conheço eu.

Numa altura em que o mar se acalmou, pouco antes de ser recolhido por uma estranha embarcação, consegui decifrar umas letras que diziam Vodka. Felizmente a garrafa tinha esse líquido esbranquiçado lá dentro e eu provei, claro, não tinha nada que fazer. Bebi e voltei a beber. Isto é bom, pá, e quanto mais bebia mais o reino de Neptuno se acalmava. Reparei também que o líquido nunca mais acabava e que sempre que entornava um golinho parecia-me que andava a nadar de barbatanas. Fui recolhido a bordo, numa

barcaça velha de mastro torto e vela rota. Logo reparei que aquilo me traria a sorte ou a morte.

Subi. Havia de tudo. Cochos, mirolhos, desdentados, marrecos, brutos e esfarrapados. Este é o meu povo, pensei então e ainda bem. A minha sorte foi a garrafa que nunca mais acabava. Mal consegui ficar de pé na amurada, a garrafa encheu. Eu dizia e repetia e gritava no meu Latim, vodka, vodka, vodka. A piratagem aproximou-se desconfiada, de faca na liga, escopetas apontadas, canhões às costas, mas eu apresentei-me. Eu sou o capitão Vodka e quem beber um golinho vai ao fundo e logo volta. Foi uma festa. Graças à milagrosa garrafa de vodka salvei a minha vida e, já agora, fui longe na vida. Aquilo que dali saía era mesmo magia. A gente bebia e o mundo era uma alegria. Além disso, a garrafa cantava, mas só de noite, depois de muito experimentada.

Chego-me ao escritório com o mundo a saber-me a natas. Poiso a chávena do café, boto-lhe um cheirinho, escrevo um nome na folha branca para não me esquecer. Adina... Prefiro Alina, também deve ser um bocadinho fenício e agora tenho que pensar na literatura russa, é cá por coisas, já está e o sol bate nos vidros.

Deve-se estar bem lá atrás, sob a groselheira, tomando conta do cheirinho, fumando contra a luz que bate nos vidros. O meu vasilhinho de segurelha está viçoso, os pés sagrados e entrelaçados prometem muito bom coelho estufado e agora parece que já posso começar a sair um pouco.

Levas a máscara, claro. Vou fazer assim, levo a máscara, se não vir ninguém ando com as bentas ao sol e se aparecer algum vulto a dobrar a esquina, algum súbito cidadão saído de uma repartição, ponho a máscara e com este meu ar de capitão Vodka ninguém se aproxima de mim. Valete frates!

Estou a olhar para o ecrã com cara de mosca morta. Andor! Quando é assim, obedeço e mais nada.

O mundo nunca mais vai ser como dantes. Claro que não, isto está sempre a andar, nunca é igual, mas parece. É bom falar, para um tipo como eu, que tem a sorte de estar em teletrabalho, ainda que isso lhe dê o dobro do trabalho. Realmente não tenho que ir para a fábrica, não tenho que ir para

a esquadra, não tenho que ir para o hospital. Tenho sorte. Eu penso que o Adolfo Luxúria Canibal explicou isso muito bem numa notícia de ontem.

Hoje dei a minha primeira voltinha. Não notei grande diferença nas árvores nem reparei que nos Montes do Sameiro estivesse a nascer um daqueles maravilhosos bosques da Polónia. Tenho tido sorte. Descobri o Capitão Vodka, quase por acaso, na velha praça de Cracóvia. Há um bar lá em cima naquele terraço, peço um calinhos, a menina traz-me a lista e eu escolho o mais barato. Ela ri com o seu sorriso totalmente polaco, contente por eu ter escolhido uma bebida da sua terra, daquela que foi engendrada nas químicas da batata. Eu lembro-me que ao chegar ao fim do calinhos bebi um golinho mais espesso, com aquela sensação de porto marítimo que recebe um barco em seus ancoradouros. Nasci de repente no fundo do calinhos e facilmente encontrei a minha vocação. Aliás, a história já ia a meio, como deve ser.

O Capitão Vodka há-de seguir aqueles rios da Europa Central até se aproximar da Suíça. Aí vai de Ski, todo vestido de branco e atravessará a doce França dirigindo-se à Bretanha. Foi descendo até chegar aqui. No outro dia naufragou, mas chegou a tempo de entrar neste nosso navio de piratas. Somos os Piratas de Bacalhau e o Capitão Vodka tem uma garrafa milagrosa. Bebe-se e nunca mais acaba, acompanha levemente o sorvedouro e vai subindo a maré, outras vezes borbulha e ao fim de muita emborcadura ela aparece. A praia, o nosso bar em ruínas, a sereia.

Olá, olá, já sei o teu nome. És Alina e eu gosto desse teu olhar fenício, os olhos muito castanhos e líquidos, os cabelos lisos apanhados por um lenço, o teu olhar esfíngico da maquilhagem e todo o teu doce apareceres nestes ares, perto do mar. Capitão Vodka, não é todo os dias que se pode ter a companhia de uma sereia chamada Alina. E o velho? Quem?! O diabo? Aquele que estava sentado no penedo, naqueles ermos sem jeito, deixa-o estar. Fica a pensar. Pode ser que descubra alguma coisa.

7

Ontem ao fim do almoço tive que parar. Não mudou o vento nem havia sinais do horizonte. Assuntos caseiros chamavam-me e eu fui lá para dentro,

reino da penumbra, aquele calor amansou, o circuito eléctrico ficou sereno, sobrevoando zonas baixas. Lá em cima ou lá fora, tanto faz, eu andava em risco de me perder.

A corrente da consciência estava insuportável, pior do que eu, era uma espécie de cheia repentina, como um rio do sul calmo e barrento e de repente a maré levanta-se. São tempestades diferentes, feitas de uma enorme insolência, terra, pedras, árvores, céu, descargas eléctricas e uma chuva de pólenes e sementes. Depois vem a calma e com a noite um pouco de Lua. Prefiro o quarto minguante, traz um pouco de baladas e o ondear triste das fogueiras. Os barcos regressam à sardinha e ao carapau.

Não sei bem onde estou. Estes ventos que nascem de um lugar desconhecido deixam-me perdido. É curioso. Tudo isto aconteceu ontem, estando eu meio à sombra, cheirando a espaços a segurelha e o poejo. Hoje vai calma a navegação. Está um calor alto e isso percebe-se nos pássaros. Cantam mais pousados, entre folhas, muito bem dispostos e compostos. Para já, dizem eles, ficamos em casa. Mais logo se verá. Estamos muito perto do mar. Isto está sempre a mudar.

Oiço o lamento de Dido

Não chores
uma rainha não chora
o seu império
canta os barcos
que chegam neste dia.
Eu não choro
as lágrimas caem
na cidade
a chama ardente
de todos os lados
do tempo
de todos os cantos
me vêm dizer
estes são barcos que passam
homens que vêm da terra

guerreiros e contadores de histórias.

Eles dizem
sobre o teu cadáver
hãode erguer as torres
sobre as tuas lágrimas
virão escrever
o livro das tradições.
Podia viver descansada
sozinha no deserto
rainha do tempo
e do calor
as horas à escuta
vigiando as passagens
e o rasto das areias.
Tenho olhos no coração
mas esqueço-me de mim
e é grande esta dor
que vem de longe
traz-me um destino
outras cidades.
O amor era tão silencioso
as cobras passavam
e eu brincava na areia.
Canta mais um pouco
meu fiel guerreiro
arde o silêncio
e o deserto
podíamos ouvir
uma história.

Não falo de tristeza, que muitas vezes é coisa leve ou passageira e outras é jeito, modo ou representação. Há ainda uma técnica da tristeza que pode ser apurada no exercício da concentração e da respiração. Vejo no entanto pessoas tristes, de uma tristeza funda e intraduzível, que espelha uma língua no rosto, o lugar onde essa tristeza pode fazer uso da escrita.

Essa tristeza de que falo e que posso observar nos olhos de alguns animais espalha-se no corpo, nas mãos, no modo de andar e de virar a cabeça, num modo também de a erguer aproveitando a aragem ou fingindo um poder, um leve pudor, talvez, por olhar as coisas como se elas existissem por um bem comum.

8

Está uma luz parda, parece uma onda a pairar, húmida e quase sossegada, descendo sem se ver. Tempo de sombras. É provável que durante a tarde se mostre algum raio de sol. Parece-me um tempo de mãos vazias.

Enquanto transcrevia mais uma passagem da "Poética", de Aristóteles, fui perdendo a última noite. Deve ser isso uma dor de cabeça. Pensamentos que ficam a doer por dentro, como se precisassem de dormir mais um pouco. Daqui a pouco regresso ao meu romance. Não pretendo ficar bem disposto. A história é terrível, há guerra e morte, mas enquanto avanço em direcção à frente, recolhendo o terror e a miséria do fim do império, sinto outra vez as mãos. Desta vez é o gelo e a fome, a coragem das palavras durante a batalha, entre a neve e a lama, os mortos na paisagem.

Durante a leitura de "A Cripta dos Capuchinhos", parei algum tempo na taberna de Jadowker. Infelizmente a guerra tinha roubado a alegria das noites de álcool e cantoria e o estertor sentia-se pousar nas mesas e da paisagem gelada soprava aquele império ao vento, feito de almas e povos, hossanas ao firmamento e ao destino. Desta vez o bar vivia de conversas baixas. Os cossacos afastavam-se cheios de guerra e eu, pobre leitor, fiquei por ali, meio perdido num canto, percebendo perfeitamente o que se ia seguir. É melhor acabar hoje a leitura.

A partir de amanhã tenho encontro marcado com os senhores Bouvard e Pécuchet. Tenho que me despachar. Dava-me jeito apanhá-los no princípio do romance, ainda frescos e sentados junto ao Canal Saint Martin. Preparo-me para uma bela viagem. De momento, assisto ao estertor do Império Austro-Húngaro. Que hei-de fazer? O que vale é que os meus novos amigos são pessoas divertidas e eu vou de certeza passar um fim de semana muito bem disposto.

Minha querida sereia, tive tanto medo de perder-te. Alina, Alina, minha pequena Grécia, meu rosto fenício, meu silêncio da tarde, olha, vamos andar mais um pouco. Até fico grego! Hoje dormimos no bar. O pessoal quer-lhe chamar "A Taberna do Galeão". Porque não? Eu gosto pouco de coisas fixas ou que tenham que ficar paradas por muito tempo, mas compreendo que não seria fácil levar a nossa taberna a navegar. A verdade é que ninguém sabe onde está. Só nós e aqueles chanfrados, azeiteiros, trampolineiros que não sabem de nada. Sabem do barco, porque as madeiras podres lhes vão caindo em cima e os ratos mordem os calcanhares. Foi uma sorte, minha sereia grega, linda dos mares e das praias lisas. Tive muito sorte em te encontrar e tu gostaste logo da vodkzinha. Se não fosse a garrafa... A verdade é que a garrafa é igual a qualquer outra. O restolhinho é que não.

No fundo fui inventado por acaso num adegas da Europa central, comecei num restolhinho, que escapou e sumiu como um génio e depois apareceu à luz do dia. Foi naquela Praça. Olha um cliente, diz ele e pronto, saltou para dentro do calinhos e eu vim por aí fora a navegar, encontrei aquela piratagem toda cheia de sede, consegui pô-los a dormir e quando desembarquei estavas tu a chegar, vinda de Norte. Ai, Alina, os teus cabelos apanhados, o vestido branco, o nosso bar em ruínas. Foi tão bom quando aprendi a nadar. Devo ser o único marinheiro a bordo que sabe esbracejar sem a vodka se molhar. Ela não se dá bem com misturas.

Alina, amanhã tenho que embarcar. Vai haver luta, vai haver guerra, sei lá o que vai haver. Tu ficas muito sossegadinha lá em baixo, do lado do restolhinho e ajudas-me só um bocadinho a dar de beber àqueles moínas. Sabes, eu no fundo gosto deles. Têm aquele aspecto badalhoco, mas se não fosse isso, que iam fazer da vida? Hoje à noite levam dose dupla e vais ver como ficam desinfectados. Custa-me muito levantar amarras, subir a âncora, mas depois vem a noite e tu ficas ao pé de mim. Eles cantam e ressonam, desmaiam ao relento, no meio das serapilheiras e nós ficamos a ver o Sete Estrelo e Orion, que bom.

No dia dedicado ao burro

Para mim os mais bonitos e simpáticos ou talvez os que conheço melhor são os da terra de Miranda. Há alguns anos, o actor Pedro Fabião fez uma extraordinária viagem a Trás-os-Montes acompanhado de um burro mirandês. Foi a maneira que encontrou para chamar a atenção para o perigo de extinção. Fez ainda, com dois actores e dois burros, um interessantíssimo espectáculo a que eu tive o prazer de assistir em Serralves.

9

Tenho na cozinha um belo ramo de hortelã. Folhas grandes, viçosas e muito aromáticas. Na hortelã tudo me parece verde. Por momentos, fica-me o sabor, um pouco de chá que eu podia ter tomado e uma boa sensação ao lembrar as minhas pesquisas de caçador de preciosidades botânicas. Naquela altura ia desenhando uma espécie de mapa e guardava os lugares, como segredos. Os campos secos do Algarve, onde era possível encontrar tomilhos de aspecto grego, com o seu pequeno caule lenhoso e do outro lado do mundo, no alto Trás-os-Montes, o sal puro, que era um tomilho também, mas resscendia um suavíssimo cheiro a cânfora.

Um dia, em passeio pela Tapada de Mafra, ia-me entretendo com os javalis e os corços que passeavam amavelmente por entre os turistas e olhava a espaços um bosque de altos pinheiros onde acasalavam as águias de asa redonda. Olhávamos o alto, como se houvesse um segredo nos ares e ficávamos em silêncio, sem palavras e pensamentos, como se as águias tudo pudessem ouvir neste mundo. Por acaso, desci o meu olhar para a terra e vi uns tufuzinhos de uma plantinha pequena, quase rasteira, que me chamou a atenção. Baixei-me, passei a mão levemente sobre as folhinhas e logo me apercebi que andava a caminhar entre os carvalhos cerquinhos sobre tapetes imensos de poejo. Trouxe um pouco comigo e durante anos o poejo cresceu no meu terraço.

Um dia passei uma temporada numa casinha junto à Caniçada, no Gerês. Descendo aqueles valados, junto aos pequenos muros e às leiras, encostados às pedras cresciam maravilhosos orégãos. Sempre que podia

apanhava também um pouco de carqueja, que costumo utilizar na cozinha. Antigamente apareciam em Braga os vendedores de carqueja, que se usava para acender as lareiras, para cozinhar, claro e para fazer chá.

Eu tinha nascido no país da salsa e do loureiro. Era o que se usava na cozinha. Vim a descobrir que o loureiro era relativamente perigoso e devia ser usado muito a modinho, evitando em particular as nervuras, mas a salsa era um milagre. Hoje, sempre que me lembro, como um pouco de salsa crua ou então envolvida em água com sal para desenfartar. É remédio santo. Alguns segundos depois ficamos a arrotar como os bebês e o estômago levanta-se leve e contente de haver operações químicas bem dispostas.

Fui fazendo outras descobertas com o tempo. A madressilva, que durante alguns dias transforma os silvados em sabonetes, a salva, o limonete, a imensa variedade de hortelãs. A verdade é que estes cuidados do observador ajudam a criar laços com as coisas. Fazemos mais parte do mundo, ficamos perto de um coração que não deixa de ser selvagem e venenoso, mas que nos leva com cuidado por caminhos encantados, como se descêssemos por entre a palidez da aparência à procura de um tesouro que sempre aparece, num sítio, naquele sítio.

Estava à tua espera! É claro que a voz é apenas coisa fantasmática, uma espécie de orgulho de botânico amador que se revela perante a aparição.

O Zé Coimbra fez-me chegar a imagem de uma folhinha já antiga, onde estavam escritos os nomes de todos os alunos da turma. Este era o nosso 7ºD do ano lectivo 1973/74 no Liceu Nacional Sá de Miranda, em Braga. Tenho ainda hoje um enorme orgulho por ter feito parte desta "quadrilha encantada". Se não fosse o Zé Coimbra, tinham-se perdido algumas memórias, nomeadamente as de papel. Quando as coisas estiverem mais negras e difíceis, venho até aqui, entro na aula e poderei rir-me um bocado, rever alguma matéria, mas também me arrisco a ter que me entreter outra vez a preparar revoluções sem saber que elas vão mesmo acontecer.

10

Acordei muito cedo e fui cambaleando em direcção ao pequeno-almoço. Desta vez resolvi não abrir as janelas. Apetecia-me continuar a noite e fui-me deitar. Continuei a dormir e a resmungar com o sonho que tinha interrompido. Volto a acordar e vejo o sol recortado no prédio em frente. Pedacos de luz em curiosas figuras geométricas. Está um ar fresco e lavado, mas eu ainda continuo a resmungar. Dá-me um certo jeito continuar assim mais um bocadinho. De momento, não abro a boca, não falo para fora de mim, mas tento acabar algumas tarefas pendentes do dia anterior. Tarefas? Não gosto da palavra.

Cá estou eu a resmungar, mas o mundo cá dentro vai naturalmente começar a clarear e daqui a pouco irei esboçar um primeiro sorriso e algumas palavras simpáticas. Como já despachei as coisas pendentes, posso começar a mudar de vida ou pelo menos a mudar o dia. Vou tomar um cafezinho e depois vou ficar optimista, talvez lavar os dentes e as mãos, talvez arrumar alguns objectos à solta ou talvez divertir-me um pouco com algumas curiosas figuras que me têm acompanhado nos últimos dias. Estou em reflexão. Daqui a um bocadinho apareço, fresco como uma alface ou como uma nabiça.

Vivi os anos 90 sob o signo da estranheza. Eu tinha feito um bom Liceu, digamos assim e conhecia razoavelmente a literatura portuguesa até Fernando Pessoa, mas logo me apercebi da minha sacrossanta ignorância em relação ao que depois se passara. Comecei a estudar. Tinha felizmente uma bússola afinada, que me indicava repetidamente o mesmo caminho. Alguns espaços aéreos, lugares de reunião difusos e às vezes esqueléticos de onde costumava regressar, como se todos os dias mudassem a minha vida na terra em espectro lunar.

As aulas e reuniões, os debates e conferências, a "ilustre praia lusitana" que visitava Paris a cada semana, fizeram-me curioso e desconfiado. Comecei a ler autores que não entendia ou que não cabiam na minha sacola imberbe de escolar carimbado pela escola realista. Guardei, no entanto, os meus tesouros. Eram suavidades e encantos que vinham de longe e que me traziam os cheiros da minha casa e da biblioteca. Eram ritmos e ondulações, lembranças das minhas aragens e marinagens no país do Norte, eram as aventuras e os

amigos, as profundas viagens às tabernas, o reconhecimento do corpo nas aventuras do teatro, mas depois havia este novo mundo.

Durante algum tempo afastei-me desse sol dourado onde as coisas ainda rimavam, onde parecia haver encantos e laços com a linguagem e com a natureza. Dediquei-me às sombras, embora levando comigo um casaco e um cachecol, porque aquele mundo era frio às vezes e sujeito a mudanças bruscas e eu não me podia constipar. Guardei, como disse, os meus tesouros e pus-me a navegar sem mar e sem distância e via paisagens presas por estacas e linguagens armadas de silêncio e aparências musicais, que por vezes me assaltavam com dentes de ferro, que pareciam candeeiros tristes e outras vezes se derramavam no caminho como penas de um colchão voador, que se perdia nos elementos e regressava misturado ou escondido. Apanhei grandes sustos, quando me podia aperceber das coisas ilegíveis, das dores e gritos submersos sob a aparência ou mostrados em catálogo, em discurso, expostos em assembleias vaidosas e inteligentes que se propunham escalar as virtudes do indizível. Não sei bem o que se passou.

Felizmente tenho um coração robusto que me permitiu viver de modo mais ou menos síncrono aquele novo mundo que era afinal o meu, embora um pouco mais acrescentado, talvez mais triste e desolado. Enfim, sobrevivi e muitos anos passaram. Continuei a estudar e ainda hoje me sinto muito ignorante e receoso. Que sei eu? Não, hoje não é dia para grandes especulações.

O Senhor Bouvard acaba de receber a sua generosa herança de filho natural, agrada-me bastante o projecto de passar algum tempo no campo. A companhia de Pécuchet é suficiente para manter vivo o diálogo. Conto, assim, passar um Domingo tranquilo, antes fosse "à l'ombre des jeunes filles en fleurs", mas faz-se o que se pode. Quanto a esse mundo de obscuridade e estranheza, sei bem que veio para ficar. De vez em quando, desço um pouco aos infernos. Procuro ser um cidadão deste tempo e a verdade é que isto não está para brincadeiras.

11

A História também é feita de períodos em que a humanidade correu sérios riscos por fome, guerra, doença ou graves perturbações ambientais. Estamos a começar a viver um desses períodos.

Para Ana Valle

Caía do céu
a luz de pérola
e a doce respiração
da neblina
leve ou mais leve ainda
se me sento a olhar
e também a ouvir
a leveza junto às rochas
e a areia a levantar.
Eram cabelos
um pouco de vento
e era esse vento
que me vinha recolher
nos pequenos nevoeiros
e então acordei
e depois fechei os olhos
na minha escuridão.
Era o fundo do mar
e uma gruta marinha
pois senti um grande silêncio
e a neblina invisível.
Ao longe a solidão
à minha volta a água
e no pequeno mar da infância
vi chegar o vento
e depois os desenhos na areia

e isso era um corpo de olhos líquidos
 e profundos como ébano
 e o sol brilhava
 quando as mãos tocavam
 água e céu e aves encantadas
 depois nasceu uma casa
 no sítio onde eu estava
 e uma porta se abriu.

Não me apetecia nada ir andar a cavalo. Olha eu largado pela rodovia, o cavalo quase a tropeçar na 31 de Janeiro e depois uma correria desabrida pela Avenida. IIIIEEH! Descavalgo e cá estou eu. De que valeu? No entanto, fico descansado, aqui ao meu lado, Bouvard e Pécuchet passeiam sossegos silvestres. Aproveito também para visitar as propriedades. Ah, como é bom quando os girassóis andam bem dispostos.

12

É normal, às vezes, gostar de fugir um bocadinho, desaparecer por algum tempo, fazer-se incógnito e até emigrar. Agora acabou. Não há fugas para ninguém. Acabou-se o novo mundo. Acabou-se o além. Está tudo preso até novas ordens.

Perdi o sono. E agora? Onde se foi ele meter, o meu fiel companheiro destes dias? Começo a procurar, vejo em todo o lado, até debaixo da cama, espreito no terraço, vejo uma vizinha a roncar na varanda, sinal de que encontrou o sono dela e venho sentar-me, infeliz e desperto. Era tão bom se eu estivesse agora a pestanejar levemente, a sentir o muito antigo e delicado peso das pálpebras, mas não. Só me apetece estar aqui e ali, levantar-me e sentar-me, desistir e reagir. Não, calmantes, não. Tenho que admitir que a minha excitação é a minha calma, a serenidade possível, uma breve e leve passagem das horas que me põe "piurso", o que significa pior do que um urso na gíria inesquecível do actor António Silva.

Estava tão nervoso, tão não sei como, mas agora estou melhor. Mas então como foi isso, compadre? Algum milagre? Diga lá. Fui buscar uma lasca de queijo, bubi-lhe um branquinho fresquinho, depois bubi-lhe outro que até comecei a ver o rio Este cheio daquelas raparigas bonitas de antigamente. Eram as Éstides, não eram? Eu só sei que ficou o povo todo ali a ver e eu regaladinho, fresquinho, calminho, estou quase a ir fazer uma sesta. Disseram-me também que para os lados da Ponte Pedrinha as meninas Éstides estavam assim um bocadinho desnudas. Isso eu não sei, que não vi.

13

Triângulo Turístico

Sempre que subia aos montes, tinha a impressão de levar algo comigo, mas essa coisa, não deixando de me pertencer, caminhava um pouco mais à frente. Era uma espécie de mão invisível ou de alento. Quando às vezes parava para me sentar numa pedra, um pouco mais acima os ares agitavam-se com pequenos sorrisos e eu pensava, são estas almas da montanha, muito leves e galhofeiras perante os nossos cansaços e ria-me um pouco, enquanto retomava o fôlego. Algumas leituras mandavam-me continuar a subir depois de tocar o talefe, mas eu sempre dei um desconto à literatura e aproveitava para andar um pouco às voltas, à procura de água e de vento.

Hoje saí de manhã, para levar o carro a passear. O único percurso decente que tenho à mão é o triângulo turístico e lá vou eu. Entro na rodovia e ao chegar ao primeiro redondo lembro-me da fabulosa acácia que ali viveu tantos anos. Deitaram-na abaixo e plantaram carvalhos americanos. Não me perguntem se foram os engenheiros da Câmara ou os das estradas, pois não sei. Era uma árvore espantosa, que ombreava com o hotel que agora se ergue com o nome Meliá. Passo ao lado da acácia desaparecida e ao olhar a parede lateral, virada a Sul, lembro-me de dois ou três choupos que foram extirpados aqui há uns meses. Não sei porquê, embora suspeite que a razão é profundamente sanitária e quase filosófica. No interior daquelas paredes, vêm pousar-se por volta do meio-dia, sobre a alvura das toalhas e o recente cheiro das lixívias os incandescentes croquetes. Que se saiba, os croquetes

nunca gostaram dos choupos, preferem a desolação das charnecas ou, pelo menos, a contiguidade entre mesas, janelas, paredes e um pouco de relva para retouçar simbólicas carnes picadas.

Bem, siga! Lá vou eu a subir o monte e confirmo o que já se sabia, prédios ao alto, menos árvores, deuses em fuga e todo aquele encanto, que bem podia ter tocado a Lord Byron, de calças na mão, recuando, recuando sempre em direcção ao Bom Jesus ou à boa Mãe do Sameiro que lhes há-de valer. Eu fiz a viagem, fiz, mas prefiro não continuar em forma de letra. É uma tristeza o que vi e uma desgraça o que prevejo. Está bem, está certo, aqui e ali houve algum despertar, acordaram sobreiros e carvalhos, mostram-se agora algumas bétulas, mas a multidão de eucaliptos que se aproxima faz-me lembrar aqueles exércitos tenebrosos do "Senhor dos Anéis". Confesso que tenho bastante receio e também sei que, apesar de glorioso, o Regimento de Cavalaria não nos poderá salvar.

Não me digam que o Senhor André Ventura é cristão!? Que tem Jesus a ver com tamanho crápula?

14

Agora que a coisa se põe feia é que o gajo se vai embora. *Faz côidado que em Bruxelas faz muito covide!* Pois, pois... A cousa feia ondeia, vareia e ainda lhe descalça a meia.

Está um tempo meio fanhoso ou até fungoso, para acentuar melhor o aspecto das aragens que invisíveis se imiscuem entre amígdalas e adenóides. Felizmente tenho andado à volta dos livros e agora detenho-me um pouco em Natália Correia. Já ouvi o José Mário Branco cantar as "Almas Jovens Censuradas", passei em imagens à porta do "Botequim" e lembro-me, lembro-me sempre daquele dia em que a ouvi trazer do fundo de si, da sua terra poética, a palavra "Mátria", saudando Camões a alta voz e bebendo com um enorme prazer atlântico uma bela taça de champagne.

Nestes tempos de confinamento, observo que o meu coração se alargou e em algumas passagens por onde as águas estreitam as margens, também aí aumentou. Vivo muito feliz com tamanhouço tesouro de sensibilidades. Ainda há pouco olhava com tristeza a rapariga que descia do carro das limpezas, com a sua viseira de tropa de assalto. Achei que era magrinha e que subia tristemente as escadas do prédio e fecho a janela. Sobra o ruído das obras, o meu contemporâneo coração conforma-se. Pior seria se em cada minuto no meu bairro passasse um avião. É melhor enganar-me um pouco na introdução. Começo em modo idílico e acabo como sou ou como estou. Não posso dizer-me triste, será antes uma sombra pesada e apegada à terra, um pesadume que não me deixa ver além do prédio da esquina e do acaso ou da sorte que pode chegar a qualquer momento com ordens inequívocas para o pessoal se rir, abrir goelas, agarrar-se às circunstâncias e não desfalecer por excesso de boa disposição ou pela iminência de um desabar controlado de apoplexias felizes.

Quase tudo me parece triste. A chuva que pára de cair, a pobre natureza um pouco mais sossegada, as duas lagartixas que vivem no meu terraço. Cheira-me a pobreza e a mal-estar, cheira-me a ninhos de cobras, onde se vão tecendo venenos, bombas e discórdias. São quatro da tarde e realmente a hora não é boa. Já fecho um pouco melhor os olhos, mas há muito ruído e muita dor a abandonar-se sem remédio.

22 de Maio

Dia do Autor Português

Tenho estado a escrever pequenas notas sobre autores portugueses. Escolhemos oito, são todos muito bons e outros oito seriam e outros mais. Não vou revelar os nomes. Posso no entanto dizer que são quatro mulheres e quatro homens, todos falecidos. Estou a escrever para quatro jovens actrizes, que estão impedidas de ensaiar em palco, como se faz no teatro. Resta o vídeo, o powerpoint, o documentário, a reunião de informação por diversos modos de expressão. Fernando Pessoa e Camões não farão parte da lista. Trata-se de autores nascidos pelos anos 20 e 30 do século passado. Quanto

a Fernando Pessoa, acho que devia ter o prémio Nobel. Aliás, vários. Um para cada um deles.

15

É apenas uma coisinha, algumas linhas para um trabalhinho das minhas alunas do Curso de Teatro. Por isso me levantei muito cedo e, de certo modo, animado. Para falar de Jorge de Sena é preciso alguma garra, ímpeto, olhar de sentinela e guerreiro. É uma honra, antes de mais. Para mim um dos grandes do século vinte literário. Grande pela obra que deixou, grande também no sofrimento, grande pela forma como não se deixou contaminar nesta sua "Peregrinatio ad loca infecta".

Olho os vidros partidos, são foscos e separam-me do vizinho. Lá para o fundo, uma clareira, algum alívio na depressão. Vejo talvez um morcegoito atrás dum gordo mosquito. Ainda está húmido. Esta manhã comecei a escrever antes das oito. Parecia um escritor a sério, mas senti-me um pouco adoecido, era uma pena junto de mim, enquanto escrevia sobre Jorge de Sena. Recebido na pátria para morrer, sem honra e sem glória. Como Camões, mas Sena ainda pôde regressar a Santa Bárbara com a fabulosa Senhora Mécia de Sena e só eles viram como ninguém o alcance da infecção.

16

Deve ser a imagem de um filme que me acompanha agora nestes últimos dias. Vejo a mulher descalça, caminhando sobre as pedras de um rio. A água muito branca, parece fria, a luz que atravessa a folhagem, água e luz e o caminho que continua sobre essas águas. Sinto que não posso olhar para cima, o céu parece já perdido, entre os ramos altos e um pouco de vento, os pés gelados, o vestido leve abaixo do joelho, o caminho do rio, as imagens que não têm fim. Não saberei se estou a pensar em Virginia Woolf.

Naquele tempo a sala de professores era uma contínua reunião de amadores e especialistas, de curiosos e pretensiosos, mas discutia-se e falava-se de literatura. Alguém trazia a memória recente de um conto de Manuel da Fonseca, outrém lembrava escritores esquecidos, alguns mais velhos traziam a alma cheia de leituras românticas, saudades das "Viagens" e do "Pároco da Aldeia", lembranças da "Morgadinha dos Canaviais" e às vezes a sala dividia-se entre camilianos e queirosianos e já todos suspiravam pelo próximo intervalo. Era também a época de Pessoa, essa reunião de almas poéticas que não cessava de nos levar às margens dos rios da nossa aldeia, mas também nos fazia navegar entre "solidões lacustres", sob o auspício das "velas pandas"; eram também as coisas certas, pensadas, profundas, no clássico discernimento de um médico exilado no Brasil, eram os portos agitados, as viagens ao fim do mundo e um momento tranquilo e sossegado, talvez no Príncipe Real, junto ao Esteves da Tabacaria.

Naquele tempo chegavam os romances de Saramago e algumas fábulas geniais, como a nossa empedernida Península navegando à solta por um mar sem esperança de império e de colónias. Era o "Pensar" de Vergílio Ferreira e esse estranho anjo que sobrevoara Lisboa no romance de José Cardoso Pires. A sala de professores estava cheia de literatura e daí nasciam amizades e simpatias e combinavam-se almoços e liam-se passagens e podia acontecer o caso de alguém trazer livros mais antigos, para ouvirmos verdades latinas ou gregas.

A sala de professores era um templo de encanto e de leituras. Depois vieram os sumários electrónicos e nasceu a terra de ninguém, sítios ermos, com cadeiras vazias, alguns papéis mais ou menos abandonados e as almofadas quietas, encostadas, como se aconchegassem a ausência.

Os grandes livros acontecem, mas já eram em potência aquilo que a experiência realizou. Chegou o leitor e sentiu-se incomodado ou, para usar uma linguagem mais apropriada, incompleto. Algo lhe diz, uma voz talvez, um passo de luz e um tremor, uma agitação nas folhas, mas algo lhe diz para voltar. A figura do génio fica a pairar por instantes e uma pequena gargalhada com sonoridades vingativas leva o velhaco a atravessar outros lugares ou outros agentes. Quando acabei de ler "A Peste", de Camus, guardei essa

impressão ou esse aviso. Hás-de cá voltar. A peste, segundo o narrador, dura invariavelmente 5 meses e depois adormece, fica à espera.

Quanto aos intervalos e aos prazos nada pode ser dito. Hoje, amanhã, depois. No futuro, é melhor que a leitura seja anterior à peste, a janela iluminada na pequena torre do Château Yquem, nos sombrios salões de Duíno ou numa caverna suspensa no deserto, sob a luz afundada da loucura e a fome dos anacoretas.

17

Para o Miguel

Para a Luisinha, o Jorge e o Nuno

Olá, meu menino, eu sei que estás em sossego, muitos cuidam de ti e os amigos falam e lembram-se e perguntam e muitos se reúnem desejando o teu bem. Que recuperes depressa e possas regressar com a tua alegria e o teu ímpeto de jovem criador, de improvisador exímio. Eu acho-te um bocadinho poeta, sabes, pelo forma como falas, pela alegria da linguagem inventada, pela vontade de viver. Tens muitos amigos, Miguel, muitos pensam em ti e atiram aos ares pensamentos e orações, enfim, sabes como é, cada um faz o que pode e lhe vai na alma. Temos que ter paciência, meu querido, tempo e mais tempo e o corpo vai-se habituando, os deuses e os pensamentos velam a tua sorte e qualquer dia, apesar destes calores, os raios do sol hão-de trazer a sombra apetecida e tu vais acordar. Então uma porta se abre e mil abraços e desejos continuarão a tua vida.

Eu não sou pessoa para medidas e não gosto de meias palavras. Prefiro o silêncio e a memória e olho para ti como se estivesses agora ao colo dos avós, uma criança que vem renovar a esperança e a alegria. Acompanho o teu silêncio, dói-me o que o destino prepara às vezes aos mais justos, mas a vida vai continuar e tu virás outra vez pelo teu pé, contando histórias com a intensidade única do teu sentido de humor e dessa tua alegria que dá sentido aos caminhos e às viagens que nos fazem sonhar e nos devolvem a alegria. Querido Miguel, olha o mar da Póvoa que é tão grande e forte e tão belo e parecido contigo na sua bravura, também ele a esperança das ondas que

vão e regressam e também tu essa energia e esse sal das águas sagradas, essa esperança que se estende pela areia.

18

Não gosto de me pronunciar sobre assuntos que mal conheço, mas gosto de os estudar ou de me aproximar um pouco da órbita, para ver melhor onde ponho os pés e tentar também compreender os andamentos e modos de vida. Entretanto, algumas das imagens que vejo hoje de manhã fazem-me pensar numa espécie de guerra química mais ou menos encenada. A escola sempre nos deu indicações preciosas acerca do estado do mundo. Mais do que balão de ensaio, um filtro e também um laboratório.

Ia a caminho de 43 anos de ensino, quando a minha carreira foi interrompida pelos tristes acontecimentos que todos conhecemos com o nome de Covid 19. Regressarei um dia destes, para acompanhar os meus alunos na realização da sua Prova de Aptidão Profissional. Depois não sei. A escola, tal como a conheci em tempos heróicos, foi gravemente posta em causa a partir da governação de uma personagem a quem todos chamaram Lulu. Desde então não houve mais paz e a alegria foi esmorecendo, confinada e inexpressiva em alguns nichos, recantos ou objectos de saudade. Eu sempre gostei muito de dar aulas. Sentia no exercício e na repetição a esperança de uma aventura, o calor de energias benfazejas, a dádiva da comunicação, a necessidade do imprevisto, a esperança como factor endémico, ao mesmo tempo ânimo e desafio, coragem e harmonia.

No próximo futuro não sei o que sentirei. Às vezes penso que será melhor assim. Ir terminando a carreira na obscuridade, deixando correr a amargura por um dos olhos e a lucidez pelo outro. Habituei-me a lutar contra o medo e na minha pobre e desolada infância, nessa desolação que foi de muitos de nós, combatemos o Lobo Mau, enfrentamos a força bruta e vencemos. Agora o mal tem outro guarda-roupa e outros adereços, tornou-se especialista em geometria e produtos de limpeza. Confesso que não tenho paciência. Sei lá para onde vou! Os heróis dos livros de quadrinhos afinal não existem. Era tudo mentira.

Às vezes guardo certas imagens e elas vão ficando, como se fossem terra e eu um aglomerado ou um sistema estratificado de coisas com tempo. É natural que, em tempo de chuva e com algum frio, venha ele de onde vier, essas imagens nos façam pensar num palácio de gelo e menos num jardim de inverno. Vejo com toda a clareza a calçada húmida e luminosa da grande Praça de São Pedro e a imagem do papa Francisco sozinho naquela imensidão de pedra, sozinho nos olhares que de todo os cantos do mundo o espiavam, como se ele fosse uma aparição ou um fantasma descido dos Evangelhos, com notícias urgentes trazidas da encosta ensanguentada de Gólgota. Só vi um bocadinho, o suficiente para guardar a imagem e o *punctum* que se espalhava. Guardo a solidão e ao mesmo tempo o diálogo, coisa só comigo e o resto não me interessa.

Passados uns tempos, há poucos dias, aliás, vejo o recreio de uma creche francesa igualmente desolado, onde quatro crianças se sentam em quadrados separados desenhados na cerca. Creio que uma delas se inclina para o chão e em plena liberdade brincam na sua jaula, separadas, obedecendo a uma voz de comando que as manda brincar assim. Guardei a imagem e o insulto que apareceu naquele dia em todo o lado, nos jornais, na televisão, nas redes sociais. Esta será talvez a imagem do terror ou o espelho da vergonha em que nos vamos olhando.

No meu discurso de tomada de posse como Ministro da Educação, só tenho uma coisa a dizer: Minhas Senhoras e meus Senhores, leiam, por favor, "El Ingenioso Hidalgo Don Quijote De La Mancha", de Miguel de Cervantes Saavedra. Posto isto, demito-me, pois tenho muitos outros livros para ler.

19

Está um dia lindo, leve, limpo, a Alexandra faz anos, só mandou vir um bocadinho porque eu não lhe dei os parabéns à meia-noite, mas dei-lhos há pouquinho muito fresquinhos, temos um bolinho de amêndoa a olhar para ela enternecido, foi a Ana Luísa que fez e eu vou fazer uma omeleta recheada, como se estivéssemos no Oriente.

Hoje mandei-me dar uma volta. Não sei onde fui nem sei onde estou. Com este ventinho tão cálido, tão leve e nervoso, tão de pássaro... Vá lá, não te afastes muito. Preciso de ti aqui, enquanto estás a voar. Voa, voa, mas não saias da minha beira. Deve ser isto a lei da atracção dos corpos, a iminência da gravidade. Agradeço, no entanto, que a natureza não me faça cair nenhum meteorito em cima do couro cabeludo. Está tudo tão primaveril, tão leve e sossegado. Por hoje, peço um intervalo nas revoluções.

20

Fomos dar uma voltinha pela tarde. Ouvi falar mais espanhol do que português. Devem ser jovens estudantes e falam alto, parece que cantam. Também ouvi Português, claro, mas muitos falavam de máscara. Vi prédios em obras, lojas que fecharam e outras que começaram. Perto do Mercado abriu uma mercearia mirandesa, onde se pode beber vinho. A Praça do Município continua linda. Depois fui espreitar as árvores do Passadiço. O Tulipeiro da Virgínia está viçoso e poderoso, parece os Apalaches, mas a Gingko Biloba levou umas foiçadas nos belos ramos que desciam como leques sobre a esplanada das Frigideiras. A meio do caminho badalou um dos sinos da Sé. Não sei se aconteceu alguma coisa. Vejo o "Quadrado Negro", o de Malevich e um ruído estrondoso, mas talvez não seja nada. Lembro-me de Walter Benjamin e antes do regresso atravessámos a Rua de Janes.

Naquela fase em que o dormir volve e revolve e o cidadão é ainda uma mistura de existência e cobertores, toca a campanha. Levanto-me de um salto. Só pode ser o correio. E era e eu lá fui à porta com ar de fantasma. Ficou-me a voz da menina, doce e um nadinha estridente. Vejo-a sorrir e falar-me com condescendência rindo para os meus olhinhos de sono. Fico muito bem disposto com o diminutivo e tomo o primeiro café. O sabor acompanha-me, enquanto me deito um pouco a ler. Acabou-se a depressão. Quando os anjos me batem à porta de manhã cedo, fico estranhamente bem disposto. Apetecem-me mil e uma coisas. Tomar banho, arranjar-me, sair um pouco e passear sem nada para fazer.

Pode acontecer a um cidadão descuidado sentar-se no cadeirão vermelho e pôr-se a olhar para o lugar de onde vêm imagens e voz. Eu estava cansado ou descansando o jantar e assisti com ar provavelmente desconfiado e aparvalhado àquele correr de presunções e dislates, que escorriam como água fétida do comentador José Miguel Júdice. Pronto! Deixa lá ouvir um bocado. Ele era um tu cá tu lá com o Presidente e com o Primeiro Ministro, no meio de algumas orações clandestinas a Cerejeira e algum genuflexório a Salazar. Depois lembrei-me que ele fora das tropas de choque dos fascistas que vieram afrontar as revoltas de Coimbra a coberto da GNR e dos canhões do regime. Que tipo horrível!

Tenho a sincera convicção democrática de que há certas e reiteradas injustiças deste mundo que só se resolvem à chapada. As injustiças, abusos e discrepâncias são demasiado flagrantes. Não é tolerável sermos obrigados a aceitar com uma espécie de humildade de povo perseguido a atribuição de prémios gigantescos a indivíduos muitas vezes suspeitos, não é possível aceitar o enriquecimento abusivo de uns poucos à custa da desgraça e da pobreza disfarçada de uma grande maioria. Depois queixem-se os reacionários de todo o mundo! Queixem-se quando as Praças arderem e o fogacho aquecer o cu das calças de cetim e "arrastarem farrapos as rainhas".

Nunca tive simpatia pelas visões deterministas, ráticas ou geográficas, que tendem a avaliar a qualidade das obras, como se elas fossem o doce fruto desses lugares amenos, onde comunidades humanas, terra, clima e natureza se dariam as mãos para fazer crescer ouro, prata e pedras preciosas. Quantos artistas geniais nasceram e cresceram à vista dos escombros, quantos viveram em fuga, quantos recolheram as migalhas da infância e lhes acrescentaram a memória e o dom do seu trabalho divino. Por todo o lado, nas margens dos lagos, passeando em avenidas célebres com vista para os mais famosos rios do mundo ou "junto de um seco fero e estéril monte" nasceram homens e mulheres que trouxeram as vozes do mundo e os seus ventos, dando-lhes a alma e a carne da música posta em verso, em prosa, em canto ou romance. Gostava um dia de viajar ao longo dos rios da Europa, parando em alguns lugares para visitar o que resta de grandes acontecimentos, a memória dos livros, algumas casas e janelas, pobres aldeias penduradas nas margens,

idades luminosas, castelos, fontes, mas também gostava de viajar por mares difíceis para desembarcar em ilhas quase desconhecidas, ainda que lembradas na grande literatura.

Nos últimos anos, pude atravessar o Danúbio no livro de Claudio Magris e fui descobrindo dia após dia autores que me eram quase desconhecidos. Fiquei também a pensar que além Reno soprava uma aragem, uma espécie de magia que nos trazia uma literatura imensa. Gosto desses ares e desses ventos, embora me atormente o frio que vem de longe e a chuva eslava que às vezes sinto desassossegar-me durante as leituras. De momento, vivo junto ao Danúbio, no romance de Magda Szabó, "Rua Katalin". Há dias terminei "A Cripta dos Capuchinhos", de Joseph Roth. Perto do fim do romance, podemos ler uma das mais belas páginas de sempre sobre o que foi o terror desse mundo em chamas que desapareceu no estertor do Império Austro-Húngaro. Fico muito desassossegado, quando leio páginas assim, mas depois penso que a literatura é coisa viva e cá me vou arranjando como posso.

Fiquei realmente espantado com a orçamentação dos apoios à imprensa e aos artistas. A imprensa tem milhões e os artistas tostões. As grandes empresas dos Média abicham o saco cheio e os pelintras ficam divididos em classes: a dos que recebem qualquer coisa mais ou menos, a dos que nem por isso e a dos que não existem.

21

Está um belo dia para não estar aqui. Preferia andar a cavalo, algures na Mongólia e depois vir sentar-me na tenda dos anciãos bebendo um pouco de chá e ouvindo alguma história que viesse aproximar a noite. Então sairia um pouco cá fora, as estrelas seriam já o sono a começar e amanhã estaria de regresso, recuperado dos olhos e das costas. É pena a Mongólia ficar tão longe. É claro que posso ir até aos campos da Rodovia espreitar o rio Este, a ver se vai limpo ou se transporta nas poucas águas algum cardume de peixes cagotos empurrados por fétida descarga. Está decidido. Não vou a um lado nem a outro.

Chego ao meio-dia e a vida sorri. Vejo-a em tons de dourado, com um pouco de gás, o suficiente para me pôr a pensar na sorte dos cometas que passam tão longe da gente. Começo a achar graça a tudo e até fui rever as carantonhas dos sete anões. Se fosse mais novo, seguiria por outros caminhos e talvez pudesse descer junto àquele grande carvalho para encontrar os jogos e brincadeiras nos reinos de Alice. Acredito piamente no país das maravilhas, sobretudo se der agora mais um golinho e regressar da cozinha com o copo cheio. Dois copitos é a minha conta para celebrar o zénite. Ó meio-dia da minha vida!, e pronto bebo o golinho que faltava e agora vou então lá dentro carregar o copinho e de "tudo quanto vir e ouvir" não poderei fazer crónica, mas sempre posso adiantar alguma coisa.

Não é que me dispunha a mastigar uma pequena fatia do bolinho de amêndoa, mas passou atravessando a rua, atroando os ares um velocíssimo automóvel e eu distraí-me do bolo e fiquei só a pensar no pobre copito vazio, sozinho, sem nada. Não pode ser! Enchi-o e o vinho regressou dourado. Sei tratar-se de uma mistura de castas e por isso lhe chamam tuttifruti. Distingo perfeitamente o ananás e talvez um resquício de manga, citrinos, sem dúvida e um pouco de noz moscada. Bebo mais um golinho à procura da pera rocha e das maçãs da porta da loja, mas devem estar muito para o fundo. O vinho tem os seus subterrâneos. Ora deixa lá ver. Agora soube-me a ameixa branca. Não sei onde isto vai dar, mas também é verdade que há segredos que não se podem revelar.

Existe a condição do artista, o triste fado que os acompanha e tresandam os lorpas e imbecis que se atrevem a maldizer e a desconsiderar.

22

Há alguma semelhança entre o que se ouve no bater de asas de uma pomba a meia altura e o sacudir tenso de um pano do pó numa janela do sexto ou do sétimo andar. O Largo tem uma acústica seca e percebe-se o desfilar do trânsito como uma coisa exterior, embora ruidosa. Vou-me assim entretendo com os sons, num sistema de círculos que vai estreitando. A certa altura os

sons batem à porta e sinto que pode haver uma grande agitação. Entro no escritório. O sossego dos livros...

Neste mundo, os sons acontecem noutra dimensão. Vejo um pouco de tudo à minha volta. Livros, mochos, pedras, quadros e alguns objectos que se tornaram sagrados, a rosa do deserto, o cajado dos Milagres, o chapéu do meu pai. No Domingo passado entrou um melro no escritório. Tentámos que ele saísse pela porta do terraço. Levantámos cortinas, tentámos guiá-lo para a luz, mas o bichinho ficava muito perturbado. Voava junto ao tecto ferindo as asas e pousava nos livros mais altos. Parecia que não queria sair ou que a nossa presença o fazia prisioneiro de asa perdida.

Resolvemos deixá-lo pela hora do almoço. Suponho que a avezinha se sentiu em paz, recuperou a visão, viu lá fora um pouco de terra no jardim e os altos ares além dos prédios. Saiu e não foi preciso dizer-lhe nada. Deve ter olhado para nós como se fôssemos os carcereiros da gaiola, depois ficou sozinha no meio dos livros, o paraíso de que se fala e voou.

Ainda me lembro, acho que ia a subir a 31 de Janeiro, que na altura se chamava Salazar, de discutir com amigos do revirinho acerca da insidiosa e misteriosa metáfora das "vacas magras" introduzida por Marcelo Caetano no espaço público. Até hoje, pelos vistos, as vacas não engordaram muito e agora parece que vão voltar. Serão vacas sagradas, como na Índia ou então serão aparições, ameaças e punições, destinadas a fazer crescer água na boca aos futuros esfomeados do regime. Restam-nos os ossinhos de assuá, bem bons se forem temperados a preceito. Não há sossego.

Tivemos estes últimos anos menos injustos, mas é de prever que o inferno nos faça comer as côdeas dos pés. Não são os senhores da finança que vão mudar o mundo e não serão os instalados no cadeirão dos compromissos que virão arregaçar as mangas para servir a sopa dos pobres. Até pode ser que venham a arrotar os assados e o gás carbónico dos espumantes e o pobre povo lá vai andando, esmorecendo, ruminando a má sorte, a condição trágica, o triste fado de uma pátria inculta que prefere continuar a ignorar Camões e a sua sorte, vangloriando-se em ridículos encómios, sob o tenebroso auspício dos "vampiros".

Foi como se houvesse uma linha de instantes e um contínuo. Uma leveza. Fiz uma pequena fuga ao terraço para descansar a aula em zoom. Olha as duas formiguinhas a sirigaitar! Meu querido São Francisco, já vejo do outro lado o som das crianças a brincar numa pequena piscina azul, um barquinho no terraço. Aconteceu então essa coisa, ou será isso uma reminiscência?!, e fui dali para mais longe, sei que era no campo e havia raparigas e flores, vozes alegres, a hora do lanche e as malgas de marmelada. Pensei em romances, sinceramente pensei em romances, mas isso divertiu-me bastante. Nesse aspecto, os trágicos sempre entenderam muito bem a alegria e não me venham dizer que Kafka é triste.

23

Ontem lemos o 1º acto d' "O Soldado Fanfarrão", de Plauto. Foi a primeira vez que gostei do texto. Porque o li. A situação obrigava-me a transcrever o texto no computador para os meus alunos o poderem ler. Enquanto ia dando ao dedo, maravilhei-me. Com quase tudo. Os nomes, as situações, mas foi sobretudo porque me senti vivo e esse sopro, essa coisa vívida transmitia-se, como se viesse pelos textos abaixo, navegando desde Éfeso até estas paragens longínguas, onde o único teatro conhecido eram algumas brincadeiras de crianças atravessando a correr o largo do Castro Maior. Depois imaginei um pouco a representação.

Naquela altura, Éfeso não teria ainda o grande teatro, por isso os actores trabalhavam sobre um estrado de madeira, vendo-se e desejando-se com a multidão de energúmenos que mascavam figos secos ou repetiam passagens e gritavam comentários. É de admitir que outros se divertissem a achincalhar os actores e a atirar frutas apodrecidas. Não era fácil ser actor naquele tempo. Sempre era melhor do que cair na cerca dos leões, mas aquele público de arruaceiros, lambendo os beiços adocicados pelo hidromel.

Às vezes, era preciso fugir no fim do espectáculo. Estes Romanos sempre foram loucos, não há dúvida. Depois começaram a construir teatros em pedra, seguindo o desenho grego e as atmosferas tornaram-se silenciosas e sagradas, decentes, por assim dizer, mas este bulício de rua, esta feira de insultos e má criação, há-de ter dado origem a escolas de actores muito

experientes e consistentes na arte de representar e de andar à batatada. Não duvido, portanto, que alguns espectáculos terminassem em vias de facto e que outros se salvassem graças aos prodígios do improviso. Seja como for, a peça é muito boa. Amanhã irei transcrever pacientemente o segundo acto. Os excessos, as situações repetitivas ou entarameladas... Ó! É a vida.

Heia! Vamos à rua. A minha filha, quando era pequenina também era assim... "Ua, ua, casa não!" Que bom vai ser. Passear na Avenida, espreitar as tílias e sobressaltar-me um tanto teatralmente com os sinos dos Congregados e depois ficar especado na montra da *Queijaria* e espreitar algum pedaço cremoso de Queijo da Serra. Levo máscara, levo. Se for preciso, ponho-a logo. Embaciam-se-me os óculos, parece tempo incerto, nevoeiro, mas sou eu que não tenho tento na armadura.

Olha! Vou-me sentar naquela esplanada a imaginar o Castelo de Braga a erguer as seteiras e depois talvez possa ir buscar uns reбуçadinhos peitorais ao Convento dos Remédios. Apetecia-me tanto ir comprar um livro à Centésima Página!

De visita ao "Centro Cultural Favorita" para apreciar um antiquíssimo e muito bem conservado bolinho de bacalhau. Saí regalado.

Estava uma bela manhã de Sábado, com as aragens frescas do nosso mar amaciadas nas pencas e tronchudas do litoral. Quando a coisa se levanta de Espanha, com aqueles calores, aquele mormaço, alto lá e pára o baile. Deflagram trovoadas, irrompem incêndios e também se passeiam nas noites ermas as latas e os plásticos acompanhados de cães vadios, um ou outro uivo e algum esgar de gato assanhado a uma soleira ou a um silvado.

Hoje era a *Pax Romana*. O povo deixava-se embalar de um lado para o outro, uns de máscara, outros a descoberto. Depois da Livraria, sentei-me alguns minutos no *Vianna*. Bebi um golinho de água das pedras com limão. As pedras continuam impecáveis e o limão era dos bons, podia ser de cá ou de lá, mas dava-se ao respeito. Mal reparei na Fonte da Avenida, coitada! Começo agora a pensar que me esqueci de muita coisa. Vá lá, ainda passámos na Doçaria de São Vicente para trazer um cartuchinho de "Paciências". Que seria do mundo sem paciência?!

Morreu Maria Velho da Costa. Leio o que os amigos começaram a escrever ontem à noite. Passo a manhã em visita. Revejo alguns livros, passagens... Fico em silêncio e este ergue-se sobre a casa e o coração. É isso que eu desejo, sombra e silêncio. Antes de sair para ir à padaria, leio as primeiras linhas de "Maina Mendes". Não procuro ideias, não procuro nada. Uma grande lentidão, um peso não sei de quê e algumas horas durante o crepitar da tarde, um fogo que anda lá fora.

Há pouco na Rua Beato Miguel de Carvalho... Muito silêncio e a esplanada do Chave D'Ouro aberta, com ar vagaroso e arranjado. Anda uma borboleta sobre a calçada, parece branca e raiada de amarelo. Esvoaça junto a um cartaz de apologia aos professores. É pena a máscara que cobre o elogio de mordança, embora o discurso e a imagem se completem. Antes de me vir embora olho para um velho carvalho que ainda se mantém de pé no passeio da escola, quem segue para Leste. Deve ser uma árvore centenária e o tronco robusto e musgoso ergue uma estranha luz. Quase a deceparam, de resto. Fico triste, porque não a posso salvar e também sei que nos próximos tempos sempre que passar ali vou pensar na morte, aquilo que se vai insinuando, como um veneno, uma coisa que se prepara de antemão. Ah, sim, os que "por insídias, por venenos..."

Há certos percursos da minha vida que fizeram de mim um solitário. Não foi muito fácil, mas eu era o solitário depois do convívio e isso talvez me tenha ajudado a povoar de amigos e linguagem o meu gosto pela contemplação. Só mais tarde a meditação, quando as paisagens que me animavam me foram arrancadas da vista e do coração. Quando saía do Liceu, dava por mim sozinho a dobrar a esquina do Astória e a atravessar a Rua dos Capelistas até me alongar no Campo da Vinha que, na altura, era profundo e largo e me levava à zona do Mercado. Ainda espreitava cá de cima, no ângulo da Rua do Ferraz, a ver o papagaio que se alcandorava com ares de Santo António, acorrentado numa exígua prateleira no alto da taberna. Seguia em frente e já começava a olhar o vale do Cávado. Esse lugar ainda existe, provavelmente com o mesmo cimento, as grades e as escadas que desciam para os campos.

Gostava de ficar ali um bocadinho, fixando a lonjura, os montes para os lados de Vila Verde e da Barca, os campos de São Martinho e de Merelim, a variação das cores, a azáfama quase suave e familiar do recolher nas quintas e depois regressava com o fim da tarde. O Astória ficava subitamente triste com o aproximar da hora do jantar, a igreja da Lapa escurecia com o seu ar apertado e circunspecto e o turismo a dar horas certas, os taxistas em pequenas manobras, os pardais descendo o tom, acalmando, sossegando, já fechavam os mictórios, a cidade vazia, os pedintes recolhendo pobreza e mazelas.

Oiço cantar no Jardim. É uma canção cigana. Conheço esta voz. É o Canela. Chegaram os primeiros calores de Maio, só pode ser o Canela. Uma vez levei-o a minha casa, já tarde, passava das duas, para lhe dar uns sapatos. Ele era completamente passado dos carretos e não sabia falar baixo. Entrou em casa, olhou-me com uma luz que eu nunca tinha visto, pegou nos sapatos, ouviu calmamente o silêncio dos que dormiam e saímos. Na rua, já dobrada a esquina do Couteiro, voltou a cantar e a dançar junto à ponte do rio Este. Na despedida, ouvi-o dizer "ó, mano, porta-te bem" e enquanto se afastava, cantava ainda mais alto e ouviam-se as ruas e as paredes. O Canela costuma chegar com o Verão. É um pássaro nocturno. Parece um homem sem idade, que faz parte da cidade. Ó, meu primo! e nós também dizemos, meu primo!, as entoações variam e os sentidos, ei, mano, meu primo, o Canela canta, é o meu primo.

25

Há uma certa loucura mansa, quase frívola, imagino-a de vestido de chita, sapato leve de atacadores e cabelo ruivo com totós. Ponho o caso no feminino, por respeito à condição do fenómeno, também ele filho da noite e do astro mutante e fugitivo. Essa pequena loucura mistura-se com alegria e acaba por esmorecer à sombra de suas pequenas vaidades, como um balão. Há, no entanto, uma outra loucura, também ela fresca, embora mais sedutora. Mostra-se de olhar profundo e penetrante, capaz de agarrar a presa a grande distância, como a cobra cuspideira. Costumam ser belas e irresistíveis as loucas varridas, porque as anima um sopro genial na construção de argumentos, normalmente dissimulados na energia, na sintaxe e no veneno.

Shakespeare fala delas num soneto. Não as considero filhas de Hécate, mas apenas casos geniais, fragrâncias de Rimbaud à solta, pequenas flores que inebriam com os seus venenos desconcertantes. Normalmente a burguesia treme com a sua violência anti-conformista, os homens sentem-se apalpados no seu pedestal de coisa rude e ancestral, senhores do tempo e arredores, pensam eles, mas elas aparecem, cabelos ao vento e são bem capazes de dar um pontapé nos tomates ao comendador e ferrar o dente nos que amam o suposto génio dos seus versos de sofá e de salão, mas desprezam o desgraçado que lhes pede um cigarro.

Gosto dessa gente. Desconcertante, azeda, disposta a não poupar ninguém e ao mesmo tempo suave e frágil como um gato ou um pássaro. Não pretendo falar do mal na literatura, estava só com um pouco de sede, o sol a bater nas vidraças, sinto-o a arder lá fora, apesar das janelas fechadas e as goelas finalmente refrescadas.

Há alturas em que é realmente necessário dormir sobre o assunto. Falei há pouco sobre o Brasil com quem conhece muito melhor do que eu o que se vive. É grande a desolação, o terror, a morte e o crime organizado. Os militares, que nunca saíram de cena, estão agora a espreitar pela cortina. Já se vêem as botas e as luvas.

As palavras fazem os objectos, vivem uma fluidez composta de volume, movimento e matéria e combinam-se com a música.

26

Que bom!
 Dentro de algum tempo
 os céus vão encher-se de aviões
 vai ser bom para todos
 para o petróleo a economia os pássaros
 e todos voam de novo ou como novos
 muito direitos nas suas rotas.

Os pássaros voam baixo
cobrem-se de penas escondem-se
e as naves voam alto
como antigamente
com o seu ar de Nau Catrineta
um dois três passam à vez
lá dentro é uma festa
o barco vai cheio
levanta-se nos ares
o povo exulta manduca
o catering melhorado
as crianças no vai e vem
do sono e do xixi
com licença faça o favor
ó Zé tira a mão do nariz já te disse
deixe lá quem tira macacos tira covides.
E "cá na terra a fome continua"
os bandoleiros tomam conta do Brasil
no teatro cadeira sim cadeira não
meia sala é quanto basta
os artistas lêem Kafka
nas caixas dos supermercados
e das lojas de malha e quinquilharia.
Lá em cima é uma alegria
o avião vai cheio
ninguém se mete no meio
assunto à parte
que tem a DGS a ver com isso?
O governo só manda até 1991 metros
mais alto é o mundo
a economia a civilização.

Ruben A.

No centenário do nascimento do escritor

Levanto-me em silêncio, carregando a salada de feijão frade e as solenidades da pátria. Silêncio, por favor. Atravesso agora o corredor que me há-de levar onde eu quiser. Pretendo apenas subir um pouco à "Torre da Barbela" e daquele alto saudar o criador deste instante e o longo rio que não pára de passar. Deixai-me em paz, excelências! Ide vomitar para outro lado. Eu só queria deixar breves palavras para não me esquecer de quem tão bem escreveu e "da lei da morte" se libertou.

27

Hoje acordei muito bem disposto, quero dizer, tranquilo, em modo andante e talvez cantabile, embora não sejam horas de abrir as goelas para estremecer o prédio com a minha voz de tenor enrouquecido. Ora muito bem, temos um dia de calor pela frente a há que aproveitar a moderada frescura das sete da manhã. A ventoinha biológica está no ponto, as aragens passeiam-se pelo esqueleto e talvez por isso devem ter caído algumas antiguidades que repousavam numa dessas esconsas prateleiras da memória. A verdade é que mal acordei me apareceu a palavra charabaneco. Fui à cozinha e o charabaneco veio atrás. Ouve lá! Não tens que fazer?! Saio da cozinha com o charabaneco filado. Começo a ficar apreensivo. Sento-me para ir ao dicionário. Pôs-se-me a dúvida: é com "ch" ou com "x"? No dicionário electrónico nem pó e no outro igualmente. Acontece que a palavra continua vivinha. Lá em casa dizia-se muitas vezes e eu acho que servia para designar um fedelho, um ganapo, numa espécie de tom carinhoso com um pequeníssimo toque de displicência. Alto lá! Chegam os amigos. Já que o dicionário não ajuda... Acho que se dizia "charamaneco", diz a Etelvina e a Boguinhas conta uma interessante história de poveiros. Pelos vistos, na Póvoa, charamaneco designa um peixe sem grande valor comercial. Cantava-se nas rusgas, diz a minha amiga: "Teus filhos são charamanecos,/ cabem todos num cabaz/ querias o primeiro prémio, ó Lapa/ mas nunca o levarás".

Pelos vistos a rusga podia acabar em grosso molho e até se diz que chegava a morrer gente. Acaba a canção, mas continua a lição. Acrescenta o Artur Caldeira que, segundo os pescadores da Póvoa, "o charamaneco está entre o jaquinzinho e o carapau". Será, portanto, "o segundo irmão mais pequeno do chicharro". É como diz a Carmo Roby, "charamaneco" designa uma coisa sem grande importância. Entretanto chega-me pela Olga Miranda a notícia da variante "chiramaneco", embora o Alexandre Basto tenha a mesma memória que eu. Resolvo perguntar à minha mãe e para ela a palavra em uso era, sem dúvida, "charabaneco". Variantes, corruptelas, idiossincrasias, que sei eu?

Há muitas maneiras de nos referirmos às crianças e aos jovens ganapos, por assim dizer. Além do "charabaneco" com que passei uma parte da manhã, aparecem-me agora os chincharrabelhos. Vejo-os aos saltos, a rabiá, a enrolar o corpo e a andar às voltas como gatos, embora me pareça também ouvir nas profundidades da palavra um tom gracioso e quase bem disposto, tolerante e até compreensivo. Realmente um chincharrabelho não pode ser alma do outro mundo nem mafarrico que se invente para nos calcar os calos.

Os agapantos hoje de manhã vicejavam robustos e erectos, com a sua corola pintalgada de barbicha roxa. Entretanto passou-lhes o brasido da tarde em cima. Fui vê-los agora. O agapanto maior ainda se tinha de pé, com ar de querer espalhar a sua graça, embora o tenha pressentido em declínio, minado por algum desgosto. Os outros mirraram, secaram os roxos e o grande agapanto, senhor daquele recanto, condoía-se com as suas agapitas, preparando-se para passar a última noite com o que resta do agapantal.

Vejo de passagem o nome de Manuel Teixeira Gomes. Foi presidente durante a I República, mas não deve ter achado grande piada àquilo. Escreveu livros interessantes e gostava muito de música. Um dia, acompanhado por uma bela rapariga, pôs-se a andar, atravessou o Mediterrâneo e foi viver para Oran, na Argélia.

28

Não sei bem o que hei-de fazer. Vai estar muito calor, fico na penumbra meio sonâmbulo. Passou-se alguma coisa durante a noite. Sei lá o que andei a dormir. Aquela página deixou-me assim. Sentia-me a ler e ao mesmo tempo tinha uma máquina de filmar que andava um pouco afastada, a procurar o caminho. Lembro-me de ter atravessado um pântano, depois a imagem escura de um bosque aproximou-se. Entrei e segui pela escuridão até ao lugar do crime. A máquina fazia tudo por mim, mas eu filmava, tinha os meus olhos nos olhos da máquina e não sei em que espaço ou em que distância se abria uma cortina.

Acordei muito cansado, devo ter sonhado com hipóteses e andei até agora a passear pela casa, um pouco alheado. Quem me visse de fora, devia pensar que eu tinha saído daquele escombro vegetal, com ar de árvore desgredada, a arrastar raízes e lodo. Àquela hora não havia pássaros, só o silêncio da história e o terror disfarçado em ruínas e indícios. Por cá, mantém-se uma certa normalidade. Anda uma mosca zumbideira pela janela, ouvem-se vagamente os melros por causa do corta-relvas.

Há duas horas que vivo nisto, a tentar acordar, a procurar qualquer coisa que me desperte e me agite. Faço experiências. Finco a caneta, ergo um pouco as mãos, tenho alguma esperança de a transformar em pára-raios e assim atrair o invisível. Não procuro as musas, mas sonho com as Amazonas. Se elas pudessem aparecer, entre a tinta e o pulso, dávamos a volta ao mundo. Tenho tempo até ao meio-dia.

Nessa altura vou descer à garagem e o dia vai começar. Até agora sou noite, mas depois tenho tempo, depois do meio-dia, depois da página, depois da floresta. Ficou-me a doer a leitura, mas já começo a esquecer. Felizmente está sol, calor, chumbo, deixo a máquina de filmar ao fim da página.

Delicadezas

Minha anémoma, meu arco-íris, minha azeitona, ó meu abre-latas, minha trituradora, minha bimbi lantejoula, palha d'ação e costura, meu corrimão encerado, meu telhado azul às riscas, minha salamandra pintalgada, minha geleia no ponto, ó benzedura, ribeira mansa, ponte aérea, meu

avião à janela, minha urze, minha bétula, minha noiva de algodão e sim ó rainha da loiça pintada, azulejo no jardim, meu pintassilgo, pintarroxo, abrenúncio que é coxo, sim, sim, meu pincel, benzedura, foguetão, carinha de meia lua, pinguinhas que saltam das ondas, bolinhos de bacalhau, tau tau muito ao de leve quase a tocar na pele, golinhos pequeninos, figos gregos, uvas raras, barquinhos de papel, silêncios amanteigados, calos desaparecidos, pestaninhas de peixe-galo, pés molhados, refrescados, dentes brancos e luzentes, jóiinha da minha alma a cavalo dos mistérios, ó jóias, ó minérios, ó eléctricos, bilhetinhos de cartão, tasquinhas, malguinhas e outra vez bolinhos de bacalhau.

Estava tão esbaforido, tinha tanto calor que até me saía fumo dos calos. O meu pobre suor inundava-me a testa e eu bem que o atirava aos ares e ao chão e ele rebentava como um balão. Pum! Entrava em ebulição. Isto digo eu que passei a tarde à sombra, a ouvir o calor lá fora. Sou um sortalhudo que ainda por cima se pode dar ao luxo de respeitar a horinha do refresco. Antes da sopa, sempre gostei de molhar a boca.

29

A esta hora costumo fechar a casa. Vem aí um grande sol despenhar-se sobre o terraço, que parece cair aos gritos sobre os canteiros. Fico mais calmo e vou passando pelos objectos e móveis guiado pela sombra. Habituei-me a andar às escuras, quando era jovem e chegava tarde a casa. Conhecia os lanços de escadas de cor e sabia onde balançava o corrimão, qual a escada que rangia e as partes do soalho eventualmente manhosas que poderiam trair a minha presença a horas tardias, subindo as escadas como um ladrão, em direcção ao meu quartinho do terceiro andar.

Às vezes acontece levantar-me de noite e começo a lembrar-me. Deixo-me guiar pela memória e vejo passar as coisas, como se andasse por um caminho sem chão. Gosto de andar assim, como se não existisse.

30

Passo o dia à penumbra e imagino o calor, a terra seca, o ar parado e denso sobre a folhagem e o horizonte. Às vezes não sei onde guardo o coração e fico tolhido como se à minha volta derretessem a vontade e o desejo. Quando chega o fim da tarde e posso abrir as janelas, penso no verão com um grande sorriso e preparo-me para sair.

O tempo tinha mudado. Senti o vento que chegava de todos os lados, nuvens que passavam depressa e se levantavam como promontórios. Fico a olhar a trovoada, primeiros relâmpagos, uma chuva grossa e dispersa faz-se ouvir nos metais e restos de cartão que voam aos pedaços. A trovoada traz-me uma tarde na infância, quando rezávamos a Santa Bárbara e o mundo parecia caído e destruído por estrondos e chuvas caudalosas que em pouco tempo desapareciam. Depois acordávamos para ver aquela assombração que passava com uma luz violeta, os ramos partidos, a folhagem nos ares, o cheiro a terra.

Agora afastámo-nos de Braga em direcção à calma e a calma estava mais próxima do mar. Passámos o Monte da Franqueira e já se vêem aparições do céu, o azul conhecido e beato, a paisagem imóvel. A convulsão ficou para trás, passa como um tropel de fúrias e a calma continua a navegar para Oeste. As tempestades de Verão são acontecimentos desconcertantes. Uma vez, estávamos em Miranda do Douro e havia trovoadas dispersas. Tínhamos acabado do comer a posta no Mirandês e podíamos observar o pequeno vale do rio Fresno. De repente vimos aparecer um tropel de nuvens negras que avançava rapidamente entre as margens. Parecia uma bola de algodão sujo atirando faíscas e eu fiquei a pensar numa cavalgada eléctrica de Valquírias locais. Passou rapidamente e dissipou-se. Guardei sempre esta imagem, como uma coisa que não veio exactamente deste mundo. Eram pequenos deuses locais, uma vingança de fogo sobre as águas e depois passou, regressou o calor, a humidade sobre o rosto, alguns raios e trovões dispersavam-se na raia seca, como salvas de canhões. Agora ouvia-se um pouco de água que sobrava das chuvadas e os pássaros regressavam à minhoca.

Comédia Muda

Quisemos construir uma comédia, partindo de um plano de estudos dedicado aos tempos e às respirações, aos movimentos e à sua suspensão, às acelerações e mudanças súbitas de cenário, de situação, de conteúdo performativo, também. Não nos quisemos afastar de uma ideia de comédia que se alimenta da vida das pessoas simples, as que cumprem papéis sociais e as que, cumprindo um papel, se encontram à margem, do outro lado. Imaginámos um triângulo constituído pelo Senhor, que tem uma casa, pelo jovem sem-abrigo-quase-criança e pelo polícia. Não podemos esconder que quisemos invocar o cinema mudo, o preto e branco e alguns dos nossos heróis. Devemos lembrar Charlie Chaplin e Buster Keaton, pelo menos. Com efeito, o nosso espectáculo vive exclusivamente de acções desprovidas de palavras. A sua preparação exigiu da nossa parte uma disciplina física e emocional particular. Tínhamos que estar preparados para os saltos e acrobacias, para os jogos e os gags. Do ponto de vista emocional, sentimos necessidade de convocar todo o nosso instinto e saber de actores. O actor e o seu corpo que também pensa acções que devolve mudanças em sentimentos. Dessa dinâmica e dessa força que se desprendem do palco nascerá, interrogamo-nos, o encantamento, a convivência, a respiração comum e o interesse pelo espectáculo. Quisemos falar das injustiças do mundo e da amizade e também quisemos trazer uma história que acaba bem. Acabo de falar, na primeira pessoa, de um maravilhoso espectáculo de teatro dos jovens actores da Malad'Arte. Tudo feito por eles. Eu só escrevi um bocadinho para dar corpo de palavras à maravilha a que pude assistir.

Passei uma parte da tarde debaixo de um grande carvalho. A conversa corria lenta, a meia voz, sob a protecção daquele ser extraordinário. O vento e o sol pareciam enlaçados nos longos braços e pela ramagem espreitava a espaços um pouco de céu. Ao fundo, no vale, as casas e os campos e o quadro nascia do sossego da árvore, como se ela nos protegesse e nos guiasse, abrindo o olhar e acordando sons e movimentos.

Não sei se tenho competência para falar da cortina no quintal. Mãos de fada tocaram e inventaram o pano, desenharam-no para que ele se pudesse

instalar naquela abertura entre os granitos, no limite da vinha e da mesa. Há sinais de outros tempos e outras pessoas, almas boas no quintal. Ali convivem as galinhas com o grande Fidel e até uns pintainhos patuscos, um deles sugerindo expressões de Donald Trump. Mas aquela cortina e o seu ar florido é o teatrinho de bonecas, um desenho de paisagem onde aparecem caras bonitas, como é o caso da minha prima Luisinha.

Uma certa tristeza convém à escrita. É impossível escrever no estado de exaltação e de grande dispersão que acompanha o exercício da oralidade no espaço teatral. Essa tristeza é no entanto escorregadia e não pretende converter-se em "doce pranto". A escrita contém a possibilidade de evocar a alegria, uma inscrição mais musical do que escultórica.

31

Devo ter mudado de vida sem ter saído de casa. Fiquei parado a ouvir e confesso que não tive ocasião para ser acometido por acessos de oratória ou meditações metafísicas. Fiquei apenas mais só e todos os caminhos terminavam junto à janela ou caíam de uma estante. Tenho recebido inúmeras mensagens, sinais de rádio, perturbações no corpo que me falam de águas subterrâneas. Passei parte deste tempo em segredo e num certo sentido deixei de falar ao sol e ao dia. Mudei de vida por nada, quase sem propósito ou porque tinha que ser. Começar de novo é como aguçar o lápis. Há realmente algumas coisas lá no fundo, que eu queria conhecer melhor. Agora não há regresso.

Caíram dois pinheiros mansos no jardim, perto de casa. Ficou aquele espaço sem nada. Perdeu-se água, sombra, pássaros e eu também sinto que perdi. Tinha-me habituado e agora aquele espaço parece-me desprotegido, um lugar a evitar ou por onde passar depressa sem olhar muito à volta. Junto ao velho estádio, quem começa a descer para o Parque, o velho ulmeiro sobre o anfiteatro morreu. Sentia-se o calor e o fogo e eu não podia tirar os olhos do pobre negrilho a desfazer-se. É como se a morte ficasse ali em escultura e a sombra um pequeno sol da memória.

JUNHO

1

Noite agitada. Tive imensos assuntos para resolver, embora isso não tenha propriamente incidências na civilização. Ah, o mundo dos sonhos! Vê-se cada coisa. Primeiro que a noite se levante é o cabo dos trabalhos. O corta-relva não tem capacidade para me incomodar. Ainda se ouve o fim da tempestade. Baloíça mais ou menos pendurado nas cortinas. Daqui a pouco vai aparecer o sol subido do Sameiro, o jardim toma ares amarelos, eu fecho-me cá dentro, trabalho um bocadinho, o tempo passa, chega a noite, continua a revolta na América, eu também sou preto desde há muito, desde sempre ou desde Deus.

Sinto o pensamento nos olhos e talvez no sabor a café que ficou desde o meio da manhã. Parece que já foi há muito tempo. Bem vistas as coisas, para lá chegar, a esse sítio onde o pensamento se instalava nos olhos e o café se mostra aromático e apetecível, seria necessário começar tudo outra vez, como se fosse há umas horas atrás. Era tudo diferente nessa altura. Depois houve um bocadinho de futuro, mas agora os olhos descem, ficam mais cegos, parecem carrinhos eléctricos. Os dedos arranham, esgravatam, tocam e aparecem palavras. Ainda não sei o que vai seguir-se.

De momento, não há clima, embora não me encontre a caminho do espaço, fora da gravidade e das trovoadas locais. Sinto uma pequena depressão junto ao diafragma, o barco não anda, o barco não vai, navego em águas paradas. Agora oiço um silvo, aqui não há sinos, sobre esta morte que me incomoda há anjos negros e tiras de papel, cenários para compor o ambiente. Evito mergulhar em águas tão difíceis. Tenho medo do frio, do que está para lá e eu também não aprecio ser condenado pouco depois do pequeno-almoço.

Como é estranho deixar-me andar assim, entontecido por levadas que depois regressam a caminhos já percorridos. O melhor é sentar-me. Ponho-me a olhar. Há pouco aquela senhora que passava na rua levava as pernas tão inchadas das varizes! Os moços das mudanças a descarregar o camião, o pessoal do salário mínimo a almoçar no café em frente...

Apetece-me ir embora, fugir daqui, tocar "o longe e a miragem", desfazer-me por coisas doces e azuis ou por olhares subtis. Durante muitos anos, todos esses anos, essa terra longínqua era um lugar perto de mim, uma

vizinhança, o encontro de amigos, a criação de coisas vivas com o nosso corpo, coisas que oferecemos amorosamente, como licores, mel, destino e missão de abelhas e encantamentos.

Sinto-me ofendido com a pesporrência, o carreirismo, o cinzentismo da obediência à papelada, a cagança da velha Braga das aparências dos reacionários do miguelismo, dos germanófilos e dos medíocres dos tempos da guerra, dos carreiristas... Bardamerda! E nós que vivemos tão bem por quase nada, nós que tínhamos o cartaz no quarto, "O amor é um pássaro verde, num campo azul, no alto da madrugada" andamos para aqui, de mão estendida. Eu venderei cara a minha pele. Detesto que me tratem mal, quando ando em sossego a cuidar dos pássaros, a ouvir as águas correr. Estou farto de tanta mediocridade. Dois mil anos de sonsice, de descalabro, de pseudoimpério, de cagança? Já chega.

Os grilos estão a grilar para Oeste. É tempo incerto, é um grilar um bocado húmido, sem esforçar muito para não constipar.

2

Ora bem, quatro e meia da manhã. Que estás tu a fazer acordado a esta hora? Peço desculpa, mas quem está acordado é ele e depois não me deixa dormir. É o que é. Que tristeza! Se ao menos passasse agora lá atrás, sereninho no seu carro económico, o Bruno Nogueira a acenar! É pá! É Natal. Claro que é, dizia eu, cantando a "Noite Feliz". Tenho aqui estas luzinhas. Temos que estar preparados para as trevas, não é verdade?! É isso, pá. Força aí. Foi bom, foi bom, fiquei mais calmo. Vou só ver se há estrelas no céu e depois vou dormir um bocadinho. Não sou muito esquisito. Qualquer bocadinho de sono me serve.

Puseram-me de sentinela e o inimigo pode aparecer por ali, está a ver, meu coronel, detrás daqueles montes, é por onde se diz que virá a invasão. Quem diria que ainda vinha dormir uma noite ao "Deserto dos Tártaros"! Leiam, leiam, é um belo livro do Dino Buzzati. Como sabemos as experiências do sono são muitas e variadas. Custa-me lembrar esse facínora do Macbeth a esta hora, "aquele que matou o sono". Desprezível criatura. "Má rabugem que te dê".

O assassinato a sangue frio de George Floyd por um polícia que lhe esmagou lentamente a traqueia, mostrando ao mundo a sua virilidade e o seu focinho imbecil de besta covarde e idiota, traz à nossa memória todo o rol de crimes hediondos que têm sido cometidos contra a humanidade, sobretudo a mais desprotegida, e contra a vida na terra. Naquele dia, perante as televisões, todos ficamos sem respirar. É o que nos espera se não derrubarmos os tiranos. Morte e sofrimento sem fim. Esta é a mais perigosa das pandemias, a do fascismo que se vai instalando nas salas ovais deste mundo, nas ruas, escolas, fábricas e repartições. Revolta, asco e vergonha por pertencer a uma classe de mamíferos que se tornou um complexo exterminador.

Trabalho desde o meu regresso de França em 1996 numa escola à qual dei tudo. O que podia e o que não podia. Fui trabalhar doente inúmeras vezes, dediquei fins de semana a abrir e fechar portas para que os jovens alunos de teatro pudessem ensaiar, cuidei o melhor que pude do muito querido Auditório Sebastião Alba. Varri muitas vezes a sala, montei e desmontei a bancada, fiz muitas dezenas de espectáculos, escrevi talvez vinte peças de teatro dedicadas aos alunos da ESAS, estudei o teatro e doutorei-me, fui sempre bem tratado e considerado até que, um dia, inexplicavelmente, comecei a sentir-me *persona non grata*, um tipo a excluir, uma espécie de perigo público, um atentado a não sei quê. Orgulho-me de ter aberto as portas do nosso Auditório a todos quantos nos pediam para ensaiar e fazer espectáculos. Orgulho dos orgulhos, contribuí para ajudar a formar muitos jovens actores, etc etc. Que sinto eu agora? Desolação. Desrespeito, uma dor profunda. Eu nunca quis poder, porque o teatro é liberdade, mas o poder, mais ou menos dissimulado, entaramelado entre não ditos e perversidades, não me considera capaz, não me acha competente para ser director artístico de um Curso Profissional de Artes do Espectáculo. É o que é, mas é tarde para voltar atrás. O meu coração está doente e o meu corpo dá-me sinais assustadores. Eu acho que não merecia isto e acho que as dezenas de jovens profissionais e as centenas de jovens actores com quem trabalhei também não. Não estou a insultar ninguém nem tão pouco a cometer qualquer ilícito que ultrapasse o meu direito à liberdade de expressão. Até ao fim deste ano lectivo, estarei a acompanhar os meus alunos e, em particular, as oito maravilhosas actrizes que levaram à cena "A Casa de Bernarda Alba". Depois não sei. Logo se verá.

O afecto, o amor pela Escola e pelo projecto, esse, acabou, porque foi ferido de morte. Felizmente sobrevivi às setas envenenadas que me enviaram. Uma coisa é certa. Eu não brinco com o teatro nem me atrevo a ofender os deuses.

Entrego-me aos braços de Morfeu. Ainda se ouvem crianças a brincar no parque e o soninho vai chegar no cavalinho de madeira. Zumba pra lá, zumba pra cá, já está.

3

Lullaby

A música é de Brahms e ouvi-a ontem à noite, antes de adormecer. Oiço-a agora e vejo-me a ondear levado pelo tom dolente, mas também por um encanto que devolve silêncio e paz. Chego a pensar que o dia pode ser belo e que o cinzento do céu e as agressões do mundo não são suficientes para contrariar a música. Nunca foram, aliás. Releio uma passagem de "Aqui é o Mundo", o texto que apresentei como tese de Doutoramento: "Olivier Messiaen compôs e interpretou, durante a sua prisão, uma das mais importantes obras de Música de Câmara do século XX: 'Quarteto para o Fim do Tempo'. Inspirado no Apocalipse de São João e tocado com o que havia no *Lager* gelado - um violoncelo com três cordas, um piano vertical em ruínas - o quarteto foi estreado em 1941, com o apoio de um oficial alemão, perante milhares de prisioneiros. Messiaen juntou-se ao violinista Jean le Boulaire, ao clarinetista Henri Akoba e a um violoncelista famoso no seu tempo, Étienne Pasquier. Muitos anos depois, Messiaen diria que foi o mais belo concerto da sua vida. No violoncelo possível, tocavam as cordas de um discurrer divino e matemático, como se os discursos se ausentassem do judicioso, do deliberativo e do epidíptico. A partir de então, o quarteto gera uma espécie de astronomia de signos, uma epopeia destinada a vencer o buraco negro ao encontrar as analogias na música que se ouve ao longo de uma gramática surpreendente".

Para a Milai Vaz de Carvalho e para a Lúcia Braga

Seguindo o conselho das minhas amigas, saí um pouco, atento aos arredores, sondando também o que se passava entre o céu e a terra. Atravesso a rua e cheira-me a relva cortada e... Ó, surpresa! Anda ali uma melrita ou será um melro?! Mas tem uma pinta branca perto da cabeça. Que será? Uma nova espécie emigrada das Berlengas ou, quem sabe, das Ilhas Órcades? Aproximo-me suavemente, enquanto a avezinha revolve a terra a pesquisar minhocas. Já percebi. Sobre a penugem acastanhada veio juntar-se uma peninha branca. Não será de gaiivota, não, aquele dinossauro ferocíssimo que facilmente lhe estraçalharia couro e cabelo. Seria daquele anjinho que comigo se cruzou nos arredores da Makro?! Vou perguntar-lhe. Por acaso gostei de falar com ele. Ria-se muito a olhar para o figurão do Tourigalo e confidenciou-me que nunca tinha visto uma coisa tão feia. Então o anjo contou-me como tudo se passou. Diz ele, estava eu a admirar o figurão com aquelas patorras de camião e quando dou por ela... Olha, olha... Aquela melrita esvoaça e vem para cá. Acho que quer falar comigo. Olá, anjinho, diz-me ela. Olá, melrinha, que fazes tu por aqui tão sozinha? Olha, estava ali a comer qualquer coisita. Vê lá, voa devagarinho e tem cuidado. Leva esta peninha, que é muito levezinha e se te perguntarem alguma coisa, diz que fui eu. Mas assim ficas depenado. Penas é o que eu mais tenho! É verdade. São tão lindas as tuas penas, tão branquinhas. Tens razão, melrinha, mas dão-me muito trabalho. Lavo as minhas penas todos os dias. Eu lá no céu não ligo muito, às vezes passo a eternidade de pijama, mas quando venho cá abaixo tenho que me vestir de branco, senão ainda me dão um tiro. Felizmente os anjos brancos são à prova de bala. Entretanto despeço-me do meu anjo e ainda vou a tempo de ver a melrinha no ar levando a peninha a voar.

Olha... Lembrei-me de uma palavra que já não ouvia há muito tempo. Antigamente dizia-se muito. Repontão. És um repontão, saíste-me um repontão. Sua repontona!

4

Arisca. Ora cá está outra palavrinha bem engraçada. Difícil é apanhá-la. Foge e esconde-se como gatos. Ah, sua arisca felina, parece que tem electricidade. Olha! Despareceu. Quem a viu? É difícil de apanhar e de domar, até faz inveja. Espreita, esgueira-se, salta. Cheira a selva, cheira a seiva.

Como é que um humorista pode estar sempre a ter piada? Coitado. Que seca!

Há modos e ditos que me fazem breves visitas, digamos assim. Ultimamente tenho andado às voltas com palavras e expressões que referem modos de ser e de actuar, comportamentos, enfim. Nós, o povo, tentamos encontrar a melhor maneira de dizer por palavras o que é sempre espantoso num modo de ser. Há pouco ocorria-me uma expressão muito usada em Braga e é provável que o seja no país todo, e que nos permite exprimir com acerto e profundidade a alma e corpo de jovens e velhos. Refiro-me ao dito "marca caralho", embora a expressão permita alguns pequenos alongamentos morfossintácticos como "é da marca do caralho".

Lloyd Braga

Fiz parte dos primeiros alunos da Universidade do Minho, no ano de 1976. Em boa hora. Foi a minha sorte. Vivi muitos e bons momentos, conheci gente boa, tive bons professores e colegas, fiz amigos para a vida e tudo o mais que se imagina ou pode imaginar. É justo, no entanto, lembrar, naqueles tempos difíceis em que tudo estava a começar, a figura do reitor, Lloyd Braga. Convém também não esquecer que o nosso reitor tinha as camisolas mais bonitas do mundo. Objectos coloridos, quase sempre, de boa lã e desenho alegre, com o seu toque poveiro e um pequeno desvio universal. Não o esqueço. Lloyd Braga. Um grande senhor. O Reitor.

5

O sono foi acordando e deu-me esta manhã azul. Leio numa publicação de Zetho Cunha Gonçalves o discurso de Jorge de Sena aquando da entrega do prémio Etna-Taormina, o único que recebeu em vida. Tão belo o texto, tão bem escrito, quase suave o sofrimento, como se por um momento a grande alma de Empédocles se debruçasse deixando cair versos e um pouco de água sobre o fogo do Etna. Fico em paz, ouvindo o seu canto lícido e sereno. Jorge de Sena é um dos nossos heróis, grande demais para a sabujice das capelas. Olho um pouco essas águas antigas de toda a nossa viagem, oiço o fogo que vai ruminando a criação e por um momento, coisa pequena e doce, este azul leve e líquido, uma promessa nas palavras, um pouco de mel e flores, um riso brando e suave de caravela auspiciosa navegando o mar maior. E que o dia nos seja agradável, com este ar leve e lavado, o correr das coisas vivas, algumas comovem, acontecem em lugares invulgares, um passo ao lado, agora, aqui ou um pouco mais longe.

Há duas expressões muito de Braga, coisa viva e talvez única, que ajudam a revelação e nos permitem entrar nas profundezas de certos comportamentos e modos de ser. A palavra "bagueiro", antes de mais, donde podemos fazer derivar a "bagueirada", que nos resume um pouco, entre levezas e coisa séria e a outra será a extraordinária expressão "tiram' a sopa", a qual anima e resolve inúmeras situações da vida quotidiana.

Cheirou-me tão bem, há pouco, quando me aproximei da janela do escritório. Era um bocadinho da pátria que eu gosto, a memória também de um verso de Ricardo Reis. Abro a janela e ainda sinto a fragrância, quase só um voo leve que se afasta como risos e brincadeiras de adolescentes no jardim. Olho o céu. Continua azul e limpo de trovoadas. Vamos ter uma noite fresca, boa para dormir.

É tão bom ter amigos e conversar à nossa moda e pode acontecer que num fim de tarde de leve e fresco vento norte uma nova palavra se solte. E soltou. Andava adormecida no dicionário e ainda não a ouvira. Inzoneira, inzoneiro... Logo vi. Pertencem ao género cagão e fingido, referem os que se

insinuam melífluos e desinteressados, mas prontos a abocanhar a beleza ou uma certa inocência, quando grávida de bons propósitos. Vade retro!

Para Jorge Felix

Nós não vamos deixar morrer essas palavras, porque elas trazem sopros de vida, entendimentos, coisas que foram, mas que regressam, como se a voz dos nossos antigos fosse um corpo jovem.

6

Está um dia a modos que... Céu misturado de cinzentos a ameaçar descer com aquelas águas miúdas e melancólicas, que nos põem a espreitar pelos vidros com ar de boi. Espero bem que não nos caia em cima uma tarde mijona.

Às vezes saio à cidade. Há qualquer coisa, um levantamento todo interior, um sorriso que sobe pelos músculos, a esperança por uma meia horinha de salvação ou pelo menos de boa disposição. Em geral chego todo contente, olho para a casa onde nasci, evito lembrar-me do Astória que morreu e sento-me no Vianna. Hoje fui primeiro à Livraria. Já cá cantam as "Almas Mortas", de Gógol e vou correndo o livro, lendo passagens, mas a Fonte da Avenida começa o importunar-me. Aquele repuxo a meia altura, as águas frouxas, que se levantam um bocadinho e amoucham, fazem-me uma certa azia. Lá de dentro vem música gravada, com ar de espetada ressequida. Se ao menos pousassem um anjinho na Fonte, a fazer xixi levemente pousado numa corola de pedra e a água escorresse em pingos, entre musgo e líquenes. Se me tirassem esta música que não dá sequer para ajudar um coxo a passar o cheirinho nas mesas. Coitada da menina! De trás para a frente, com a sua máscara sólida e impenetrável, a fazer esguichar o frasco. Ainda tive a sorte de comer dois bolinhos de bacalhau na Favorita e foi isso que me salvou a manhã.

7

A princípio parece nada ou quase nada. Olho a rua obscura, as casas fechadas, as lembranças feitas de coisas idas, que já não parecem verdade, mas depois um pouco de sol, olho mais azul o céu do outro lado, passam nuvens e pedaços de treva, a memória fica em descanso a ver o que lhe aproveita. Não fiz grande coisa hoje de manhã, mas pus-me fresquinho para ir buscar a rosca, enquanto me lembrava de andanças e coisas passadas que merecessem ser lembradas. Deixo isso para mais logo. O presente parece-me uma coisa prensada, a fazer lembrar uma sandes mista ou um pouco de pizza aquecida no forno.

Fala-se de férias, de descanso, percorremos o litoral, preferimos os ventos do Atlântico e eu só queria voar um pouco e cair no doce chão de uma estepe e recordar as tribos nómadas e os animais por perto, um lobo das estepes com quem eu me haveria de entender. A literatura precisa de sombra e eu preciso da noite, uma noite longa e misteriosa, um longo passeio por lugares conhecidos, a arquitectura em modo sonâmbulo e os espíritos num último grito nocturno, a madrugada caindo sobre o triste património, as nossas casas arruinadas, a infância triste, cheia de sacos de pão e de pouca esperança, o país que fomos perdendo e eu talvez caído do mesmo avião de Joseph Beuys, recolhido na pequena tribo, pensando em uivar à América e aos poderes e depois poderia adormecer um pouco com as tristezas que me foram contadas e no dia seguinte apanhava o barco para Samarcanda.

Preciso apenas de um quartinho pobre, anseio por montanhas difíceis onde acabar ao fim da tarde, bebendo um pouco de água, sorrindo o fim da história e as jovens bailarinas chegadas do deserto, com elas o vento para envolver a matéria e fazer da consistência um ser volátil e leve de vozes femininas, que adormecem as cobras e acordam as estrelas, o grande céu do deserto.

8

Por volta dos 19 anos fiz a minha primeira viagem além-Pirinéus. Na altura, tivemos inúmeros apoios, da Universidade do Minho, em especial. Andei a recolher donativos pela família e lá fui passar um mês a La Rochelle.

Era uma antiga vila de piratas e corsários, muito bem arranjada entre zonas novas e verdejantes e o velho porto com as suas muralhas e torreões. Ao longe, as ilhas de Aix, Ré e Oléron. Na ilha de Ré, sabia eu que tinha estado prisioneiro o grande Napoleão. As aulas aconteciam de manhã e de tarde, como era natural, e pela noite havia as soirées musicais e poéticas que juntavam aquela gente toda vinda dos quatro cantos da Europa. Eu divertia-me muito ao piano, dizendo às vezes um poema e vivia agitado e bem disposto, namorando línguas e pequenas viagens.

Um dia convidaram-me para ir à rádio local falar das relações entre os dois países. Eu lá fui respondendo às questões que me punham, com o meu francês às vezes um bocadinho tropeçado, mas sempre bem disposto. A certa altura, a conversa virou e apareceu a insigne e poderosa figura de Napoleão. Comecei a ouvir elogios ao grande senhor do cavalo branco e quando me perguntaram sobre a importância de Napoleão na evolução da sociedade portuguesa nos princípios do século XIX, comecei a lembrar-me das invasões e dos males que a soldadesca cá tinha vindo fazer. O locutor insistia sobre a influência das ideias liberais e eu ia dizendo que Napoleão não tinha nada que ter mandado invadir um país que não era o dele e que, além disso, o país tinha sido saqueado, pois daqui levaram riquezas sem conta, além da miséria e da mortandade que deixaram atrás de si. Como não tinha que falar dos ingleses, concentrei a minha consciência histórica sobre os desmandos napoleónicos.

Na rádio, começava a nascer uma certa agitação. Quem é este fedelho que se atreve a vir aqui denunciar a grande figura da nação? Eles falavam da difusão do liberalismo e eu falava de roubos e crimes de guerra. Senti-me muito orgulhoso e ao mesmo tempo docemente feliz, porque não tinha vindo dizer nenhuma mentira. Os responsáveis e alguns professores também, vinham falar comigo e lembro-me que a maioria se começava a rir, quando me ouviam falar. Quem é este puto português que assim se atreve a tirar do pedestal o nosso maior, o sagrado e indiscutível Imperador?

Para mim tinha sido um acontecimento absolutamente normal. Eu queria lá saber da difusão das ideias liberais! O que eu sabia é que eles vieram, pilharam, mataram e foram-se embora com os bolsos cheios, embora escorraçados pelos chuços e pelos raides de uma guerrilha que lhes aparecia descida como fantasmas das encostas pedregosas e dos caminhos lamacentos. Devo ter-me lembrado, na altura, daquela anedota do "nabo leão boina à parte".

Eu hoje estou muito piegas, pendurado por um fio, é largar-me e lá vou eu, como um papagaio de papel levado pelo vento Norte. Ando com muitas lembranças, embora não sejam consumições. Lembro-me dos tios que já partiram, da minha avó, lembro-me do meu pai e do seu desejo de viver retirado e cercado por altos muros, donde não pudesse enxergar o inferno deste mundo. Lembro-me da Noeminha, a costureira, que me ensinou a amar a rádio e lembro-me dos amigos e das nossas aventuras impensáveis no outro mundo.

Ó como me lembro da cidade nos dias de feira, o povo que vinha às lojas de ferragens e às pastelarias, lembro-me da Dona Fernanda e da Dona Carmo, na escola primária, por cima da loja do Senhor Evaristo, lembro-me do Campo de Vinha, quando ainda podia ser um lugar decente, lembro-me da minha amada cidade respirando o Vale do Cávado, lembro-me das histórias que ouvi sobre esta cidade de amor e morte, de gente boa e de fascistas, de comerciantes agiotas que nunca saíram de casa para poupar os tostões, lembro-me dos sinos e novenas, do coelho na Páscoa, das corridas no São João, lembro-me dos bairros pobres e dos gandulos, das batalhas de rua à pedrada por quase nada, lembro-me do ataque ao comício da oposição no Theatro Circo, lembro-me da Quininha e da sua maravilhosa *Roupa Velha* e da minha madrinha que falava por sorrisos e bondades e da prima Zé, que era tão nossa amiga, lembro-me da pobreza, da falta de meios, das lágrimas e das queixas, lembro-me de coisas horríveis que prefiro não contar agora e lembro-me também da alegria dos meus vinte anos, quando comecei a fazer teatro e a acreditar que existia e que não era apenas um boneco de palha e lembro-me da bondade um pouco alienada do meu pai e da coragem da minha mãe que nos salvou e lembro-me de ter começado a trabalhar e do maravilhoso coração dos meus alunos, de que exceptuo meia dúzia de salafrários e lembro-me de ter tido sorte na vida, mulher e filha que eu adoro, mais as minhas paixões pela vida, pelos cheiros, pela alegria, pela criação. De que te queixas, então? Eu já não me queixo de nada, quero lá saber. Daqui a um bocadinho vou fechar para obras, se calhar vou ler as cartas de São Paulo e depois há-de chegar a noite e eu vou dormir, mas só depois do "Lobo das Estepes", de Hermann Hesse.

Está bem, pronto, o que é que querem o Trump e o Bolsonaro e os outros mandantes deste mundo? Querem guerra? Vamos lá. Eu ainda tenho cá em casa duas físgas e uma é das Astúrias e tenho o meu cajado e posso pedir emprestada a espingarda de pressão de ar. Que é que querem? Ao largo! A milhas, aí, bem longe. Olha qu'esta!

Deixo-me levar por palavras apesar de tudo tranquilas. Toda a gente sabe que governar a América é também governar o imenso arsenal bélico e a venda de armas, é manter o exército espalhado pelo mundo todo, é muito complicado, mais o petróleo, a bolsa e o sistema financeiro e tudo graças ao dólar.

9

Ando há dias a pensar nos primeiros anos que passei em Clermont-Ferrand. Resolvi viver em Royat, uma vilazinha termal no sopé do Puy de Dôme. Entre grandes hotéis com ar vetusto e muitas pensões e châteaux, a floresta quase gigantesca de carvalhos e faias e grandes choupos junto às linhas de água. Um dia, ao vasculhar literatura sobre a região, descobri que Mallarmé tinha frequentado um daqueles pequenos hotéis. Fiquei mais tranquilo e talvez a pensar que tinha vindo viver para um sítio iluminado, onde teria sido possível beber cânticos longínquos, finos e musicais, por entre aqueles sombreados que afinal guardavam tesouros e passagens. Acabei por viver ali quatro anos.

Cá em baixo, na planície, corria a cidade e as minhas voltas, quase sempre semelhantes. As aulas, o departamento, a cantina e um cafezinho com ar antigo que ficou a chamar-se naqueles tempos "O Café de Maryline". Tínhamos muitos alunos, inúmeras actividades e projectos, mas também recebíamos visitas. A organização dos eventos custava-nos alguma correspondência e muitos telefonemas, mas um dia fomos surpreendidos. Sem que tivéssemos pedido, o Ministério informa-nos que o poeta Gastão Cruz virá a Clermont para participar na feira de Blanzat, uma vilazinha a poucos quilómetros. Competia-me receber o nosso poeta, acompanhá-lo e zelar pelo seu bem-estar. Confesso que a minha primeira reacção foi de grande alegria.

Eu ia afinal conhecer um dos heróis da Poesia 61, uma referência, enfim, da poesia portuguesa.

Acompanhei Gastão Cruz nesses dias. Não houve muito trabalho a fazer. Uma ou outra recepção, a deslocação à feira e depois o hotelzinho onde deveria descansar. Foi tudo sóbrio, com poucas palavras e muita simpatia. Ao contrário do que era costume, tinham-lhe destinado um pequeno hotel no campo e eu lá o deixava ficar, naqueles silêncios. Ainda hoje me lembro da sua extrema simplicidade de homem sereno, pouco dado à verve e às histerias da fama. Gostei daqueles silêncios, do seu sorriso atento e também de uma espécie de timidez chegada ao papel e à escrita. Foi um dos mais silenciosos poetas que conheci até hoje.

Fui professor de Português muitos anos e sempre me dediquei a inventar situações que nos ajudassem a encantar o espaço, aquilo que respira entre nós e as palavras, como se a sala fosse um volume em estado de gravitação, uma reunião de sons e ritmos que pudessem transformar a bestialidade e a dureza das coisas mortas, derramando água sagrada, levando-nos a percorrer sombra e sóis, fazendo nascer um pouco de sal nas mãos e na vontade e um brilho nos olhos, a reunião instrumental por um motivo difícil de discernir, que nos conduzisse entre o céu e a terra, descobrindo sempre e trazendo o pensamento junto às mãos, na iminência da escrita e da fala.

Sempre fui a favor da inovação, da invenção, da mudança, da reforma das coisas, mas sempre contra esta azeda pedagogia que hoje se pratica e este despautério cultural em que vivemos. Nunca abandonei a leitura em voz alta, o ditado, a pesquisa de palavras no dicionário, a incursão mais ou menos aventureira pelas história e crónica dos casos literários. Sempre achei por bem que decorássemos os textos, que nos habituássemos a conhecer melhor os encantos da memória.

Desde o AO e antes do AO o ensino do português foi invadido por um mal que não mais deixou de se insinuar. O primeiro dos males talvez seja o Exame, mas depois vem aquela grosseria das novas gramáticas e o amor da língua divorcia-se, o encanto esmorece, a música desafina, o sentido perde-se, o interesse desmaia e desaprendemos, desaprendemos sempre, incapazes de inventar um discurso, incapazes de improvisar, incapazes de uma paixão por um verso ou um poema, incapazes de ler um romance até ao fim, incapazes de regressar à mãe língua levando pela mão a beleza e os encantos do Latim, enfim.

Hoje deixo flores para Maria Velho da Costa e silêncio.

Estão a acabar os trabalhos no bairro. Agora os homens das obras andam a marcar os lugares. A polícia municipal bem pôs fitinhas, mas os senhores automobilistas querem lá saber. O pessoal vai fazendo o que pode, carregando longas réguas e esquadros, mais os baldes da tinta. Apercebo-me de meias palavras. Nunca vi uma obra tão suja como esta, já viste a porcaria?, diz um tipo muito alto, um matacão dos antigos. Realmente!, penso eu. Lixo e mais lixo amontoando-se nos ângulos com o vento. O mais pequeno pára um pouco para retocar as costas e exclama, estou com uma sede do caralho. Imagino, digo eu e ele levanta o tronco hercúleo e abre um grande sorriso, como se já estivesse a beber a cervejinha que tão bem lhe ia saber naquele instante.

Uma vez conheci um tipo assim. Já era velho ou estava pelo menos envelhecido e lembrava o ilustre Kant, sempre certo no cumprimento dos horários. Era realmente a única parecença que o desgraçado tinha com o Senhor de Königsberg. Andava muito depressa, mãos nos bolsos chocalhando chaves e metais, pescoço metido para dentro e cara de poucos amigos. Tirava amiúde do bolso um lenço velho e encardido para onde cuspiá sabe-se lá o quê.

Dizia-se que à sua volta tudo morria, principalmente as flores e os pássaros. Era uma espécie de assassino legal e de obreiro de mundos mirrados ou em risco de falecimento. Entrava e saía de casa sempre à mesma hora. Na escuridão de uma espécie de castelo amansardado, tinha mil e um esconderijos, dúzias de gavetas e gavetões, caixas de madeira e de papelão e falava-se também de um cofre. Levantava-se de noite para contar moedas e fazer montinhos e depois escrevinhava uns números gordos e bizarros num caderno de mercearia.

Nunca o viram a gastar dinheiro ou a dar uma esmola, mas andava sempre atento ao chão e ao lixo e descobria tostões nos sítios mais impensáveis. Dava pequenas voltas sozinho, mas via-se que adorava o cheiro das lixeiras e dos armazéns de ferro velho. Era o homem mais poupado do mundo e por isso deve ter morrido teso como um carapau, embora se saiba de uma grande fortuna escondida em lugares obscuros do quintal e em outros sítios demasiado perigosos e asquerosos para trazer agora aqui.

Olho sucessivamente as fotografias de Primo Levi, Imre Kertész e Elie Wiesel. Em todas me sinto calado. Isto que escrevo é só para dizer que aquelas imagens não são apropriáveis ou reprodutíveis, como diria Benjamin. São forças da natureza, objectos que acrescentam o estar sendo do mundo. Não são exactamente imagens do passado. *Mnémosina* é a deusa, foi a deusa que me deu o braço, quando fiquei cego. Vim um pouco cá fora com ela. Havia uma borboleta amarela junto ao portão do *lager* e um pardal passou inclinado junto ao muro e saiu sob o olhar dos corvos que se sentavam nos chorões. Os outros voavam sobre o alto, junto ao deserto de Birkenau.

10

Camões aconteceu muito cedo na minha vida. Ainda antes do Liceu, falava-se lá em casa, com reverência e espanto e eu fui lendo as redondilhas e alguns sonetos. De um modo geral, apesar das apropriações do regime, mas qual não foi o regime que quis colocar Camões na sua bandeira?, a figura do poeta não era dada a histórias de mau gosto ou a um certo anedotário rasteiro, apesar da canalha quase brincar, em forma de cantilena... "Camões foi à guerra e perdeu um olho por dois tostões".

Habituei-me a reconhecer a grande arquitectura dos Lusíadas e as maravilhas que nasciam entre deuses e marinheiros, mas sempre preferi a poesia lírica e gostava de dizer de cor um ou outro soneto. As redondilhas "Sóbolos rios que vão" e as Canções punham-me em sentido, entristeciam-me ou quase me faziam chorar. Para nós, jovens adolescentes, Camões era vários... o herói amoroso e apaixonado, o jovem corajoso e temerário, o guerreiro e o soldado, o que salvara os Lusíadas a nado, salvando também uma certa ideia de pátria e depois, no fim da curta vida, já gasto e doente, Camões era o indigente, o mendigo, o pobre homem a quem a pátria, apesar de tudo, deu alguns tostões a que chamou tença.

Sempre li e ouvi Camões acompanhado de silêncio, de muito encantamento e de alguma tristeza. Um dia, estava eu por terras de França, no Puy de Dôme e vieram ter comigo uns senhores da Associação portuguesa, que reunia emigrantes de várias gerações. Olhe!, o senhor é professor, não é?, sou,

sou, pois... Nós vamos ter aqui o dez de Junho e vamos fazer uma festa muito bonita. Ai, sim?! É verdade. Vai ser no estádio, vai dançar o rancho, vamos ter fêveras e caldo verde e depois, no fim, o senhor podia dizer uns poemas de Camões. Temos lá o micro.

Fiquei calado, parado, pronto a desatar a correr dali para fora, mas ainda tive tempo de dizer calmamente que agradecia muito, mas que, naquele dia, ia visitar a pátria. E assim foi. Vim passar dois ou três diinhas a Portugal antes que me apanhassem no estádio a dizer Camões enrolado numa folha de louro e bem assado com molho picante.

11

Num certo sentido, toda a poesia é maldita e marginal, mesmo quando parece conformar-se em salões e ambientes pastoris. Eu acho, com toda a franqueza, que até o "toc toc toc" do Senhor Guerra Junqueiro quando acompanhava a moleirinha, mete respeito. Não será um "tambor na noite", mas, mas...

O maior poeta português são vários, mudam de tempo e de modo, com certeza, mudam de estatura e de figura e vão mudando versos que parecem acontecimentos. O maior poeta português está sempre a morrer e depois aparece noutra lugar, como se fosse soprado e caísse sobre linhas suaves como colchões, linhas que parecem sulcos e então o maior poeta português viaja por subterrâneos onde encontra os outros maiores poetas portugueses e fazem uma grande festa.

Sobre a calçada, engalanando as avenidas, os maiores poetas portugueses alçam pescoço e colarinhos, parecem altos como candeeiros e quase beijam as janelas e as altíssimas acácias. São eles, os maiores poetas portugueses, que trazem os ventinhos da tarde e as cócegas das reuniões e depois riem-se muito com os adjectivos e com modos de dizer que ninguém entende, uma espécie de mistura de ovos moles e arrebatamentos fatais.

Que mania esta de virem os sábios e alguns críticos ou apenas bons e serenos cidadãos inquietar os feriadados de Junho! Eu sei lá quem é o maior poeta

português. Os poetas vão sendo o que escrevem e o que lhes fica pendurado num doce abismo, onde se morre d'amores e onde se cantam certas dores.

Estive na cozinha a comer bolachas e queijo. Acrescentei um copito de alvarinho, que é a minha maneira, um pouco primitiva, é certo, de começar a ver a cores. Que dia cinzento e frio se pôs hoje! Início agora a viagem até ao escritório. Vou animado. Antes de partir olho os cestinhos com batatas, limões e cebolas e isso faz-me sorrir. Gosto principalmente de batatas. A minha mãe dizia que eu sou um batateiro e é verdade, mas eu gosto de tudo. Ainda ontem, fui jantar ao restaurante Tailandês do Zé Luís e gostei de tudo, como se estivesse a comer batatas. Bom, deixemos a cozinha, já passo pela sala, mesa vazia e calada, corredores quietos e os livros que começam a aparecer. Felizmente guardei um golinho de alvarinho para este momento. Bebo para me lembrar de alguma coisa. Calma! Primeiro vou beber.

Comecei a lembrar-me da minha vida. Vou tomar banho, vou fazer uma sesta, quero passar ainda pelo inferno de Dante e talvez me apeteça ler uma canção de Camões. O copo ficou vazio e um raio de sol iluminou um bocadinho o escritório. Está a aumentar, está a aumentar... A luz, a luz... apetece-me tudo e nada, mas já percebi que hoje está um dia bom para juntar algumas palavras. Vou lá dentro outra vez e já volto. Desculpem. Andar a pé faz bem e pode ser que eu regresse mais animado ou que aconteça alguma coisa digna de registo. Já cheguei. Não se passou nada. Ouvia-se o vento e isso é complicado, porque o vento tem poder sobre a memória. O vento sopra, canta como um desenhador de ângulos e espaços vazios e aquieta-se quando passamos as frinchas.

Desta vez atravesso o corredor e fico no espaço compacto da mesa de trabalho. Se houvesse um cais e mais ao fundo o barqueiro fumando cachimbo e dois ou três jogadores de sueca. Agora chega o faroleiro, acendem-se as luzes, mas ainda é cedo para ser noite. Meu caro, desconfio que estás perdido. Também me parece, mas não tem mal. A gente perde-se, mas há sempre alguém que nos procura e logo somos achados, um pouco mais adiante, íamos a pôr o pé e sentimos o corpo suspenso, depois parado e logo de seguida pousado e talvez suspenso ou levantado. O melhor é não ir lá dentro outra vez. Vou ficar por aqui. De momento procuro o fim da frase, depois um

ponto e é tudo. Pode acontecer que, entretanto, talvez tenha sido feliz, mas não há maneira de provar que assim foi.

Fui lendo durante a manhã o discurso do dia 10 de Junho. Bem escrito, bem dito, culto, informado, parecia o discurso necessário, aquele que veio salvar o que fraquejou a ano passado. Ainda bem. O país fica contente, quando um dos seus lhe alevanta a alma e prossegue o destino, com cheiro a mar, a história, a desígnios. Não-de os grandes ensaístas ficar ufanos, a república dormirá em paz, o texto permanece activo para ser lido e amado pelas razões mais díspares. Eu acho tudo isso muito bem, mas o discurso não me comoveu. Estou convencido que o defeito é meu.

12

Está uma bela manhã para as alfoces! Estava eu entretido nesta cogitação, quando toca a campainha. É o senhor da EDP, que vem verificar o quadro. Observo-o encafuado numa espécie de escafandro. Muito silencioso rastreia os indicadores, ajeita o periscópio e despede-se tão silencioso como chegara. Agora vou fazer o meu serviço diário de bombeiro para atenuar a inundação de E-mails que deve estar a borbulhar na maquina do escritório. Saúdo os mochinhos que equilibram o abat-jour do candeeiro. Bom dia, lindezas! Antes de começar a trabalhar, leio um belo excerto do Padre António Vieira. Agradecia muito, de resto, que o lessem e o deixassem em paz.

Há o fim do mundo das televisões e do café e o mundo também se acaba no ensaísmo da pressa e nas prédicas e juras e nas violências contra o tempo. Quando chegar a parte que me cabe, eu teria gostado de molhar os pés no lago Walden e de visitar do alto de uma fraga o majestoso Maëlstrom, sonhando descer o sorvedouro até encontrar uma gruta onde pudesse tecer a sua manta de lã a última sereia, uma Penélope do fundo do mar, escapada às conquistas e às fúrias da idade do ferro. Por último, gostava de beber um pouco de água na fonte de Albergaria e subir o caminho do Altar de Cabrões e da Nevosa até desaparecer.

Às vezes sinto necessidade do que se passa lá fora, como se tivesse fome. Pode ser um objecto na rua, a passagem de alguém, um aroma que veio encostar-se à janela e me toca. Fico inconsciente, mas não sei medir esse tempo ou a sua duração. Depois ponho-me a olhar normalmente, há muito trânsito e deste lado as ruas paradas, avolumam-se na zona do Gerês nuvens altas e negras, sim, trago o meu guarda-chuva espanhol. Hoje é dia para andar perdido lá fora, mas cá dentro andam movimentos e revoluções, aparecem-me uns figurões para fazer companhia àquele desgraçado que no outro dia me aparecia a querer ser personagem. Vejo uma ou duas velhas, tias solteiras, um tipo da polícia, mas de momento deixo-os a falar com o velho. Tenho que conduzir e a vista às vezes engana-me nas curvas e a estacionar.

Vou visitar um bocadinho o Luís Pinto e a Ana Maria. É verdade, meu amigo Pinto, nunca hei-de esquecer o teu riso! Não, não era sorriso, era riso a sério, alto, sonoro, de dentro, muito disposto a abraçar a atmosfera e os amigos. Só posso ficar um bocadinho. Ainda passo no Centro, quase a correr, nem sempre é esta a minha cidade. Um dia começarei a perder-me e a ver coisas submersas, acompanhadas por sinos ou harpejos canónicos, um pouco diferentes das águas sinfónicas de Debussy.

Tenho muitas e boas recordações do Padre António Vieira. É quase como se o tivesse conhecido pessoalmente. Olham' este! Hãode pensar ou mesmo afirmar alguns exegetas radicais. Eu conto. Foi quando um dia, uma bela noite por sinal, subi ao palco do Theatro Circo com a minha amiga Helena Carneiro e os nossos alunos de teatro – éramos mais de cem – e dissemos o "Sermão de Santo António aos Peixes" de cor. Do coração.

No meio de tanta discussão, para cá e para lá, vem à tona um conjunto de indivíduos de meias palavras, que não querem ou não podem discutir com razões ou "cum saber de experiências feito". Do que me tenho apercebido ou cheirado por entre linhas, parecem-me rancorosos, gente de maus fígados, meio amarementos a fingir que concordam, prenes da imundície dos ataques biliosos e da isofagite ideológica. Esses fazem parte de uma espécie de opinião velada, que se congratula como um Narciso que visse no espelho das águas as pétalas mudadas em espinhas. É uma gente perigosa.

O homem não é bom por natureza. Às vezes é e outras vezes deixa de ser. Lembro-me sempre do exemplo dado por Primo Levi, quando refere os enfermeiros, médicos, investigadores, licenciados, professores, que aceitaram fazer parte de Auschwitz na qualidade de executantes, mas também de inventores. Foi isso que andaram a aprender na escola?

13

Dava aulas uma vez por semana na rua Gay-Lussac, no velho edifício da Sorbonne. Gostava de atravessar os corredores, sentir o ligeiro carpir dos soalhos e o corrimão ondulante. Cheirava-me a cal e a livros antigos, às vezes a verniz. A simpatia de José Terra dava-me esta possibilidade de ganhar mais uns franquitos e eu lá me sentava numa pequena sala com os meus alunos a fazer exercícios de tradução. Depois atravessava os corredores e sentia-me descer a rua com alguma pressa. Costumava acalmar, quando me sentava no "Jardin du Luxembourg". Dizia-se que Cioran costumava passear no jardim. Nunca o vi, mas ia lendo as suas inconveniências e agruras. Tinha dúvidas, não gostava muito de gostar, mas havia tons, ressonâncias e uma certa escuridão que me agradavam. Depois o Jardim cansava-me. A beleza também cansa e os bancos de madeira. Normalmente descia o Boulevard Saint-Michel e entrava no reino a seguir.

O Boulevard Saint-Germain tinha outro encanto ou era outra música. Sentia-me por vezes traduzido num realejo e a minha alma, se a tivesse, haveria de lembrar o fumo leve das castanhas assadas. Em Saint-Germain-des-Prés costumava esperar pelo fim da tarde. Olhava os cafés famosos, mas o que eu queria era lembrar-me de Duras. Eu sabia que ela morava do outro lado, numa ruína quase invisível e ficava a ouvir na memória a sua voz viajada e quente, com aquela gravidade de palmeiras e suor. Sentia ao ouvi-la uma inteligência bruta e quase ácida, mas caía-lhe um sorriso e um louvor do sexo que fazia a tarde apetecida, o pequeno vibrato de uma cortina, a terra estremecer em águas profundas, calor. Depois ia-me embora e lembrava-me dos desaparecidos e das páginas que tinha perdido dentro de mim, como se fosse eu a obscuridade ou a última sereia, a redenção por um livro ou uma história, como um gato na almofada. Lembrava-me então, com o fim da

tarde, de Maurice Blanchot, muito alto, magro e indefinido, escrevendo as suas páginas difíceis, como se não existisse.

Ainda não tinha lido "Noite", de Elie Wiesel. Regressei depois de "Se isto é um Homem", de Primo Levi, a algumas das páginas mais fortes que se escreveram sobre o horror de Auschwitz e Birkenau. A narrativa de Wiesel é rápida, sempre muito clara e próxima dos acontecimentos. Perdera a mãe e a irmã mais nova num último olhar, quando os SS separaram homens e mulheres à chegada ao *lager*. Acompanhou sempre o pai, até perto da hora da libertação, até ao limite da resistência e perdeu tudo. Deus e a vontade de viver.

A história parece quase singela, nos seus modos e processos narrativos, mas há frases, expressões, notações e reflexões que só podem ser ditas por olhos que viram o inferno. É um pequeno grande livro que me tocou profundamente, ainda mais agora, neste tempo confuso e deprimente, sob esta aragem angustiada de um inferno que procura disfarçar o seu hálito.

14

Posso ir ter contigo?, diz-me a nuvem. Poder, podes, digo eu. Infelizmente a nuvem não fala e isto são apenas restos ou memória de algum verso. A realidade é um pouco de papel, uma antiga árvore, aquilo que me apercebi durante a manhã, enquanto andei lá fora. A nuvem passou e com ela o motivo, mas foi a maneira que encontrei de me deitar à sombra, quase despreocupado. Sei bem, no entanto, que este tempo nos rouba a linguagem. É urgente desinfetar as mãos e ajeitar a máscara.

A menina da padaria ainda se preocupa comigo. A rosca está bem assim? Vejo mal sem óculos. Se os pusesse, já estariam embaciados e isso faz mal aos nervos. Sigo o meu caminho. Hoje não tenho emoções ou tenho, mas estão guardadas ou foram roubadas. Conduzo com cuidado, não vejo gatos nem cães e as crianças estão guardadas à beira da televisão.

Posso ir ter contigo?, digo eu à nuvem. E quando lá chegasse já ia mudando de lugar, tomava outros aspectos e chovia ou dissipava-me, como se fizesse parte da ordem natural das coisas. Depois, num outro dia e em outro lugar uma outra nuvem aparecia e alguém a olhava, podia ser Domingo ou

outro dia e eu andaria talvez sobre a areia lisa preparando-me para perguntar a uma pedra, se me podia sentar.

Começa a constar que o "Novo Banco" quer mais dinheiro. "É preciso avisar toda a gente!"

Para o Camilo Silva Do capitão Vodka ao povo em geral

Caríssimos, já é sabida a minha história. Eu estava em Cracóvia e já tinha estado em Auschwitz e Birkenau. Naquele fim de tarde, enquanto se esperavam milagres de relojoaria e sinos nas colinas das belas florestas, na grande Praça do Mercado de Cracóvia, chamada Rynet Glówni, eu subia a um terraço feito esplanada. Vodka! Eu quero vodka. Estaria a mais de meia altura e quando a menina me deu a ver a carta, eu fui ler e escolhi a da casa, a da Polónia, da batata, a mais barata. Ó menina, arranje-me uma garrafinha para eu levar! E fui... Ó, sorte, ó maravilha, é como se fosse por um poema de António Nobre abaixo e viesse ter aqui a estes mares, em vossa companhia.

Gostei de viajar nos rios da Europa Central e depois dei com o nariz na Suíça. Passei frio e contracturas durante aquelas subidas e descidas. Nem sei o que era pior. Por acaso tive sorte em chegar aos Pirinéus, mesmo a tempo de a Península se fazer ao mar em sua "Jangada de Pedra". Consegui chegar aqui, como se estivesse a escrever os Lusíadas. E tudo isto, porque aquele calinhos de vodka que a menina me trouxe deu-me a volta ao mundo. Dizem que era apenas um bocadinho de pasto fumegante de bisonte e que aquilo faz maravilhas. O que eu sei é que um dia, durante as minhas navegações, andei por mares transidos e secos, levantados e inclinados, mas cheguei.

Eu queria muito encontrar o corpo das sereias, a sua imagem, a sedução e ser um peixe como elas. Mas eu tinha aquela garrafinha que se vinha mudando em fonte, uma garrafa que nunca acabava. Foi assim que pude aparecer naquela manhã de nevoeiro. Ele ficou no deserto, mas eu tinha a minha garrafinha. Mais um golinho e eu saltava mar adiante, como um tritão. E aqui estou. Ó, doces sereias, como é bom estar em vossa companhia. Se me quereis comer, comi, mas a modinho. Eu também tenho direitos. Só vos posso dizer que este mar das sereias ainda é melhor que os Açores. Este mar das sereias e esta música.

15

Está tudo muito silencioso, mas eu acordo agitado, quase descompassado, embora me pareça haver uma certa ordem no modo como organizo a minha saída de casa. No quiosque, tomo o café sozinho, na mesa mais obscura e enquanto me dirijo ao *Campus* terei visto algumas folhas de papel a passar na estrada. Lá do alto, o vale do Este e algumas nuvens mais ou menos esgaçadas e molipientas que se arrastam pelo céu.

Está um certo calor que não coincide exactamente com as impressões que vou recolhendo nos lugares onde passo. Deve ser porque me esqueço. Além disso, não se vê ninguém e por isso não é possível comemorar nada ou falar um pouco de lado contando coisas sem interesse.

Devo ter apanhado uma corrente de ar mais animada, quando ia a acordar. Se calhar, foi uma coisa que veio do passado, tocou-me o nariz, ficou a bulir no sobrolho e mandou-me pôr a pé. Foi muito triste ter saído à rua tão fresco e provavelmente com bom aspecto e ter visto este recorte do universo fechar-se, como se fosse uma campânula para guardar o queijo. Fiquei algum tempo parado a olhar e o ar começava a rarear, depois cheirou-me a bolor e imaginei-me caído a um canto ou fugindo a sete pés, tal uma estátua perseguida.

Não, não sou pessimista, mas isto não está bem. Nem aqui, nem na América, nem no subsolo da Alemanha. Já sei. Parto em busca de alienação, de um engano, uma tropelia desconchavada, um delírio *in extremis*. Ó, inclemência! Acabou-se, não há alienação para ninguém. O mundo mudou e a consciência aproxima-se, baixa, pesa, envolve. Está mau!

Ó, até me esqueci que há pouco estavam a cair umas pinguinhas. Fui ver. Nem pinga nem pó, mas pode ser que lá para a noitinha venha de lá dos cima encantados uma água venturosa que limpe esta porcaria toda que se tem acumulado. Água da boa que até lava as penugens mais íntimas, subindo como refrigério até às fronteiras da alma. Não estou a pedir o dilúvio, não exageremos. O problema dos dilúvios é que vai tudo na enxurrada, o bom e o mau. Não, nada disso. Estava só a pedir uma água lavada e um tanto safada que levasse o esterco visível e também o invisível, já agora. Ó como

era bom!, e no dia seguinte ficávamos a apanhar sol e a corar as manchas e desditas. "O sole mio..."

Tenho ouvido notícias horríveis acerca de ataques assassinos no Norte de Moçambique. Portugal não pode fazer nada?

Lá me ponho eu a falar, quando devia estar calado. Estou em dúvida. Não sei se hei-de falar da América ou se do padre António Vieira. Prefiro falar deste. É mais nosso, mais maneirinho, aprendemos com ele na escola. Ele até se dava ao luxo de falar em latim e de traduzir em nossa intenção. É, na minha opinião, um dos maiores prosadores. Isso mesmo prosa, texto largo, andante, Dom Quixote. Tive oportunidade de aprender dois sermões de cor. "O Sermão de Santo António" com os meus alunos e o "Sermão da Sexagésima", com o António Fonseca. Falaram sobre ele, como ninguém, António José Saraiva em "O Discurso Engenhoso" e Margarida Vieira Mendes em a "Oratória Barroca de Vieira". Eu acho que fiquei a gostar muito mais de peixes e de árvores.

16

Pode ser que hoje seja um bom dia. O cidadão prepara-se para sair, leva consigo a frescura do banho, o céu geralmente pouco nublado, o sabor do pequeno-almoço e desconfio que não pode levar muito mais. A máscara, claro, os presságios, as notícias sobre as guerras e o crime organizado, a grande crise que virá confirmar a pobreza e o vírus como endemismos. Lá para o meio-dia talvez haja alguma esperança.

A aproximação da hora do almoço costuma ser benéfica para a disposição, mas o apetite já não é o que era, depois virá o sono da hora da sesta e o sino das cinco que não tarda. Prepara-se o fim da tarde, o crepúsculo, aquele primeiro silêncio das coisas cansadas e talvez uma noite melhor do que esta.

Estamos quase no São João, virá o calor, as notícias trazem apontamentos da beira-mar, de momento pouco sabemos sobre a produção de tomate, as terras ardidas continuam desoladas, mas vêm aí os subsídios, não sabemos bem para quê ou para quem, cantam as promessas e o destino com alguns

acordes na angústia. Há pouco ouvi um sonoro grito de pássaro grande. Devia ser uma gaivota a comer um passarito. "Os grandes comem os pequenos".

Lembro-me tantas vezes da personagem de Kafka. Joseph K. ainda sossegado no seu quarto alugado e depois vem a polícia e ele fica preso, embora possa fazer a sua vida normal. É mais ou menos assim. Estamos presos, mas somos livres, fazemos a nossa vida normal. De momento, é isso que o sistema nos pode dar. Está tudo combinado. Portem-se bem, sigam as regras, não façam muitas perguntas. O poder anda muito ocupado e facilmente perde a paciência. Entretanto os cidadãos não sabem se vivem em paz ou por quanto tempo ou que é isso de haver paz.

Já bateram as sete, já podemos ir andando, eu já tenho o saco preparado, sim, levo uma caneta, nunca se sabe. Pode passar um verso no rodovia e tenho que estacionar na bomba, páro ali onde se enchem os pneus. Depois sigo, mais calmo, às vezes aparecem bocadinhos da cidade que eu conheci bem, mas passo depressa, há outros ventos, cidade baixa, fumo e arredores, afinal ainda tinha sono quando me levantei. Bem podia ter ficado a dormir. Fazia de anjinho e a esta hora teria escrito um madrigal. Fica para amanhã. Hoje temos prosa obscura e insípida, relatórios para fazer, apontamentos, recados, papelada. Não digo mais nada.

E lá fui, com ar assanhado, imagino, cheio das pedras roliças do nosso exíguo românico, cheio de sinos que atiram mortos ao ar, pronto a meter a terceira, enfim, lá fui. Chego ao Centro meio mascarado, o Centro sempre foi meio mascarado, os pobres de um lado, vindos de fora, descendo a Rua dos Chãos ou arranhados desde a estrada do Pinheiro. Aproxima-se um jovem. No outro dia estava com melhor aspecto, tinha, pelo menos, ar de salário mínimo, hoje vejo bem que anda na droga, está na hora da ressaca, pede-me dinheiro para um maço de cigarros e eu dou, prefiro dar-lhe a ele que dar ao Novo Banco. Ladrões. Súcia de malfeitores! Enfim... Faço o que tenho a fazer, sempre a pensar no "medo de existir", parolos, cobardes, burocratas, andais na safra da obediência, no Ipiranga de galinheiro.

Agora veio o fim da tarde e eu fiquei muito sereno. Deve ter sido aquele bocadinho de polvo que comemos ao almoço. As ventosas a escorregar pelos canais como conchinhas amorosas e aqueles chicotinhos tão

aromáticos e insinuosos, pimba, pega lá, só mais este bocadinho e isto para não falar naquelas partes parecidas com cabedal encerado. Parecem pequenas pistas de skate para abalançar o gasganete. E foi assim que fiquei muito bem disposto e agora só mando vir outra vez depois das notícias das oito. Pensando melhor, não vou ver notícias nenhuma.

Vamos lá escrever o romance num instantinho. Não, não vou pela autoestrada. Não vejo nada, fico a olhar para dentro com a velocidade lá fora, uma coisa que não é bem minha. Posso ter um desastre!? Cruzes, canhoto. Pára aí e deixa lá ver. Vamos antes por aquele caminho. Vai demorar mais tempo, mas tem mais futuro, mais coisas para contar. Vou andar por cada sítio!, é claro que aparecem pensamentos. Se tiver tempo, vou passar no bar de Hemingway. Gostava de ver uma tempestade a aparecer e no dia seguinte teria aprendido muito, andara por Espanha nas terras do Cid, depois vim cá abaixo ter com Dom Sancho. Nestas coisas do romance é sempre necessário cavalgar um dia ou dois com o Ingenioso Hidalgo. Como estais, Dom Quixote? Voando, diz ele e é o que eu faço. Isto tudo ainda é durante o caminho.

É claro que num bom romance tem que haver uma altura em que nos perdemos. Aí podem acontecer coisas extraordinárias, aparições da gente, atmosferas, casos e a grande demanda que continua. Amanhã vamos subir ao alto daquela serra. Lembro-me então de uma mulher que conheci, na aldeia da Várzea, na Serra do Soajo. Foi antes da barragem. Aquela mulher já tinha mais de setenta anos, lembro-me que era cega de uma vista e todos os dias subia a serra, vinda da aldeia, para ir buscar o correio a um lugar distante. Ia sozinha com o cajado e um saco, devia ter um cãozito com ela, já não me lembro bem e contou-me a sua vida. Era aquilo. A mensageira.

17

Bloom's day

A Irlanda evoca "Ulisses", o romance de Joyce. Foi ontem, 16 de Junho. Era dia de estar em Dublin, com Leopold Bloom, mas ainda não foi desta. Começava por subir à Torre e depois tentava perder-me, entre cerveja e labirintos e talvez o romance me fizesse regressar a uma pátria diferente ou a

lugar nenhum. Eu gostava era de estar lá, meio perdido em inglês, como se chovesse literatura e eu andasse muito bem disposto, porque tudo aquilo era sol e esquecimento. A alegria pode começar assim, num primeiro passo.

Revejo-me a corrigir pontos, um dos trabalhos mais penosos do mundo. Era pior partir pedra, desentupir fossas, escavar as minas de volfrâmio, andar na lide em barco pequeno no mar gelado? Sem dúvida. Há mil trabalhos teoricamente piores, mas corrigir testes é um atentado contra a natureza. O teste para um lado e a consciência para outro. Chamo consciência à liberdade, ao fluido natural das coisas, aos rios que correm nesse mundo que dizemos pertencer aos pensamentos. E a gente corrige vírgulas, acentos, o verbo haver sem h e depois temos que suportar uma sintaxe destrozada, esquelética e ainda por cima exigente e senhora do seu nariz, quero dizer, do nariz do autor.

Um texto mal escrito parece um comboio que descarrilou. Pouco se salva, alguma carruagem lá no meio, o maquinista nem sempre e os viajantes, coitados, caem das frases abaixo, naufragam e ainda por cima aquilo não existe e não teria valido a pena. Corrigir testes é um suplício, uma condenação a meia morte, um desgosto, uma espécie de suspensão do mundo durante uma longa inspiração e é nesse balão sem ar e sem remédio que o escravo da leitura se sente desmoronar, a pele seca, os olhos baços, a alegria correndo como salamandras dos dedos dos pés. A militância pelo texto estapafúrdio, pelo desconchavo. Para mim já não dá. Fico doente. No entanto, se acontece lermos um textinho bem escrito ou até mais do que um; se acontece por festa termos que enfrentar um conjuntinho de redações inócuas... Bom, isso ainda se aguenta. Agora, imaginar uma carreira a ler indecências gramaticais é obra. Em princípio, sobrevivi e o que me falta ler daqui até ao fim são coisas simpáticas, que não afectam demasiado a corrente de consciência.

Apetecia-me tanto descer aquele caminho e sentar-me à beira da fonte. Do outro lado o tanque e os marmeleiros pujantes e frondosos espreitando a água, à minha frente o campo de terra húmida e negra, lá ao fundo o monte atravessado pela linha de combóio. A água era tão boa! Paciência. Bebo da torneira cá de casa, que também não é nada má. Com este pequena incursão num bocadinho de paisagem que me é muito querida, aliviei a vontade que tinha de me pôr a mandar vir. Apetece-te mandar vir? Tem calma. Pensa no caminho da tua infância, havia tanta paz e tanta luz naquela água que vinha

lá do fundo escuro da mina. Daqui para a frente vai ser assim. Quando me apetecer mandar vir, vou lá abaixo à fonte e venho calmo, sereno, quase a planar, animado por uma espécie de bondade florestal. O problema é que de tanto ir à fonte, vai inchar-se o bandulho.

Às vezes apetecia-me que alguns rapazolas, desses que andam por aí aos encontrões a tudo e a todos e se dedicam a enxovalhar e se possível a maltratar os mais idosos e os que não se podem defender, gostava que algum deles tivesse um dia encontrado pela frente o Senhor Azevedo. Lembro-me bem dele na Arcada, passando entre as esplanadas e as colunas, com o cigarro sem filtro dependurado no lábio inferior. Tinha o queixo espalmado de batrâquio e remoía imprecações misturadas com valentes cuspidelas num lenço grande que ia buscar ao bolso das calças. Era magrinho, malcriado, brandia a bengala como se fosse uma lança e agitava a perna de pau. Ai, de quem se metesse com ele! Era pior do que um panzer, pior do que um urso e se fosse preciso acho que ele até conseguia ferrar com o céu da boca. Era mau como as cobras, dizíamos nós e era mesmo. Alguns armantes que por aí andam a desfilar os bíceps e a olhar os outros com cara de caça-bombardeiro haviam de ver. O Senhor Azevedo até lhes derretia os tintins.

18

Quando eu disser, levantas-te e não resmungas. Isto é para começar. Prepara lá as tuas coisas, arranja-te se quiseres, podes tomar outro café, podes e toca a trabalhar. Mandrião! Calaceiro! Com certeza, digo eu. Vou dar imediatamente provimento às altíssimas ordens ordenadas pelo ordenamento das vossas ordens. Parto imediatamente para tão rude combate, certo de que em cada pestanejar da consciência haverá um reverbero de lusas e incandescentes pátrias. Vou só fazer xixi, se Vossa Excelência não se importa e farei avançar as tropas.

Nós, heróis do desconfinamento, nós, heróis da clandestinidade pandémica, nós que atiramos lulas venenosas ao coroado bicharoco, nós que até comemos a relva da infeção, nós que já lidámos com estas desgraças há

oitocentos anos, nós que afrontámos Castela e escabichámos a Taprobana como se fosse uma costeleta, nós, nós, nós somos o fim do mundo e passamos a vida a passar sobre brasas e entre pingos da chuva.

Ora bem, pelo que li estamos proibidos de fazer turismo em catorze países europeus. Eu peço desculpa, pois percebo pouco destas botânicas, mas não haverá nestas turísticas decisões um grosseiro, indecoroso e trapaceiro ímpeto racista, uma afronta aos nossos bigodes, às nossas semelhanças com vândalos, mouros, fenícios e zulus, além do esquadrão de vikings que continua em estado de alerta nas Cachinas? Não podemos turistar lá fora, mas vamos receber a Liga dos Campeões, essa idílica, abençoada e asseada peregrinação dos bárbaros?

Já está a chegar um bocadinho de calor e os passarinhos a secar as penas. As nossas, coitadas, ficam a penar ou por secar, sem sabermos muito bem se vão voar ou se vão assar.

Ainda agora reparei, ao passar por uma certa fotografia... Olha, aquela está a querer dizer que é gira. É claro que eu olho um bocadinho e a rapariga parece ter tudo no sítio, mas é triste. Porque será? É a pose, claro e nesta caso a imagem encheu os pulmões e mandou dizer aos pensamentos que estava gira. Ficou uma coisa morta, uma estampa híbrida, onde residem o lugar do morto e uma estátua. Olha! Uma rapariga triste, embora olhando auspiciosa as águas do rio nas margens de um choupo.

19

Hoje, sim, está azul o céu, sem mácula, um vento ligeirinho brandeia o rés das coisas, o sopé do andamento, tudo tão leve a fazer-me estar assim, sentado, calado. Hoje bebia um gin e deixava-me ficar pela tarde, um pouco turvado, até ficar nublado. Depois talvez fosse dormir, meio assim, por um copo de gin.

Às vezes acho estranho ter existido antes de estar aqui. Já lá vai tanto tempo! Sinto que esse tempo é um pouco irreal, mas lembro-me de andar

de calças curtas e de correr na Avenida. Lembro-me das pessoas idosas que davam milho aos pombos e isso acontecia com os sinos dos Congregados e a Casa da Sorte, que estava sempre cheia. O Centro era um lugar vivo. Estava ali tudo à mão, as tabernas, as finanças, o registo civil, os confessionários, as casas de velas, a multidão de cafés, as salinhas interiores, as conversas de cavalheiros, os bolos quentes a sair às fornadas, os loucos, gente viva das peças de Gil Vicente. Havia estradas acordadas de medos e mato, os carros a chiar lá em baixo na terra de sementeira, a venda, o vinho bom, o martelado, às vezes um crime, funerais rasos, pobres, quase indecentes, a vítima escondia o caixão, tudo se passa na escuridão, a morte, a vida, ai, meu Senhor, meu Santo Cristo, dai-me uma esmola e junto ao São Bentinho havia cravos de borla, quase toda a gente acreditava, eram milagres aos pares, caíam torrentes de água benta, a guarda chegava a levantar os cintos, com as Mauser e o instinto, a PIDE fazia de conta que não existia, no Vianna aparecia o Avante, na Nova Brasileira tresandavam os bufos e os senhores da situação, as livrarias eram um bem de primeira necessidade e chegava a calma, o fim de semana, a desolação, os mistérios das casas fechadas, as voltas dos tristes, as raparigas passando apressadas, o Campo da Vinha era uma Praça levantada e a Avenida eram os pardais, a gente batia palmas e eles calavam-se, silêncio, mas depois regressavam, ritmo, pausa. Tudo isso me parece irreal, não me pertence completamente, mas são ainda coisas que se podem dizer.

O céu continua com o mesmo azul, mas agora reparo em cores descendentes no interior da paisagem. Será talvez um toque de calor ao princípio da tarde, uma tela de Gerhard Richter e eu fico em paz. Com tanto iodo, posso ficar nesta sombra a ganhar cor e mais logo, quando sair ao fim da tarde, à hora dos gatos pardos, vou parecer um bocadinho moreno. Estás moreno, pá! Foi o gin, sabes e depois um pintor foi deixar cair a tinta, mar ao longe, parecia tão perto, cheira a memória das tardes de iodo, estou moreno, estou, começo a preparar o inverno no princípio do verão. É para não me constipar. Adeus, adeus, apetece-me tanto andar sozinho, ficar calado e sobretudo não me atrasar. Gostava de chegar a horas à reunião. Felizmente tenho tempo, ainda me falta arrumar a cozinha, fazer uma levíssima sesta e depois hei-de sair de casa, uma hora antes ou mais, arranjar lugar para o carro, bem longe, se possível e caminhar.

20

Não acredito no discurso da "portugalidade", mas vejo-a incendiar-se, morrer jovem, perder-se nos desmandos da ladroagem consentida, no autoritarismo serôdio, na perda da honradez em favor da frivolidade, na pequenez de atitudes e de princípios. Apesar de tudo, continua a haver bons poetas, porque essa "música" não é deste reino.

Vou passar uma parte da tarde no jardim a lembrar-me do jasmim naquele poema de Camilo Pessanha.

Para Aida Alves e Isabel Silva

Sou amigo das sombras
e de alguns lugares reservados.
Hoje à tarde
nos Jardins dos Biscainhos
trouxeram-me gentilmente uma cadeira
e eu fiquei encostado a um castanheiro da Índia.
As minhas alunas faziam jogos
com as crianças em família
deuses ou espíritos
passavam na hora distraída.
Chegam com um pouco de vento
os habitantes do jardim
e ouve-se a terra bem desenhada
cheia de coisas que passam e nascem.
A certa altura fiz fotografias com o telemóvel
ficam os desenhos e os movimentos
talvez a dança
a transformação das coisas umas nas outras
a sombra a iluminar o jardim.

21

A palavra dicionarizada é "fornicoques", aquele impetozinho meio nervoso, que nasce a toda a extensão do intestino delgado e que pode significar desejo de fazer algo ou impaciência. Lá em casa dizia-se "fernicoques". Estou aqui a sentir uns fernicoques e isso às vezes queria dizer que ia nascer daquele lado uma bela lamparina ou lambada motivada por comportamento indevido.

Às vezes costumo adivinhar o tempo, mas hoje enganei-me. Imaginei um sol radioso e um céu límpido, mas a manhã estava de sobrolho carregado. Depois começou a limpar, o sol a espreitar, o calor a descer e por momentos eu via desencadear-se uma tempestade de coisas para dizer, parecia uma ode, uma cavalgada heróica por entre memórias e imagens, mas a vida caseira intrometeu-se com os seus pequenos afazeres e a literatura ficou em águas de bacalhau. Não sei se hei-de continuar à espera da euforia ou se me ponha encostado à calmaria. Tinha tanta coisa para dizer! Paciência, é melhor assim. Arranjo-me, vou à padaria, ponho a máscara para entrar, fico um bocadinho, tomo café, apalpo a rosca, que boa! e sigo de carro, em andamento dominigueiro, olhando as fachadas desertas. Penso nas últimas notícias, há festa nas praias, há festa na Sé, a polícia tem andado pedagógica, morreu um actor, o teatro está de luto. "Algo nos mata em Portugal", li ontem numa observação de Ivette Centeno e essa morte é insidiosa, corrói, magoa, mas sempre incompreensível, justificada pelo acaso, pela crença, pelo destino. Sinto-me a viver num triste país.

Acontece a qualquer um ir sossegadamente pela rua fora, olhando de modo quase distraído o que vai acontecendo no mundo e meditando um pouco, talvez sonhando e sentindo soprar uma espécie de bem-estar. Por momentos, quem assim anda pode lembrar-se de algo extraordinário e depois ao chegar a casa verifica no dicionário. Reminiscência! Estive à beira do paraíso, era tal o silêncio, tão suave o andamento, tão confortável aquela envolvimento entre a aragem e o corpo. Cheguei a sentir-me um ouriço-cacheiro a rebolar por uma encosta até pousar num prado verde, quase infinito, só com duas ou três vacas suficientemente longe para evitar ser escouceado.

Numa destas manhãs, ia eu caminhando nos modos que foram descritos e eis que vejo a meia distância, perto de um lampião, uma cara larga e

sorridente. Não sei se sou eu que me aproximo ou se é aquela cara larga e sorridente que começa a inchar, a ocupar o passeio, a subir à altura dos prédios. Olá, ora viva, por aqui e eu que não me apetecia falar, é verdade, é verdade...

A primeira sensação que tive foi o tempo a passar, pesado, lunar, eu a começar a suar e o senhor coisinho que não me larga. Fala de tudo e de nada, agarra-me por um braço, avança um pouco no passeio, sempre falando, mudando de assunto, dando-me palmadas nas costas, esgrimindo sentenças. Pois é, há muito tempo que não o via e a conversa virava e eu calado, desesperado, sem sangue, sem fôlego, sem esperança, ó, uma trovoada que chegasse, um terramoto, o fim do mundo, mas tirai-me esta gajo da minha frente.

"como todos os poetas que sonham em ser cavalos"

Hai Zi

Foi na sexta-feira ao fim da tarde, nos jardins da Casa Rolão, onde vive a Livraria Centésima Página. Ainda hesitei, mas fui sentar-me mais a sul, onde havia uma larga sombra e maior possibilidade de ouvir as boas palavras. Eu já tinha folheado o livro à entrada e senti aquele extraordinário poema de Hai Zi intitulado "Pátria ou Sonhar em Ser Um Cavalo". A conversa correu ligeira, amena e fluida, misturada com as árvores, de repente um sino, o capoeiro no quintal ao lado e uma motoserra, quase impertinente, que se ouviu num certo momento. Reparei no entanto que o barulho da serra ficava do outro lado e deste lado ouviam-se as palavras delicadas, as viagens pela China, Pequim, Xangai, o deserto do Gobi, as proximidades dos Himalaias. Fui-me esquecendo do livro, já corria o fim da tarde, coisa singela e era só aquilo. De resto, tudo muito cuidado e agradável, a companhia à mesa, os sonhos e os leitores, os cuidados que se põem nas coisas.

22

Nós conhecíamos as portas, eram lugares invisíveis, passagens sem fronteira empurradas por um vento de desejo e imaginação. Passava ao lado do Picoto a primeira porta e subíamos a serra até sentirmos a obscuridade na Morreira e o idílio nos campos de Balazar. A gente habituava-se a olhar o céu,

quando ele aparecia e havia milhafres volteando. Às vezes saíamos por outra porta, era uma aventura subir as curvas da Macada e o rio Este muito largo, havia invernos chuvosos que alagavam os campos de Famalicão e da Trofa. As portas para norte davam para outra natureza. Na estrada do Pinheiro era o encanto do carvalhal e alguns loucos subindo a serra, aquela mulher muito escurecida do sol e do vinho, gritava ao longo da estrada e aparecia em Braga, com o seu cântico de Maria Parda e havia as outras portas, as que se abriam sobre os campos, Merelim, Tibães, Palmeira e as gentes subindo a estrada com os animais e as batatas, as frutas e hortaliças.

As portas fecharam-se depois e a cidade escureceu. O mundo das almas penadas e das alminhas, a ladainha dos mortos, as aparições e correrias de animais estranhos rangendo correntes, os bichos pousados à noite sobre as vinhas, gatos insolentes, esse mundo que passava livremente as portas da cidade, com as suas cores e cheiros e o fingimento dos crentes, esse mundo dorme lá fora, no exílio perpétuo, como se tivesse sido enterrado pela aparência das demolições. Agora não há portas e as portas derrubadas levaram a luz, mas há rotundas e vias rápidas e algumas lembranças mais ou menos escondidas ou esquecidas pelos cantos.

Houve alturas difíceis na vida familiar e a vida dos meus pais era uma aventura em busca de trabalho e dos meios necessários para podermos comer e estudar. Era tudo contado naquele tempo, tostão a tostão, mas eu ainda alimentava a ilusão de vir a ter uma bicicleta. Nessa altura o meu pai tinha uma lojinha chamada "Perfil" e dedicava-se a construções metálicas. Lembro-me de ir com ele ao Porto à "Fábrica de Produtos Estrela" e o meu pai tinha um sócio e havia um gira-discos na loja, que era nosso e devia ter vindo lá para casa e nunca veio. Eu já andava no Liceu e às vezes ia ter à loja e ficava na conversa com os empregados na oficina.

Um dia disseram-me que o meu pai não se sentira bem, era da cabeça, perdera a memória por momentos, mas os empregados levavam-me lá para dentro e tentavam distrair-me. Havia o Senhor Santos de quem eu gostava muito. Era risonho, afável e muito grande e gordo. Vi-o anos mais tarde a competir em provas de motocross na Ponte junto ao velho estádio. Era duas ou três vezes maior do que a moto, ficava sempre em último, mas nunca desistia. O filho era meu amigo, vinha sempre conversar um pouco, bastante

manco e sorridente. Nas conversas da loja havia um tipo que me metia medo. Era o que falava sempre da bicicleta que eu não tinha e de façanhas sexuais. Tinha andado na guerra da Guiné e uma tarde eu fiquei ali a assistir a uma das suas conversas. Segundo ele, tinham apanhado um preto e ataram-no a uma árvore e foi ele que o matou a murros no fígado, até ele ficar verde.

Todos os dias escrevo um pouco à mão e isso faz-me bem. Tenho a impressão de estar a existir num grande silêncio provisório. Quando me esqueço, a mão vai sozinha e sinto o papel rasgar-se levemente, como água caída num veio e talvez pudesse haver uma árvore.

23

Leio boas notícias na Newsletter dos "Artistas Unidos". As peças de Federico García Lorca vão ser editadas na colecção, "Livrinhos de Teatro", uma parceria com as edições Cotovia, com excelentes traduções, todas ou quase todas de grandes nomes da literatura. Aprendi a ler Lorca com as minhas alunas. Decorando, ensaiando, discutindo, experimentando, o texto abria-se em nós, renascia de encantos, de subtilezas, de força, de música e envolvia-o a profundidade das grandes histórias e a música de uma língua que encantava a palavra em nós e fazia viver intensamente os ensaios, desenvolvendo a alegria ao palco. Ter feito este ano "A Casa de Bernarda Alba" foi um "milagre". Parecia a primeira peça e a acção das actrizes era a luz do mundo, uma esperança construída com trabalho, esforço e uma grande vontade de habitar a "Casa".

Todos os dias vamos perdendo um bocadinho mais de tempo. Coisa que vai e não volta e continua acesa, gastando-se, como a água a que não regressamos. Sim, vamos gastando o tempo, embora ele permaneça mostrando a sua figura ao espelho. Vês como o tempo passa? Não devemos poupar o tempo nem o amor nem a amizade.

Tenho-me lembrado nos últimos dias de Luís Veiga Leitão. Encontrei-o algumas vezes no final dos anos oitenta. Pouco falámos de literatura, ou para

dizer melhor, falámos o suficiente e adiante. Lembro-me de um homem alegre, bom conversador, com imensa vontade de rir e de visitar amigos. Uma vez fiquei com a impressão que tinha fugido de casa. Se bem me lembro, tinha alguns problemas de saúde e é natural que a mulher se preocupasse e lhe tentasse controlar a vontade de sair, mas ele fugia, ficava mais jovem e airoso, contava histórias, ria-se e o círculo apertava à sua volta. Um dia disse-me que eu parecia um pirata e eu fiquei tão contente! Sempre era um poeta a falar e eu a navegar por esses mares aventureiros.

Há pouco, tinha acabado de jantar e senti que um leve sorriso se pousava em mim. Quando comecei a pensar nisso, distraí-me, mas depois esquecia-me de pensar e sentia de novo essa leveza. Estou a sorrir e não sei porquê nem para onde. Sorrio simplesmente e isso não tem tradução. Dou algumas voltas, abro as janelas, a temperatura está muito agradável e o sorriso continua. Deve ter sido alguma coisa que passou e poisou e deixou-me assim. Espero bem não acordar carrancudo e mal disposto amanhã, a lembrar-me do indelével sorriso desta véspera de São João. Ah, já sei! Neste dia, há 30 anos, casei e foi um dia muito bonito, com cerimónia em Tibães e almoço pendurado sobre o rio Cávado. Ainda cá estamos os dois e a filha está uma senhora. Deve ser isso, deve ser por isso.

Via-se o balão a subir, a subir e uma aragem. Já está a orvalhar. Deve estar bem fresco nos milheirais.

24

O mar deve estar cinzento, a olhar o céu e a praia também deve estar igual, com os seus penedos lisos e restos de embarcações, corda, panos, madeira, cinzento outra vez. O farol vai começar cedo a anunciar o tempo invisível. Irei sair um pouco e cumprir regras penosamente. Sinto o chão a afundar-se, como se todo este país fosse a Gândara e não houvesse mais construções. Alguns silêncios vindos da literatura gritam os avisos. Chegam até nós, com o seu frio báltico, um azul gelado e o vento de leste que se aproxima, não há tropel de cavalos, o medo já passou a fronteira e encosta-nos ao mar.

Há dias em que é necessário tirar um presságio do bolso. Oiço falar em nevoeiro e desconfiço, evito ouvir mais notícias, os séculos repetem a mesma notícia. Espero chegar ao sul e o sul é tão perto, basta-me um livro, uma ode de Píndaro, a certeza do céu azul e o mar antigo. Ah, as navegações que se fizeram, uma cidade e as suas torres ao longe, lembro-me de noz moscada, aproximo-me e vejo o caril espalhado nos ares e em algumas paredes.

Hoje o céu está cinzento e era costume haver muito sol e calor durante o desfile do *Carro das Ervas* e da *Dança do rei David*. Ontem à noite as cideiras estavam viçosas, atiradiças, a terra oscilava um pouco com os modos humanos, viam-se coisas, foguetes, balões, procissões. Hoje não há liberdade e só foi preciso um golpe de estado quase invisível, a morte por uma evidência, a desistência com o nariz achatado na janela, o vidro mudado em máscara. Não, não estou triste, estou só a falar. Daqui a pouco ponho-me a andar.

Tenho a janela do quarto aberta e a cortina a oscilar, a oscilar... Cheirou a mar e eu fiquei meio esquecido da consciência. Depois a canalha do pátio ao lado pôs-se aos gritos e a fragrância fugiu. Estas transumâncias químicas são muito sensíveis.

Abriu uma frinchinha de sol, uma nesguinha e eu que ia disposto a lançar um ultimato confinado no terraço, eu que estava possuído de pensamentos terríveis, quase homicidas, eu que me preparava para denunciar a história e rir-me num desaforo sem medida sobre coisas sagradas da pátria, calei-me, fiquei subitamente consolado, agradecido, sentindo nascer algures umas branduras risonhas que aflagavam os ícones e passavam a mão no pelo a algumas fraquezas da história, distrações do humano vulgo, enfim. Fiquei quedo e mudo e já vai partindo ao longe a ode mal disposta.

Não é preciso ser marxista para perceber que uma parte importante da roubalheira que se faz a olho nu é legal, passa na televisão, é assumida ou permitida pelo Estado. A outra parte é ilegal, mas pelo menos metade dessa parte transita legalmente entre a vidinha e a ilegalidade. É claro que tem que haver uma multidão de pobres para manter a situação. Uma vez há mais, outras vezes há menos, mas agora há muitos.

Peço desculpa, mas não acredito em nada disso. Cursos para formação de escritores, workshops de escrita criativa, seminários para se engendrar um romance, passadiços nas voltas do Estige, obras literárias a apresentar em mestado...

25

Lembro-me de uma andorinha preta de barro pintada e eu olhei muito tempo para ela, fiquei cerrado, quase fechado na observação e aos poucos a imagem desfocava, tornava-se líquida, assombrosa e então comecei a pensar que nasciam pensamentos em algum lugar mais ou menos desconhecido, mas não havia palavras, uma coisa difusa e só, que fervia como numa panela ao lume. Pensei muito nisto e de vez em quando lembrava-me de algumas leituras sobre a percepção. De repente, o acidente. O texto desaparece para sempre mergulhado nos mistérios do ecrã. Tive um grande desgosto, mas consegui adormecer, acompanhado de sonhos, quase todos úteis, lembranças mais ou menos desarticuladas sobre os próximos trabalhos.

Enquanto lembrava a andorinha, ia entristecendo com as imagens desta manhã. Um dos meus vizinhos, perto do quiosque, sozinho no passeio, olhando em frente as esquinas da churrasqueira e eu vi-o tão só como a figura pintada por Friedrich na alta montanha, suspenso dos nevoeiros. Passo levemente ao seu lado, digo bom dia e ele responde-me continuando o olhar o horizonte próximo da pequena chaminé donde sai a gordura dos frangos feita em fumo. Há pouco lembrei-me da andorinha preta de barro. Não estava lá e no princípio da história não havia andorinha nenhuma. Para nosso bem, acredito que voou a andorinha e voaram os pensamentos.

26

Acordo, ando devagar, lá fora está como ontem, deixo a televisão desligada, vou tentar ler e escrever um pouco, mas preciso de mais um café. Vou devagar, o dia é longo, ainda tenho os óculos embaciados, já não oiço uma anedota há um certo tempo e eu não gosto muito de me rir por

escrito. Hoje é sexta-feira e costuma haver grandes reflexões. É normal. O povo está cansado, pensa um bocadinho e vai descansar. Eu também me vou levantar. É a segunda vez que me levanto hoje. É bom escrever estas redaçõezinhas da terceira classe. Ficam assim meio sensaboronas, apetece passar-lhes o pano do pó, mas para isso tinha que me levantar outra vez. Era o que mais faltava.

Felizmente a natureza tem uma grande capacidade de regeneração. Acredito que ainda poderei em tempo útil regressar a alguns lugares deleitosos e visitar as Praças livres das fitinhas da Polícia Municipal e que poderão regressar as conversas ao balcão e os concertos nos pequenos bares e os encontros na rua, os abraços que vêm de longe, os sorrisos atirados como setas. Já foi tão mau termos vivido a ditadura, foi tão mau termos que andar escondidos, já foi tão mau viver sob a opressão do mais medíocre regime de criminosos disfarçados de bem-aventuranças. Eu bem sei que isto não está fácil e que uma sobre-realidade cobre as paredes e o chão e as esquinas, plastifica o andamento, enche a paisagem de obrigações que deambulam entre o cérebro, o frasco e as mãos. Que posso dizer às minhas mãos? Como posso conviver com a minha respiração interrompida por um trapo? Tristes tempos!

Vamos continuar a redacção. Há pouco aproximou-se o corta-relva e eu pensei que era um helicóptero. Que susto! Só de pensar que se aproximavam milhares de eucaliptos a arder, mas pelos vistos não era nada. Falso alarme. Entretanto tomei banho e daqui a pouco vou espreitar lá fora. Vou cheiroso e não formoso, tento perceber de onde vem o vento, mas só quando chegar à esquina. Espero que as churrasqueiras se mantenham calmas e que não haja descargas no rio à sexta-feira.

Corro sérios riscos. Quando fico intoxicado, tenho a mania de me pôr a escrever a sério e depois estrago tudo. Deixa-te andar, meu caro. Apetece-te mais um café? Toma café. Olha! Que é? Pega lá uma frase bonitinha, mas é só para ti. Não podes mostrar. Obrigado, mestre. É realmente muito bonita e o texto fica muito melhor. Não posso dizer, pois não? Não. Se disseses, perdia a piada toda e depois toda a gente ficava a saber e depois com este cheiro a churrasco que vai chegar ao meio-dia ainda ta comiam.

27

Recomecei os ensaios no palco, depois de quatro meses de ausência. As jovens atrizes terão agora que preparar a sua prova de aptidão profissional em muito pouco tempo. Pedese o impossível, mas às vezes o milagre acontece no teatro. As jovens atrizes merecem, sobretudo depois do que fizeram em "A Casa de Bernarda Alba". Oxalá os deuses estejam connosco e a energia e a vontade não nos abandonem.

Há pouco fui ver as previsões do tempo para a semana. Senti-me muito bem disposto, porque numa certa época o referido Boletim consistia numa peça de televisão autêntica, a que muita gente gostava de assistir. Ficávamos suspensos daqueles céus que às vezes estacionavam sobre a nossa terra de modo tranquilo e outras vezes se insurgiam ameaçando a arquitectura e os habitantes. Era um espectáculo, quando o actor era bom. Vi grandes actores da meteorologia em Portugal e em França. Assistir àqueles poucos minutos de Allan Gillot-Pétré era uma dádiva. E havia um outro senhor, robusto e de cuidadosos bigodes clássicos, que terminava o seu momento lembrando sempre versos ou um pequeno poema. Muitas vezes ouvimos Ramón Gomez de La Serna.

28

Os automatismos são o que são. Sequências, coisas rápidas que escorregam da sintaxe e às vezes são precipitações, bocados de nós que se abismam. Ainda estava eu a beber um copinho muito saboroso e já pensava em tomar café! Qual café, qual carapuça! Deixa-me acabar este copinho e botar mais um bocadinho e honrar assim esta sede clássica, coisa grave, como se tivesse sido possível ao pobre Sócrates fugir da cadeia e passar os dias a roubar figos e a beber vininhos mediterrânicos. Falo de Sócrates, o filósofo, o grego mais grego das ruas e andanças, aquele que, afinal, podia ter ajudado a salvar a humanidade se tivesse fugido da cadeia, como sonha Roland Barthes num maravilhoso texto de barco, alegres remadores, uvas maduras, águas onduladas

por leves andamentos de Éolo. Bebo mais um golinho, o vinho diz-me que a vida vale a pena e não é preciso apanhar uma bebedeira, não é necessário uma carraspana. Basta beber um pouco de terra, afinal, ficar suspenso de comoção, um pouco da comoção que há nas nuvens e na luz, na alegria dos amigos, na música que nos acompanha. Valete frates!

Para o Joaquim Sá-Carneiro

Nabokov diz que a primeira parte de "Em Busca do Tempo Perdido", de Marcel Proust é um conto de fadas. Acho tão bonito ouvir isto! Estou mesmo a ver... Também diz que a "Metamorfose", de Kafka é um dos grandes momentos da prosa do século XX. Tive a sorte de ler e de reler. Depois fala de um outro livro que eu tenho ali atrás e vou já buscar. "Petersburgo", de Andrei Béli, numa tradução que me parece extraordinária de Nina Guerra e Filipe Guerra. Leio bocadinhos de vez em quando. Da última vez achei imensa graça. Uma graça que grassa. O quarto exemplo é o eterno "Ulisses", de James Joyce. Na minha idade já me custa um bocado subir aquelas escadas e depois lá está o gajo na esplanada a escanhoar-se. Lá do alto daquela Torre olho finalmente a cidade de Dublin. Estou mortinho que chegue a noite e um próximo 16 de Junho em que eu possa "aboar" até ao "Bloom's Day".

29

Depois de muito tempo, um dia passado no teatro. Agora venho um pouco ao jardim. Tarde suave a declinar, um sino ainda há pouco e as folhinhas dos choupos a tremeluzir, água vai e vem, uma aragem por dentro, mais vento. Começam a nascer as sombras entre os plátanos. Daqui a pouco regressam os pássaros. Os mais pequenitos ouvem-se agora, depois esperam. Devem estar nos ninhos lá no alto.

De entre todos os peixes que o excelente escritor padre António Vieira enumerou, irrita-me solenemente a espécie dos "roncadores". De resto, até posso simpatizar com os peixinhos vermelhos.

De vez em quando vêm estas calmarias. Calor, céu alto e luminoso, mas estamos no Norte, junto ao mar e ao anfiteatro montanhoso. O céu começa a agitar-se, são pequenos cúmulos que parecem vindos do mar e depois se juntam no Gerês e nos Montes de Lião. É capaz de chover um pouco amanhã e depois o calor regressa limpo e arejado, os milhos crescem e as uvas, está quase a chegar a ameixa e depois as peras. Variam muito estes céus e nós com eles.

Estou no teatro e por momentos a sala vazia. Lá fora, no jardim, sopra o mesmo vento de ontem à tarde. O mesmo vento, como se não houvesse tempo, os mesmos ramos pendentes e ondulantes da jovem bétula. Há pouco ouvia as "Cenas Infantis", de Schumann e sentia-me a dançar, enquanto olhava as mãos imensas de Horowitz, mão de areia, delta, água que brinca.

JULHO

1

Reconheço que me cansa bastante passar um dia inteiro a ensaiar. É um cansaço bom, no entanto. Durante o dia ensaiei três peças diferentes. Depois as jovens actrizes foram indo para suas casas. Em cada uma um modo único, a sua própria história a fazer-se, a construção. À noite reunimos os mais graúdos. Enquanto alguns quase concluíram o trabalho de montagem da luz outros iam repondo os panos da teia. O Auditório Sebastião Alba, quando chegámos, no dia 26, parecia um laboratório ao abandono, um espaço quase nu coberto de plástico. Agora já está cheio de objectos, pecinhas, coisas que vão ser necessárias. Bons tempos! Isto devo ser eu a dizer daqui a uns anos, quando começar a ficar preguiçoso, a apagar-me. Espero bem poder ir para o outro mundo a rir-me.

Os grandes textos de teatro parecem máquinas sentimentais, como oásis nos grandes desertos. Arquitecturas profundas e oscilantes. A geometria desenha os sentimentos e o movimento aproxima-nos e afasta-nos.

Tenho passado os dias no teatro e por isso tenho menos tempo para escrever. No entanto, estou sempre a pensar na escrita, no tempo que não tenho, nas palavras vazias. Todas as palavras estão a ser ditas. Eu consigo apenas adiar para outra altura coisas mais literárias. De momento, tenho que pensar em roupas, cenários, materiais, coisas que faltam, pormenores.

De vez em quando venho ao jardim. Hoje o álamo branco lá ao fundo, depois do campo de jogos, está mais calmo. As folhinhas agitam-se. A água que corre nos veios é que faz de vento. Reparei também que os melros andavam silenciosamente a pastor chichinha. Está mais húmido hoje e a noite vai ser fresca.

2

Estava aqui à espera que caísse uma gotinha d'água. Tenho alguma sede. Que isso me baste para passar o dia. Terei que ser breve, leve e ir pensando. Pensar, neste caso, é fazer o que se pode.

3

Estou ocupado por trabalhos e preocupações. Vivo numa espécie de cerco e a liberdade anda lá fora, mesmo ao meu lado. Vou entrar em greve, mas não direi nada a ninguém. É uma greve só comigo e nem sequer faltarei ao trabalho. Questões de metafísica!

Para a Mafalda Santos e para o Leandro Liberalli

Estava há pouco a meditar no terraço. Não sei se isso se chama meditar, mas passavam coisas, lembranças recentes, propósitos e eminências. Fico muito comovido, quando penso nos amigos. Os meus amigos são todos actores. Alguns apenas actores sociais. Cumprem papéis. O actor de teatro é outra coisa. É uma máquina sentimental, a reunião do laboratório, a lei do vento, a "pequenina luz". Queremos chegar ali àquele momento e encontrar no eco da escuta e nas palmas do acolhimento, talvez a pólis, talvez um caminho, talvez um sorriso gratuito, uma volta no corpo, uma roda, o princípio da escrita e da inscrição do fogo no solo sagrado. Fazer teatro é um exercício de resistência, uma respiração destinada a insuflar um pequeno mundo atrevido, com grande capacidade de disseminação. Estou a lembrar-me de Artaud e d' "O Teatro e a Peste".

4

Leio de través um artigo de José Pacheco Pereira sobre a censura. Pelo que percebi, não se trata propriamente de um estudo com pretensões histórico-culturais. O autor fala da censura e dos seus mecanismos aqui e agora. Fico a pensar num caso que conheci recentemente, coisas da terrinha, peguilhices, boas intenções de puristas ou de inviesadas e tortuosas mentes. Passou-se muito perto, tomei conhecimento, mas os censores não admitem erros e o acto censório ficou, como um estigma ou uma nódoa que irradia, corrompe e não pode ser lavada com lixívia ou com benzina.

5

Consigno sobreviver ao calor, com alguma sombra e um pouco de água. No entanto, a realização de tarefas burocráticas, quando elas se me afiguram excessivas e desnecessárias, põe-me a suar, consome uma boa parte da reserva de água e sombra que eu tinha guardado em lugares que considerava sagrados. A papelada electrónica é um perigo. Consume, consume-te, seca, exaure e até pode matar aquele restinho de esperança que convive suavemente com a tranquilidade. Hoje não haverá lugares à sombra nem de noite.

Ah, sim, a opacidade do mundo. Abrimos os olhos, uma primeira cortina para a luz e depois vamos andando e abatemos novas paredes fechadas, muros altos, espessos ou invisíveis. Durante a noite vivíamos numa dimensão diferente e chamamos sonho a esses lagos e às águas onde se move o corpo irresponsável. Éramos felizes ou já estávamos habituados aos horrores deste mundo. Agora levantou-se o mal com diferente aparência e já não sabemos como mudar a vida.

Não vale a pena usar eufemismos. Vivemos momentos de terror, estamos sujeitos a condicionamentos de toda a espécie e os piores serão os desnecessários. Falo do meu caso, claro, nunca me apeteceu falar pelos outros. Terei que passar uma parte desta noite abrasadora de Julho a tentar descortinar no emaranhado dos programas informáticos aquilo que o sistema me pede. Registos, declarações, sei lá eu que mais. Só me apetecia ficar quieto, ou ainda mais do que isso, suspenso, deixando que a noite me embalasse e no íntimo de um acaso estelar, se ouvisse o início de um canto e uma voz se fizesse ouvir também e me dissesse, fica em paz, deixa lá isso.

Ouvi há pouco algumas palavras sofridas de um emigrante português em França a quem o BES levou as poupanças de uma vida não se sabe para onde. Entretanto, os responsáveis agem como facínoras salvos pela legalidade e pelo poder dos escritórios de advogados, bebericando golinhos de "Barca Velha" e "Veuve Cliquot" e "o pobre povo queixoso" lá vai continuando o seu destino, "até que a morte nos separe, senhor", até que a morte nos pendure uma medalha nos ditos coisos e nós lá vamos, desfeitos em cinza ou alimentando os bichos da terra. É claro que o meu caso não é nada à beira

do grande sofrimento do mundo, mas sinto-me contaminado por esse mal, esse desconcerto, esta gargalhada imensa que "sobre nossas cabeças aparece". Ó, velho Mostrengo! Desta vez não será possível "passar além da dor".

6

Vejo o calor a passar, a esmagar o tempo. Algures no fim do mundo chovem relógios derretidos como queijos numa tela de Dali ou num fosso de Camembert em putrefacção. Depois chega um pouco de vento, a náusea esvoaça, regressam os gorjeios, há pequenas selvas e cânticos, penso em fontes conhecidas, tenho os pés na água e isso distrai-me.

7

Costumo andar muito atento, como se recolhesse nos elementos e nas impressões pequenos fragmentos de uma colagem. A colagem seria, no fim de contas, a minha vida. Há pouco, vim a correr da sala de jantar para o escritório, a casa fechada, a luz do corredor fundida e chego aqui. Que mais posso dizer?

Perdeu-se um fragmento da colagem, penso no Verão e na poesia, perder-me no céu claro da noite, no calor que me obriga a respirar devagar e quando menos espero recebo uma mensagem, oiço o mais belo cântico, dizem-me de cor um poema às portas de Tebas.

É aqui, junto à casa de Píndaro, que vou passar esta noite ouvindo no estertor daquele tempo um novo modo, uma palavra que seja, aquilo que há pouco me faltava na escuridão do corredor.

8

Hoje de manhã a caminho do café... Sei que vou meio pensativo, quase em desequilíbrio e acontece olhar para a berma. Vejo lixo, digo para mim

que são cascas de amendoim, imagino uma grande festa durante a noite, bebedeira clandestina, invasão dos vikings, notícias em barda. Ponho o pé no passeio e agora vejo folhinhas secas, coisas do calor e da ventania. Tomo café em paz e fico a ler.

É Artaud que o diz, não é? Os europeus deixaram de saber gritar. Desconhecem a sua voz, não respiram. Ó, chorai pobres arcadas, pobres sonhos, infinita soberba, arrogante ignorância. Suas almôndegas a fingir de vitela! Vinde, vinde experimentar uma cornada barrosá!

9

O teatro é uma brincadeira que só se pode fazer com seriedade.

Primeiro ensaio hoje de manhã com o Almeno Gonçalves, o António Melo e a Cecília Sousa. Estão quase a começar as filmagens para a série da RTP "Vento Norte". Farei o papel de Arcebispo de Braga, nos conturbados anos 20. Acho que vou sofrer um corte de cabelo imarcescível. Ele depois cresce. De resto, azáfama, muitos jovens, frenesim, muita gente, uma alegria.

Precisava tanto de me deixar ir, fechar os olhos de vez em quando, sorrir aos anjinhos como quando era criança, preparar-me para rever os textos dos meus alunos, mas chegou um mail, um aviso disfarçado de ameaça, um alerta desafinado, uma disfarçada sacanice e eu, claro, ando prá aqui agitado, sem poder sequer descansar as dores e o formigueiro do meu braço esquerdo. Francamente! Receber ordens e avisos de quem nada percebe de teatro, de quem não ama o palco é uma injustiça. Seja como for, eu não desisto e dou a vida pelo teatro.

10

Naquele belo jardim... E onde fica esse belo jardim? Na Livraria Centésima Página, claro. Lá estarei nesta sexta-feira, pelas seis da tarde, para

participar na apresentação do romance de Paulo Faria "Gente acenando para alguém que foge". Um belo livro.

Quando tenho muita sede, bebo água e às vezes bebo vinho. Quando bebo vinho, ele faz-me um calor do outro lado da alma, que me põe fresco como um rouxinol. Fico assim a cantar à tardinha, a ver nascer a noite e a olhar o lugar do ponto na sala de teatro. É um buraco escuro, lá mais em baixo viverão ainda os deuses do Hades, Hécate e as suas donzelas deliciosamente perversas, nuas sem alma, espectros de uma ciência clandestina. Absolvo-me à saída olhando a "Divina Comédia". Desconfio que nunca mais saio do inferno. Deixo o paraíso para o outro mundo, nessa altura terei tempo. Agora, meu caro Virgílio, leva-me a esse reino encantado, traz-me a alma dos mortos que eu não tenho medo, só tenho um pouco de sede, só isso.

11

Música de fundo na pastelaria. A doçaria ordenada nos balcões azul bebé. Espaço renovado, com algumas referências à casa antiga, mais ou menos espalhadas. Fala-se do bicharoco, dos negócios e da crise, em tom baixo e tranquilo. A cidade ainda não dormiu os calores de ontem à tarde. A curta distância inclina-se para sul o grande tulipeiro dos Biscainhos. Entro no Palácio, agora transformado numa grande oficina. Muita gente a trabalhar, em geral jovens. O tom baixo mantém-se para fugir ao calor. Reparo no modo tranquilo e elegante, no falar suave e cuidadoso. Tudo muito profissional. Experimento o guarda-roupa, tratam-me delicadamente do cabelo. Chego ao carro com alguns minutos de atraso, mas o fiscal falou-me simpaticamente. Pode ir à vontade e eu vou, bem disposto, atravessando a circular numa espécie de Sábado da Aleluia.

Apetecia-me desalmadamente que as janelas se abrissem e que uma suave e perfumada aragem vinda dos lados de Santo Tirso abrisse as janelas do escritório, agitasse as cortinas e pousasse suavemente ao meu lado um ou dois jesuitas da pastelaria Moura e, já agora, também podia ser um limonete.

Ontem foi quase dia santo. Ensaios, as grandes árvores do Espaço Botânico doutor Manuel de Oliveira Faria trazendo sombras e sorte e depois lá fui, como combinado, participar na apresentação do romance de Paulo Faria. O título nasce de um verso de Fernando Assis Pacheco e isso comove-me. "Gente acenando para alguém que foge".

Estava-se muito bem no Jardim da Casa Rolão, onde se ergue e canta a Livraria Centésima Página. Não éramos muitos, é verdade, mas tudo ia acontecendo no cair da calma. As boas palavras da Ana Cristina, a despreensão do Paulo Faria e os textos que foi lendo... Ouvíamos Borges, de quem tanto gosta e por lá andava o olho mágico do Zé Oliveira tomando conta das imagens e essa voz tão bonita e tão bem respirada da Marta Ramos.

Eu li o romance, quase todo o romance no alto da crise, da minha própria crise, sem contemplações e sem favor. "Gente acenando para alguém que foge" é um livro para se gostar de leitura, para viajar na multidão de vozes e atmosferas, um livro para projectar perguntas e mistérios em algum lugar cavo da experiência. Depois fomos jantar levemente, de modo quase frugal, no Trotas. Boas conversas e boas viagens nos levaram então até à Sé.

12

Com este calor, os deuses procuram a sombra. Encontro Dioniso num poema de Anacreonte, na nova antologia de poesia grega, "de Hesíodo a Teócrito", em mais um belo trabalho de Frederico Lourenço, que dá continuidade a uma antologia anterior.

Depois veio o céu tormentoso, uma invenção de cores... vermelho, rosa, os brancos e cinzentos como novelos e um azul fundo, luminoso, escorregadio. Vê-se o fogo ao longe e sobre nossas cabeças os andorinhões em voltas e círculos rápidos, as gaivotas a planar e uma vespa asiática nervosa, junto à relva.

A tormenta paira até ser noite e deixa cair alguma água. Fico cansado de ver.

Estou fechado em casa. Não sei o que se passa lá fora, que cores se levantam no céu, não sei se a tempestade se prepara para cobrir a cidade ao

fim da tarde. Bebo água para manter os meus olhos húmidos e dedicar-me a ler os trabalhos das minhas alunas. Não me queixo. Elas merecem que tudo lhes corra bem. Foram um exemplo de coragem e tenacidade, um caso grande, quase impossível, de capacidade inventiva, de alegria, um exemplo de ética de actor e disciplina artística.

Devo-lhes a aventura do "Rei UBU", de Jarry e o modo tão intenso e belo como ergueram "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca. Ao longo do mais de quarenta anos de teatro, nunca pensei que iria ter esta prenda. Um pouco mais atrás ficam outras experiências maravilhosas com os meus alunos, Shakespeare, Ionesco, Gil Vicente, Tchekhov...

Apesar de não ser fácil aguentar o formigueiro e a ameaça das dores que me tolgem o braço, sinto-me leve e feliz e logo à noite vou ensaiar. Viva o teatro!

13

O Vale de Lamações, as suas terras húmidas e fundas, as encostas do Bom Jesus e do Sameiro felizes de betão, cantam prédios e arruamentos, pavilhões. No futuro próximo, talvez se possa construir uma espécie de segundo andar e então já se vai poder morar perto das nuvens, acima de Braga.

Uffa! Que sufoco, que caloraça, estou a suar como um boi, que brasa, que chaleur, que abafação, que braseiro e depois chega um intelectual de Braga para resumir a situação. Está um calor do caralho!

14

Passei a manhã em filmagens à sombra dos jardins dos Biscainhos. Que bem se estava! Gente amável e bem disposta, tudo muito profissional. Estive um bom bocado em conversa com o meu amigo Melo e depois subi a charrete com a destreza de um arcebispo e lá fui pregar para outras bandas. O pior foi sair dos Biscainhos pelas duas da tarde, mudado em civil, sob o sol

inclemente da augusta cidade. Aqui e ali benditas sombras refrescavam-me o couro cabeludo, depois havia que atravessar alguns inclementes desertos urbanos. Cheguei à escola são, salvo e suado.

15

Acordo todo partido, da cabeça aos pés, longamente dormido. Ando às voltas em casa, meio atolambado. A primeira coisa que fiz foi comer uma laranja. Sinto o calor a pairar lá fora e ainda me sento um pouco a ouvir as notícias. Desgraça, medo, pobreza, dislates sem medida chegados das Américas.

O telemóvel diz-me que andei mais de 10000 passos e por isso devo estar com alguma forma física. O coração, esse, anda "comovido a oeste" e em todas as direcções. Ainda falta algum tempo para entrar de férias escolares, mas já me sinto a voar e se calhar a descobrir países, lugares, silêncios ou quase nada. Quero estar só com esta alegria dos amigos.

Quando consegui estacionar o meu carro, ontem à noite, já era tarde. Atravessei os silêncios do bairro vagarosamente, sentia muita água nos olhos e um grande abraço da noite que me envolvia. Foi um dia bonito durante as filmagens de manhã e ao fim da tarde, foi um dia maravilhoso durante os ensaios com as jovens actrizes e depois o ensaio geral foi forte, assumido, rigoroso, comovente.

Não me atrevo a pensar no calor que vou apanhar pelas três da tarde, quando tiver que sair. Temos que arrumar tudo, porque amanhã são as provas públicas de aptidão profissional das minhas alunas de teatro. Amanhã estarei solenemente atento e disponível para que tudo corra bem e as cerimónias se realizem dentro do que é costume acontecer. Por agora, "juntamente choro e rio" e vou tentar levantar-me, tomar mais um café, deixar correr a água sobre a minha cabeça ainda um pouco em delírio e pôr-me a caminho. Vamos arrumar tudo num instantinho, falar um bocadinho e, se calhar, vou fazer uma açordinha para logo à noite, ao jantar.

Calor! Sento-me e tudo me faz pensar em calor, focos de calor, a vizinha a fumar, lá no alto, mais em frente pequenos arrotos e eflúvios do jantar

aquecem o ar, o cão dos vizinhos esparramado não tuge nem muge, ladra agora, anda! Não ladra, não pode, os morcegos já se puseram de pernas para o ar desde que isto começou. No seu género, não deixa de ser uma espécie de confinamento. Amanhã é que vai ser. Começamos logo a fazer teatro às nove da manhã. Pelas sete preparamos o aquecimento refrescante, criar a onda, aquela coisa que depois nos aparece na boca do estômago e vai subindo até ao coração do mundo. Faremos o último espectáculo às três da tarde, fresquinhos da vontade.

16

O vento leve e fresco, o bulir das folhas... Parecem águas secas. Vem agora uma luz grande a subir o Sameiro. Calor.

Para a Helena Carneiro

Para as jovens atrizes do grupo 8 e 80

Para os amigos actores do PIF'H e da Malad'ArTe

Prefiro falar a quente, a sair do forno, digamos assim, e não hão-de ser estes dois copinhos de vinho branco que me refastelaram a alma que me hão-de provocar qualquer espécie de transtorno ou de gota fria metida no coração. Passei o dia a acompanhar as provas de Aptidão Profissional das minhas alunas, as excelentes atrizes do grupo 8 e 80. Muito trabalho, muito rigor, amor pelo teatro, ética de actor e disciplina artística. Eu acho-as um grupo espantoso, uma raridade de força e determinação, de coragem e discernimento.

Ao longo destes três anos senti sempre cumplicidade, consideração e carinho. Digo o mesmo dos pais das alunas. Gente boa, gente grande. Sinto-me muito feliz por tudo e, se calhar, pelo que há-de vir, porque é de prever que o teatro continue e que algumas ou todas se dediquem a esta arte extraordinária. Importa-me pouco o arrivismo, a petulância e a inveja de todos quantos gostariam de nos ver enterrados, almas mortas atiradas a um fosso, como o pobre Svietlovidov olhando amargurado a escuridão sem fim da caixa de ponto, espécie de epílogo do que antes fora luz e alegria.

Devo muito às jovens actrizes finalistas, devo muito aos actores do PIF'H e da Malad'ArTe, devo muito aos amigos e hoje estou muito feliz. Bebo agora esta golinho à saúde de todos. Amanhã há mais, pelas três da tarde, sob a inclemência dos quarenta graus que vamos sentir no nosso Auditório. A gente resiste, a gente luta e o nosso "teatro pobre" enche-nos a alma, alimenta-nos e acende a luz na noite escura.

Não parto do princípio que seja uma personagem de Braga, uma idiossincrasia, a manifestação de um fenómeno local, mas em Braga existe com abundância. É um gajo ou uma gaja chamados "marca caralho". Attention, ah!?! O marca caralho é fodido.

17

Gosto de falar do dia e isso faz-me andar atento. Procuo o meu carro no calor do princípio da tarde, ah, está ali, e a memória ilumina-se, parece que estou a ver.

Ontem ao fim da tarde, ainda tive que fazer algumas manobras, mas lá consegui encostar a viatura em segurança. Reparei que havia um fumaréu atrás do Bom Jesus, o céu enegrecido, vento norte, os dias são muito variados. Reparo por exemplo que as unhas das mãos me crescem rapidamente. Felizmente trago sempre comigo a arma secreta e às vezes páro a uma sombra, tric, tric, tric, e a mão fica mais maneirinha nem parece minha. Dores de calos nem falemos! Tenho um no pé direito que parece um daqueles figurões pré-olimpianos.

Se tenho visões? Tenho, tenho, vejo as gentes e às vezes páro na rua a olhar, como se um corpo em movimento me trouxesse a antiguidade clássica. Outras vezes vivo perto de bafos de enxofre, com gente e espinhar a alma, mas eu tenho poderes de exorcista e mando-os passear no inferno com "peidos dos infernais cús". Anjos?! Ó, sim, adoro anjos e não desgosto de ventoinhas ao longe e dos grandes moinhos que levam a memória e a fábula a atravessar as terras ardentes.

Hoje à tarde estarei sentado numa cadeira a ouvir pronunciar discursos e inquirições. Abafa-se e eu levanto-me para ir ao frigorífico em

busca de água fria, a pensar talvez na alegria dos pinguins e em nós, pobres humanos separados do inferno por um telhado. Agora vou comer uma laranja e depois uma batatinha cozida com azeite e meio bife. Chega-me para aguentar até tarde, muito tarde. Nessa altura, quando chegar a casa, vou abrir as janelas e sentar-me no terraço a olhar o pequeno recorte de céu que me cabe em sorte.

18

Há pessoas com que me confronto pelo facto de não vermos o teatro da mesma maneira. Um de nós é cego. Pode acontecer também que a pessoa em causa se assuma e ganhe por momentos a aragem de um verso de Cesário Verde que ainda pudesse elogiar as rainhas. Eu fico na minha. Tenho a minha maneira de ver. Aliás, acabo de resolver que vou começar a estudar. Vou fazer talvez um pós-doutoramento sobre a cagança.

Às Actrizes

Eiah! Acabaram as PAP. Que bom que foi. Pude conviver com a criação de quatro espectáculos, um encanto ensaiado entre 27 de Junho e 16 de Julho. Foi quando tivemos o Auditório Sebastião Alba disponível. Valeu! Experiência para a vida, minhas amigas. Tenho impressão, no entanto, que a natureza das instituições e da papelada, como diz Martório, não é capaz de entender que, para nós, houve quatro meses de confinamento teatral e que, pouco antes, fizéramos oito espectáculos com "A Casa de Bernarda Alba", de Federico García Lorca. Podem crer, caras actrizes, que estão de parabéns. Não liguem aos que vos ignoram e hostilizam. É dor de corno, daquele corno assado, que é o pior.

Estão terminadas as PAP para as oito e para mim, que fique claro. Haverá, com certeza, boa gente no teatro que possa continuar o trabalho. Para o ano, nada terei a ver com isso. É uma impossibilidade que se instalou no meu corpo e isso é irrevogável. Não poderia ser forçado, porque isso me conduziria a um processo psiquiátrico complexo e dramático. Tenho outras coisas para fazer, mais leves ou aladas e adequadas à minha propecta idade.

Ah, sim, aquele momento edificante que aconteceu depois. Felizmente já tinham terminado as provas. Isso dava uma bela tragicomédia.

O grilo calou-se pelas sete e meia da manhã. Vem aí o calor. E o bichinho desceu à toca e foi descansar. Mais vale perder o pio do que ficar nestes eirados a assar.

Estás como um carro! Não estou nada. Estou comó ácel, mas nem por isso. É só esta misturinha de emoção, calor e vinho branco. Hoje de manhã visito a minha mãe. Às vezes gosto de lhe levar uns bifinhos tenros para ela comer à noite. Uma sopinha, o bifinho no pão e está feito. Entretanto chega a minha irmã Cristina com uma ventoinha e depois vem o meu irmão Paulo com tomates, alfaces e pepinos e a queridíssima sobrinha Joana, já senhora e menina enfermeira e as visitas continuam pois há-de chegar o meu primo Jorge, da Lage, mais a mulher e o filho, trazem batatas, tomates daqueles que cheiram a coração e ficamos assim reunidos, em ambiente quase pastoril, cheguei a pensar numa écloga de Bernardim, uma frescura na tormenta do calor, boas conversas, muito ânimo e a minha mãe muito feliz nas suas preocupações, vou dar uns tomatinhos ao Pedro e eu fico a ouvi-la, como se estivesse a contar a sua vida, pobre e difícil, mas sempre a pensar nos outros. Eu sou uma pessoa de dar, gosto de dar, meu filho. Fico muito comovido no coração da minha história. A minha mãe sempre partilhou o pouco que tinha. Oxalá eu possa ser um bocadinho como ela.

Para a Mafalda, a Marisa, a Marina, o Leandro, o Pélé, o Polonah, a Daniela, a Mariana, a Cristina, a Cláudia, o Joshua, o Arthem e todos os outros

Se tenho papas na língua? Não, não tenho e não tenho medo de falar. Conheço, no entanto, os códigos e sei comportar-me conforme as situações, mas não suporto a mentira e a mesquinhez, a vileza das almas pequenas, o sórdido rastejar das almas vis e dos lambe-botas. Gosto da frontalidade, do ambiente arejado, das atmosferas festivas e criativas, gosto de um abraço, de uma palavra dita olhos nos olhos, gosto da franqueza e então lembro-me daquela turma de teatro.

Foi há uns anos. Eram muitos, terríveis, indomáveis, correram com professores, trouxeram a inspecção, desobedeceram, falaram alto, uniram-se quando foi preciso e foram sempre actores indomáveis, rigorosos, criativos, alegres, surpreendentes. Tentaram fazer deles feras, subproduto da sociedade, lúmpen e escarro, tentaram domá-los como se faz aos pobres animais no circo, mas foram eles que venceram. Hoje são quase todos actores ou músicos, gente interessante que luta pela vida.

Fiz convosco no terceiro ano um espectáculo inesquecível, "O Futuro está nos ovos", de Ionesco. Foi uma proposta de João Mota, na altura director do teatro nacional D. Maria II e no primeiro ano fizemos uma loucura em volta do "Terceiro Sonho". Não esqueço o espanto do vosso Shakespeare com a professora Helena Carneiro. Vocês eram os malditos, os indomáveis, os malcriados, o escarro, mas para mim vocês eram a vida e o seu encanto.

Nunca mais esquecerei que, apesar da grande perturbação escolar que a vossa existência no mundo suscitava, fomos uma bela tarde assistir a um ensaio no teatro nacional D. Maria II. Era uma encenação de João Mota, um dos meus inspiradores na arte do teatro. No fim do ensaio o João Mota veio dizer-nos que era muito raro ver uma turma de alunos tão jovens portar-se tão bem num ensaio. Nessa altura perguntei-lhe por uma peça para fazermos e o João Mota disse, "O Futuro está nos Ovos", de Ionesco e nós fizemos. Uma grande perturbação criativa, um ritmo alucinante, um estar em palco com uma energia indomável, um rigor de geometria convulsa.

Prefiro não falar da última versão que vi do mesmo texto, há um mês atrás ou coisa que o valha, porque foi uma vergonha. Coisa para esquecer. É assim a vida. Há coisas para esquecer e coisas para lembrar.

Hoje é que estava calor, santo Deus. Daquele pastoso e achapado, que não nos deixa sair dali. Ó, se fosse um calorzinho excitante e levantadiço! Estacionei logo acima das antigas cavaliças, quase a tocar o ângulo do Centro de Saúde, com vista para o dedo do Imperador Augusto, o qual se limita a estar ali, mas a verdade é que no tempo dele não era nada disto.

Nas Carvalheiras está-se bem. Na verdade o que temos é plátanos, um ou outro em mau estado, mas ali anda-se à vontade. Bom, já começo a ver os Biscainhos e o alto tulipeiro da Virgínia. Ao longe, a linha dos montes. Do lado de cá há-de ser Vila Verde e além a Barca.

Para o Almeno Gonçalves

Comecei a descobrir o teatro há mais de quarenta anos. Nessa altura havia sobretudo os amigos, o Almeno, o Camilo, o Paulo, o Ruco, o Feio, a Isabel, a Sissi, os meus irmãos Pedro e Paulo, o João Macieira, o Carvalhinho quando estava para aí virado e outros... O Bigas, por exemplo, e o Zé Gonçalves que já na altura nos achava alguma gracinha. É verdade! Havia muitos amigos e muita loucura, vontade não faltava e surgiram aquelas instalações muito razoáveis da Casa Municipal de Cultura, que nos ofereciam um palquinho para ensaiarmos e fazermos espectáculos. Depois a sala desapareceu por decisão administrativa ou política, nunca se percebeu muito bem.

A nossa vida no teatro era uma aventura quase permanente. Fomos recolhendo com grande esforço algum material. Construámos uma teia amovível, um conjunto complexo de ferros e panos que nos permitia armar a tenda ou inventar um teatro em qualquer lugar. E assim foi. Corremos o concelho, andamos pelo distrito, representámos em lugares que nem o diabo conhecia, às vezes sem um tostão, com a barriga a dar horas, mas sempre cheios de força.

Nos anos 80 criámos um grupo dedicado à descentralização, o TIP (Teatro Independente Pronto), embora já tivéssemos passado pelo meio universitário com a fundação do TUBRA em 1979. Eu e o Almeno somos amigos desde então, pelo menos desde 1976 ou 1977 e sempre nos uniu uma loucura e uma alegria sem títulos, mas a favor do teatro e da reunião, a favor da alegria e da cooperação.

Passaram alguns anos e o Almeno foi para Lisboa e eu para França, pouco depois. O meu amigo tinha conseguido entrar no Curso de Formação de actores da Comuna e eu era um visitante regular. Chamavam-me amigo, eu comia à mesa com os actores, fui de certo modo adoptado. Visitei inúmeras vezes a Comuna, era o meu lugar de inspiração, admirava um certo mistério e circunspecção em volta da figura do João Mota, mas ele era para mim uma fonte de inspiração. Quando fui para França, em 1987, levava comigo ideias, indicações, moradas e uma grande vontade de aprender.

Devo muito ao Almeno. Ontem e hoje. É claro que esta história deveria ser contada com todos os pormenores, porque foram inúmeras as situações

interessantes, os casos extraordinários. O Almeno corria o risco, salvo seja, de se tornar um lisboeta, um daqueles rapazinhos chegados da província e destinado a fazer sucesso na capital. A verdade, no entanto, é que a vida não foi assim. O Almeno, a partir de agora vou tratá-lo por Meno, nunca esqueceu os amigos, os cheiros e cantos de Braga, as aventuras vividas numa primeira juventude em época de revolução.

O tempo passou e eis-nos chegados ao ano de 2020. O Meno não sabe estar quieto, parece animado por convulsões de energia que o fazem dar a volta ao mundo e em boa hora "inventou" com outros amigos esta aventura que está agora a acontecer em Braga. Uma série para a RTP intitulada "Vento Norte", cujas filmagens já começaram nos Jardins e Palácio dos Biscainhos e que hão-de continuar noutros espaços da cidade durante os meses de Agosto e Setembro. O Meno chegou a Braga e reuniu a cidade à volta dele. Não apareceu de chofre, como se viesse descido de uma sacrossanta instância do Estado. Veio sozinho, procurou os muitos amigos, abriu as portas da cidade e as filmagens começaram, depois de inúmeras dificuldades, stress e perturbações.

Trouxe com ele gente boa de Lisboa, grandes actores, o queridíssimo António Melo, a Cecília Sousa, a Mité, a Natália Luíza, mas não se esqueceu dos amigos e dos velhos actores de Braga. Os velhos e os novos. É uma alegria ver tanta gente a trabalhar e eu fico muito agradecido e comovido, porque o meu amigo continua a ser o mesmo de sempre, um pouco mais velhote, é natural, mas cheio de ânimo, espalhando alegria e esperança, partilhando as suas preocupações.

Quando entro no Palácio dos Biscainhos e vejo aquela gente toda, tantos actores de Braga, o Feio, o Paulo, o Diamantino, oriundos de diversos grupos e formações, quando vejo tantos jovens actores formados no Curso da ESAS, o Tiago e a Catarina espalhando luz e beleza, quando me vejo a mim próprio no papel de Arcebispo de Braga, fico agradecido e comovido também. Afinal, a nossa juventude valeu a pena e já havia na altura uma luzinha, um sinal, uma estrelinha, sei lá, que nos reúne agora neste projecto complexo chamado "Vento Norte", uma série da RTP que evoca os anos perturbados da 1ª república e as atmosferas de uma casa senhorial atravessada pelos ventos da tragédia e dos canhões da 1ª Guerra, pela morte avassaladora provocada pela gripe espanhola, pela crise da república e pela ascensão do movimento que viria dar origem ao 28 de Maio de 1926.

Obrigado, meu caro amigo. Falo por mim e falo por muitos, de certeza. Agora que podias andar a pastar os teus sessenta anos à sombra dos luxos e dos prémios, das medalhas e da cagança, resolveste regressar a casa, abraçar os amigos, reunir um grande coração universal aqui, nesta terrinha onde sopram calores infernais, dificuldades sem conta, mas onde nasce também "um não sei quê" que nos mantém unidos há tantos anos. Bem hajás! Saudinha da boa e bons ventos te desejo.

20

Vim molhar os olhos à Póvoa. Pouco depois de Barcelos, a barra cinzenta levanta-se e vejo um silêncio desse lado, os pequenos barcos invisíveis, a minha sereia na praia deserta. Ao fim da manhã o nevoeiro dissolve-se nos campos de milho, os legumes estremecem, um pequeno viço quase rasteiro e depois estas águas milagrosas encontram o monte da Franqueira. Às vezes chegam reforços com a noite e os ares nevoentos seguem para Braga. Chega com eles um ventinho leve de janelas a abrir e casas a arejar. O grilo canta e talvez esvoacem os pequenos morcegos. Ultimamente não tenho visto a grande coruja que sobrevoava o meu terraço em direcção às quintas arruinadas no sopé do Sameiro. Cresceram as casas e os pavilhões.

Fui falar um bocadinho com o Camões. Apanhei-o cansado, a acabar de subir um conto de Jorge de Sena. Tinha chegado ao último patamar, faltavam escadas e mais uns passos para se ouvir falar em Português, versos profundos e altos, um toque suavíssimo em algumas vogais e a música partindo-se. Deixei voar o coração que me saltava no peito e disse-lhe vai e volta e ele foi e eu fiquei a olhar a mão descarnada, o papel grosso e a pena. A janela abria-se, o coração respirava o ar fresco, um pouco mais sábio, cheio de penas e um modo suave de se sentar à mesa. As águas começaram a correr e os meus olhos andaram sentindo a obscuridade e veio a luz e eu fiquei ali, meio perdido ou ausente, como um cego ou apenas um pobre e ouvia a pena e os versos e o nosso pão de cada dia.

21

Sento-me um pouco no Largo de São Paulo. Tomo café e levanto a cabeça aos andorinhões. A passarada anda ao mosquito, enquanto resiste uma certa humidade no ar. Prepara-se a canícula. Vai ser uma tarde pesada, com gases e pó, enquanto me preparo para ir espalhando um robusto saco do Continente preche de papelada que se destina a pastas e a cacifos. A porta de São Tiago continua aberta, enquanto outras se fecham. Da escola não falarei mais. Vou fazer de conta que não existi. A ver se tenho um pouco mais de qualidade de vida.

Hoje tenho sentido muito calor. Desde manhã cedo que é assim. Caminhei pesadamente pelas ruas do Centro, como um Sísifo das planícies, com ar esbodegado, deixando rolar as pedras, que escancaravam goelas vulcânicas. Olhava para as coisas pesadamente e sentia-me empastelado, como se tudo quisesse dizer calor e me borrifasse os poros com línguas de fogo.

Quando entrei na Biblioteca Lúcio Craveiro esqueci-me e fiquei subitamente bem disposto, quase fresco. Estive mais de uma hora sentado na secção infantil e não pensei uma única vez em calor. As Bibliotecas são barcos à vela, prateleiras que se agitam como brisas e depois uma leveza em ascensão, os pés a andar sobre as águas como o Senhor dos milagres.

Quando me vim embora, senti outra vez o peso de mil anos, fogueiras, ferro incandescente, o coração em torresmos. Agora estou na minha pequena "toca" e o mesmo silêncio, o ar lavado da literatura de viagens, a pele lisa e fresca como um lençol.

Gosto muito de escrever pela página abaixo, como se estivesse a ir, talvez a navegar. Desta feita, vamos um pouco a sul do rio Sado. Passámos as Terras do Pó e a ilustre serra da Arrábida. O nosso propósito é ir a Porto Covo, depois de Sines. Deve estar lá aquela luz de rodapé azul e amarelo, mas eu preciso de ver a Ilha do Pessegueiro. Fiquei a saber que a terrinha foi sendo habitada desde os Cartagineses e outros se seguiram e também houve alguma indústria ligada à pesca, a construção de uma fortaleza para a guerra, a história de um Ermitão, que se dedicava a velar o templo e que foi assaltado e assassinado por corsários, creio, mas no meio daquele incêndio apareceu,

incólume e luminosa, a estatueta da Senhora. Ficou a ser *Nossa Senhora da Queimada*. Entretanto vou ter que me pôr à sombra a decorar o papel para as filmagens e a ler a Eneida.

22

Não sei de onde vem este cansaço. Acho que ainda sou capaz de pensar e de esboçar duas ou três frases seguidas, mas este peso, esta lentidão de arrastar os pés, este mexer-me sem convicção, o grito que não sai. Vou ter mesmo que ir ver o mar, deixar-me tomar por águas vivas do Atlântico e esperar um pouco pela nortada. Suponho que me deram veneno. Foram anos e anos a suportar papas de fel, olhares transviados, peçonha, provavelmente. Já comecei o tratamento, no entanto. Tinto e literatura e, de resto, poucas palavras e pouquíssima confiança. Decidi, aliás, passar à clandestinidade. Para não dar nas vistas, vou passar a andar a cavalo.

Estava um burrico com albarda junto a um cancelo. Eu ia muito devagar e ele resolveu seguir-me. Veio um corvo, que logo aproveitou o assento e bem se via que por onde passávamos a terra mexia e remexia. Olha um coelhito e daquele pinheiro alto desce um esquilo. Do céu aproximavam-se agora pequenas aves e um cão manso e galhofeiro corria ladrando, abanava o rabo e apontava o focinho ao horizonte. Eu levava comigo um livro grosso e pesado que se chamava "As aventuras do Ingenioso Hidalgo Dom Quijote de La Mancha". Sentei-me a ler, o cãozito a correr pelos pássaros, os esquilos à cata de frutos secos e o burro sempre à minha beira, muito quieto e calado, sacudindo a cauda às moscas e o corvo volteava e descia planando um pouco, como se desejasse ser uma folha de papel. Tínhamos atravessado uma boa parte do caminho e o monte alteava sobre a direita. Em frente e mais à esquerda, eu vi a luz a brilhar nas águas de um grande rio. É aqui que eu quero viver, pensei e nessa altura senti que os animais se sentavam à minha volta, como se eu fosse ler-lhes aquela grande história que pousava no meu colo.

23

Começo a sentir um certo alívio e já sei porquê. O que mais me importa, neste momento, é o bem-estar dos meus alunos. O sossego está a chegar e uma renovada alegria, talvez, depois de tempos tão ásperos. Terei ainda muito que fazer durante o mês de Agosto. Continuar as filmagens do "Vento Norte" e para isso é preciso decorar o texto e estudar alguns assuntos. Entretanto, espero deliciar-me a escrever uma pecinha para dois muito queridos actores, a Mafalda Santos e o Leandro Liberalli. Eu bem te dizia, Tiago, que a partir de certa altura ia poder colaborar e trabalhar um pouco mais com a Malad'ArTe. Que sorte que eu tenho! O PIF'H regressará em Setembro, cheio de força com os seus "Piratas de Bacalhau" e talvez com uma nova aventura da "Família Américo" em tempos de pandemia.

Sinto que a coisa não está bem. Corro sérios riscos. Não há ninguém por perto, não tem sentido pedir ajuda, que hei-de fazer? Sinto os olhos à procura, só os olhos se movem. Ensaio um primeiro passo e depois outro, talvez consiga. Sei lá! Tenho muitas dúvidas. Algum dia há-se ser o último. Mais um passito e outro, apoio-me, oiço uma coisa ao fundo, para lá dos canos, na escuridão. Se não for agora, talvez nunca mais. Entro na banheira e deixo cair a água quase fria. Sinto-me a renascer, um grito metafísico sacode-me a alma, a memória do nascimento, talvez uma espécie de baptismo. Estou salvo.

24

Hoje ao começar a acordar, naquela fase da vigília que se prepara para nos lançar ao mundo, via-me a cantar a "Grândola" com um grande grupo de amigos. Felizmente já tínhamos chegado "à sombra de uma azinheira..."

Como não tive oportunidade de ir ao cinema na altura, comprei hoje o filme que saiu com o *Público*, "J'accuse". Pelo que fui lendo, "L'affaire Dreyfus" é contado num belo filme de Polanski e o assunto interessa-me. Finalmente tem início um episódio na minha vida mais livre e deleitoso. Parece que recuperei "da Lusitânia a antiga liberdade".

Às vezes saio de casa em direcção à Tabacaria, com a esperança de um grande acontecimento. Era bom se ao dobrar da esquina eu me apercebesse de um caso ou de um ajuntamento, coisa nobre ou manifestação, mas normalmente não acontece nada. Eu é que sou um optimista e me ponho a imaginar ou a ver coisas mágicas e inefáveis na vizinhança.

Hoje foi uma manhã particularmente pobre. Apesar da aragem e da frescura que persistia sobre a multidão de liquidambares, não me apercebi de nada que me comovesse. A única coisa boa foi ter encontrado o Luís Cunha, com aquele seu discurso muito afinado com as palavras e o sorriso que me dirige e o Luís lá foi.

No banco, onde precisava de levantar algum dinheiro, reinava um ambiente pré-revolucionário. Quatro mascarados reunidos, lançando sortes e arreganhando a máscara a uma pobre senhora que se atrapalhava com os poderes da máquina. O modo como os panos se entranhavam na boca deixavam-me adivinhar próteses descoladas. Esforcei-me por calar a minha curiosidade e pus-me a olhar para o lado do bicharoco.

Dois ou três pesados cinquentões, batiam rijamente nos pernis do Tourigalo e havia grupos de senhoras que se acantonavam à porta da tabacaria falando dele e dela, coscuvilhando até ao tutano ou até à boca do inferno, que é o lugar onde as santas palavras se transformam em dejectos. Isto não é para mim, pensei e lá fui apanhar o meu carro e comprar o pãozinho integral para levar à minha mãe. Aproveitei para escrever à mão o "Pai Nosso", copiando as palavras de um velho livro de orações que ela guarda como relíquia. Amanhã, nas filmagens, posso precisar. A versão popular da oração, digamos assim, diverge um pouco do texto que vem inscrito no Evangelho de São Mateus.

Ainda tive tempo de ir ao Chave D'Ouro beber uma aguinha das Pedras, mas por todo o lado se sente uma grande tristeza, uma coisa deslaçada, uma esperança que vegeta entre comentários repetidos, alguma impaciência e um medo que parece vir soprado aos repelões de um mundo desconhecido e perigoso. Está na altura de recolher. Dedicarei a tarde a acabar de decorar o meu papel para amanhã.

Afinal vou filmar um bocado mais tarde. Se estiver bem disposto, vou passar na Livraria e depois talvez me ponha a perscrutar os ares em busca da Feira do Livro Virtual. Infelizmente é muito longe, conheço mal o caminho,

não me dou com aquilo. Não posso dizer que seja um viciado em feiras; aliás, não é um acontecimento fundamental na minha vida, mas gosto de lá passar, encontrar pessoas, ver livros e cheirá-los. Atmosferas... Nos alfarrabistas sentem-me os taninos em alto estado de desenvoltura.

25

Hoje pôs-se um calor de andorinhas. Anda lá no alto. Pode ser que o pesadume destas aragens insalubres tenha viajado para outras paragens.

Continuam a morrer árvores em Braga. Derrubadas, extirpadas e algumas já muito antigas. É como se profanassem a memória e lhe roubassem água, seiva, lenho, flor, a sombra.

Estou junto à Fonte do Pelicano. Sombra e um vento leveirinho sob os carvalhos. Passam alguns ruídos, é o mundo, mas é a água que fica e os anjos de pedra, talvez cantando.

26

Dou uma voltinha a pé na manhã de Domingo. Atravesso o bairro até ao pontão sobre o chamado rio Este, agora em forma de placa giratória, com bancos e mesas para se observar as águas que passam ou para recuperar do susto. Sobre a margem esquerda um belo salgueiro chorão, com suas ramagens caídas até ao chão. Lá ao fundo, em pleno parque, uma espécie de Tarzan local faz movimentos e rotações, erguendo suavemente o pezinho e alçando o tronco nu. Fixa algum ponto no horizonte, talvez o tropel de centenas de virgens que correm em desespero para lhe admirar a armadura e ele inspira e expira o cabedal.

Sigo pela margem direita da via rápida em direcção ao Braga Parque. Junto ao passadiço, lá estão ainda as cinco frondosas tílias, muito cerradas e encostadas. Na passagem, uma sombra única, uma frescura com corpo e

alma e logo a seguir o motivo que mais me tocou neste pequeno périplo. Uma oliveirinha em frente à capela de São Vítor-o-Velho.

Ontem fui com muita antecedência para as filmagens. Gosto de andar sozinho pelas ruas e como o tempo era muito, sentei-me um pouco no Vianna, sob as Arcadas. Parece que estou a ver o velho alfarrabista, encostado à última coluna, entre a tabacaria e a sapataria. Era um tipo pequenino, de voz rouca e um pouco corcunda. Às vezes encontrava no seu pequeno escaparate em estilo bouquiniste alguma raridade. Depois fui passando pelo tempo e lembrei-me que também andou sob estas abóbadas o grande Camilo, quando de visita a Braga para tratar de algum assunto da sua vida ou do seu mester. E lá fui indo. Tive tempo para me arranjar, para respirar, para me preparar, enfim.

Era uma cena no salão. Breve conversa do Arcebispo com o dono da casa, o amigo Dom Mello. A empregada introduziu-me no salão e ainda nos veio aconchegar com chá e bolinhos. Além do prazer de voltar a contracenar com o Almeno Gonçalves, soube-me muito bem aquele momento e aquela passagem, quase uma nuvem, da actriz Margarida Carpinteiro.

Vou ter uma reunião às 10. *Olham'queste caralho!* Isto era um gajo de Braga a falar, mais ou menos malcriado. Mas é que nem pensem que eu vou passar a vida a mudar de língua. Era o que mais faltava.

27

Em busca de assunto para um congresso especializado em urbanismo... O patético da aparência e o declínio da autenticidade ou Braga no seu melhor.

Não, não consigo pensar. Pensar em quê? Hoje não me apetece. Estive toda a manhã em reunião, mas já esqueci. Não tem interesse. Fui ver onde cortaram as árvores. Já sabia, fiquei apenas com a imagem dos cepos e o sol à vontade sobre um grande casarão que deve ter ar condicionado. Lá atrás, para os lados de Adaúfe, levanta-se o incêndio.

Coisas boas do dia, ter encontrado à tarde a Mafalda e o Leandro, breve conversa e sigo para casa. Estou triste? Talvez. Às vezes nem sei porque me chamo Braga, mas que importância é que isso tem? É o que é. Chamo-me assim, tenho um a, um e e um i e isso soa-me bem.

Tudo o que me apetece, é agora impossível. Ir a caminho de um sítio qualquer, uma aventura num lugar necessário, um breve momento numa biblioteca antiga e quase desconhecida ou então deixar-me estar quieto, perdido nestes curtos horizontes, à espera que a noite me deixe esquecer o horror e a maldade. Vou demorar alguns meses a recompor-me, mas não sei bem de quê. Por estranho que pareça a minha vida é boa, não me falta nada, mas há muito lodo nas ruas e a gente bruta envenena os ares e este calor insiste, afunda.

Ontem à noite senti-me a desaparecer num pequeno livro de Borges chamado "Atlas". Uma maravilha que me fez dormir sossegado, mas depois fui acordando. Ainda era noite e mais tarde a noite continuava, depois vi o dia a nascer, alguns pardais, a água fresca da manhã e um pouco de pão, o café. Eu devo ser muito feliz, mas não sinto nada disso. Sinto lágrimas e pesar desde Camões e agora não tenho a mesma resistência. Um dia destes vou acordar como se estivesse em outro mundo...

Vejo-me a comer *jesuítas* com o Vasco da Primorosa e a beber uns fininhos na Queijaria, a fazer teatro quase impossível com os meus velhos amigos da rua, a inventar a floresta encantada com a Malad'arte e os Piratas com o PIF'H. Daqui a pouco vou jantar com os meus alunos de teatro. Já acabaram o Curso há uns anos, mas vivemos uma grande aventura. Isso anima-me um pouco e depois amanhã devo regressar à escola e pensar em dossiês que ninguém vai ler, mas eu vou lá pôr tudo direitinho e depois já sei que só me apetece dormir.

Isto passa, meu caro. Vais ver que passa. Vais ser feliz, quando menos pensares. Preciso agora de passar ao lado deste distúrbio, deste cansaço e esquecer-me do pesadelo do funcionário.

Para o Adolfo Cesário

Vou levantar voo um bocadinho lá no ar onde tudo é leve. Fecho os olhos e fico deitado sobre os sonhos e sobre nuvens. Toco as coisas e elas desaparecem, brincando umas com as outras, como se fossem fontes. Vou assim deitar-me nesse lugar sem peso e de um dos meus olhos deixo cair um pouco de água e do outro ponho-me à escuta. A música vai chegando, vem com ela a memória e o poema.

Lembrei-me há pouco, num acaso das minhas cogitações, de uma expressão bastante vulgarizada em Braga e seu termo. É uma daquelas frases que pode dizer muito ou pouco e que se desdobra em significados jocosos, acintosos ou simplesmente gramaticais. Refiro-me ao velho dito "os tomates do padre Ambrósio", os quais muitas vezes aparecem como pertença do padre Inácio.

Quando tiver tempo e disposição, vou tentar dedicar-me a elencar um conjunto de personagens sacanóides que habitam o chamado meio teatral. Estou à vontade, pois trabalho no teatro com gente boa, o que me tem permitido observar e conhecer, às vezes, esses tipos e tipas que constituem uma das faunas mais curiosas e perniciosas da criação.

Para abrir as hostilidades e não deixar a coisa demasiado no limbo trago hoje o exemplo do cagão. Em sentido literal, o cagão é realmente o tipo medroso, o que o obriga por vezes a ser merdoso; tem medo de si próprio, do improvisado, do desconhecido, do corpo, do toque e do choque, do arrojo e procura por isso uma certa mediania mais ou menos disfarçada de competência. Depois temos o cagão florido, o chamado armante, o corno enfeitado, o gajo que se peida sonhando que vomita água de rosas. Normalmente o cagão sonha-se um arrebatador, um sedutor das massas, um especialista em postas de pescada, mas não vale nada.

29

Ontem à noite falávamos do "cagão", essa "beleza de hortalice", que anima os nossos teatros. Hoje, na manhã quente de Julho, lembramos o "cabotino". Os figurões apresentam semelhanças entre si, mas este é mais reles e sombrio. É fraco na arte, preguiçoso no empenho e reles na postura. Anda por ali a arreganhar a dentuça com a sua alma de porão. Além de medíocre e fingido, é um dos grandes responsáveis do teatro-seca. O cabotino vai esgrimindo a impotência, mas vai adoecendo da esperança por via do caruncho que lhe anima a inércia.

Oiço, na voz de Dmitri Hvorostovski, "Hills of Manchúria". Fico muito comovido e esta água que nasce deve ser um primeiro sinal. Estou curado ou bem melhor, pelo menos. Eu sinto um bocadinho a alma eslava, não sei o que é, um tropel de cavalos, a longa estepe ondulando, o vento alto nas florestas, esta voz da funda terra, este cântico destinado ao silêncio dos heróis.

Mais uma vez tenho a sorte de visitar as fotografias do Marcelo Marques. Desta vez o Marcelo teve a bondade de fotografar o ensaio geral das nossas provas de aptidão profissional, as chamadas PAP. Estão tão bem as fotografias, é um miminho tão bom tê-las connosco depois destas quase três semanas de loucura! Felizmente tivemos sempre a chama acesa, a alma levantada e os amigos e as famílias não nos abandonaram. Do resto não falo. Não falo do diabo, porque isso é sempre uma maneira de o fazer acercar-se e nós estamos todos bem limpos desse esterco.

30

Manhã dedicada a relatórios com vista à constituição dos dossiês da minha disciplina de Interpretação. Estavam ares frescos e lavados que muito me ajudaram e depois havia uma espécie de voz vestida de esperança, "pensa que são os últimos". Escrevi quase tudo, mas ainda falta. Duas ou três horas mais lentas na tarde quente e o trabalho fica feito. Amanhã faço cópias, arquivo e sou livre.

Até parece que descobri uma ilha Atlântica. "Terra à vista" e eu atiro-me ao mar, mergulho num copo de cerveja e se a memória não me trair, vou passar no Chave D'Ouro e beber um belo Gin, como se tivesse os pés na água e o olhar no longe dos grandes poemas que andaram por estes tempos fora a descobrir distâncias. E mais... Vou comprar a "Eneida", embora me sinta sempre a chorar com o "lamento de Dido".

Acabei os relatórios e agora estou para aqui todo lampeiro, todo pimpão, a ensaiar para as férias. Ai, férias?! Era bom era e também não sei se gosto muito da ideia. Um descansinho faz bem e para a semana vou poder estender-me recatadamente nas sombras de Porto Covo, uma vez que o meu Senhor Arcebispo tem que manter a tez pálida e o seu ar sacro de homem pouco dado às luminosidades do poder temporal.

31

Parece que a alma me desceu aos pés. Felizmente já teve lugar o processo de ascensão e eu já me sinto meio humano. De manhã trabalhei como um cão. Acabou o ano escolar por agora. Aproveitei a hora do almoço para fazer uma visitinha aos amigos do "Vento Norte". Outras aragens, outras almas, que sossego! Quando penso nos propalados e vilipendiados projectos de "ensino artístico", a alma ameaça-me algures entre o intestino delgado e o intestino grosso. Que grande mentira! As escolas são grandes centros de reprodução das paranóias e medos do poder. A arte é convulsa, provoca, interroga, desassossega e o poder é vesgo, cabotino, medroso, culpado, defensivo, retrógrado. Tanto tempo perdido, tanto projecto adiado, tanta mentira disfarçada. As escolas regressaram a um dos mais baixos níveis de sempre. Tarefas, processos, papelada e bibó belho. Perdemos inúmeras oportunidades e agora vem aí o bicho, o papão, o vírus, a cultura do serviço mínimo, o deserto d'almas, os cagões sem eco. Escola cultural, escola artística, uma treta. Diz-me há pouco um vizinho, há fome, Miguel, acredita que vai haver fome. Eu se tivesse um filho a pedir-me de comer, eu roubava, acredita que roubava. Acredito, meu caro. Que mais te posso dizer?

AGOSTO

1

Às vezes tenho que me preparar para escrever um pouco. Prefiro a noite, sobretudo o silêncio que vem descido como um manto, envolvendo a escuridão possível do bairro e o candeeiro que ilumina a mesa de trabalho. Passo a tarde a remoer, como se crescesse uma ignorância, um não saber que se enreda em turbilhões de notícias e em medos atávicos. Passei pelas notícias antes de vir sentar-me para acabar de escrever a pecinha sobre a floresta encantada. Fala-se e repete-se o medo do fim do mundo, a torpeza da corrupção sempre a navegar em mar sereno. Cheira a novo assalto aos salários, mas depois, lá para meados do próximo ano, regressaremos ao normal e eu desligo a televisão e continuo sem saber o que é normal.

Vou lendo a Eneida. A princípio a armada anda perdida entre os ventos fortíssimos de Eolo e as ameaças que se escondem entre as altas ondas levantadas. Vou lendo e sonhando, o hexâmetro dactílico é bom para navegar. Leio e não penso, embora saiba que também aqui, nesta corrente, se prepara um destino ou se tece um império. Quero ir devagar. Tenho tempo, muito tempo e este ano o mês de Agosto será um pouco especial. Não tenho grande interesse em organizar em módulos a minha vida. O que é Setembro e o calendário, o que são o futuro e as promessas? Por ora, os barcos procuram salvar-se da tempestade. Devo chegar às terras da Líbia nas próximas horas. Ó, Cartago, as tuas torres e pátios, imagino águas e jardins e os pomares com seus perfumes, as laranjeiras nos vales profundos, águas calmas e eu passo os meus olhos de leitor, como se fosse um noivo e volto a olhar os céus com esperança e a isso chamo uma ou várias cores. Pousei o meu livro novo, a bela edição da Cotovia e já se sente no ar o levíssimo perfume do bacalhau espiritual.

2

Ontem, depois do ensaio, sentei-me um pouco a ver uma entrevista do actor António Feio. Fiquei preso às palavras e expressões e a uma certa história de vida que se confunde com o próprio teatro. Emocionei-me algumas vezes. O riso, a alegria, a comédia têm por vezes esse poder de encantamento, uma coisa amorosa, que suspende a ordem da vida repressiva, cautelar ou estiolada.

O mundo está cheio de idiotas e tipos supremamente estúpidos, parece dizer o actor e ri-se, com o coração nas mãos, entregando ao público a sua arte feita de ensaios, emoção, sacrifício, mas também de esperança, de vida que se dá e se entrega a favor da reunião e do encontro. Há tanta gente má, tipos que não gostam de crianças, gente que despreza os idosos, autoridades que colaboram na destruição da memória, profanadores de templos e criminosos que assaltam as florestas. Há gente para quem as artes tem o estranho condão do incómodo, as artes que abalam certezas e expõem a dúvida como factor ou como aquilo que anima uma parte considerável da nossa condição. Há ainda os que não gostam de teatro, embora nem sempre possam contrariar a arte de Dioniso. Normalmente são tipos medrosos e medíocres, porque o teatro lhes assalta o desejo do poder perpétuo, o teatro que anda de noite, a grande festa da máscara e da dança, a liberdade imprevisível e depois o teatro reúne facilmente a estupidez dos invejosos e crápulas e acende espelhos terríveis, animados por uma electricidade poderosa, que lhes escancara a pobreza dos propósitos.

3

Boa viagem, meu caro. Primeiro vais ter que atravessar aquela obscura semirecta de eucaliptos, mas depois lá chegarão as águas da ria e os ninhos de cegonhas. Aproveita um pouco mais a sul para olhares as águas do Mondego e se pensares no Choupal talvez oiças uma guitarra, quase fugida, quase escondida nas sombras do Buçaco. Segue para oeste, pois verás as suaves colinas inclinadas e os moinhos, Montejunto como um animal caído da glaciação e a serra de Sintra e o fim dos nevoeiros. Depois atravessas o Tejo, talvez te apeteça cantar, pensas que vais para o sul e apetece-te cantar.

De momento é isto. Um grande manto cobre a terra e os assuntos, às vezes parece indecifrável, desaba tristemente, interroga as janelas fechadas e acorda o medo, a tempestade, o prejuízo, a cobardia. Boa viagem, meu caro. Obrigado, vou indo, mas não me demoro. Vou só ver o mar um pouco mais à frente, sim, lá mais ao fundo, quem vai para o destino.

Aproxima-se a cidade, aumenta o trânsito e eu começo a sentir-me pequeno e perdido. Acordam mil receios, barulhos, caminhos desconhecidos, mas depois disso passa. Às vezes, pode acontecer uma pequena aldeia no coração da metrópole, uma calçada, a pequena janela e os vasos acabados de regar. Ouve-se um pequeno transistor e a máquina de costura. Um pouco mais longe o Larquinho, uma árvore e um banco, entro na sombra da mercearia, bebo uma mini e pouso a mão no balcão. Esqueço-me dos aviões e começo a perder palavras.

4

Quando passávamos as terras férteis do Oeste, as pequenas encostas iluminadas de vinha e pomares, vejo aproximar-se, vindas do mar, nuvens escuras desgarradas do céu sereno. Eram ventos que se reuniam no alto e ameaçavam o profundo arvoredo da formosa serra de Sintra. Vai declinando o dia, vão crescendo as sombras e a noite cai temerosa. Primeiro o silêncio e depois o delírio das fúrias levantando ramos e folhagem, arrastando os pequenos bichos e os objectos em repouso.

Assisti a noites assombrosas nas páginas de Macbeth e do Rei Lear. Noites de crime e gritos insanos, uivos, pios, o medo dos viajantes, noites perfeitas para a cenografia dos crimes. Éolo é um deus terrível. Vive prisioneiro da sua gigantesca gruta, sustendo os ventos sob as pesadas montanhas. Eneias será surpreendido pouco depois de largar a costa da Sicília. A vingativa e orgulhosa Juno não pôde suportar a afronta dos troianos, pois Páris amara Helena por desejo de Vénus e não a ela. Juno visita o rei dos ventos na sua profunda caverna, promete-lhe "duas vezes sete ninfas" e ainda Diopeia a mais bela de entre todas as formosas. Éolo não resiste a tal promessa e a excitação da bela Diopeia que o futuro lhe promete, faz soltar os ventos, levantar como montanhas as águas do mar Tirreno e naufragar os pobres lenhos da armada troiana.

Andei mais ou menos entretido com estas imagens, mas acabei por desembarcar no portinho a que chamam Porto Covo e tudo o que posso ver são águas mansas e céu sereno. Os grandes ventos, Afro, Noto, Euro,

regressaram à caverna e agora anda pousado, levemente passageiro, um Zéfiro suave.

Ao longo da estrada, os ciprestes entre os pinheiros mansos, depois, à chegada, pequenas aves palradeiras, com ar de garças voando junto à encosta pedregosa. Lá no alto um cheirinho a esteva, o perfume da terra ao cair do dia.

5

Oiço o mar e fico longamente a ouvir, como se andasse nessas águas. Andam as cores e a luz, o som, outra vez o som até um lugar descendente. Posso fazer um pequeno buraco na areia ou desenhar uma enseada, as palavras bebem água, as palavras salgadas, pequenas cidades na areia levantam-se e afundam-se e o som do mar é grande e pode acontecer uma espécie de repouso, as palavras esquecem e vem a música, vai e vem a música e com ela os nómadas e os pastores, os mapas do céu, os instrumentos de corda e os sopros, com os seus ventos, com o seu fogo.

Devo estar em descanso e é por isso que me sinto assim uma espécie de plano de recuperação, como se fosse uma tábua de passar a ferro. Entro engelhado e saio engomado.

6

Tem-me ocorrido nos últimos dias uma expressão de uso corrente e que é, no mínimo, curiosa. Sem grande exagero, posso admitir que é desconcertante. Não sei se o uso se restringe a Braga e a alguns grupos ou se a frase vem dos longes da história, inventada e traduzida um pouco por todo o lado... "Triste como as casas".

Gosto de me sentar à sombra na praia, perto do mar. Às vezes, levanto-me e saio para passear um pouco junto à água. Ando devagar, a água fria vai-se habituando, os pés ficam lisos e frescos, quase brilhantes, e o calo

amacia. Hoje a água parecia muito limpa no quebrar das ondas, um verde fugitivo como um espelho e a espuma breve e cantada. Olho mais ao longe e o azul fica profundo e solene. No horizonte, alguma névoa e um pouco de bruma, uma ilusão.

Quando somos pequenitos, parece que um certo medo se transmite através de algumas palavras. Farinha de pau, bacalhau, carapau. Claro que isto não é válido para quem viu a fome passar-lhe à porta. Ontem e hoje comemos carapauzinhos fritos, pãozinho alentejano, tomate, um pouco de queijo. Gosto destes peixinhos pobres, desdenhados pela alta cozinha. Que ricos carapaus!

Uma gracinha da Senhora que nos tratou da casa em Porto Covo. Falávamos de pássaros junto às águas do portinho. Sabe?! Aqui também há muitas gralhas. Juntam-se naqueles fios do telefone, na outra margem. São às centenas. Estão todas online.

7

Às vezes, quando escrevo um textinho, parece que vou ainda a correr, pequenito, pela Avenida. As pombas esvoaçavam e eu ficava parado, olhando em volta, voando um pouco também.

No barquinho "Boa Esperança", com o Mestre Joaquim a caminho da ilha do Pessegueiro. Mar calmo, azul fundo e carnudo, pequenas oscilações e a ilha é mesmo ao lado. Olhamos as falésias, um forte imponente olha-nos da costa desde o tempo dos Filipos. No pequeno cais, uma sereia ao sol, mas logo percebo tratar-se de uma jovem que faz alta competição e vai nadando este mar, entre praias e falésias.

Mestre Joaquim é homem experimentado desde tempos heróicos no Atlântico Norte, na pesca do bacalhau e em viagens mais salgadas no Mediterrâneo. A ilha é pequena e cheia de história. Ruínas da fábrica de salga do tempo dos romanos. Enchiam os tanques com sardinha, atum e cavala e tinham um pequena sistema termal e uma cisterna. Ruínas e tempestades.

Em 2014 o mar levantou-se com ondas de quinze a vinte metros e levou parte das estruturas que duravam há vinte séculos. Lá no alto, o que resta da fortificação erguida pelos espanhóis nos finais do século XVI. Centenas de gaivotas, os ninhos muito asseados das gralhas, a Norte o labirinto de grandes pedregulhos de areia mumificada ou uma muralha que ficou por fazer. As gaivotas dão sinais, informam o capitão. Chegam mergulhadores. O Mestre lê os voos e a gritaria, como se houvesse sinais combinados.

Um dia, diz o Mestre, apanhei uma jovem gaivota no emaranhado das redes. Consegui retirá-la com muito cuidado, salvei-lhe as asas, mas não foi possível recuperar uma das patas. Ficou coxa, só com meia perna. Levei-a para casa para ela descansar e mal teve forças voou. Isto já foi há uns anos. Querem ver? Está ali. Não me costumo enganar e lá estava a gaivota com a sua meia pata. Éramos muitos e ela ficou tolhida, mas bem vi com que olhar mirava o Mestre. Às vezes aparece-me em casa e quando venho sozinho à ilha, ela vem sentar-se ao meu lado. Não, não lhe pus um nome. É minha amiga.

8

Ainda havia silêncio quando me levantei. Manhã muito azul, maré baixa, as gralhas atravessando de um lado para o outro e as gaivotas de voo solene, como se fossem marinheiros, ainda caladas, ainda estremunhadas. Daqui a algumas horas vou aparecer noutra sítio e isto é verdade, mas já não sou eu, são as gralhas atravessando de um lado para outro e as gaivotas de voo solene, como se fossem marinheiros.

Andamos devagar, vendo passar as árvores, aqui e ali alguma impressão de paisagem, uma convenção em fuga, desalinhada, que se dispõe a aparecer. Pode ser um pinheiro manso, uma névoa, uma surpresa além da curva da estrada. Ouvimos rádio durante a viagem e eu penso naquele tempo em que ouvia rádio e era pequeno e sentia nessas vozes que chegavam, nas canções e nas novelas radiofónicas a minha alma pequena a olhar a desolação das traseiras, a encher os sonhos.

Ah, sim, o meu quartinho, era o último lugar antes do céu e o meu pai subia as escadas à noite para ajeitar os cobertores e nos desejar bons sonhos à sua maneira. Depois descia, com a sua respiração profunda, pesada e leve ao mesmo tempo e a noite começava. Lembrei-me muito dele ao passar numa zona de pinheiros. Foi por acaso, eu sei. Ficou um pouco de água nos olhos, como se estivesse perto de um lago, havia uma fonte, memórias e aqueles passos que eu sentia na noite, escada a escada.

Tenho saudades e sinto-me pequeno, gostava de morar na sua mão ou no seu bolso e depois o meu pai deixava-me seguir o horizonte, com a inocência de quem espera e repete a mesma volta, um café, os olhos passam a chorar pelos jornais, sim, era um café e um pingado, a cidade é o meu coração, mas ainda tenho quem me leve pela mão. Não estou triste, lembrei-me e prefiro esquecer algumas coisas que me esperam.

9

Chegámos de viagem e não é dia nem hora para cozinhar. Mantemos a tradição e vamos comer uma febrinha ao "Antigo Mariano", na estrada de Gualtar. Passámos em frente à UM, onde há uns anos atrás se erguia um alto e belo choupal. Chegámos ao semáforo. Vermelho! Há que parar. Olhando à esquerda vemos subir a estradinha que conduz à igreja velha de Gualtar e às terras de Adaúfe e vemos descer um pelotão de altos e férreos postes de alta tensão. Olho agora à direita, o semáforo ainda está vermelho. Ó espanto, ó maravilha! Mesmo ao lado da estrada, um alto e hercúleo poste de alta tensão bem pousado a toda a volta de um quintal, encostado a uma casa. Quem teria nascido primeiro? O poste ou a casa? A casa, claro. O poste veio depois. Está verde! Avançámos lentamente. Olho à direita. Sob as sombras de metal e a protecção dos grossos cabos da alta tensão, viceja um perfeito quintal minhoto. Reparo melhor e quase me afundo em superstição. Ó, maravilhas do Entroncamento! A dona de casa rega abundantemente os altíssimos troncos de couve galega. Seguimos caminho. Para trás ficou a casa da ciência e aquele estranhíssimo caso da natura, aquela inusitada instalação, o projecto de arquitectura, as gigantescas couves galegas, a corrente lá no ar toda contente.

Ah, os discursos! Continuo a conduzir devagar, as árvores passam, a estrada, olho a toda a volta, variações, diferenças no ar, na velocidade, nos fluxos de trânsito, ao longe começo a ver o norte e algumas nuvens, a temperatura oscila. Continuo a ouvir rádio. Agora é uma figura pública em entrevista. Oiço tudo o que a rádio me diz. Levanta-se uma voz de promontório, o mar está calmo, a mesma água, sempre a mesma água, o eco na cavidade rochosa. A melopeia continua e as frases seguem sempre a direito, no limite das regras e da pontuação, oiço camiões a adormecer, vírgulas e suspensões medidas no alfaiate, o discurso vai cozendo, o testo pousado. Não se passa nada. Parecem belas palavras, não há uma mancha, curvas diluídas, o sopro contínuo de uma esmerada educação, as ideias seguem em linha recta, previsíveis, bem vestidas, pele lisa. Velocidade contínua, ouve-se falar a conta bancária, o bem-estar, a perfeição da gramática e uma tristeza à solta, lá fora, depois dos vidros.

O discurso é o estúdio, a vida corre sempre bem, a perturbação é um travessão, uma linda ideia, a abertura ao outro e o outro é uma combinação de sais e unguentos, um remédio e por isso é preciso pôr uma ligadura no discurso. Aquela voz vai soando como um trombone que não se despega dos pneus, as palavras certas, os dramas como um nó de gravata, o sofrimento, a dor, a voz do entrevistado rasteja como um penedo ao sol, um lagarto esmagado, a cadeira do escritório, o cheque no bolso, mil discursos iguais animam o ninho de cascas e detritos, sem mancha, sem falha, sempre a direito, uma linha recta, a vida corre-lhe bem, os dramas repousam sem veneno, sem grito e sem alteração, sente-se a eternidade. Às vezes julgo ouvir um princípio de anedota, o anúncio de um desvio e a mesma voz solene, pensada, juntando palavras como se enrolasse tubos. Quem o ouvisse, haveria de pensar que vale a pena ser feliz e que a vida é só aquele discurso solene e meticuloso, perfeito e enjoativo. Começo a ter saudades do mundo, aquilo é um xarope sem fios. O tipo nunca se engasga, nada se altera, sempre certo, vincado, empastelado, rindo as amígdalas, pressionando as pernas e as nádegas para que não cheire mal.

Acabei de escrever um E-mail, mandei-o e ele chegou logo ao destinatário. Impressionante! Tinha que o fazer. Fico tão contente. Até vou beber um golinho d'água. O pior é aquela cartinha que eu vou ter que escrever.

Uiihhh! Para essa tenho que me preparar. Vou fazer como o Demóstenes, só que no modo escrito e calado. Além disso, tenho muita consideração pelo género epistolar.

Quero muito visitar a Praia da Consolação. Nunca lá fui, mas ouvi falar. Foi na poesia de Ruy Belo que eu soube.

10

Há uns dias ainda estávamos na Praia Grande de Porto Côvo. Um pouco antes do meio-dia chegávamos ao barzinho da praia. Apesar de ter passado a manhã à sombra do guarda-sol e em breves passeios a molhar os pés, tinha muita sede. Àquela hora a esplanada estava serena ou quase vazia. A Alexandra bebe um panaché e eu um finito, entretidos com o pratinho de tremoços. À nossa frente, em mesas distintas, sentam-se dois cavalheiros ainda jovens. O da esquerda devia ter uns vinte e cinco ou vinte e seis e debruçava-se muito compenetrado sobre um calhamação. Era um romance, de certeza, mas não lhe consigo ver o título. Se calhar era do David Foster Wallace. De vez em quando levanta a cabeça e faz exercícios. Alonga um pouco os braços, roda os cotovelos e faz pequenas revoluções em volta da cervical. Regressa ao livro e ao exercício. Depois levanta-se, como se o romance o chamasse para outro lado e sai disparado a olhar em frente, talvez chamado por uma estrela ou por coisa mais chã.

Sobre a direita está o outro indivíduo. Um pouco mais velho, trinta e tal, t-shirt preta rabiscada por linhas indecifráveis. Reparo que se esforça por guardar um livro na mochila. Nestes preparos parece fazer questão de mostrar bem a capa do que estava a ler. "Mein Kampf", de Adolf Hitler. Enquanto guardava solenemente o livro na escuridão do saco, sentia-se observado pela capa. Devia estar a esboçar sorrisos para as gaiotas e a desdenhar de costas a plateia. Algum intelectual, pensei. Foi o que me pareceu.

11

Noite agitada, manhã serena. Dia de feira. Fui respirando o tempo de um belo passeio. Comecei a ver melhor e lá do fundo das percepções devem ter nascido olhares benfazejos e divertidos. Era dia de feira, muito povo na Ponte, muita gente a passear e a respirar na travessia dos Galos. Eu ia olhando à volta e cá por dentro via-me a admirar pequenos recantos nas pedras, junto à água, nas árvores e o falar de Braga a passar, tão engraçado, tão galego. É preciso regá-lo, às vezes, mas depois saem imagens, palavras e expressões meio voadoras ou atravancadas em paisagens mudas, em histórias inconfessadas. Depois fiz uma visitinha aos amigos que estão a trabalhar nos Biscainhos.

O "Vento Norte" continua a soprar e a filmar. Estaciono no Campo das Hortas e fico a olhar a Praça e o casario que parece esvoaçar do Arco da Porta Nova. Hoje estou assim, meio sentimental, o meu corpo fala-me de coisas bonitas e agora encosto-me a umas portadas para deixar passar duas jovens agentes da Polícia Municipal. Bonitas, muito bonitas. Não me importava de ir preso um bocadinho. Elas passam e sorriem, uma autoridade levíssima, quase aérea.

Ó, Zezinho, pareces tolo! Deixa-te de coisas. Foi uma bela manhã, boas conversas e depois um sono das profundezas que me pôs com alma de réptil ou batráquio, sei lá. Acordo espevitado, demoro um bocado a saber quem sou ou se sou alguma coisa e acho que isso não interessa nada. Vou ensaiar um bocadinho, que bom. E agora estou aqui, a sorrir não sei para onde.

12

Deitei-me com as galinhas e acordei com os galos, embora o rei-clarim da madrugada esteja extinto no meu bairro. Vou à janela da cozinha. Já passa das quatro da manhã, silêncio quase total, um murmurar a oeste parece o mar. De vez em quando um automóvel e por alguma janela aberta o som profundo, misterioso, de um espirro ou de um suspiro. Sabe-se lá! Bem podia ser a alma de um defunto atravancada num apartamento. E volto a dormir depois de algumas páginas da Eneida. Ah, bom dia, bom dia, que moleza! Músculos e articulações pedem licença uns aos outros, a vontade levanta-se e navega no

reino da lentidão. Olha! Chuviscou. Bem, tomo café, penso em urgências e tarefas, mas não adianta. Hoje sou uma lesma. Também tenho direito.

Às vezes tenho um grande prazer em ler textinhos feitos de quase nada, um olhar, uma impressão, um coisa em que ninguém repara. Posso ficar comovido ou enternecido e o objecto é um ser pequenito, uma avezinha distraída, a chuvinha ao nascer o dia.

Um gajo de Braga e quem diz de Braga diz do Porto e de mui boas cidades, vilas e aldeias do noroeste usa as mesmas expressões para mostrar fúria ou para ser carinhoso. Ah, meu filho da puta, pode ser mesmo um insulto ou um modo muito sui generis de dizer meu querido amigo.

Convém não esquecer que foi por causa da "Guerra das Laranjas", acontecida com os espanhóis ao longo da fronteira em 1801 que Olivença ficou no mapa de Espanha. Não sei se isto tem alguma coisa a ver com a futura "Guerra das Vacinas".

13

Acontece passarmos por sítios encantados mas, ou porque andamos ensimesmados ou a olhar para o balão, o lugar passa e nós seguimos abandonados. É um larguinho pequeno, maneirinho, com dois bancos de pedra sob os plátanos. Uma frente de pequenas casas antigas, a rua Visconde Pindela, que deixa ver ao fundo a Sé de Braga e as ruínas junto ao palacete Cunha Reis. Segue a Rua da Cruz de Pedra e o larguinho chama-se Senhora da Boa Luz.

14

Ontem foi dia de filmagens. Cheguei a casa ao fim da tarde todo partido. Nada melhor do que uma massinha à lavrador para começar a descansar. Saí cedo, pelas sete e meia a ver se arranjava algum esconderijo para estacionar. Impossível. A cidade está cercada de parquímetros. Fui parar a Maximinos,

junto ao Galécia. Não faz mal. Está bom para andar a pé. Ponho a mochila às costas e voo como um escuteiro. Começa a azáfama nos Biscainhos e cada um no seu sossego. Aqui e ali conversas baixas. Por momentos fico a olhar o grande Tulipeiro da Virgínia. Começo aos poucos a descansar os azeites. Aqui tratam-me bem. Quando menos espero, vem ter comigo um anjo da guarda para compor o solidéu e um outro com uma escovinha para levar alguma poeira pousada no arcebispo.

É bem possível que a doença chamada COVID-19 se venha a tornar famosa entre os famosos. Desta vez nem os lambe-botas escapam.

Nunca houve tanta corrupção e agora, em tempo de máscaras, é que é. Vamos pagar a cobardia muito caro. A aceitação do medo é uma opção política. Os fascistas, os sacanas e os corruptos, os medíocres e os invejosos reinam a seu bel prazer. Bem-vindos ao deserto das cavalgaduras! Abre a boca, engoles um poio de merda, mastigas bem e saem pérolas venenosas. Que lindo tempo que vivemos!

O sector das chamadas "indústrias da cultura" é um dos que mais sofre. Há muitas dezenas ou centenas de técnicos, actores, animadores, formadores e pequenos produtores em situação desesperada. O regime e o sistema não encontram soluções. A cultura continua a ser o parente pobre. O problema é que a cultura também é a intervenção que fazemos sobre a natureza e sobre a nossa natureza. O vírus do autoritarismo, do racismo, do desrespeito pelos direitos humanos, o fascismo, em suma, vive à flor da pele e um dia acorda, espalha-se, dissemina-se, como já tem acontecido. Aparentemente, vivemos em tempos de paz, a ver pela que se passa no nosso rectângulo, mas nada é mais incerto e enganador.

Lembro as últimas palavras de Camus em "A Peste":

"Com efeito, ao ouvir os gritos de alegria que subiam da cidade, Rieux lembrava-se de que esta alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que esta multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nas caves, nas malas, nos lenços e na papelada. E sabia também que viria talvez o dia em

que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”.

Tenho que começar a preparar a última aula. Eu sei que ainda faltam dois anos e vou ter muito que fazer no teatro, mas o facto de voltar a ser professor de Português vai ajudar-me a ficar ainda mais chegado aos livros e à leitura. Acho que vou escrever algumas peças com muito prazer e se calhar farei um trabalho como actor e continuarei a fazer espectáculos, no PIF’H principalmente e com a Malad’arte. Há outros projectos que não pretendo abandonar. Logo se verá e nesse dia que há-de vir, se ainda estiver mais ou menos atinado, depois das palavras protocolares, gostaria de dar uma aula dedicada à “Eneida”, de Virgílio. Por isso é que vou precisar de dois anos. Estou no princípio do segundo Livro, mas reli várias vezes o primeiro e acho que o vou voltar a ler outra vez. Acontecem muitas coisas e uma tempestade daquelas não é brincadeira nenhuma. Alguns dias em Fão com as mudanças de tempo, aqueles modos que têm os ventos e o mar, alguns passeios junto à margem esquerda do Cávado... Pode ser que consiga ler bem o segundo Livro.

15

Pelas seis da manhã havia um azul a crescer muito brilhante. Devem ser gotinhas invisíveis e pouco mais, cogitei. Deu-me o sono, fez-se noite com os seus monstrinhos animados de semelhanças com aquelas coisas que parecem fazer o papel de existentes. Volto a erguer-me pelas nove, vejo uns farrapinhos mais baixos do que o Sameiro a correr do lado do mar. Pelas dez cai uma marezinha, coisa do verão, mas quem a visse de longe pensaria em trombas d’água. Nada disso. Era uma chuvinha de meio caminho, daquela que pouisa e seca e deixa um vaporzinho a nascer da terra e a cheirar coisas bonitas.

Não há que fugir aos assuntos e a verdade é que já há algum tempo venho a acumular vontade e esperança de poder falar de um tipo muito particular de criatura que às vezes aparece no teatro. “O Diabo é o aborrecimento”, avisa Peter Brook e eu sei que o Mestre tem toda a razão. Por isso me

dediquei ao teatro para estar vivo e produzir vivências, reuniões de actores destinadas a erguer uma casa efémera, no entanto habitada. Queridos fantasmas, enfim, que resolvem entender-se por um discurso, uma maneira de falar, um entendimento realizado no movimento e na geometria espectral.

Tive a sorte, desde os vinte anos, de trabalhar com pessoas excepcionais. O Almeno Gonçalves, o Camilo Silva, o Carlos Feio, o Paulo Costa, a Helena Carneiro, a Tânia Vilas Boas, a Alexandra de Oliveira, o Ruben Silva e o Pedro Quintas, o Júlio Vilas Boas e o Tiago Fernandes, o Leandro Liberalli e o Brice Sousa, a Mafalda Santos e a Catarina Barbosa e a Marina Francisco e tantos outros, a Marisa Rodrigues, o Joshua David Swift, o Alexandre Fernandes, o Marcelo Marques, o José Gonçalves, a Rita Mariz, a Rita Santos... A lista continua. São centenas de jovens e menos jovens actores e atrizes, tantos espectáculos e viagens e estadias, tantos amigos.

Às vezes aparece lá no meio dos ensaios alguém que não está bem ali, mas acha que gosta de teatro à sua maneira, mas ao mesmo tempo não pode, não tem o corpo animado no vórtice do espaço vazio. Normalmente desaparece ao fim de algum tempo. Depois há uns figurões mais perigosos. São normalmente habilidosos, pois conhecem as artimanhas do diabo e os seus passos de dança. Mentem descaradamente e insinuam-se como as cobras, são bem falantes, têm sorrisos cálidos, com dentes à mostra, e vozes profundas e temperadas. Entretanto passam a noite a congeminar e deixam o corpo à solta, à mercê das tentações.

"Vem por aqui!" Oferecemos-te este mundo e o outro se os conseguires enganar. Vem, dou-te uma casa na praia, lanches e refeições opíparas, prometo-te o conforto e o bem-estar durante este tempo de congeminção. Vai e cumpre a tua missão. Vai, mas não estejas presente, pensa em nós, lembra-te do meu reino, diz o diabo à pobre actriz. Vai, mas esforça-te por compreender a arte do inimigo. Assim, será mais fácil combatê-lo, vais ver, diz o diabo ao pobre actor. Aos poucos, vamos conseguir conquistar o terreno deles.

Entretanto, nós vamos continuando e a traição não tem capacidade para se manter oculta muito tempo. É verdade, é bem verdade, assisti a casos de corrupção moral, de total ausência de ética de actor, vi os cornos à infâmia, os cascos ao desplante, vi corpos a morrer da mente doente e envenenada.

Há pouco, no terraço, num momento em que o sol me apanhava de través, vi a imagem projectada nos vidros da biblioteca. Era um tipo de cabelos brancos, bastante brancos. Pensei logo que realmente não é altura para me pôr a fazer de loiro. Observei recentemente coisa mais ou menos parecida ou que possa ainda ecoar nos bastidores do assassinato de Cícero.

Agora os vencedores trocam olhares entre si, como escorpiões encurralados no espaço que não os reconhece. Provavelmente vão soltar-se alguns espíritos, chamemos-lhes "fúrias", pois Dioniso também conhece as cavernas e os ares empestados. Ó, William, ó William Shakespeare! Tu és que sabias.

Entretanto está tudo bem e isso são coisas do passado. Essa gente, os missionários da traição, os oportunistas, ó, isso não vale nada. Coitados! Eles não sabem que estamos protegidos pelo "Escudo Invisível", além do restaurador Olex e daquele maravilhoso frasco de Pitralon.

16

Tenho uma groselheira milagrosa, pensava eu ontem ao fim da tarde, quando me sentava um pouco sob a folhagem. Aqui atrasado, quando começaram a chegar calores e abafações, a árvore tremeu, senti-a abalada, vi-a amarelenta e deixando cair a folha, como se quisesse desistir deste mundo. Deixou o terraço coberto de outono, mas recuperou. Uns dias depois, poucos dias depois, voltou a estremecer. Parecia despedir-se e o amarelo tinha agora um aspecto de coisa queimada, como se os veios e raízes tivessem sido tomados por um veneno inoculado por algum mafarrico. Ontem reparei que a arvorezinha estava de novo verde, viçosa, brilhante. Só não dá groselhas, de resto é uma espécie milagreira, não há dúvida. A natureza é sábia e provavelmente as futuras e potenciais groselhas foram absorvidas pelo reino vegetal e deram este verde, esta sombra, este encantado renascer. São uma espécie de alma colorida, o doce fruto esvaindo-se em tinta e clorofila.

Três pequenos livros para a eternidade, três livros que acontecem num ermo de alma grande, no segredo musical de uma gruta encantada. Uma nuvem de ópio, um passeio no campo, um coração escrito nas ruas e nas pedras, junto ao grande mar, como um espanto de gravidez. Com três livros

pequenos se compôs uma parte essencial da nossa poesia, uma aventura inocente, construída no rigor do tempo, aquele que passa no ruído dos móveis, na doença que vai roendo a energia, no ritmo fabuloso do cântico, altos céus, terra profunda, viagem sem fim, cidade eterna... "O Livro de Cesário Verde", "Só", de António Nobre e "Clepsidra", de Camilo Pessanha.

Agora sim, prepara-se a chuva para cair. As andorinhas voam a meia altura dos prédios e fazem curiosos volteios entre as ramagens no jardim. Andam ao mosquito e quando vier o lusco-fusco serão substituídas pelos morcegos.

17

Regresso à estrada e é como se a vida fosse ali ou por ali. Preparo-me com algum cuidado. Há sempre coisas novas, aquelas a que me habituei, as que não pude ver e as que estão para acontecer. Imagina o céu a clarear ou então o nevoeiro carregado e morno. A meio da viagem bem podia começar uma aventura e então estava quase a chegar. Ah, se eu me enganasse na estrada, se aparecesse um palácio, uma praia deserta, a porta desengonçada de uma taberna, a candeia lá ao fundo, a noite que aparece de repente. Aos poucos a maresia, um fumo branco, nuvem invisível e eu ergo-me por um breve descuido e deixo-me ir, misturado na aragem. Agora um pouco de sossego, vejo muito perto o reino da ventura, sorrio e regresso à estrada e ainda antes, quando não começara a viagem. Preparo o meu saco. Cada vez levo menos livros. Não tenho medo de me perder. Algumas folhas brancas, como um tapete mágico.

Quando tenho vontade de escrever, aparece uma coisa parecida com uma ideia, mas não será bem isso ou então a ideia é um modo de ser no corpo, um estado diferente, uma fúria que me faz andar depressa e pousar delicadamente as mãos sobre uma superfície.

Às vezes, quando tocava piano, sentia essa leveza, os dedos tocando as teclas, muito silenciosos, como um soldado grego atravessando a dor. Gosto muito de escrever ou pelo menos esse amor mistura-se nos sonhos e no que me faz andar acordado. Há pouco caiu um grande chuveiro e logo me ocorreu

a janela do Liceu virada à cerca, as grandes bâtegas de Janeiro e Fevereiro, os campos inundados, a chuva que caía no corredor ao lado do meu quarto.

Houve anos terríveis. A chuva começava em Outubro e continuava pela Primavera. Lembro-me de leituras abençoadas pela multidão de águas, o "Húmus" e a "Farsa", de Raul Brandão. Essa mágoa quase carunchosa, que tornava as almas húmidas e corria tristemente por todos os leitos e lugares onde pudesse passar. Os olhares encovados dos postigos, os fumos da telha vã, os silêncios do fundo da terra onde a cheia se precipitava. Às vezes um trovão a estremecer os subterrâneos, as fontes mais abertas, os restos que sobravam das colheitas desfazendo-se em remédio, mistérios, coisas químicas e às vezes objectos assustadores, que enchiam a noite.

Nasci no país da chuva, habituei-me e ver chegar as nuvens e a olhar o horizonte. Certos dias é possível ver a superfície frontal a aproximar-se vinda do mar. Ainda há um resto de sol, um pouco de azul e depois o céu fica coberto, silencioso a princípio. Habituei-me a ler durante a chuva e a escrever um pouco também. Devia ter catorze anos, nessa altura. Vivia muito concentrado nas coisas do céu e dos climas e tudo me causava espanto. Era o meu país de muitas águas, de ventos e aragens desencontradas.

Há pouco, enquanto chovia, fiquei suspenso e calado, mas não era tristeza o que me saía dos olhos e me molhava o cabelo. Era a mesma chuva de sempre, de todos os tempos. Ainda estamos em Agosto e os milhos continuam a crescer, as uvas precisam de água para inchar o bago. Depois virá um tempo mais calmo, enquanto a terra fica molhada e os bichos vêm beber em sossego e regressam à noite. De certa maneira, faço parte desta água, uma parte que continua a chover e outra que se abriga a ouvir os pingos caídos nas videiras, os caleiros e os metais da orquestra, as levadas que surpreendem os muros e passam depressa, como um glissando num correr de violinos.

18

Em dia de aniversário, acordo muito bem disposto, talvez por efeito do espectáculo da Malad'arte ontem à noite, cheio de graça e encantamento e aquele povo todo do "Vento Norte" a assistir, muito bem disposto. Depois vim a caminho de Fão, no meio da noite e do nevoeiro, não tinha rádio no

carro, mas eu cantava e até me parecia que atravessava o Índico por entre anjos e nereidas e nos meus pés dançava um concerto *reggae*, como se estivesse a chegar da Jamaica. Agora tenho uns pinheiros mansos à minha frente, muito tenros e educados, parecem pincéis da barba e o dia passa, chega um soninho breve dos sessenta e três e eu lá vou.

19

Ontem foi um dia muito feliz. Enganaram-me bem. Quando menos pensava, apareceram os amigos ao jantar. A noite ficou serena, cálida e bem disposta, com boas conversas e coisinhas apetitosas para entreter o apetite. Obrigado a todos. À minha mulher e à minha filha que fizeram tudo em segredo. Aos amigos presentes e aos que tiveram que trabalhar na rua a filmar, às muitas mensagens que me abraçaram e aos figuinhos pingo de mel da Ana Valle. Daqui a pouco, quando abrir o doce fruto, vou talvez num barco, embalado no mar azul do meu pequeno paraíso de sonho e poesia, vendo passar os deuses e as figuras, nesse mar antigo e belo que me faz sonhar versos e pequenas eternidades e navegações. Bem hajam todos os amigos e todos os amores.

Não sabemos bem se estamos no campo, se atravessamos uma zona suburbana, pensamos na estranheza e o olhar não pára. A paisagem é feita de linhas desencontradas, de desníveis, materiais que se confundem. Grandes portas fechadas deixam adivinhar as hortas e os quintais, aqui e ali há legumes expostos junto à estrada, tudo parece envelhecido com o tempo baixo e brumoso. Passeio um pouco pelo labirinto, entre o mar e os cães. Entro no bosque, como se visitasse um filme misterioso. Confesso algum receio, medos antigos, hortas no emaranhado de pinheiros e clareiras desbastadas. Sobram alguns amieiros e julgo ver pequenos frutos de pilriteiro. Resolvo perder-me um pouco, os cães protegem casebres isolados no estradão que parece perder-se, o mar invisível, o som grosso, o vento aquece com o esforço.

Regresso à estrada. Agosto passa cheio de automóveis, roncões e travagens, alguma pressa. Do outro lado está o presépio de Fão. Entro nas ruelas e pequenos largos. Ameias e frontões oscilam, alguns vultos, passos de fuga,

uma porta meio aberta. Imagino a margem do Cávado, o jardim, os bailes no Clube, os travesseiros e as clarinhas, o pão quente, mas estou sentado num banco de pedra em meia lua, o céu corre cheio de chuva. Amanhã haverá um pouco de sol na areia molhada e sorrio talvez a pensar na obscuridade ou neste deserto de gente escondida. Aproximo a beleza do meu passeio solitário e sorrio, apesar de tudo sorrio e trago comigo o guarda-chuva. Não me falta nada.

20

De momento sou um arcebispo à sombra a decorar a unção dos enfermos. Passou há pouco nos ares, sob os altos cirros e estratos, o badalo seco de um sino de latão. Ó, inclemência!, e logo eu, a minha alta e afinada tentação de ouvidor de bronzes e carrilhões. Não faz mal. Sento-me na cadeirinha de praia, olhando a tristíssima relva sintética e as passagens do mundo na estrada, a beleza das configurações por imagens desconhecidas do meu tempo. O mundo agora é belo e prometido às teclas, faz-se de aparições e de imagens mais belas do que as coisas conhecidas. A noite caiu muito chovida, um estrondo insano de águas que abafavam o coração dos penitentes, as almas sofridas e alagadas, os medos do bosque que seguram as praias e o mar.

Regresso à meditação, enquanto a toalha branca vai secando no varandim. A oração fala comigo. Revejo a sequência dos verbos e dos imperativos, os bons desejos, o milagre que há-de chegar como um coração exposto. Depois esta alma inquieta e ocupada vai repetindo a gramática até se fazer luz no coração. Ah, este meu coração ansioso vai secando também. Sinto-me um pouco a toalha e a relva alagada e por momentos anseio um pastelinho de Fão, um daqueles a que chamam travesseiros, com o seu doce de ovos, amarelo ou quase moreno e a massa folhada tenra e estaladiça como trilos de pássaros exóticos.

Felizmente está bom tempo nas minhas orações. Já sei quase de cor a unção dos enfermos, respiro fundo e agora o sino toca o meio-dia, agora, sim, é coisa alegre e repetida, calou-se a estrada e o bravo mar a ouvir a salvação do alto som, pequenino e fino, já tocou e continua e eu a lembrar-me da boa companhia. Que alegria!

Está um calorzinho de mosquitos e o ar sereno deixando pousar o sol filtrado nas altas nuvens. A nortada espera nalguma caverna eólica dos promontórios galegos e os olhos piscam a luz brilhante, enquanto os pequenos vampiros preparam os esquadrões para chupar os "sangues da manada".

21

Dormi em sossego a noite e a companhia, dormi a leitura, a paz dos livros. Durante a noite, os versos acalmaram e acordaram expostos e eu pus-me a olhar o céu. Primeiro tomei café com bolachas e havia algumas nuvens que vinham do mar, quase brancas, de proa levantada.

Tenho lido a "Eneida", como se andasse a estudar efeitos especiais. Tudo começou quando o sacerdote Laocoonte veio descido dos sinais para avisar os troianos dos perigos insanos e da morte certa que se instalava poderosa nas areias, guardada num imenso cavalo venenoso e traiçoeiro. Ah, os deuses não trazem a sorte ou os avisos e logo uma serpente nunca vista, um bicho horrendo, fumegante e luminoso, destroçando o poder de arquitectos e desenhadores, atravessando o espaço da futura ficção científica, trazendo para sempre o terror das maldades concebidas em estúdios e computadores, veio esmagar o senhor da prudência e a seus filhos envolveu num abraço fatal.

A escultura de Laocoonte e seus filhos pode ser vista no Museu do Vaticano. Morreu Tróia para nascer o maior dos impérios, o mais poderoso exército, cidades, estradas, pontes e a lei da espada, mais célere e triunfante do que os voos de Mercúrio e a lei dos tribunais.

Atravesso a recta de Ofir olhando alguma decadência ou lembrando-me de quando aquele bosque parecia um pouco mais encantado. As três torres gémeas prometem um dia entrar pelo mar dentro, mas para já as águas marulham ao longe, o areal é longo e brilha na areia fina e escura, daquela que suja os pés misturada com a maresia. Levantam-se grandes cúmulos inchados no Atlântico, maré brava, o céu e a terra acrescentam-se no interior, acumulam-se as águas e aqui o sol rompe a névoa e as brumas, queima quem se distrai. No caminho aparecem loureiros com ar inofensivo, inodoros e por sorte um pouco de madressilva vem salvar as mãos

do botânico, meio perdido entre a passagem dos banhistas e cãezinhos encaracolados de ar mimalho.

Vamos ao Chinês! Está bem, vamos lá. Atravessamos a estrada. Eu acho que é do outro lado, mas está bem, siga. Entrámos numa loja. Não me está a conhecer? Quem é esta chinesa que assim me fala em português tão fagueiro e acertado? Fico a olhar, é só um espanto de alguns segundos e logo vejo, apesar da máscara, que é a Rita Mariz. Ó, Ritinha!, e logo reconheço também o senhor seu pai. Quando vais filmar? É só em Setembro e depois tenho que ir para Lisboa, aulas no Conservatório. Que surpresa!, a Rita Mariz, tão suave e delicada e um gigante, quando sobe ao palco e representa.

Este Sábado, pelas dez e meia da manhã, a Malad'arte estreia novo espectáculo. Chama-se "Uma Aventura no Parque". Onde é, onde é? No Parque da Ponte, claro, naquele encantador anfiteatro ao ar livre. Ó, que bela história vão contar, que boas palavras ouviremos à menina Floresta e ao senhor Alecrim. No palco a Mafalda Santos e o Leandro Liberalli e cá fora os deuses da floresta tecendo a casa, sonhando e vivendo as maravilhas da folhagem, das águas e dos bichinhos que encantam as nossas vidas. O Tiago Fernandes, a Catarina Barbosa, o Rafael Costa, a Natércia Santos, o Júlio Vilas Boas e a Daniela Rocha a olhar pela caixinha mágica. É a Malad'arte sempre no seu melhor, inventando a alegria do teatro, com a sua graça e talento e aquele espanto das coisas genuínas e surpreendentes.

22

Seis da manhã. Levanta-te, mandrião. Daqui a pouco ando o sol lá fora a levantar as brumas e tu metido num buraco, no fim do sono e no princípio de nada. Cafezinho, cafezinho e uma bucha. Estou outro. Saio cá para fora. Está frio, a estrada vazia, mas vou devagar. Gosto de ver a terra ainda quieta, realmente há brumas pousadas, algumas começam a esfarrapar-se e a subir as colinas. O tempo em pousio, deve ser isso e eu vou em busca do teatro, uma certa agitação, aquele silêncio do outro mundo que vira as coisas ao contrário e traz as palavras necessárias. Quando penso que há duas semanas atrás mal me podia mexer. Stress, trabalho, pressão, demónios, cobras, veneno

instituído, ó Senhor, livrai-me disto que eu apanhei um enjoo para todo o sempre. Iam-me dado cabo do sizo, mas devo ter sido salvo por forças aliadas da terra, do ar e do mar, um exército de amigos e de exemplos, alguns exercícios, depois pus-me a esquecer as maldades, como se estivesse pousado num muro a vomitar esconjuros para a morte vestida de funcionário, de ordem, de estratégia e de caprichos.

Estou salvo e como não posso ficar moreno, fico bronzeado por dentro. Ponho Nívea na alma e atravesso estas terras que agora despertam um bocadinho, o céu azul no meio dos cinzentos, os milhos brilhantes e molhados parecem tapetes. Agora misturo a ida e a vinda, deve ser este copinho de espumante que me soube tão bem. Fico a ver a cores. Enquanto viajo, lembro o Parque da Ponte entre o anfiteatro e os ulmeiros, entre o nervosismo e a expectativa. Sou suspeito. Gosto muito deles e o espectáculo já vai começar, o espectáculo já acabou. A floresta gosta de saber dos seus encantos e nós cá estamos, nós, público, amigos, passantes, mirones. Foi bonito, fiquei muito bem disposto e as crianças estavam muito atentas a ouvir o que nos ensinava a Floresta, o que nos contava o Senhor Alecrim.

O ulmeiro é uma árvore sagrada. Não saberei porquê, mas penso nas viagens ao Nordeste e nas terras de Miranda. Lembro-me do negrilho de Miguel Torga, mas também imagino o viajante na grande desolação da meseta. A árvore aproxima a sombra e talvez um banquinho de pedra e uma fonte. Sob o ulmeiro descansa o dia e o viajante pode olhar o horizonte depois da árvore e o caminho na manhã seguinte, uma coisa suspensa. Ouve a canção do vento e o céu brilha entre os altos ramos, o céu e o silêncio, um pouco de poeira a levantar as aves. No Parque da Ponte, depois do espectáculo, fiquei a olhar as folhas do ulmeiro. Trago uma comigo, junto ao coração. Trago-a comigo em sossego, uma pequena sombra ou uma fonte e o coração respira.

Ai, os famosos e incompetentes restauros feitos por uma pobre alma em Espanha. Depois, para confirmar os tempos que estão a vir, foi plantada aquela horrível estátua de Ronaldo. Tempos depois o horror que fizeram a José Afonso e agora a enormidade de mau gosto ou o desplante insultuoso que fizeram do rosto de Torga uma aventesma. Qualquer dia as obras ditas de arte estarão sujeitas a sufrágio universal ou a tómbolas nas grandes superfícies.

23

Gosto de subir à montanha. Lá no alto ouvem-se os ventos, quase se vê o movimento, coisas invisíveis que passam, restos de poeira e folhagem. Deixo voar espírito e pensamentos, fico sereno no corpo, levantado nas pedras e nos ribeiros. Lá no alto existe o sossego, a carne em silêncio, dispersa nas coisas observadas. Perco-me dos sentidos, a toda a volta acorda uma atenção, podia chamar-lhe um modo de olhar. Procuo uma pequena pedra, tomo-lhe o peso e sorrio como se estivesse na aula de mineralogia. O minério brilha nas suas variações, finjo acreditar nos mistérios da composição e as plantas atraem, como se tivessem voz e os rebentos entre as construções de pedra são as mãos curiosas. Precisamos de conhecer os cheiros da terra, o que vem dos lugares escuros, onde passam as águas animadas tocando os minerais como se fossem doces.

Nos últimos anos, chegado o mês de Agosto, tenho passado uma semaninha em terras do Norte. As primeiras impressões enganam o viajante. São terras difíceis para quem se julga iluminado por linhas abstractas de arquitectura e pela vulgaridade da crítica ou da má língua. Não deixa de ser verdade, no entanto, que nos aproximamos do litoral e vemos erguer-se mastodontes no meio do que nos parece o caos de ruelas e casario amontoado.

Chegámos a Leça da Palmeira e logo me pude encantar com aquele mar, uma espécie de festa de navios que vão e vêm, Leixões e o antigo rio Leça, um fio de água que agora recebe as gentes num fundo lago, os guindaste com as suas molas gigantes. Em Leça da Palmeira encontro o meu café, passeio junto às visões de Siza, descubro António Nobre num larguinho, nos nomes, nas lembranças e nos versos escritos nos penedos. Depois fomos parar às Caxinas, com aquele amontoado de vozes e multidão, gente brava, língua altiva, muito mar e peixe e havia no mercado aquele feijão fresco raiado que coze sem ser demolido. Agora visitamos Esposende, muito plana e estendida pela margem direita do Cávado. Lembro noites de vento, os pinheiros oscilando e aquela visão do rio, um suave nascimento de águas que chegam, a velha ponte de ferro e os longos passeios junto às dunas, junto às águas, os passos não contam, perdem-se, apetece continuar até Cepães, visitar a Guidinha que nos abre o portão. Tudo é bom, os tomates, o feijão verde, o alho francês, as

batatas, os alhos, as cebolas. Agora estamos em Fão, na margem esquerda do grande rio. O Cávado era talvez o Cavado, mas depois puseram-lhe o acento, coisas do falar e da ortografia.

A pequena vila sossega no jardim, as águas têm um silêncio leve que vai e vem e as pequenas ruas e largos protegem a vida, os ventos sopram do Norte, são difíceis e demoram, depois vem o Sudoeste com as suas bafaragens quentes e traiçoeiras. Em Fão há uma grande paz feita de aparições e surpresas. Os meus olhos são a máquina de filmar e o enredo anda no ar, pousa nas margens, esconde-se nos becos, abre janelas e portas, aqui e ali um banquinho ou um jardim.

O "Santo Graal" dos tempos modernos, diz o locutor ao referir a taça dos Campeões Europeus. Cá está uma grande palermice ou mesmo uma broeirice disfarçada de metáfora pós-moderna e condescendente. Não tenho paciência, mas a culpa deve ser do meu ouvido de tísico. Detesto este chocalhar de mau gosto, este abandalhar palavras e expressões.

Há pouco, pela hora do almoço, uma pequena reportagem da RTP sobre a série "Vento Norte". Silêncio geral e familiar. Olha eu ali, muito direito na minha veste de arcebispo. Um pequeno contributo para a série, um grande acontecimento na minha vida.

24

De volta a Braga. Por momentos, esquecia-me de olhar para as coisas e já vinha pespegado ao alcatrão, entre aluado e abstracto, mas depois veio um aviso, chegou rápido, como sempre chega o mensageiro. Tem calma. Olha à tua volta e eu olhei. Curiosa aquela chaminé, os milhos muito regados e abanados pela nortada, os carvalhos orgulhosos perante os esquadrões de eucaliptos e aquele azul que se vê para os lados de Barcelos. Temos sorte com o tempo. Nascem manhãs tranquilas, cheias de sol ou cheias de bruma, tardes ventosas, noites frescas, chegam humidades de todas as cores, caem calores que nos afundam na terra e agora, sim, a viagem vai serena, chego a Braga e não penso nisso. Agora tenho uma missão. Descarregar as malas,

os sacos, as coisas, a minha casa à sombra, arrumos, chega a hora do sono, esqueço-me, lembro-me e vou ler um pouco. Tenho texto para decorar e isso são nuvens, há uma certa agitação que vem de fora, coisa que se acrescenta. Entro em estado de alerta.

25

Nasci e cresci num mundo fechado, uma pátria húmida e chuvosa a olhar pelo postigo e a desconfiar do próximo. No entanto, foi durante esses anos de chumbo que eu pude encantar-me ou sonhar, pelo menos, o encantamento do mundo. Devo esse milagre aos livros que o meu pai reunia carinhosamente na pequena biblioteca da nossa casa da Avenida. Devo muito, também, à paisagem que podia observar das janelas do meu quarto ou quando espreitava o vale do Cávado junto aos escadórios do Bom Jesus ou me distraía além das janelas do Liceu. Encantava-me também com as imagens do livro de geografia e desenhava mapas de terras longínquas com a companhia serena e sábia da nossa maravilhosa professora de geografia, Maria Antónia Barbosa. Ah, as pequenas viagens a Guimarães e a passagem na Morreira, as idas ao Porto e as Voltas da Macada, as camionetas do Marinho que me levavam à Lage.

Lembro os grandes penedos, tenho ainda um lago escuro junta às margens pantanosas e ouvia, ouvia sempre os mais velhos e as suas histórias e depois descansava um pouco nos suaves romances da Regeneração ou tremia com algumas páginas assombrosas de Camilo, que me faziam ainda mais pequeno e humilde perante a língua fabulosa, que me trazia almas aflitas e dores obscuras, como se eu vivesse descobrindo cavernas na respiração das coisas humanas. Ainda hoje tenho esperança, quando o tempo muda e as cores me assaltam, quando ainda me sinto viajar nessa noite do tempo que me entregou a ternura e a atenção, mas também a maravilha das aparições, um voo de ave noturna, a descoberta de uma planta, as variações que animam e compõem os dias, como se fôssemos seres frágeis e libertos, coisas que voam de nós e nos fazem presentes nos lugares desconhecidos.

Rio *Adagio*

Há assuntos que não podem ser tratados ao sabor da hora e do que anda em volta. Primeiro é preciso dormir e sonhar, recobrar ânimo e resistência. São os assuntos do dia seguinte. Posso admitir que há um certo conteúdo da escrita que se constrói durante o sono. É uma região magnética, matéria muito leve, que se anima ao longo do corpo, mal sente os primeiros estremecimentos. Depois tomo um café e como duas ou três bolachinhas daquelas que a Alexandra gosta. Nessa altura, escrevo rápido, embora me lembre dos vários tipos de andamento que aprendi quando estudei um bocadinho de piano. É bom começar em modo *andante* e acrescentar aos poucos o *cantabile*. É claro que é sempre bem um *allegretto* e, porventura, um rapidíssimo e fulgurante *scherzo*, que logo se acalma para vir desaguar num *adagio*. Rio Adagio... Desculpem, mas não vou pôr acento no a. A palavra vai mais bonita assim a descoberto, é mais latina.

26

E o Verão vai pousando suavemente. Sento-me um pouco junto à groselheira. Andam passaritos nas escuridões do loureiro. Saltitam, parecem querer aproximar-se, pousam a olhar e voam como um fio ou uma seta. São verdilhões, pareceu-me, aves canoras, coisa de bom augúrio, que sempre ajudam a louvar o dia. Vou tomando café e repetindo os textos de cor. Depois saio um pouco. Há um cafezinho à minha beira que a esta hora costuma ter pão quente. Os amigos sentam-se na esplanada. Recebo notícias de Miranda.

O meu pai ainda hoje se levantou pelas seis e pouco e até às oito e meia já tinha posto as pencas para o Natal. Agora vou comer qualquer coisa e beber um calinhos, diz-me ele. Já tem 89 anos o meu velhote e bebe todos os dias uma pinguinha de aguardente. E eu que gostava tanto de aguardente! Agora não posso beber, vai-me directa sei lá para onde, fico logo doente. Caí no caldeirão várias vezes e é o que se vê. Não posso bebê-la, mas posso cheirá-la. Reconheço-lhe ainda agora as qualidades. Daria um bom provador de cheiros.

Entretanto vou conversando um pouco com a María Luiza Alonzo. Foi minha professora, quando entrei para a UM e ela fala-me da terra, do seu pequeno *pueblo* perto de León e eu parece que estou a ver os montes que vão crescendo até aos Picos da Europa. imagino os bosques, aqueles silêncios que passam entre os choupos e os carvalhos e acompanho os jogos de cartas, as conversas do dia, vozes bem colocadas, espanhol que se preze fala alto e aberto. Já trago o pãozinho comigo. Estou em paz no meio dos textos. Tenho que tratar bem a memória. Ela dá sinal quando toma conta do coração. Vou continuando a repetir, como se fosse uma massagem, um internamento entre a luz e o sangue e talvez por isso este sorriso que me aparece pousado, quase musical.

Observo que a memória é mais rigorosa quando toca o papel. Repito o texto ao ar livre, as palavras andam à solta e sucedem pequenos desvios, distrações, deuses infantis que se divertem a roubar palavras. Normalmente são pequenos delitos, mas a verdade é que o papel é mais difícil de assaltar. O texto anda no ar e cai como a maçã, com a sua intensa e completa gravidade. O papel é chão e fruto da terra, é ainda o lugar que abre para o universo, o cais e os ventos e depois recolhe as viagens e fica em sossego. Haverá uma ligação directa entre o desenho, a antiga matéria, a folhagem e o saber da memória. Pego na caneta e de novo no papel. Faço ditados de silêncio.

27

O nevoeiro faz aparecer e desaparecer as coisas. De manhã, dizem-me, havia nevoeiro na Apúlia, mas como não sou um apanhador de sol, não fico triste ou preocupado. De momento o céu está limpo, muito alto e azul. Para lá do monte da Franqueira, os tons mudam. Sente-se a humidade e nuvens altas dispersas. Já se vê o mar. Aqui começam as terras de xisto, não demora muito avistam-se as maceiras, as cebolas a secar no campo. Olho a barra. Uma linha cinzenta a noroeste, mais ou menos enviesada. De momento, há uma grande algazarra junto à praia da Lagoa, quem vai para A-Ver-O-Mar. A sonoplastia mais ou menos costumeira cansa-me. Gritos, altifalantes, descapotáveis a estrugir sólidos pimbas, mais o carro dos gelados e "o mar de longe bate".

Medito um pouco, leio, escrevo ou esqueço-me e de repente o nevoeiro. Saio à varanda e assisto à debandada. O nevoeiro vem como um corpo puxado a vento e a gaivotas. Com a noite, pega-se mais ao chão, acalma e aquece. Vamos a caminho do pequeno restaurante chamado "O Chapeuzinho". Estamos na velha Póvoa, paredes meias com as Caxinas, ruas silenciosas, pequenas casas de pescadores, o nevoeiro anda lá em cima. A Luisinha e o Jorge tinham pedido peixe frito e lá estavam os carapauzinhos, a sardinha da pequena e umas fanecas muito frescas, com ar de terem andado a nadar no paraíso.

Não sou um grande bebedor de cerveja, mas há dias e hoje, de tanto me ter esforçado no Latim, nasceu-me uma sede antiga, uma secura semelhante à que se vive no deserto do Gobi e então, a caminho de casa, parei um bocadinho no Chave D'Ouro e pedi uma Red Vintage 1906 e pus-me a ver sair o génio da garrafa, o fumo mágico e o meu velho Audi aqui mesmo ao lado que me vai pôr em casa devagarinho. Que rica cervejinha!, e não leva ovos.

Não é propriamente uma demanda nem tão pouco uma saga, mas acontece lembrar-me de expressões ou modos de falar que se usavam lá em casa. "Estar em oremos" referia normalmente alguém que ainda não estava arranjado ou preparado para sair. Alguém que estava atrasado, enfim. Ó, mãe, o pai já está pronto?! Ainda está em oremos... E a gente percebia que era cedo e que havia tempo naqueles modos lentos da preparação.

28

Quase depois da madrugada e as pombas muito direitas nos candeeiros da circular. Ainda é cedo para voar. Estaciono na Rua da Restauração, bem longe dos Biscaínhos. Vou no meu sossego a lembrar-me do texto. Depois tenho a sorte de passar uma boa parte da manhã e da tarde na capela de São Geraldo. É um lugar que se faz raro, quase sempre de porta fechada. Mostra-se à cidade uma vez por ano para lembrar o milagre da fruta no dia do padroeiro, mas hoje foi um lugar habitado pelos actores. Rigor, silêncio, a obscuridade natural e um pouco de luz coada junto ao túmulo de São Geraldo. Durante os

intervalos, sentava-me cá fora, nas pedras antigas, vêem-se pequenos farrapos no recorte de céu, o vento virou a Norte, o ar lavado do Norte. No regresso a casa, lembro-me do Jardim de Santa Bárbara, um dos lugares que reúne o coração da gente. Passo meio encadeado pelas cores, esqueço-me, fico só a olhar e depois continuo a sorrir para a próxima estação e o jardim é sempre belo e há-de chegar o inverno e as cores do frio, com o seu recolhimento, as florzinhas agasalhadas.

29

Estamos quase em Setembro. Não sei como será este ano, mas lembro-me de uma antiga calma que vinha abrir-nos a porta. Era tempo de ir para a aldeia, antes do recomeço das aulas. Preparavam-se as vindimas, os milhos secavam, havia a promessa do mosto no ar, as folhas mortas caindo mínimas, a bicharada ansiosa pelos açúcares, misturava-se o sol ardente com a marmelada e a noite mais fresca, às vezes um pouco de chuva ou uma trovoadade de fazer ajoelhar os crentes. A palavra vive ainda de inúmeras ressonâncias. Oiço-a em alguns versos de Eugénio de Andrade, uma mistura de folhas no olhar, talvez promessas, alguns incêndios antes das chuvas e de súbito a luz esmorecendo, como se desabasse a euforia. Era bom passear na cidade a ver os bronzes com as roupas brancas, a volta dos tristes parecia um arraial.

Eu sou meio terra, meio ar e vento, embora tenha passado boa parte da minha vida numa cidade granítica sujeita, às vezes, a aragens pesadas e a ataques de melancolia que nos pespegavam às ruas ou nos encostavam às esquinas. A Braga da minha infância e adolescência era, no entanto, uma cidade visitada pelos vendedores ambulantes e pelas gentes das aldeias, principalmente nos dias de feira. Vinham os animais e as carroças, vinham os legumes, as couves galegas a chiar pelo Natal, as tronchudas com o seu ar de couve matrona, as cenouras a cheirar a húmus, as cebolas com a casca muita leve a desfolhar e uma grande algazarra nos talhos, os ecos do mar no chão da peixaria, no frio que entrava pelas portas abertas e pelo chão muito corrido a água. Vinham também as sarjas e as chitas e as flanelas, vinham sapatos, chapéus, bengalas, louças.

O povo ia chegando e também se internava na cidade, em particular nas pastelarias. Era a Benamor muito cheia de gente a beber tacinhas de vinho branco no correr da manhã e eram os bolos costumeiros, era a Primorosa, o Capa, o Cabanelas, o Luxa e aquela mistura de gente, vozes, guarda-roupa e adereços que pareciam nascidos num quadro de Bruegel. Não sei o que é.

Comecei a escrever pensando que ia poder falar das vindimas, mas vou deixar essa aventura para mais tarde. Mesmo assim, para me atrever a desenhar estas lembranças tive que comer uma banana e um pouco de queijo. Talvez o almocinho me dê o alimento que preciso para me atrever a falar dessa epopeia gloriosa que nos punha a dormir sem sono.

Ai, a república das letras! Oíço falar de casos, congeminações, arranjinhos, jogos de bastidores para outorga de prémios, pressões, coisas, enfim, que lembrariam os sórdidos corredores das conspirações palacianas. Que é isto? É claro que não falarei em nomes, tenho vergonha, mas também é verdade que os "arrazoados", entre ditos e não ditos, têm vindo a lume em publicações e comentários. Enfim... Só tenho um adjectivo, "gostei", como dizia o outro. Penso, no entanto, que esta doença não terá cura e que o melhor é ter no bolso uma saquinha de arruda.

30

Gentileza

À memória de António Augusto Silva, meu vizinho

Entro na minha rua com a esperança de arranjar um lugarzinho para estacionar. Olho lá para o fundo a mais de cem metros, mas parece-me que não há lugares vagos. Tenho este aqui, logo no princípio da rua e bibó belho. Estaciono direitinho, saio, pego nas minhas coisas, fecho o carro e vejo o meu vizinho lá ao fundo, perto da entrada do meu prédio, de bangala no ar a fazer sinais. Logo percebo que tenho lugar em frente a casa. Despacha-te, Zezinho. Abro o carro, atiro as coisas lá para trás e arranco em estilo corridas de Vila do Conde. Um lugarzinho mesmo em frente a casa. Que sorte! Cumprimento o meu vizinho. É um homem idoso, bom conversador, muito atento a tudo e

de vista arguta, como é bom de ver. Obrigado, amigo, obrigado. Então, não é melhor aqui?, diz-me ele. Agradeço mais uma vez e despeço-me. O meu amigo prossegue o seu passeio e diz-me ainda, com um sorriso, virando-se para mim, não custa nada ajudar os outros, não acha?

Simpatia

Foi na sexta-feira passada. As filmagens de "Vento Norte" decorriam na capela de São Geraldo, na Sé de Braga. Celebrava-se nesse dia e nessa hora o casamento de Tomaz, filho de Dom Mello e de Joana, ex-empregada da casa. A capela estava repleta de familiares, amigos e convidados; a capela estava repleta de actores, bem entendido. À entrada da noiva ouviu-se a "Ave Maria", de Schubert. A produção tinha convidado uma cantora lírica que se mostrava nervosa, quase humilde perante aquela plateia tão habituada às lides e ela, na sua fragilidade, com o seu bonito sorriso, cantou e cantou muito bem. Quando a cena terminou, a potente voz de comando ecoou na casa de São Geraldo. "Cortou". Houve talvez um ou dois segundos de silêncio e logo depois uma grande salva de palmas de todos os actores presentes. Palmas, afecto, alegria, sorrisos, parabéns merecidos. Sentia-se a alegria da jovem cantora, um renovo talvez de confiança, uma voz ainda mais bela e mais segura nas repetições e gravações que deveriam prosseguir. Foi muito bonito e eu fiquei um bocadinho comovido.

31

Ontem madruguei para as filmagens em Tibães, um dos meus lugares encantados. Lá fui pelos silêncios e calmas da manhãzinha. Gosto da descer ao vale por São Jerónimo de Real, atravessar a rua estreita entre as casinhas pequenas que me fazem pensar no falar à Braga, muito repontão e travesso na voz daquele povo que se habituou a falar ao longe, a chamar às janelas, a inventar meias palavras entre a rua e os cafés.

Conheci o Mosteiro noutros tempos, quando era habitado por uma numerosa família, de que fazia parte o meu amigo Fernando Nasco. Ninguém falava melhor à Braga do que ele. Era um actor cómico em estado selvagem,

um criador de modos de dizer e de uma gestualidade muito orgânica. As palavras saíam-lhe das mãos e dos braços, oscilavam nos ombros, tinha um humor nascido na coloquialidade, como se a vida e os encontros fossem refeições de palavras, de histórias e de invenções da situação. No entanto, o Nasco punha e põe uma total seriedade no que diz e por isso a piada, o riso e o encantamento se tornam vitais, revelações desconcertantes de uma imaginação delirante, que vem cantada das mais diversas gírias e latins. Depois o estado comprou o Mosteiro e as ruínas ficaram silenciosas a pairar durante muitos anos.

Tive a oportunidade de acompanhar às vezes as obras de restauro. Um trabalho imenso, obra meticulosa, feita com teimosia e paixão e hoje temos esta maravilha aqui mesma à beirinha, a dez minutos da cidade. Acabo de chegar. Atravesso o grande terreiro. Olho um lugar lá ao fundo, junto aos carvalhos encostados ao muro da quinta. Estaciono onde me parece que haverá mais sombra, quando o sol se levantar sobre o grande terreiro. São três carvalhos. O maior ao centro e a ladeá-lo dois catraítos já espigadotes. Fico a olhar as folhas.

No outro dia, no Parque da Ponte, pus-me à procura de uma folhinha de ulmeiro. Guardei-a durante uns dias na minha carteira dos documentos. Deixei-a secar e ela saiu de lá muito lisa. Resolvi guardá-la numa edição do Dom Quixote. Uma folha no meio das folhas. Hoje vou recolher uma folhinha de carvalho alvarinho. Encontro a mais bela, aquela que me encanta, pendente num ramo que desce na minha direcção. Recolho-a com cuidado e guardo-a. Vou prepará-la primeiro e depois irá fazer companhia à folha do ulmeiro. Para a semana vou procurar uma folhinha de bétula. Há muitas em Braga, mas as podas deformaram-nas, levaram os ramos pendentes e a copa arredondou para ficar com aquele ar de secador de cabeleireiro. Felizmente lá na escola temos bétulas em estado natural. Os ramos caem quase até ao chão, como se fossem longas cabeleiras lisas, feiticeiras que se divertem a espalhar os cabelos e a entornar a folhagem. A maior parte mantém aquele tom matizado do tronco, alternando brancos e cinzas. Por isso lhes chamam as noivas da floresta.

Quando andávamos no Liceu fazíamos herbários. Na altura, eu sabia pouco ou quase nada, mas lembro-me de recolher as folhinhas nas ruas de Braga, na Lage ou em São Miguel, quando tinha oportunidade de sair em

viagem. Eu não tinha jeitinho nenhum para a composição, mas lembro-me bem de ter comprado um caderninho rectangular, onde alternavam folhas de papel tipo cavalinho e separadores de papel vegetal. Entro agora no Mosteiro. Vêm-me à memória os espaços, outros dias e outras passagens, o lago, as histórias de Camilo, Herculano e as revoluções, os incêndios, os campos cultivados, o milho, a horta, as altas ramadas, a pequena via sacra. Casei em Tibães há trinta anos e hoje vou filmar na sacristia, onde assinámos os papéis naquele dia 23 de Junho.

Eu sei que falo muitas vezes das aves e das árvores. Sou sensível ao vento que passa e aos pequenos acasos da rua. Olho o céu e as nuvens e deixo-me levar por doces memórias, como se estivesse um pouco doente ou levemente enfeitiçado. Faço o que posso todos os dias e às vezes repito-me e então lembro-me da música e das frases que se encadeiam tecendo variações em volta de um tema. De um modo geral a lira é triste, mas o escrever é uma alegria inscrita, coisa nascida que segue o seu caminho. Deixo outros assuntos para depois. Haverá, talvez, casos mais graves, que exigem tempo e ponderação. Não é chegado o momento para descer ao inferno. Cada coisa a seu tempo.

SETEMBRO

1

Ainda não são sete da manhã e há um grande luzeiro na rua. Mal posso ver o céu, embora me aperceba de algumas nuvens sem pressa, daquelas que se apresentam emburralhadas e depois se acendem com o sol e ficam paradas sobre a cidade com ar de sinaleiras do mormaço ou de tupperwares da abafação. Vai estar quente hoje à tarde. Felizmente vou para Tibães e por ali haverá sombra e frescura e coisas bonitas para ver entre os silêncios do claustro e dos longos corredores.

De repente, os candeeiros apagam-se e logo aparece um automóvel a meio da rua, os faróis muito acesos, parece um bicharoco da guerra das estrelas. A mudança de luz traz-me o dia a nascer, silencioso depois do automóvel. Fico um pouco à janela a ouvir o outono.

Gostaria muito de encontrar as palavras que pudessem evocar o que vivi nos dias em que estive a filmar, o que pude ver e ouvir e aprender. Hoje, no entanto, quando chegou o fim da tarde, fiquei tomado pela emoção e com a sensação também de que vou dormir sem sono, como se tivesse acabado uma longa jornada de vindimas. Procurei as sombras, de modo a ter a luz suficiente para decorar o meu papel e a frescura necessária à meditação. Consegui, ao fim de muitos anos, deitar-me cedo, antes das dez, o que me abria a possibilidade de ver nascer o dia. Acho que sonhei muito este Verão e fui muito feliz.

2

"E lucevan le stelle"... Oiço, ao acordar, a ária de Puccini. Senti a água nos olhos e depois vi o céu muito azul. Uma fonte encantou a noite. Andei a estudar astronomia, lembro-me que havia pequenas cartilagens no movimento aparente e fui visitar alguns segredos. Vi então as coisas mais belas e enquanto descansava, as memórias eram coisas esquecidas, um filme mudo em ambiente marítimo e agora esta água, o movimento, a saudação ao sol.

A entrada do meu prédio está virada a Norte e à sombra. Por isso sinto este ar cálido e saboroso de rosas dissolvidas na brisa. Contorno a rua e sigo ainda protegido pelo ar ameno. Um pouco mais longe desponta aquele galinácio adamastrôncio que sinaliza o grande eirado da Makro plantado de automóveis. Atravesso o pequeno deserto que me separa do meu carro e preparo-me para o choque térmico. Fico logo a suar. Não há dúvida que o aquecimento global está em todo o lado.

Siga... Vidros abertos, está a andar. Vou buscar a minha mãe, temos que ir à Póvoa. O interior do veículo continua a libertar calor. Como é costume, o alívio tem início pouco depois de Barcelos. A proximidade do mar sente-se na oscilação dos eucaliptos empurrados pela nortada. Chegamos. Felizmente trago sempre a minha arma secreta. Que bem me sabe o casaquinho às costas!

3

Quando eu era pequenito, as vindimas começavam com o mês de Setembro bem entrado, embora Agosto já tivesse oferecido o vinho dos melros. Guardo aqueles dias de grande azáfama em Santo Amaro. A eira coberta de grão de milho a secar a e debullhadora a triturar o caroço. No dia combinado havia um grande bulício. Os homens passavam com as escadas e as cestas e penduravam-se nas ramadas e nos choupos mais ou menos decepados por onde a vinha trepava. As mulheres apanhavam os bagos que caíam ao chão e despejavam as cestas. Onde não havia tractores, era o carro de bois que levava as uvas ao lagar. Havia algum cuidado antes de se iniciar a pisa. Retiravam-se alguns podres e folhas que se misturavam nos cachos. A pisa era normalmente um assunto de homens. As mulheres ficavam de fora, noutros trabalhos e os homens pisavam lentamente, cantavam e faziam curiosas repetições sonoras inspiradas em canções de trabalho. Às vezes metiam as crianças dentro do lagar. Dizia-se que era contra o reumatismo, que aquela massagem ajudava a crescer e a curar males difíceis de pronunciar.

Comia-se muito durante o trabalho. Comia-se e trabalhava-se. A digestão era uma coisa feita em andamento, sem tempo para se coçar. Bacalhau frito a meio da manhã e vinho, claro, massa à lavrador ao meio-dia, merenda

abundante a meio da tarde, com broa e chouriços e outra vez bacalhau e o mais que houvesse. A lide só terminava ao pôr do sol, depois da última refeição. A vindima fazia parte da vida, mesmo para nós, meninos da cidade, e a aldeia era esse tempo feito de curiosidade e espanto, de histórias que ouvíamos cantar, espíritos que assaltavam a noite passando sobre as ramadas, espreitando os muros e fazendo sombras ao luar que houvesse ou à escuridão misturada de estrelas.

Houve vindimas heróicas e havia caminhos perigosos, onde era preciso conduzir "os mansos bois coloquiais" com perícia. A catraiada pendurava-se nos carros a chiar, sempre se via o mundo um pouco mais do alto. A família paterna era grande apreciadora de vinho verde tinto. Era um prazer ver os tios a abrir as garrafas e a apreciar o precioso líquido, com aquele ar de sangue a ferver, pintando a malga ou subindo os copos, uma maré de aromas destinada a amaciar as gorduras e a tornar sedosos os interiores digestivos, que esbordavam ritualmente pelos canais competentes grandes quantidades de merda, com a sensação de obrar pudim Abade de Priscos.

Um belo dia decidi-me a colaborar numa vindima no Douro e lá fui até à quinta do meu amigo Jorge Franqueira. Lá do alto víamos o Marão e o Alvão e mais perto, descendo a encosta, o laranjal. Eu ia fresco e cheio de ganas para me portar como herói da jornada, mas levava sandálias de bor-racha. As mulheres olhavam e riam e algumas ainda me mandaram umas bocas sobre o futuro imediato dos meus pés. Fiz o que pude, mas o terreno inclinado, a explosão de xisto afiado como lâminas foi-me dilacerando os pés ao longo da jornada. Estamos sempre a aprender, não é verdade? Eu bem via os trabalhadores de botas e grossas meias e eu de pés pelintras, como se andasse a levitar no Passeio Alegre, enfim...

Com os tempos foram-se as quintas, o pai morreu e os tios e as vindimas abandonaram a pátria familiar. A partir de então ia ajudar os amigos, sempre que podia. Pelos vinte anos, fomos passar uns dias a Bucos. Dormimos em casa do avô do Almeno, junto às cebolas e às batatas, a noite era mágica, dormíamos sem sono, naquela escuridão do silêncio e das estrelas, que deixa ouvir as histórias e faz pensar em encantamentos. O avô contava histórias e dedilhava a viola e nós bebíamos bagaço e vinho americano e estávamos ali, sossegados e delirantes, trincando uma noz e sonhando talvez com alguma morgadinha que pudesse aparecer no dia seguinte passeando no alpendre,

espreitando à janela ou cavalgando na serra da Cabreira. Bucos era uma terra encantada e a noite chamava-nos.

Nesse dia, antes de nos deitarmos, fomos passear pela aldeia. Em certo passo do caminho ouvíamos um cântico. Era uma voz fina e suave, parecia um nevoeiro feito de sons prolongados ou então era um gemido, uma melodia que assombrava imagens em movimento. Um pouco mais perto, havia luz e nós fomos espreitar. A velha porta de madeira deixava ver o lagar encostado à entrada da adega. O homem pisava, era idoso, pisava lentamente. A mulher, vestida de preto, pousara a candeia junto do lagar de pedra e cantava, era ela que cantava e encantava a noite. Ficámos ali e eu acho que fiquei ali para sempre naquela imagem que tantas vezes regressa e me traz o cinema. Era no tempo em que podíamos ver Fellini e Buñuel e eu acho, ainda hoje, que "vi a luz", naquele cantinho, quase nada, na pequena aldeia de pedra encostada à serra, naquele cântico sem tempo, feito de uma ternura infinita, uma beleza que só pode existir nas histórias de amor.

Fui várias vezes à Festa do Avante. A primeira foi nos terrenos da Ajuda, mais ou menos pendurados no Tejo. Depois o tempo passou, andei por fora e há alguns anos regresssei à Quinta da Atalaia, na companhia do meu amigo Camilo. Partíamos de Braga às seis da manhã, na camioneta alugada, pequeno périplo pelas terras do Minho a recolher camaradas e lá chegávamos ao hotel pousado entre Tejo e Sado. Numa bela tarde de Festa e de calor, estávamos nós sentadinhos no pavilhão de Braga, em conversa animada pelo ventinho do estuário, fez-se um grande burburinho a meia distância. Logo chegou a notícia. Era o professor Marcelo Rebelo de Sousa que visitava a Festa, ainda não era presidente, claro. Tinha esse hábito. Visitava os pavilhões, embora mais atraído pelo artesanato e pela livraria.

Passei bons momentos na Festa. Muita alegria, boa camaradagem, respeito e consideração, organização e asseio exemplares, concertos excelentes. Não sou do partido e nunca fui, mas admiro uma boa parte da obra feita e o grande contributo para que Portugal se tenha tornado um pouco melhor. Quanto à recente campanha que tem sido feita a cavalo da "Covid", desejo que os carapaus de corrida vão à bardamerda. Este ano não irei, mas tive o prazer de comprar uma entrada, a conhecida EP, para ajudar à Festa. Já agora,

aproveito para lembrar aos esquecidos que, apesar dos males da 1ª República, o 28 de Maio não foi nenhum 25 de Abril.

4

Não sou muito dado à coscuvilhice nem tenho o hábito de me pôr a ouvir as conversas dos outros, se para tal não sou chamado. Pode, no entanto, acontecer ao cidadão, ir a passar desprevenido na rua e dar-se conta que as vozes e os discursos vêm ter com ele, mais por mérito de confluências acústicas do que por vontade própria. A nossa cidade também é feita de cantos, recantos e passagens, onde as vozes se enrolam, como se planassem bem audíveis na geometria urbana, embaladas pelo desenho dos volumes e pela santa disposição dos granitos.

A passagem do Largo da Senhora-A-Branca para o lado húmbrio da Avenida, com aquele correr de casario que desemboca na basílica dos Congregados é um desses lugares talhados para o ouvido, como um projecto de anfiteatro grego que sentasse multidões entre bosques e fragas a ouvir a íntima perfeição dos sons. Ora bem, ia eu a passar e reparo numa senhora com cerca de meio século que segue à minha frente. Vai muito segura no seu passo lesto, máscara a envolver-lhe o rosto, telemóvel ao ouvido, coberta por um atraente vestido às bolinhas. Se é cambraia ou cetim não sei, mas as bolinhas são pretas e outras parecendo brancas são afinal azuladas, mas leveirinhas, com aquele azul quase a esbranquiçar, quase a desmaiar. Sigo atrás, retardo o passo, mas a conversa vem ter comigo.

Foi, foi, dei um erro ortográfico. Eu mal chegue a casa, corrijo logo. Ai, que estou tão envergonhada! Não quis ouvir mais nada. Fiquei a pensar em altas questões de gramática, desfilaram perante a memória e a consciência mil e um casos de desastres ortográficos, pensei no desconcerto e nas vilezas sofridas pela língua e fiquei condoído, quase orgulhoso. Com cidadãos assim talvez se possa salvar o país. Creio que a palavra em causa era "levíssimo". Talvez a cidadã tivesse omitido o acento ou tivesse esquecido um dos ésses. Achei bonito e assim fui, entre sorridente e contente até à livraria. Trago comigo o 1º volume das "Mil e uma Noites", edição recente, cuidada, fruto de muita investigação e estudo. Continuo a pensar no caso do erro ortográfico.

Eles acontecem, andam aí, mas fazem-me sofrer. Quando dou por ela, corrijo logo e se não o posso fazer de imediato fico ansioso e preocupado, como a senhora do vestido às bolinhas.

5

Todo catita, todo laroca, todo pimpão, todo janota, barbinha feita, roupinha lavada, ar de pascoela e lá vou eu a espalhar aleluias. Estava-me a lembrar dos amigos que um dia me ofereceram umas calças de ganga modernaças, não sei se eram Lewis ou Lois. Naquela altura eu vestia-me meio desengonçado, ligava pouco ao guarda-roupa. Vestia o que calhava e estava sempre tudo bem. Mas nesse dia puseram-me mais ao tempo, sweat branca, calça de ganga justinha e eu senti nisso, mais do que vaidade, o bem-estar da companhia, a partilha ou talvez a projecção de uma aventura de rapazes novos dispostos a partir à conquista do fim da tarde, quando as raparigas saíam do Liceu. Em Mirandês, neste caso em Sendinês, dir-se-ia que o rapaz se apresentava muito piroleiro, com ar de "moço troveiro" sentindo a paz das roupas, como se tivesse asas nos fundilhos.

Às vezes preferia que os escritores não tivessem biografia ou que se assinalasse apenas o dia do nascimento e o dia da morte, como disse Pessoa da forma mais bela. "Se um dia quiserem escrever a minha biografia (...)". A verdade é que eu tinha regressado à livraria, porque catrapiscara há dias um romance de Knut Hamsun que ainda não tinha lido, "Victoria". Depois de ter lido "Fome", não podia deixar fugir a oportunidade.

O grande escritor norueguês foi prémio Nobel em 1920, mas vinte anos mais tarde apoiou a invasão nazi do seu país. Isso valeu-lhe a prisão e o ostracismo e valeu-lhe ainda o internamento psiquiátrico e a absoluta miséria dos últimos dias na terra. Como foi possível a Knut Hamsun apoiar os nazis? Enfim, leio as primeiras páginas do romance e é tudo muito belo, encantador, quase onírico. Passeio com o narrador pela floresta e julgo conhecer com ele os ninhos, os gorjeios, as árvores por onde passamos, as pedras lá no alto e fico suspenso no fim do livro com as palavras encantadoras da carta de Victoria a Johannes anunciando-lhe o amor e a morte.

Três vírus pode ser demais. Do vírus que provoca a doença chamada COVID temos falado, embora saibamos pouco graças, em parte, à contrainformação; do vírus da gripe iremos falar e logo se verá se vem muito assanhado ou não. Não convinha nada. Falta saber se o vírus da extrema-direita despertará ou não da sua aparente lassitude, que o faz parecer um bicharoco horrendo de bico calado, movendo-se nas sombras, aguçando facas longas e lambendo cianeto entre dentes.

6

Tivemos um belo jantar ontem à noite. Bem conversado, saboroso e um pouco viajero. Retenho as histórias e as imagens da Sicília. Gostava tanto de lá ir! Quero ir a Nápoles, sim, quero olhar o Vesúvio e andar naquele trânsito que me fará lembrar o Egípto e depois irei a Palermo e hei-de parar nas terrinhas pequenas para comer massa num pequeno terraço, com aldeias penduradas nas encostas e marés e talvez possa desaparecer entre paredes e reflexos de algum palácio abandonado e subir as encostas do Etna e ver nascer os filhos do vulcão e andar espantado durante esses dias com aquele povo antigo, feito de viagens e ventos contrários, feito de artes, guerra e desconcerto, nascido da música e do mito.

Travessa da Estrada Velha, freguesia de São Paio de Merelim, antigo Couto de Tibães. Passámos o quelho e ficámos entre ruínas e casas de habitação, ar robusto, paredes caiadas, vasos de arruda a proteger da assombração. Fixo o olhar na grande mansão arruinada. Tem o ar romântico das janelas fechadas, o alto muro não permite ver o buxo e as possíveis japoneiras. Chagame um grande silêncio das duas torres cobertas de caliça a esboroar.

Já se abre agora o portão sobre o grande espaço murado onde vamos passar a tarde. De momento não há obras, mas a horta está viçosa, quase luxuriante. Arrumámos as coisas à sombra, no velho alpendre e fomos passando o dia, ouvindo os paraquedas a abrir no campo de aviação. A canícula parecia coisa séria, os ares parados pediam água. O calor põe-me febril, mas a Julieta é muito doce, corre, salta, brinca, rói plásticos e entorna meias garrafas de cerveja, que lambe sem cerimónias. A Julieta é uma jovem cadela

Serra de Aires, lá das zonas de Monforte. É uma brincalhona, cabeluda, de patinhas brancas e corpo acastanhado. Brinca desalmadamente com um galo de crista vermelha, daqueles de bico aguçado, atento ao território, pronto a distribuir bicada velha a quem se aproximar. Julieta foge-lhe, salta, dá-lhe a volta e ele não parece ter raiva do cãozinho. No fundo, brincam um com o outro. Há alguns dias o capoeiro foi dizimado por fera não identificada, raposa, fuinha, ginete, não sabemos. O que é certo é que o assassino não se atreveu a enfrentar o corneteiro das madrugadas. Com um galo daqueles nenhuma alimária se mete. Ó metes!

7

Ontem tive o prazer de mandar às malvas um provocador fascistóide, daqueles ronceiros, um tanto porco e malcriado. Foi de vela e já não me incomodará mais, a mim e aos amigos. A paciência tem limites.

Para Tereza Bento

A propósito de uma breve memória dedicada a Sebastião Alba, na qual lembrávamos o modo tão belo como o poeta assobiava os acordes de Brahms, tive a oportunidade de ver e ouvir, graças a Tereza Bento, a maravilhosa interpretação que o maestro Carlos Kleiber fez da IV sinfonia. Fiquei muito tocado pelo modo como se envolvia na música, o seu sorriso encantado, tal uma nuvem de sons em órbita, mas também o corpo e o movimento. O seu corpo era a música que regia.

Noutros tempos, quando passei pelo Conservatório, a minha paixão era Chopin, com aquelas delicadezas de salão e aquela sentimentalidade que viajava entre os canhões e o coração, mas Schubert era o canto maior e a maravilha. Essa delicadeza já a tinha encontrado também em Mozart, embora o Requiem me conduzisse a uma espécie de deflagração de emoções, coisa que passava entre o céu e a terra e me enternecia fazendo-me chorar. Graças a Mozart, descobri também o maravilhoso Requiem de Verdi. Naquele tempo, Beethoven era uma espécie de patriarca da música, um caso sério e difícil, um génio revoltado, que infundia um grande silêncio respeitoso. Bach era

a invenção de Deus, seria a música das estrelas ou a matemática além das emoções. Felizmente não desprezávamos a música de Haydn e os modernos, a partir de Mahler, também nos seduziam. Depois dos esplendores quase metafísicos de Wagner, Mahler trazia um tempo novo às orquestrações. Havia ainda Debussy e a sua música líquida e aérea, e os grandes compositores espanhóis e russos e a teatralidade quase excessiva da ópera.

Brahms foi, no entanto, um compositor adiado durante algum tempo. Um dia apercebi-me que o grande músico e pianista tocava por vezes na casa da família Wittgenstein. Nós somos assim. *On tombe amoureux pour ceci et pour celà* e eu imaginava o salão, a figura imponente sentada ao piano. Quando ouvi a interpretação de Carlos Kleiber compreendi também que Brahms se aproximou da modernidade e julguei ouvir sonoridades, em particular no 2º andamento, que me faziam lembrar Mahler e o novo mundo que nascia nas cidades, um finíssimo ressoar da noite que começava a abrir portas até então desconhecidas. Obrigado, Tereza Bento. Agradeço-lhe também ter lembrado Sebastião Alba e as palavrinhas que lhe dediquei, bem como o maravilhoso texto de Isabel Cristina Mateus.

8

Levanto-me muito cedo, a tempo de abrir as janelas para deixar entrar a aragem. Por ora, ainda é noite, mas sinto o ar fresco. Daí a pouco percebo o vento leste, sempre muito especial, com a sua cacofonia de objectos arrastados. Começa agora a luz e o cheiro a incêndio. Não vejo os pássaros do costume, só o vento e o fumo invisível. As árvores oscilam no meu terraço e no jardim, com o seu verde a ir secando, quase encurrilhado. Há um modo silencioso nestes ventos. Parece que a noite soprou enigmas, coisas abafadas, alguma desolação, a mão de sombra.

Primeiro ouvi Bach e depois sentei-me no velho sofá ao fundo do quarto, encostado ao guarda-vestidos. Comecei então a pensar nas maravilhas da literatura, nos poemas que encantaram as águas profundas, nos romances onde demos a volta ao mundo e a volta à vida, nas histórias que parecem pendurar-se nos olhos e na boca e que levantam o desconhecido até haver

paz, como se fosse possível adormecer numa estrela. Penso também no teatro que é filho da música e da poesia e depois fico parado, quase satisfeito, feito uma criança a brincar com a eternidade.

9

Hoje à noite havia uma libelinha nos meus sonhos. Eu morava certamente à beira de um lago e sempre que podia fazia a pequena travessia de barco até à outra margem. Remava com cuidado. O lago aparecia coberto por grandes folhas verdes, onde pareciam despontar florações róseas. Durante a travessia, punha-me a olhar uma espécie de aranhaçõs aquáticos de longas patas finas levíssimas, com ar de pneumáticos etéreos e ficava ali olhando a casinha no bosque e as brincadeiras da criação nos salgueiros ou no alto de choupos e amieiros.

Os sonhos, no entanto, podem atravessar zonas obscuras, remoinhos e fundões e as palavras doces e voláteis parecem subitamente carregadas. Os sonhos mudam de sentido e a bela libelinha ameaça a narração com o assustador epíteto de tira-olhos. Desembarco a custo na outra margem. Já vem a névoa cobrindo a flor de lótus. De repente, as libelinhas voam e desaparecem nos altos céus. Agora compreendo porque lhes chamam também cavalos-das-bruxas.

Senti a tarde muito suave, um quase esquecimento de velho livro na prateleira. É bom ouvir cair silêncios e agora a noite chegou. Está bastante escuro na floresta, mas conheço os sonhos, felizmente e isso é suficiente para não resvalar nos ramos enlaçados no caminho. Acabo de atravessar o lago com a névoa minha luz e chego à pequena casa da floresta. Habituei-me a comer pouco. Vivo do que o tempo me dá. Um pedaço de pão de bolota e castanha, alguns frutos do bosque e um pouco de chá. Lembrei-me durante todo o dia do voo das libelinhas. Vivo muito atento aos sinais. Os bichos avisam-me e os ventos que passam. Trago a noite para dentro de casa e fecho a porta. A esta hora já devo estar a dormir.

10

Acabo de ler um longo, interessante e comovente texto publicado no jornal "Público" pelo meu primo Miguel Sampaio Peliteiro. O Miguel foi vítima de atropelamento no passado mês de Maio, quando circulava na ciclovia que liga a Póvoa de Varzim a Vila Nova de Famalicão. O relato é minucioso e permite-nos acompanhar as vicissitudes e dramas que o Miguel viveu, durante um tempo que o trouxe do coma à consciência aguda dos inúmeros traumas físicos que o acidente lhe causou. Durante o internamento, no momento em que ainda pouco se sabia acerca das possibilidades de recuperação ou do estado em que ficaria aquando de uma hipotética saída dos cuidados intensivos, a Universidade de Barcelona, num acto de grande elevação, concedeu-lhe o título de médico.

Hoje o Miguel está de novo activo na vida, entre sonhos e projectos. Recuperou a alma de lutador no espírito que une os poveiros na figura do Cego do Maio, essa grandeza que se respira no alto e profundo mar da Póvoa. O Miguel está bem consciente das dificuldades que a vida e o acaso vieram causar-lhe. Ele sabe, melhor do que ninguém, que não poderá realizar os mesmos sonhos que previra, mas já começou a sonhar outros céus e outros desígnios o movem. Hoje o Miguel voltou à vida activa, encontrou trabalho na sua área, dá bom tempo e oferece a sua capacidade e inteligência à causa do bem e da saúde. Prefiro não lembrar demasiado, agora, o horror das circunstâncias em que o acidente aconteceu, nomeadamente o facto de ter sido abandonado na berma da estrada entre a vida e a morte. O Miguel é um milagre de força, de inteligência e de bondade. Sou teu fã, meu querido. Admiro muito a tua coragem e a tua vontade de continuares, apesar das sequelas, apesar das dores, apesar do infortúnio. Que sejas muito feliz e também o teu irmão e os teus pais e a tua namorada, que bem sabem que contam contigo assim vivinho e corajoso, tão peixinho do mar. O mesmo desejo aos teus amigos que tão de perto te acompanharam e que sofreram contigo e que se alegraram com as tuas pequenas vitórias a cada dia e a cada notícia. Mereces o melhor, Miguel e serás muito feliz.

MORIA

Passei a tarde impressionado com o quadro de Rubens conhecido como a "Queda dos Malditos" ou a "Queda dos Condenados". Há ainda outras variações de título, mas fiquemo-nos pelo quadro ou pelas imagens que nele podemos observar. Uma torrente de corpos nus, indiferenciados, despenha-se no abismo. Do alto céu, junto aos anjos e ao arcanjo irradia um pouco de azul, como se uma pequena porta do céu abrigasse os observadores e pudesse ainda salvar o nosso olhar inocente. Depois a torrente revolta de corpos e expiação cai como um pano torcido, um descabro de miséria e carne projectados no abismo. A descida é vertiginosa e as cores vão enegrecendo, como se antes do enxofre final fosse escurecendo a paleta, fossem mais terríveis os ventos e o vórtice, mais doloroso e arrepiante o destino que não chega a mostrar-se, mas se adivinha. O céu abre-se para fazer despenhar-se a podridão, a maldade e os crimes dos malditos.

Nestes tempos de trevas em que vivemos, depois de assistir às horrendas imagens de Moria na Ilha de Lesbos, é bem necessário que o mesmo céu, um pouco que seja de luminoso azul, façam despenhar no mais negro inferno os criminosos e responsáveis por tanta desumanidade. Doem-me as imagens, dói a realidade e dói ainda mais a impotência, mas esse reino da velhacaria instituída, esses mármore e ouros e finos tecidos feitos da pele e do sofrimento dos que nada podem e nada têm encher-lhes-ão os bolsos de matéria ardente e um imenso caudal de enxofre virá buscá-los, como se fosse um vórtice, uma entidade animada, vinda dos magmas e das cavernas mais obscuras da desolação, numa torrente de silvos e gritos e ventos crepusculares que empurram e volteiam e dilaceram uma a uma as ignomínias.

11

A minha primeira floresta foi "Albergaria", no Gerês. Aí bebi a melhor água e andei a saltar as pedras do pequeno rio que desce dos Carris. Punha-me a ouvir o vento nas altas árvores e havia carvalhos e faias e a sua luz dourada, que projectava reflexos ondulantes como espelhos. Habituei-me aos silêncios e aos sons, caíam pequenos ramos quebrados, sementes, deslizavam

animais ocultos nos tufos espessos, onde se acumulava também o tempo e a água. Nesses dias do Gerês habituei-me a viver com poucos pensamentos ou apenas a pensar o necessário, como se isso fosse uma coisa relativamente desnecessária, assunto de fronteira, coisas das terras baixas, dos vales povoados além das barragens.

Um dia, descendo a serra Amarela, atravessei com os meus amigos a floresta do Cabril. Era um lugar perigoso, habitado por animais desconhecidos, que nos vigiavam e havia túneis de água por onde era necessário escorregar e havia loureiros e azevinhos gigantescos, musgos que só visitara raramente no cinema ou em filmes de animação sobre florestas encantadas. Ficou-me para sempre a sensação de recolhimento e a dispersão das palavras e preocupações por toda aquela matéria do bosque, que tornava tudo ou quase tudo desnecessário.

A repetição era um exercício de investigação, uma descoberta renovada com o nascer de cada dia. Dormi em cabanas e casas abandonadas, o medo não era mais importante do que um fenómeno de condensação e essas dúvidas e indecisões podiam chover ou ficar a pairar, mas não eram mais do que isso. Mais tarde viajei um pouco por terras longínquas e às vezes estranhas. Vi os bosques encantados da Polónia, as encostas luxuriantes de Royat junto ao Puy de Dôme e há muito pouco tempo pude conhecer a pequena floresta que habitámos na pecinha de teatro que fomos fazer ao Parque da Ponte.

Desde então, a minha vida pode ter ficado mais silenciosa ou talvez mais simples. Enquanto viajava na pequena história com os meus amigos actores, trouxe para casa algumas dessas aventuras. Elas apareceram-me nos sonhos. Primeiro foi a libelinha e logo comecei a andar às voltas. Ela trouxe-me a mais bela viagem sobre as águas do lago e subiu a uma alta sequóia e depois pousou e eu fiquei em frente aos meus livros, como se visse pela primeira vez a biblioteca que vinha reunindo há tantos anos. Lembro agora a "floresta de símbolos" num verso de Baudelaire, releio Thoreau junto ao lago Walden, mas também não posso esquecer a "Floresta de Enganos", que é de Gil Vicente e que a todos envolve ou assombra.

Soube-me bem a luz do pequeno candeeiro na mesinha de cabeceira. Aos poucos foi desaparecendo tudo, os objectos que encheram o dia e a carrinha dos gelados. É como se tivesse pousado a alma naquele candeeiro

e a pequena luz absorvesse a multidão de coisas que fazem a nossa vida. Há pouco, naquele instante tão ínfimo e perfeito, eu devo ter saído por uma porta, embora sem saber que isso me podia acontecer. Levei apenas um pouco de luz nas mãos e talvez me tenha perdido em algum caminho. Devo ter aprendido muito. Os perfumes da noite continuavam a descer e isso fazia os passos leves e muito silenciosos. Gosto de ouvir as folhas e pequenos rumores na deslocação do ar. Dou uma pequena volta no jardim e já vejo o pequeno candeeiro pousado na mesinha de cabeceira. Não foi preciso mais nada.

12

Faço tudo devagar. Penso em coisas frescas e evito mexer-me. Está calor em todo o lado, no céu e na terra, as sombras ficam paradas a suar e se lhes dá um pouco de vento são os calores que andam em volta e logo regressam e ficam parados no céu meio toldado da neblina. Gostava que chovesse um pouco nas sensações, mas o sol continua para Oeste, roda lentamente virado para o meu quarto, um sol meio obscuro, vestido de gases. Levanto-me agora um pouco, ergo-me da cadeira antes de me levantar, é essa a verdade e olho lá para o fundo. São quatro ou cinco metros para percorrer lentamente. Não posso aquecer a obscuridade. Preparo-me para desligar as luzes e ficar outra vez quieto. Só vim aqui para dizer que está muito calor. Apesar de tudo, fica aliviado e ponho-me a sonhar com os 47º de Marraquexe e eu todo vestido a fazer exercícios de respiração, com aquele calor das palmeiras, a alegria da viagem, o Atlas ao longe, deve estar bem frio lá em cima. Já não tenho tanto calor. Subo aos 2000 metros e o ar é leve, vejo os pequenos pastores a descer da montanha, mais longe fica o deserto e os seus túneis e cavernas. Bebo chá, estou sempre a beber chá, aqui bebo água, estou sempre a beber água e preparo-me para ler mais um pouco "As Mil e uma Noites".

O tédio é muito inspirador e pode ser muito criativo. Da apetência à realização vai, no entanto, um longo caminho. Hoje já me virei mais de cem vezes para o outro lado e de cada vez que isso aconteceu houve qualquer coisa de diferente. Nem sempre sentimos os mesmos músculos e nem sempre nos dói a mesma costela. Às vezes nem dou por nada ou então observo-me

com os olhos muito abertos olhando uma insignificância. Uma fechadura de porta, uma rugosidade na calíça, ó era tão azul esta parede e agora parece manchada naquele sítio, que hei-de fazer? Bem, tenho que mudar de vida. Viro-me então para o outro lado. Pior! Ali entrou mesmo humidade, olho melhor, penso em ensaios de aguarela e logo em cima, pendurada na parede, a árvore genealógica.

Bebia um portinho, daquele bom, com sabor a pipo e a castanhas, o pipo é o papiro das delícias, bebo dois ou três, em jejum é que é bom, os antepassados parecem mais frescos. Bem, pouca treta. Sabes bem que o vinho do Porto a esta hora da tarde, com este calor, era bem capaz de te pôr em estado de coma e de te esboroar as entranhas com uma figadeira de pôr a língua em estilo passador salpicado por estrias. Então, não ias à cozinha? Já vou, já vou. Hoje não tenho pressa nenhuma. Peço licença aos movimentos, vou enxertando a vontade, faço exercícios dedicados à cervical e caio no colchão.

Pronto, está bem, eu levanto-me. Saio por este lado, claro, estou mais perto do chão. Olha! Sinto os pés frescos a tocar o taco. Vou devagarinho, para não chispar, evitar aquecer a pele, lumes tenho na cozinha. Consigo finalmente estar de pé. Está mais fresquinho cá em cima. Uffa! Ainda falta tanto para chegar à cozinha. Passo agora junto à arca. As fotografias têm o seu quê de naves espaciais. São os mortos em viagem neste mundo, pousados na arca, muito arrumados, cada um no seu molde, no seu retábulo, no seu sacrário. Demoro imenso tempo a cumprimentar toda a gente. Estou mesmo a ver que não chego à cozinha tão cedo.

Tu é que sabias, Xerazade! Prometo-vos, minha rainha, que amanhã, mal caia o dia, vos espantarei com novos e interessantes recantos que deste lugar sagrado e um pouco acalorado nos hão-de levar à cozinha.

13

"Os Conselhos da Noite"

O filme esteve para estrear, mas chegou a pandemia e a proibição. Foram longos meses de espera. Tomei conhecimento do projecto numa bela tarde de outono, na esplanada do "Sé la Vie". Encontrámo-nos com o Zé Oliveira

e a Marta Ramos, bebemos um finito ou uma água das pedras e conversá-mos. A Marta sempre muito atenta a tudo, aos pormenores e necessidades, muito suave e o Zé com aquele sorriso quase tímido, discurso mínimo e um grande olhar aberto, muito nascido de dentro, suave também como a tarde na esplanada sem vento.

Nasceu uma grande simpatia e embora eu já soubesse que os meus amigos me queriam convidar para um pequeno papel no filme, tive o prazer de receber em mãos o guião. Cabia-me interpretar um cromo do Mini-Sport, uma espécie de segundo patrão do bar, de pano ao ombro, em cumplicidade com o Camilo, também ele dono e responsável do famoso Snack Bar da Rua do Carvalhal. O filme tinha Braga no coração e contaria com inúmeros actores da cidade. O protagonista, Tiago Aldeia, depois de longos anos de ausência, regressa à cidade na pele de escritor e esse será o motivo para desencadear a longa metragem e a longa visitação às ruas, aos ambientes e aos lugares.

No dia em que nos calhou filmar, ocupámos o velho Mini e passámos as horas entre mudanças de cena, momentos de concentração e pequenas viagens no corredor para ajudar a fixar o texto ou pelo menos evitar que ele fugisse. Filmámos a nossa cena a meio da tarde e o último momento foi heróico, com o palacete ardido à nossa frente, nós a espreitar pela porta e a equipa de filmagem abrigando-se como podia de uma súbita tempestade de chuva, frio e ventania. Entretanto o filme ficou pronto e logo foi adiada a estreia, como se disse, mas amanhã, 14 de Setembro de 2020, o Theatro Circo vai encher com a equipa de produção, os actores, os amigos e convidados.

Eu só posso desejar que tudo corra bem e tenho a certeza que vai correr. Estes últimos dois anos têm sido pródigos em acontecimentos. Coincidência ou não, a participação no filme acompanhou uma fase nova na minha vida, que ainda está em construção e me tem trazido bom tempo e muitas alegrias. Para o Zé Oliveira e para a Marta Ramos fica aqui o meu abraço muito agradecido e esse abraço estende-se a toda a equipa e aos muitos amigos actores que participam no filme. O cinema faz bem à cidade, como se ela fosse também uma entidade suspensa e voadora, uma viagem que faltava fazer, um encanto que tardava ser mostrado.

Durante a nossa estadia em Paris como Leitores, José Terra foi um dos anjos protectores. Lembro-me do querido amigo, da sua fala serena e do

seu ar concentrado na maleta cheia de velhos papéis e curiosidades. Embora muito dependente dos mil afazeres que o rodeavam, José Terra era um homem sensível e atento às nossas necessidades. A vida era cara em Paris e o subsídio de Leitor era parco para tanta necessidade. Todos devemos a José Terra uma atenção, um cuidado ou uma preocupação. Assim nos encontramos a dar aulas no Centre Culturel da Fundação Calouste Gulbenkian e assim me encontrei eu a dar umas horinhas na Sorbonne, que muito ajudavam às despesas.

José Terra nunca deixou de ser o herói da revista "Árvore" e um poeta interessante, autor de belos livros publicados na juventude. Depois dedicou-se à vida académica e universitária. Sempre lhe ouvi boas palavras, sempre o senti preocupado com o nosso bem-estar, mas também ouvíamos repetidamente os seus avisos, naquele tempo e modo em que tudo nos ocupava e Paris era uma aventura, uma festa que nos fazia adiar os estudos e abrir belas garrafas de vinho para acompanhar famosos queijos.

"Ó meu amigo, olhe que a administração não tem alma!" E assim terminava algumas conversas e encontros, olhando-nos com os seus risonhos óculos redondos, deixando prolongar-se no indefinido o segredo da esfinge, "A administração não tem alma, a administração não tem alma." Trago esta frase comigo desde então e lembro-a lembrando o bom amigo, a excelente pessoa, o poeta talentoso, o homem avisado.

14

Para a Milai Vaz de Carvalho estes encantos do "Sonho de uma Noite de Verão", de William Shakespeare

Pôs-se um ventinho malandro, daquele que aparece levezinho a empurrar as folhas a a atirar os marmelos maduros ao chão. O céu está muito liso, parece uma toalha estendida e a chuva prepara-se. Vai cair miudinha e misturar a folhagem na terra seca, revolvendo os pequenos minerais, entre-tendo os bichos e as aves do céu. É pena haver tanto ruído em volta. Parecem máquinas, corta-relvas, camiões, jactos de água misturados com automóveis que descem vindos da autoestrada. Agora fez-se algum silêncio, mas não vai durar. Precisava de um alívio na paisagem para poder ficar a ouvir. As palavras

são muito sensíveis. Assustam-se e desaparecem. Era bom saber onde param, para onde vão, mas o mundo é grande, há muitos destinos e direcções, agora oiço um cãozito que não se atreve a continuar. Desta vez os trabalhos vão parar. As cortinas oscilam vindas de sul. Devo esperar a chuva e começar a ler um pouco.

Tenho posto os pensamentos na floresta e talvez por isso seja boa a hora para reler o "Sonho de uma Noite de Verão". Estou convencido que me darei bem com as fadas, os duendes e os elfos. Eles também são "a matéria dos sonhos" e eu preciso muito de sonhar. Não há dúvida que esta chuvinha vem mesmo a calhar. Daqui a pouco terei que vestir um casaco e ficar recolhido entre a imaginação e as coisas assombradas que me chegam nas palavras do poeta. Felizmente a peça é uma grande brincadeira, uma espécie de comédia de enganos tecida entre desígnios e percalços.

Voltou o corta-relva. Se eu me pusesse muito distraído, haveria de pensar no grande monstro do país das trevas e o bosque levantava-se, a reunião dos elfos tomaria as melhores decisões e as fadas, coitadas, guardavam o condão no coração, tremendo com esta confusão, mas os duendes talvez ficassem contentes.

15

Lembro-me tantas vezes, quando chegava a hora do ponto. Aquele tempo que nunca mais passava. A caneta pendurada na dúvida e no vazio, o não saber como havia de começar e depois um começo, uma força ou uma corrente vindas sem sabermos donde e as primeiras palavras caíam. A letra trémula, a escrita vagarosa e razoavelmente desenhada e podia acontecer depois um momento mais ligeiro, um empurrão. Lá vais tu a descer o rio, perdes-te nas águas, remas com esforço, evitas o naufrágio, pedras soltas, rápidos, restos de vegetação, medos ao longe, estrondo nas águas, o precipício a aproximar-se e depois a calmaria. Desembarcas e a viagem ficou lá atrás, resta uma folha de papel com alguns escritos, o coração em sobressalto, a lucidez misturando-se nas horas de estudo.

A partir de certa altura, comecei a estudar pouco. Não gostava de ir por ali e talvez não conhecesse o poema de José Régio. Sentia-me só como

uma obrigação. Eram coisas tristes a obediência e o zelo, o toque das nove, o absurdo de algumas matérias. A dispersão trazia-me ventos e uma pátria diferente. Procurava por todo o lado e perdia-me nos corredores de casa, ia e vinha à janela, parava meio perdido, às vezes atónito perante tudo ou quase nada, pois precisava de apanhar ar, de partir por uma aventura e talvez por isso procurava imagens, lia passagens de romances ou ficava calado fazendo perguntas "a um Deus desconhecido".

Comecei a ser do revirvalho muito cedo. Naquela altura era o meu feitio, sentia tudo em modo pequeno e daí as minhas curiosidades. Sentia-me triste por não conhecer o nome das coisas e nem sempre me sentia feliz nos reinos da imaginação. Perdi muito tempo a assimilar aquele peso dos tempos, o ar cinzento da cidade e das gentes e um dia essa tristeza quase infantil e esse colete de forças desapareceram. As palavras pareciam-me diferentes e as coisas fluíam e desaguavam nos mesmos lugares, mas agora diferentes, tocadas por um sortilégio, um reverso, ou talvez uma esperança.

Na altura, sentia-me prisioneiro de meia dúzia de frases, mas respirava mal, olhava os cadernos mais ou menos em mau estado, escrevia coisas mínimas, toques, impressões. Fugia das grandes meditações rodeadas de livros, mas sentia-me bem nas bibliotecas, entre a luz parda e os velhos papéis, entre os livros pousados e o silêncio dos leitores, mas o que me abria os olhos e me obrigava a ver era alguma mudança na situação, o que se via da janela, a porta por onde podia escapar sem destino, mas também sem grande esperança.

Andei muitos anos à procura, numa espécie de rodopio da dispersão, numa avidez de encontros improváveis, às voltas em corredores de chumbo. De vez em quando aparecia-me um pedaço de frase diferente, que eu guardava como se fosse uma estrela ou um som de violino. Nestes anos de chumbo, nesta terra encharcada de coisas planeadas e sem futuro, fazia-me sempre acompanhar por um livro e isso talvez tenha impedido que eu me perdesse no pântano daqueles dias demasiado vagarosos. Imagino-me um menino triste, como tantos meninos tristes, mas eu sabia que isso não ia durar sempre.

Aprendo muito, quando posso livremente discordar da opinião alheia. Tenho lido bons textos na imprensa e nas redes sociais e às vezes assisto a momentos interessantes na televisão. Quando os textos não me agradam, passo à frente. O contacto com o veneno ajuda a envenenar. É bem verdade

que os espaços de comunicação tresandam de maledicência, de mediocridade e de sabujice, mas também é verdade que podemos ser exigentes e rigorosos e encontrar pequenas maravilhas. De certa maneira, as leituras também nos permitem recolher as pequenas peças que compõem um tesouro muito especial. Os textos abrem espaços no nosso corpo e nesse sentido a floresta permanece com a sua diversidade e a sua orquestração de coisas vívidas e de surpresas que renovam o ar e as águas, como se fossem um tempo novo assimilado nos mistérios da folhagem e das águas invisíveis que alimentam o grande cântico universal da criação.

Reli o "Sonho de uma Noite de Verão", de Shakespeare e de novo me senti um leitor encantado. Por causa das coisas, vou voltar a ler. Gostava de saber o texto todo de cor e sonhar com aquelas brincadeiras da floresta encantada. Ainda por cima é uma floresta onde se pode fazer teatro.

16

Também eu me sinto um bocadinho enevoado. Entremos em modo outono. De momento a calmaria anda lá no alto, o céu ensombreado, algumas passagens mais airosas e o silêncio caído das cores, como se a atmosfera se abrisse e agasalhasse aquela espécie de conforto que traz consigo a meditação e alguma vontade de passar os olhos em volta, devagarmente, notando pequenos movimentos, sons da terra que de outro modo não seriam audíveis. Deixo a janela ou o terraço e entro em modo biblioteca.

Folheio livros antigos e às vezes fico só olhando a capa e vejo um barco ou uma árvore, um candeeiro na noite, o fumo de um comboio que atravessa uma longa paisagem. Tudo deve acontecer lentamente. Agora entro num bar e depois sento-me num banquinho de madeira olhando a estrada, ajeitando o casaco. Páro um pouco, como se tivesse chegado a uma estante vazia. Os livros regressam. Gosto de histórias marítimas e de aventuras perigosas, faço exercícios de paciência, quando me entretenho num longo capítulo que avança lentamente na paisagem desconhecida.

Estendo-me ao comprido e deixo passar algumas palavras, depois encontro-as mais à frente, porque a história, afinal, não tem grande interesse,

havia apenas palavras que iam tecendo enredos fugitivos, a paisagem que se esvai na viagem de comboio e então mudo de país, estranho esta língua desconhecida, as fronteiras escondidas. Deixo que a leitura se esconda, o meu corpo será uma entidade submersa, encontro histórias, mil histórias dispersas por sensações e experiências e quase sempre o desconhecido.

A manhã continua acizentada e leve, penso apenas quando escrevo ou se me deixo levar pela tentação de ensaiar palavras. Sinto-me a tomar café ao balcão. Entro num bar de pescadores, chego ao café da minha rua, desconheço o lugar onde estou e nada disso tem importância. Gosto de me desligar das coisas, romper a sequência, afinal há curvas na estrada e descidas e lombas e há-de aparecer a montanha, o lugar que procuro. Páro um pouco para ver o princípio do mundo.

Lá no alto percebo a oscilação das giestas, o olhar de mil anos atravessa os vales e sobe as encostas e eu fico suspenso naqueles silêncios. Ajeito-me um pouco na plataforma, faltava o voo da águia e agora regresso. Valeu a pena este café. Sinto a boca amarga, um pouco de fumo nos ares, o bar ficou mais ruidoso. Fala-se do tempo e hoje não é seguro sair ao mar. Penso em jogar às cartas. Lentamente, silenciosamente, jogando a sorte, mastigando comentários e fingindo atenção ao ritual. O cansaço faz sede. É preciso beber um pouco para encher as palavras, agora, sim, estou em forma.

Passaram alguns minutos, a manhã está muito no princípio. Ah, se eu pudesse continuar. Haveria de acontecer tanta coisa! Alguém toca à campainha. Chegou uma encomenda. Há um estrondo no prédio, uma botija de gás, mas não. Foi um saco das compras que alguém pousou à entrada, o prédio ecoa e eu penso que há coisas que não existem realmente como as outras, mas também podem explodir. Penso agora nos símbolos e desvio o olhar ou será apenas um breve efeito de cataratas, como se olhasse o céu numa tela de Gerhard Richter.

Resolvi pensar numa coisa boa. Tenho lá dentro um livro muito bonito que me deram nos anos. Arrumei-o com cuidado, como se fosse uma folha seca e muito brilhante que à mínima aragem pudesse desfazer-se em pó. É uma primeira edição e foi-me oferecido no dia de aniversário por amigos muito queridos. "O Romance de Camilo", de Aquilino Ribeiro. É esse o livrinho que vou buscar ao escritório. Estou a ficar muito curioso e ao mesmo tempo a sentir-me feliz.

Neste caso a experiência há-de ser mais forte do que o sonho, o que não quer dizer que o sonho não seja feito de experiências. De momento, estou acordado e por isso vou desenhar com cuidado os gestos e medir bem a força e o jeito necessários para retirar o livro da estante. Depois hei-de sentir-lhe o peso e o cheiro, mas enquanto atravesso o corredor de regresso ao meu posto de leitura talvez comece a sonhar e vou talvez hesitar em certo passo, segurar melhor o meu presente para não deixar cair nenhuma palavra e pousar depois suavemente o tesouro no meu colo.

Pode ser que a vida se torne melhor um bocadinho, quando as primeiras palavras me falarem e talvez eu possa sentir um pouco mais essa paz que flutua nas coisas escritas há muito tempo e que permanecem vivas e alegres, como se fossem caules muito leves e explosões quânticas de seiva que animam os dedos como pequenos duendes.

17

Acordei nos campos do Alentejo. Íamos a caminho do litoral e atravessávamos uma extensa planície antes de entrarmos no barrocal. Percebia-se a humidade e a multidão das águas que se juntavam a pequenos bosques e pomares. O campo nessa manhã aparecia pintado de flores e eu talvez tenha pensado naquele modo único dos impressionistas, entre cores e alguma névoa. A passagem tornava-se silêncio e a beleza era o corpo que passava junto aos campos de Odeceixe.

Passava também nas colinas do planalto mirandês. Corria o mês de Maio e quando me dispunha a olhar só via flores. Havia todas as cores e um pouco a mesma névoa, as águas de madrugada. Ali havia freixos e ulmeiros na obscuridade dos lameiros e depois as encostas incendiadas como um tapete persa, uma impressão de coisa a levantar-se, páginas e páginas de terra livre, um sossego quase elegíaco.

Num certo momento da viagem, embora não sabendo em que lugar ou tempo acontecia o espanto, havia flores brancas e via-se até ao longe, no desenho de uma alta serra, a extensão de um romance. Passavam raparigas descalças e deusas da floresta, as aves voavam baixinho muito próximas de

um sussurro, que eram águas e eram vento, coisas pequenas do olhar, os "olhos do meu coração".

Pus-me a lembrar estas paisagens, enquanto espero pela trovoadas, mas isso só vai acontecer logo à tarde. Agora ainda me sinto a sonhar, entre as colinas e as várzeas, no meio das flores.

Como se não bastassem aqueles anos cinzentos, às vezes sórdidos, que antecederam a libertação! Vivi 16 anos em ditadura, bem a tempo de pertencer ao revirinho. Com muito gosto, aliás. Ontem e hoje esse espírito, esse modo de estar ou essa coisa que nos agita por dentro não se esquece nem se esquecerá. Ainda por cima nunca quis ser rico e não tenho tenções de pertencer ao governo. Seja ele qual for. Já para me governar a mim próprio é o cabo dos trabalhos e bem preciso de ajuda da família e dos amigos.

Sou muito dado aos ventos e gosto de ir ou de me pôr a andar. A partir dos dezassete anos vivi em liberdade e pouco depois haveria de começar a dar aulas. Primeiro, era uma espécie de mestre-escola dos filmes ingleses, um rapazinho triste que tocava a sineta das casas nobres. A porta fechada, a cancela meio aberta, o cão a ladrar, um jeito nos ombros, algum tique nos olhos e eis-me preceptor, moço educado, bolsos vazios, mas a lição sempre bem estudada.

Fui crescendo a comprar meios maços de cigarros e a beber uns finitos na Queijaria. Entrei aos vinte anos no sistema e como já tenho sessenta e três é bom de ver que a minha carreira já vai longa. De um modo geral fui muito feliz. Gostava de dar aulas porque sim, porque me sentia bem, porque era feliz e gostava de estudar, porque me apaixonava quase todos os dias, porque a vida era uma festa e Portugal um país cheio de encantamentos que se viam da janela e se viviam nas ruas e nos bares e cafés, entre amigos, no meio dos sonhos.

Depois veio a Dona Maria de Lurdes e sequazes e como se não bastasse veio a Covid e vieram as máscaras e eu que andei toda a vida a estudar o rosto e a respiração, eu que sempre trabalhei em grupo e estudei o Coro chego a estes "comenos" e atrevo-me a olhar a alma e o fígado e os rins e o mais que seja e a dizer que nada tenho a ver com isto. Sei bem que não há lugar da terra para onde possa fugir ou talvez haja. Ando à procura. Mal saiba alguma coisa, dou notícias. Nunca quis o bem só para mim.

18

Dormi bem, mas acordei muitas vezes. Não me senti triste nem ansioso. Levantava-me um pouco, dava a minha voltinha "autour de ma chambre" e pegava no sono outra vez. Vi logo que estava perante uma tranquilidade meio sonâmbula e deixei-me andar ora a pé ora deitado. De madrugada, pus-me a descascar uma maçãzinha de Armamar, rija e saborosa. Senti-a respigar, enquanto apreciava a casca muito lisa e raiada. Um pouco mais tarde vai chegar a "Porta da Loja" e hão-de vir as castanhas e depois as tangerinas.

Um dia destes tenho que me preparar para fazer a marmelada. Aqui na zona não parece ser ano de marmelos. Ventos na altura errada, chuvas ou falta dela podem contrariar a árvore. Logo se verá. Vivemos, assim, de pequenas coisas. No dia escolhido dedico-me a recolher as cascas em bom estado, procuro os meios envoltos de geleia e guardo tudo no frigorífico. A geleia é para fazer depois. Agora vamos à marmelada. Durante um tempo a mesa há-de expor as malgas cheias e eu gosto de as ver secar aos poucos, como se a maravilha absorvesse aquele resto de luz e humidade que brilha nos primeiros dias.

São pequenas coisas que fazem a história das nossas casas, hábitos de vêm de longe e que não fazendo de nós santos nos ajudam a ser pacientes e a continuar o que tantos antes de nós já tinham inventado. Ainda tenho o tacho de cobre, onde se punham os marmelos a ferver. Nos últimos anos o recipiente ardeu nas noites de inverno durante a preparação da "Queimada". Gosto de beber aquele licorzinho a sair da fervura, "livre de todo o embruxamento", trazendo-me "as almas dos amigos que estão fora".

Passei a manhã a ler a "Antígona", de Sófocles e a lembrar-me de uma reunião de ensaios de George Steiner editados pela Relógio D'Água com o título "Antígonas". Séculos de leitura trouxeram até nós essa figura extraordinária. A irmã extremosa, a mulher magnífica, o sofrimento levado ao paroxismo da jovem despojada do tálamo e do himeneu.

Os dois irmãos de Antígona sucumbem na dura guerra, um a favor da cidade e o outro terçando armas contra ela. O rei Creonte decretará o funeral e as libações para um e o desprezo e o abandono ao pó do caminho

e à voragem dos cães e das aves de rapina para o outro. Esse é Polinices, considerado traidor, abandonado pela cidade, votado ao desprezo.

Antígona enfrentará Creonte e as leis da cidade, saberá perdoar as fragilidades da irmã e partirá sozinha para honrar a tradição e enterrar o corpo do irmão. Antígona trairá o édito de Creonte, mas não saberá trair o coração. Ela é a coragem, o exemplo que aninará o seu corpo e lhe honrará a consciência, ela é o exemplo que atravessa os séculos, o da fragilidade tornada força, o do amor enfrentando a morte e a crueldade de uma cidade militar, preconceituosa, tradicional e legislativa.

Antígona avança à frente da dor e de muitas manifestações contra o ódio, a desigualdade e a tirania. As Antígonas vivem ao nosso lado, atravessam os largos rios nos barcos que levam a força de trabalho, penduram-se nas janelas com os filhos pequenos, gritam por socorro e mordem o pó da terra contra a polícia e os gangs, contra a lei da obscuridade e da onipotência masculina.

A peça de Sófocles é um hino à coragem, à vida e ao teatro. Depois do heroísmo quase sinfónico do grande Ésquilo, nasceu este poeta extraordinário. Reza a história que Sófocles assistiu de um alto promontório à batalha de Salamina. Era ainda jovem e jovens haveriam de ser os versos que o animavam. Imagino o poeta alimentando a visão da morte e da guerra, sozinho nos seus pensamentos, procurando tomilhos entre as rochas e pensando talvez em aproximar-se do imenso Olimpo, essa montanha sagrada de todos os sonhos, devaneios, poderes e aventuras, montanha também de pedra e árvores, solidamente erguida sobre a terra grega.

Sófocles foi um dos mais extraordinários poetas e Antígona uma das Musas que da morte se libertou e vem, ainda hoje, animar o nosso canto e animar sobretudo as mulheres e a sua coragem, a mulher e os seus direitos espezinhados e esquecidos.

Vou escrevendo o diário, como se desse pequenos passeios a pé. Às vezes reparo nas coisas e nos lugares por onde passo ou subo um bocadinho às árvores com algum receio de cair. Posso parar a falar com alguém e sentome e ponho-me a olhar. Nessas alturas, gostava tanto de saber desenhar! Ao fim de tantos dias e tantos passeios, começo a ter receio de me repetir e nessa altura finjo acreditar na "eterna novidade das coisas", embora sabendo que mesmo nas repetições estamos sujeitos ao acaso das variações. O Diário

obriga-me a guardar um tempo todo os dias, como se tivesse um cofre só meu, onde vivem como segredos as notas e as observações, às vezes apenas impressões. Tenho a noção de que o Diário tem uma dimensão que me é conforme e não me exige demasiado. É como se respirasse aos pouquinhos e subisse lanços de escadas a modinho.

Não pretendo ir muito longe ou adoecer o meu corpo com vastidões assustadoras e dimensões que me fariam perder ou vacilar. Tenho algum cuidado com os climas e as mudanças de tempo, pois as febres e sezões poderiam ser-me fatais. Reconheço, no entanto, que o exercício diário, a complexidade de alguns momentos, a destreza e a velocidade necessárias a fixar uma passagem ou a anotar um pensamento fugitivo, me ajudam a tornar mais robusto. Um dia poderei respirar mais fundo e atrever-me a escrever sequências longas e complexas. Um dia talvez...

19

Está um belo dia outoniço, fresco, molhado, bom para passear em volta de algumas lembranças ou de alguns desejos. Ontem à noite pensava no encantamento que os textos gregos clássicos irradiam. Falo da poesia, falo da filosofia, mas penso em particular na tragédia. A leitura de "A Origem de Tragédia", de Nietzsche influenciou-me muito. Desejei que isso acontecesse e talvez por isso me tenha debruçado com grande enlevo e persistência na leitura daquelas páginas que às vezes me pareciam obscuras e que, ao mesmo tempo, me tocavam profundamente.

As várias leituras que fui fazendo tiveram como resultado uma grande perturbação. Não se tratava de compreender o grande poeta e filósofo, tratava-se de sofrer o seu pensamento e de me deixar levar pela dúvida, como se desejasse naufragar num mar de incertezas e de tempestades teóricas. Com Nietzsche, aprendi a amar a obra de Ésquilo e a percorrer esse caminho difícil que conduzia a uma espécie de autonomia do género a partir de Sófocles. Por influência de Nietzsche, fui mais renitente em relação à obra de Eurípidés, o lugar onde se cruzavam novas construções e tendências que conduziam à decadência ou ao fim, pelo menos, dessa época sagrada e heróica que tinha tido início em "Persas". Ainda hoje leio e oiço contar a desgraça do grande

exército, como se me sentasse num lugar absolutamente silencioso, inteiramente envolto de sofrimento, ouvindo as preces e as lágrimas dos poderosos, com a mesma devoção com que me deixo silenciar perante a orquestra de Câmara tocando os primeiros acordes do "lamento de Dido".

Ésquilo consegue essa proeza, emprestando a sua voz ao sofrimento do inimigo, sem qualquer resvalo de mesquinhez, de cinismo, de sobranceira ou de desejo de vingança. A dor é sagrada para todos, gregos e inimigos dos gregos e o poema é uma alta música, o lugar de passagens e caminhos, de tempos que erguem a terra do Hades, esse destino que traz o esquecimento, mas que deve ser lembrado e divinamente sofrido para que o destino e as libações possam enfim sossegar os mármore e os ventos ou talvez a história que um dia fez naufragar a grande armada persa nas águas gregas.

A leitura de Nietzsche trouxe-me o canto maior, o coro e a música, como se os versos de Ésquilo fossem os pequenos barcos gregos tornados armas terríveis de navegação. Sento-me a alguns passos do livrinho de Nietzsche e não resisto a levantar-me. Vou voltar a ler e tentar perceber, agora, o que tanto me encantou naqueles anos.

O medo vai caindo e a princípio lembra uma sombra envolvente e meiga, quase macia, mas continua caindo sempre e o manto espalha-se com dedos longos e frios abraçando as cidades e os lugares, tocando com o seu modo nevoento e a sua densidade bíblica. Fora necessário rasgar o véu das ilusões e esconder o sol, deformar as estátuas de Apolo e lançar a discórdia no mundo das histórias e das linguagens. O medo avança sobre o esquecimento, com o seu método de filologia cínica, ampliando visões e catástrofes, fechando janelas e cortinas, escondendo o rosto.

O medo e as suas coreografias, curiosas modulações de andamento, histeria engolida na pressa de chegar ou no desejo de partir, como se os cruzamentos fossem cobras movediças de não-lugares. O medo atirado sobre os horizontes como chuva ácida, o medo que traz a mentira e a assombração, o levantamento dos mortos com a sua memória de vidro, sanguessugas à espreita nos brejos, o grande lago adormecido, o regresso dos monstros, a obediência para escapar à sorte e à perseguição. O grande silêncio do medo disseminado, transposto, feito de notícias e cínicos mandamentos, olhares desviados como esquinas.

20

Ouvi a chuva durante a noite e levantei-me algumas vezes. Há pouco, sentei-me na terraço a olhar essa vaga incolor que desce pela circular como um unísono, às vezes um pouco mais alta, se o vento sopra do sul. Sinto-me muito calado, o sono atordoou-me, embora resistam como um refugio algumas notícias fortes que animaram o dia de ontem. Lembro-me das imagens que chegaram de Évora e fixo o aspecto sinistro de um indivíduo mais ou menos pousado à mesa do Chega. A câmara passa rapidamente pela assistência e parece ver-se algum assomo físico de tipos dispostos a agitar os braços e os músculos e talvez a gritar ou a brandir ameaças. Cá está a extrema-direita, supostamente isolada das luzes da ribalta, rosmando os seus ódios na obscuridade de um pavilhão com ar meio desengonçado. Perderam a vergonha e agora falam alto, discutem sentados nos bancos de jardim, conspiram e alimentam a sanha de lugares-comuns, ódios, ressentimentos e desejos de vingança.

A extrema-direita continuará a alimentar a sua campanha com o medo dos invasores e deseja animar-se ou parecer animada, como se com ela voltasse a velha Europa branca, loira, azul, autóctone que, afinal, nunca existiu. O mundo é uma constante de passagens e migrações, de partidas e chegadas, coisas que se misturam, línguas que se escutam e se traduzem, descontinuidades e paixões entre corpos, vozes e orações que tendem para o conhecimento e para a comunidade.

Passei o dia a ler e a escrever, mas agora oiço a voz das crianças que brincam no jardim. Parece-me ouvir um sino, não sei porquê. Será talvez uma fada que passa levemente e deixa ficar um sinal.

As cortinas do meu quarto oscilam com a aragem lavada das chuvas. Vou descansar um pouco, mas não sei muito bem como hei-de fazer. Cá está uma boa questão para me entreter durante algum tempo. Quando chegar o fim da tarde, será mais fácil. Vem a calma e uma espécie de melancolia, que não é propriamente triste.

21

Leio um belo texto de João Oliveira Duarte publicado pelo Jornal I a propósito da edição, na Coleção Avesso, de "Águas-fortes portenhas", de Roberto Arlt, com selecção e tradução de Rui Manuel Amaral. Sou um incorrigível curioso. O nome do autor já convivia comigo há algum tempo, embora, como acontece amiúde, sem saber muito bem a origem desse conhecimento. Além do artigo referido, tentei saber um pouco mais. Tocam-me algumas observações mais ou menos tempestuosas sobre a obra do artista. Imagino os dramas ou deixo, pelo menos, que algumas efabulações andem à minha volta e sinto-me descido à rua, como a um posto de observação. Interessa-me discutir a maldição e uma certa linguagem que se afasta do "dizer bonito" e sinto-me pairar na velha Praga dos fantasmas de Kafka e a deambular nas ruínas do Império Austro-Húngaro na obra fabulosa de Joseph Roth, uma espécie de escritor secreto, que me habituei a ler quase me esquecendo dos atributos da crítica e da história literária. Ainda não tenho o livro, mas vou procurá-lo na primeira oportunidade. Entretanto, encontro na minha estante hispânica "Os sete loucos". Espanta-me ou encanta-me, desde logo, a figura do director, "um homem de estatura baixa, beijudo, com cabeça de javali".

Resiste o montado de sobro e azinho em algumas zonas e regiões, resistem alguns soutos em Trás-os-Montes e os belos carvalhais de Montalegre, viceja junto à margem dos rios a vegetação ripícola e erguem-se altivos o freixo e o ulmeiro junto aos lameiros do planalto mirandês. Pode ver-se ainda o medronho em algumas encostas, mas depois o país estende-se por uma imensidão de pinheiro e sobretudo de eucalipto. A essa mancha obscura e perigosa o vulgo chama floresta. Eu diria que não há floresta em Portugal. Resistem alguns bosques e alguns tesouros da flora primitiva, mas o que cresce e arde e se dissemina é um perigosíssimo fundamentalismo, um arbitrário plantio de interesses e "fogos a haver". Por baixo dos planos de fomento de resinosas, sob as terras ardidadas e explodidas por milhares de novos eucaliptos, mora uma secção do inferno, um lugar seco e podre, onde deixaram de passar as águas.

Invocar a inclemência através de um poderoso raio que à terra descido possa desgraçar o objecto do nosso infortúnio é coisa comezinha. A nossa

vida também vai sendo feita de imprecações. Raios partam!... Vai pró raio que te parta! Rais parta!... Mas havia uma outra expressão da família que se ouvia muito "naquele tempo". Rais panhe! Nem sei se deva escrever tudo junto para ajudar o raio a apanhar o desgraçado, Raispanhe!

Hoje à tarde reparei, quando saí um pouco ao terraço, que não via muita coisa de que pudesse falar. Reparei em duas pombas que saltavam de um prédio para outro, como se voassem naquele seu jeito de galinhas das torres e numa senhora que agitava um tapete vermelho para o libertar de migalhas, presumo eu. Os pardais têm olho fino. Mal chegam ao bairro, atiram-se às migalhas. À noite, quando voltei, vi um planeta no alto céu, por cima daquele telhado. Vou até lá.

22

Gosto muito de tomar café de manhã. A cor e o cheiro e aquele saborzinho que fica na boca dão-se bem com a noite que passou. O café põe-me vivinho, lembra-me todos os cafés por onde andei, ambientes, circunstâncias e aquela doce mistura de convívio e ritual. A partir da tarde, tomo cevada para não explodir. A cevadinha faz muito bem, sempre ouvi dizer. Se bem me lembro, quando era catraio, bebia-se cevada lá em casa. É uma palavra que me soa bem, tem o seu quê de bebida santa, serena, alimentícia. O café é coisa mais viciosa, tem nervo, liga bem com o trânsito e com algumas urgências onde se misturam o movimento e a reflexão. De um modo geral, o café em Portugal é bastante bom, mas quando nos calha um daqueles especiais, a chávena ainda quente, o aroma a sair da casca, o prazer a descer pelas goelas e narinas, uma felicidade muito breve que se estende em volta com olhar feliz... Lembro-me de ter tomado maravilhosos cafés em Itália. Um deles, pelo menos, está bem presente. Foi em Roma, estou a ver a chávena e a sensação e ainda por cima a cidade era a coisa mais bela que eu tinha visto.

Com estas chavinhas mansas que vieram fazer festinhas ao mês de Setembro, estou convencido que vamos ter luminosas e saborosas castanhas. As águas escorrem pelo casco, mas sobem pelos veios e os ouriços fremem,

esboçam uma espécie de chiadeira mimosa. Abrem um pouco, abanam e deixam-se aspergir pelo H₂O. Às vezes vem um bichinho coçar-se nos húmidos ouriços e logo o casulo absorve um bocadinho de ADN, normalmente a parte doce e a pequena castanha sente-se inchada, útil como a abelha e fica a ruminar o futuro. Este princípio de outono é assim uma espécie de água doce das castanhas. E depois estes ventinhos a cheirar a uvas entram pelas frinchas e o nobre fruto embebeda-se um pouco com os eflúvios.

23

Choveu de noite e veio um bocadinho de frio. Olho a terra húmida e no lento murmurar da química uma espécie de fumo que nasce no restolho. São lugares habitados, onde se reúnem cânticos e pedras que andam à solta como se fossem almas. Deixo-me ficar neste breve lugar por um pouco de outono. Um pouco de água, uma folha ou uma pedra e logo passam imagens, algumas fotografias em jornais antigos, sim, os papéis voaram e os rios lembram naufrágios secretos, coisas terríveis. Tenho as mãos frias e isso faz-me ganhar algum tempo.

Procuro lentamente a biblioteca. Este silêncio ouve-se no fim do mundo, misturado em passos breves de leitores e viajantes que procuram subir às ameias. Os leitores pensam na salvação, comovem-se com os livros e ficam a olhar o fim de Setembro. As nuvens passam com ar carregado e depois o vento muda. O Norte chega lavado e frio e fica uma paz nas coisas caídas.

Ah, bem me apetecia subir a um alto mastro e meio pendurado no caralho, por alturas do gajeiro, ler quase em soluços, enfrentando o sudoeste, alguns versos corridos da ode marítima e depois haveria de pousar nas cidades brancas do mediterrâneo e sentar-me nos cafés, à sombra, a ler Cavafy e haveria de partir à desfilada no meu alazão a correr as estepes da Mongólia e depois parava num imenso e desolado descampado um pouco para lá dos Urais a ouvir canções russas e talvez gostasse de visitar a Lapónia e de me internar nos bosques mais misteriosos da Roménia. Num desses dias, ao fim da tarde, talvez atirasse um papelinho pendurado numa famosa ponte junto a um rio com nome na literatura, talvez o Danúbio ou então o Reno, o Volga, não importa, era apenas um papel com alguns versos escritos a lápis, perdidos

para sempre, mas enfim, isso era se eu pudesse subir ao caralho, não levem a mal, é mesmo assim que se chama o cesto da gávea, é gíria da arte de marear e agora estou aqui, muito comovido, quase a ficar mudo.

Há pouco, sentei-me na cadeira vermelha do terraço, junto ao vaso de segurelha. Tenho passado algum tempo com ela. Tiro alguns trevos invasores, passo-lhe a mão de leve, ela está fresca, farfalhuda, luminosa e cheira bem. É claro que ainda não vi saltar do meu vaso encantado um coelho estufado, mas sinto-a vivinha e isso põe-me feliz. Regresso ao meu quarto e, qual o meu espanto, reparo que o sudoeste levanta as cortinas para eu entrar. Agradeço quase comovido ao pequeno Éolo do meu terraço tão leve e bem educado.

24

Andei um bocadinho lá por fora e achei o céu muito lindo e muito liso. De vez em quando cai um aguaceiro de pantufas, mas o ar frio também é daqueles que faz cócegas no nariz e depois agarra-se ao ceptro nasal, parece uma zaragatoa constipada. É melhor recolher.

Há pouco ocorreu-me pensar numa coisa estranha. Lembro-me de ter ouvido no princípio da pandemia alguém ligado à investigação na área dizer que o vírus de que se fala não seria exactamente uma coisa viva. Na altura senti levantarem-se alguns horrores depositados em zonas mais ou menos esquecidas da consciência. São no entanto regiões sensíveis, que vivem adormecidas numa espécie de estado de alerta, como no "deserto dos Tártaros". Essa coisa que não é bem viva será uma espécie de morte que precisa de "sangue da manada" para se tornar viva.

Por momentos sinto-me a navegar em algumas páginas sombrias do "Húmus", de Raul Brandão, evoco "a morte vermelha", de Poe e alguns medos e cantos sinistros escondidos nas profundezas da terra, nos campos inocentes e nos lugares desarrumados de casas só em parte habitadas, como em certo conto de Dylan Thomas. A morte que vem alimentar-se para se tornar coisa viva e que paira com a sua assombração de casos, suspeitas, invólucros, aspectos e, quem sabe, um guarda-roupa mais ou menos difícil de aperceber,

porque só é visível em alguns lugares ou passagens, um breve parágrafo da "noite do mundo", em suma, com a sua galeria de fantasmas, de rosto coberto e longa túnica de ventos e remoinhos. Que horror!

Regresso ao terraço para ver o céu. Nota-se o noroeste a limpar o horizonte. Agora pôs-se no céu um azul meio amarelento e com a tarde há-de começar a soprar o vento norte. À cautela, vou beber uma Herdinger ao almoço. Há certos dias em que a cerveja me põe bem disposto, animado com aqueles remoinhos e depois a Herdinger tem lá no fundo da garrafa um restolhinho precioso. É assim uma espécie de vacina insuspeita, totalmente desconhecida, mas de grande espectro.

Hoje à tarde não fiz nadinha, népia, nicles. De manhã ainda me entretive com algumas leituras e a hora do almoço trouxe-me, sem dúvida, o acontecimento do dia, com aquela bendita cerveja de trigo, mas depois fiquei deslembado, como esquecido. O céu não clareou tanto como eu pensava, o vento anda por outros lados, as notícias passam ao largo do escudo invisível. Chego a pensar que é estranho e depois lembro-me que não é nada disso. Estive assim alheado, numa meditação sem textos, porque logo à noite quero escrever um pouco. Ou seja, carreguei as pilhas um bocadinho, coisas obscuras da termodinâmica, enfim...

Passei o dia quase sem pássaros, esqueci-me da vibrante acústica do bairro, o tempo perdido voou para outros longes, a personagem da minha história marginal continua às voltas em Buenos Aires, talvez seja presa hoje à noite. Vou tentar que não, mas a ficção tem destas coisas, um terrível poder que nenhum humano pode contrariar.

25

Para Ana Valle e Luis Carvalho

Hoje é o aniversário de Glenn Gould e eu vejo nascer a água e a música que vêm do outro mundo. Os anjos voaram alegremente por entre lugares e tempo só feitos de luz. As mãos dançam, desenham e o pianista vai cantando as figuras.

Estou um bocado atolambado. Deve ser esta luz que anda lá por cima nos cúmulos que chegam do norte. O jardim parece sombrio, mas às vezes uma luzerna desperta a humidade que ficou da noite passada e a folhagem acende. A gramática oscila um pouco, enquanto me desloco ao acaso. Às vezes sento-me, como se tivesse alguma coisa para dizer e ando em volta, a sintaxe é um cavalo em fuga, corre livremente por paisagens inacessíveis. Fico contente a olhar a poeira ao longe. Depois regresso à mesma hesitação.

Meu caro, hoje não estás nos teus dias e não esperes que o canto desça inteiro e sublime e te envolva as mãos e o rosto e toque o teu corpo como um súbito ritmo que pudesse devolver-te um passeio agradável num lugar já esquecido da tua juventude. Não faz mal. As coisas mudam e quando menos pensamos fomos absolvidos. Lembro-me das uvas ao almoço e sento-me distraído, como se andasse de barco. Vou assobiando uma canção de pirata, as uvas continuam, uvas e encostas ao sol, o azul do mar e um café para ler poesia.

26

Hoje à noite sonhei uma cantiga d'amigo. Dissolveram-se os pormenores e agora já não me lembro se havia uma ermida ou se passava um cavaleiro, se era em Vigo ou arredores. Era um sono tranquilo, musical e quase inofensivo. Acordo com a sensação de ter estado a molhar os pés no ribeiro. Foi um sonho andadeiro, simples e sem medidas. Acordo com um certo apetite. Basta-me um café e uma bolacha ou aquele coquinho que guardei ontem à noite.

Fala-se em praxe e eu consigo ficar irritado. Não faço parte desse mundo, não gosto, perturba-me, enjoa-me. Para não perder muito tempo em andamento retórico e propósitos de estilo, digo apenas que a dita praxe e o mundo que a envolve não passam de uma badalhoquite. Há alguns anos, num dia 14 de Outubro de muito calor e ar rarefeito por causa de vários incêndios que andavam em volta da cidade, vi-me confrontado com um grupo de engenheiros capangas, com ar de ursos pardos, que obrigavam três ou quatro jovens caloiros a fazer flexões à uma tarde, sob aquele sol tão

forte e perigoso. Chamei-lhes ursos, chamei e gritei e eles vieram a correr para mim, mas não se atreveram a tocar-me. Sei que desde esse dia a praxe foi proibida no *Campus* da UM, mas ela continua pelos arredores, agora mais calma, porque quem tem cu tem medo e o bicharoco que por aí anda não terá contemplações com a horda dos cardeais, bispos e sua descendência. Talvez este ano haja uma praxe de cordeiros ou de anjos à distância, mas estou convencido que mal possam hão-de enfiar de novo as cogulas e os barretes e cavalgar estridências brandindo as colheres de pau. É pena que a sociedade e as autoridades continuem a ser tão temerosas. Vai ser preciso mais mortes e horrores, muitos mais horrores e indecências para que o país se convença. É o que é.

27

De tanto lavar as mãos, comecei a esfolar, mas só nos indicadores. Não faz mal. Se todos os problemas do mundo fossem assim. Além disso, já se nota a pele nova a reluzir, muito lisinha. A aguinha é muito milagreira, não há dúvida. Lava e renova.

Tenho andado meio assombrado com aparições de textos. Às vezes são tentações e outras, frases em fuga. Esqueço-me dos últimos sonhos e ainda por cima andei a sonhar por escrito e têm acontecido muitas coisas.

Ontem sentei-me junto à mesa quadrada que tenho à saída da biblioteca. Veio de São Pedro de Merelim. A estrutura de madeira é muita sólida, disseram-me que se usava nos navios e tem em cima um grande bloco espesso de pedra mármore. Alguns vasos e um cestinho com ferramentas e pouco mais. Habituei-me a olhar em volta, à procura de qualquer coisa animada e calhou-me desta vez pousar o olhar na pedra.

Andavam duas formiguinhas de cá para lá e eu lembrei-me de São Francisco, claro e fiquei em paz. Lá em baixo, nas fímbrias da tijoleira, convivem duas lagartixas e depois havia um sem número de coisas importantes, pensamentos, ideias para romances, imagens fulgurantes até que, há pouco mais de meia hora, dei por concluído este momento da minha vida um pouco agitado. Foi quando chegou a casa a minha filha e me disse, olha o que eu te

trouxe e eu olhei e vi um croissant daqueles à francesa, muito fofo no folhado e é como se tivesse chegado a um oásis nas arábias.

Que bem me soube e uma cevadinha a seguir e estou como novo. Já não comia uma bomba calórica, assim bem feitinha, há tanto tempo! Fiquei fresquíssimo, o folhado escorregou pelos canais como um sabonete. Foi só hoje, mas soube-me tão bem!

28

Tereza Bento, amiga comum a muitos de nós, foi suspensa pelo FB até à próxima terça-feira à noite. Pode ver publicações, mas não pode escrever coisas suas ou comentar as alheias. O caso aconteceu no correr de uma discussão na página "Cidadania activada". Pelos vistos, as opiniões de Tereza Bento foram denunciadas por gente aparentada aos "Chegarófilos" e o FB esgrimiou "as regras" e tomou a decisão. Enfim, uma tristeza e "uma raiva a crescer", enquanto a fétida conspiração de cascaveis e columbinas vai enchendo os bueiros e as cloacas do jardim.

Chega pra lá!

Nunca é tarde para lembrar grandes verdades e quando elas são ditas com aquele humor inimitável que conhecemos a Eça de Queirós, mais urgente se torna a memória. Cito, com levíssima adaptação, uma passagem de "O Conde De Abranhos"

"Este [partido] não há-de cair – porque não é um edifício. Tem que sair com benzina – porque é uma nódoa."

"A Excrescência esterquilínia" (Tereza Bento)

Caríssima Tereza Bento, não penso noutra coisa desde ontem à noite, quando soube que a minha amiga tinha sido suspensa pelo FB, no acaso de uma "troca de galhardetes", durante a qual, tenho a certeza, se empenhou em defender princípios sãos e democráticos contra a sanha e a pesporrência das diatribes fascistas. Não a conheço pessoalmente, mas leio o que escreve e

divulga. E o que é que eu observo? Um grande amor pela música, um elevado empenho em divulgar iniciativas artísticas e culturais nem sempre visíveis ou nem sempre abençoadas por quem manda nos poderosos canais da informação. Que mais retenho do seu labor? Uma elevada e profunda cultura, um empenho quase épico em lembrar a rudeza dos tempos de antanho, o trazer até nós a memória da resistência, mas também os mil e um acontecimentos que vão animando o nosso país tão necessitado de uma vida melhor, de uma vida continuamente melhor e mais livre, mas sã e liberta dos velhos preconceitos. Ler a Tereza Bento também é um exorcismo contra os desvarios e tentâmes do "avô cavernoso" e seus descendentes. Bem haja! Leio e escuto com toda a atenção as boas palavras que chegam até nós. Obrigado. Eu era apenas um catraio, quando aconteceu o 25 de Abril, mas já lutava na sombra e às vezes à luz do dia, com os meus queridos companheiros do Liceu, contra o fascismo. Não estou nada arrependido. Fascismo nunca mais!

29

Nos anos 90 aconteceu-me passar uma tarde perto de uma manifestação do "Front National" junto à Place de la Concorde. Havia bastante gente, mas o que me impressionou mais foi o ar combativo das hostes, a tendência para enfileirar, a disposição física para o ataque, a resposta em unísono à voz de comando e um respigar de ódio mal contido. Percebia-se o ordenamento e o enquadramento retórico da manifestação, desenhava-se a propensão para o movimento e a instalação militaristas, sentia-se, enfim, a herança recebida do avassalador movimento fascista que fez naufragar a Europa dos anos 30.

Anos mais tarde, vi uma manifestação em Budapeste. Era um desfile mais ou menos espontâneo e misturado com a saída da turba de um jogo de futebol. De novo a militância e a exuberância de gestos, embora na manifestação húngara fossem mais visíveis outros aspectos ao nível do guarda-roupa e do culto da imagem associada a ícones guerreiros e a simbologias pró-nazis inscritas na pele. De resto, estas manifestações têm sido vistas um pouco por toda a Europa, em Espanha, Itália, Holanda, Polónia, Ucrânia e por aí fora.

Em Portugal temos visto o que parece ser o despontar desses movimentos, embora de modo frouxo, às vezes envergonhado e outras vezes ridículo.

Não serão por isso menos execráveis. O deplorável espetáculo que nos vai chegando das manifestações e reuniões do *Chega*, com a sua meia dúzia de gatos pingados vestidos à Ku Klux Klan não deixa, no entanto, de ser uma extensão do que vai ruminando numa boa parte da Europa.

Durante o antigo regime, não assisti a grandes manifestações militaristas de tipo heróico a desfraldar bandeiras e a ressoar tambores, de braço estendido a sonhar a vinda do Fuhrer salvador. Tínhamos a mocidade à quarta-feira à tarde, mas era um evento frouxo, pouco coeso, quase desinteressado. Na disciplina de canto coral lá íamos aprendendo as canções e marchas do regime, mas o país vivia assombrado, pio, calado e espartilhado, resignado e pobre, obediente e deslaçado ou reunido em procissões e louva-minhas, suspenso da delação e do medo, aniquilado pela fome.

As actuais manifestações do *Chega*, acompanhadas pela sua pestilência ideológica e por um pragmatismo mais ou menos serôdio, são merecedoras de atenção, porque são perigosas, mas não deixam de ser ridículas. No entanto, um partido que admite a produção de discursos como aquele que ouvimos sobre a "extracção dos ovários às mulheres que abortam" constitui um espaço político potencialmente criminoso.

Há pouco saí ao terraço. O luar subia vindo do Sameiro sob a penumbra do firmamento, mais ou menos irradiado, mas fundo como um abraço da abóbada. Havia conversas baixas junto ao jardim. Fui-me lembrando da calhandra que vi hoje à tarde num documentário sobre a Serra da Aboboreira, a que chamam Serra dos Mortos. Depois fui ao youtube para ouvir melhor o canto. Afinal a calhandra é uma cotovia. Ó, quantas vezes a ouvi cantar em passando por bosques e arvoredos. Agora passo em Pascoaes e fico a pensar na sorte que tive, uma vez, de visitar a biblioteca e o escritório do poeta. Os objectos estavam no lugar onde ele os deixou. Sei que fumava muito e vivia toda a noite e tinha as janelas abertas sobre o Marão.

30

Não tenho hora certa para me sentar a escrever. Anotações, lembranças, impressões, uma primeira passagem no dia que começa. Há sempre alguma

coisa para dizer. Sentar-me é como abrir a janela. Ainda não ouvi nada sobre o estado do mundo, hoje ainda não assisti à minha história de terror. Aproveito alguma paz antes das notícias.

O céu está muito leve, deve ter gotinhas em suspensão e o azul parece projectado num lugar irreal. Tenho dificuldade em trazer jogos de linguagem, as palavras ficam por algum tempo a saber a café e por isso repousam, pairam, espreguiçam-se e saem debaixo dos móveis, enrolam-se na manta, no sofá. Gosto desta sensação de haver palavras e um gato.

Sua bruxa! A frase ofende, desencadeia imagens terríveis, desaforo, imprecações que logo aparecem nascidas de cavernas e túmulos, sob a folhagem, nos castelos escondidos, nos livros mais bizarros, nos medos que trespassam o nevoeiro, na noite caída depois das histórias. A representação da bruxa é matéria densa e díspare. De entre elas, talvez por causa da Branca de Neve, talvez por causa das filhas de Hécate, aparece frequentemente a mulher encarquilhada, de corpo mingado, ora esquelética ora avantajada, de anca larga e alevantada. O horror continua no queixo prolongado para lhe assentar bem algum cravo e uma fístula, sinais grossos com pelos hirsutos; o nariz é quase sempre assustador, entre apaga-velas e tenda de campismo. Veste de preto, muito tapada e traz um cestinho e ervas venenosas na saqueta, atadas num molhinho. Tem voz de garganta e inclina a cabeça para falar, os olhos podem ser cinzento cobra. As mãos vêm-se mal, costumam ser magras, com dedos esguios e entortados. Já chega de bruxas! Se eu disser, no entanto, sua feiticeira!, não haverá movimento suspeito no restolho nem aparecerão cavalos a arrastar pesadas correntes de ferro. Os gatos continuam o sono lento e uma grande paz invade a palavra, levando-a a descansar dos sentidos e da história. Postas as coisas nestes termos, eu adoro feiticeiras, mas não gosto nada de bruxas.

Há pouco ocorreram-me ideias, coisas que, se eu me tivesse distraído, bem poderiam ter sido escritas. Para quê? Tem calma, sossega e prepara-te para dormir. Para não ficares amuado escreves só assim um bilhete para desejares boa noite aos teus amigos. Aproveitas também para avisar que o céu está geralmente muito nublado e que vale a pena ver o luar a espreitar por entre o complexo de nuvens. Vamos ter chuvinha.

OUTUBRO

1

Não é meu costume dar importância a coscuvilhices ou pronunciar-me sobre desmandos de palavreado e reacionarices cobertas de fel. No entanto, ao ler os comentários da "atriz" Maria Vieira sobre Catarina Furtado, ao confrontar-me com o rol de indecências e de promessas de vingança, consigo ficar enjoado. A páginas tantas essa senhora promete "vingança e justiça" no dia em que o seu chefe do *Chega* chegar a primeiro-ministro. Cruzes, canhoto. Abrenúncio! Não tenho dúvidas que o conhecido ex-comentarista da bola a nomearia, no mínimo, directora do Teatro Nacional e que a própria viajaria ufana pelos palcos e salões prometendo audições nunca antes vistas com os concertos para trompete de Chopin.

Chamemos aos patifes um nome mais pomposo, um daqueles que se associa às glórias da literatura. Lembremos então aos sacripantas que se mostram tão lesto e capazes de exibir o coração empedernido perante a desgraça do mundo e os casos mais terríveis que afligem os refugiados que também nós, portugueses, fomos obrigados a fugir aos milhares, a atravessar fronteiras a pé pela mão de passadores nem sempre honestos, que fomos empurrados daqui para fora pela guerra e pela miséria e que vivemos anos na lama, erguendo as belas casas alheias e limpando os seus dejectos.

A partir de certa hora chegam os silêncios. Foi nessa altura que ouvi falar dos anjos. Eu sabia que são feitos de luz e voam sem ruído, mas aqueles passos há pouco, a chuva caindo tão levemente... Ouves música, meu filho, e depois ficas assim.

2

Choveu toda a noite. Fui acordando e às vezes espreitava a janela. As árvores muito agitadas, noite antiga, pensava eu e enquanto adormecia continuava a ouvir música e leituras. A estranheza do "Apocalipse" e a grande escuridão que se pôs em volta, quando me lembrei do combate entre Jacob e o Anjo. Nessa altura apeteceu-me ler a peça de Régio. Como é normal nos

sonhos, fui vivendo estas maravilhas, andei perdido e suspenso em passagens desconhecidas, ao sabor das páginas que atiravam iluminuras como relâmpagos. Não me sinto cansado, mas apenas recolhido, como se tivesse feito uma grande viagem. Agora ponho-me a olhar o quadro imóvel da manhã. Os símbolos devem ter voado.

Pelas oito da manhã leio uma primeira notícia em inglês sobre a infecção de Donald Trump e de sua esposa com Covid. Logo a seguir leio em português uma primeira consideração política que salienta as conveniências de tal infecção tendo em vista propósitos eleitorais. Não liguei muito ao assunto, o que for será, mas fiquei com alguma pena do bichinho. O que ele vai ter que aturar, em que órgão poderá pousar e aninhar-se sem correr perigo de vida, que travessias poderá fazer nos meandros do esqueleto sem que um nanomíssil lhe venha desfigurar aquele ar simpático de bolinha cheia de parafusos.

Momento de grande emoção ao princípio da tarde. Resolvo sentar-me um pouco no terraço, enquanto me esforço por esmoer a feijoadinha de coelho antes de me atrever a fazer uma pequena sesta. A tarde apresenta-se penumbrosa, com grandes cúmulos ameaçadores. De repente, o céu carregado abre-se como a caverna de Ali Babá e uma esplendorosa luzerna desce à terra, ofusca a visão, aquece a pele e eu fico por momentos sujeito à intensa radiação de vitamina D. Abro os olhos e constato que estou muito melhor. É pena que aqueles cúmulos não façam chover uns frasquinhos de Cecrisina. A vitamina C também é muito boa para a saúde e aquelas pastilhinhas que faziam bolinhas nos copos de água pareciam Sumol.

Falou-se muito de Deleuze nos anos 90 e eu lembro-me bem, pois nessa altura vivia em França. Falava-se de um professor adorado pelos alunos e de um autor complexo, difícil e ao mesmo tempo essencial. Gilles Deleuze deixou-nos em 1995 órfãos de uma obra densa, interrogativa, diferente. Ler uma página de Deleuze dá-nos acesso a uma grande perturbação, como se os fundamentos de tudo se desenraizassem e os conceitos viajassem alucinados, tomando novas formas e tecendo relações quase eléctricas entre si e com a linguagem. Às vezes chegam até nós fragmentos de aulas e de entrevistas, que

podemos ver no youtube e em registos quase anónimos. Há dias ouvi Deleuze falar parcamente sobre a criação artística como resistência. Apenas isso. Nós somos herdeiros de longos séculos de pensamento, mas também de tirania; somos herdeiros de vícios, de lugares-comuns, de processos de alheamento sistémico. Acredito que a resistência de que fala Deleuze começa no corpo e na respiração, mas não deixa de ser uma questão de ordem filosófica e de ordem física, como se as leis da termodinâmica fossem uma espécie de força inspiradora ou de condição ética. Resistir à usura, a todas as usuras, ao desgaste produzido pela repetição *ad nauseum* dos valores decrépitos do último capitalismo; resistir à norma, à retórica, à gramática, à vigilância sistémica sobre o discurso; resistir, enfim, para fazer da arte uma coisa viva, coisa que acontece e aparece apesar da morte, das pequenas mortes de todos os dias, dos pequenos crimes de que somos alvo.

3

Podemo-nos orgulhar, principalmente a noroeste, de uma quantidade apreciável de diminutivos que parecem nascidos de uma bondade, como se as línguas de fogo que sagraram a palavra apenas nos tivessem feito cócegas ou caíssem por sorte nas inúmeras fontes e ribeiros da terra antiga, ao tempo dos cantares de amigo. Escreveram-se belos textos sobre estes carinhos linguísticos e o professor Rodrigues Lapa dedicou interessantes páginas ao fenómeno, ainda hoje vivinhas e sãzinhas. Não valerá a pena elencar a profusão de casos em que os inhos, itos e zitos se atrelam aos nomes com a sua leveza, como se fossem um presente dos querubins destinado a fazer das coisas chãs e de outras um pouco mais altas uma declaração de amor à existência. Os diminutivos sobrevoam a língua, associam-se e aparecem nos lugares mais insuspeitos, atribuindo honras e galanterias a espaços inomináveis, embalando as vergonhosas partes, adoçando bexiga e intestinos com promessas tão finas, que podem tornar uma simples ordem de evacuação orgânica uma visita à melhor pastelaria. Lembro-me bem... Quando me sentia aflito e precisava de ir à casa de banho, pedia respeitosamente à professora se podia "ir à casinha". Numa época triste e pobre, quando se vivia de muita míngua e os perfumes eram apenas ou quase só coisa que descia

da natureza, o "ir à casinha" trazia consigo uma atmosfera de lugar santo, uma suavidade bem cheirosa de milagre.

Para a Helena e para o Luís

A um pastel de nata
a chegar muito morninho
pego-lhe nem digo nada
ó, como ele é docinho

A massa estaladiça
aquece o coração
solta como a calça
fica-me o creme na mão

Depois de ter descascado o pastel como se fosse um pêssigo, chamo-lhe um figo.

Aquelas pequenas coisas que nos dão tanto prazer... Chegar à livraria, passear por entre os livros, ver as novidades, as promoções e depois escolher o livrinho que vou levar. Leio sempre um bocadinho antes de me decidir. Folheio, às vezes cheiro e lá vou todo contente. Normalmente tiro o livro do saquinho e vou a ler pelo caminho. Chego a casa ainda enfeitado e, sempre que posso, leio mais um pouco. Já ninguém me tira estes bocadinhos.

4

Tenho uma pequena colecção de mochos. A verdade é que não é assim tão pequena, eles é que são pequeninos e ficam pousados na escuridão das estantes, entre os livros, misturados nos armários. Tenho alguns maiorzinhos, mas resolvi juntá-los. Ficam bem lá no alto, com ar de sentinelas. A minha adoração pelos mochos nasceu com o interesse pela botânica e pelas estranhezas dos venenos que nascem nos lugares mais insólitos e obscuros. Sempre achei que os mochinhas ficavam bem nestas atmosferas e pesquisas

preocupadas. Sempre me dei bem com eles. Conheço-os a todos e alguns são-me particularmente simpáticos. Usam chapéu, trazem livros, vestem-se normalmente com muito gosto, até tenho um com casaco de grilo. Os mochos são, no entanto, uma terrível arma de guerra. Eles já sabem. Se, pela calada da noite, entrar algum intruso com intenções de fazer mal, levantam voo, abrem com estrondo as portas dos armários, voam em todas as direcções estrugindo as asas, piam em coro e atacam os meliantes como se fossem ratos.

5

Hoje é dia de futebol e há gritaria, comentários alarves, festejos. Felizmente estou do outro lado do jardim a ver o pequeno morcego. Dá voltas mais ou menos concêntricas e depois mergulha. Fico mais calmo. Agora oiço Bach, mas o paraíso ao domingo fecha mais cedo e resolvo passear um pouco na terra. Apetece-me ouvir uma guitarra, atravessar a serra Morena e chegar perto de Granada.

Entro num bar, sei que vou atravessar a noite, preciso de ouvir os bêbados e uma mulher que canta indiferente ao fumo e aos clientes. A porta do bar deixa-me ver a estrada, estou cheio de música e não tenho destino. Habituei-me a caminhar com as sombras. Uma coruja das torres passa agora como um sinal branco. Procura uma árvore e uma fonte.

Tenho sede e amanhã terei sombra. Um leve entorpecimento faz-me sonhar uma pequena fogueira. Fico a olhar. O fogo descansa, sorrio para as figuras que às vezes saltam e apagam a luz.

Os pardais continuam a visitar a cidade. Reúnem-se em bandos ao fim da tarde, quando regressam dos campos, dormem nos lóvãos e nas tílias e aparecem nos nossos terraços e jardins. Quando estão entretidos a procurar alimento na terra húmida, deixam-se ficar sem grandes receios, mas de um modo geral são esquivos e assustadiços. Hoje de manhã reparei num pardal que esvoaçava entre o marmeleiro e o sobreiro. Achei-o bastante falador. Embora o tenha em boa consideração, o pardal não pode ser considerado uma ave canora, como a cotovia, o melro ou o rouxinol. Pareceu-me também, pelo modo como se exprimia e pelo à vontade com que passeava entre as árvores,

que devia haver forte razão de instinto ou vontades de pássaro, vá-se lá saber o que isso quer dizer, para aquele bailado em dia feriado. Reparei depois que, meio escondido num ramo do sobreiro, saltitava um outro passarinho bem mais pequeno. Pus-me a olhar com mais atenção e pelo aspecto, pelo jeito, pelas cores, logo percebi que só podia ser uma cria. Era tão pequenina, devia andar a ensaiar e há pouco toda aquela vozeria maternal eram ordens, sugestões, indicações. Depois voaram os dois.

6

Ontem foi dia do professor e eu quase me esqueci das comemorações. Li, no entanto, bons textos sobre a república. Devo ter tecido, noutra altura, os devidos louvores à profissão, mas agora é tempo de ir preparando outros tempos. Foi bom, foi muito bom e enquanto durar farei o melhor que puder. Mas vamos devagar. Os tempos heróicos acabaram e manda-me a consciência, obriga-me o dever a ir esquecendo, a fazer a mala despedindo-me serenamente, sem foguetes e sem estardalhaço. Está a chegar o reumático. Venham os mais novos, renove-se "a velha casa" e eu, qualquer dia, em podendo, irei "com as aves".

Manhã carregada de nuvens e pensamentos. Cai a morrinha, um estado das nuvens que torna os olhos fixos, parados sobre a pequena eternidade. Hoje o meu pai faria 90 anos, mas já partiu há muito. Nunca deixei de o lembrar nos meus silêncios, com a tristeza que envolveu os seus últimos anos. "Ainda hás-de sentir a minha falta" e eu sinto muita essa falta, a sua amizade e o seu coração quase inocente, perdido de sentimentos e também incapaz de abraçar os novos tempos que o amarguravam.

Felizmente chegou-me uma boa recordação durante a manhã. Foi uma passagem por Tibães. Revejo o filminho de Ana Valle e lembro a leitura das primeiras páginas de "A Bruxa de Monte Córdova", um dos momentos mais belos ou excelsos, se quisermos, da literatura portuguesa. Enfim, os horizontes são limitados, a nossa condição de cidade encafuada num vale densamente povoado e poluído obriga-me a viajar e a regressar também. Desta vez trago comigo observações e considerações de Jacinto Palma Dias que maravilham e me inquietam ao mesmo tempo.

Que real importância teve, afinal, a "Bracara Augusta" de Octávio César Augusto? Entroncamento de estradas, campo militar da VII Legião que vigiava e dominava os povos que habitavam os 900 castros em volta? "Campo de concentração?", como sugere. Terá sido Bracara Augusta a tão famosa e ilustre cidade romana de que se fala? Terá sido um lugar mais ou menos ermado, um quartel em volta de uma pequena cidadela de ilustres governantes e suas famílias mais ou menos cercados pelos pastores e montanheses que foram empurrados pela fome até às planícies e que vigiavam o império disfarçando-se entre as pedras e o restolho, com os seus olhos de falcão e a sua destreza de vagabundos ao luar, senhores das pequenas aldeias circulares, amantes da lua e dos astros, comandantes de rebanhos andarilhos, gente brava animada pelo pão de bolota e pela primitiva cerveja de castanha fermentada?

Imagino a Bracara Augusta rica e festiva, garbosa capital dos pergaminhos que pôde inventar, mas suspeito de uma Bracara Augusta podre e silenciosa, amedrontada pela iminência de um desfecho trágico, assaltada à saída das muralhas, ruindo apesar do nome, esmorecendo apesar da fama, mentindo apesar do desastre.

7

Na altura em que andei no Liceu não havia praxes, mas faziam-se maldades nas aulas e nos intervalos. Havia o hábito de usar as esferográficas como uma espécie de bombarda. Enfiavam-se pequenas bolas de papel muito prensadas no canudo de plástico e fazia-se mira ao companheiro mais distraído. Depois soprava-se com toda a força em direcção ao alvo. O efeito era semelhante a uma picada de vespa, mas pior eram as físgas em miniatura que serviam para atacar nos intervalos projectando agrafos normalmente em direcção às pernas. De todas as torturas, a mais perigosa e desumana era o escacha. Normalmente os gandulotes escolhiam a vítima entre os tímidos e mais fraqueirentos. Atacavam sem aviso, agarravam o desgraçado, abriam-lhe as pernas e atiravam com ele às tílias procurando magoar as virilhas e o sexo.

Fui objecto de duas maldades que nunca mais esqueci. Da primeira vez, devia ter uns dez ou onze anos, empurraram-me para uma grande poça de água que havia na cerca. Era um dia de grandes chuvadas e eu fiquei como um pito, obrigado a ir a casa mudar de roupa. Uma outra vez tentaram despir-me em plena Rua Sá de Miranda. Resisti furiosamente aos energúmenos, que não conseguiram levar a delas avante, embora me tivessem deixado num estado de grande sofrimento e vergonha. Fiquei-lhes com um pó! Desde esse dia, acho que não se meteram mais comigo. Comecei a crescer, era um rapaz relativamente robusto e não dava confiança a essa espécie de excrementos vagamente humanos que se atreviam a rebaixar e a condenar o próximo à condição de escravos das suas baixezas e ímpetos mais ou menos criminosos.

8

A cidade é um nevoeiro, anda à volta, perde-se nessa entidade estranha. Às vezes o nevoeiro é um pouco menos denso e pode ver-se alguma coisa, parece a proa de um navio, o sino e a candeia e eu era bem capaz de ficar sentado a uma mesa, a inventar uma canção para a viagem. Os séculos são assim. Demoram muito a ser inventados e misturam-se. Avisem-me, se acontecer mais alguma coisa. Vou por aqui fora, sem saber como tudo começou. O que é que isso interessa? O caos vem sempre depois. Primeiro desenhamos tudo muito bem, as legendas parecem milagres da sorte e um dia cai este maldito nevoeiro. Agora já não há mais tempo e o filme acabou.

Já não ia há muito tempo ao cinema. Cheguei ao fim e tive pena. Não chorei por causa do herói, não escondi lágrimas mais ou menos envergonhadas, não me senti possuído ou arrebatado por descargas emocionais. Tive pena que o filme acabasse e com ele a noite, a música, a lentidão respirada entre pensamento e situação, a viagem pela nossa noite pequena, este falar cheio de água e algum vento. Andei como um fantasma a visitar as ruas e praças, gente, amigos, pedras e a câmara é este olhar à procura, que ora se ergue e passa e depois procura o eco da sua condição. Entro nas conversas e passo entre a multidão, como se visitasse uma estância termal. São oito da

manhã e o nevoeiro de ontem à noite não dissipou totalmente. É a palavra de que eu preciso para desaparecer.

Ando a pé na cidade, com a sensação de corpo estranho. Nada disto me pertence, afinal e a história não tem importância. Provavelmente as casas olham o cidadão que se aproxima da passadeira. Está apenas um pouco coxo e espera pacientemente o sinal para atravessar. Passam alguns segundos e o homenzinho pensa que as ruínas são um modo triste de anulação. Não é raiva o que sente e também não é dor; é possível que seja tempo ou a sua máscara, o drama sem rosto, a pura degradação que vem tocando as cores.

Perguntam-me se estou triste e eu posso achar que sim, sempre é uma maneira de me defender e de invocar algum silêncio. Coitado, como vai triste e as gentes passam a vê-lo ir. O homenzinho do semáforo recupera agora o andamento. Deixo-o ir, enquanto descanso um pouco. Vai tão entretido. É muito bom saber que há passos diferentes que combinam o mesmo andamento. Esperam um pelo outro e um deles vai primeiro, segue o outro depois. Não se trata de nenhum fenómeno exotérico, de alguma migração de mensagens que atravessam canais desconhecidos. É só uma estranheza e uma terceira voz, afinal, que pode aparecer e diz, que vem a ser isto? Está tudo normal, a circulação, o comércio aberto, os cuidados e os medos de quem passa protegido, a alegria dos que gostam de falar, como se fizessem louvações no modo como deixam correr.

Neste momento há três testemunhas. Atravessam a rua ao mesmo tempo, olham o breve jardim entre rosas tristes e o pelourinho e quando menos se pensa desaparecem. Ninguém deu por nada e é melhor assim. Iam logo dizer não sei o quê, não sei que mais. É verdade que estamos muito precisados de histórias, mas agora temos que descansar estes enganos, descalçar as angústias da moral e não fazer nada. Bem, é sempre preciso fazer alguma coisa, mas não é preciso muito.

9

O café tem efeitos extraordinários, mas cada caso é um caso. Eu costumo receber esses benefícios à segunda chávena. Assim foi. A manhã

estremunhava com dificuldade, cheia de interrogações retóricas e ensonadas. De repente a maravilha. Não passa um único automóvel na rua, mas vejo uma família muito conversadeira a atravessar pela passadeira. Com um pouco de música, podia ser o carrinho dos gelados com aquela modinha de carrocel, talvez descesse dos ares, com o seu ar muito inglês no guarda-roupa e um guarda-chuva imponente, talvez descesse dos céus cantando a Mary Poppins e nessa altura a rua descia das casas e por momentos festejávamos um filme de Tati e vinham os primeiros vendedores de castanhas e talvez o vinho doce e mais qualquer coisinha.

É possível não pensar em nada quando aparece no fundo uma luz do fim do mundo. Oíço instrumentos de corda e depois os sopros, a atmosfera é pesada e por isso estou sentado e descasco uma maçã, haverá um pouco de areia para me estender em cima do meu corpo, eu não tenho ideias e por isso a música vai entrando e eu levanto-me um pouco por causa da música e do meu corpo que ficou deitado. Há sempre um artifício, um modo de dizer coisas impossíveis e não verdadeiras. Sentia-me muito só, enquanto fumava sob as estrelas e a noite a arrefecer. É provável, no entanto, que tudo isto seja um modo de dizer e que há pouco eu estivesse a pensar no cinema, ou na "resistência da Poesia" e ao mesmo tempo não me apetecia ouvir a estridência dos comentários, o parque de diversões em que se ufanam e assassina os promotores do belo em nome da razão e dos negócios. Leio um verso e fico ali, depois da porta que se abriu, soprado por um silêncio, danado, adoptando no meu colo um arco-íris, apesar do anátema e dos que pensam em tudo e estão sempre a pensar.

10

Costumo trazer um pequeno saco comigo para guardar objectos necessários. Hoje o saco vai leve e eu ando devagar com os olhos sonolentos e as preocupações também. Não oiço muito bem o que se passa, embora veja as pequenas voltas da gente conhecida.

Gosto de me sentar a tomar um café ao ar livre. Aquela senhora trata das roseiras, a empregada do café saltita como uma levandisca e o sol de

outono brilha com um pouco de vento, obriga-me a fechar os olhos. Passam muitas coisas dentro de mim, principalmente livros e sobretudo poemas, mas eu sinto uma grande lentidão e não chego a tempo a nenhum sonho. Se eu pudesse, dormia toda a tarde e à noitinha começava a despertar. Nessa altura já estávamos a chegar.

Era uma grande cidade, com um porto de mar e avenidas longas com árvores e cafés. Olho em volta e vejo as notícias num jornal mais ou menos amarrotado em cima da mesa. Oiço as páginas passar, parecem pequenas ondas, mas não leio, porque a esta hora costumo ficar cego. Dobro o jornal, como se fosse noite e as casas enchem com as primeiras luzes. Levanto-me para continuar o meu passeio. Eu sei que esta avenida poderá não ter fim e isso faz-me andar devagar e talvez sorrir. Deve ser o fim do mundo, depois da avenida, quando começam os arredores. Com sorte, arranjarei um pequeno banco abandonado e talvez me convidem para comer uma sopa numa casa pobre.

Aqui há mais vento, a terra está habituada à desgraça de quem chega. Grupos de crianças observam-me e algumas vêm ter comigo. Perguntam-me se quero jogar à bola ou se tenho uma moeda. Fico mais leve, ando mais depressa, passou o medo, há pequenos bares encostados às casas, pergunto se posso ficar ali e dizem-me que ali não há ordem, só os cães e a manhã que começa muito cedo. Não sei bem onde estou, mas sinto que falam comigo. Gente de rosto fundo e marcado, as mulheres entram e saem dos barracos e alguns jovens correm atravessando a poeira e os charcos. Aqui ninguém lhe faz mal, meu amigo. Fique à vontade. A noite é igual para todos.

11

Passo devagar na cidade, quase esquecido, como se viesse entretido em conversa. É um lugar anónimo, invisível aos olhos de quem passa. Vejo-me calado por fora, atento a alguns contrastes, sobretudo às colorações do liquidambar que, nesta altura, mostra os primeiros feitiços do outono. Enquanto estou na padaria, chegam roscas ainda quentes e lembro-me, talvez seja mais verdadeiro dizê-lo assim, de uma certa liturgia do pão, por acaso não me lembrei, mas podia ter começado a cantar. Vejo também o pão de lua e das fogueiras, a sombra dos corpos a inventar a dança.

Por volta dos catorze anos escrevi um poema ou aquilo que eu achava que seria um poema. A minha vida mudou um pouco, porque fiquei a pairar naquela paisagem das traseiras do meu quarto. Creio que falava de solidão e que me animava um certo pessimismo, mais ou menos pintalgado de cores funéreas. Conheço de cor o caderno onde o escrevi e não me envergonho, quando às vezes me lembro desses quatro ou cinco versos.

Aos catorze anos eu estaria a viver com algum sofrimento e esse breve texto poderá ter sido uma espécie de mão amiga descida de algum lugar encantado. Entretanto a vida continuou e ainda hoje, quando me ponho a escrever um pouco mais solto da idade, a imaginar as viagens que não fiz, reconheço que aquela "lua parada, pálida e inútil" ainda hoje me visita. O traçado geométrico das traseiras, que abria sobre a escuridão do monte Sameiro, continua a lembrar-me ou a avisar-me acerca das paisagens. Tive que pedir licença para passar à geometria e à escuridão.

Deixei ficar a lua "parada, pálida e inútil" e ela "anda sempre comigo", como a irmã gémea do pastor Alberto Caeiro. Dou-lhe de beber e tiro-a do meu bolso para que ela se espante com as longas paisagens da estepe e da taiga, levei-a de propósito a ver o monte Olimpo e a conhecer as cidades e os labirintos da Sicília. Eu devo muito do que sou ou vou sendo à janela do meu quarto.

Eu tinha que trabalhar
Fiz tudo num instantinho
É como um copo de vinho
A beber devagarinho.

Braga é tão parecida com Roma, como Aveiro com Veneza.

12

Eu, mascarado, me confesso: como posso falar-vos das linhas, da expressão, da cor e do tom que emprestamos à voz, da sua textura e velocidade? Como podemos criar imagens e obedecer à lei da distância?

Gosto muito de andar a pé. Costumo levar um casaco, pode vir uma marezinha. Às vezes vou com os olhos pousados no caminho e é natural fixar os pés e um certo modo do andamento. O sobressalto costuma vir do alto. Aproximo-me da árvore e vejo os movimentos. As árvores são lugares de onde se podem ver as nuvens e o meu coração espera. Abraço a passagem do vento e nessa altura canto para ver o céu. As planícies são longas e silenciosas e ainda falta para chegar. Agora vêem-se as estrelas e só depois um lugar para passar a noite.

Há um velho moinho à entrada e a seguir um muro aberto numa porta, a luz baixa, uma canção de embalar, o calor do dia levado no vento e o deserto ao longe, com o pó e algumas pedras. Agora sento-me para comer um pouco de pão e azeitonas. Servem-me o vinho caído a pique das infusas. Agradeço olhando para cima, passo pelo rosto, pelo tecto, pelo telhado e depois talvez possa voar um pouco.

Gosto muito de andar a pé. Tenho conhecido mundo e por isso continuei a andar. Adoptei um dromedário e um gato. Não costumo chegar a lado nenhum. Fico triste com o fim das histórias. Enquanto ando, vou sabendo coisas de cor, como se estudasse os textos. Tudo isto me faz bem ao coração. Já não me lembro onde estive, a viagem é um longo esquecimento.

13

Não vi a recente entrevista de António Barreto. Ainda bem. Quando vivi em França, em certos meios de antigos resistentes e exilados da ditadura, a personagem era referida como "aquele que mandou invadir o Alentejo". Quando andava no Liceu, fui aluno do irmão, o pintor Nuno Barreto. Eu era uma bota a desenho, mas o professor era afável e tolerante.

Passo horas a ler e às vezes fecho os olhos e não leio nada. Começo livros que vou abandonar, leio e releio o mesmo livro, como se dessas páginas se soltasse um nevoeiro mágico de sereia ou apenas um vício, uma iguaria extravagante que não pára de seduzir. Sempre gostei de estudar por necessidade, para preparar uma viagem exigente ou impossível ou então estudar sem razão, causa ou fundamento, apenas porque sim. Gosto, enfim, de estudar

para poder partilhar o que julgo ter aprendido e nessa vivência, às vezes densa e outras dramática, aparecer diferente do que era, talvez acrescentado ou perplexo ou então um pouco mais humilde e receoso perante a imensidão das coisas em viagem.

Leio e viajo, do fundo mar à solidão do cosmos, das paredes do quarto à estranheza de lugares inventados na obra dos poetas. Tenho feito muitas viagens sozinho. Levo poucas coisas comigo, porque eu sei que as paisagens e lugares que gosto de atravessar são obra do desejo e da vontade, mas também da dificuldade e de uma certa pobreza elementar. Uma árvore, um banco, alguns animais, uma cidade perdida no deserto, uma refeição frugal, uma aventura quase silenciosa feita de coisas invisíveis. É certo que gostaria de dar a volta ao mundo e parar em cada lugar um tempo mínimo para respirar um pouco e descansar.

O viajante alimenta-se de acasos, sem salvo-conduto, sem recepções e garantias. O seu destino é perder-se ou então ir em busca de algo que não conhece, às vezes de uma coisa também ela perdida. É raro aparecer uma história inteiramente construída ou definida. Aparecem pedaços, sugestões, sensações, as falas do homem comum, as coisas já escritas nos materiais observáveis e às vezes, raramente, a tentação. Nesse momento poderá começar uma aventura. A sombra que se escondia na árvore solitária, a cobra que parecia adormecida entre pedras, o canto longínquo, a noite perigosa e irresistível, as palavras secretas que vão criando o livro do viajante. Nem sempre há regresso e o livro poderá perder-se ou então regressamos para morrer e o livro continua.

14

Leio na manhã fria de outono. Por momentos a minha vida é uma passagem do romance. Acompanho a personagem como se fosse uma sombra. Deixo-a à vontade para que não haja qualquer alteração no caminho. Felizmente o narrador está muito ocupado com o movimento, as notações, mas também com as aparições e os artifícios que lhe permitem brincar com o tempo e compor as coisas num subtil entendimento entre "o acaso e a necessidade". Somos livres e eu faço parte do caminho desconhecido, onde se projecta o destino e por onde vagueiam sonhos, destino e aparições que vêm

mudar o curso das coisas. Está calor dentro do livro e é longa a subida, diz o almocreve. Logo em chegando àquele cabeço veremos o nosso destino. Ares parados, grande silêncio esta desolação, onde estão as gentes? Um grito de ave de rapina, uma gralha voando alta e estridente e por artes desconhecidas ao viajante uma porta meio aberta e alguém aparece.

Uns têm banhos de multidão e outros a bondade da informação. Estamos sempre ao corrente, felizmente, das andanças e prodígios dos nossos heróis. Ia indo fresca a manhã e já sabíamos que ele embarcava no aeroporto para Turim. É provável que se tenha sentado ao lado da janela, coçando levemente a máscara da selecção. Até ao momento não temos mais notícias, mas assim que forem sete da tarde já vamos poder saber com que pé o herói deu início à saída do avião e se desceu à terra agarrado ao corrimão.

15

Naquela altura líamos e trocávamos entre nós os livrinhos aos quadradinhos, como se fossem cromos. Vinham-me parar às mãos sobretudo livros de cowboys, o que me permitiu conhecer Gringos, Djangos e Sartanas, bem como os inefáveis Texas Jack e Kit Carson, mais o Cisco Kid e o Buck Jones, entre muitos outros. Chegavam a aparecer também as aventuras de David Crocket, mas esse ainda usava uns fuzis antiquados, que obrigavam a amanhar a pólvora com escopeta, o que tornava as aventuras mais lentas e desinteressantes. Os outros, sim. Disparavam carradas de tiros à velocidade da luz, entravam em cavalgadas desabridas naquelas cidades de palha e de madeira, dominavam o Saloon e a rapariga loira ou a velha proprietária entredota na idade, mas ferosa nos arroubos.

Era um tempo de duelos ao amanhecer ou ao sol pôr. A única rua deserta, o vento das pradarias a levantar poeira e estrilho e depois o bom pistoleiro enfrentando o pérfido bandido. De um modo geral, o herói era rápido no gatilho, elegante no porte, grande cavaleiro, coração palpitante habituado às grandes solidões, coração de manteiga quando a dama de espadas lhe coçava as costas na banheira de metal. Alguns desses heróis eram exímios caçadores de índios, que abatiam como pardelhos, fazendo jus da

sua loira superioridade e da sua destreza e disposição para abater sem piedade os peles-vermelhas.

Há-de chegar por essa altura a indústria de Wollywood para completar a propaganda racista e legitimar o genocídio dos povos indígenas. De entre os heróis dessa época, destacava-se o famoso Buffalo Bill. Grande cavaleiro, especialista no laço, atirador implacável, mortífero na punhaça, paladino da conquista do Oeste e da supremacia branca. Vestia-se bem, com aquela casaco de peles às franjinhas desenhadas como um peitilho e era sempre de espantar o penteado dos longos cabelos à general Custer e a barba muito alisada e sedutora. Ao que parece, este Buffalo Bill terá ajudado a exterminar tribos inteiras e quando chegou à reforma tornou-se artista de circo, exibindo índios como cães amestrados e enchendo a pança e a velhice à custa da bilheteira e dos incautos colonos e simpatizantes dos assassinos, que vinham assistir aos espectáculos.

16

Em tempos de medo e desolação, quando não há esperança e a vida se apresenta demarcada e restrita, mais ou menos desenhada em espaços fechados, há que levantar a cabeça, respirar fundo e tomar decisões. Não posso ir onde queria, "o longe é uma miragem", mas nada me impede, para já, de sair de casa. Vou então espairecer um pouco, pelo sol das três. Primeiro preparo-me. Devo sair aseado e bem disposto, como se a pequena viagem me trouxesse tudo ou quase tudo o que os poetas disseram e aconselham. Já tenho saudades do futuro. Pegar no carro, circular devagar, o mais atento possível às variações da luz e das cores, que neste tempo de princípios de outono costumam trazer-nos grandes emoções.

Chego ao centro da cidade. Ainda não sai bem se hei-de seguir pela Rua dos Capelistas. Talvez seja uma boa ideia. Sempre posso atravessar mais facilmente o Jardim de Santa Bárbara e passar devagar, quase mudo e concentrado, olhando as construções e talvez pensando em aproveitar o paraíso. Deve haver flores no paraíso e isso deixa-me tranquilo, quando atravesso a Praça do Município e me dirijo à Sé. Gosto deste silêncio, oiço os passos e o desenho da cidade pode sempre trazer alguma novidade. Passarei depois na

Biblioteca a pensar nos livros e na leitura, como se isso fosse uma forma de começar a nascer e quando saio já vou um pouco mais crescido, a sorrir em frente ou para os lados e talvez com saudades de casa, porque àquela hora vai começar a ficar um pouco mais fresco. E de nada ou quase nada eu posso inventar a esperança.

Quando chegar, vou-me sentir muito bem disposto. Trago comigo uma tarde cheia, vi o mundo, olhei para as coisas e isso abriu-me o apetite. Talvez escreva mais um pouco, talvez fique embalado pelo sono do fim da tarde.

Às vezes apetece-me muito escrever. Não sei se é vontade, vício ou desejo. Num desses dias de grande exaltação, olho para o papel ou para o ecrã e sinto-me cego. Será um pouco a situação do actor antes de entrar em palco. De repente, o vazio, um não-saber e depois esse "salto no escuro" e um certo modo de as coisas serem verdade. Chegamos! Deve ser aqui o novo mundo, aquele que eu perseguia empurrado pelo desejo de há pouco. Começo a andar e atravesso planos, acidentes, linhas, acasos e isso é como um vento, uma pressão de palavras. Talvez elas se escondessem em escuras grutas nos promontórios do Hades, talvez Éolo tenha por um momento libertado os ventos e eu corro alegremente por caminhos, por veredas, atravesso rios e levadas, cidades imensas, bulício, trânsito e o coração bate levemente, as ideias correm ao fundo, como se fossem imagens.

Sento-me um pouco com as palavras, há frases longas para dizer e outras que nem sequer podem existir, mas fazem parte da meditação. Olho a casa arruinada à minha frente. Comove-me a esquadria de uma antiga janela. Lá atrás um cedro, com o vento norte. O vento é aquele cedro, mas felizmente ninguém me pergunta o que estou ali a fazer. Se não fosse a iminência de passar alguém conhecido, eu não estaria ali, era apenas um fantasma e podia rir-me à vontade como se fosse por nada ou chorar convulsamente por me ter lembrado de um quadro de Bacon e de um poeta que morreu jovem.

17

Ainda é muito cedo. Mais ou menos sossegado ou indefeso, caem as primeiras palavras. O motivo é branco, um luar molhado estende-se em volta

como um campo de forças, pressente-se a agitação, a terra na escuridão estre-
mecida. Um primeiro sinal e as palavras empurram outras palavras, começa
a projectar-se a medida, os contornos e quando menos se pensa, essa matéria
envolve-se de outra matéria, há sinais sonoros e um espanto. Procuo sentar-
me e depois cair num transtorno sem luz, o espaço negro das saídas. Aos
poucos a matéria respira e o que está dito move-se. Vemos passar a obscu-
ridade, o circuito freme, são pequenos luzeiros, a terra verde dos signos, as
imagens alimentam-se e a folha cresce. O nascer do dia é uma pausa, mais à
frente parece haver música. Talvez consiga lá chegar.

18

Houve um momento ontem ao fim da tarde... Estava sentado no cadei-
rão vermelho da salinha e lia a espaços "Pedro Páramo", de Juan Rulfo. Tinha
voltado ao princípio, precisava de seguir os primeiros passos um pouco mais
atento aos modos da narração. Aos poucos via-me a entrar naquele estranhís-
simo mundo de Comala habitado por fantasmas, ruínas e morte. Tudo isso,
no entanto, se reúne e se transmite de forma muito viva e animada. Não há
propriamente terror, mas desolação e o leitor vê-se obrigado a reunir forças
e coragem para sobreviver ou para renascer. O leitor será sempre aquele que
sobrevive, ainda que a matéria seja perigosa e o mundo em volta se apresente
cercado por invasores, coisas mortas que regressam para iluminar a história.

Em certo momento, senti-me estranhamente confortável, muito
silencioso no meu corpo, sentindo as voltas do Estige como um quadro,
movimento contínuo de passageiros e então lembrei-me de outros livros e
de outras passagens, lembrei-me de ter sentido um silêncio sem nome em
paisagens conhecidas. Natureza morta, casas invadidas por plantas vivazes,
corredores desabridos, caixilhos pendentes. Ontem ao fim da tarde sentia-me
à beira da escrita, como se estivesse debruçado sobre o precipício.

Lembrei-me de subir o monte Etna e também me lembrei da Costa
da Morte e do "Húmus" e da "Farsa", de Raul Brandão. Preferi ficar quieto
naquela doce consolação. Era um calor animado por uma estação ideal, era
um estado de lucidez que se movia silencioso, mais perto de uma certa musi-
calidade do que da efusão e do nervosismo que a prosa exige para poder tocar

lugares intangíveis e difíceis. Fiquei quieto e calado e nada disse. Passavam livros e leituras, revi as primeiras páginas do "Outono do Patriarca", de Gabriel García Márquez, pensei em Dostoiévski e em Kafka e a vida passava incólume, serena lá fora e eu também me sentia um bocadinho fantasma, bem disposto, no entanto, preparado para viver sem medo, mas muito próximo daquelas páginas, com muita vontade de me instalar por algum tempo em Comala.

Hoje acordei com um dia muito sereno e azul. Antes da chuva, o céu da minha cidade amanhece com esta calma, esta cor que confunde a eternidade parada no céu e tudo parece vestir-se de clemência. Vou buscar a rosca de Domingo, empresto a quem vejo alguns desejos de personagens idas, gente que outrora pode ter dado passos semelhantes e venho sentar-me um pouco no terraço. Nos últimos dias não tenho visto os pardais e os melros que costumam habitar o meu terraço, mas hoje o melro chegou menos esquivo, cantou levemente, entrou no loureiro e ficou sereno.

Ah, sim, a luta de classes e o fim da história, as conversas bem pensantes dos que podem sentar-se a arrotar as discussões e as ideologias. Ah, pois, as crises do capitalismo, a sua vocação pela eternidade, o seu destino de polvo, o seu veneno castrador de vontades e aventuras, a sua capacidade de envenenar os sonhos e de impor a paz das injustiças e iniquidades. Pois sim, o capitalismo que tudo domina, a sua extensa teia, a rede que envolve e domina e cerceia todo outro caminho. Não acredito, no entanto, que o capitalismo consiga destronar Deus e os deuses. A divindade escapa-lhe, porque os deuses, sejam eles unos ou multímodos, resistem à pestilência e à evidência da má fé, do atentado aos direitos mínimos de viver e respirar e comer e saciar a sede.

O capitalismo condena a vida e a vida se encarregará de o condenar, ainda que apareça sob a forma de um ser aparentemente morto, capaz de se alimentar do nosso corpo e de se multiplicar. É assim a morte e quando há pouco vejo uma reportagem em Paris de França, alguns casais prevenindo o recolher obrigatório numa loja de vinhos... Vamos aproveitar para comprar alguns vinhos bons para passar o tempo, a oferta é muita, podemos ter serões agradáveis a começar ao pôr do sol e depois nas margens do Sena, nos buracos e escombros, nas chambres de bonne e nos acampamentos clandestinos, talvez possamos beber chá de ervas venenosas ou recolher golinhos de garrafas abandonadas escoando para os bueiros, ah, sim, nós, os pobres desvalidos,

sozinhos, loucos, drogados, temos a noite e o frio, temos a escuridão para fugir à polícia e com sorte talvez possamos fazer a dança do vinho e fazer chover hectolitros de bom vinho de Bordéus para nosso bem e para nossa salvação.

19

Pus-me a olhar o céu. Bem se via a revolução nos ares e o tom de fuligem misturado com um grande fumeiro na iminência de entornar os ventos e a multidão das águas. Os choupos não enganam e a folhagem estremece, como um unísono receoso, lembram barcos agitados nas águas do portinho, vendo levantar-se o paredão e o farol quase submerso na espuma.

Se eu pudesse estaria agora a assar castanhas na lareira e a ler um pouco, talvez uma página de Camilo, levantando-me de vez em quando para ir espreitar a tormenta. Bebo um pouco, é natural e de repente atravesso os ares e o tempo e penso em Joseph Beuys.

Na altura era um jovem piloto da aviação alemã aos comandos do seu Messerschmitt nos céus da Crimeia. Foi abatido e recolhido, gravemente ferido, por uma família nómada de Tártaros. Cuidaram dele. Envolveram-no em panos e gordura, escutaram-lhe a respiração e deixaram que o tempo passasse e talvez tenham cantado e dançado e o homem salvou-se e com ele um artista importante que viria assombrar o pós-guerra e as universidades e museus com a sua arte e as suas perturbações.

Os sistemas e os poderes não podiam confiar naquele anjo ferido, caído dos céus, salvo na estranheza secular dos rituais e unguentos de uma tribo, mas ele fez da sua vida um cântico e um louvor aos que o cuidaram e, quase ironicamente, dizendo ao público que se cuidasse. Lembro, às vezes, uma performance que se tornou famosa, pelo menos na universidade dos meus sonhos: "I like America and America likes me." Um belo dia, Beuys criou uma instalação, um espaço fechado onde se encerrou coberto de grossos panos e feltros atado a um coyote.

Que haveria de pensar o público, o pobre, generoso, estulto público? O que é que isto quer dizer? O que é que ele pretende? Porque é que ele gosta da América? O que está ali a fazer fechado com um animal selvagem?

Entretanto a chuva começou a cair. Tenho a certeza, embora não seja testemunha, que depois da performance o coyote voltou a correr livre nas pradarias e encostas rochosas. O homem não sei. Suponho que a universidade, na época, não o terá compreendido. Subiu ao céu naquela fuligem de há pouco, ascendeu ao terrível vórtice da tempestade e esperou, no meio do conflito, que um anjo viesse agora dos ares e lhe cuidasse as feridas do espírito e do desgosto, os mesmos anjos que em terra o salvaram dos estilhaços da metralha.

20

Procuro o silêncio no mundo e o silêncio no meu corpo e por isso respiro. Respiro outra vez e outra, como se fosse descendo a uma espécie de escuridão semelhante aos rios subterrâneos e às minas de água que atravessam intensas paisagens por entre fracturas e grutas, cavidades, pequenas chuvas de minério e um episódio de gás carbónico.

Hoje acordei a lembrar-me de Jascha Heifetz e da paixão com que toca o concerto para violino de Tchaikovsky. No Adagio, no momento em que o violino nos surpreende com o tema, sinto-me atirado para uma espécie de terra desconhecida. Depressa se chega, é o tempo de uma respiração, volto a respirar e a expulsar adjectivos e foi também isso que me fez espreitar à janela quando acordei. Fecho então os olhos ao cinzento e à promessa de chuva e saio um pouco. Passo finamente no talho. Ó, professor, há que tempos! É verdade, há mais de uma mês. É verdade, andei retirado e fiquei a olhar entre pedaços de conversa. Felizmente o matadouro de Bacon não é para estes lados e aqui é tudo boa gente.

Mas o silêncio incomoda-me, parece um pássaro invisível que me persegue desde casa ou desde sempre. O silêncio é um tempo contínuo e há uma cor que se aproxima. O azul de Ives Klein, esse silêncio em que fico com o seu estranho brilho e nesta noite ou em qualquer outro momento assisto ao concerto, os 4m e 33' de John Cage, a sala e os seus ruídos, um fantasma orquestrado e finalmente chego a Paris, a tempo de comprar um "espaço vazio" a Ives Klein. Ficou-me barato. Escolhi um pedacinho num recanto da ilha de Sant Louis e entreguei as folhinhas de ouro ao artista. Os espaços

vazios não são muito caros e o artista convida-nos para uma reunião junto ao Sena. Recolheu o ouro e agora vai entregá-lo às águas do rio na companhia dos amigos e de alguns anónimos. Fiquei muito contente. Foi a maneira de regressar a Paris.

21

Adormeço com uma palavra ou uma frase que hão-de acordar comigo. Outras vezes esqueço-me e fico sem nada para animar o dia seguinte. Há dias em que vejo acontecer muitas coisas, coisas mínimas e isso será o suficiente para me fazer tomar notas e me deixar levar. Não vou sozinho. Trago a noite comigo, uma espécie de vento ou de discernimento, posso chamar-lhe vaga de fundo e essa onda ou esse sopro ajudam-me a fazer pequenos quadros. Normalmente são coisas que se podem ver da janela, coisas aéreas e urgentes, que logo desaparecem.

Enquanto escrevo, os pequenos motivos ficam um pouco mais na minha companhia. É nessas alturas que acontecem pássaros ou impressões do vento, a cor do céu e as nuvens ou algum sonho que pudesse navegar por alturas desconhecidas e sonhar uma tela. As cores escorrem, o espaço abre-se para o invisível, a força das imagens é suficiente e onde a tela se abre vemos nascer a música e ficamos longamente em descanso, depois do pequeno toque, da anotação, da coisa que vimos e voou.

Deitei-me a pensar que ia chover toda a noite. Deve ter havido alguns desastres e uma orquestração de objectos sólidos em crise, almas à solta como em alguma história que se contou *in illo tempore*. Acordo sossegado. Não me apercebi de grandes perturbações na ondulação noticiosa, mas apercebo-me do aniversário de Lamartine e eu naquele tempo lendo o livro de francês, abrindo religiosamente o caderno de significados e traduzindo versos até me doer um bocadinho o pulso ou talvez a alma. É também o aniversário de Rimbaud e eu lembro-me muitas vezes que ele ainda era menino e moço quando fugiu de Charleville e decidiu ir para Paris a pé. Deve ter atravessado as paisagens que iam ser destruídas na Grande Guerra e que impressão lhe terão causado as planícies inundadas e alguns lagos obscuros, árvores desconhecidas que ensombrevam o céu como cintilações venenosas!...

Apercebo-me agora que há um pouco de sol lá fora. Vejo os arbustos levemente por uma nesga da cortina.

Há pouco, no Messenger, apareceu-me Jack Kerouac... "Remembering Jack Kerouac" e eu "reembro-me", claro... "On the road". Quem me dera! Apesar do reumático, eu ia, ai que não ia!

22

Sinto-me tão bem disposto! Parece que fui eu que andei a chover e agora esta luz, este brilho nas folhas e nas pedras, uma coisa que parece levantar-se e respirar, uma canção meiga e doces passagens de água, minerais e bichinhos da terra. Deve ser isso que a esta hora se reúne e aquece um pouco a casa e a pele e pode ter nascido dessa reunião um sopro, um movimento, uma ascensão, não saberei dizer o que é, mas chega até mim, toca-me, é uma espécie de sorriso e de bonomia, como se olhasse o horizonte num pequeno barco, aproximando-me da proa e uma aragem tocando as águas e o caminho da navegação. Respiro profundamente e descubro um silêncio, talvez um mapa e chego a pensar que é uma ilha desconhecida ou um lugar encantado.

23

Se o jardim estiver seco e ensolarado, iremos até lá, pelas cinco da tarde. Se chover, a sessão será dentro da Livraria, mais ao fim da tarde, pelas sete. Como este tempo anda um pouco variável, irei às cinco e se a sessão for mais tarde, ficarei um pouco a ler e a beber um copinho para abrir a voz. Esta sexta, na Livraria Centésima Página, apresenta-se o livro "poesia venérea e económica", de Joaquim Costa, numa edição da Companhia das Ilhas. Ele vai estar presente, claro, e eu também, mais alguns amigos e leitores. Até logo.

Durante o outono costumo trabalhar bastante e ao mesmo tempo gosto de andar silencioso. Vou mais ou menos embalado por uma espécie de

lentidão, a queda e a leveza, a resistência do ar e as suas brincadeiras e volteios. A escuridão da terra vem um pouco mais à superfície e tu sentes que tens pés, fio de terra, corpo um pouco oscilante. Não tenho visto as lagartixas, andam mais escondidas da chuva e os pequenos pássaros do meu reino são agora mais furtivos e parecem ter pressa. De todas as impressões a que mais toca são as folhas a cair.

Há um momento, durante o mês de Novembro, de silêncio e queda, ouve-se o chão, como se as finas ressonâncias se projectassem entre o céu e a terra e ficamos suspensos. Posso estar sentado no banco de madeira olhando o grande plátano e os carvalhos americanos, as folhas caem tocando ao de leve o tecido do tempo, o espaço é a sua queda e a impressão de silêncio um nevoeiro invisível. Quando não posso sentar-me no jardim, fico à beira dos livros e as folhas continuam, algumas também caem, são versos, frases que estremecem, uma certa água que resiste e eu guardo algumas certezas e explicações no armário de filosofia e os vidros cintilam pequenos movimentos e aparições, esquecimento e vou acrescentando objectos que me oferecem, um lápis, uma aguçadeira, uma pequena navalha, alguns mochos.

Há que tempos não me sentava num banco da Avenida. De madeira, para lembrar os ossos. Sinto-me antigo ou perto da infância, estão bonitas as tílias e a relva a apanhar as folhas que vão caindo. Mais à frente, junto ao Turismo, deve esvoaçar o fumo das castanhas. Fartei-me de cair na Avenida, quando era pequeno e gostava de ver dar milho às pombas, mas tinha pena dos pardais, muito juntos a dormir no inverno, as tílias despidas, às vezes caíam gelados e os sinos dos Congregados, sempre os sinos...

Dois jovens de máscara do outro lado da rua, junto à entrada do prédio, ensaiam movimentos de uma arte marcial. Não identifico com precisão a arte em exercício, mas parece-me do género ofensivo, arte de ataque, tipo Rottweiler. Suspeito que daquelas redondezas a COVID, atarantada, se pôs a milhas.

Ontem passei uma boa parte da tarde na Livraria. Andei pelo jardim, mas estava frio e lá dentro as mesas ocupadas. Depois vi, quase escondido, um sofá encostado aos livros. Pus-me a ler "Um prego no coração", de Paulo José Miranda. Dei por mim a rever Cesário Verde evocado na epístola assinada por Tiago da Silva Pereira. A escrita límpida e escorreita em modo andante deixou-me em silêncio. Supõe-se que o grande poeta teria pedido a opinião crítica do seu amigo a "O Sentimento dum Ocidental". Um pouco mais tarde ocorreu-me pensar que este é um dos mais belos poemas da língua portuguesa e, porque estamos em tempos de "cânon", pensei na obra que José Cardoso Pires nos deixou e fiquei um pouco comovido. Não sei quem foi o maior romancista do século XX, mas Cardoso Pires foi um dos grandes e depois deixei-me enternecer com lembranças quase piegas, mas ao mesmo tempo belas e ia lembrando mais alguns poemas maiores... O poema VIII de "O Guardador de Rebanhos", de Alberto Caeiro, o breve poema de Meendinho que nos deixou ficar para sempre a desolação da menina cercada pelas ondas, "atendendo" o seu amigo.

E que poema escolheria eu de Herberto Helder, de Ruy Belo, de O' Neill, de Carlos de Oliveira, de Sophia, de Natália Correia, de Fiama, de Cesariny, de Vitorino Nemésio, de tantos outros? E nestes tempos de cólera e de corporações, de clientelas e arranjinhos, neste tempo de traiçoeiras aclamações e ratoeiras viciosas, fui-me lembrando também de belas amizades que animaram por momentos as vidas literárias. Lobo Antunes e Cardoso Pires foram exemplares no modo como comunicaram essa amizade que, não sendo inteiramente pública, não deixará de fazer parte dos cuidados de quem ama fazer visitas sentimentais. Imagino também as boas conversas entre Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes ou a grandeza de Jorge de Sena e a atenção extremosa que dedicou a Sophia. É claro que teria que escolher também um poema de Camões. Um soneto? Mas qual? Uma Canção, as redondilhas "Sôbolos rios que vão"?

A obra de Sebastião Alba tem vindo a ser reeditada. Aí está ele, vivo, com o seu grande sorriso de andarilho, correndo o mundo e a noite, recolhendo aqui uma flor e ali uma estrela. Recentemente veio a lume um ensaio sobre o poeta e alguns pequenos filmes e documentários lembram as suas "passagens". Ouvi-o dizer uma vez, de modo fugaz, no seu jeito de senhor das aparições... "Não faleis da morte, os poetas não falam da morte". Pois não, meu caro, é da vida que falam, mesmo se não parece, ainda que a dor magoe com as armas do desconcerto, como se chovesse sangue no imo da desolação.

Eu senti o amor da literatura quando era novito, na biblioteca do meu pai. O maior espanto era Camilo, mas a passagem pelo Liceu também não me fez mal nenhum. Apaixonei-me por textos, às vezes de autores que hoje se considera menores, mas naquela altura eu gostava de me embalar por entre rimas e andamentos e ler passagens pungentes, expressões comovedoras. Como é natural, não percebia nada do cânon, nessa altura. Seja como for, sempre tive autores indefectíveis e Camões sempre. Entretanto fui crescendo e as paixões eram agora diferentes... Torga e aquelas pedras ciclópicas que se levantavam assustadoras e depois choviam contos e sentimentos, Eugénio de Andrade e a oficina do poeta, José Gomes Ferreira, com aquela sua vagabundagem pelas ruas e pelos sonhos, Sophia, sobretudo a poesia e já mais velho Ruy Belo e Herberto Helder. Tive alturas em que só me preocupava com a Gândara de Carlos de Oliveira e com "A Cidade e as Serras" mais os romances quase todos de Eça de Queirós. E fui andando... Quando vivi em França, descobri Saramago e José Cardoso Pires e também Nemésio e antes dele Raul Brandão e Pascoaes. Adorava a "Aparição", de Vergílio Ferreira.

Depois chegou a vez da estranheza, "A Aprendizagem do Incerto", como diz o belo título de Silvina Rodrigues Lopes. Digamos que essa estranheza me salvou e depois percebi como trabalhavam os poetas, como se entregavam, num tempo que parecia esquecer-se, àquele mandamento. Às vezes ia ter com o Fernando Echevarría a um cafezinho à beira do Sena. Àquela hora e era bem cedo de manhã, ele já tinha escrito e em chegando conversávamos de tudo um pouco, sem aquele desconforto dos desatinos literários, dos convencimentos e espertezas e outras "andanças do demónio". Ó, grande Jorge de Sena! Não me posso esquecer de Fernando Pessoa, claro, e de algumas Cantigas de Amigo,

de Bernardim Ribeiro e antes dele de Fernão Lopes e depois do Padre Manuel Bernardes e do Padre António Vieira e de Nicolau Tolentino e de Bocage, do Santo Antero e do meu querido Cesário Verde, claro e Pessanha e fico-me por aqui, mas foram tantos os acasos, as boas palavras, as leituras, os encontros com a muito querida Maria Ondina Braga.

Não, não posso continuar a lista. Nunca mais daqui saía e eu não tenho possibilidades de escrever agora um capítulo de História da Literatura. Era o que mais faltava. Ah, já sei. Esquecia-me de dizer uma coisa. Em tempos de maior responsabilidade social, quando já frequentava salas de professores, congressos e formações, reuniões e associações, círculos e conversa fiada, nessa altura apercebi-me das guerras da autoria e da competição em favor da glorificação de uns e da condenação de outros. Nessa altura, eu sentia-me muito influenciado, assim uma espécie de deslumbrado chegado às portas da academia. Por essas e por outras, autores houve que eu infelizmente esqueci. Aquilino, por exemplo.

Felizmente a vida encarregou-se de me dar uma prenda. É claro que eu nunca esqueci aquele princípio maravilhoso da "Casa Grande de Romarigães" e bem sei que "andam faunos pelos Bosques", "quando os lobos uivam". A prenda que de certa maneira deu início ao que agora posso acrescentar foi "O Romance de Camilo", de Aquilino Ribeiro, primeira edição, prenda de anos. É claro que não me esqueci de Ramos Rosa nem de Fiamma e Luiza Neto Jorge, ou de O'Neill e de Cesariny. Lá estou eu com a lista e ainda faltam tantos... A Natália Correia, claro e o Luis Miguel Nava. Ah, não me digam que me esqueci de Gil Vicente?! Ainda faltam tantos e se começamos a falar dos vivos... Há vários bons poetas e romancistas em língua portuguesa, vivinhos, maravilha.

Eu acho que os manifestantes que vieram para a rua contestar o "uso obrigatório de máscara" e outras normas de higiene pública têm todo o direito a exprimir as suas opiniões e a fazer exercício do direito de manifestação. Têm é que pôr máscara e não andar aos magotes.

"E os sonhos sonhos são", como escreveu Calderón de la Barca e que sonho tive eu esta noite. Cansou-me um bocadinho a parte em que tive que andar a cavalo, mas de resto foi um encanto das Espanhas. Ia eu pela rua, suponho até que bastante mal acompanhado e de repente senti-me a tocar um ponto no espaço e, qual caverna da Ali Babá, a opacidade atmosférica desapareceu, rasgou por momentos o véu de Maia e eu vi grandes portas abrirem-se à minha frente e um profundo vale pontuado um pouco mais longe por colinas breves e ciprestes apareceu.

Entretanto a má companhia tinha estourado como um demónio mal a porta se abria e havia pequenos palácios nas encostas, não se via bem, mas só podiam ser palácios e um esquadrão de Amazonas brilhava nas suas artes levantando lanças e espadas. Era muito doce o ambiente, via-se uma pequena ponte mais em baixo e as águas de um ribeiro, havia casais encostados às árvores e crianças brincando. Foi um sonho muito sensual, uma pátria de amores escondida no reverso daquilo a que chamamos realidade.

Lembro-me de boas conversas e de ter sido levado por um campo de flores e acordei quase agarrado à realidade. Isto que agora existe não é afinal o sonho, mas aquilo era a realidade. Já quase a levantar-me percebi que tinha visitado um quadro famoso, que pode nem ter sido pintado, mas para mim foi uma visita quase gloriosa. Não me lembro se havia anjos tocando trompete e prontos a descer do alto com a sua música e sinuosos volteios. Fiquei, aliás, com a impressão de ter visto os anjos na terra e é provável que um deles me tenha ajudado a acordar.

E eu que adorava tempestades desabridas, o mar encapelado, as tenebrosas ventanias da meseta trazendo nevões e desgraça, eu que sonhava exorbitâncias climáticas e via nesse emaranhado de ficções adolescentes uma espécie benigna de conforto ou mais uma estrofe do "Noivado do Sepulcro", eu que me atrevi a acampar nos Carris em noite de tempestade, estou aqui meio desfalecido, embrulhado numa manta, a rogar pragas a este frio que me incomoda a ponta do nariz.

Quando era *piqueno*, adorava tomar xarope. Estou a ver a minha mãe a desenvolver o frasco, a tampinha muito pegada ao gargalo com os restos dos açúcares e depois a colher a encher com o melaço, eu de língua muito estendida e depois a doçura a escorregar, a desinchar amígdalas e a instalar-se no peito arranhado, como se fosse água benta. Se bem me lembro, o xarope ficava por ali a ensonar-me, era uma benzedura de farmácia, uma espécie de mimo tropical.

Hoje já levo muitas horas a cuidar de textos e de leituras. Estando eu, porém, na iminência de me pôr em sossego, logo fui assaltado pela lembrança de uma daquelas expressões que animam "a portuguesa língua", a nossa e a do bom António Ferreira, evidentemente. Suponho que a expressão é conhecida de Valença a Vila Real de Santo António: "Vais ver o que é bom para a tosse!" Aprecio o dito e reconheço-lhe intensidade, força imagética e até algum humor. Aprecio ainda a sua adequação a estes tempos invernosos, onde se misturam o mau tempo e os tempos maus. Fico por instantes pensativo e de meio sorriso observando a suavidade do imperativo e o modo um tanto dissimulado de prometer por modos saudáveis, quase propedêuticos e um tanto farmacêuticos, um grande enxurro de porrada. E quem diz enxurro diz enxerto.

Era tudo bom no tempo da praia. As brincadeiras e os amores, os gelados e a "língua da sogra", as voltinhas de bicicleta e a pé, no Passeio Alegre. Era tão bom apanhar sol, molhar os pés e furar as ondas. Horrível, no entanto, era engolir um bom bocado de água de mar. Também fui vítima e, se bem me lembro, engoli o cloreto de sódio por mais do que uma vez. Lembro-me bem de subir desalentado e enjoado o areal pensando com alguma incredulidade nas insondáveis razões que faziam das sereias um ser tão doce.

28

Lendo Sylvia Plath

É muito bom, é muito belo e eu gostei muito, quando li há pouco. Podem dizer-me que é triste e eu também compreendo a dor, ou vejo-a a passar e cantar. Diz-se da forma mais amorosa e ao mesmo tempo lúcida, com aquele voo de falcão a atravessar os ares e a penumbra, a encontrar um rasgo de luz no mineral, sem nunca resvalar para o lado do confessionalismo.

A imagem de Jerónimo de Sousa ontem, na Assembleia da República... Jerónimo respondendo a um comentário do deputado André Ventura: "Está a achar graça? Não lhe acho graça nenhuma". Revi várias vezes o momento. Porquê? Porque me tocou. As palavras ditas na sua inteireza, as palavras-corpo. Senti o momento como um acontecimento, as palavras como um vector, uma lança, uma coisa tocante. Estava ali um homem e não estava para brincadeiras, porque o assunto era sério e as questões que o preocupavam têm a ver com a sorte e a vida de muitos de nós, sobretudo dos que passam menos bem, dos mais desprotegidos. Senti uma alegria, não sei o que foi. Senti-me honrado e representado.

No meio da pandemia, a vozeria, mas talvez tenhamos orçamento para enfrentar esta rude tristeza de vida ameaçada. Oxalá! Felizmente andei entretido a ler o II acto do "Rei Ubu", de Jarry e a tentar sondar o reino da "patafísica". Como eu gostava de ser cientista de soluções imaginárias! Mais à noitinha olhei um pouco as belas imagens do "Rei Édipo", no filme de Pasolini.

29

Está sol, manhã clara, vai aquecer um pouco. Posso imaginar que hoje é um dia especialmente afortunado. Concentro-me no que estou a fazer, mesmo se estou parado e meio absorto a olhar o nabal. Quando fico assim distraído, com ar de quem não percebe nada do fim do mundo, costumo ter sorte. Aparecem coisas metidas no corpo e sabe-me bem dizê-las. Nessas

alturas, escrevo um pouco. Não fazia ideia que ia ser aquilo e depois respiro. Lá vem aquele sorriso ter comigo, com o seu ar de vela panda. E eu fico assim durante algum tempo, meio encaixilhado e depois o quadro apaga-se e há-de acontecer outra coisa.

Depois de uma noite de tosse e vicissitudes brônquicas, a manhã lavada, soprada por boas aragens. Às vezes dizem que sou um bocadinho mimalho e é bem possível. As mulheres é que sabem! A verdade é que dou por mim, bem cedinho, a ler algumas delicadezas que me dirigem os amigos e um pouco mais tarde vou ao frigorífico procurar aquele meio queijo da serra que a minha mãe me deu ontem. Enquanto barrava o pãozinho com a maravilha e bebericava outra maravilha chegada da Vidigueira, parecia-me sentir os encantos da Estrela, os sabores nascidos da ovelha bordaleira criada entre pedra e urzes e alguma planta medicinal. Só faltava que a minha filha, que normalmente me chama father, tivesse resolvido hoje dirigir-se-me ainda mais ternurenta e me chamasse lá do fundo corredor com o lindíssimo vocativo fatherzinho. Estou como um sino.

Para os que se fazem desentendidos e procuram passar pelos pingos da chuva sem se tornarem notados, para os que disfarçam, para os autores que querem desculpar-se da obra feita ou do cometimento de um dolo, tem o Português uma frase belíssima, forte e profundamente expressiva, embora carregando a chaga da tragédia: "Não te faças de Inês!" É claro que o nome próprio é tudo ou quase tudo, com a sua fortíssima concentração de sentidos e casos e, é quase certo, porque um dia, estando a bela Inês recolhida em seu Paço...

30

Disse-me a minha mãe, há meses, creio que em Fevereiro, quando a pandemia ainda era um mal longínquo: " Dizem que vamos ter uma doença que nos vai pôr em perigo a todos". Pelo que me diz respeito, sempre levei a ameaça muito a sério e procurei estar atento e informado, distanciando-me o mais possível das teorias da conspiração e da contrainformação. Fui ouvindo o que se dizia e procurei estar atento e compreender as vozes mais avisadas,

nomeadamente as que nos chegavam da investigação científica sabendo, embora, que a ciência também anda à procura e ensaia, duvida, às vezes erra.

Um dia ouvi alguém referir-se ao vírus como uma coisa morta. Essas palavras incomodaram-me pelo que continham de prenúncio, de estranheza e, sobretudo, de ameaça. Uma coisa morta que se alimenta do nosso corpo e se dissemina roubando-lhe a vida. Nesse sentido, a coisa morta torna-se coisa viva e a morte é isso mesmo, uma coisa viva cuja função e destino é matar. Não, meus amigos, não se trata de uma gripezinha ou de acaso passageiro. O vírus é muito perigoso, está em constante mutação e aparece onde e quando menos se espera.

O bicho tem um poder avassalador que ataca a nossa intimidade, mas também o espaço em volta. O mal interroga-nos, isola-nos, obriga-nos a tomar posição e a decidir sobre o caminho a tomar. Além dos efeitos directos sobre os contaminados, a doença afecta a vida de todos os dias. Afasta e isola as pessoas, altera as relações humanas, põe em perigo a economia e as relações de trabalho, obriga também a repensar um modelo de vida, de sociedade e de método e atitude no que diz respeito à nossa relação com os modelos extractivistas, com o hiperconsumo, com as desigualdades, com a utilização de recursos. Pelos vistos, a doença não conhece fronteiras, limites e classes sociais. Ataca ricos e pobres, operários, políticos e patrões. Convém, no entanto, não ter ilusões. "Quem se quilha é o mexilhão". Os mais pobres e desprotegidos, os mais frágeis e isolados, os mais idosos e doentes, são os mais ameaçados. Sempre foi assim.

Parece claro que a humanidade está em vias de sofrer um dos maiores ataques de sempre à sua sobrevivência. No entanto, continua a haver muitos desentendidos, gente temerosa e distraída que faz ouvidos moucos aos avisos. A esperança parece residir agora numa vacina milagrosa que facilmente nascerá por obra e graça de laboratórios e farmacêuticas. A ver vamos. Nada é certo ainda. Sou daqueles que apoiam as medidas de protecção e de distanciamento e prefiro acreditar no que me dizem as autoridades de saúde, não obstante uma gestão política da situação que nem sempre tem sido a mais adequada. Não temos outro remédio. As recentes imagens no autódromo ou a Praia Norte sob os auspícios das avassaladoras ondas do canhão da Nazaré são assustadoras. Depois não digam que não foram avisados. Estamos todos em grande perigo e com isto eu não pretendo fazer profissão de fé e tão

pouco deixar-me enredar na obscuridade ou no obscurantismo das teorias milenaristas e nos anúncios do fim do mundo.

O caso não será tão grave como a peste negra ou a gripe espanhola, diz-se à boca cheia. É verdade que temos outros meios hoje em dia e que os níveis de profilaxia, tratamento e prevenção atingiram uma capacidade performativa nunca antes vista, "totalmente desconhecid[a] dos antigos". No entanto, o vírus também ataca os sistemas de saúde, manifestando-se com o seu enorme poder de dissolução e minando o que parecia seguro e indestrutível. Só uma sociedade unida, coesa e disciplinada poderá evitar males maiores. Dizem que isto já estava previsto, que aconteceria inevitavelmente. Não sei, estaria ou não.

À nossa frente apresenta-se na sua insignificância a "boa morte". Silenciosa como os piolhos cavalgando os ratos da peste, que esperam escondidos nos subterrâneos e bueiros ou, como sugere Camus, pousada nos armários e móveis, adormecida nas roupas guardadas.

Ontem à noite sentia-me um bocadinho triste. Resolvi ir à estante buscar o 1º volume d' "A Vida e as opiniões de Tristram Shandy", de Laurence Sterne. Li um pouco e fiquei melhor ou a tristeza levantou-se do lugar que ocupava e deixou-me ir dormir, com um cansaço bom e natural.

Hoje foi um belo dia. Atravessei a Rua Beato Miguel de Carvalho cheia de folhas no chão, ar tépido e sentei-me a tomar café com velhos amigos na esplanada do Chave D'Ouro. A Zé Aguiar com a sua alegria que envolvia como um vento a Rua da Restauração, o Zé Carlos de Freiriz lembrando a nossa turma do Liceu e o despertar para a política em tempos de ditadura e o Abel Lages, com a sua loucura tão sã e comovente, o coração à beira das palavras e do gesto contando histórias. Ainda estive um bocadinho com a minha mãe, muito bem disposta e arranjada, prontinha para sair à tarde, no seu passo miúdo e concentrado, passando nas mesmas ruas de sempre, inventando a cidade eterna. Depois o tempo passou mais devagar com as más notícias da pandemia e quando ao fim da tarde me sentei um pouco no terraço já só havia um pouco de sol nos últimos andares, o cantar de pássaros em gaiola e as árvores da floreira um pouco mais abatidas, silenciosas, cheias de sono.

Não gosto muito de falar dos prémios literários. São o que são e poderá haver sempre um pouco de injustiça na sua atribuição. E justiça ou justíças

também haverá. Porque se atribui um prémio a este escritor e não àquele? Tenho pena que a Jorge de Sena não tenham sido atribuídos todos os prémios e que o país não lhe tivesse oferecido uma casinha perto do mar, com vista para um pequeno vale cultivado e uma dobra de monte ou colina por onde o seu olhar pudesse subir mais alto ainda. Teria podido passar alguns meses entre nós, ele e os seus, e encher os auditórios das nossas universidades para o ouvirem falar de Camões e da literatura inglesa.

A atribuição dos prémios de ensaio trouxe-me a lembrança de Maria Gabriela Llansol. Um enigma. Um alto e belo enigma, uma projecção para o século XXI, como terá dito Eduardo Lourenço. Trouxe-me também Walter Benjamin. Chamam-lhe filósofo ou teórico da cultura, mas o Walter Benjamin foi um grande escritor. Trazia com ele, na sua malinha de foragido, por entre papéis, algum livro sagrado, a colecção de miniaturas e um dos cantos mais belos e interessantes do século XX.

31

Para o Amadeu Santos e o Domingos Barbosa no lançamento de "Todas as noites me despeço", de Sebastião Alba.

Fui até à cidade, àqueles cantos que me acompanham e onde me sinto mais recolhido com a folhagem e o enternecer das cores, as casas antigas, as ruas tão silenciosas e experientes, com passos que dei há pouco ou há muito, a mesma percepção de sombra e luz, outros passos suficientemente fugitivos e o além e quantas vezes bastou um sino ou a água pingando de um caleiro, a inclinação da luz na clarabóia. E lá fui até à cidade.

Andei à volta na Cividade e depois parei mesmo à porta da Biblioteca. Apresentava-se "Todas as noites me despeço", uma pequena antologia de poesia de Sebastião Alba editada pela Opera Omnia. O encontro acontecia na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, bem no coração da cidade, com vista para o espaço onde se julga ter existido o *Forum* da antiquíssima Bracara Augusta.

Ouvi com toda a atenção a intervenção do meu amigo Domingos Barbosa, o qual, aliás, me veio saudar com o melhor dos abraços. Precisava de ti para leres alguns poemas, são muitos, para aí doze. Fui logo para a bei-

ra do palco. Pus-me num canto junto a uma mesinha. Só me estava a fazer espécie não ter trazido lenços e um lápis. Falou devagar o Domingos, de forma concisa e esclarecida, procurando iluminar algumas zonas de sombra de uma poética rigorosa, talhada com lume e lâminas, mas também com algum humor, colorido às vezes com o eco ou a ressonância de casos da vida.

É uma poesia culta, difícil na sua sintaxe surpreendente, de caso e descaso, coisa que só os malditos sabem quando bebem as melhores águas da gramática. Não há contemplos nem mentiras cultistas para justificar o sucesso. Alba não pertence a essas guerras. Só ele sabe como é difícil evitar o abismo e, no entanto, como nas lavas, é aí que o canto mais surpreende. Ouvimos depois a evocação e o testemunha de Amadeu Santos. Fiquei bastante comovido, porque sei que aquela fala me trazia o poeta e algumas memórias, umas vivas e outras sonhadas. A capelinha de Santo Adrião, o seu adro e o bosque de carvalhos em volta, logo em frente a grande sombra do monte do Picoto. Por ali andou também Zé do Telhado, ali pernoitou. Uma vez vi-o assobiar com os pássaros, primeira cantava um, depois o outro e depois o meu amigo Dinis entrava a seguir. Que bem se entendiam. Às vezes ele dava explicações aos jovens da escola Alberto Sampaio, mesmo ali ao lado. Ciências naturais, português, de tudo um pouco. Um dia, depois de ter andado muito, chegou a casa e viu a sua cama coberta de flores. "Foi no tempo das jovens raparigas", eu sei que me estou a lembrar de Ruy Belo e um bocadinho de Proust, mas ele não se importa. Nem um nem outro.

Senti um grande silêncio hoje à tarde. Éramos talvez trinta nesta tarde de pandemia a anunciar chuviscos e medidas sanitárias. Estava-se tão bem na Biblioteca! Devo dizer que a moderação de Miguel Bandeira foi muito agradável, serena e séria, sem mesuras e que o público esteve bem presente na hora do debate. Sentimos todos que é necessário reeditar a obra de um poeta que é muito nosso, na medida em que cada um de nós inventa a humanidade, como ele fez, sofrendo como os seus queridos heróis, louvando sempre a música até se esquecer nela.

NOVEMBRO

1

Antígona

O dever do ofício pode revelar a cousa amorosa. Ao longo de tão amáveis e tortuosos anos de aproximações à literatura, vamos guardando alguns livros. Tenho regressado amiúde aos encantos poéticos de Sófocles. "Antígona" continua a interrogar-nos e a derramar uma terrível e poderosa luz sobre o terror e o medo que legislam sobre a nossa vida e que fecham com estrondo as nossas portas obrigando-nos a obedecer e a sucumbir. Antígona resiste. Enfrenta a lei e a força, será condenada, mas renasce na leitura e na representação, vive pela força e pela clareza, assume-se pela determinação.

A peça de Sófocles devia ser lida nas nossas escolas. Antígona é mãe de "Antígonas", de mulheres corajosas, exemplares, que continuam a salvar a nossa humanidade, como um rasgo que fere e anima a memória dos tempos, uma dor que também nos redime, chamando-nos à resistência.

O antigo vale de Lamações é hoje um imenso parque habitacional e comercial delimitado e atravessado por vias rápidas, pronto a escalar cada vez mais as encostas do monte Sameiro. Nesta bairro ainda em crescimento sobrevive, num lugar abrigado nas traseiras do complexo do Continente, a "Fonte de águas férreas de Fraião", com a sua breve escadaria, o desenho barroco talhado na pedra do espaldar e ainda uma breve memória lembrando a data original de inauguração da obra. Esta será talvez a única lembrança artística, quem sabe se de André Soares, a pontuar a desolação de casario e arruamentos. Raramente se vislumbra o desenho do arquitecto, são exíguas as zonas verdes e quando o viajante se dispõe a passear nos meandros das antigas terras de lavoura não vê uma escultura, um rasgo estético, um arrojo musical no modo de planear, um sopro que nos levante a alma e nos sossegue por momentos em favor de uma meditação, um banco de jardim, um pouco mais de água, a presença das musas lembradas nos materiais. Resta-nos a assombração do Tourigalo, uma espécie de colosso de Rodes instalado nas traseiras da churrasqueira, abanando a crista com os ventos da assadura. Felizmente há ruínas e antigos espaços abandonados e isso deixa-me imaginar ou respirar pensamentos voadores, mas também há pessoas

e quando menos se pensa, ainda que em pleno deserto ou no parque de estacionamento da Makro...

Já tinha entrado no meu carro, quando me apercebo de um homem que avança aos gritos na minha direcção. Já não era novo ou seria um pouco mais velho do que eu, cambaleava e gesticulava muito. Trazia a máscara muito bem posta e logo percebi que me vinha pedir uma moedinha. Antes disso, gritou-me efusivamente, avisando-me que tinha que ir visitar o avô e repetia o ensejo com insistência. Depois baixou a voz e pediu a moedinha que eu já tinha na mão para lhe dar. Fiquei muito bem disposto e quase agradado com a performance ou terei ficado feliz com a boa alma que assim anunciava naquele lugar desolado que ia de visita ao avô. Que idade teria o senhor seu avô? Cento e muitos, certamente e lá foi ele por entre a multidão de carros e eu por momentos devo ter parado no tempo, como se fosse a escultura em falta no jardim do meu bairro, suavemente protegido por um cipreste, ouvindo o sossego dos velhos e as brincadeiras das crianças.

Ontem ao fim da tarde batem à porta. Era mesmo um truz truz truz, como nas histórias. Fui ver quem era. Abro e logo vejo um grupo de crianças. Deviam ter entre sete e onze ou doze anos e pareciam muito divertidos, alguns com máscaras descaídas, outros com leves pinturas na cara e pequenos toques de fábula no guarda-roupa. Que querem os meus meninos? Por momentos hesitam e eu deixo passar na memória as lembranças do "Pão-por-Deus". Queremos... É Halloween! Queríamos doces, dizem quase em unísono. Ó, mas eu não tenho doces para vos dar. Não faz mal e sorriram e correram agitados e muito conversadores para outra porta e um pouquinho mais de aventura.

Há alturas em que mais vale estar calado. É um estado do corpo, embora sobrem sempre resíduos ou ressonâncias, algumas palavras que estavam em risco de cair. Nesse caso, mais vale guardá-las e é bem sabido que o papel continua a ser um lugar seguro. Sempre podemos andar com ele no bolso. As palavras que lá vão gostam de passear. Depois, pode ser amanhã ou noutro dia, elas acordam e sente-se despertar naquele mapa ilegível o desenho de coisas e espaços e a grande revolução que vem de fora com os ventos que passam. De um modo geral as musas andam armadas. A poesia é uma alta guerra contra

a aparência e o rudimento e tende para a música. Encontram-se sempre, as musas e os poetas, num ponto de não retorno. Por isso tem sentido a fábula das sereias. Maurice Blanchot escreveu o melhor de todos os textos sobre este enigma, que eu saiba não menos interessante do que o da "Esfinge".

2

Posso acordar pouco animado e por momentos pensar que nada vale a pena. Ando por andar, respiro desalento, a vontade parece submersa em algum lugar de difícil acesso. Apesar de tudo, abro a janela. Está um dia triste, de ar remelento e sorumbático. Depois lembro-me de ter acordado a ler um poema muito belo de Fiama e encolho os ombros. Há nesse movimento uma primeira agitação, um fluxo, talvez me veja agora menos pálido ao espelho. Continuo a respirar e lembro-me de coisas engraçadas que aconteceram nos últimos dias. Ainda é cedo, digo eu. Levanta-te, meu caro, o dia não está perdido. Sai um pouco e vê como estão belos os liquidambares. Verás folhas a cair, como se fossem penas e silêncios. Regressa agora aquele sorriso que às vezes me aparece vindo não sei de onde. Será talvez um instrumento alado, a memória a fazer-me cócegas em lugares sensíveis.

Ora cá está um cidadão sentado na esplanada, com vista para alguns excertos de um *locus horrendus*. Nos interstícios da dissonância, cai uma chuvinha fina muito molhadeira. O cidadão acaba de entreter o apetite com um bolo de arroz e prepara-se, como se digerisse um lauto pernil em santa beatitude, para ler mais alguns trechos d' "Os tomates enlatados", de Benjamin Péret.

No dia em que comemoramos o aniversário do nascimento de Jorge de Sena, é bom lembrá-lo, mas também é bom honrá-lo. Lembrar o grande escritor e tudo o que foi e fez como homem público, lembrar sempre nas suas palavras o eco dos padecimentos de Camões, lembrar "a austera, apagada e vil tristeza". Sobre o prémio Camões já quase tudo se disse e muito terá ficado por dizer. Não pretendo discutir a legitimidade ou a importância da obra do académico, pois sobre isso já pudemos ler opiniões avalizadas. Lembro

a propósito textos muito informados e lúcidos de Isabel Cristina Mateus e Teresa Carvalho. Há, no entanto, uma outra questão que continua a inquietar-me. Não vou falar das conivências com o antigo regime. Houve tanta gente enfarinhada e tanta outra que apoiou Salazar e Marcelo e que nunca fez mal a ninguém. O meu pai adorava Marcelo Caetano e nunca foi bufo. Conheço gente da "situação" que deu asilo e protecção a foragidos das perseguições da falange franquista, que albergou comunistas e os ajudou a dar o salto. O que a mim me incomodou foi a revelação dos documentos que comprovam a denúncia de jovens estudantes a um magistrado do Ministério Público. Perante a notícia entristeci, com uma tristeza insepulta, que ficou ali às voltas a fazer-me mal. Não tenho inteligência para mais, embora admita que algum génio possa um dia doutorar-se sobre "O humanismo dos delatores e 'a banalidade do mal'".

Nós tínhamos dezasseis anos quando foi o 25 de Abril e ainda hoje posso lembrar com orgulho os meus queridos colegas da turma D e de um modo geral o Liceu. Não suportávamos os bufos, esses ratos da obscuridade, esses cobardes sórdidos, que espalhavam o mal como se fossem piolhos da peste. Eu sei que o nosso jovem sofrimento não foi nada, se comparado com o que passaram os mais velhos do que nós, os que foram obrigados a combater no Ultramar, os que tiveram que fugir, os que foram presos e os que foram assassinados. Quando penso no que fizeram a um homem tão bom como Aristides de Sousa Mendes, condenado à miséria e à indigência por ter ajudado a salvar gente, homens e mulheres a quem chamavam judeus. Enfim!

Eu sei separar a obra do autor. Andei a estudar para isso, mas incomoda-me o luzeiro dos lustres e os arremedos da conveniência. Tenho respeito por toda a gente, no entanto os bufos e os delatores não são coisa que eu possa aceitar no meu coração. Li, hoje de manhã, um excelente texto com que me identifico. Abílio Hernandez escreveu esse texto da melhor forma, com grande sabedoria e elevação, servindo-se do exemplo de Elia Kazan, um horrendo bufo que, no entanto, fez obra no cinema.

3

Ontem fui descansar com uma frase atravessada, não sei se um grito ou um eco. Era uma coisa dolorosa que me fazia pensar no curso das águas. Lembrei-me de Virginia Woolf e a mesma imagem de sempre, a mulher descalça passando sobre as pedras do rio e desaparecendo ao fundo, coberta por sombra e talvez amieiros entornados sobre o leito. Depois lembrei-me de Paul Celan e dos rios de sangue onde se afogaram os poetas. Dormi profundamente, como se tivesse sobrevivido à tentação de descer ao inferno.

Habituei-me desde pequeno aos sinos e ladainhas e a ver os pobres à porta das igrejas, alguns arrastando-se no granito e outros fazendo pequenos serviços para sobreviver, como se fosse possível remendar a vida cosendo um par de meias. Sempre me pareceu que era difícil falar dos pobres e quase impossível não trair a sua voz e os seus lamentos. Afinal, eu tinha a barriga cheia ou mais ou menos cheia e era muito difícil ir além do melodramatismo mais pacóvio e asqueroso. Chego a pensar que é quase pornográfica a maneira como, por vezes, fazemos aproximações às chagas e dores do próximo. Estamos a pensar, no fundo, em salvar a alma ou em chegar a casa e não ter horror de olhar para o espelho.

Hoje ao sair do parque de estacionamento vejo-o sentado, com ar de abandono, enorme na dimensão do seu corpo e no sofrimento. Lembro-me tão bem de ti! Foste meu aluno, é bem possível. Eras um catraio muito bem disposto, com uma energia do tamanho da Avenida da Liberdade e corrias e contavas histórias e saltavas como um pardal, quando vinhas à nossa beira só para dizer boa tarde ou contar algum princípio de história, já não me lembro bem. Depois veio a droga e veio o álcool, eu andei por fora, deixei de te ver. Agora, quando chego à Avenida sei que encontrarei gente do meu tempo pedindo esmola, desmaiando nos claustros da Rua do Castelo, desistindo aos poucos, estendendo a mão. Vivo com a minha mãe que está demente e o meu pai não me deixa entrar na casa dele por causa de eu ter andado na droga. Estou desempregado há oito meses. Por causa da pandemia o patrão teve que fechar. Montávamos tendas.

Tocou-me ainda mais a sua tristeza, o escrúpulo, a grande delicadeza com que me falou. Um sofrimento sem alvo, quase em si, isolado no murinho

de pedra, nas passagens da gente que sai dos bancos e dos restaurantes, outros apenas passam vindos da Rua dos Chãos. Ele está ali, marcado pelo sol e pelo frio, chagas que demoram a abrir sulcos na alma, a noite que vai chegar, o frio e depois não sei.

Quando era jovem escolar, começava muito bem o ano lectivo. Adorava os novos livros, alguns oferecidos pelo Liceu e outros emprestados, gostava de os encapar e sentia um grande carinho pelos cadernos diários. A princípio tratava-os muito bem. Escrevia os sumários todos com letra bonita, tomava nota dos exercícios e ficava orgulhoso de mim. Depois, com o correr do tempo, a letra bonita começava a entortar, sentia o desleixo a abandonar o caderno e mais para o fim do ano a minha vida escolar tornava-se um caos. É provável que o método e a perseverança tenham sido guardados para alguns anos mais tarde.

Agora olho com orgulho para os meus caderninhos, onde passo dia a dia as coisas que vou escrevendo. Quase me convenço que foi bom ter descansado naquela altura. Fui sempre um aluno razoável ou mais ou menos, embora adorasse português, geografia, história e francês. Diziam-me "para ir por ali" e eu ia por outro lado. Não sei se foi o "Cântico Negro" que me apareceu pelos dez ou onze anos em forma de assombração. Lembro-me que era casmurro e rebelde, embora suportasse esse drama dentro de mim, procurando não afligir demasiado os meus pais. A partir de certa altura, a única coisa que me deixava em paz eram os poemas de Alberto Caeiro, que eu lia sozinho, no meu quartinho do terceiro andar.

4

Quando dizemos "no meu tempo", queremos referir a juventude, talvez ou aquela época marcante de vitalidade em que andávamos ocupados a tomar conta dos dias e a conquistar o mundo. Esse era o nosso tempo, agora este tempo já não é tão nosso, porque já vamos chegando ao fim do caminho e o nosso papel ou a consciência dele não é tão aguda e omnisciente. Vem isto a propósito de uma bela palavra que se usava muito, que andava na boca do povo e que, sendo muito expressiva, é ao mesmo tempo bonita graficamente

e estranha pela raridade das suas aparições. "Ora essa, nem pensar isso, era o que mais faltava, já agora, por amor de Deus" e a verdade é que nenhuma destas expressões substitui em beleza, força expressiva ou encantamento sonoro essa palavrinha tão linda, *homessa*.

O Pedro Quintas lembrou hoje de manhã uma outra palavra que se usava bastante "naquele tempo". Pelo que pude ver a palavra não está dicionarizada, mas que existia, ai, isso, existia e devo dizer que era muito propalada. Refiro-me a "cassurdo". Escrevo-a com dupla consoante, embora se a escrevesse com cê de cedilha não viria mal ao mundo. Se bem me lembro, a palavra poderia ser utilizada com algum acinte na qualidade de termo insultuoso ou designar uma acção violenta do género, levas um cassurdo. Imagino também o cassurdo como forma de indiciar um comportamento e com ele vislumbrar um determinado tipo de figura. Assim sendo, desenha-se um tipo abrutalhado, mouco de inteligência e manco de outras qualidades.

Está a ficar bom para os negacionistas. Esta marezinha assim mais fresca vai encher a noite de Covides. Alto lá! Lá vêm eles a cantar, bandeiras ao alto, sacocha ao ombro! São tão corajosos, tão musculosos! Lá vão eles por esses campos e ajuntamentos apanhar covides. Levam no saco um naco de marmelada, como se fazia outrora no tempo dos gambozinos. Que bonitos e corajosos! Tão apumados, cabelos rapados e depois correm, abraçam-se, cospem nas mãos, atiram lulas a ver quem chega mais longe. São heróis da pós-modernidade, sem dúvida. Boa caçada, boa colheita! Coitados dos bichinhos. Com gente desta, não há pandemia que resista. Vai estourar como um balão. Força, meus bravos, ide prá luta aos magotes, às cavalitas. O Covide é um tigre de papel. Até o comeis, não é?

5

Desculpem este meu intróito em jeito de Monsieur de La Palice, mas o óbvio e a banalidade podem ajudar um pouco neste caso. O grande mérito de uma vitória de Biden seria a derrota de Trump e, sobretudo, do monstro que se desenha e parece crescer a coberto da sua truculenta e aberrante figura. Apesar de tudo, Biden sempre poderá trazer os EUA de novo à OMS

e à convenção sobre o clima e pode romper a ameaça radical-fascista que tende a ocupar os espaços vitais da sociabilidade e das relações económicas, políticas e militares. Com Trump vingará o negacionismo e todos os revan-chismos, com Trump se continuará a ofender gravemente a memória, as artes e a cultura humanista que, como um espelho da fragilidade humana, procura valorizar o entendimento, a ética e a consideração pelo próximo, apesar dos dramas e das iminências de desastre, apesar também da natureza trágica da nossa condição de sobreviventes num planeta que prossegue a sua viagem na galáxia, como um pequeno ponto, uma breve nave espacial que a todos conduz em direcção à condenação. Felizmente ainda temos milhões de anos à nossa frente, ainda estamos longe do dia em que a combustão do sol nos vai engolir, como efémeros filhos de vulcano.

De momento, temos que vencer a pandemia e proteger a terra, salvar as florestas que resistiram, descontaminar os solos, parar a loucura extractivista e o uso dos combustíveis fósseis. O discurso negacionista, zombeteiro e arrogante desses seres maléficos trará com ele perigos inomináveis. Precisamos urgentemente de regressar às reuniões ao vivo, precisamos da viva voz, de respirar em conjunto, de visitar as livrarias e cafés, de retomar as festas, de renovar o respeito pelo trabalho e refazer as leis em favor dos direitos humanos. A terra tem tudo para ser um paraíso, mas estamos em perigo e as ameaças são muitas e suficientemente poderosas para nos obrigarem a viver em alerta.

Lia ontem um breve discurso de Deleuze sobre os fascismos "por vir". Eles estão aí, instalando-se à vontade, com toda a sua tralha demente e despótica, vivendo do medo que vão semeando e nos vai limitando a vida, fechando-nos em casa, fechando-nos no corpo, enquanto eles, os tiranos, se encarregam de ir assinando as sentenças.

Para os meus amigos actores da "Luxúria"

Ontem lembrei-me do "Insólito", dos cheiros da noite, da japoneira lá fora. Lembrei-me do Insólito e da noite de Braga, das enchentes ao começar a madrugada, das festas e espectáculos, do calor que ali havia em certas noites. Lembrei-me do Manel e do Louro e do pessoal todo que por lá passava a trabalhar. Lembrei-me do bar vazio antes de irmos para o ensaio. Às vezes, eu e o Camilo passávamos lá para beber um shotinho e lembro-me, como se

fosse hoje, dos espectáculos que lá fizemos. Ah, aquela "Queimada" do outro mundo na noite das bruxas, "O homem que perdeu a sombra", que dedicávamos a Sebastião Alba e a "Luxúria", um dos espectáculos que integrava o projecto do Sindicato de Poesia chamado "Malditos do Século – os pecados e as virtudes".

Esse, sim, era um espectáculo desbragado, corajoso, agarrando o boi pelos cornos. Foi o Almeno Gonçalves o encenador e éramos muitos, talvez vinte, quase todos muito jovens. Os textos eram difíceis, arrojados, provocatórios. Houve actores com medo de entrar no espectáculo e muitos afastaram-se. Realmente era preciso ter tomates para assumir aquela linguagem, para falar de sexo e de prostituição, para deixar escorrer a libido a ferver na gramática poética. Uma parte da Braga dos cinco ou sete pês fugiu escandalizada, não sei se para debaixo da cama, se para as sombras do confessionário ou para os labirintos do sacrário. A exposição dos medos e da paranóia obrigou-me, também, a pensar duas vezes. Então, meu caro, tu és professor, lidas com adolescentes e vais participar num espectáculo desses? Não precisei de pensar muito tempo. Um ímpeto, um repente, uma alegria fizeram-me ser livre e eu disse que sim. Eu participo e não tenho medo nenhum. Se fosse caso disso, não teria qualquer espécie de pejo ou paranóia em convidar a minha mãe a assistir. É por isso que, há dias, quando vi pousados na livraria "Os Tomates Enlatados", de Benjamin Péret, eu lhes deitei imediatamente a mão, como se ali se reunisse o mais sagrado dos frutos.

Pus-me a ler e identifiquei imediatamente a passagem que eu dizia, de cor, como actor que se preza: "O visconde punheteador dos Colhões-Moles, com a picha chocalhando num cálice de porto, contemplava orgulhosamente a galeria de retratos da sua árvore genealógica. À medida que os via brandir o caralho hirto como uma lança apontada a Deus, o seu ia-se agitando também cada vez mais dentro do vinho, que espumava como esperma em castelo (...)" E o texto continuava mais um pouco e havia todos os outros textos, fortes, provocadores, delirantes e nós vivemos noites de grande intensidade, iluminados sobretudo pela coragem dos mais novos, em particular das jovens mulheres. Esta é também a Braga de que eu gosto. A sua nocturnidade, a grandeza da noite cheia de alma e coração, o embalo dos bêbados, o cântico quase obscuro dos perdidos, dos que vêm beber mais uma cerveja antes da morte.

6

Ainda vamos ter que ir todos libertar a América daquele engulho. De momento, o rei Donald vai agarrando o poder com a poupa lacada, um ou outro impropério e inúmeros dislates. É provável que a turba se comece a organizar e que na obscuridade da conspiração se afiem facas, não sei se facas longas, se punhais apenas. Entretanto, o rei vai conspirando contra o seu próprio povo, como se os EUA fossem um laboratório psicótico, onde ele imagina todos os delírios e violências que a tradição militarista e golpista foi construindo na América Latina. Eu não desprezo o inimigo. É claro que ele quer levar o caso para o supremo tribunal, onde espera contar com os olhos fechados dos seus cúmplices. Pode também acontecer que rebente como um balão e se esfume, como o génio mau em algumas histórias tradicionais.

A 6 de Novembro, no longínquo ano de 1919, nasceu no Porto Sophia de Mello Breyner Andresen. Fico por momentos suspenso da beleza do seu nome, como se fosse possível ouvir música no desenho da caligrafia. Sigo num pequeno barco, comendo uvas e olhando as águas, tenho os deuses comigo e por isso não tenho medo, porque são antigos e nos levam pela mão a visitar as esculturas e a descansar no templo de Apolo. O seu espírito passa sobre as águas, tão leve como Iemanjá e os versos tocam entre si cousas perdidas e achadas, som de um alaúde trazendo uma chávena de chá e o olhar pousado no jardim. Virá enfim uma ave ou uma asa, coisa invisível, como a voz da terra na folhagem e o vento, o Zéfiro suave cantando e esquecendo, levando a beleza ao fim dos dias, quando a luz regressa, muito viva, quase grávida, com a sua noite de esperança.

O meu pai usava uma palavra muito engraçada para exprimir o seu desagrado relativamente a alguma coisa ou acontecimento que não lhe caísse no goto. Dizia que aquilo era uma "pessegada". É o que me parece que aconteceu na aliança pós-elitoral ocorrida nos Açores. Uma verdadeira pessegada.

O meu amigo Alberto Peixoto é uma excelente pessoa, um grande artista e, além disso, tem um humor inteligente e refinado. Bem estava a precisar agora de me lembrar de alguns dos seus ditos jocosos e das suas brincadeiras.

E logo hoje, que estou tão cansado! Apetecia-me mesmo adormecer embalado por um belo concerto de "piano de calda e flauta de vizela".

7

Deixei-me encantar ao fim de tarde por uma passagem do Coro na "Antígona", de Sófocles: "Muitos prodígios há; porém nenhum/maior do que o homem". Vale a pena ler a intervenção do Coro na íntegra. A "Antígona", com tudo o que contém de vivo e ardente, é um dos grandes poemas da humanidade. Fiquei sempre muito impressionado com a sugestão ou a imagem do jovem poeta observando de um lugar alto a batalha de Salamina, onde guerreava o grande Ésquilo. Entretanto e não sei porquê, sinto-me trazido da história ou impulsionado por uma força em visita a alguns lugares amorosos. Para me ajudar na viagem, vem comigo um anjo de Klee, mas para nos levar até lá vamos precisar do anjo de Benjamin. O que vale é que nem vou dar pela viagem. Este anjo que me calhou por companhia é mesmo muito engraçado.

Era difícil passar um dia sem ir ao Astória. Nessa altura era o meu café e eu fazia parte da casa ou achava que fazia e havia nisso algum conforto, uma espécie de recolhimento, como se naquela hora, ao entrar nas Arcadas, visitasse um lugar sagrado. O carvalho francês embutido nas paredes, o tecto desenhado no estuque, o velho relógio, a copa meio aberta em jeito de pequeno teatro de fantoches e as casas de banho sinalizadas à entrada pelo escarrador, lugar absolutamente protegido pelo património, classificadas pela ASPA, como dizia o Senhor Alberto.

Às vezes as Arcadas enchem de povo que ficava encostado às colunas, junto aos engraxadores e à tabacaria e do outro lado os tímidos colados à parede branca, lançando olhares curiosos e folheando a banca de jornais. Havia dias divertidos. Entre peregrinação e visita era uma alegria ouvir o Puga a ruminar meias anedotas e eu ficava sempre maravilhado com o Lula, que chegava alto e curvado, com os seus óculos verdes, assobiando à melro e anunciando os saquinhos de hipericão do Gerês. O Senhor Azevedo era também visita regular, sempre com cara de mau e perna de pau, debitando meios cigarros a rosnar imprecações silenciosas.

Sentei-me muitas vezes sozinho a olhar além das Arcadas, a olhar para nada, como se andasse por dentro, às vezes desperto pelos convivas da volta dos tristes. Havia dias de grande azáfama e alarido, a hora do lanche, o cheiro a torradas e as tertúlias mais ou menos caóticas, mais ou menos histéricas. Sentia-me às vezes muito pequeno e intimidado com o discurso dos mais velhos, os que vinham de Coimbra, os que estudavam na faculdade de Filosofia, os que chegavam não sei de onde. Eu ouvia-os religiosamente, quase com medo, eram palavras fortes, discursos intermináveis a discorrer sobre conceitos, sobre livros, discursos para inventar o mundo, quantas vezes ousados e temerários.

Ouvíamos o Owen Mendes, o Manuel Sarmiento, o Eugénio Peixoto, o José Manuel Barbosa, o Fernando Beleza e eu sentia os livros a incendiar-se e quando olhava o Bom Jesus depois das Arcadas, depois das tílias, para lá da Senhora-A-Branca, estava longe de imaginar que toda aquela multidão de discursos, aquela loucura das ruas de Braga que chegava em visita aos sábados de manhã haveria de me encher a alma durante muito tempo e de me acompanhar na viagem. Saí de Braga durante vários anos. Quando chegava de férias, regressava sempre ao Astória e notava todas as mudanças, os velhos empregados que iam desaparecendo. O senhor Xico, o Alberto do Astória, onde estão?

Comi castanhas de Trás-os-Montes assadas no forno, com sal. Senti um grande prazer, pois me via a comer uma espécie de carne ou de pão e ao mesmo tempo bebia um vinhinho branco do Douro e ia subindo por esses montes, visitava os castros e os lugares de vigia e de pastoreio. Devo ter visto fogueiras e por momentos fiquei pensativo e sentado num largo do povoamento, olhando o desenho das casas circulares e imaginando a noite habitada pelos círculos do céu, como se nós fôssemos apenas o resultado de uma vontade transmitida, uma dança guerreira e um apelo, um narcótico também. Gosto muito de castanhas e agora que o delírio passou sento-me um pouco no terraço. Tenho ainda vinho no copo, vinho branco do Douro explodido das argilas, quente a altivo, sedutor também, feito de veludo e tentação. O sabor do fruto continua e eu bebo golinhos, mas sinto um pouco de frio que vem do mar. Os cúmulos passam enegrecidos e dizem-me que

o mar está alto e grosso e por isso devo recolher. Preparo-me para beber o último golinho. À vossa saúde, meus amigos!

8

Há dias, relendo o 1º Manifesto Futurista de Marinetti publicado pelo *Figaro* no dia 20 de Fevereiro de 1909, senti alguma indisposição. Bem sei que a leitura tinha propósitos pedagógicos e que o referido texto, como muitos outros, não deixa de constituir um documento de época, que pode ser lido com alguma serenidade e a objectividade possível. Estamos em tempos perturbados, a Grande Guerra aproxima-se e as fanfarras da vingança parecem ouvir-se anunciando o novo homem e a viragem da história. Marinetti elogia a velocidade, o estupor ruidoso das viagens e do estrugir das máquinas, mas apela também à grande destruição do passado e da memória, anunciando-se como o cavaleiro negro, o que vem disposto a incendiar os museus e as bibliotecas e a vociferar o mais rude dos cânticos em favor de uma ousadia insana, intensamente masculina e guerreira, contra a fraqueza congénita das mulheres. Em breve, Marinetti se tornará um fascista encartado, de nada lhe servindo as viagens a Paris e o arejo dos contactos com gente mais ou menos ilustre. Felizmente os futurismos não se pautarão todos pelo ímpeto e pela sanha venenosa que preludiava o horror nazi. Maiakovski entendeu-o por outras vias e o futurismo de Álvaro de Campos era demasiado grande para se deixar seduzir pela mediocridade panfletária e o arrivismo político. Sente-se no Manifesto de Marinetti a sanha e o apelo psicótico à coragem física, o desenhar de um programa de acção destinado a mudar o mundo em favor dos mais fortes. Às vezes sinto esses ecos, essa pesporrência e esse racismo social repetido com a mesma violência, a mesma dinâmica de crença cega verbalizada num discurso higienista, que visa libertar o mundo do que considera ser a decadência dos fracos associada à vocação pela simplicidade, pela lentidão e pela contemplação.

Julgo ter ouvido há poucos dias o alinhavar de um acordo político nos Açores, que pretende alterar em profundidade a importância e o alcance do rendimento mínimo garantido. Pensarão esses senhores numa sociedade à

Marinetti, um lugar de vigência exclusiva dos mais fortes e capazes? É provável que sim e também é provável que para substituir a responsabilidade do Estado perante os mais incapazes e diminuídos venham propor de novo a sopa dos pobres, a caridade porta a porta, enquanto o Estado se dedica à vã glória dos "cães de palha" e dos heróis de pacotilha. O rendimento mínimo foi e continua a ser um bem, um modo de proteger muitos dos que se vêem incapazes de abrir a porta a um emprego, muitos dos que não podem e não se sabem integrar, dos que já não vão a tempo, dos que não têm sorte nem heranças, dos que perderam o emprego, dos desafortunados, dos tristes, dos loucos e dos vagabundos, dos que vivem isolados, dos fracos. O rendimento mínimo é também uma questão de honra, um pequeno gesto, um estender da mão e sempre vai permitindo à maioria que dele usufrui pagar algumas contas, comprar pão ou comer uma sopa, fumar um cigarro ou beber uma cerveja. Eu não quero uma sociedade de homens fortes e de heróis, de tipos fardados, capazes de exterminar os incapazes em nome de um ideal supremacista e, em última análise, fascista.

Tudo indica que o insuportável Trump terá mesmo de fazer as trouxas e zarpar. Não lhe faltará para onde ir e talvez lhe caiba em sorte uma bela viagem de barco, durante a qual irá confundindo a geografia com a mesma facilidade com que nós, no verde Minho, trocamos os bês pelos vês. Alerta, no entanto, porque a semente está lançada e os ventos venenosos deste nosso tempo se encarregarão de semear tenebrosas figuras um pouco por todo o lado.

Na famosa peça de Jarry, o rei Ubu aparece em palco vestido como uma pera, prometendo conquistar a Polónia e assassinar o rei, roubar depois todos os seus tesouros, enfrentar o czar Alexis e espoliar o povo montado no "cavalo das phynanças" e acompanhado por legiões de "abicha-tostões". O homem da poupa lacada talvez não possa vestir-se de pera, mas dava um belo nabo.

9

Ainda bem que me sentei aqui, neste lugar encravado na arquitectura. Tomo café e não deixo de olhar um pouco de céu. Tenho um livro comigo e como se descesse uma deusa, um pouco de bolo de amêndoa durante uma queda de estrelas, encontro versos de Safo:

"Da beleza

Uns dizem que é uma hoste de cavalaria, outros de infantaria; / outros dizem ser uma frota de naus, na terra negra, / a coisa mais bela: mas eu digo ser aquilo/ que se ama" (Tradução de Frederico Lourenço).

Respiramos, mas esquecemos e nem reparamos que andamos com os pés no chão e que ao inspirarmos a cabeça se levanta e o corpo também, um pouco mais activo e disposto a abraçar o visível. Pode acontecer que no leve andamento assim desperto nos apareçam árvores e céu e a brisa sentindo a face, como se uma deusa tocasse a pele e logo voasse estendendo a harpa e nós julgamos que são asas. Às vezes, ficamos apenas sentados a fazer horas. Podemos pensar nessa altura que o tempo se parece com a massa lêveda, o pão que vai crescendo no seu calor elementar, como se fosse uma água longamente experimentada entre a escuridão e a luz dos minerais.

Em tempos de pandemia, comer chocolate é uma alegria. Já me tinham avisado e eu não me fiz rogado. Tem lá em cima um chocolatinho para si! Que embrulho bonito nos chegou da Arcádia, a derreter o pessoal desde 1933. É o aniversário do ICS e esta é a nossa prendinha. Muito obrigado e muitas felicidades. Bons ventos e bons voos, que isto de andar a tentar compreender o mundo de forma razoável e fundamentada, com princípios assentes na razão e o favor da investigação, não é tarefa nada fácil. Entretanto provei o chocolatinho e devo dizer que me enterneceu, pois ao descer lenta e viscosamente pelos canais foi o coração que mais estremeceu.

Cheguei a casa desolado, mas depois confessei-me um bocadinho em família e fui comer o quadradinho de chocolate. Bebi também um golinho de vinho tinto do Douro. Fui espreitar ao terraço. No céu viajava a rectaguarda

de superfície frontal, uns cúmulos fofos e tranquilos, com a sua cor rósea inundada de sol. Passam ainda três pardalitos a meia distância. Estou curado.

10

Deixo-me ir a ver e a pairar no assombro das cores. São acontecimentos que vão seguindo a estrada. No Lugar do Pinheiro, as "continhas" pousadas no redondo quase lembram o infame que nos atormenta. Dedico à semelhança um pequeno sorriso de imaginação delirante e sigo, sabendo bem que uma coisa nada tem a ver com a outra. Vamos contornando as encostas, os pequenos vales à sombra e o sol tocando mais alto, os reflexos da luz escorregam quase húmidos e a estrada vai subindo até às Cerdeirinhas.

A aparição do Gerês quase me faz pensar num recorte suíço e do outro lado a serra da Cabreira extensa e ondulada, com o ar robusto e aplanado, uma elevação de águas interiores ali, à minha frente, entre vales e concelhos, imóvel e transparente, como a manhã de Novembro. Passámos ao lado de Vieira do Minho e começámos a subir. Vou lembrando outras viagens e vejo a humidade pousada ao lado da estrada, as casas e os quintais animam o sol de outono, os primeiros musgos, algumas árvores caídas, estamos no tempo dos cogumelos e talvez pudesse atravessar agora um pequeno carvalhal a apanhar tortulhos. Chegámos junto ao Campo de Tiro. Foi bom ajudar o Senhor Jorge a plantar azevinhos.

Almoço simples e saboroso. O arroz de feijão amarelo e penca, a carne barrosã assada à vista, tenra e saborosa como um pudim telúrico e a Tapada dos Ganhões recebendo a sede com aquele tinto maravilhoso. Alimentei a vista, mas deixei-me sobretudo levar pelo silêncio. Aquele que se ouve na montanha e parece uma dádiva que só a terra e o céu conhecem. Será um acordo, não sei, é um sossego no corpo, será também a música.

11

Leio uma breve notícia sobre a Bolívia. O golpe de estado histórico e fascista que tanto barulho criou no globo das notícias foi serenamente derrotado nas urnas e o presidente perseguido e deposto pôde regressar ao país. Um grande silêncio paira sobre as boas coisas, como se não houvesse estrelas no céu e homens e mulheres na terra, velhos meditando a breve eternidade e crianças de mãos dadas saltando nas ruas esburacadas. Parece que a terra se levantou e que os povos indígenas desceram os Andes guiados por sinais de fumo e canções guardadas nas roupas gastas e nas mãos rudes do clima. Entretanto, o idiota americano continua a engendrar uma ronha gigantesca, um vento furioso e venenoso que possa vir salvá-lo do ridículo ou projectá-lo em cavalgada insana até aos campos de Little Big Horn.

A estranheza não existe em si, mas como efeito, coisa que se sente e se observa, vinda de um lugar, às vezes nomeado e outras desconhecido. Não será o medo, o que me associa a esses lugares, mas algum temor e ao mesmo tempo o constatar uma aceleração de maquinismos perceptivos, sobressaltos epidérmicos, que vêm atirados do espaço ou nascidos das entranhas.

Nas minhas viagens para França, ficava sempre muito impressionado, quando atravessava, depois de Burgos, uma zona de barrancos e escarpas a que chamavam o "desfiladeiro". Em certo passo, suspensa no precipício, acenando como um naufrago no alto de um cabeço, havia uma ermida. Aquela passagem impressionava-me e eu tinha algum cuidado, passava devagar, sem medo, mas silencioso e desperto, atento à suspeição. Já em França, afligia-me também atravessar o chamado Périgord Noir. Ficava com a impressão que aquela floresta contínua e obscura devia guardar a memória de crimes, coisas de enforcados, matéria andante e perigosa.

Agora as minhas viagens são coisas ao pé da porta, mas pode acontecer tomar a antiga estrada de Chaves e pouco depois do Pinheiro, desfeitas algumas curvas e desvãos, ver emergir sobre a esquerda o monte de São Mamede de Penafiel. Olho sempre com algum respeito e cara de poucos amigos a encosta escalavrada, pejada de pedras que parecem ter sido atiradas por algum ser mitológico. Passa-se ali alguma coisa. O monte é ermo e quase desconfio dos ares que o rodeiam. Depois passo, respiro fundo e esqueço.

Volto a lembrar-me no regresso e olho com atenção e ninguém me convence que aquilo seja lugar santo.

12

O Muro de Berlim caiu e caiu muito bem. Entretanto levantaram-se muitos outros, um pouco por todo o mundo e é urgente que esses caiam também. A não ser que se considere que há muros justos e muros injustos. Os muros constroem-se para durar, pensam os construtores, mas o tempo vai degradando as construções e há sempre a possibilidade de remover os materiais. Vê-se melhor e a paisagem projecta-se e as gentes passam para um e outro lado. A vida humana é uma viagem, uma necessidade de inventar a terra livre, de projectar o desejo no horizonte, como se houvesse um ponto luminoso, um modo de ir e viajar um pouco mais além.

Leio um título quase estranho a propósito de um acontecimento literário: "Herdeiros de Saramago". O que é que isso quer dizer? Herdeiros literários? Escritores cuja obra é devedora do mestre? Percebo agora que se trata de uma série de documentários da autoria de Carlos Vaz Marques dedicados aos autores que foram galardoados com o prémio Saramago. Não terão todos a mesma qualidade e a mesma importância. O tempo e as leituras dirão de sua justiça.

O Mestre, no entanto, criou uma "mundivisão" e abriu brechas numa sintaxe endurecida. Curiosamente podemos rever em Saramago delírios e atrevimentos que víamos em outras épocas, com as maravilhas de Rabelais, Laurence Sterne e, mais perto de nós, García Marquez. A obra é única, coisa viva, uma revolução de águas entranhadas, músculo e coração que lhe concederam a graça de ter escrito alguns romances fabulosos. Essas fábulas acrescentaram-se à natureza e constituem memória do nosso discurrer linguístico.

13

Hoje estou um pouco desconexo. Acho que não me sai nada de jeito, mas também não tem que sair. Ainda pensei fazer uma visitinha à corrente de consciência a ver o que por lá se passava. Uiihh! Nem pensar. Então ali é que eu me perco de certeza. Tem um certo interesse, porque se aprende muito, o problema é que só se fica um bocadinho em cada coisa. Ainda agora estás a subir a escada em caracol, vais chegando à muito famosa esplanada sobre a cidade de Dublin e logo a seguir já estás com uma bebedeira monumental. Resolveste depois sair um pouco para apanhar ar e fizeste longas cavalgadas na Mongólia. Já mais maduro, resolveste subir ao monte Fuji.

Ontem à noite, pelas onze horas, fui ao terraço. Deixa-me lá ver como vai o confinamento. Ah, estes maus hábitos de guardião da república! Agora que não há revolução, há que proteger coisas tranquilas, obediências e sossegos. O bairro parece adormecido, o chiqueiral de há pouco esfumou-se e apenas uma ou outra luz de janela quebra o enguiço da legislação.

Para mim é boa hora para escrever um pouco. Compromissos ou coisas que têm que ser. Normalmente começo de manhã a pensar nisso e convenço-me ou alguma coisa em mim me desperta na hora certa. Apesar do silêncio, que me deixa olhar para o céu e para aquele planeta que aparece sobre o telhado do prédio em frente, oiço a passagem dos automóveis na circular. Não serão muitos, mas ouvem-se e distraem-me, paciência, fecho as portas, faço o que tenho a fazer.

Durmo e acordo muito cedo. Tomo um café para dormir mais um pouco. Dedico a cafeína e o gostinho que me fica na boca aos sonhos que vou acabar de dormir. Bom dia, bom dia, digo eu já perto das dez, mesmo assim demoro, levanto-me, arranjo-me, vou comendo pãozinho e um pouco de queijo, meia banana. Lá fora há sol e vento. Sinto algum calor e o ventinho do mar. Olho a tijoleira e fico algum tempo entretido a ver o reflexo das folhas agitadas. "Moving shadows", a expressão é de Shakespeare e vem lembrar momentos terríveis, a floresta de Birnam movendo-se no cerco ao castelo, realizando o presságio das bruxas, a morte próximo do assassino Macbeth. Nada disso. Estas sombras são benéficas, olho para elas com leveza, porque baixei a cabeça e a sua aparição fez-me quase feliz, como se fosse em viagem

a um bosque sagrado ou, pelo menos, a um lugar de meditação. Pensar em nada, só isso. O eu a fragmentar-se como poeira ou vento e pedaços de estrela. Nada de personagens, de momento. Isso fica para daqui a um bocadinho, quando sair de casa.

Lá vou eu e fico muito feliz, porque as máquinas andaram a aplanar o terreno junto à pequena estação da EDP e plantaram cinco árvores. Nem tudo é mau neste mundo. Espero vê-las crescer. Nesta altura pega tudo. Estes silêncios da terra chamam um figo às novas raízes. Adoptam-nas, envolvem e puxam delicadamente para baixo. Compro o jornal à sexta-feira, leio a crónica de António Guerreiro e mergulho na capa. No talho vou pedindo o que preciso. Fala-se de política e acho que o pessoal ficou contente com o fecho dos hipermercados. Nós pagamos cá os nossos impostos e vêm esses gajos que vão pagá-los à Holanda ditar leis. Era o que mais faltava. Proteger os pequenos, é claro.

Estamos abertos, professor. Fico contente e para festejar levo também uma garrafinha de Montes Ermos Reserva. O meu talho tem um bocadinho de tudo. Infelizmente hoje não posso ir à livraria, mas levo este vinhinho, coisa boa, bebo um golinho e é como se estivesse a ler.

As histórias de fantasmas povoam o nosso imaginário, mas não sabemos o que vemos quando vemos ou quando inventamos a sua existência. Pensamos em sinais e alimentamos suspeições, mas para não falar da produção de fantasmagorias serôdias deixo-me embalar pelos fantasmas da biblioteca.

Os livros são lugares seguros. Não precisamos de saber nadar ou de correr desalmadamente aos gritos. Só precisamos de saber ler. Aconteceu-me há dias, quando lia "Pedro Páramo", de Juan Rulfo, dar por mim a assistir a uma conversa de fantasmas. Apareciam e desapareciam e deixavam ficar um sabor inóspito na imaginação. Não é fácil, no entanto, lidar com eles. Estou convencido, aliás, que eles observam primeiro a figura curiosa que pretende surpreendê-los a desocultar os segredos e alguma notícia do outro mundo.

Entretanto pousei o romance e esqueci-me. Hoje apetecia-me um livro pequeno, que pudesse ler com a esperança de um fim à vista, sem os impedimentos da eternidade prometida pelos calhamações. É claro que eu devia ter desconfiado, quando a minha mão se dirigiu facilmente para um livro que espreitava da estante. Era "A invenção de Morel", de Adolfo Bioy Casares.

Uma história de fantasmas, afinal. Fiquei desconfiado com a coincidência. Dois livros, no entanto, que merecem a atenção dos mais descrentes. Duas pérolas da literatura.

14

Para Ana Valle, Luis Carvalho e Isabel Maria Mendes Ferreira

Já vai há algum tempo, mas também era outono. Sentava-me num banquinho virado para o jardim. Como é natural, o meu olhar viajava levemente e às vezes parava um pouco suspenso nos plátanos e carvalhos e havia também algumas bétulas. O ar muito parado e as folhas caíam, como aviões de papel, num leve torvelinho e caíam sobre outras folhas. Ouvia-se e a isso nós costumamos chamar silêncio.

Hoje de manhã saí um pouco. Antes de passar na minha mãe e tomar café no Chave D'Ouro apercebi-me do vento e das folhas caídas e das folhas caindo. Agora um pouco mais de vento e um chuvisco de sudoeste, quase agradável. Lembrava-me as ondas subindo muito altas no paredão e aquela aragem medicinal, rica de sais e brometos. Reparei que as folhas caíam conforme o vento lhes dava e que não era sempre na aragem mais forte que elas perdiam as árvores. Deve ser quando o vento sopra enviesado e sobe pelo tronco numa espécie de torvelinho e então a rua toda se enche por segundos de uma chuva raiada de cores, com aquele pousar umas sobre as outras.

Vou pensando na imagem e encho-me de música, será a canção de Mahler que ouvi hoje de manhã ou o poema de Wordsworth, talvez este de Alfred Lord Tennyson. Sinto uma paz caída dos céus ou essa miragem do alto, nascida dos veios e dos minerais, levada depois pelo tempo e pelo ritmo, como um naufrago num mar de espanto.

Para a Luisinha e para a Rita este miminho de uma das pessoas mais bonitas do mundo.

Ela ajudou-me a ser criança e levava-me a passear e a dormir sonos encantados. Com ela, eu vejo ainda os jovens passeios na Avenida e as raparigas em flor no seu sorriso, na voz bem colocada, o pequeno rádio onde ouvia

fado e se deixava comover com a sua querida Teresa Tarouca. A Tia Luísa foi luz e música na minha vida, um enorme carinho, uma grande amizade, o café na cozinha e um cigarrinho misturado em lembranças e água do mar.

Há muito barulho no mundo, muita ruminação viperina, dislates com fartura e problemas que baste. Ardem as florestas boreais e tropicais, aquecem as águas do Ártico, o Mediterrâneo é um mar de afogados e a viagem podia continuar por trevas imundas e invisíveis, por presságios e medos e um dicionário de prodígios venenosos. Entretanto tenho ouvido música maravilhosa e oiço pessoas encantadoras e lugares que me deixam em silêncio e depois me acompanham com o seu modo benévolo, como se fossem páginas e aves, impressões do vento e vagares aéreos de pensamentos luminosos. Entre uma coisa e outra vai-se movendo o drama. A jararaca espreita nas telas e nos comentários, senta-se à vontade nas reuniões e assembleias. Há uma espécie de inocência da legalidade que não se apercebe da máscara de bentas ao léu.

15

A matéria do mundo imensa e desconforme desaba sem ruído como um processo, uma cobra que rasteja vinda da escuridão, rompendo a folhagem com sensores e venenos. É uma combustão que vai roendo e ruminando e que absorve palavras e pura energia de pele e entranhas, palavras inundadas de água talvez e de sais, palavras desconfiadas e soltas, coisa de músculo e articulação ou "ventos da minha alma", como escreveu Sebastião Alba. Não saberei dizer melhor esse estranho aparecer do mundo, que parece ocultar-se e ao mesmo tempo vestir as aparências com um casaco de inverno ou um sopro de vento e águas corridas. Gostávamos de dizer o que é a poesia e logo esse encanto nos parece coisa sombria, linha quebrada e também experiência, a régua e o desenho, o esforço ou a respiração do músico e do arquiteto. Parece haver uma casa no pântano, o olho de Deus no matadouro e a insónia, o suave remanescer depois da tormenta.

Estás sentado na esplanada e agora já podes estender a mão e apanhar líquenes e fragrâncias, absorves algumas folhas e jovens sorrisos que passam no andamento. É como se fizesses a pontuação ou apenas a imaginasses, mas

o pior já passou. Ficaste um pouco magoado ou ficaste encantado e leve. O poema é coisa silenciosa e obscura, palavra de ruminante que levas pendurada no caderno. É natural que caiam alguns versos durante o caminho e logo verás ferver a pedra e um fumo ácido a despertar e agora o sono, o vazio e o alto pensamento esquecido, longe como as barcas, como as naves, assim.

Não vale a pena desgastar a psicologia clínica, acrescentar histerias vãs às leis do determinismo ou abusar da autoridade do materialismo histórico. Além de tudo o que já se sabe e que é por demais evidente, o homem é hoje um burgesso solitário, um cão de fila de proa descaída, apesar da poupa lacada e dos apelos à cobiada. Há-de sair como um cãozinho de fila, cabeça baixa e cauda descaída, ganindo impropérios solitários, dirigindo-se, quem sabe, para algum lugar santo disposto a perdoar-lhe os desplantes e a verborreia.

No tempo em que eu andava a salvar o mundo e a revolução avançava a todo o vapor; no tempo dos grandes timoneiros e líderes da classe operária, nós andávamos de trás para a frente na Avenida, com as nossas samarras de pele artificial, soletrando os mandamentos do grande líder e carpindo a lentidão do processo histórico. Depois reuníamos com ar sigiloso e obediente, dedicando a atenção possível e os ímpetus juvenis à análise da situação política. Se bem me lembro, tomávamos notas, embora confesse que nunca percebi muito bem o que se passava. De certa maneira, a situação política nunca se alterava, porque a revolução avançava a todo o vapor, etc.

16

Para o Abel Lages

Há pouco, abri a porta do escritório para ir ao terraço. Digo-te, com franqueza, meu caro amigo, que fiquei desolado. Não se ouvia nada nem ninguém. Minto! Cai uma pinga vertical e surda, ping ping. Parece vir da fímbria do caleiro. Sempre anima um bocado a pasmaceira. A luz das janelas não é suficiente para iniciar um enredo. Lembras-te do filme de Hitchkok, "A janela indiscreta"? Isso é que eram janelas! Por cá, pouso a luz dos candeei-

ros no jardim e isso até me podia fazer lembrar alguém. Podia ser o muito querido Vasco Santana a pedir lume ao candeeiro. Temos, portanto, uma luz silenciosa, branca e ao mesmo tempo amarelada. Depois olhei um pouco o céu, que passeava lentamente algumas boas abertas.

À segunda-feira venho sentar-me na esplanada. À minha frente o complexo de telhados que cobre o banco e a livraria. Os telhados parecem trapézios alinhados e se o nevoeiro caísse, eu estaria a sonhar um acampamento berbere. Hoje o céu está muito parado, céu de luz escondida e ar aborrecido e moliquento.

Não pretendo muito. "O pão nosso de cada dia", sim, é necessário, mas gostava de saber um pouco mais de física e de latim.

Não vou falar da entrevista ao senhor deputado André Ventura. Era o que mais faltava. Fiquei, no entanto, com muita pena dos funcionários das Câmaras Municipais. Segundo sua altitude, há muito malandro nas ruas e nas repartições. Ó, Miguel! (Coitado do Miguel Sousa Tavares! O que ele tem que aturar. Eu hoje até lhe perdoei aquelas maldades que ele assacou aos professores). Veja, Miguel, diz o outro, você entra nas câmaras municipais e é um horror de funcionários lazentos, adormecidos, bocejando com ar de livro de registos. O que é que eu vou fazer, o que é que eu vou fazer? Vou pô-los a trabalhar. Tudo a trabalhar. Vai trabalhar, malandro! Tudo a acordar! Se for preciso chamo os bombeiros, trago a guarda, acendo as câmaras de vídeo. É uma vergonha e isto é pra já. Viva Portugal etc e tal.

A minha filha pediu-me para ver com ela a entrevista e eu é claro que acedi. Tenho andado assim e vejo também o Ricardo Araújo Pereira. Apetece-me, em podendo, fazer o que ela me pede. Daqui a uns anitos, se tiver sorte, vou ser um velhote simpático. Mas depois aquilo acabou e eu soava-me na memória, aconchegava-me o ouvido um poema de Manuel da Fonseca. Será o "Poema dum Funcionário Cansado"? Vou ver. Não, esse é de António Ramos Rosa. O de Manuel da Fonseca intitula-se "Coro dos Empregados da Câmara".

17

Hoje, ao fim da manhã, quando visitei a página do FB, li um comentário à minha publicação de ontem à noite inspirada na entrevista de André Ventura conduzida por Miguel Sousa Tavares, que me deixou os cabelos em pé. Ainda bem que não sou careca e que tal susto me implantou uma cabeleira em estilo Simpson, arrepiada, mas bem atarrachada ao couro cabeludo. Uma senhora, achando-se no pleno usufruto dos seus direitos de livre expressão, veio para o meu cantinho, o lugar onde vou dialogando com os meus amigos, o meu "tão certo secretário" destes tempos tecnológicos, gritar vivas ao "Chega". Lamento muito, mas não admito. A senhora pode ir gritar vivas ao que quiser, mas não tem que vir incomodar-me e desassossegar e envenenar a minha casa. Aqui mando eu e o meu "salão" não está disposto a receber essa gente, essas ideias, essa retórica vil, que esconde os piores propósitos. Fiquei muito ansioso. Aquilo estava-me a fazer mal. Só queria chegar a casa para ter a honra de calmamente a mandar dar banho ao cão e pregar para outro lado. Foi o que fiz. Amigos destes não quero. Admito as suas simpatias, mas não admito abusos de confiança e muito menos provocações. Schaublorenz!

Há uma palavra que se usava muito para depreciar uma mulher de quem não se gostava e que, por entre ares pretensiosos, se revelava feia e desajeitada. A minha mãe usava-a muitas vezes... "felistreca". Tenho pena que não se use no masculino, pois daria muito bem para referir alguns que por aí andam... Uns "felistrecos".

18

Vou fazer uma espécie de "revuelto" para o jantar. Apreciei o melhor "revuelto" da minha vida em Burgos, numa noite de inverno, num pequeno bar e restaurante encostado à catedral. O apetite era muito, a noite gelada, a viagem ainda estava cansada e aquela comidinha parecia um cântico, um coro alto de sabores, quase uma transumância deste mundo da "terra chã" para os "talefes" do palato. Ora acontece que tenho ali no frigorífico um bom bocado de peru e frango, ambos estufados nos últimos dias. Não é tarde nem

é cedo. Quando chegar a hora, pego numa frigideira de aba larga, corto a cebolinha às rodela fininhas e quando o fruto estiver a ficar mais miudinho, posso picá-lo e fazê-lo cair no recipiente, como se fossem pingos de chuva. Azeitinho bom de Valpaços e começa a fritura. Não convém queimar a cebola, por isso há que despachar. Dois dentinhos de alho, é claro, faz muito bem ao coração e uma boa batatinha muito miúda a cozer na branda fritura. Depois as carnes esfiadas *ma non troppo*, umas tirinhas de pimento vermelho, quatro tomatinhos cherry, uma pitadinha de pimenta preta, salsinha, claro, que é muito digestiva e os elementos ali a resfolegar, alguns a levantarem o toutiço outros acamados. Um verdadeiro encanto das Espanhas!

Quando a cousa começa a ficar apetitosa, quando as goelas incham e as narinas dilatam, vou ao frigorífico e pego naquele restinho de cervejinha alemã. Então é que vai ser. O cozinhado até guincha! Cloc, cloc, cloc, shuuuhhh, maravilha. O preparado parece agora inundado, mas rapidamente os líquidos vão secando e nessa altura começo a bater os ovos. Dois ou três, é melhor três. Boto os ovos e apago o lume. Mexe e remexe e está pronto a servir. Entretanto, já me esquecia, pus uma manadinha de uvas passas e corintos e talvez um bocadinho de bacon. Arrozinho seco para acompanhar, senão a minha filha zanga-se comigo e uma manadinha de nabiças de Valpaços passadas no azeite, com aquela sua acidez etérea nascida em "reino maravilhoso".

Após longos anos no Curso Profissional de Teatro, regressei às aulas de Português. Tenho três turminhas de 10º ano. Recomecei há dias, após uma ausência de quase dois meses. Tenho noção das minhas limitações e do cansaço acumulado, mas continuo a gostar muito da sala de aula. Estamos a estudar Fernão Lopes e falámos um pouco do Cancioneiro medieval. Encantam-me algumas cantigas de amigo e rio-me secretamente desse coração amargo e sorridente que respira nas cantigas de escárnio e maldizer. Apetece-me dizer que as três turminhas que me calharam são encantadoras. Vejo mal, os óculos ficam enevoados com a máscara, não distingo os rostos, mas respiro a atmosfera sossegada e benfazeja e fico muito comovido, porque sei que nos estamos a ouvir e que da nossa atenção e do nosso corpo nasce e respira algum encantamento, a palavra poética, talvez. Fico muito comovido com o silêncio e a boa vontade dos meus alunos. São tão jovens e precisavam tanto de saltar e brincar e namorar, mas estamos ali, presos a pequenos círculos e segmentos

de recta, reduzidos na distância, esquecendo por momentos o medo e os dramas que nos assaltam com as suas formas rudimentares e invisíveis. Alguns amigos dizem e a minha família lembra que sou "um coração de manteiga". É bem verdade e também é verdade que adoro manteiga.

O Doutor Bailarim

Isto já vai há muito tempo. Do que eu me fui lembrar! Liceu Sá de Miranda, primeira metade dos anos 80. Nessa altura ainda se faziam exames orais. Foi então que conheci o doutor Bailarim. Tinha vindo parar naquele ano ao Sá de Miranda já em fim de carreira, muito perto dos 70 anos. Se a memória não me falha era algarvio, bem disposto, sobre o baixo, cara larga, olhos abertos em volta e suspensos da memória e das muitas leituras. Sabia latim e dizia passagens dos Lusíadas de cor. Ria-se com vontade, bem seguro no seu corpo pequeno e forte, que lembrava um pouco Afonso da Maia na época em que ainda tinha esperança. Tive a sorte, naquele ano, de fazer parte de um júri com o professor Bailarim. As provas decorriam na zona dos laboratórios, na sala dedicada às Ciências Naturais. Sei bem que os exames orais nem sempre foram coisa agradável. Acontecera noutros tempo haver júris brutos e endurecidos, examinadores implacáveis, mais salazarentos do que Salazar, tipos rudes, vingativos, altivos, postos à secretária com a finalidade de chumbar alunos sempre que possível. Não ponho nomes nem isso interessa. Já passou muito tempo e agora o júri com o Doutor Bailarim era uma festa. Nós ouvíamos versos ditos de cor, o olhar meigo e compreensivo, a mão invisível oferecida aos pobres e nervosos alunos que vinham sujeitar-se ao interrogatório. Ele falava e eu ria ou sorria, ficava realmente encantado. Ontem lembrei-me dele e mal o conheci, mas nunca mais esqueci a maneira como ria e aquele sentido de humor que só podia ser amigo da sabedoria.

As pessoas são todas bonitas. Às vezes acontece que vêm emprestar-se ao nosso corpo coisas feias e nós já não somos bonitos, mas podemos sempre encontrar uma coisa bonita que mande a coisa feia dar uma volta ao bilhar grande. É por isso que eu sou contra a pena de morte.

Estás triste? Não, estou a ouvir música. Porque choras? Estou muito feliz.

Às vezes, quando saio ao terraço, tenho a impressão de não ver nada, um deserto de prédios em volta, mas há sempre alguma coisa. Olha ali ao fundo um passarinho pequeno a saltitar nos ramos do sobreiro. Não é pardal, será um piquinho a aguçar o bico? Hoje de manhã, entre sonâmbulo e um pouco sensível por causa da música que ouvira ao acordar, pus-me a ver as árvores e as plantas no canteiro. O loureiro em flor deita uns botõezinhos com ar de pioneses brancos e redondos e o aloés não vai tardar a florir. A groselheira faz-me pensar na pintura, muito quieta, com a folhagem cansada, envelhecendo lentamente e eu sento-me recolhido no seu ar frágil e abandonado. Olho o céu deste lado, tenho um véu e um filtro e quase esqueço o corta-relva. Agora esvoaçam as pombas mais ao fundo. Quando era pequeno ficava parado a vê-las correr ao milho na Avenida. Como eu gostava do esvoaçar esfomeado e meio caótico e de segurar também uma manadinha e de ver os bichinhos muito afoitos em direcção ao milagre que me saía da mão! Naquela altura as pombas eram mais ou menos protegidas. Lembro-me do meu pai dizer que era proibido atropelá-las e muito menos matá-las. Dá direito a multa, dizia ele. Herdeiras do Espírito Santo, pensaria eu, bicho sagrado e elas lá andavam empoleiradas em telhados e beirais, aconchegadas nas volutas dos Congregados e estrumando os couros cabeludos dos passantes mais distraídos. Mais tarde as pombas começaram a ser menos bem vistas por razões de saúde pública. Animal perigoso, portador de doenças e então começou o controlo sobre o excesso de columbinas. Entretanto chegou a Braga um bando de gaivotas assassinas com a missão de evitar a transformação da cidade num pombal.

Ontem julgo que descobri a razão do povoamento columbófilo do meu bairro. Mesmo em frente, lá num alto oitavo andar, há um apartamento desabitado e as pombas foram viver para a varanda. A bicheza é esperta, não há dúvida e deve estar bonita a varanda! Ainda vai nascer por lá uma figueira brava. Às vezes descem ao povoado, passeiam tranquilas como se andassem a pastar os relvados e depois vão para o pombal, esvoaçam junto ao telhado, pousam e levantam, descem e, confesso, não me fazem mal nenhum, embora

eu compreenda os cuidados a ter com esta espécie de galinhas da cidade. Mais raros e engraçados são os morcegos. Devem andar de bairro em bairro, pois nem sempre os vejo aparecer ao lusco-fusco. Ontem, sim. Havia umas nuvens gordas e pesarosas a avançar do lado do mar, tinham ar enfarruscado e atiravam para baixo alguma luz antes da noite. Olha um morcego, devo ter pensado. E outro e outro. Daí a pouco era um pequeno enxame às voltas e voltas. Andam ao mosquito, de certeza. Calor, humidade, ar um pouco empestado e os meus amigos quirópteros aparecem. Fico a vê-los desenhar nos meus olhos os volteios e é como se estivesse a descansar.

20

Que coisa! Coisa feia, coisa linda, que coisinha... Quantos sentidos não tem a palavra coisa. Ó coisa, coisinha, coisada! Até me dá uma coisa e ainda falta o coiso.

Agora usa-se menos, talvez porque termos mais rigorosos ou próximos dos saberes clínicos o tenham arredado do uso, mas dantes usava-se muito para referir aqueles acontecimentos fortemente perturbadores das nossas consistências e resistências. Coitado, coitada, deu-lhe um chelique, chelicou, foi o que foi.

Hoje fui pacificamente assaltado por belas, interessantes e muito vivas palavras e expressões da nossa língua comum. Algumas mais antigas do que outras, umas raras, quase esquecidas, outras muito espalhadas e bebericadas na chamada "espuma dos dias". E agora que está prestes a acabar a sexta-feira, não deverei demorar muito a entregar-me aos braços de Morfeu, de modo a que amanhã o meu povo me veja levantar em paz, descansadinho e satisfeito, sem ter que aturar um gajo que acordou de cu para o ar.

Agora é mesmo. Xixi cama! Foi um dia muito agradável. Ouvi o concerto de Bach para os violinos de David Oistrakh e Yehudi Menuhin. Passei a manhã com os meus jovens alunos a prepararmo-nos para ler a maravilhosa passagem de Fernão Lopes, onde se pode ver o pajem do Mestre a correr por

aquela Lisboa a alvoroçar a cidade, e depois a turma dizia em coro o apelo às gentes, "acudei ao Mestre que matam nos Paços da rainha!".

Devo estar cansado, mas não dou por isso. É antes uma coisa a precisar de ser dormida. A noite está boa, quase cálida e um pouco fresca. Quando é assim gosto de começar a sonhar antes de adormecer. Penso nas planícies e nas suas vozes, no canto altíssimo que atravessa as colinas da Manchúria e não me importava nada de estar agora na Praça Vermelha a cantar as "Noites de Moscovo". Às vezes tenho gostos eslavos e sonho atravessar aquelas terras. Depois perco-me, devo ter ficado espalhado pela imensidão e um encanto talvez me tenha levado ao céu.

21

Ontem levei umas fanequinhas à minha mãe. Sei que ela gosta muito e eu também. Tem que ser muito fresca, faneca a saber a fénico é intragável. Bem frita, com a pele ligeiramente morena, quentinha a sair do tacho é um pitéu. Tudo é especial na faneca. A carne muito branca e luminosa, fina e translúcida, com suave sabor a mar e depois a mistura com as peles. Parecem rebuçados marítimos. Reparei que a minha mãe ao congelar as fanecas as envolvia com um pouco de sal. Assim é que ficam boas!

Tive um sonho que me deixou a pensar que era verdade até bastante tarde. Entre muitas peripécias, desencontros, falhas de horário, coisas a descombinar-se, atrasos e uma angústia de oportunidades perdidas, lembro-me que o meu telemóvel me aparecia meio lascado no canto inferior direito. A partir de então o sonho concentrou-se no aparelho, que se ia desfazendo aos poucos. Era ele o grande culpado da situação. Nada corria bem, o mundo de pernas para o ar e o pobre instrumento desfazendo-se à vista e eu desesperando. A páginas tantas vi-me confrontado com os interiores, os circuitos aniquilados desfazendo-se em pó e, pior do que isso, uma espécie de revoada de chips envolvia-me os dedos e entrava-me na pele. Neste passo, compreendi que o sonho se mudava em alegoria e prenúncio de tempos sombrios. Nessa altura acordei. Que alívio! O telemóvel repousava sossegado na mesinha da

cabeceira, os meus dedos continuavam lisos e a pele não dava sinais de ter havido qualquer invasão tecnológica aos meandros do ser.

O trânsito vai escoando, ficam vozes ao fundo ecoando pelo bairro, música de rádio, só pode ser rádio ligado na cozinha e depois trabalhos caseiros, gavetas a fechar, crianças no fim da refeição e o sol nos vidros.

É muito difícil passar pela biblioteca e não olhar para os livros, ainda que seja de relance. Pode acontecer, numa dessas passagens, que alguma lombada me chame a atenção e me deixe ficar curioso ou pensativo. Ainda há pouco, veio ter comigo uma antologia do tempo do Liceu. É uma edição da Livraria Cruz, "Contos, lendas e narrativas", numa compilação de Feliciano Ramos. Capa grossa cartonada, rósea no frontispício e branca na contracapa. Títulos a letras brancas e um desenho sugerindo a frugalidade de uma cela onde a figura de um copista se debruça armado de pena sobre a mesa de madeira, as folhas de papel e o silêncio pousado de uma ampulheta. Parece um desenho de Almada, com a sua geometria suficiente, quase esquálida. Olhei o livro e lembrei-me de Alexandre Herculano. Fui ver.

Lá estava "A morte do Lidador", "O castelo de Faria", "O Bispo Negro" e eu fiquei um pouco a lembrar-me do guerreiro e do historiador, mas também do cidadão desiludido com o Paço e os corredores da política, regressado a Vale de Lobos, disposto a inventar um paraíso sossegado, como fizeram Mouzinho da Silveira e muito antes Sá de Miranda. Por simpatia e contiguidade, vêm à memória os dois volumes da tese que Vitorino Nemésio lhe dedicou com o título "A Mocidade de Herculano". A antologia lembra outros autores que eu adorava ler no Liceu. Fialho de Almeida, o do "País das Uvas", mas também Rebelo da Silva por causa daquele conto que tanto me comovera, a "Última Corrida de Touros em Salvaterra".

Vejo pouco televisão, enerva-me. É claro que é possível ver bons filmes, entrevistas e documentários. Felizmente há muita oferta e por isso muita escolha. Referia-me aos canais mais costumeiros e ao exercício diário da sabujice. Reparei há pouco num execrável exercício de crítica à intervenção do primeiro ministro a propósito das medidas do estado de emergência. O pivot conduzia a conversa com ar de quem não quer a coisa, entre sonso e comprometido.

O comentarista, meio debruçado na telemesa, esgrimia um ar pesado de quem tinha arrancado novos segredos à esfinge e falava baixo, quase soturno e incrédulo, carpindo terríveis mágoas sobre o futuro do Natal que se aproxima. Como se não bastasse o estado de emergência, como se não fosse suficiente o sofrimento das gentes, aquela besta encartada vem pedir o terror, lançar suspeições e infundir um pouco mais de medo. Que nojo! Confesso que não me apetece gastar o meu latim a descortinar os propósitos desta gente. Parece que não têm que fazer e vêm para a televisão meter medo e ludibriar as pessoas. Cuidado, meus amigos, porque aquela gente é mesmo perigosa. É claro que o vírus, com tais campanhas de intoxicação e desinformação, só pode prosperar.

22

Acordei a lembrar-me do pobre comentarista de ontem à noite. Felizmente o sono reparou o condensador e a traquitana pegou à primeira. Pobre tipo. Tão magrinho da alma, tão mentiroso! Vai-lhe cair um dente, vão ver. Enquanto como o pãozinho torrado, o filme esfuma-se, o papel a arder no ecrã, como nos filmes do Bonanza. "The End" e o caga na saquinha amarelece, decompõe-se, cai aos bocados, fica um líquido esverdeado, fervente e não fica mais nada. BÍlis ou fel, deve ser isso.

Li a longa entrevista de Luís Miguel Queirós publicada no Suplemento Ipsilon, aos autores d' "O Cânone" António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen. Parece uma "entrevista-ensaio" suficientemente densa e esclarecedora, não deixando de espalhar dúvidas e incredulidades.

Na minha inocência de leitor pouco especializado subsistem perguntas que não foram respondidas. Com efeito, fiquei sem perceber muito bem os fundamentos da não inclusão de autores como José Cardoso Pires, para referir apenas um exemplo. No entanto, os autores foram suficientemente inteligentes e prudentes para admitirem que "o cânone" é apenas um cânone, que não poderá fechar portas a outros desenvolvimentos e considerações em livros "por vir". Talvez o cânone pudesse ter dado alguma relevância aos trabalhos ensaísticos dos dois Eduardos. Refiro-me a Eduardo Lourenço e a

Eduardo Prado Coelho. O primeiro é ainda um clássico, um escritor filósofo que parece por vezes denunciar a tentação ou a amargura de não ter sido, ele também, um grande romancista. Foi e é um grande escritor. O facto de estar felizmente ainda vivo fundamentará a sua exclusão.

Quanto a Eduardo Prado Coelho não direi o mesmo. É a grande figura do ensaísmo moderno, que despertará com os seus estudos de teoria da literatura e a sua vocação para o "prazer do texto", se me permitem glosar um título de Roland Barthes. Prado Coelho foi um divulgador e um renovador. Cumpriu entre nós, em tempos ainda da velha senhora, o mesmo papel que o comboio chegado de Paris representava junto dos heróis literários da Lusa Atenas. É curioso verificar que, também ele, se dedicou à criação literária, não fora o Diário que nos deixou um excelente objecto de estudo e de fruição literária. Eduardo Prado Coelho foi, sem dúvida, o inspirador de toda uma nova geração de estudiosos, de analistas, de professores e ensaístas, mas também aquele que abriu portas a alguns dos melhores da nossa contemporaneidade. Se foi amado e odiado, se uns o idolatram e outros o detractam, devo confessar que pouco me importa.

Para a Cristina Brandão Lavender

Ao visitar a floreira hoje de manhã calhou encontrar-me debaixo do marmeleiro. Olhei a copa outoniça e envelhecida e a mesma sensação de estranheza e de beleza indizíveis. Julgo que a estranheza resulta da impossibilidade de dizer e que a beleza seja apenas, e isso é muito, o resultado de uma absorção, coisas do corpo que se sente fazerem parte do objecto, como se um e outro se olhassem em diálogo amoroso. A poesia talvez me encaminhasse no sentido de algum entendimento, mas julgo ser a pintura que vem perscrutar e de algum modo roubar as águas do desejo. A verdade é que olho a copa e depois deixo cair o olhar na terra e a mesma cor, um velho roburescer, a atracção pela escuridão, fim que se prepara e renovo sonhado nas profundezas. Debaixo do marmeleiro está a preciosa planta de arruda. Sei bem que ela se espalha por cercas e quintais e que envolve em saquinhos cuidadosos ou em molhinhos com fita vermelha o bolso de crentes e receosos. Há que afastar o mau olhado e a plantinha é famosa nos seus poderes de espanta males e espíritos das trevas. O certo é que alguma besta ou alimária andou por aqui a roer-lhe

os filamentos e a comiscar as folhinhas. Pelo aspecto da devastação deve ter sido um carocol ou vários caracóis. Não lhes gabo a sorte, pois é sabido que a planta se defende das invasões com poderosos alcalóides. Imagino que os caracóis depois da faina tenham despido a armadura e ousado algum bailado satânico, uma espécie de sarabanda da morte que os levaria a imaginar-se portadores de asas e a ensaiar voos prodigiosos e mergulhos vertiginosos no abismo. Sabe-se lá também se os efeitos da droga aliados ao poder das benzaduras não terão transformado os lentos caracóis em príncipes encantados em miniatura ou em pirilampos voadores dispostos a viajar na imensidão do cosmos como se fossem naves espaciais.

23

HH

Levantei-me de noite e fui lendo Herberto Helder. Lembro-me do poeta "sentado na Holanda" e eu era muito jovem. Tinha ouvido falar e nessa altura aconteceram alguns versos, "Dai-me uma jovem mulher com sua harpa de sombra/ e seu arbusto de sangue./ Com ela/ encantarei a noite". Devo ter ficado suspenso numa estrela e desde então "os passos em volta" traziam sentidos inteiramente desconhecidos e eu perdia as antigas paisagens e deixava-me entrar por algum lugar um pouco menos luminoso, espreitava os perigos da enunciação e depois as antigas paisagens mudavam e aquele cântico tomava parte da minha vida e também eu era diferente, punha-me à janela a ver chegar o mundo e as representações, mas nada era igual.

Era muito jovem e fui esquecendo os "verdes anos" e a minha vida seguiu mais à frente de mão dada com o "Poemacto". Um dia, estavam os leitores postos em sossego na Centre Culturel da Fundação Calouste Gulbenkian, na Avenue d'Iena, em Paris e veio ter connosco Eduardo Prado Coelho, muito bem disposto, recentemente chegado de umas curtas férias algures no Índico. Estou a preparar uma conferência que se vai chamar "Velocidade e efeitos especiais na poesia de Herberto Helder". Fiquei muito curioso e de algum modo siderado com os "efeitos especiais". Ainda hoje.

Gosto de pássaros, é uma fraqueza que eu tenho. Ainda que me apareçam desenhados e coloridos no rótulo de uma promissora garrafa de vinho, gosto muito de pássaros. Hoje à tarde, no regresso das aulas, andei a passarinhar nas estantes do Aldi e topei um abelharuco. Que lindo! Pequenito, papudo, bico comprido e pus-me a bebê-lo. Que rica espécie me chegou dos lados de Évoramonte! E eu que pensava levantar voo e dedicar-me um pouco aos estudos, vi-me adormecido sem dar conta. Dois copitos e caí como um tordo.

24

Já muito se meditou sobre a brancura da página, o seu brilho e talvez algum fumo invisível que a textura resume graças a águas e veios que regressam das profundezas. Não será estranho lidar com essa brancura, aparentemente imóvel e, no entanto, movediça, sedutora como um abismo. Ouvimos o movimento, o desenho, o rasgo ou a ferida e talvez uma porta abrindo-se para lugar nenhum ou tão só o espaço tangível de alguma emoção, sombra, desenho de letra, esperança ou dor. Vou pensando em tudo isso, enquanto acabo de comer. Preciso de doce, uma fatiazinha de marmelada pode ajudar a percorrer o caminho.

Vou agora atravessar a sala, seguir pelo corredor, chegar à biblioteca e entrar no escritório. Procuo o abismo, desejo atirar-me ao reino das sombras, à incerteza, cá está a folha branca, tão alta e perigosa como o cabo Espichel. A sorte é que eu vou e ainda fico, seco, um pouco suado, mas são e salvo. Isto que aqui fica são restos da embarcação, um pouco de madeira, cordame, peixe seco, o mastro quebrado, o marulhar estereofónico depois do naufrágio. Pouco se salva nestes mergulhos na página.

Às vezes regressa do mar um antigo barco de piratas, um capítulo de Gordon Pym de Nantucket, um penedo informe a fazer de Adamastor e uma grande vontade de rir. Pescadores de água doce dão-se a estes luxos e eu tenho navegado muito, quase sempre enxuto, quase sempre a salvo. Nado um pouco a fugir dos tubarões, subo a bordo do navio encalhado, oiço o estertor na mistura das vagas e do madeirame a apodrecer e depois a página escurece, fecha ou adormece, fica em pousio e tudo recomeça.

Os meus jovens alunos pedem frequentemente para ir à casa de banho e eu digo que sim senhor. Que havia eu de dizer? Não podes, não senhor. Ficas aí a sofrer apertadinha, a tremer das pernas, cheia de impertinências na bexiga. Nos vosso rins, nas vossas bexigas, mandam vocês. Não convinha, no entanto, ir fazer comícios para a casa de banho ou aproveitar o ensejo para deambulações antipedagógicas. Acredito que, às vezes, deve ser mesmo bom ir à casinha e aproveitar para dar uma voltinha. Duas de conversa em meia clandestinidade, algum olhar atravessado para um ponto luminoso no horizonte próximo, essas coisas. Normalmente as meninas são mais expeditas. Vão e vêm. Os rapazes vão menos vezes, mas quando podem demoram e sabem demorar. Hoje desconfio que um dos jovens foi e nem sequer voltou. Reparei nos livros abandonados. Amanhã vou falar com ele. Anda cá, pás! Tens algum *problema*? No tempo do Liceu, quando tínhamos aulas no laboratório de física, até fugíamos pela janela. Era usança daquele tempo dizer-se "estou a sofrer de mijar". Presumo, no entanto, que esta expressão está suficientemente presente no falar activo da gente.

Está mau para a navegação e bastante mau para as folhinhas que suspensamente se tingiam das maviosas cores outonais. Hoje à tarde, o liquidambar que viceja no jardim mesmo em frente ao meu terraço estava vestido cor de vinho. Ainda por cima está um vento frio, vento mareiro, traiçoeiro, ataca de repente e fica a andar em volta como um torvelinho, depois pára um pouco, embora a gente o sinta pairar. Amanhã vai ser uma desolação de árvores despidas. A palavra que me ocorre é súplica, os ramos erguidos ao céu, à espera.

25

Os deveres do ofício nem sempre me permitem ficar em sossego, orelhas murchas e focinho rebaixado a abocanhar e a rilhar a companhia do osso. Almocei frugalmente, mas os dois copitos de tinto, se houvesse justiça neste mundo, bem mereciam algum descanso que me pusesse em sossego uma ou duas horas, com ar de quem olha os vácuos e intermitências da história, sem se preocupar muito com o devir. Há que preparar a aulinha de amanhã e o resto é conversa.

Tenho comigo bem escarrapachado o "Manifesto do Senhor Antipyrina", de Tristan Tzara. Já se percebeu que ando às voltas com o chamado movimento dadaísta. Dada tout court. A viagem poderá começar em Zurique às portas do Cabaret Voltaire e por entre os volteios da dança e as dobras da música, poderíamos ouvir portas arrombadas como navios, loiças aos saltos, alguma gritaria, arremetidas da polícia e um sorriso profundo e sarcástico nascido de alguma caverna ciclópica. Reúnem-se jovens regressados ou fugidos da Grande Guerra. A Europa explode como nunca se vira. O extermínio consagra-se por entre salvas de canhões e a difusão das armas químicas. Os ratos dormem nas trincheiras com o frio, a fome e os jovens soldados. Nada será como dantes. Está em curso a maior de todas as mudanças.

A Europa que vai nascer ainda não era conhecida de nenhum compêndio. Vive-se o estertor da terra, a destruição das paisagens, a alteração da geografia europeia e os estilhaços da grande mortandade atravessam também a língua e todas as convenções e criações. É possível que os dadaístas se revissem entre alguma astúcia e uma certa inocência na loucura criativa de Rimbaud e mais tarde de Jarry. A guerra de 1914 - 1918 e logo a seguir o horror da gripe espanhola se encarregarão de fazer explodir as representações, os enunciados, a lógica e, possivelmente, a crença em alguma redenção. Dada é tudo e não é nada, é um grito, uma desesperança às vezes sonora e outras vezes mórbida, mas sempre delirante.

Dada vive pouco, morre jovem, mas um certo espírito de época e de lugar continuará a atravessar os tempos e a gritar a sua "liberdade livre".

Acabei de jantar há pouco e apercebi-me no comentário de um amigo que Maradona tinha morrido. Não sabia de nada, fiquei quase mudo, a tempo de perguntar à minha mulher. Morreu o Maradona? Sim, morreu. E eu que tenho ouvido falar da morte de tanta gente boa, de amigos e outros que me são próximos, mas por quem não verti uma lágrima, embora ficando triste, senti-me muito comovido. Não sei o que foi. Talvez a "mão de Deus", talvez o eco do estádio, o sonho e o perfume das multidões sonhadoras ou então e apenas isso, porque o imaginei menino de rua, pisando a terra e correndo, ferindo os pés e voando. Ele e a sua loucura, ele e o seu desconcerto, o inexplicável, provavelmente o rei da poeira, o que corria como um vencedor da maratona, um pequeno herói dos bairros, dos

sonhos à janela, da pobreza mudada em ouro e fantasia. Não, não sei o que foi, mas comoveu-me muito.

Pelo que me toca, fico contente e aliviado por saber que o orçamento geral de estado será aprovado. Estou convencido, aliás, que muitos dos que se revêem em alguns dos partidos que votam contra estarão, lá no fundo, igualmente contentes. O chumbo seria desastroso para o país e para a vida de todos nós, a qual, como sabemos, não tem conhecido nos últimos tempos os seus melhores dias.

26

Quantas vezes passamos pelos textos como se eles fossem paredes, grossas paredes de uma prisão, coisa impenetrável por onde não se entra ou donde não se sai. Começamos a ler e percebemos também que nenhuma porta se abriu e os olhos correm as páginas e consideramos em certa passagem que há beleza apesar do desconforto e que há vozes apesar da solidão. Quantos belos textos ficaram assim pelo caminho, atirados ao vento, esquecidos na prateleira, comidos pela traça e alguns vilmente ardidos em fogueiras ateadas pelos homens. Ontem à tarde, procurava com alguma ansiedade uma pecinha de teatro que pudesse começar a ler hoje de manhã com os meus alunos. Depois de termos lido o "Rei Ubu", de Alfred Jarry, não seria nada fácil. É o que faz lidar com grandes textos. Parece que está tudo ali e que ali vivem as nossas esperanças e encantos ou ali se resumem as expectativas e os desejos.

Mas, há sempre um mas... Vi ao fundo, escondida na estante, uma lombada fina e arroxeadada que parecia chamar por mim. Quem és tu? Ó maravilha! É o "Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim", de Federico García Lorca e a tradução é de Eugénio de Andrade. Fui ler e fiquei apaixonado. E foi assim que o milagre aconteceu e que eu julgo ter descoberto um tesouro que já conhecia há muito tempo, mas nunca vira brilhar assim, com este encanto, esta suave beleza, uma sonata ouvindo-se, mas também um bando de pássaros negros de papel.

Amanhã começo a dar aulas às oito da manhã. Imagino que vai continuar este tempo nevoento e frio. Estou a ver-me a sair de manhã muito agasalhado, de sobretudo e cachecol, a sentir, talvez, a aragem gelada soprada dos Carris, onde é bem possível que tenha começado a nevar nas últimas horas. Chegarei à escola um bom bocado antes da hora para poder estacionar calmamente e passar um bom momento no café a pensar em Fernão Lopes e "nas tribulações que Lisboa padecia por causa da fome" na altura do cerco que a tropa castelhana infligia àquele povo que se defendia heroicamente e que escapava durante a noite, a coberto do escuro, para buscar mantimento nas afortunadas terras da lezíria.

Quem cedo tem que começar, cedo se deve preparar. É por isso que chegado à uma da tarde, sinto o dia a declinar e também imagino que hei-de jantar bastante cedo para que o sono me possa aconselhar antes da meia-noite. Não será, portanto, de estranhar que tenha tomado o último café por volta das onze e que ao lembrar o doce vício da cafeína tenha preferido beber um copito de vinho branco por volta do meio-dia. Os elixires de Baco são capazes de promover esta inaudita proeza de fazer avançar o relógio. Se tudo correr bem, pelas sete da tarde devo acabar de trabalhar e depois entrarei em modo de concentração, chamando o sono, chamando os sonhos e então irei dormir cedinho com a esperança de acordar muito fresquinho para poder suportar este terrível cerco que já dura há tanto tempo.

A sorte, nestas coisas da literatura, é que a leitura nos permite adivinhar o futuro e que eu sei perfeitamente que "não há mal que sempre dure" e que a cidade se há-de unir mais uma vez, vencendo o cerco, vencendo a fome, vencendo a peste, "todos feitos dum coração".

Não falta quem mijar fora do penico. O despautério poderá trazer graves consequências. Perdoa-se a infracção, quando sabemos tratar-se de uma criança que vive o trauma da passagem dos carinhosos linhos da fralda aos frios plásticos do vasilhame. No caso dos adultos é diferente ou quase sempre diferente. Ontem vi-me obrigado a eliminar um comentário violento e abusivo a uma inocente publicação que confessava o meu gáudio pelo facto de ter sido aprovado o orçamento. Admito, é evidente, o contraditório. Quem me dera que alguém chegasse em bom estilo, com modos de cavalheiro, procurando convencer-me do erro e argumentando sobre as vantagens de sermos

governados em duodécimos. Poderíamos ter uma bela conversa, mas não. O cavalheiro chegou cheio de ódio, descarregando fel, deixando transpirar ímpetos ferozes e meio assassinos, destratando a escrita, quase abalroando a minha pacífica morada com salvas de canhões e assaltos de cavalaria. Reagi logo, antes que o cheiro a pólvora me incomodasse demasiado, embora eu goste bastante do leve efeito que me sobe às narinas, quando risco um fósforo na lixa ou quando me vejo obrigado a respirar um pouco os vapores da gasolina.

27

Tenho estado a ler coisas silenciosas e sobre isso não posso falar. O silêncio é uma dádiva e ao mesmo tempo a marca ou um conjunto de sinais. Sigo esse mapa na minha imaginação ou no meu pequeno conforto. O sol bate na janela, baixo um pouco a persiana e fico a meditar. Vejo um caminho na paisagem, a eternidade de flores brancas ou pequenos passos de um pássaro desconhecido e logo depois o abismo. Acabo de almoçar um pouco de pão e vinho, como se o momento voasse de um livro antigo e eu pudesse atravessar as montanhas e colher talvez uma folha de coca para ruminar a esperança de chegar vivo à minha aldeia longínqua. Guardo os livros proibidos, como se fossem cânticos e uma vela em extinção, um código na parede gelada.

Há pouco entrava na tabacaria e o senhor Paulo lá estava atrás do balcão, muito esperto e atencioso, vendendo raspadinhas aos viciados. É gente pobre que procura a sorte, que gasta o dinheiro do pão ou do presunto, não sei bem. À porta parece que chamam por mim. Olho para onde escuto essa voz. Uma senhora mais ou menos bem posta começa a rosnar como se fosse a velha na cegarrega de Mário-Henrique Leiria. O que é que quer? Desculpe, pensei que estava a falar para mim. Ah, está bem, ladrou ela. Quase me apetecia dizer-lhe que tinha uma ratazana a espreitar-lhe por baixo das saias, mas enfim. Há muita violência a ruminar nas ruas, nas esquinas, à entrada das lojas, à saída das casas. Dizem os especialistas e os fabricantes que é um fenómeno causado pela pandemia e pelo isolamento.

Sem populismos e sem pretender acenar rosas chochas ou esgrimir argumentos falaciosos... Que jeito dariam os onze milhões que o Estado

Português vai pagar à Web Summit. Para quê? Para apoiar a cultura viva. Para quem? Para as centenas de artistas e técnicos que vivem penando há longos meses quase sem apoios. Há que fazer opções. Neste caso, políticas.

Os meus olhos têm lido coisas tristes e vêem. Não as saberei pôr em verso, como se eles tivessem um lugar ou apenas um poiso donde pudessem voar ou perder-se. Outras partes pensam em pensamentos e tentam esquecer, procurando razões e pequenos atrevimentos do reino das comparações e dos acontecimentos que se podem explicar. Não há silêncio neste livro do poeta, não há só silêncio, há uma sala vazia e paredes que se aproximam esmagando os poucos objectos e alguma recordação. Poderei ouvir ainda o que resta de um cântico ou de uma oração, mas o gelo é tão frio e o frio é tão grande. Lá no alto, onde nada há e uma órbita de sangue é a grande noite, saio como um fantasma e os corvos dormiam ou fizeram de conta e já passei as fronteiras da Alemanha. Trago um livro de Óssip Mandelstam e sigo para Leste.

28

Os deuses escutam com bonomia os humanos, quando o seu canto é puro. Ouvem e vêem o coração e são condescendentes com os sons da terra que sobem na voz e excitam o olhar. Os deuses não esperam dos humanos a perfeição, mas encantam-se da beleza, como se pudessem descansar dos trabalhos e governos da criação. Um pouco de terra soa bem na voz dos homens e por isso Apolo empresta a sua luz e alguns caminhos se fazem luminosos.

Ontem a Livraria Centésima Página fez anos. Lembro-me daquele cantinho, entre as Teresinhas e a Faculdade de Filosofia. Era uma casa vestida de livros e de animação, um lugar onde se podia estar vivo e respirar. Braga já fora, noutra tempo, uma cidade de livrarias. Depois vieram as marcas e os bancos tomar conta do centro cívico, vieram crises e cansaço, outras modas e outras leis. O nascimento da 100ª foi uma espécie de Natal dos livros e de certeza um louvor à leitura e ao entendimento, uma respiração a favor da crítica e da reflexão, um modo também de vermos acolhidas algumas palavras e alguns desejos. Anos depois a Livraria mudou-se para a Casa Rolão. Foi

sorte e foi destino, foi um bem inestimável. Para mim e para muitos é um lugar de visitação, não direi que é um templo, mas é de certeza uma fonte.

Deixa-te estar.  s vezes o desejo de escrever pode provocar um pouco de febre. Não convém apanh es frio. Evita sobretudo as diferenças súbitas de temperatura. Procura a medita o e tenta ficar em silêncio, como se os teus motivos estivessem virados para dentro, docemente embalados em líquido amniótico. Há dias! Pode acontecer que essa vontade de que falas te esteja a cair das mãos e já vais a escrever antes de chegares ao papel. Depois ficas calmo e l s com curiosidade. É certo que os outros fazem parte dos teus olhos. Sinto que estás mais calmo. Quanto àquele assunto de que querias falar, ainda é cedo. Dorme com ele. Deixa-o habituar-se. Ele é o teu corpo, mas não tem que ser agora. Agora vais nanar.

29

O Senhor Armindo

Diz a minha mãe que esse amor já vinha de longe e que sendo eu pequenito parava embastrado junto à montra da Livraria Victor, na Rua dos Capelistas e ficava ali a olhar, como se naquele momento da minha infância eu viajasse para algum lugar fora deste mundo. O problema era quando entrava. Data dessa altura a minha voca o para perder guarda-chuvas. Deixava-os ficar encostados a algum canto da loja, esquecido da chuva, a remoer viagens, mapas, geografias, não sei bem.

Sempre me entendi com os livreiros. Falava com eles, fazia perguntas ou não dizia nada, mas olhava-os como se fizessem parte dos sonhos de papel, que me encantavam no toque, nas imagens, no peso e muito especialmente no cheiro. A partir de certa altura, já um pouco mais velho, embora continuando a perder guarda-chuvas, saía à rua como se fosse conduzido pela esperança de mais uma descoberta ou pela possibilidade de encontrar alguma relíquia compatível com a minha pobre bolsa. Normalmente, andava lavadinho e arranjado, mas teso como um carapau. Comecei a vingar-me pelos dezasseis anos, quando recebia alguns trocos pela minha actividade de preceptor

amador, viajando pela casa dos senhores para me inventar ou desdobrar em explicações de francês.

As livrarias prosperavam e multiplicavam-se em filiais, outras viram sair os empregados mais destros e experientes, que logo abriam um novo estabelecimento. Assim nasceu a Livraria Minho, em boa medida graças à experiência acumulada na Livraria Cruz pelo Senhor Augusto e pelo Senhor Armindo. Sempre que podia, lá ia eu em visita ao Largo da Senhora-A-Branca. Conhecia as estantes e os corredores, perscrutava alguns recantos mais misteriosos, como se estivesse reunido com os pequenos heróis dos livros dos Cinco.

Dava-me muito bem com todos os empregados, mas o Senhor Armindo despertava-me uma admiração muito particular. Quase sempre em silêncio, muito cordial e recatado, sorrindo levemente por trás do bigode, tomando notas, fazendo embrulhos, como se afagasse um animal de companhia e depois voava muito rápido, aparecendo e desaparecendo, sempre a chegar e a partir. Era um homem de trabalho, uma aventura em corpo humano de livro voador. Sabia de tudo e a sua extraordinária memória lembrava encomendas longínquas, informava sobre livros raros ou desaparecidos e a qualquer hora o Senhor Armindo descia ao balcão para salvar uma urgência ou acudir a uma necessidade imperiosa. Era um homem que transpirava confiança e se reinventava no dia a dia parecendo sempre jovem, cada vez mais capaz e disponível. O Senhor Augusto mais lento e conversador, atento às curiosidades e vicissitudes da vida cultural, o senhor Armindo mais rápido, urgente e eficiente, salvador daquela pequena pátria de livros que durante tantos anos acudiu a todos os leitores e necessitados das boas letras.

Um dia o senhor Armindo caiu atrás do balcão e toda aquela energia se extinguiu. Era um pequeno sol que deixava de brilhar, um desconcerto na vida dos amigos e dos clientes, uma tristeza que ainda agora me aparece, uma injustiça.

Gosto de ler ensaios, embora tal sorte me aconteça raramente. O ensaio pode perturbar-me ou aconselhar-me, mas talvez não me acrescente sabedoria. Esvazia-me e eu sinto-me um pouco mais livre com a memória das passagens que me acompanharam, como se andasse a passear e a esquecer. Às vezes ocorre uma guinada, um virar-me num certo sentido e como não posso sair ou apanhar o comboio aproveito meia dúzia de passos para chegar à estante.

Descubro quase escondidos os livros que procurava e entre eles um ensaio de Marina Tsvietaieva, publicado pela Hiena em 1993 e intitulado "O Poeta e o Tempo". Confessa o tradutor Fernando Pinto do Amaral que não lhe foi possível aceder à origem por desconhecimento do russo, mas garante-nos a legitimidade da versão espanhola que o acompanhou. Sabe-me bem a leitura e soa-me bem o texto em português e isso é suficiente. Vou lendo a espaços, salto páginas e às vezes páro, deixo-me encantar. A escrita parece ácida ou violentamente assertiva. Não há contemplanções para falar da vida dos poetas, para reflectir sobre a glória ou sobre o papel dos críticos.

Pressinto uma consciência trágica e ao mesmo tempo uma ternura pelo tempo, viajada, incólume e depois aquela história tão bela que nos devolve a figura de Rainer Maria Rilke na "carta de uma desconhecida". Uma mulher idosa junto às grades do Jardim do Luxemburgo, em Paris, pedindo esmola despida de zelo retórico ou apenas murmurando uma expressão da súplica. A pobre escondia o rosto e não olhava nem agradecia, era apenas aquele corpo quase de estátua, animado pela espera e pela fome. Rilke levava consigo uma bela rosa e nesse dia deixou a flor pousada "nos joelhos da velha senhora":

"A anciã levantou para Rainer Maria Rilke os seus olhos (tão azuis e tão límpidos sob as pálpebras vermelhas e remelosas!), segurou a mão de Rilke num gesto rápido e próprio da situação, beijou-a e foi-se embora com passos miudinhos; nesse dia não pediu mais esmola.

Rilke escondeu a parte inferior do rosto e olhou para mim olhos nos olhos, frente a frente. Não lhe disse nada. Tentei mostrar-lhe, sem palavras, que tinha compreendido a sua lição e que amo infinitamente a sua maneira de olhar as pessoas. Que quando ele imagina os seres humanos tão belos, tão especiais e tão divinos, sabe torná-los belos e divinos, inspirando-lhes gestos que vêm directamente da mais alta nobreza.

Uma desconhecida (1929)"

30

Não sei por onde hei-de começar. Sinto-me embrulhado nos afazeres mas, quando assim é, acredito que as palavras e expressões podem auxiliar-nos.

Procuro na língua um guia, que é sempre uma maneira de me convencer ou de procurar um acordo entre o que penso que sou e sinto e o modo como respiro e talvez uma outra coisa mais difícil de definir. Será um sentido de orientação, a vocação do método ou do caminho, no sentido grego.

Olha, meu filho, corta a direito, se puderes, a oito, isso mesmo, começas por uma ponta e tudo bem se fará. Obrigado, assim farei, embora não saiba a quem estou a agradecer. À memória, ao bom senso, às pressões da urgência... Será?

Há pouco, quando abri a janela da cozinha, reparei no trânsito e pensei, lá vai o povo a aproveitar o tempo. Uns vão de visita e outros irão às compras. Quase no mesmo instante voaram do aloendro dois lindos melros muito luminosos. Ouvi palavras a sair-me dos olhos, daquelas que escorregam em direção às mãos. Gostei de vos ver. É bom começar a manhã assim. Qual foi o primeiro grande acontecimento do teu dia, meu filho? Foram as aves canoras, os dois melros que voaram, como se fossem a seta do tempo. Vão longe os melros e eu sei que um bocadinho dessa viagem fica comigo, tomando conta da minha condição.

Que queres tu da vida, afinal? Confesso que ainda é cedo para tomar decisões. Mais logo, depois do almoço, na hora do quebranto, costumo dedicar-me a esses altos assuntos. De momento, fui um bocadinho com eles e isso deixa-me mais leve. O desejo de voar não deve pesar na consciência e eu fui.

"Decus in labore" é a divisa da Livraria Lello. Vejo-a desenhada na capa do meu querido "Dicionário Prático Ilustrado". A sorte trouxe-me a edição de 1957, ano do meu nascimento. Trato-o carinhosamente e consulto as suas milagrosas páginas, onde leio as revelações em letra miudinha e onde me deixo também entreter com os desenhos. A divisa acompanha a figura de um ferreiro em tronco nu, ambos, homem e palavra, guardados pela maiúscula L muito bem desenhada, quase gótica, quase janela. Durante a manhã precisei de o consultar, porque me aparecia num verso de Óssip Mandelstam a palavra cinábrio. "Zarcão, cor vermelha muito viva, sulfureto vermelho natural de mercúrio". A descoberta fez-me mais sensível ou talvez me tenha deixado os pés frios e me tenha sentido a atravessar florestas geladas, um corpo de gente ou de naufragos, um longo sofrimento esquecido, carne de versos, feridas,

uma solidão sem mapa. Tenho comigo a antologia "Fogo Errante" editada pela Relógio D'Água em 2001, com tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra:

"O órgão não bramiu sua floresta ogival.
Nessa noite era o canto de Schubert - materno berço!
Som do moinho, e nas canções da tempestade
a música ria a sua embriaguez de olho garço.
Mundo velho do canto, canção verde e castanha,
eternamente jovem, vastidões
onde o rei da floresta com raiva louca abana
marulhantes copas de tílias a abarrotar de rouxinóis.
E à noite o regresso, a força terrível -
canção selvagem aquela, como vinho negro:
é o duplo - um fantasma vazio -
olhando longamente pela fria janela!
1918"

Li há pouco um interessante texto de Henrique Barreto Nunes dedicado a Fernando Assis Pacheco. O amor aos livros conduz-nos como um destino. Nesses caminhos, por entre desejo e memórias, pode acontecer um encontro prodigioso ou apenas a descoberta de velhos livros perdidos e quase esquecidos. Edições de autor, plaquetes, raridades que só as mãos cuidadosas e habituadas a cuidar as folhas sabem encontrar. Foi assim que o meu amigo descobriu as maravilhas de Fernando Assis Pacheco de que nos fala no seu texto.

A tola e a cachimónia são dois modos diferentes de referir aquilo que de uma forma mais anatómica ou mais conforme ao esqueleto se designa vulgarmente por cabeça. Elas equivalem-se muitas vezes no uso. Que grande tola e que grande cabeça podem realmente referir o dono de um grande reservatório de capacidades. Por outro lado, a expressão " Que grande cachimónia" poderá orientar-se noutro sentido, procurando exprimir ou pelo menos tocar o estado menos eufórico, pré-depressivo, a situação de alguém que se encontra *tresvariado* em relação às sensações e eventualmente aos sentimentos. A expressão costuma ser usada pelo causador do mal, o que se ufana, e não pelo

desgraçado. Dói-me realmente um bocadinho a meloa e suspeito que deve ser da vista e do vinho branco. Neste caso estarei a desviar o sentido de uso da expressão "que meloa!", mas não faz mal. Estava-me a esquecer do capacete, o qual dada a promessa de uma cefaleia se não me portar bem, não pode de momento ser abanado. Santas noites. Santas noites são quando te confessas, dizia-me um amigo, no tempo em que eu andava a fazer redacções. Nunca mais me esqueci.

DEZEMBRO

1

Aqueles que do alto do escudo invisível falam do seu gosto em fazer escorrer sangue dos animais deixam-me mal disposto. Acho que mereciam uma bela cornada de boi barrão que é para ver o que é bom.

Muito se dirá e se escreverá nos próximos tempos sobre Eduardo Lourenço. Ainda bem. Herdamos um tesouro e, nesse sentido, o nosso corpo público fica mais robusto, agora que a memória se agita e nos obriga a viver intensamente, acrescentados de belos pensamentos e figuras, de frases exemplares, de geografias e descobertas que nos redimem perante a sonsice do "Portugal dos Pequeninos" e a paranóia de uma certa invalidez contemporânea. Nada poderei acrescentar de interessante ao que se disse e se vai dizer sobre a importância da obra. Lembro-me de Eduardo Lourenço desde o final dos anos oitenta, quando andava a ensaiar no exílio de Royat, no sopé do Puy de Dôme, os meus "labirintos da saudade".

Um dia, a Universidade Blaise Pascal convidou Eduardo Lourenço e com ele vieram o poeta António Osório, Eduardo Prado Coelho e José Saramago. Eduardo Prado Coelho, além de ensaísta brilhante, tinha um grande sentido de humor e era um homem de afectos, capaz de se comover com as pequenas "tribulações" e encantos da vida privada. Falava-nos com o seu grande sorriso das malas que Sophia costumava perder nos aeroportos e de Eduardo Lourenço, que adorava chegar aos hotéis e ficar posto em sossego a zapar "aqueles canais todos da TV Cabo". Pequenas ternuras, altos voos e terra chá.

No fim da conferência de Eduardo Lourenço, que creio ter-se realizado na FNAC do Centre Jaude, em pleno coração da capital da Auvergne, abeirei-me dele, enchi-me de coragem, meio imbuído ou acautelado de coração feminino e perguntei-lhe, se não teria desejado no fundo ter sido romancista. Senti-o sorrir, embora o sorriso naquele pequeno corpo de biblioteca eufórica, fosse pensamentos e eu ouvia-os cantar, como se multiplicassem as nascentes do Danúbio.

Eduardo Lourenço foi e será tudo o que já se disse e se vai dizer. Convém, no entanto, não esquecer que ele é um dos nossos grandes escritores do século XX.

Hoje consegui ver o passarinho. Eram dois, afinal. Oxalá tenham feito ninho nas sombras do loureiro. Pequenitos, saltitando de ramo em ramo, muito rápidos, de um branco meio desmaiado e com penugem preta na cauda levantada, uma rodinha, preta também, perto dos olhos ou das guelras, se as tivessem. Que lindinhos! Tenho tanta pena de não os poder tratar pelo nome. Andei à procura a ver se seria um pisco, mas pisco eu conheço mais ou menos e não eram; talvez ceresinos ou uma espécie de chapim adaptado ao vale de Lamações. Seriam bicos de lacre?

Para o Camilo e para o Cesário

Éramos jovens agitados pelo espectro da guerra. Não queríamos combater em África e pensávamos em fugir. Chegámos a imaginar uma fuga pelo Carris, o passador era de confiança e logo chegaríamos a França. A nossa fortuna foi o 25 de Abril. Escapámos ao que várias gerações antes de nós tiveram que amargar. Como é natural, discutia-se muito o colonialismo, as guerras de libertação e a força da nossa alma positiva levava-nos a acreditar na justeza dos nossos propósitos. Sabíamos um pouco de história, contada à moda do "carvalho da silva", como diz o Camilo. A velha senhora ensinava-nos a história dos Descobrimentos e víamos aqueles mapas com as terras africanas ocupando uma boa parte da Europa.

O esforço de guerra tornava-nos ainda mais pobres, para Angola e em força!, mas quem se quilhava era o mexilhão. As famílias dominantes queixavam-se da crise mastigando fricassés e caviars, chantillys com Foskamónio e outras barbaridades palacianas. Então o Dom Afonso de Albuquerque é que era! Triturava muralhas e engolia tribos e templos. Vasco da Gama parecia mais inocente, em parte graças a Camões que o amigou com a doce Vénus.

Na idade própria li alguns textos ditos teóricos, considerações fundamentadas sobre os interesses em jogo, mas onde eu aprendi mais foi a conversar com os meus amigos que estiveram em Angola, na Guiné e em Moçambique. A guerra em Angola foi sempre a que mais me tocou ou me interessou; talvez por causa das paisagens, da savana em fogo, dos tiros durante a noite, da camaradagem, do fogo sagrado que atiçava a amizade. Ouvei respirar o dia a dia, as pequenas pontes inseguras sobre rios imprevisíveis, a liamba,

o rancho, as garrafas de Chivas, os azares. Por vezes sentia respirar a selva, como se um enigma maior, um vento escuro e perigoso viesse avisar sobre a morte. Havia também o medo e a alegria, as paixões pelas belas mulheres e havia gajos palermas, outros violentos e outros que ficavam muito bem a empregados do matadouro. Mas depois o horizonte, as sensações, os cheiros, um mundo maior do que o nosso, sem as nossas colinas plantadas nos vales apertados e as nossas cidades metidas no campo, escorregadias e manhosas e às vezes simpáticas, quando lhes dá o sol ameno de Abril.

Entretanto escreveu-se muito sobre a guerra ou no meio dela ou por causa dela ou apenas porque foi naquele tempo que as palavras e os andamentos se fizeram. De entre a vastíssima bibliografia, ficam-me no coração dois livros. Um romance chamado "Os cus de Judas", de António Lobo Antunes e um livro de poemas com o título "Catalabanza, Quilolo e Volta", de Fernando Assis Pacheco.

2

Há inúmeras expressões que em português nos permitem referir com toda a propriedade aqueles episódios de profunda intranquilidade mecânica e desassossego das entranhas e dos cantos onde parece soçobrar o espírito... "Deu-lhe uma macacoa", coitado!, e foi-se desta para melhor ou se ainda não foi, estará prestes a encomendar a alma ao criador.

Amanhã vou até ao Fundão. Cova da Beira, terra de cerejas, a Gardunha a espreitar com as suas aldeias de bolso, pérola de granitos bem dispostos e do outro lado a Estrela com as suas altitudes um pouco mais severas. A sorte e a simpatia dos amigos permitiram-me fazer uma pequena participação no filme de José Oliveira "Os Conselhos da Noite" e lá vou eu atravessar as serranias à procura de recantos e um pouco ansioso por imaginar as serras ardidadas e o desconchavo das paisagens.

Vou poder ver três filmes que não conheço, "Guerra", de José Oliveira e Marta Ramos, "Sophia, na primeira pessoa", de Manuel Mozos e "Vitalina Varela", de Pedro Costa e haverá livros, lançamentos, apresentações, debates e confinamento geral nas tardes de sábado e domingo. Enquanto vou,

sossego e depois as paisagens novas deixam-me a cabeça de molho, incho como uma posta de bacalhau, ando assim a deambular entre nabo e nabiça, com ar grave de peripatético a passear no jardim, haverá de certeza um pequeno jardim no Fundão e uma taberninha e também pode acontecer que a aragem venha soprada de cânticos e carbonetos sedosos e bem dispostos que me obriguem a respirar como um leitão à solta fugido da eternidade numa passagem de Petrônio.

3

Há uns tempos, quando partia em viagem, ainda que fora nas cercanias do lar, levava comigo uma pequena biblioteca. Lia sempre ou quase sempre um bocadinho de cada livro e normalmente afeiçoava-me a um de entre os muitos que espalhava pela mesinha de cabeceira e por alguma cómoda ou assento que por ali houvesse na estalagem. Aos poucos, fui rareando as escolhas e vi assim diminuir a bibliografia em viagem. Mais logo, quando for até ao Fundão, levarei apenas um livro de Aquilino Ribeiro. Escolhi "Andam Faunos pelos Bosques", que começa assim:

"Rubicundo, pesadão de farto, o estômago bem lastrado com lombo de vinha-de-alhos, padre Jesuíno saiu a espairecer para a varanda que a aragem da serra brandamente refrescava. Manjericos e craveiros floriam dentro de velhos potes, e tão abertos, tão medrados, que do mainel transbordava para a casa e sobre o pátio uma onda álaçre de primavera (...)"

Sentadinho num cinema, pousado nas covas da Gardunha, a ver o frio à volta do casaco, depois de um presuntinho e um copito das vinhas cercanas. Que rico!

Depois de Viseu a paisagem muda. Ficou para trás a escuridão dos eucaliptos e vejo aparecer pedras e carvalhas pontuando as encostas, manchas de sobreiros parecem moitas em novelo e os céus respiram uma aragem de lâminas, mas enxuta. A Guarda tão alta e a Covilhã como um terraço pen-durado na encosta e logo a seguir o Fundão. Amanhã vai nevar na Estrela e o frio vem encostar-se à encosta húmbria da Gardunha. Pelo fim da tarde vai

caindo uma pequena chuva fria, é uma folheca esquecida que veio perder-se por aqui.

Foi um dia comovente. No filme "Guerra", de José Oliveira e Marta Ramos descemos "às traseiras do país", como diz o Paulo Faria. Fixo as imagens do actor José Lopes em sublime estado de representação e as visitas, os delírios, fantasmas em trânsito ou em sossego. Hoje à noite a apresentação do romance de Paulo Faria "Gente acenando para alguém que foge". Muito silêncio na escuta e emoção no discurso e depois a Marta Ramos cantou e a música tem o seu vento sagrado. Fica, mas não se sabe donde vem.

4

Tenho a janela aberta e posso espreitar as montanhas e o frio. Deixo ir os pensamentos na imagem, como se estivesse a escrever lá fora. A mesa suspensa, descida por uma nuvem, muito agasalhado, claro. Não precisaria de muito tempo, algumas anotações, uma ou outra fala e um longo passeio entre as cerejeiras. Um pouco mais ao fundo, levantando a cabeça, sobe o fumo das casas, sobe como sinais e há vento, parece o sonho a esmoer e não sei porquê a eternidade deve ser um café longo e aromático e um longo cigarro a olhar uma paisagem.

Estou a olhar para Norte. Neste caso o grande norte com maiúscula. Na escola primária, os pontos cardeais apareciam no meu caderno de menino como coisas adultas e responsáveis. Estou a olhar para norte e vejo a neve cair da serra. É um lugar ao longe, a infância é longe, são as palavras e os caminhos que vamos subindo e logo em chegando uma cortina. Depois não sei. Talvez uma lareira para aquecer a magia dos duendes.

Deve dar muito jeito acreditar em teorias da conspiração. É como passar um sábado à tarde a ver cobiadas, a palitar cáries e a olhar o espelho, enquanto se vai coçando os tomates e fazendo manguitos às sombras.

Leio mais algumas páginas de "Andam faunos pelos bosques", de Aquilino. Pelo que estou a ver andam mesmo, que o digam a bela Micas

Olaia, o olhar apalpador de Feliciano e os sessenta anos muito excitados do padre Jesuíno. No andamento da leitura, somos surpreendidos em passagens que parecem obscuras, barrancos da língua ou depósitos do tempo que oscilam dizeres e sentidos como se fossem ventos, trovoadas ou luminescências de Babel. Depois o leitor habitua-se e o léxico são pedrinhas preciosas, são colcheias cosidas na textura, maravilhas de terra e dizeres que ninguém segura e se escondem na memória e se vestem na pele das coisas.

5

O frio vai curando a terra e congelando alimento para as árvores. Do lado da Estrela concentram-se cinzentos volumosos e escurecidos, que se esfarrapam depois do nevão. Deste lado, quase em cima do hotel, a Gardunha vai subindo muito verde e profunda, abundante em água e frutas, algo dissimulada entre caminhos e plantações. A meia encosta um pequeno paraíso de seu nome Alcongosta. Viajo em passagens do Douro mudado em cerejal. As cores do outono brilham nos socalcos, acompanham uma pequena estrada com ar fugitivo, encostada aos muros. De longe, os carvalhos antigos protegem as casas e de novo as cores, agora o amarelo quente, quase eléctrico e ao longe a Estrela, com as suas revoluções nevosas.

Sabes, diz o Bruno, isto também é muito bonito a partir de Março. Começam a desaparecer os brancos da Estrela e nascem aqui na Gardunha mudados nas cerejeiras. Do outro lado da encosta, Castelo Novo como um presépio, a neve ilumina a aridez, inventa sonhos e planos, vales misteriosos que se adivinham e as terras que se estendem para sul, desenhadas nas oliveiras e nas breves colinas silenciosas como sentinelas.

Hoje está menos frio ou haverá um pouco mais de sossego entre o céu e a terra. Azul fundo sobre a Estrela e um grande capelo de cúmulos. Sobre a Gardunha leves estratos róseos, roxos, parados no azul fino, quase branco.

É normal ter algum apetite depois da viagem. Neste caso, o apetite roía-me um bocadinho as entranhas. Viagem longa, ventos frios, cúmulos plúmbeos a ameaçar nevões e o rato a roer as tripas. Chegada fresca e de fresco

ao Fundão. Podia-me indicar, se faz favor, algum lugar para petiscar?! Um pouco de presunto, queijo, pão e um copinho de vinho tinto. Para aquilo que os senhores querem, o melhor será o *Café Portugal*. O senhor sai do hotel para a Avenida, vira à esquerda e é logo ali. Além do que ficou dito, as moelhas e um certo desembaraço, fenómenos de atmosfera, coisa antiga, experiência que andou por aqui.

O café cheirava bem, cheirava a tempo e a espírito do lugar, a reuniões *in illo tempore*, a coisas boas do convívio transpiradas nas paredes, chegadas agora aqui. Vim a saber há pouco que no café Portugal aconteciam reuniões do partido comunista nos anos 40 e que o responsável era um sapateiro da cidade e também aqui vinha conversar e reunir José Cardoso Pires, "dinosaurio excelentíssimo", nuvem que passa, singeleza de letras, tretas e andanças, mas não de caganças.

Ontem "Sophia, na primeira pessoa", de Manuel Mozos. Um filme com o seu complexo de partes e disciplinas, mas sempre a imagem, a voz, os poemas, o mar, o céu, as nuvens. Entretanto a história, os cenários e os afectos. O Porto e as águas da Granja, a viagem para Sul, a Grécia e o destino, canção, beleza e o desenho dos corpos. Tempo de silêncio e chá, coração bebido na lírica ou na língua de Camões, à flor da pele a palavra dita, o som das ruas, o mal das gentes e o filme não devia acabar. Beleza, música, uma flauta descendo as montanhas sagradas, fotografias e cadernos da infância e depois alguma dor, o país entristecido, como a alma cansada.

6

Quando cheguei à "Moagem" para assistir à projecção do primeiro filme dos "Encontros Cinematográficos", ofereceram-me o "Jornal do Fundão". Lembrei António Paulouro e esta já longa aventura do jornalismo. Um caso raro, um tesouro, uma história de resistência também.

Almoçámos em três restaurantes. No "Anjo", soube-me muito bem o Joelho de porco assado. A pele gordurenta escondia uma carne muito tenra e saborosa, amolecida naqueles sabores da pele curtida nos andamentos e

articulações por entre a fossa e as lavaduras. A batatinha assada com casca a reluzir do azeite, cortada em quartos de lua, envolvia a chichinha em purés sedosos. No "Telheiro", enquanto a folheca caía muito gorda e misturada no jardim, aproximou-se uma feijoadinha em modo transmontano, muito bem disposta numa telha e no "Hermínia", na sala de jantar resplandecente e alvacentas, habituada a requintes e abundância, a merenda chegava com sabores metafísicos ou não fora o repasto inventado por algum ser extraterrestre demolido em bacalhau espiritual.

"Cobria a treva a terra toda" e na face que Judas beijou nasce a sombra de que somos feitos. Na outra face a luz e aqui o Tarrafal, um bailado de sombras, o cântico em luto. Foi quase no fim do filme. "Vitalina Varela", de Pedro Costa.

Pequenas delicadezas acrescentam de bonomia o bom viver. Tinha resolvido não almoçar. Gosto de conduzir sóbrio, barriga vazia, levemente acrescentado na acuidade por um pouco mais de café. Quase na hora da partida, vejo chegar com grande sorriso e disposição de amigo o Mário Fernandes. Não vais almoçar, mas vais jantar e entregou-me muito bem embalado o lombinho de porco inventado nas "cozinhas hermínicas" e além disso um bom abraço. Correu bem a viagem, assim acompanhada pela singela e esperançosa prenda, que me vai enfeitiçar de alegria e boas memórias a hora do jantar.

Estive alguns dias em terra fria e ele andava, o frio, por todo o lado, no céu e na terra, debaixo dos pés, pendurado no nariz, ao assalto das orelhas, mas era um frio rijo, batido na pele, frio que não entra e arrefece ou frio que entra e não rói. Em Braga é diferente. O frio entra pelos poros, rói e corrói, instala-se nos ossos, fica pendurado nas esquinas, nas covas e demora-se, indispõe, mete água, faz nevoeiros ao longo dos canais e assalta a respiração. É um frio adoentado.

7

O frio era a sensação de andar lá fora, peito às balas, cosido ou agasalhado como um enchido; agora ando para aqui a fungar dos interstícios, nem sei bem onde me nascem as tremuras.

Apetece-me chorar, mas não são "lágrimas e suspiros", meu querido Bergman, será antes uma vontade de escorrer tinta, seja uma água tingida ou aspergida por uvas de cão ou um pouco de borra sólida raspada no tampo de uma velha pipa meio desconjuntada na adega. Deixar cair o sangue mudado em substância amiga do papel, a terra é forte de líquidos e cores atidas ao espírito e às convulsões... Sabemos lá o que é. Humana condição, um encher do peito, uma sístole mineral e a diástole em vapor a caminho de uma nuvem. A humanidade é coisa grande de encher o peito, coisa que não cabe e que em certo dia ou por certa ocasião prefere dizer-se em olhos húmidos, sorriso comovido por lembranças ou palavras que podiam ter sido pronunciadas. Apetece-me chorar, mas isso não é triste.

O Diário

No ano de 2008 aconteceu uma espécie de milagre na minha vida. Depois de ultrapassadas algumas vicissitudes, dei por mim a jorrar uma espécie de água que se pretendia algo literária, a qual se manteve caudalosa durante quase todo o ano. Para meu espanto via-me a escrever todos os dias e fazia-o sem pedir licença, pois que tal fenómeno me acontecia nos lugares mais inusitados. Em casa, naturalmente, no coração da biblioteca, rodeado da minha pequena colecção de mochos, mas também nos cafés, à porta da escola de música enquanto esperava a minha filha e em muitos outros lugares que o dia a dia me fazia frequentar. Nesse ano interrompi a escrita diária no fim de Junho, por motivos de realização urgente de um empreendimento universitário e andei a saltitar dias e páginas, o que não me impediu de visitar os meus cadernos com muita frequência. Depois andei como Jacob, durante sete anos, embora o meu ensejo não fosse "Raquel serrana bela", mas antes o estudo da arte do actor e do "espaço vazio".

Em 2015 o vício regressou. Eu bem sabia que não podia deixar de fumar textos e desejos de escrita e nesse ano aconteceu escrever todos os dias. Reparei que, ao contrário de 2008, quando me alongava sobre cultura e filosofia, com agradáveis intermezzos dedicados às pequenas coisas e delicadezas, reparei, dizia, que o ano de 2015 me trazia a caneta mais afoita às coisas da rua, ao que via passar, ao que acontecia nas árvores e no céu, às voltas da memória, às notas e anotações, ao que via cair dos espaços ou apercebia na dimensão

quase invisível de sensações e estranhezas. Parei em 2016 por qualquer bom motivo que a lonjura do espaço-tempo me obriga agora a esquecer. A partir de 2017 e até esta hora escrevi todos os dias e confesso que tenho podido partilhar com bons amigos estas partes da vida.

Tenho tido sorte. A tela milagrosa aproximou-me de muito boa gente, as boas conversas aconteceram e ainda acontecem, bem como as observações e as sugestões. Aqui e ali, é verdade, apareceram algumas almas cascudas, de temperamento sebento, apareceram-me, é verdade, meia dúzia de provocadores ou de imbecis, dos quais me despedi um belo dia sem que tenha sido necessário mais do que uma leve pressão na tecla adequada. Se tudo correr bem, chegarei ao fim deste mês cumprindo este diário em ano de pandemia, mas agradecendo muito e do coração a todos os que me fizeram tão boa companhia. Logo se verá o que poderei fazer em 2021. Outros trabalhos me esperam e são urgentes. Não deixarei, no entanto, de estar presente sempre que puder, saudando a hora, conversando um pouco, contribuindo na medida do possível para a invenção dos dias.

8

Há uns anos houve em Braga um concerto de sinos concentrado no centro da cidade. Badalaram durante algum tempo os da Sé, de Santa Cruz, dos Congregados e os ouvidores andavam pelas ruas ao encontro dos sons que passavam. Havia uma impressão de silêncio nos passos da gente, ouvido à escuta e os sons caíam e levantavam-se, atravessavam as ruas trazidos pela aragem e havia passagens suspensas, bastante silêncio, uma geografia fantasmática, que entornava sobre os granitos passos de dança e coisas levantadas. Foi uma forma de tornar visível um livro de cânticos, como se a cidade se encantasse ao fim da tarde e as coisas mudas se ouvissem louvando as pedras e o desenho, lembrando ventos, agitando a matéria invisível. Por vezes a música acompanhava o passo dos casais e surpreendia os visitantes, como se houvesse um recado dos anjos descidos dos nichos e das torres. Há pouco abri a janela da cozinha. Passava alguém em frente, sob uma varanda iluminada e repicavam sinos trazidos pelo vento, como antigamente o comboio do sul.

Para João Aguiar Campos
Para os jovens actores do Grupo de Teatro São João Bosco

(Lembrando as oito estreias que fizemos a 8 de Dezembro, feriado religioso dedicado à Imaculada Conceição)

Há cerca de nove anos fui convidado pelo padre Vítor Novais, reitor do Seminário Conciliar de Braga, para orientar o Grupo de Teatro São João Bosco. Aceitei o desafio e apercebi-me que ia trabalhar com um dos grupos mais antigos do Concelho, o qual, como é natural, após 50 anos de experiência, teria muitas aventuras para contar e haveria de ter reunido memórias, adereços, peças, guarda-roupa e bons desejos para o futuro. Fui muito bem recebido no Seminário e devo dizer, porque é verdade, que pude sempre trabalhar com total liberdade. Não me autocensurei em momento algum, pude relacionar-me com os jovens actores nos mesmos termos que vinha e venho experimentando com os meus alunos do mundo civil, digamos assim.

É evidente que eu sabia muito bem onde estava e que me competia, a partir do momento em que aceitei o convite, respeitar a casa que assim me recebia, abrindo-me a porta com franqueza e criando as condições necessárias para ensaiarmos e fazermos espectáculos. Nos dois primeiros anos andámos à volta da comédia popular de inspiração rural, aproveitando livrinhos antigos da Biblioteca que o Grupo reunira. Nos últimos seis anos trabalhámos a partir de um tema que nos era sugerido pelo reitor, entre eles "Job", a partir de um texto de Manuel Nunes intitulado "Job que gritas em mim". Depois tive a sorte de poder escrever os textos e assim nasceram os espectáculos " Que queres de mim?, A Obra em trânsito, A Missão é um dia feliz, Esperança", que muito me animaram nos ensaios e nos silêncios da escrita. De entre as cinco peças que escrevi, lembro com particular emoção e prazer "Variações sobre o Teorema de Clinto e as vantagens de uma Espiga ao Sol", com a qual comemorámos os 50 anos do Grupo.

A pandemia veio suspender os ensaios e não importa, agora, prever o que vai passar-se, quando regressar a normalidade. Desejo apenas que o Grupo se mantenha vivo e que os jovens actores continuem a amar o teatro e que aprendam a respirar, a desenhar os movimentos e as imagens e, sobretudo, a fazer muito com muito pouco, inventando a alegria, inventando o dia. De

momento, tenho vontade de repetir o que sempre disse nos dias de estreia perante o público do Auditório Vita. Estou a trabalhar com jovens actores muito bem dispostos, muito disciplinados, que não se atrasam nem faltam a ensaios. Sabem latim e cantam muito bem e, além disso, têm um teatrinho para ensaiar. Que mais podem desejar?

Além de tudo o que fica dito, além do que pode ser pronunciado por quem foi sempre tão bem tratado, não devo esquecer os convites que de vez em quando me faziam para jantar no Seminário. Sempre apreciei a frugalidade, a comidinha simples e saborosa, o vinho bom, que não se destinava a fazer-me mal às entranhas, mas a encher-me os claustros com belos e sãos eflúvios cantadores.

Ontem à noite, a gentileza familiar pôs-me a ver um bocadinho "O Labirinto da Saudade", um filme de Miguel Gonçalves Mendes construído a partir da obra homónima de Eduardo Lourenço. Não me apetece comentar o filme, mas a páginas tantas, no caminho das meditações do filósofo, o filme mostra o sombrio barqueiro Caronte atravessando o Estige com a boa alma do nosso ensaísta. Achei por bem explicar à minha filha as voltas do Estige, mas ela estaria meio distraída entre as estranhezas do filme e as clarividências do Instagram. Não estou a perceber nada, diz-me, então o filme é sobre a vida dele depois de morto? Ri-me de bom rir, mas com bondade. É sabido que assuntos sérios bem podem animar as circunstâncias.

Hoje de manhã dei por mim a ocupar mais espaço do que era costume na casa de banho. Huuummmhh! Aqui há coisa. Estava pronto a esquecer-me da aparição, quando os meus olhos deram conta do utilíssimo instrumento que temos pousado a um canto e que, coitado, passa eternidades sem que se lembrem dele. Pus-me em cima da balança e o ponteiro assinalou mais três quilos do que era costume. Devo ter hesitado por momentos, mas acabei por ficar contente. Três quilitos para ajudar a passar o inverno. Estás mais abundante de carnes e de couratos, meu caro! É o que dá o apetite, o deitar cedo e o cedo erguer, é o que dá o remanso caseiro destes últimos meses. Acabaram-se as noitadas, comes a horas certas. Pois ainda bem que aparentemente nenhum bicho ruim te anda a comer as entranhas. Estou mais gordinho, sim senhor, mas sem sinais de obesidade, felizmente. Boa notícia,

afinal! Foi-se o ar escanzelado, as calças a cair. Se calhar são as bolachinhas, se calhar é o vinhinho, se calhar, se calhar... Para já está bem assim. Espero, no entanto, que a balança não venha a explodir um dia destes.

9

Deve ter caído geada. Ó, aleluia das couves! As pencas a alargar, a enrolar o coração como um novelo, a esparramar as carnes, as fibras, os verdes, ó, couves galegas a chiar, tenrinhas e doces, os olhos carnudos a pedir azeite. Maravilha!

O silêncio dos meus alunos a escrever. Ouvem-se as folhas, as canetas, aqui e ali um leve resvalar de cadeira, agora é o estojo dos lápis, alguém suspira, há vozes no corredor, ecos, o povo está sereno, repetimos um exercício para ver se melhoramos e eu nem preciso de tomar conta. Deixo-me estar, vejo um bocadinho de jardim, agora um fecho metálico de anorak tiniu na perna da mesa, parecia um sino e eu quase me assustei.

Sei que nasci "do ventre da minha mãe" na Avenida, em frente às tílias, no ano de 1957. Durmo ainda na cama onde vim ao mundo ajudado pela Mariquinhas parteira, que me terá pegado ao colo e depois o meu pai, estou a vê-lo tão contente e logo a minha mãe me terá dado de mamar, a seguir às dores e àquela alegria que só as mães conhecem. Às vezes pergunto-me donde vim, o que está por detrás de mim, do meu pai, da minha mãe, o que terá nascido embalado pelo anjo da história e nessa altura presumo, sinto ou desconfio que ainda vive no meu corpo alguma aragem trazida de Trás-os-Montes, uma subtilíssima benção, quase obscura, de uma comunidade judaica com origem nos ancestrais do avô paterno e também sinto a Laje e o cântico da terra, o destino dos emigrantes e embarcações que a família da avó materna me entregou como herança. Vivo feliz com este casamento.

10

Continuo a dar aulas, mas agora sinto uma leveza que não conhecia. A princípio custou-me subir as escadas, mas não a reunião com os meus alunos. Receava entender-me mal com o uso e abuso de plataformas. Elas existem, andam por lá a ver se o povo se encaixa nelas, só para se sentirem preenchidas com o sangue alheio. O importante é o que se faz e se decide na sala de aula. O resto, a papelada, vai-se fazendo, desde que não haja abusos e que as exigências respeitem a Constituição da República.

ZEUS

É muito benéfica a caixinha chamada "Box", que se associa aos nossos televisores e que nos permite viajar por inúmeros canais deste mundo e que, além disso, obedece às vontades que impomos ao comando e nos fazem procurar e andar para trás e para a frente. Há muito tempo que tinha ouvido falar do filme "Zeus". Li as notícias e acompanhei a alegria de Paulo Filipe Monteiro, o realizador do filme. É a sua primeira longa metragem. Ficaram-me imagens do outro mundo nos desertos da Argélia, ficam-me as atmosferas, o cuidado posto na recriação, nas cores, nos cheiros, nos objectos, no guarda-roupa, a sintaxe narrativa alternando entre passagens do romance "Maria Adelaide" e a sua vida real e histórica, complexa, obra e pensamento, sensações, dizeres, lembranças, aventuras, desejos, programa e corpo político, amores, exemplo.

Manuel Teixeira Gomes é um grande senhor e um dos meus heróis. Foi diplomata, escritor, político, presidente da república numa época em que o horror fascista respigava perante o exemplo de Mussolini e Primo de Rivera. Manuel Teixeira Gomes desejou abandonar o poder e um dia embarcou no *Zeus*, nome de barco e de divindade berbere. Foi um herói, um escritor interessante e um homem livre cansado de Lisboa. Ainda bem que navegou e atravessou o Mediterrâneo, levando a musa e a alegria. Ficou sepultado em Bugia, na Argélia e os restos mortais foram trasladados para Portugal no princípio dos anos 50. Esperava-o em Portimão uma multidão de amigos, de admiradores e de opositores da ditadura.

Alfaces

Regressei de França ainda jovem, entre moço tropeiro e jornalista. Nessa altura, alugámos um casarão na Rua Nova de Santa Cruz, numa zona da cidade a que ainda chamam "Peões". A casa tinha um quintal encostado à fábrica do proprietário e pelo aspecto do "desamanho" logo me apeteceu pegar na enxada e no ancinho e transformar o desconchavo num recanto do Éden. Ajudou-me o meu sogro, muito habituado a estas artes e com ele aprendi a instalar os tomates com aquela singela filigrana de cordas estendidas e penduradas, por onde o doce fruto haveria de alcandorar-se ganhando cor e robustez.

Cavámos a terra, fizemos canteiros, abrimos sulcos e carreiros, desenhámos regos, plantámos o cebolo e semeámos cenoura. Nas partes mais recuadas haveriam de crescer em alerta as couves galegas, quais bandeiras de Portugal. Um belo dia resolvi armar uma tendinha dedicada às alfaces. Meia dúzia de paus, um plástico forte e lá estava a casinha pronta a defender a salada das intempéries e sezões. Ao que parece, a "selada" não contém grandes nutrientes, mas temperadinha com sal, azeite e vinagre, misturada com um pouco de cebola, acompanha quase tudo, prestigiando assados, salgados, peixes e acompanhando com boa vontade um ror de legumes. É verdade que as folhinhas, quando tenras e luminosas, podem induzir maravilhas no palato, mas às vezes aparecem à refeição com ar agastado, chochas, envelhecidas, com aspecto de toco velho, sabor a pau de terra. Coitadas! Pobres alfaces da minha vida. Como podem sofrer nos terrenos áridos, suportando frios e calores, resistindo aos excessos e mínguas! Por isso elas se parecem, às vezes, com aqueles quase troncos hercúleos, com sabor a vento que as levou, resistentes como cobras espetadas e sensaboronas como desmaios da natureza.

Um belo dia fui espreitar a tenda. Convém que se diga que por aquelas alturas eu tinha andado de regador na mão acompanhando o crescimento, tão sequioso como elas e pensando que a aguinha lhes havia de amansar o crescimento. Quando me pus a olhar, achei-as bonitas e luminosas. Se verde alface é cor, então aquele havia de ser o verde com que eu sonhara. Cresciam meãs, cheias de brilho, muito gaiteras e também achei que olhavam com ar de quem me dizia, come-me, tira-me daqui, deixa-me encantar os teus gorgomilos, deixa-me alfaçar as tuas entranhas e misturar-me de coisinhas boas que

andas praí a congeminar na cozinha. Assim fiz. Tirei uma da terra e senti um perfume semelhante ao das cenouras quando se levantam do húmus. Eram tenras como bifes da Cabreira, pareciam veludos misturados com líquenes, lembravam uma peliquinha doce e afortunada. Que ricas alfaces!

Afonso

Recebemos uma muito triste notícia ao fim da tarde. Morreu o Afonso, o Afonso Fonseca. Penso na Eduarda e, como diz a Leonor, fico a tremer. Um beijinho, Daniela. Penso nos muitos amigos, nos que conviveram com ele de alma e coração. As viagens a lisboa, a noite, ó noite linda que vens embalar as conversas, o teatro, os espectáculos, as especulações, sim, o Afonso era um homem da filosofia e um dia apareceu perante a cidade, perante o público, como um grande criador e encenador. Criou uma escola, formou actores, foi senhor de um olhar único, cinematográfico, rigoroso, cheio de luz e de verdade no seu tempo, a lentidão do tempo e do prazer, o olhar suspenso na meditação. O Afonso era um esteta e um visionário e uma figura querida da cidade, com os seus humores desavindos, a sua frontalidade às vezes casmurra ou aparentemente taciturna. Que sabemos nós da vida? Pouco sabemos. Vivamos o dia, meus amigos, a vida é curta e todos nos vamos. A cidade está a chover uma grande tristeza.

11

Está uma chuva mijona, um cerco de chuva, água que cai de mansinho e persiste, molha tolos, molha tudo, ofusca os vidros e tolhe as vistas, encharca, rói, deixa o chão a patinar, os corrimões a escorregar, pingam musgos, esquinas, telhados, pinga a alma e os músculos parecem panos encharcados, panos torcidos, o calçado a encarquilhar, tempo mofino, de vista curta.

Bel Canto

Saí triste da igreja de São Lázaro. Nós também vamos morrendo um pouco com os amigos e não ouviremos mais a sua voz nem saberemos da

sua ausência, não fora um sinal luminoso da memória que vem desgarrado por caminhos desconhecidos trazer o seu conforto e presença, os louvores à alegria e à saúde de todos. Descansa em paz, Afonso, eu ergo dois ou três copos de vinho para te saudar e matar a minha sede, que não é sede, mas são lágrimas que ao mesmo tempo me devolvem alguma euforia, um pouco de força para continuar o dia, com esta "chuva que não pára de obsidiar-me", como terá dito o Sebastião Alba.

Por momentos, seremos ainda meninos de rua, meninos de colo, por momentos atravessamos a paisagem obscura, as altas ondas que a esta hora hão-de varrer os areais da Póvoa e com boa vontade, mais um golinho, haremos de atravessar a obscuridade, passar além da tempestade e contemplar o anil, olhar a imensidão, o vácuo e as pedras de fogo que trazem as mensagens do outro mundo, o cântico apesar da morte. Ergo o meu copo aos amigos, aos que foram e sempre são, aos que são agora e hão-de ser e lembro-me da "Marcha Almadanim" e dos intensos convívios no café, das boas conversas e histórias e não quero pedir mais nada.

Dai-me um pouco de sede e de vontade, um pouco de força para estar presente e cantar e fazer em algum lugar perdido um hino às manhãs, como faz a cotovia, um hino à noite como desejam os rouxinóis.

Saí de casa pelas sete e meia da manhã. Fazia noite cerrada. O coberto de nuvens não deixava ver o céu clarear. Gosto de chegar um tempinho antes da aula. Vou até ao café e entretenho-me com a situação. Não ligo à televisão e fico a beber o meu café e a meditar na aula que vai começar.

Hoje apetece-me dizer aos jovens alunos de quinze e dezasseis anos que não são nenhuns imbecis ou incapazes, espécie de filhos de uma propalada "geração rasca" que nunca chegou a existir. Não, meus queridos, vocês são capazes de grandes coisas e subtis entendimentos. Não tenham medo dos textos difíceis, quando são bons textos. Por isso mesmo, e também por amor e vocação, escrevi no quadro o primeiro período de "Andam Faunos pelos Bosques", de Aquilino Ribeiro. Nessa admirável passagem, o narrador embala-nos em dois tempos. Apresenta-nos primeiro a figura da personagem, "rubicundo", bem lastrado, remoendo ainda a vinha-de-alhos; depois saberemos que era o padre Jesuíno que entrava em cena saindo à varanda, sob o olhar floral dos craveiros e a doce brisa que vinha descendo da serra.

Quando lhes perguntei se o senhor padre era gordo ou magro, logo se fez luz e as palavras e expressões saltaram do quadro cheias de entendimento. Depois fizemos pequenos exercícios para experimentar a construção de texto fazendo nascer no papel aquele andamento em dois tempos, por exemplo, "Mal disposto, coçando a cabeça e batendo com os pés, o Manel sai como um foguete pela sala fora indo passear nos jardins, enquanto apanhava um bocado de ar nas bentas". Ainda tivemos tempo de passar no quadro a "Cegarrega para crianças", de Mário-Henrique Leiria, onde se canta aquele extraordinário bailado do rato e da velha.

No fim, apeteceu-me muito ler o "Cântico Negro", de José Régio. Sim, meus queridos alunos, vocês são capazes de grandes coisas e subtis entendimentos. Não tenham medo dos textos difíceis, quando são bons textos. Estiveram todos muito bem e eu senti-me muito bem também.

12

É raro sair de casa mais cedo para vir sentar-me no café. A esta hora o Chave D'Ouro está bastante povoado, embora se oiçam conversas baixas misturadas com o tinir das loiças. Lá fora anda o sol molhado e o brilho da água nos ramos despídos. A televisão fala baixinho e há pouco apareciam uns tipos vestidos de romanos, com ar divertido. Apercebi-me que eram ingleses e de certeza que não falavam latim.

Daqui a pouco vou sair com a minha mãe. Gosto de fazer a estrada de Guimarães, de atravessar a Morreira e olhar os campos de Balazar. Ao longe costuma ver-se a Cabreira e eu fico meio a sonhar, como se subisse a serra e parasse na velha ponte romana, antes de chegar a Agra. Na aldeia há uma fonte de águas milagrosas. Um dia devo ter parado a beber e senti a maravilha que me atravessava o corpo vinda da terra por caminhos desconhecidos. Um pouco de luz a sair da sombra e essa luz vem matar-nos a sede.

Barrigana

Soube agora. Hoje morreu o Barrigana. Lembro-me dele desde os tempos de JEC. Era um rapaz bonito, afável, sempre com um sorriso luminoso

e uma grande bondade a acompanhá-lo. Vivia do lado do encantamento e da paixão e entregava-se à vida com as mãos abertas e alguma timidez cheia de sentimentos. A vida atraçou-o várias vezes, obrigou-o a suportar dor e sofrimento e muita injustiça. É fácil fazer o mal aos bons e a quem não pode ou não sabe defender-se.

Nos últimos anos encontrei-o muitas vezes na Avenida, com a máquina fotográfica, à espera talvez de encontrar neste mundo imagens ainda belas ou abençoadas e o Barrigana foi-se esquecendo e desaparecendo.

Um abraço aos amigos e aos que gostavam dele, um abraço especial para ti, Leonor, que o acompanhaste e lhe deste a mão. Louvo a tua coragem e esse ser solidário que faz de ti uma grande e boa pessoa.

13

Quando saí à rosca chovia a cântaros. O céu despejou o que tinha a despejar e fiquei com muita vontade de recolher. A lareira está acesa. Quando fixamos o fogo, ficamos abandonados de ideias e a corrente da consciência fica também ali, a aquecer os fluxos, oscilando como um lago. Sabe-me tão bem comer uma fatia de bolo-rei e passear com um copinho de vinho branco. Vim até aqui, sentei-me, sabendo que não havia nada de urgente, alguma preocupação maior ou aguilhão que me andasse a espicaçar para me lembrar as urgências da escrita.

Passei um belo domingo a pasmar e mal me apercebi de mim. Foi um andar de existência leve, um olho aberto, outro fechado. Acordei com belas imagens do deserto, depois apeteceu-me subir um pouco as montanhas do Atlas e parar num café para beber um chá de menta, olhar mais em baixo o vale muito bem desenhado e cultivado. Durante a breve passagem, aproveitei para respirar o ar da montanha e num instante já estava em casa, era preciso ir buscar lenha à garagem. Lembrei-me também que tinha um bom livro na mesinha de cabeceira e eu que procurava um pouco de leitura que me assustasse, um pedaço de texto que saltasse da página cheio de gritos e de veneno, fui encontrar magia branca e deliciosas aparições que saltavam para o chão e se enrolavam no ar como canções infantis.

Passei o domingo como se nada existisse ou me afectasse. Deve ser o que acontece ao sonâmbulo. Bem sei que amanhã vou andar um pouco mais agitado, vou dar aulas, conviver, olhar para as coisas como se tivesse um luzeiro dentro de mim. Por ora, ainda estou no limbo, oiço falar de uma estrela que vai aparecer e do grande iceberg que avança para norte. Pareceu-me ouvir mais disparates e promessas aziagas de Donald, o poupa lacada, o pequeno Mendes bate no ministro, a TAP não anda boa e os olhos há pouco choravam com o seu modo catódico e agora vão fechando, parecem cortinas ou panos, serão telas, um "quadrado negro" sobre a paisagem.

14

Passa por mim um amigo, que me diz mostrando alguma aflição que "os programas da Google estão todos em baixo, o classroom e tudo". Reparei que estava ansioso e pronto para montar a cavalo ou num F17, disposto a salvar a humanidade e a bombardear ou esfaquear vírus e curto-circuitos. Pensei por momentos que o mundo se acabara, mas não. Foi uma coisica de nada, um parafuso desapertado, uma ficha desligada e não foi mais nada.

A escrita e a leitura reúnem partes que me constituem. Tomam conta de mim e vou para onde elas querem. Às vezes fico sentado, com a cortina branca a separar-me do sol e noutros dias embarco sem saber para onde. Assim viajei e assim me surpreendi com os climas, o falar das gentes, as cidades onde desembarcava, os pequenos hotéis em alguma velha praça ou nos arredores e quis saber se as cidades tinham vista para o deserto ou para as altas montanhas. Enchi-me de vozes e de linhas, respirei a coragem de alguns heróis e pude ainda condoer-me a aliviar alguma dor que surpreendia ao virar da página, ao passar na rua.

Comecei esta viagem num tempo antigo diferente daquele em que nasci, um tempo descido das estantes, coberto de pó e às vezes presentido em fulgores ou iluminações de velhas histórias ou de lugares silenciosos, onde se reuniam pensamentos nas goteiras, ou pesadelos nas gárgulas e eu não tinha medo, porque os livros se abriam perante o desastre e eu entrava,

ficava ali uma ou duas páginas depois, num ou noutra capítulo, em silêncio se preciso fosse ou brincando alegremente, como se pudesse atirar-me das páginas abaixo ou subir descrições altíssimas por lugares ainda desconhecidos, brancos, invioláveis.

Vou sabendo um pouco da literatura, quando me esqueço e deixo-me andar, como um sopro, uma pauta esvoaçando do livro, um violoncelo com seu ventre apetecido, quase mulher, quase barco e então o sinal. Foi assim que conheci um pouco o mundo e às vezes deixo-me arrumar num sítio que me parece destinado e outras vezes fico mais só e abandonado, à espera, põem-me coisas em cima e eu não digo nada. O livro respira segurança nas suas colas e coseduras, aquece-me o colo e às vezes sorri como um leque e eu fico muito leve das leituras e posso adormecer ou acordar, não se sabe bem o que acontece.

15

Os gregos consagraram as deusas da ginástica, Satie tocou-as em acordes sensíveis e prolongados, como se elas arrastassem asas nos pés. Pablo Neruda terá cantado a palma terrena dos primatas e palmípedes, a base que sustenta o peso que trazemos do mundo e nos faz olhar os movimentos, a circulação geral dos astros e então saltamos para o bosque subindo árvores, nadando as excelsas águas. Tudo isto é verdade, ó pés, ó criação maravilhosa e apetência do movimento. Só não vale ter os pés frios, pois da reunião dessa algidez de temperaturas em volta das carnes, músculos e circulação nasce uma grande infelicidade.

Começo a sentir o incómodo a meio da tarde. Não parece coisa nascida por um desconcerto ou desafinação de ordem mecânica ou emocional. São fios ou agulhas, raios que passam em volta e alguns atravessam o corpo e parecem doer. Acontece-me quando estou a ler. Fico tolhido ou debruçado sobre a multidão de registos, são convulsões, uma espécie de chão a ferver que não me vem queimar as mãos ou os olhos, mas que me faz quedo, como um jazigo a levantar-se numa noite de horror. A literatura sobrevoa a morte e desce pelo seu pé, conhece o caminho, as águas lodosas, os lugares perigosos,

os gases que se escondem nos pântanos vestidos de nenúfares. Ao mesmo tempo, não me sinto mal disposto nem sequer triste ou macabúzio.

Passei o dia a perder ideias, a dizer como estava por interpostos textos, frases e considerações. Agora estou apenas em respiração assistida, inspiro versos e lembro a grande poesia que atravessa o tempo como árvores invisíveis, com os seus passos perdidos, os seus pássaros desconhecidos, as suas esferas de fogo, os luzeiros de diamante, minas naufragadas no céu.

Estive sentado toda a tarde e esse foi o modo que encontrei de andar a passear. Pus-me à janela, desci à rua, cumprimentei os vizinhos, lembrei-me de belas frases dos filósofos preferidos e agora estou a pensar nos peripatéticos da volta dos tristes, sábados à tarde em volta da cidadela, repetindo histórias, emudecendo, consultando o relógio, a hora a chegar, mais um dia que passou. Por este andar vou apanhar um comboio e é bem possível que esse comboio desague numa praia limpa, de conchas recém-chegadas, ainda lavadas da maré.

Passei a tarde a ler e agora vou fazer arroz seco. Fico por ali entretido a ver a cebola a ganhar um pouco de cor e depois ponho a mesa, gosto de pôr a mesa, toda a ceia é a última ceia, amanhã será outra vez a última ceia e assim se compõem os dias, feitos de coisas últimas e de fins que precisam de começar outras coisas.

16

Desculpem, mas não é pessimismo, é *impessimismo*. Abundância de artigos, crónicas, críticas, ensaios de teor sociológico. Gritos encapados não saem à rua. Só as nuvens seguem o caminho dos ventos, coisas sem disciplina, caos amoroso próximo do etéreo, vinganças de Juno, tolerância de Júpiter, amores de Vénus e luz de Apolo ufano, sensível, escandaloso.

Nas ruas desertas caem folhas atrasadas e alguns motores roncam e remelam constipações futuristas. De vez em quando aparecem reuniões, parecemos descidos por cabos telefónicos, a suar as máscaras, a comprar a reforma numa ilha inundada de petróleo. O que vale são as mentiras dos ministros, ficam mais suaves os crimes, o que vale é a lentidão da justiça, fica mais longe a pena, fica mais perto a solidão, o medo, a janela fechada.

O que é preciso é calma. Eu sei que chegaste carregado. Vá lá. Pousa as compras, os sacos, as alheiras, a broa e verás que até ficas mais alto. Agora xixi, vai depressa, deixa lá o telemóvel. Próxima operação: abrir a garrafinha intitulada "Santa Vitória". Ainda fui à cozinha ver se a vitória levava cê, mas não, é um produto moderno, já não respiga nada que possa ter sobrevivido da batalha dos Atoleiros, valha-nos a Santa que sempre pode emprestar à vitória a sua "aérea formosura".

E agora, meu filho, tira os sapatos, ficas mais leve e mais alado com essas pantufas a fingir de boa lana caprina. Bem! Pãozinho integral do Albano, como um, como dois, bebo dois, bebo três e agora, quero dizer, daqui a pouco, vou entreter-me a passar o primeiro acto do "Macbeth", de Shakespeare, para os meus alunos de "Corpo e Performance. Deixo "o som e a fúria" para quando puder regressar ao palco.

17

Estava a dormir tão bem! Parecia uma anémoma. Não sei o que é que uma anémoma veio aqui fazer a esta hora, mas soou-me bem. Antes anémoma que nêspira.

Estas aragens manhosas que sopram desavindas por entre corredores e esquadrias são maleitosas, põem-me roufenho e então se lhes dá o Norte... Pudesse cair agora um chavinha de perpétuas roxas e aparecer-me o génio do bule a despejar uma fumegante canja de galinha!

Pus-me a fazer contas e cheguei à conclusão que, se tudo correr bem, daqui até ao fim da carreira só me falta corrigir 720 testes. Estou muito contente, quase feliz e estou convencido ou tenho a certeza que este horizonte contabilístico me vai pôr a cantar hossanas aos tempos que hão-de vir.

Não estou para grandes tiradas. Vou até ali e enquanto vou revejo a história do "nouveau roman". A páginas tantas, ainda me vou sentar no sofá e já estou a levantar voo para um sítio qualquer. O avião procura um sítio para aterrar, mas não está fácil. Provavelmente vamos descer numa ilha perdida.

Eu sei que me vou salvar, porque é da natureza de quem toma notas levar o ensejo até ao fim. Não me está a apetecer muito aquela trabalhadeira toda do Robinson Crusoe e muito menos aventurar-me numa história mais tempestuosa de Stevenson ou Poe. Bem, estava eu a sentar-me no sofá... Ainda sinto o queijinho galego a aconchegar-me a barriga, hoje foi só um copito, tenho os dois olhos abertos, mas agora descobri meia garrafinha de Cognac que devo ter trazido de França há mais de vinte anos. Que rico! Conhaquei um bocadinho e comeci estas notas.

Passei uma bela manhã. Comisquei ao pequeno-almoço, petisquei alguns textinhos e há pouco andava a imaginar a imensidão de coisas, vislumbres, impressões que desabam da aparente e compacta realidade. Olho a mantinha da serra da Estrela, peço-lhe que espere por Janeiro, mais um chichinho no calinhos, cloc, cloc e agora vou saborear uns textinhos de que estou a gostar muito. Podia ir ali ao lado. Temos uma excelente casa de natas no bairro, mas não me apetece calçar-me outra vez. Olha! Chocolatinho preto. É isso. Um quadradinho vai fazer bem a tudo. O cognac está com uma cor linda, parece ouro e cai que nem ginjas.

Fala Cavaco e eu não gosto, nunca gostei, aliás, embora haja quem aprecie a figura meio esfíngica, algo secreta, com ar de golpe de estado. É uma questão de pele. Por mais "aldrabices", malabarismos e propaladas ou reais traições ao devir histórico, não sinto o mesmo em relação a Soares nem a Marcelo.

18

Temos água no corpo, muita água felizmente e uma aguinha especial que se concentra no saco lacrimal. Essa água solta-se às vezes e nem sempre escorre por força do desgosto ou da dor. Ontem os meus alunos fizeram-me chorar, quando ouvi da sua voz jovem e justa a palavra carinho.

Gosto muito de si, Dona Ermelinda. Não é de agora, mas não vai há muito. Foi a semana passada. Olhei para si, vi-a tão alta, tão pousada, apeteceu-me tocar-lhe, vê-la bem ao perto, virá-la do avesso, como se

dançássemos um tango que bem podia não ser de Gardel. Era uma loucura de Astor Piazzolla e podia ser também o actor cego, Al Pacino dançando com a bela jovem.

Ai, Dona Ermelinda, chove na minha rua e dá sol no altar, olho-a assim parada, luminosa, à espera, com o seu ar altaneiro de quem anda de noite a sobrevoar a Arrábida e depois se estende ao sol nas terras de areia, inclinando o doce fruto para o castelo de Palmela, ouvindo com atenção o som dos búzios que andam perto, nos mares profundos, nos abismos do cabo Espichel.

É hoje, Dona Ermelinda. Tomo-a nos meus braços, levo-a ao colo, estou mortinho por chegar a casa e levantar-lhe docemente a rolha, ouvi-la cantar no meu copo e bebê-la como se estivesse a escrever e depois a dormir e depois não digo, seus malandros. O que é que estavam a pensar?

Dona Ermelinda, Reserva Tinto, 2018, um belo vinho, uma prova quase da existência de Deus, atendendo à bolsa, claro, que isto de Barca Velha não é para o povo em geral deste belo país de vinhos que se chama Portugal.

Ai, Dona Ermelinda, estou tão contentico! Não te importas que eu te trate por tia Ermelinda ou mesmo avó Ermelinda, pois não? Sabes o que é? Passei a tarde contigo, a engolipar-te e confesso, não leves a mal, se te escorpichei toda, todinha. A bem dizer, bebi-te a uma média de 10 decilitros por hora, o que perfaz a módica quantidade de 0.75 litros ao longo da tarde, o que não pode ser considerado pecado nem afronta às regras da Direcção-Geral de Saúde e muito menos à Constituição da República.

Boa noite, senhor guarda, senhor agente, digníssima autoridade, não, não, não bebi nada, quero dizer, bebi a modinho, aos golinhos, devagarinho, muito pacificamente, sempre a pensar em água, em saúde, em comportamento vertical, em bons desejos para Portugal.

Boa viagem, senhor cidadão, passe bem, fossem todos assim, ainda bem que vossa incelência conduz como ninguém. E lá vou eu. Há festa na aldeia, o céu é um luzeiro de coisas contentes, estrelas que voam à nossa frente e logo ali, sobre os choupos, a seguir às bombas de gasolina, descem tapetes persas que me trazem amigos do oriente.

19

Dormi a chuva que caía lá fora, muito agasalhado no meu leito e acordei a lembrar-me de cotovias. O embalo da noite traz-me lembranças e palavras que me chegam ao calhas, coisas voadoras que bem podem entrar por uma janela aberta. Agora estou a pensar numa palavrinha que a minha mãe usava muito nas conversas, quando queria referir-se a pessoas com comportamentos desengonçados, aquelas a quem a graça do Senhor virou os azimutes ao contrário. Ora a senhora minha mãe, e estou convencido que muitas das nossas mães, pronunciava na hora e tempo certos a palavra "chalado" para referir algum comportamento desconchavado. Coitado ou coitada, é um tanto chalado, o quer quer dizer meio tolo ou mesmo avariado dos cornos, se quisermos expor a delicada expressão às agruras mais realistas da escola da rua.

Uma outra expressão vem corroborar a primeira, embora o faça invertendo os sentidos ou procurando referir o lado direito com o lado esquerdo. Aparecem então os que não tomaram chá em pequeninos e que, por isso, não se sabem comportar. Cá estão os chalados! Aparentam excesso de chá, mas sofrem de míngua da saborosa bebida. Ah, maravilhas da língua! Os chalados, afinal, são inchalados, desachalados, faltou-lhes a "bebraxe" na altura certa.

A culpa é de uma portuguesa rainha que abandonou a pátria levando o tão necessário chá para as ilhas britânicas, embora não me conste que as maravilhas do Ceilão tenham suavizado ou temperado a multidão de súbditos de Sua Majestade.

Para Isabel Maria Mendes Ferreira

Chove como um nervoso miudinho. Apetecia-me tanto sair de casa, desaparecer para qualquer lado. Já sei! Aquela casinha de pedra, à entrada da floresta de Albergaria, no Gerês. Em frente à porta há um teixo e eu oiço ainda histórias de cavalos atraídos pelo fruto da árvore e que logo relinchavam num último estertor de veneno sagrado, Pégasos do Gerês que ainda hoje andam às voltas e que às vezes aparecem nas noites de insónia das terras baixas arrastando correntes. Passava assim a tarde em frente à lareira, ouvindo as horas sem relógio, saindo à porta a ouvir as árvores pasmadas ou levemente baloiçadas. Logo atrás as águas muito frescas e saltitantes e eu saltava de pedra

em pedra, como se filmasse uma cena bem disposta num filme de Herzog. Pobre chuva que caís e encharcas a terra e projectas o lodaçal. É fácil dizer que isso é a alma das coisas, uma certa natureza liquefeita desfazendo-se em memórias.

Agora apetecia-me desembarcar numa rua de Lisboa, numa leitaria antiga, longe destes sinos, deste vale, desta mesa cheia de objectos inocentes, de coisas que me distraem e me acompanham. Tenho tanto que fazer e apetece-me fechar os olhos ou esquecer-me disso. Adeus, chuva, adeus, tarde, o sono acordou, vais ter que ficar de pé, andar de um lado para o outro. Começo a ranger os dentes. Ontem andava tão bem disposto, os cabelos alisavam brancos mas bem dispostos e por pouco não me nasceram dentes novos, alvares, sorridentes, mas hoje, subitamente, fico fechado, eu e o mundo. Nem pensar em ligar a televisão!

Ontem, entrava no bairro à procura de um lugar para estacionar, como de costume. Olha ali! Já está, mesmo em frente ao Café Távora. Imagino sempre o rio, pequeno rio da aldeia, repentino, caudaloso e também desconhecido, esvaziado na função de título ou de cartaz. Ontem, no entanto, eu chegava um pouco comovido, os fusíveis em curto-circuito, a alma a querer fugir-me pela janela e eu sem meios de ir atrás dela. Logo ali à minha frente uma cena comovente. Não foi nada de especial. Era uma jovem mulher sentada no frio da esplanada e um movimento indecifrável em volta da mesa, talvez um remoinho, um fumo, alguém que entra e alguém que sai, uma fala distante e um recado e "eu vi a luz", lembrando, claro está, os versos de Pessanha e o café afinal era uma antiga leitaria do Bairro Alto, talvez chegasse o poeta a comprar um pãozinho da avó e a esconder nas costas voltadas um copo de absinto.

Eu vi um pequeno remoinho na mesa, no movimento da jovem, no colóquio de passagem. Era um génio que descia animado por vapores de ópio e eu a pensar que ainda ia almoçar e que aquilo não era nada, já passava, ia indo. Vou fechando o carro, carrego as tralhas, a tarde é longa e a noite será interrompida antes da hora por uma lei, por um bicho, por um spray.

Tem-me aparecido de forma recorrente nestes últimos dias a imagem de um automóvel parado no alto, com os faróis acesos. Estarei a vê-lo do lado

de cá e é por isso que as luzes me encandeiam. Supõe-se naturalmente que é de noite, embora não seja muito claro para mim o lugar exacto da aparição. Julgo ter adoptado esta imagem há muitos anos, aquando da leitura de um romance de José Cardoso Pires. Era "O Anjo Ancorado", lembro-me bem. Pode também acontecer que a recorrência da imagem se explique pelo facto de eu viver num vale a escassos quilómetros de uma plataforma suficientemente elevada para fazer aparecer nela um carro, com os faróis acesos.

Inúmeras imagens semelhantes percorrem o cinema e julgo até que nos arredores de Los Angeles é possível estacionar a meia altura olhando o luzeiro da cidade. Nas inúmeras viagens que me levaram a Clermont-Ferrand, o primeiro sinal de aproximação à cidade acontecia no momento em que chegava ao sopé do Puy de Dôme e pouco depois, no planalto, o condutor do automóvel de olhos acesos olhava a planície da Limagne. Atrás do automóvel a estrada e a viagem, por vezes uma longa noite, inúmeras peripécias, episódios mais ou menos acordados àquela hora. Para a frente, olhando as luzes do vale, uma outra coisa de natureza totalmente desconhecida.

Podia ser um romance, podia e também pode não ser nada ou então um deixar apenas escorregar o automóvel por aquela altura até chegar a casa, no meio das luzes ou no meio de nada. Não têm grande interesse o assunto nem os motivos, mas é melhor falar deles, a ver se o carro desaparece ou se, pelo menos, em chegando a esse alto lugar de belas vistas, o condutor não se esquece de desligar os faróis.

"JANELA INDISCRETA Crónicas da Emergência", de Isabel Cristina Mateus

A escrita das belas coisas literárias bem pode ter origem num lugar ou em vários lugares. Depende da vida de quem escreve. A literatura, por princípio, não tem pátria, pois nasce de signos errantes, que tocam o coração do mundo e desejam cantá-lo. A palavra literária acontece no imo de uma orquestração que se destina a inventar o universo no lugar onde se está. A janela do escritor é esse lugar com vista para a paisagem mínima ou imóvel, lugar também do trânsito costumeiro, do que toma ares de partida ao encontro de outras janelas, fluxo, devires.

O livro vive suspenso, em vigília, ao longo de 45 textos a que a autora entende chamar crônicas. Para bem cumprir o desígnio é necessária a insônia, a atenção ao mínimo movimento ou perturbação. O cronista vive uma grande agitação e o seu particular estado febril, a tensão do felino, são princípios do seu manual de sobrevivência. Além da vida que acontece e para lá do que se esquece, há uma sobrevida, como se as vozes do coro se ouvissem ou prometessem, aparecidas de imprevisto, nascidas de lugar improvável. O cronista vive uma atenção muito especial, uma atenção que é uma fonte e sabe que faz parte do coração desse pequeno povo de figuras, personagens, cromos e castiços que aparecem às janelas e se expõem nas varandas, desses quase fantasmas que entram numa loja do bairro, gente, casos, figuras por vezes ensombreadas, que precisam de ser inventadas. O cronista escreve sujeito a leis, impedimentos, clausura, no entanto viaja entre a dádiva do acaso e o esplendor da criação. Nota as minudências e lembra os grandes autores que se agitam na biblioteca. As crônicas viajam como um diário, contidas, por vezes exasperadas, obrigatórias.

A autora da "Janela Indiscreta" vive no movimento da luz e na passagem do tempo, como um fluxo, um falcão escondido pela nuvem, o olho mecânico da câmara, a lição de história e a notação das coisas. Coisas singelas, por vezes, casos de vida, metonímias que saltam de uma fugaz passagem na rua e se revelam no pensamento sociológico ou nas reflexões do filósofo. Ao longo de quase 200 páginas vamos poder conviver com essa gente nascida na magia da observação e no tesouro da cumplicidade. Minhas senhoras e meus senhores, convosco "o homem dos bíceps, o comandante Tenório, a coronela, a professora sexy, a mulher dos cabelos de nuvem, Dupont e Duponda", todos sujeitos a uma improvável absolvição, sob as garras invisíveis de um ente morto, que a todos reúne e a todos separa. Será bicho, alimária ou excrescência do demônio, que precisa de se alimentar de nós para se multiplicar.

Livro de histórias, de análise, de reflexão e delírio, deambulação também. Livro de resistência, enfim, porque a matéria do mundo recolhida no sangue e na respiração muda-se em lança e vector, força anímica, grito, esperança. Essa lenta, bela e solitária ondulação que vamos descobrir no fim do livro, ao "fechar da janela", passando as margens de Esposende, o grande mar de todos os princípios, viagens e destinos. A água, muita água e infinito, aves, marulhar e signos da renovação.

Da violência de alguns entrevistadores

Tenho lido nos últimos tempos agradáveis e salutares considerações transmitidas por alguns amigos sobre o indizível e pornográfico comportamento de alguns entrevistadores, que aparecem nos ecrãs com ar de ostra venenosa e de Velha comedora de nêsperas e que se têm atrevido a fazer uso e abuso do lugar que ocupam para admoestar, dar lições, discursar como se fossem salazares do microfone, tratando os entrevistados como ralé, imbecis, iletrados, incompetentes, pobres de pedir, judeus expulsos, cristos açoitados do alto da sua gólgota desfaçatez. Venho por este meio solidarizar-me com todos aqueles que têm manifestado desejo de os desancar ou de lhes assentar um poderoso bofardo que os fizesse engolir a pesporrência juntamente com o microfone e a caixinha da maquilhagem.

Ontem à noite apeteceu-me sonhar com um desses momentos heróicos. O entrevistado passado dos carretos, levantado do lugar por um ímpeto à Bud Spencer, sacando do pau de marmeleiro e ameaçando trincar uma orelha ao entrevistador, distorcendo-lhe ainda o nariz e deixando-o a abanar dos dentes. Na despedida, o glorioso entrevistado levantaria o dedo e ainda lhe diria, por agora ficamos assim, mas da próxima levás mais. Põe-te quedo e faz-te fino, que se te apanho lá fora vais ver o que é bom para a tosse.

Para o Amadeu Santos

Correm de Sul as nuvens de Dezembro. Algumas devem estar a chover no Porto. Vêm cinzentas e ligeiras, trazem cântaros de água. Vá-se lá saber onde vão despejá-los. Mais em cima, cobrindo o largo céu da altura dos aviões, há outras mais claras, parecem tapetes, fazem de tela ou superfície. Cá em baixo florescem os aloés. Reparo em cinco hastes levantadas, com aspecto de lavadores de garrafas, não fora a florzinha cor de laranja a dar um ar da sua graça ao jardim ensombrecido. Felizmente acabei os trabalhos de casa e agora já posso dar-me por feliz. Lembro-me então das criqueirices que animaram o santo dia.

Acordei cedo, mesmo antes das galinhas e aqueci um pouco de pão. Era uma bola grande que a Alexandra tinha finalmente conseguido encontrar numa padaria recente para os lados do mercado. É denso, fofo, pesado e rescende um cheirinho a trigo e levedura, coisa bíblica, por certo. Aqueci uma fatia na torradeira de alumínio. Elas duram poucos meses, mas era o que havia antigamente e ainda as podemos encontrar nas lojas de ferragens ou naqueles armazéns maravilhosos onde há de tudo um pouco, sabonetes, palha de aço, águas de colónia, fósforos, panelas, cuecas e lenços de seda. Creio que os chineses também as vendem, com aquela sua maneira oriental de sorrir e abanar a cabeça a tudo quanto é coisa que o povo gosta.

Tive a sorte, pela hora do almoço, de provar um vinhinho nascido das uvas da Ravasqueira, em terras de Arraiolos. A garrafinha veste um bonito rótulo, onde se desenha um mocho galego. De acordo com a literatura báquica, como diz o Amadeu Santos, o bichinho, conhecido na zoologia por "Athene noctua", vai pairando sobre as vinhas e também se esconde à luz do dia, entre ruínas e pedras amontoadas. Estas coisas fazem bem ao coração. É por isso que eu sinto, às vezes, curiosas pendulações nas aurículas e nos ventrículos.

21

Para o Leonel Rosa

Gosto muito de queijo. Desde pequenino. Nessa altura, costumava ir à Queijaria, mesmo ao lado de casa. O Senhor Dias lá estava atrás do balcão, ainda jovem, sempre solícito e competente, medindo e pesando, abrindo os cartuchinhos, embrulhando doces e salgados, deixando crescer a barriga. A primitiva queijaria tinha o seu quê de leitaria alfacinha e foi crescendo aos poucos. Havia de surgir uma pequena cozinha e um espaço "comedor" e quando o negócio floresceu deu-se o milagre das obras, que viraram o balcão ao contrário e a velha Queijaria havia de tornar-se um misto de snack e pastelaria, cheia de luzeiros e madeiras envernizadas, que lhe emprestavam um clima um pouco mais mediterrânico, mas lhe tiravam o charme dos tempos anteriores às mudanças climáticas.

Eu ia lá muitas vezes aos recados comprar umas coisitas a granel. Umhas gramitas de bolacha Maria, umhas tantas fatias de fiambre muito fininho e às vezes um quarto minguante de queijo tipo limiano, que em boa verdade era coisa inspirada nos pastos e indústrias do país dos moinhos e tulipas. Queijo da Serra nem vê-lo, que as tetas das bordaleiras pingavam moedas de ouro.

Quando fui viver para França, mergulhei em profundidade no mundo dos queijos. Aquilo agora era a sério. Comia-se queijo por dá cá aquela palha e nos primeiros anos fiquei muito amigado com o maravilhoso Saint-Néctaire, que cheguei a procurar no meio da palha, nas altas queijarias da Auvergne. Apreciava também o Cantal, sobretudo o Cantal velho, uma espécie que lembrava o queijo de São Jorge e que se dava muito bem com o pão e com o vinho tinto. Em Paris, havia queijarias famosas, com ar de salões de Saint Petersburgo, espaços luminosos que vendiam queijos como se fossem pérolas, joelharias do cardo e do leite que, em certa época do ano, anunciavam dias de festa. Lembro-me bem, algures pela Primavera, da chegada do Vacherin. Era o Beaujolais dos queijos, todinho feito de vaca, cremoso, com um toque bárbaro nos sabores, muito dado a barrar o pão, quase sensual no modo como de dirigia às papilas e regalava os canais até se esparramar no estômago, indo depois besuntar os longos intestinos que desse modo se tornavam escorregadios e doces deslizando pelos etéreos caminhos dos mugidos gauleses.

Depois havia uns objectos mais experimentais, que muito gente adorava, mas que me punham em estado de alerta. Não sei como se chamava aquele queijo povoado de larvas, as quais bebericavam minuciosamente os soros e que era necessário mastigar ao som do crac, crac, mas essa melodia já não era para mim. No tempo em que eu ia à Queijaria comprar aquele cisquinho de queijo batata, dizia-se lá em casa que o queijo fazia mal. Não era bem assim. O queijo embrutecia, dizia o meu pai. Eram tempos de mímica e havia que adequar os modos da linguagem aos bolsos vazios.

Querido Menino Jesus, eu não Te queria incomodar neste dia solstício. Ainda nem são seis horas e já o sol se pôs, quero dizer, desandou, foi-se a iluminar a outra banda.

Tu és lindo e pequenino, mas já tens um grande coração e por isso também é grande a esperança, pois estou certo de que ouvirás a minha prece. Não Te quero maçar nem dar muito trabalho e muito menos obrigar-Te a

fazer a mínima despesa, pois sei bem que muitos há que bem precisam de receber prendinhas em modo de bolinhos, bolachinhas, bifinhos e coisinhas boas com calorias, proteínas e essas riquezas vívidas que põem o esqueleto a andar nos eixos. Sabes o que é que é, meu querido Menino Jesus? É que eu recebo tantos mails, mesmo tantos, às carradas, tempestades de mails sempre a chegar, sempre a pingar. É mails de tudo e para tudo. Ele é anúncios, pedidos, inquéritos, convocatórias, concursos, notícias, abaixos-assinados, só não me chegam cartas de amor, bilhetes para viagens e convites para descansar ou mesmo uma história engraçada, coisa fina de fazer rir e não daquelas badalhoquices que põem o Senhor Vilhena a rezar o terço. Se Tu pudesses mandá-los dar uma volta ao bilhar grande, oferecer ao reino dos electrões um belo e mágico caixote do lixo que os sorvesse na hora de partida, eu ficava-Te tão agradecido! Meu querido, Menino Jesus! Acredita que estou a sofrer muito. Cai-me dos dedos a pele, nascem-me calos e rugosidades, prometem-se-me entorses, carpos, osteoporoses, reumatismos, tendinites caimbras, artroses, hérnias e desconfio também que panarícios. Obrigado, obrigado, eu sei que tudo farás para desmailizar este pobre e mascarado mundo que tão necessitado anda de se encontrar de viva voz.

Eu acho que o país precisa de saber o que se passou na Herdade da "Torre Bela". As autoridades democráticas, nomeadamente o Presidente da República, o Governo e a Assembleia da República deviam pronunciar-se. Podemos estar confrontados com um crime gravíssimo contra a vida animal ou então não, a caçada de centenas de animais encostados aos muros da propriedade, como numa partida de fuzilados, já estava prevista, pois faz parte de um grande empreendimento de interesse público e era necessário fazer entrar as máquinas e arrancar as árvores. Oxalá seja de interesse público!

22

Chego aqui sem ter que fazer, de mãos vazias, por assim dizer. O dia, no entanto, foi bastante ocupado. Logo de manhã soube que não estava frio e lá fui eu. Onde é que estará o meu carro? Dou a volta ao bairro, como se desse a volta à vida e lá estava ele, o meu velho Audi de 96, muito bem

estacionado em frente ao tanque da antiga Fonte da Avenida. A fonte foi-se, escaqueirada, e o maciço tanque de pedra foi parar a esta praceta de Lamações. Não tem água, não tem nada, mas fica ali bem. Parece um bocadinho de área libertada, espaço vazio, com ar de quem pergunta aos passantes, que estou aqui a fazer? Não sabes? Nem eu.

Passo um bocadinho adiante para não falar de tristezas. Não, não são assuntos urbanísticos, são coisas da dor humana, é ficarmos a olhar, a ouvir ou a sorrir, mas não poderemos fazer nada. Bela tarde, entretanto, a ver teatro. Ensaiei também um bocadinho e agora estou em casa, com o pensamento a obrigar-me a andar às arrecuas. Não tenhas medo, fala daquele tempo em que eras feliz com tão pouco. Às vezes era só um textinho lido na aula de Português e eu trazia no bolso um carinho, uma lembrança suave de ritmo e talvez melodia. Belas frases que me ficaram de autores hoje esquecidos.

À porta da Herdade, para memória futura, o sangue ainda quente da matança. Jazem na terra inocente os corpos abatidos dos corços, veados e javalis. Sinto horror e tenho vergonha. Quem foram esses imbecis que se atreveram a uma tal vileza? Com ordem de quem? Mataram animais à má fila, a monte, comandados por alguma ordem, ímpeto ou demónio, não sei. Observo, para ficar ainda mais indisposto, um casal meio abraçado ombro a ombro, sorrindo para a câmara, indiferente à matança e ao estendal de cadáveres que veio manchar para sempre a história da Torre Bela. Eu sei que há fome no meu país e mil e um problemas e dificuldades assaltam o dia a dia, o difícil viver de muitos portugueses. Isso não justifica nem suaviza e não perdoa esta vileza. Espero bem que as autoridades portuguesas mostrem tê-los no sítio e saibam fazer justiça. Isto foi um grave insulto ao povo português. Outros houve, outros haverá. Neste caso o escândalo é demasiado gritante. Não pretendo fazer comparações. Há muitos casos por resolver, a começar pelo horror perpetrado recentemente por senhores do SEF. A dimensão desta carnificina obriga-nos a pensar e a tomar medidas. Se nada for feito, deixaremos de ser um país decente.

23

Lembrando o crime da Torre Bela, trago o comentário do meu amigo Ruben Silva:

"Indiferença à matança e ao estendal de cadáveres' é a descrição perfeita. E vão estar eles na ceia de Natal com as crianças, cheios de coisas bonitas, vão à missa do galo e afins (...). E a blasfêmia são os outros...Sem palavras para tamanha chacina. Que tenham um santo Natal a arrotar a podre!"

Sento-me um pouco na esplanada do Vianna. As vozes dos convivas deixam ver quem passa. Parecem suspensos, passos mudos e lentos. Agora o sino e um pouco de bruma, parece, mas é o fumo da caruma, boas castanhas assadas... Consoadas.

Tio Quim

É o meu tio mais novo, mais novo do que eu e nem é bem meu tio, é tio por afinidade da minha senhora, mas eu sempre o tratei assim e hei-de continuar. Conhecemo-nos há muitos anos, embora eu não seja testemunha de tempos mais remotos passados em Anais, tempo da fome, quando se esgravatava a terra e os ares e se subiam paredes por um pouco de pão. O Tio Quim também foi um menino, um desses "filhos dos homens que nunca foram meninos" e um dia partiu para "longes terras", a França dos sonhos e do trabalho, a França das obras e dos duros ofícios da construção, terra da esperança, onde se engalanavam bandeiras e couves galegas nos telhados dos bidonvilles. Naquela altura viajava-se com os bolsos cheios de coragem, uma mão atrás e outra à frente e o Tio Quim já era pai, muito jovem, quase criança. Trabalhou, trabalhou muito e quando o conheci, sabendo embora dessa longa história de dificuldades e provações, o Tio Quim pôs-me a rir. Ofereci-lhe o meu primeiro livro de poemas, um quase nada de versos a sombrear o rodapé, meio dístico, um quarto de haiku, sei lá. Era na altura em que eu ia revendo os textos e deitava quase tudo fora e depois sobrava uma coisica meio poética no fim da página. O Tio Quim ria-se com gargalhadas altíssimas, risos sérios e profundos que atravessavam a floresta de Fontainebleau e acabavam de rir nos poentes mágicos dos Castelos do Loire. Ó, Zé Miguel, eu pus-me a ler

o teu livro e ainda não tinha encostado a cabeça e já tinha chegado ao fim e depois brincava por causa dos meus contratos poéticos com a Portucel, tanto papel branco, tanto gasto de eucalipto para depois fazer aninhar uma sentença ao fim da página. Ainda hoje me rio, quando me lembro e quando o encontro, porque ele tem um sentido de humor único, espelho de uma inteligência brilhante e de um grande coração. O Tio Quim sempre deu bom tempo. Leva as coisas a sério, pensa nos outros, nos que trabalham com ele, vela como um anjo do presépio sobre o bem estar dos seus, dorme o sono dos justos e levanta-se com o sol para saudar os dias e respirar "a terra da alegria". O Tio Quim foi adoptado por muitos dos amigos. Tornou-se popular, porque todos se lembram do seu modo meio encantado, meio galhofeiro de se dar à conversa, de se sentar à mesa e de aproveitar as oportunidades para rir em profundidade, agitando a reunião, oferecendo o bem estar das gargalhadas. Penso no Tio Quim e lembro também aquelas figuras extraordinárias da Praia da Vitória, na Ilha Terceira. Os heróis de Vitorino Nemésio, o velho pescador que tanto lhe ensinou, as gentes sem estudos e, no entanto, senhores de grande cultura e sabedoria. Assim é o Tio Quim. Um dos homens mais inteligentes que conheço.

Oiço dizer, a propósito do "Crime da Torre Bela", que ali é propriedade privada, como quem diz, não podemos fazer nada, há outros interesses, muitos interesses e a central "fotovulcânica" é imprescindível, mesmo ali, onde existem árvores e antigas histórias que só as florestas conhecem e os seus habitantes. De repente, veio uma coisa do outro mundo, como se o sol se preparasse para invadir a terra em modo maior, a eliminação das águas, a emergência do deserto, com as suas cobras e escorpiões. E entra em cena o negócio, o contracto e um quase verso solto da "Invenção do Amor", de Daniel Filipe, uma denúncia. Precisamos de matar aquela zona para passar a alimentar não sei quantos intermediários, diz o vampiro. Gostava de saber se somos um país livre ou um país ocupado, perguntamos nós. É claro que não estou a falar em nome de ninguém.

Podia ter ido ao Centro. A cidade deve estar bonita com as concentrações para a Ceia, as últimas compras, algum histerismo, o Bananeiro deve estar calmo, mas eu confesso que não me apetece nada beber Moscatel refrescado e ainda por cima uma banana. Assim sendo, evitei a volta turística, mas fui buscar os olhinhos de couve para o cozido e para a roupa velha. Chiam um bocadinho, pareceu-me. Trouxe-os o meu irmão Paulo de Vila Verde, ainda há muito campo por lá e céu largo, estrelas frias e pode a terra cobrir-se de geada sem ter que pagar imposto.

Depois fui com a minha mãe buscar os mexidos à minha irmã Nuca. Tem mão para eles. Interpretou bem a receita que já vinha das tias e avós de Guimarães, chamam-lhe mexidos ricos por causa da cor, gemas estonteadas com o vinho do Porto, amêndoa, uvas passas, corintos, um pouco de mel, o miolinho de pão, bravos cacetes da Panibral. Ficam melhores com o tempo, se lhes passa a mão do frio. Para quem gostar, aquilo vai bem com um portinho ou com jeropiga. Eu prefiro um tintinho a acompanhar. Faz-me bem a tudo. Ao reumático, às constipações, aos humores e às digestões.

Mais logo, ao cair do crepúsculo, acendemos a lareira e ficamos para ali a olhar, um tempinho, um sossego, parece que estamos a sonhar.

Creio ter lido há anos uma entrevista de Marguerite Yourcenar que, entre muitas considerações interessantes, lembrava algumas configurações do presépio e especulava um pouco sobre a maravilha. A relação entre humanos e animais, o aproveitamento dos materiais, a ecologia, enfim, trazida no rasto da estrela, olhada com amoroso entendimento pelo anjo do Natal.

A história é uma das mais belas. Está lá tudo. Personagens, tempo, acção e espaço. Narrador, sintaxe e movimento, desconcerto, espaço aberto, frases que se levantam como o vento a soprar as areias. O casal em fuga atravessando o deserto. A jovem Maria muito grávida, levada em paz pelo burrinho, José, mais velho e prudente, segurando o cajado e julgando os sinais da noite. Hão-de chegar a Belém, fugidos da ameaça, protegidos dos assassinos e naquele lugar extraordinário, uma abertura no espaço-tempo, uma cova, um lar, há-de nascer a criança que se chamará Jesus.

A história é muito bonita. Foi e será uma das histórias mais belas e eu não tenho vergonha de me deixar encantar pelo presépio e pelo Menino, tão querido, assim protegido por um anjo, em volta dos animais e do seu calor, sob a luz da estrela que seguia vigilante os caminhos do deserto e o povo, cantadoras, bailadeiras, zagais e pastores, descendo as colinas, trazendo água e cânticos.

Hoje vou fazer o molhinho no prato. Azeitinho de Foz Coa, vinagrinho tinto do meu, daquele que a gente vai a cheirar a até vê estrelas a entrar pelas fossas nasais e depois o alho muito partidinho, a pimentinha preta e toca a dar ao garfo como se estivesse a fazer omeletas. O molho fervido com cebolinha também é bom, coisa antiga, mas eu gosto assim dele fresquinho, feito ali a bater no prato. Que riqueza! É claro que não convém abusar do vinagre. É daquele mesmo à antiga portuguesa, até põe os ossos a fumegar. Vou acrescentando bocadinhos de pão e broa ao garrafão, a mãe do vinagre parece uma rodilha com ar de bicha solitária e às vezes acrescento ao preparado um pouco de água fervida e ele fica ali às voltas a aziomar.

25

Há o silêncio e há o silêncio dentro do silêncio e aí a escuta. Será o pulsar íntimo de um corpo e uma espécie de linha contínua, pode ser o acorde de um violoncelo ou mais jovem ainda o acordar dos violinos. Meu caro amigo, com este sossego, ainda podes ouvir as centopeias.

Manhã de sol, os prédios lavados pela consoada, o raro trânsito sugere restos de conversa em cima de um murinho, seguindo como patinhas finas uma estrada inocente, que pode levar ao Cruzeiro, aos quatro caminhos que seguem cada um a sua eternidade. Agora a manhã cresceu e já se nota algum reboição. Ainda assim, o povo levanta-se e passeia com ar de quem se sente a esmoer a bebedeira do Perú, os últimos restinhos do bacalhau metido no azeite, a roupa velha, que pode bem ser um assunto de filigrana, tal é a sua delicadeza. Há quem meta tudo para o tacho e seja o que Deus quiser.

Não! A roupa velha precisa de cuidados e delicadeza. Primeiro o alho e o azeite e sem deixar queimar vamos metendo o bacalhau. Deixá-lo andar

ali às voltas, a banhar-se daquele óleo divino, a abraçar os alhos e a cantar, o bacalhau quer alho, o bacalhau quer alho e depois lá vamos acrescentando os outros restos... cebola, cenoura, ovo, batata e, no nosso caso, bastante couve galega. Sempre a mexer, sempre a mexer. Fica bem uma pitadinha de pimenta preta e no fim um golinho de vinagre, tapo o tacho, desligo e façam o favor de comer tudo, que lhes saiba muito bem, pois claro.

Nos últimos anos, passámos a noite do dia 25 em Vila do Conde, em casa do meu irmão Luís. Somos muitos, quase trinta, uma multidão de vozes, entre graúdos, alguns menos jovens e a malta nova, que é a maioria. Muitos sobrinhos, muitos e há de tudo, poetas, cantores, guarda-redes e agora temos um Ai, Jesus, a netinha, a sobrinha-neta Maria, tão linda bisneta!

O costume é fazermos roupa-velha e manter a tradição dos homens na cozinha. As senhoras só lá vão espreitar por causa das saudades ou para bebericar um branquinho fresquinho. São muitas mãos e braços robustos a tratar da divina refeição. Naquele tachão enorme, toca a mexer e a mexer os restos do cozido chegados de todas as famílias. A empresa exige esforço, persistência, ritmo e músculo. Felizmente temos nove ou dez rapazes caseiros, cheios de força e de guelra e a roupinha velha lá vai ganhando forma de volta em volta. A única polémica costuma ter origem nas quantidades de pimenta e de vinagre a acrescentar à fatiota. Vai um, bota um bocadinho, vai outro, pimba e se alguém apanha o tacho distraído é bem capaz de chingar lá para dentro mais uns respigos de metonímia da Índia e daquele atómico vinagre da destilaria familiar.

Há sempre uma dietinha para os chamados "fedorentos", quer-se dizer, os que não apreciam e lá vem para eles e para todos o tachão de arroz de vitela do Tio Luís que até põe as luzinhas do presépio a tremeluzir e a vaquinha e o burrinho muito orgulhosos da ementa. Depois é uma festa. Uns cantam, outros gritam, outros ressonam, segue-se o delírio das prendas que parece um daqueles programas da TV e lá vimos embora, noite fria, olhando o céu e "uma estrela que lá mora".

Para quem sai do buraco do Parque, cá fora é dia de festa. Filas à porta das lojas, ar de seca, esplanadas ao sol no Vianna e no dito Astória, que para mim já não é Astória há muito e este que se apresenta pouco caso fez da história. Braga encasacada a apanhar sol e a digerir o peru. Parece um excerto da Inglaterra a bronzear e a Avenida com ar de meio bosque, só faltam os bebedores de cerveja, o amontoado de canecas nas mesas pegajosas e então já estaríamos mais na Europa ou então a jogar ao Brexit, assim estamos aqui e bibó belho.

Olha, que giro, passa um bebé a conduzir um belo Ferrari a pilhas e esta música a sobrevoar as Arcadas, vozes de patas chocas, o pessoal continua a passar e a abanar os sacos, o sol vai indo para a rua do Castelo, os veraneantes congelaram, estão agora a brincar às selfies, narizes esvanecidos em etéreas estalagmites, ninguém se atreve a tirar macacos. Hoje a cidade só fecha às três. Calma, pessoal. Enquanto faço tempo, vou sentindo o pratinho de mexidos que comi antes de sair. Fiquei alimentado até depois da uma. É como se tivesse comido duas omeletas com ovo a cavalo. Não tive foi tempo de beber um copito. Estou cum secão! Tem calma. Não bebas nada. Quando chegares a casa, tens lá um bocadinho da Tia Ermelinda que sobrou ontem do jantar. Bebes como se estivesses a cantar para dentro.

Costumo ler em silêncio o mal que os livros me trazem. São andamentos, coisas que se levantam, linhas de carne ou apenas restos, ressonâncias. Em geral deixo-me levar ou ficar, como se houvesse uma sagração no lugar, o ponto na página, o *locus* da representação, as figuras na hora da morte e, afinal, pode não ter sido nada disso. Hoje não me lembro, são coisas que aconteceram há muito e que me deixaram no estado em que estou. Estou vivo, sim, não tenho propriamente aspecto de fantasma, não trago elegias remelentas a colar-me as pestanas, mas sei bem que esses dias tiveram existência e que eu fui apanhado no meio de algumas tempestades. Vociferações de palavras, que vieram acompanhar fenómenos atmosféricos que se fecharam dentro do livro. Cheguei a tempo de impedir a tempestade e o livro perdeu-se. Devo tê-lo guardado na biblioteca e seria preciso ter muito sorte ou muito azar para voltar a encontrá-lo.

É mais do que um livro, para dizer a verdade, mas não tenho assistido, durante a noite, a movimentos suspeitos. É provável que o facto de me deitar cedo me tenha impedido, nos últimos tempos, de assistir a manifestações poderosas da leitura. Não me lembro onde estava, mas talvez eu tenha procurado uma grande laje e perto havia um renque de salgueiros e um lago que ninguém gostava de visitar, escuro, cheio de limos, folhas, pedaços de madeira. Era um lago sem vento e os salgueiros pareciam bocas desdentadas. Não sei porque digo isto. Não se trata de uma história de terror e o livro vive perdido há muito. Não sei dele. Felizmente vieram outros, estão sempre a chegar.

Costumo olhar os mochos na minha estante, mas eles andam serenos, ainda agora, apesar dos livros escondidos e daqueles que se perderam. Hoje à tarde pousei no colo um desses exemplares raríssimos, mas desta vez não o vou perder. Se eu estivesse no deserto da Líbia, junto à margem do Zaire e visse a silhueta do demónio, já não teria medo. Foi um conto de Poe que passou. Apenas isso. Consegui fugir no momento em que o diabo se perdeu no discurso. Eram palavras a mais e eu já sabia que o enxofre ia cair à tardinha e que os céus ficariam violetas e haveria amarelos nunca vistos a saltar como espigões atrás das rochas e silvos de animais escondidos a acumular venenos, páginas de venenos, arredores, viagens dentro da escuridão até acordar no fim da história.

Até agora fui chegando vivo, desembarco em terras agradáveis, portos soprados a vento, com o cheiro do peixe a levantar-se e gente fresca a espreitar com curiosidade. Costumo sentar-me um pouco, com ar de quem quer começar um capítulo. Ontem à noite foi difícil. Isto já dura há muito, acontece de noite, mas não sei exactamente onde e depois ando normalmente, ninguém desconfia, tenho este ar calmo de fotógrafo a andar de trotinete. A grande vantagem dos livros é poderem esconder profundidades, lugares de difícil acesso, que nem sempre vivem na mesma página ou se dizem da mesma maneira.

Revejo há pouco Rudolf Nureyev, mas resolvi deixar para amanhã o documentário. A sua arte de corpo a perder pensamentos e a levantar desenhos... Entretanto procuro o filme dedicado a Maria Callas. Quero ouvi-la cantar, mas também quero olhar para ela e ouvir a sua voz em casa e aquele

grande sorriso que lhe nascia dos olhos. Gostei de a ouvir dizer coisas normais. Tinha tão pouco tempo para fazer de intelectual!

27

Não faço ideia por onde andei a dormir, mas o certo é que a noite foi longa e bem ressonada. Acordo fresquinho dos ímpetos, levado pelo cheirinho do pão torrado, cafezinho e vamos lá ver então o que se passa.

Céu carregado, cinzentão, muito parado do frio. Passa o meu vizinho de ar hercúleo, sweat pegada ao lombo, máscara bem afivelada e eu cá dentro todo encasacado. Mais coisa menos coisa tomo outro café e talvez comece a acalmar. Quando saí da cama, achei-me muito acordado, pronto a ouvir as coisas que tinham sobrado, uma ou outra lembrança, frases entremeadas, histórias suspensas, alguma surpresa que viesse enquanto abria as janelas, mas parece que tudo isso se foi.

Meu caro, mantém-te sereno. Não te ponhas praí a despejar o que te vem à cabeça. Um estudo mais circunstanciado chama-me a atenção para as mãos. Frias como cepos, os pés melhoraram com as meias de lã, o nariz, coitado, está a sofrer da ponta e depois vêm aquelas tremeduras friorentas a escalar os nozinhos da coluna. Só eu e o meu vizinho de há pouco! A esta hora deve estar a tomar o banho santo na Apúlia ou pelo menos a subir às árvores do Picoto e a ensaiar gritos de guerra, imaginando corações feridos nas rodinhas do bafo.

Não há sossego, a bicheza espreita com cuidado os troncos furados, as luras e cá em baixo, nas minas, aranhaços de água doce vão afiando as patinhas. Quando acordo assim, cheio de parágrafos ambulantes, não é costume escrever grande coisa. Preciso de acalmar, deixar cair a alma dos recantos. Aqui, no meu escritório, está a encher uma espécie de anticiclone. O tempo está bom para a navegação.

Está na hora de içar a bandeira. Sirah, Castelão, Touriga Nacional, atenção! Mexidos ao prato. Ah, seu lambão! É bem verdade, já lambo os beiços, já me regalo com as três castas a escorregar. Mais logo vou fazer uma sopinha d'olhos. É das mais simples e apropriadas ao dealbar do solstício.

Batatinha, cebolinha e alho e não lhe ponho mais nada. Passamos-lhe a mágica varinha e depois botamos as couves. Convém que ela fique grossinha, sem tomar aqueles ares de basalto a derreter. Chimpe-se-lhe um fiinho de azeite cru e é mexer um pouco antes de comer. Vão ver, vão ver... Eu nem falei do sal, mas para quem vive em Portugal, isso é coisa natural. Ah, já me esquecia. Bote-se um bocadinho de broa, sabe muito bem esfarelar o miolo e se alguém quiser acrescentar requinte a esta sopinha tão parola, pois que lhe coma os olhos de faca e garfo.

Olho para os livros na biblioteca, serenos, pousados e reparo como se dão bem. Aqui não há guerras. Se há grandes livros, pequenos, livrinhos, calhamaços, claro que há. Eles precisam tanto uns dos outros! Os grandes poetas precisam dos pequenos, dos incautos e juvenis versejadores, os que andaram na salinha da escola à cata das rimas e descobriram que amor e flor se irmanavam, apesar da dor. Centenas de versos depois, escaladas as grandes montanhas da expressão, conhecidos os meandros da prosódia e queimados os olhos na geometria das artes poéticas, nasceu um belo e grande verso, um daqueles que fica a cantar para todo o sempre, lembrado nas aulas, conferências, feiras e romarias.

Durante muitos anos, nunca pensei que o mundo se dividisse de forma tão abismal entre a maioria de pacóvios e a elite de alguns poucos que punham as musas com ataques epiléticos. Vivi realmente à margem da tourada e do circo, embora soubesse distinguir muito bem um verso de Camões de algum arremedo posto em frase pelo Zé da Coxa, por muito mérito que tivesse.

Um dia mais tarde conheci o meio literário da minha rua, depois o do meu bairro e nem foi preciso sair das muralhas para me aperceber que a guerra tomava proporções inauditas. Este é que era bom, aquele nem pensar, aquela é uma besuntada das cadências, este é um atrasado prosopopeico e aquele um descabelado que nem serve para tocar flauta de "Vizela". Fiquei um bocadinho traumatizado nessa altura, a minha sorte era ser distraído. Depois foi só andar atento por esse mundo escandaloso, feito de clubes, de salões, de partidos e de guerras civis mais ou menos consentidas, apetecidas, com as goelas escancaradas de críticos, professores, especialistas e recitadores. A sorte é que vivemos num país de poetas e como os poetas vivem algum

tempo a graça dos encantamentos, o país lá vai andando, entre prémios e torpedos, invejas e salamaleques.

Tanta treta para quê?, diz-me o duendezinho barbudo que toma conta do escritório. Nunca lhe chamo o mesmo nome. Ele gosta das coisas assim. Sente-se importante. Hoje chamo-lhe Francesco e por isso ele fica calmo, com ar de segundo terceto, a sorrir a "chave d'ouro". Sabes, Francesco, há grandes, grandes poetas. São mais de mil, de certeza. Eu conheço alguns, felizmente, mas não digo nada a ninguém. Assim, deixam-me em paz. Julgam que eu sou parvo ou que não tenho opinião, arremete o meu duende e confessa, gostei tanto que me chamasses Francesco. E amanhã? Amanhã, vou-te chamar Virgílio e na terça-feira Federico, na quarta Luis, na quinta Camilo, na sexta Meendinho e no fim de semana todo vais fazer de William, pode ser?

28

Terei que tomar a decisão rapidamente. Faltam poucos dias e não posso terminar o ano sem comer uma sopinha de nabos. A base deve ser sóbria para não roubar os sabores ao dito cujo. Há uns branquinhos e outros raiados, alguns apresentam-se oblongos. Com estes frios da estação, devem tremer de tenrura e eu ainda gosto mais deles com a rama fresca e verde. Aproveita-se tudo. A base, como se dizia, deve ser parcimoniosa, água, batata, cebola e alho. Os nabos cozem depressa e vão muito bem com feijão branco, daquele meio manteigueiro, que não se importa de emprestar à calda um bocadinho de farinha feijoeira.

Para o Tiago Godinho

Isto do comer e do beber vai do corpo de cada um. Peso, altura, volume, experiência, qualidade das sinapses e o mais que há-de ser e que é cousa feita de bem saber e de muita sorte geográfica, social e ainda efeito dos acasos, que sobrevoam com os seus sábios anéis as voltas que a vida nos dá. Às vezes, é bem verdade, arrebita do alto dos desejos um chilrear de passarico, passa um verso, é difícil apanhá-lo e nessas alturas bebo um golinho, fico mais leve, o papo enche-se de ar como se fosse de ventoinhas e lá vou eu, qual Cupido, em cata

dele, sempre atento às maldades do freicheiro cego. A acção deve ser rápida e por isso vim a correr até ao sítio onde pudesse escrever. Voei levemente e deste feita levam-me as asinhas do abelharuco, um pássaro experimentado em vindimas, conhecedor das artes, sensível à versificação. Convém não demorar muito, insisto. O golinho levanta voo do espírito, fica a pairar, toma conta das palavras, mas depois esmorece e a aura ensombrece, o corpo amolece, ficam pesados os músculos e a força da gravidade atrai, atrai e caem grossas maçãs de Newton sobre nossas cabeças e o sono sonha, o cansaço parece pão de ló e o verso esfuma-se.

Hello, Ana!

Fui jantar com as minhas antigas alunas do Curso de Teatro. Só faltou a Ana por ter ficado em Inglaterra. São todas bonitas, como se a luz do que fizeram lhes tivesse ficado a encandescer o desenho, o sorriso ou a iluminura. Era a calma do fim de jantar. O Senhor Américo fez o favor de nos tirar a fotografia. Nesta altura, ainda não tinha começado a invasão da Polónia. Quem faz o Dom Ubu uma vez, faz duas ou três. No ano passado, acabámos o Curso com Federico García Lorca e "A Casa de Bernarda Alba". É uma honra para mim poder ser amigo de tão excelentes actrizes.

29

Sonhei que tinha faltado à aula das dez. Ó inclemência!, e logo eu que nunca falto. Que desgosto! Não sei que faça. Tenho que me levantar, começar a correr, preparar-me, arrumar as coisas a ver se ainda chego à das onze e meia. Enquanto sofria este desgosto, devo ter dormido mais dez minutinhos. Tinha a cara pintada de branco, como numa festa barroca e tudo em volta parecia ter entrado em obras. Se calhar, já não estou neste mundo.

De repente, o sol, o relógio, a minha cara normal, embora bastante despenteado. Não é nada, não foi nada. Estás de férias, não tens aulas, tens é que tomar um cafezinho e abrir as janelas. Põe um lencinho na alma para enxugares tão grande desgosto. Fungas um bocadinho, espirras e já está. Pronto. Já passou. Que susto!

Não sei se existe, mas bem poderia existir uma poética "abaixo de Braga". Altas considerações que haveriam de chagar às águas do Este e por ele seriam levadas e depois transportadas a Frossos, o lugar de pousio da esterquice.

É certo que há pouco me apareceu uma breve e luzida "semideia", coisa mesmo de encantar, apesar de tudo normal depois de umas colheradas do "revuelto" a que ontem me dediquei a partir de uns restos de frango assado do Minipreço. Estava eu a cortar uma tranche de marmelada e chegou a frase e com ela uma espécie de enxurrada, pequena leva de ignotas águas que se dispunham a abrilhantar o pós-refeição.

É agora! Levantei-me, abandonei a loiça, mas de repente comecei a sofrer de mijar e lá se foram as águas, as sujas e as encantadas. Deve ter ficado algum resquício, meio escondido nos altares da memória. Mais logo, mais logo. Agora aliviaste, deixa correr as excelsas águas que a esta hora hão-de estar a burburinhar nas canalizações, seguem pelos meandros do saneamento, algumas escorregam para o afluente do Ave, felizmente as lontras navegam a montante das descargas.

Vá lá, nem tudo é mau e a verdade é que, de momento, estás muito aliviado e tudo recomeça. Sobrevoas a bexiga, passas ao lado dos rins e descansas um bocadinho encostado ao coração. Ficas a ver, como se fosses Camões, longe, muito longe e a paisagem vai e vem, como a concertina. Bendito dia!

Dá licença, senhor ministro?!

Entra, entra, Felisbelo e põe-te à vontade. Então, como estamos de números? Eu quero números, números, ouviste?

Os numerozinhos estão muito bons, muito confortáveis, abundantes, temos números para tudo.

Pois muito bem, folgo muito. Nós sem números não somos nada, não é, Felisbelo?

Certo, senhor ministro, muito certo. Faça o favor, o relatoriozinho, muito compostinho, muito completo, cheio de números, como vossa excelência gosta.

Ah, Felisbelo, como eu gosto de números! Para dizer a verdade, prefiro números ao pequeno-almoço. Gosto de almoçar com a digestão feita e pela

hora do lanche acaba-se a brincadeira. Vamos lá saber! Medidas, como estão as medidas?

Muito boas, senhor ministro. A qualidade do ar está irrepreensível. O vento de oeste não perdoa. Tudo voa sobre Lisboa e depois não pára. Nos Pirinéus ficam umas crostas, mas não é nada de especial.

E mais e mais?

Faço tudo o que mandais. Mandei pendurar um ursinho de peluche em todos os postes da EDP. As cegonhas andam muito divertidas.

E os pirilampos, trataste disso?

Está feito. A força aérea vai bombardear o país de pirilampos mágicos, um luzeiro para a Nasa, um sinal de esperança, o lusco-fusco a fazer de madrugada.

Bem, bem, e aquela história das barragens, das encostas, dos sobreiros, azinheiras e outras carripas arbóreas que já não se usam em lado nenhum?

Muito barulho, senhor ministro. Manifestações, reuniões, decisões, andam a partir lampiões. Diz-se à boca cheia que os vales foram perdidos.

Isso resolve-se, tudo se resolve. Manda-se fazer vales novos. Põem-se mais em cima, agarrados à estratosfera, vais ver o povo a deslizar que é uma maravilha. Se é por causa dos sobreiros, manda-se pôr sobreiros, um em cada ponta. Portugal sobreiral. É bonito! Soa-me bem.

Estamos a ser muito atacados por causa das oliveiras e das amendoeiras. Dizem que aquilo parecem eucaliptos disfarçados, mas eu já sei o que é, é por causa de umas plantinhas que desapareceram e uma passarada insuportável que andava pelos campos e agora já não anda.

Ai, Felisbelo, se soubessem o que custa governar! E como é que andam os meus queridos javalis, veados, lobos, raposas, essa bicharada grossa de que eu gosto tanto?

A bicharada está muito bem, senhor ministro. Congeladinha. Toda metida em saquinhos, pronta para a vinha-de-alhos.

Não te esqueças, Felisbelo, de fazer o que eu te disse. Como andam as áreas ardidas?

Ai, andam muito bem, muito ardidas, muito compostas, não ficou nada. Estão os clipinhos a nascer, muito verdinhos, fininhos, ninguém imagina como é que aquilo pode deitar cá para fora tanto papel.

Pois bem, eu quero um carvalho à entrada do matagal. Um chega. Um grande *Quercus* a tomar conta dos incêndios. Basta um de vez em quando. Dão muito nas vistas.

E o litiozinho, o litiozinho, já começou a apanhar ar?

Está a correr muito bem, muito bem. As manifestações mataram pouca gente e como também já havia pouca não ficou ninguém.

O país está, sem dúvida, a melhorar. Vê-se da janela. Ficou tão bem o Tejo pintado de azul e aquela passarada toda do aeroporto, anda-se a portar bem?

Drones, senhor ministro. Temos uns dronezinhos muito simpáticos, não fazem barulho, gastam muito pouco aos cem e é um ver se te avias. A passarada é caso arrumado.

Podes ir, Felisbelo. Sai mudo e vai calado. Por hoje é tudo.

30

O frio traz-me em modo recolhido. Costumo senti-lo na ponta do nariz, o meu periscópio. Não, o nariz não é cego, cheira longe, adivinha e oferece preciosas indicações às outras partes sensíveis. Levanto-me um pouco, pãozinho, cafezinho e recolho ao chamado vale dos lençóis, um espaço acolhedor para o mundo dos ossos e das metafísicas. Vou lendo o magazine do dia, que mão fria e há de tudo. Aqui passo adiante, ali detenho-me um pouco, por vezes fico parado, levanto os olhos da escritura, pestanejo como se fosse uma andorinha, esqueço-me do fim do ano, parece que estou a chegar à primavera, pendurado num beiral. Num certo sítio, vejo-me calado, ali fico pendurado. É um poema de Rilke. Que silêncio! Não sei se é o abismo, se uma espécie de bondade ou uma leveza de outro tempo e outro modo. Lembro-me dos anjos terríveis e das noites no castelo de Duíno.

Levanto-me devagarinho. As pantufas são muito silenciosas, levam-me à cozinha, gosto de acender uma vela, começo a ouvir alguma água, deve andar por aqui, no meio das frases. Antes de me levantar, ainda me volto a deitar. Olha uma polémica! Rio-me e fico triste, mas fora de mim, lá fora, na rua, a bola vai, a bola vem, pimba, é cada farpa! As polémicas são coisa boa, aquecem, entristecem e ficam em águas de bacalhau. Neste caso, águas

frescas, batidas, carne rija e depois, felizmente, as letras não matam, alguém ganhou, alguém se perdeu ou se calou ou acordou, como foi o meu caso.

Costumo pousar um livro na minha mesinha de cabeceira. Às vezes pousam vários, mas este tem ficado sossegado, sozinho, a fazer-me companhia. Leio todos os dias um bocadinho e fico bem disposto. Não importa muito o que se passa durante a leitura. São coisas que nascem do livro e que eu também tenho comigo ou se não tenho passo a ter. Ao contrário do que é costume, não sinto necessidade de voltar atrás. Cada passagem basta-me, é suficiente para me ir fechando os olhos ou me pôr a remoer coisas sem consciência, uma espécie de ecos vazios, que se alongam, espreitam e adormecem. O livro, no entanto, tem filho, tem pai e mãe, passagens desconformes, coisas que saltam das gavetas, lembranças, surpresas que chegam no dia seguinte. Deixo-me andar por sintaxes várias, embora me faça impressão algum excesso de velocidade. Não ando muito preocupado com os temas e os assuntos, deixo-me ir. Sei perfeitamente do que se está a falar e gosto de ficar parado a ouvir, baixo lentamente as mãos, o livro repousa agora no meu colo, apago a luz. É um livro muito secreto. Não devo falar muito mais. Receio que à luz do dia este encanto possa ficar magoado e depois já não seria a mesma coisa. Passava a ter uma espécie de responsabilidade social e eu só quero realmente continuar esta breve aventura sem incomodar ninguém. Como se fosse de barco, por um rio estranho e perigoso, ouvindo os avisos, algumas aves que se levantam das margens obscuras, bichos desconhecidos que mergulham, sinais da água e o livro estende-se na longa viagem, como se estivesse a começar o dia ou o ano.

Este ano é o que é, mas nas comemorações anteriores fui perdendo o hábito das noitadas de ano novo. Entre os 20 e os 30 foi um ver se te avias. Farra da grossa, festança noite fora e a partir dos trinta e tal passei a brindar com os menos jovens, em modo de festa pequena, uvas passas na gorja, embora eu misturasse também umas uvinhas brancas, rijas e espirradeiras, mas muito doces. É daquelas que aparecem no inverno, suponho que chegam do Algarve, muito embaladas em suspiros mediterrânicos.

Este ano fico em casa. Já pus a garrafinha de Taittinger que o Tio Quim me ofereceu a refrescar as bolinhas. Entretanto resolvi não fazer lista

de livros destinados a viajar entre o passado e o futuro. Que sei eu? Balanço do ano também não poderei fazer. Já me esquece. Saudinha da boa, ai, isso desejo aos meus amigos e aos meus amores e o mesmo desejo a quem me quer bem e a um ou outro inimigo também não lhe desejo mal desde que deixe em paz aqui o rapaz.

Dedicatórias?! Isso gosto. Vai então daqui, nesta tarde fresqueiranta de Dezembro, um abraçinho apertadinho aos meus antigos e ainda muito jovens alunos de teatro, principalmente aos que vivem da arte e a estão a fazer viva, apesar das máscaras, dos confinamentos e dos muitos lamentos. Estou convencido que lá para o verão isto vai ser uma grande reinação. Uma coisa é certa! O mundo não acabou hoje nem vai acabar amanhã. Ontem, por acaso, li umas observações a propósito de um ensaio que parece ser famoso, no qual se afirma que o capitalismo está morto. Está, está! É como o vírus, está morrido, morridinho, mas aquece as mandíbulas no corpinho da gente, engorda à nossa custa e dá-nos cabo do toutiço sem que tenhamos tempo de ouvir missa. Chiça!

FP bem podiam ser as iniciais daquele impropério em que os meus amigos estarão certamente a pensar. Neste caso, declaro-me inocente, pois que FP designa apenas a nobre casta Fernão Pires. Tenho herdado pelo fim da tarde, à hora em que a terra se vira para as sombras, uns dois copitos dele, que muito me alegam e desenfastiam. A casta vem de "longes terras", mas também se dá bem por aqui, neste Minho de colinas, várzeas e pequenas irupções de Tibetes maneirinhos alcandorados nas nossas serras.

Sei de um Fernão Pires que se aconchega muito bem nuns hectares de xisto, muito regados de sol e avessos a geadas e outras traições de uma extensa família de maleitas destinadas a inquinar as nossas vinhas. O meu segundo copito de FP ainda vai cheio. Vou então desaguá-lo, primeiro vou levantá-lo e brindar a todas as vossas *incelências*, com particulares considerações para os sequiosos do espírito. A gente bebe-lhe e o espírito derrama, explana, exclama e será até capaz de inventar uma cataplana de tremoços em caso de necessidade. Com FP quem ganha é você!

Não conheço muito bem o mundo dos hospitais psiquiátricos, das casas de saúde mental e dos hospícios. Conheci Artaud em Rodez, preso e suicidado

por ser o autor do "Teatro da Crueldade" e o seu "duplo" se ter disseminado como um cogumelo mágico. Trago comigo Nerval, Van Gogh, Rimbaud, Verlaine, Jarry e no princípio Baudelaire, Poe, Apollinaire na Grande Guerra, com a bala na cabeça, o fim da Europa. Houve também poetas portugueses, mas é sempre muito difícil falar de tanto sofrimento. Fica-nos a poesia de Ângelo de Lima, de António Gancho...

Fui uma vez ao hospital Magalhães Lemos em visita e também à "Casa de Saúde" de Nogueiró. À "Casa Amarela", em Barcelos, fui uma vez filmar. Têm um teatrinho muito bom e um palco de sonho, teia completa. Vieram-me logo cravar cigarros, espalhados pelo corredor, cá fora na passagem. Imaginei que lá dentro havia feras e jaulas.

Hoje vi numa publicação de Amadeu Baptista, a reportagem da TVI sobre os "Maus tratos aos doentes do Hospital Conde Ferreira", no Porto. Sabujíssima Dra Savonarola, como sugere Nuno Dempster. Como é? O que é que se passa? Fazer o mal desta maneira, a quem não se sabe defender ou não pode defender-se? Neste caso, precisaríamos de alguns adjectivos para entendermos até que ponto podem ir a infâmia e a ignomínia, apesar da "Banalidade do mal".

31

"Fim de festa", começa a festa. É por isso que eu gosto de ser português. Deve ser por isso ou apetece-me dizer. Sempre se pode atirar umas palavrinhas à página, algumas pegam, ficam coladas, habituadas, outras crepitam e depois ardem, deixam ficar o calor, só é pena não contarem anedotas ou fazerem cócegas em lugares parcimoniosos e bem educados.

Amanhã vou pôr a roupinha nova do Natal. Eu todo fresco logo de manhã, a respirar as geadas fumegantes, olhando a Falperra, como se estivesse a ver uma encosta do Atlas, sufragando o fino e breve caudal do Este, como se navegasse o Guadiana, depois de ter saltado o "pulo do lobo". Tão cedo não há paz! Hão-de vir os Reis e depois o Entrudo, há-de iluminar-se a Páscoa e o compasso, sinos e rebuçados e num instantinho chegam os morangos e depois as cerejas, começam os ataques dos míldios, chegam santos casamenteiros, exames nacionais e se calhar umas

feriazitas antes de chegar o equinócio, com os seus tufões adaptados a ciclones e a folha a cair, a cair, vêm os Santos, chega o Natal e já estamos outra vez no 31.

Hoje de manhã, quando pousava as compras, pensei por momentos que bem podia ter sido padeiro ou pasteleiro. Gosto de juntar as coisas, pô-las a entender-se, a tomarem-se dos sabores e a crescerem no forno, a derramarem tentações nos ares, a pintalgarem a química do anódino oxigénio, dando-lhe açúcar e tentações, enfim. Chegamos aqui e foi bem bom. Pela minha parte, ando a tomar notas e a dar conta dos recados há quatro anos. Todos os dias me vou lembrando de uma coisinha e lá vêm as palavras tomar conta, enformar, ponho-lhes manteiga, um pouco de açúcar, às vezes brandy, outras vezes anis, que por acaso me incomoda um bocadinho o nariz.

Gosto de tomar notas, de me lembrar de coisas, vivo um bocadinho as observações e as aparições, aparecem-me sugestões e depois vou misturando tudo um bocadinho, mais uma ou outra historinha, registo uma conversa, duas de treta, aparecem pensamentos mais ou menos fugidios, luzes, encantamentos, alguns sofrimentos, brincadeiras e logo à meia-noite vou beber duas tacinhas ou três, saudinha, saudinha, amanhã é vida nova, ó quem dera que assim fosse, embora eu goste muito de roupa velha.

É isso, é isso, já sei. Estava tão desconsolado. Faltava-me qualquer coisa, sei lá, uma ideia que fosse, um voto, uma esperança, um modo de conjugar totalmente desconhecido ou pelo menos inaudito. Foi preciso chegar ao terceiro copito. Hélas! Uma garrafa de Champagne do meu tamanho e eu punha-me à garupa do método champanhês, tirava-lhe a rolha e lá ia por esses céus adiante, olha Braga por um canudo, as Berlengas tão pequeninas, nevoeiros do Atlântico, os Açores parecem lendas pousadas e o Champagne voava e saltavam bolinhas, que rico motor de foguetão e já vou a chegar lá acima, olha o professor Tournesol, como está?, entro por um quadradinho, saio por outro e vou pousar a um sítio muito simpático.

Cheira bem! Aparecem deusas com pastéis de Belém e eu digo, está bem. Daqui não saio, daqui ninguém me tira. A garrafinha ficou sem combustível, portanto, pode-se considerar que cheguei ao outro mundo.

Olha a terra lá em baixo! É mesmo um planeta azul, daquele lado é o mar de plástico, mas eu não olho. O que vale é que para baixo todos os santos empurram, mas hoje não vou. Só amanhã, lá para o meio-dia. Esta noite vou ficar a ver estrelas.

FIM

José Miguel Braga nasceu em 1957, na cidade de Braga. Estudou no Liceu Sá de Miranda e depois na Universidade do Minho. Fez parte dos primeiros alunos da universidade, no Bacharelato em Ensino de Português-Francês. Dedicou-se também à associação académica e ao teatro universitário, na altura chamado *TUBRA, teatro universitário de Braga*. Iniciou a carreira de professor do Ensino Secundário em Janeiro de 1978 e passou a dedicar-se ao teatro num grupo amador que se dedicava à descentralização teatral e ao estudo de uma forma de expressão do teatro popular. Era o *TIP, teatro independente pronto*. Entre 1987 e 1996 viveu em França, onde foi leitor de Português. Regressado a Portugal integrou os primeiros trabalhos do *Sindicato de Poesia* e depois dedicou-se à investigação do trabalho de actor, com o colectivo *PIF'H produções ilimitadas fora d'horas*. Entretanto fez o doutoramento, no Departamento de Ciências da Comunicação do ICS da Universidade do Minho, intitulado “Aqui é o Mundo – sobre teatro e técnicas de expressão”. A partir de 1997, dedicou-se à encenação e à escrita de peças de teatro, sobretudo no período que sucedeu à criação do Curso Profissional de Interpretação, na Escola Secundária Alberto Sampaio. Tem colaborado também com o jovem colectivo de actores profissionais *Malad'arte*. Iniciou o Diário em 2008, regressou em 2005 e de 2017 até agora. Foi assistente convidado e depois professor auxiliar convidado do Departamento de Ciências da Comunicação do ICS. Publicou ficção narrativa nas Edições Húmus. “Adelita” em 2021 e “Bons Desejos” em 2022.

ENTRE O MEDO E A LUZ 2020 UM DIÁRIO

O Diário veio contrariar o enfado, a doença, a moleza do instante, a opressão reinante. Os Diários são animados pelos ventos da viagem. Longas rotas ignotas, “uma pequena luz” na noite do navio, uma candeia no caminho do viajante, a tábua onde escrever cartas de amor e depois a resistência, a percepção do corpo aprisionado, a passagem para o outro lado. Nesse dia em que começamos a escrever todos os dias, somos levados indo e às vezes encantados com a aparição das coisas. Uma *corpo-escrito*, o exercício da respiração, a observação. Vivo chegado aos ventos do mar. O Zéfiro soprando levemente, mas também o Bóreas enrugado nas serranias e promontórios, com o seu modo desgrenhado de tocar as coisas. Olho no alto os céus navegando nuvens. Depois a terra e as suas variações, coisas da água e da arquitectura.

Vivo numa terra misteriosa e nós por cá. Lá vou eu à cidade. Tempo para os jornais falados. Não se pode perder nada. O espectáculo é bom. O humano entendimento que acontece nas cidades. As casas, as histórias e um tempo para a meditação. As coisas que se dizem. Não podemos perder nada, não podemos perder nada. O Diário é um vício, às vezes um instante ou uma fulguração e noutro dia o assunto vem mais longo e denso ou difícil de explicar. Deixamo-nos ir. Aos poucos vão-se juntando fragmentos, coisa vista, impressões, uma fala. Reparo que durante o Diário aparecem os pássaros. Fico contente a escrever, numa espécie de visitação a lugares que julgava perdidos e logo se abre uma porta e se levantam imagens, pequenas coisas que podem acontecer durante o silêncio. A música, a página em branco, a tentação.



UMinho Editora



Universidade do Minho

ISBN 978-989-8974-98-3



9 789898 974983 >